BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.1/765

293

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

LIV.- 001
PAG.- 007
REG.- 222

TÍTULO: ÉDIPO REI

AUTOR: SÓFOCLES

8190/83/DCDP

67

DISTRIBUIÇÃO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Serviço Gráfico do DPF – 35

DR DPF/RN NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.2

026931 24 ABR 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL / SUBDELEGACIA REGIONAL-RN

OFÍCIO Nº 293/68 SDR/RN Em 19 abril 1968

Do Subdelegado Regional de Polícia Federal/RN

Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura Federal/ Brasília

Assunto Encaminha peça teatral

Senhor Chefe:

Com o presente encaminhamos a V.Sa. dois exemplares em ato único da peça teatral " O GATO DE BOTAS, original de GEYSA BÔSCOLI, IDIPOREI, em um (1) ato, oroginal de Sófocles; O NATAL NA PRAÇA ou INFÂNCIA DE JESUS, autos em três partes (3 atos) original de Henri Gheon, a fim de receberem os certificados de / Censura dêsse Serviço. As referidas peças, serão levadas ao público em estreia respectivamente nos mêses de maio, junho, julho e dezembro, no Teatro ALBERTO MARANHÃO, sito a praça Augusto Severo nesta Capital.

Renovamos a V.Sa. os nossos protestos de estima e distinta consideração.

p/ José Romualdo do Nascimento

JOÃO FREDERICO ABBOTT GALVÃO

SUBDELEGADO REGIONAL= SDR/RN

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI 24/4/1968 AS 17 HS.

ASS. _____

(CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSEP))

JFAG/abb

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 p.3

Direitos de Representação

Autorização Nº 209635

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

Edipo Rei.

Original de Sófocles

Música de —

Tradução de Mario da Gama Kury

No Teatro Alberto Maranhão Cidade Natal

nos dias Julho 1968

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 39,60 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0048, f. 4

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente sub-rogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL

D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

P-162

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P5

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

SUBDELEGADO REGIONAL DO DPF/RIO DE JANEIRO
RUA SENADOR NABUCO 29 - CENTRO - NITEROI

68 18 3 68

SOLICITO INFORMAR URGENTE SCDP BRASÍLIA VG INCIDENTE PEÇA " EDIPO REI " AUTORIA SÓFDOLES PT REFERIDA OBRA POSSUI CERTIFICADO CENSURA FEDERAL VÁÇIDO ATEH CINCO DEZEMBRO 1968 PT SDS MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, 1 p-6

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 7

7

Édipo Rei

Teatro Alberto Maranhão
Ribeira - Natal - RN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 8

COLEÇÃO
TEATRO HOJE
Direção de
DIAS GOMES
Série Autores Estrangeiros
Volume 5

VOLUMES PUBLICADOS:

Série Autores Nacionais

Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar — SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME

Flávio Rangel e Millôr Fernandes — LIBERDADE, LIBERDADE (2.ª ed.)

Dias Gomes — O SANTO INQUÉRITO

Série Autores Estrangeiros

Bertolt Brecht — O SR. PUNTILA E SEU CRIADO MATTI

Série Teoria e História

Paolo Chiarini — BERTOLT BRECHT

Próximo lançamento desta série:

Erwin Piscator — TEATRO POLÍTICO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.9

Sófocles

Édipo Rei

Tradução do grego,
introdução e notas de

MÁRIO DA GAMA KURY

civilização
brasileira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 (p-10

Exemplar № 2298

Do original grego:

ΟΙΔΙΠΟΥΣ ΤΥΡΑΝΝΟΣ

Desenho de capa:
MARIA MYNSSEN BERN

Reservados ao tradutor os direitos de
representação teatral, de radiofonização,
de gravação, de televisão, etc.
Direitos desta edição reservados à
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO

1967

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.11

Édipo Rei

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.12

Introdução

A PEÇA As vicissitudes de Édipo e seus descendentes eram um dos temas preferidos pelos tragediógrafos gregos. Para citar sòmente os dramaturgos cujas obras sobreviveram, temos de Ésquilo (que também compôs um *Édipo* do qual nos restam fragmentos) os *Sete Chefes Contra Tebas*, de Sófocles o *Édipo Rei*, *o Édipo em Colono* e a *Antígona* e de Eurípides as *Fenícias*. Sòmente os descendentes de Atreu, com Agamêmnon à frente, mereceram atenção equivalente, tendo sido assunto do *Agamêmnon*, das *Suplicantes* e das *Eumênides* de Ésquilo, da *Electra* de Sófocles e da *Electra* e do *Orestes* de Eurípides.

Os antecedentes da lenda em que Sófocles se inspirou para compor o *Édipo Rei* são conhecidos mas, convém resumi-los para poupar a atenção dos leitores, que deve ser tôda dedicada ao desenrolar da tragédia, um primor de composição tanto do ponto de vista puramente literário como — e principalmente — teatral.

Laio, filho de Lábdaco, nutrira, em sua juventude, uma paixão mórbida por Crísipo, filho de Pélops, inaugurando assim, segundo alguns, os amôres homossexuais. Laio

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,1.13

raptou Crísipo e foi amaldiçoado por Pélops, que desejou a Laio o castigo de morte sem descendência (êsse detalhe entrelaça as famílias dos Labdácidas e dos Atridas, pois Pélops era pai de Atreu e, portanto, avô de Agamêmnon). Posteriormente, Laio casou-se com Jocasta, irmã de Creon, e tornou-se rei de Tebas. Apesar de um oráculo haver-lhe anunciado que, como castigo de seus amôres antinaturais com Crísipo, se nascesse um filho dêle e de Jocasta êsse filho o mataria, Laio tornou-se pai de um menino. Para tentar fugir à predição do oráculo, mandou Jocasta dar o recém-nascido a um dos pastôres de seus rebanhos, após perfurar os pés da criança e amarrá-los. A ordem foi abandoná-lo no monte Citeron, para morrer naquela região deserta. Êle esperava dessa forma furtar-se à decisão divina. Mas o pastor, movido por piedade, salvou a vida do filho de Laio e Jocasta e o entregou a um companheiro de profissão, que costumava levar os rebanhos de Pólibo, rei de Corinto, às pastagens situadas nos vales do Citeron. Êsse pastor levou o menino, chamado Édipo em alusão a seus pés feridos e inchados, a seu senhor, rei Pólibo, que não tinha filhos e vivia lamentando-se por isso. Pólibo e sua mulher Mérope criaram Édipo como se fôsse filho dêles. Quando Édipo chegou à maioridade foi insultado por um habitante de Corinto, embriagado, que lhe lançou a pecha de filho adotivo. Diante dessa revelação Édipo se dirigiu sòzinho a Delfos, para consultar o oráculo de Apolo a respeito de sua ascendência. Apolo nada lhe disse quanto a isso mas revelou-lhe que êle um dia mataria seu pai e casaria com sua própria mãe. Édipo, supondo ainda que Pólibo fôsse seu pai e Mérope sua mãe, resolveu não voltar jamais a Corinto. Naquela época os habitantes de Te-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 14

bas estavam alarmados com a Esfinge, que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro, pondo em perigo a cidade tôda. Édipo, em sua fuga, passava pelos arredores de Tebas quando, em uma encruzilhada de três caminhos, avistou um carro em que vinha um homem idoso seguido por criados. O homem gritou-lhe àsperamente que deixasse o caminho livre para seus cavalos passarem e um dos criados da comitiva espancou Édipo. Êste reagiu e matou o homem que vinha no carro, sem saber que êle era Laio, seu pai, e os criados que o acompanhavam, à exceção de um, que fugiu. Em seguida, Édipo chegou a Tebas e, passando pela calamitosa Esfinge, decifrou o enigma que esta lhe propôs. A Esfinge desapareceu e Tebas, salva daquele flagelo, fêz de Édipo rei e lhe deu em casamento Jocasta, viúva de Laio e, portanto, mãe de Édipo. Estavam assim realizadas as duas predições do oráculo, embora Édipo e Jocasta permanecessem na ignorância da imensidade de sua desgraça. Por muitos anos Édipo governou Tebas como um grande e valente rei; de seu casamento com Jocasta nasceram duas filhas e dois filhos — Antígona e Ismene, Polinices e Etéocles, que cresciam em meio à paz e prosperidade aparentemente reinantes no palácio real. Os deuses, todavia, estavam atentos aos crimes nefandos resultantes da desobediência aos oráculos e no devido tempo fizeram tombar sôbre Tebas uma peste que lhe dizimava o povo. Compelido pela calamidade Édipo enviou seu cunhado Creon a Delfos para consultar o oráculo sôbre as causas da peste e os meios de contê-la. Neste ponto começa o *Édipo Rei*.

A peça gira em tôrno da descoberta, por Édipo, dos fatos terríveis que motivaram o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.15

castigo divino — a peste. Sob certos aspectos o *Édipo Rei* pode ser considerado a primeira peça policial de que se tem notícia. Com efeito, a partir da volta de Creon com a resposta do oráculo, há um crime — o assassínio de Laio, um investigador interessado em elucidá-lo e punir o culpado, a busca às testemunhas, ao assassino, interrogatórios e a descoberta do criminoso. E a descoberta se faz quase que inteiramente em conseqüência da insistência do próprio criminoso em elucidar os fatos. Édipo, que já mandara Creon consultar o oráculo, desencadeando os acontecimentos que levariam à identificação do criminoso, manda buscar o adivinho Tirésias e o obriga a falar, apesar da recusa do velho profeta; manda buscar o idoso pastor, testemunha do assassinato de Laio. Levado por essa obstinação em descobrir o assassino — em descobrir-se — Édipo chega a pensar em trama de Tirésias e Creon para destituí-lo do poder. Essa acusação obriga Creon a aparecer e vir defender-se, dando origem a uma discussão que resulta na interferência de Jocasta, interferência essa que apressa a descoberta. Tudo isso ocorre dentro de um encadeamento perfeito. Os acontecimentos surgem uns dos outros com a naturalidade da vida real, embora com a precisão, a fôrça e a beleza da arte, arte que nas mãos de Sófocles e no *Édipo Rei* atinge a perfeição. O único elemento fortuito nessa série de acontecimentos encadeados é o aparecimento do mensageiro vindo de Corinto, puramente acidental mas de grande importância pois foi a sua revelação, com a melhor das intenções, de que Édipo não era filho de Pólibo e de Mérope, que precipitou a descoberta. Essa exceção, todavia, parece destinar-se a demonstrar que, ao lado da inexorável justiça divina, o acaso, sob a aparência

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.16

dos fatos simples da vida, também concorre para a descoberta e punição dos culpados. Também nesse detalhe Sófocles foi genial.

Mas o *Édipo Rei* é muito mais que uma simples peça policial. É talvez a mais bela de tôdas as tragédias gregas e, certamente, uma das mais perfeitas de todos os tempos.

Um juiz dos mais severos — Aristóteles, elogia de tal forma o *Édipo Rei* que, embora não o diga expressamente, demonstra considerá-la a tragédia por excelência, tantas são as referências feitas à mesma. Vale a pena citar os trechos da *Poética* relativos à peça.

1. "*Peripécia* é a mudança de um estado de coisas dentro da peça para o seu oposto, de acôrdo com nossa descrição, sendo essa mudança além disso, como estávamos dizendo, provável ou inevitável. Por exemplo, o mensageiro no *Édipo*, que veio para alegrar o rei e livrá-lo da ansiedade a respeito de sua mãe, revelando-lhe seu verdadeiro parentesco, e fêz exatamente o contrário." *Poética*, 1452 a 23 e seguintes.
2. "A espécie própria de *descoberta* é a que coincide com a peripécia, como a relacionada com a descoberta no Édipo." 1452 a 32.
3. "Essa é a espécie de homem que não é essencialmente virtuoso e justo e, todavia, não é por maldade ou vilania intrínsecas que êle cai em desgraça; é antes por um êrro de raciocínio, sendo êle um dos que ocupam altas posições e desfrutam de grande prosperidade, como Édipo." 1453 a 9 (Aristóteles refere-se ao herói ideal para uma tragédia).
4. "O mêdo e a piedade às vêzes resultam do espetáculo e às vêzes são suscitados

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 17

pela estrutura mesma e pelos incidentes da peça, que são o melhor meio e mostram o melhor poeta. O enrêdo, com efeito, deve ser armado de tal forma que, mesmo sem ver os fatos desenrolarem-se, aquêle que simplesmente ouve o relato dêles fique tocado pelo horror e pela piedade diante dos incidentes. É justamente êsse efeito que a simples recitação da história do *Édipo* produz sôbre nós." 1453 b 1.

5. "Ou êles (os protagonistas) podem praticar os atos mas sem perceber o horror inerente aos mesmos, descobrindo isso mais tarde, como no *Édipo* de Sófocles." 1453 b 29.
6. "Nada deve haver de improvável nos incidentes presentes. Se isso fôr inevitável, que seja então fora da tragédia, como as improbabilidades no *Édipo* de Sófocles." 1454 b 6.
7. "A melhor descoberta, todavia, é a resultante dos próprios incidentes, quando a grande surprêsa sobrevém através de um incidente plausível, como no *Édipo* de Sófocles." 1455 a 16.
8. "O efeito mais concentrado é mais agradável que o resultante do recurso a longos intervalos de tempo para diluir a ação; veja-se, por exemplo, o *Édipo* de Sófocles." 1462 b 1.

O *Édipo Rei* de Sófocles é, portanto, a mais típica das tragédias gregas e, conseqüentemente, uma das mais citadas por Aristóteles em apoio a suas definições. Também se pode dizer que ela ocupa um lugar à parte em relação às demais tragédias, como uma tragédia por si mesma, *"eine tragoedie seiner eignen Gattung"* segundo Goethe (citado por

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.18

Campbell em sua edição de Sófocles, página 111 do 1.º volume, Oxford, Clarendon Press, 1879, segunda edição). Ainda segundo Campbell essa singularidade reside no perfeito uso dos vários elementos da arte trágica grega, que em outras peças, mesmo de Sófocles, não são desenvolvidos em tôda a sua potencialidade.

Essa perfeição transparece em cada detalhe. Pode dizer-se que no *Édipo Rei* cada verso tem um propósito. Tal cuidado na composição impõe aos leitores, para fruição completa da peça, a obrigação de uma leitura cuidadosa, com a atenção concentrada contìnuamente no desenrolar dos acontecimentos e, principalmente, na feitura, na carpintaria da tragédia e em suas qualidades literárias que, se a tradução não impedir, transparecerão do princípio ao fim, desde o cuidado com a linguagem de cada verso até a harmonia do conjunto.

Talvez a preocupação perfeccionista de Sófocles no *Édipo Rei* seja devida, ao menos em parte, à brutalidade do tema. O autor, com seu senso estético extraordinário, deve ter intuído que sòmente um tratamento artístico adequado evitaria que a peça descambasse para o escabroso. E conseguiu, pois apesar do tema o *Édipo* é um verdadeiro impacto de beleza trágica.

O AUTOR Sófocles, graças principalmente ao *Édipo Rei*, continua a ser um autor atual apesar dos quase 2.400 anos transcorridos desde a primeira representação desta peça. Ela faz parte do repertório dos principais conjuntos fran-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE-0043, p-19

ceses, inglêses e alemães e quase todos os anos é revivida nos palcos das grandes cidades européias. Um dos principais atôres atuais — *Sir* Laurence Olivier — declarou, há algum tempo, que sua maior emoção, como profissional de teatro, fôra representar o papel-título do *Édipo Rei* e que só após essa representação se sentira completamente realizado como ator. Um de nossos atôres mais apreciados disse, em entrevista publicada no ano passado, que sua maior ambição é representar o mesmo papel. Essa afinidade, êsse entusiasmo é a prova de que *Édipo Rei* é teatro independente do tempo e das idades, bom hoje como há dois milênios, capaz de atrair e desafiar a vocação da verdadeira gente de teatro de hoje como se estivesse acabando de sair da imaginação criadora de Sófocles, mestre perene na arte de fazer teatro vivo.

A TRADUÇÃO Há uma beleza invulgar nesta peça. Trata-se de uma beleza artesanal, estudada em seus mínimos detalhes, pois Sófocles era um artista consciente, como êle mesmo dá a entender em uma frase conservada por Ateneu, a propósito da poesia intuitiva de um grande autor dramático anterior a êle: "Ésquilo fazia boa poesia, mas sem saber o que fazia." (*Deipnosofistas*, volume IV, página 443 da edição de Gulick; veja-se a introdução à minha tradução do *Agamêmnon* de Ésquilo.) O texto é ao mesmo tempo um desafio e um prêmio para o tradutor. A primeira peça que pretendi traduzir foi o *Édipo Rei* mas tive mêdo. É por milagre — um milagre humano, artístico, grego — que a peça não submerge

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.20
14

no escabroso, que a brutalidade do tema não leva à repugnância, como já dissemos. Isso quanto ao assunto. Voltando ao texto, êle é tão compacto, de tal forma pensado, medido e calculado e tão artìsticamente elaborado que assusta o tradutor interessado em oferecer aos leitores uma tradução digna do original. Essa responsabilidade é ainda maior se pensarmos que os leitores, ao entrarem em contato com o *Édipo Rei*, estão na expectativa de algo extraordinàriamente bom, dada a fama da peça, e isso os torna inevitàvelmente mais exigentes que no caso da tradução de um texto qualquer. Quanto ao enrêdo, sua urdidura é tão bem trabalhada, tão densa e interligada, do ponto de vista de causa e efeito, que exige do tradutor (e naturalmente do leitor) uma atenção total, sob pena de perder, e fazer os leitores perderem, detalhes que, no caso do *Édipo Rei*, por menores que sejam têm importância compatível com o conjunto.

Por todos êsses motivos devo dizer que, da mesma forma que certos atôres se preparam durante anos, em trabalhos menores, para interpretar papéis mais complexos, também eu fiz, em minhas traduções anteriores, um aprendizado para o grande atrevimento de tentar realizar uma tradução do *Édipo Rei* à altura do original. E digo com franqueza que, apesar de todo êsse trabalho, seja preparatório, seja na própria peça, apesar da certeza de ter dado o melhor de meus esforços à tarefa agora concluída, entrego minha tradução aos leitores, incerto quanto à boa execução da tentativa. Mas a peça é tão boa que talvez disfarce e compense as limitações de meu *Édipo*.

De qualquer forma a intenção foi boa e há um motivo a mais para que a peça seja

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048/1-21

lançada agora, pois comemora-se* em 1966 uma efeméride marcante para o teatro: há 2.500 anos (em 534 a. C.) houve, pela primeira vez, em Atenas, um concurso de tragédias, no qual foi premiado *Téspis*. Graças ao entusiasmo de Fernando Marques dos Reis e à sensibilidade de Gilson Amado, diante de tudo que é significativo para a cultura, a data não passou despercebida entre nós. Junto, portanto, a essas comemorações a minha contribuição, que é o *Édipo Rei* em português.

Ainda uma palavra sôbre meu trabalho de tradutor. Na parte introdutiva à primeira edição de minha tradução da *Electra* de Sófocles (1958, reproduzida na segunda edição, publicada em 1965 por esta mesma editôra) escrevi:

"Nossos tradutores de tragédias clássicas preferem o verso à prosa; sigo-os, apenas para não fugir à tradição, embora minha preferência seja pela tradução em prosa. ... Tanto quanto a poesia, a prosa pode ser artística sem tornar-se artificial; ... essa prosa deverá ser realizada no tom da poesia original, isto é: menos grandiloqüente que no gênero épico mas, na medida do possível, artística e elevada. ... Mas obediente a uma tradição que já produziu excelentes obras de recriação poética, adotei o verso."

Essa escolha um tanto forçada do verso (talvez meus versos fôssem ainda mais forçados que a escolha) perdurou no *Agamêmnon* (1964) e nas *Troianas* (1965), com um hiato, devidamente justificado, na tradução em prosa de duas comédias de Aristófanes (a *Revolução das Mulheres* e a *Greve do Sexo*, 1965).

* A tradução dêste livro ficou pronta em 1966.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.22

Já estava pronta minha tradução em verso do *Édipo Rei* quando um amigo, relembrando as palavras transcritas acima sôbre minha preferência sacrificada, sugeriu que eu tentasse a prosa. Tentei e achei que é tão difícil fazer boa prosa, com a necessária poesia, quanto fazer versos, às vêzes apenas formais. Em outras palavras: a tradução, para ficar à altura do original, tem de transmitir poesia, e isso não é mais fácil em prosa que em verso. "O ideal seria que nossos bons poetas se animassem com mais freqüência a traduzir as obras clássicas gregas", pensei eu um tanto desanimado. "Mas enquanto isso não ocorre não haverá mal maior em que alguém faça o esfôrço de que é capaz para pôr à disposição do leitor brasileiro essa riquíssima herança literária", pensei também, mais animado. E o resultado dessas hesitações é essa minha primeira incursão pelo terreno movediço da tradução de tragédias gregas em prosa.

Houve uma parte, porém, que me pareceu dever continuar em versos: a parte coral. Nos coros das tragédias gregas as palavras estavam de tal forma entrelaçadas à música e à dança que não constituíam o aspecto principal. A estrutura lírica os destacava de tal maneira da parte dialogada que me parece justificado estabelecer essa diferenciação também em português, traduzindo-os em versos. E, tal como no original, procurei variar o verso na tradução sempre que o metro muda.

Espero que essa experiência não decepcione os leitores e críticos, tão generosos para com as traduções anteriores. Êles serão os juízes e de seu veredicto dependerá a forma de eventuais trabalhos futuros, já que minha decisão definitiva ainda está por ser tomada. Ou talvez seja o caso de dar ao leitor uma

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P23

opinião um tanto extremada mas muito sincera: a melhor maneira de fruir a beleza dessas obras é lê-las no original. Meu trabalho estará compensado se as dúvidas suscitadas induzirem os leitores a dispensar o disfarce de qualquer tradução de poesia e a se voltarem para a pureza do original.

Não existem nos manuscritos que nos transmitiram as peças gregas as marcações constantes desta tradução. Os editôres modernos, com base na ação das próprias peças, foram suprindo essa lacuna mas de qualquer forma as indicações de cenários e *deixas* são arbitrárias.

O TEXTO Servi-me, sem exclusividade, do texto editado por Lewis Campbell para a Clarendon Press (Oxford, 1879, segunda edição). Foram também consultadas as edições de A. C. Pearson, R. C. Jebb e Paul Masqueray. O livro de J. A. Symonds *Studies of the Greek Poets* também foi consultado com freqüência.

Rio, agôsto de 1966

MÁRIO DA GAMA KURY

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.24
16

Época da ação:
idade heróica da Grécia.
Local:
Tebas
Primeira representação:
430 a. C., em Atenas (época aproximada.)

Personagens:

ÉDIPO, rei de Tebas
JOCASTA, mulher de Édipo
CREON, irmão de Jocasta
TIRÉSIAS, velho adivinho
SACERDOTE
MENSAGEIRO
PASTOR
CRIADO
CORIFEU

CÔRO de anciãos tebanos

Figurantes mudos:
MENINO, guia de Tirésias
SUPLICANTES
CRIADOS e CRIADAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,f.25
17

CENÁRIO:

Praça fronteira ao palácio real em Tebas. Perto de cada porta do palácio há um altar elevado, com acesso por vários degraus. Sôbre os altares vêem-se ramos de loureiro, trazidos por numerosos tebanos ajoelhados nos degraus, gente de tôdas as idades. No meio dêles, em pé, vê-se um ancião, o sacerdote de Zeus. Abre-se a porta central do palácio. Em trajes reais aparece Édipo, que contempla a multidão por um instante e depois dirige-se a ela em tom paternal.

ÉDIPO

Meus filhos, nova geração do antigo Cadmos,[1] por que estais assim ajoelhados como suplicantes, exibindo ramos adornados de fitas? Tebas ao mesmo está cheia de incenso, cheia também de cânticos ansiosos e lamentações. Não me parece justo ouvir os fatos de outros lábios, filhos meus, e venho até aqui eu mesmo, que todos chamam de Édipo famoso. (*Dirigindo-se ao sacerdote de Zeus*) Vamos, ancião! Explica-te! Podes falar pelos demais, por tua idade. (*Silêncio. Édipo dirige-se a todos*) Por que essa atitude? Que pretendeis? Afirmo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.26

que desejo socorrer-vos plenamente. Se vossas súplicas não me tocassem eu seria um desalmado.

SACERDOTE

Édipo, rei de meu país, vês como estamos reunidos perto dos altares e de teu palácio, gente de tôdas as idades; alguns ainda frágeis para vôos altos, outros combalidos ao pêso dos anos, sacerdotes como eu sou de Zeus; o resto do povo se agrupa em praças públicas, coroado de ramos,[2] rodeando o templo duplo de Palas[3] onde Apolo Ismênio[4] profetiza pelo fogo. Tebas na realidade, como tu mesmo vês, está profundamente abalada e não pode erguer a cabeça do abismo, submersa em ondas de sangue; perece nos germes outrora fecundos da terra, perece nos rebanhos errantes, nos abortos estéreis das mulheres. O deus que acende o fogo da febre[5] caiu sôbre nós e devasta a cidade; é a peste horrenda que dizima a grei de Cadmos e o Hades[6] lúgubre transborda de nossos gemidos e soluços. Não te igualamos na verdade a um deus, nem eu nem as crianças que cercamos teu palácio, mas te reputamos o melhor dos homens, tanto nas horas de vida serena como quando é necessária ajuda mais que humana. Já livraste a terra de Cadmos do tributo que pagávamos à Esfinge,[7] sem nosso auxílio, sem que nada te ensinássemos. Guiado por um deus, como cremos e dizemos, devolveste-nos a vida. Agora, Édipo, rei onipotente aos olhos de todos, nós, suplicantes, imploramos: socorre-nos de qualquer modo, por inspiração divina ou por intercessão de algum mortal, pois os conselhos de homens experientes muitas vêzes são valiosos. Vamos, melhor dos homens! Redime agora nossa terra! Vamos! Confirma teu renome, pois hoje Tebas te chama de seu salvador lembrando teu devotamento de outros tempos! Jamais possamos pensar que em teu reino fomos salvos e depois perdidos! Não! Salva nossa cidade para sempre! Deste-nos com bons augúrios a felicidade antiga. Mostra-te agora igual a ti mesmo, pois se tens de governar esta cidade, em

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.27

que hoje mandas, é preferível ser o rei de homens que de um deserto; de nada valem naus e fortalezas se vazias, sem ninguém!

ÉDIPO

Filhos meus, merecedores de piedade! Estou ciente dos anseios que vos fazem vir aqui. Não os ignoro. Bem sei que sofreis todos vós; mas sofredores como sois, nenhum de vós está sofrendo mais que eu. O sofrimento vosso está em cada um e é por apenas um, por mais ninguém; minha alma todavia chora simultâneamente por nossa cidade, por mim mesmo[8] e por vós todos. Não me fazeis portanto levantar, como se eu estivesse adormecido. Não! Asseguro-vos que chorei muitas e muitas lágrimas e andei por muitos caminhos com pensamentos desconexos. O único remédio que, ponderando bem, pude encontrar, a êsse eu recorri: mandei Creon, filho de Meneceu, irmão de minha própria espôsa, ao templo pítico de Apolo[9] para saber com que palavra ou ato eu poderia redimir esta cidade. E agora, quando conto os dias transcorridos, sua missão me preocupa; essa demora é estranha, além do tempo previsível. Mas quando êle voltar eu não serei um homem verdadeiro se não atender exatamente ao que mandar o deus!

(Os anciãos do CÔRO *fazem um gesto indicando alguém que se aproxima)*

SACERDOTE

Sim, falaste a tempo; mostram-nos Creon neste momento, vindo para cá.

(Aproxima-se CREON, *apressado, coroado de bagas de loureiro)*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.26

ÉDIPO

Traga-nos êle, Apolo, a salvação, resplandecente como seu semblante!

SACERDOTE

De fato, êle parece estar contente; do contrário não viria coroado assim com bagas de loureiro.[10]

ÉDIPO

Logo haveremos de saber; êle já pode ouvir-nos. (*Dirigindo-se a* CREON) Príncipe, meu cunhado, filho de Meneceu, que resposta nos trazes do deus?

CREON

Uma resposta favorável, pois mesmo os fatos penosos podem trazer-nos ventura se são para nosso bem.

ÉDIPO

Mas qual a resposta? Essas palavras por enquanto não infundem confiança, embora não assustem.

CREON

(*Indicando os tebanos ajoelhados*)

Se queres ouvir-me na presença dêles, falarei; ou será melhor entrarmos?

ÉDIPO

Fala perante todos; minha alma sofre mais por êles que por mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 29
19

CREON

Repetirei, então, o que me disse o deus. Ordena-nos senhor Apolo que livremos nossa terra de uma chaga aberta em seu regaço, que não a deixemos crescer e tornar-se incurável.

ÉDIPO

E como a purificaremos? De onde vem o mal?

CREON

Cumpre-nos desterrar um homem ou teremos de expiar morte com morte; o sangue de um morto polui a cidade.

ÉDIPO

De quem revela o deus a desventura?

CREON

De Laio, senhor, que governou esta cidade antes de sêres nosso rei.

ÉDIPO

Ouvi referências a êle mas nunca pude vê-lo.

CREON

Êle foi morto e o deus[11] agora manda claramente que punamos os culpados, quaisquer que sejam.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 30

ÉDIPO

Em que lugar da terra êles estão? Onde será possível descobrir as marcas tênues dêsse crime antigo?

CREON

Nesta terra mesma, disse o deus. Encontra-se o que se procura; foge o que se deixa.

ÉDIPO

Assassinaram Laio no palácio, no campo, num lugar remoto?

CREON

Êle falou que ia consultar o deus e nunca mais voltou.

ÉDIPO

Nenhum mensageiro, nenhum dos companheiros de viagem viu algum detalhe digno de menção?

CREON

Todos já morreram, menos um, que o mêdo fêz fugir e apenas mencionou um fato.

ÉDIPO

Que disse êle? Um só indício poderia conduzir a muitas descobertas se nos desse a mínima esperança.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P31

CREON

Êle falou que alguns bandidos enfrentaram e mataram Laio; muitas mãos se uniram para o crime; não foram as de um homem só.

ÉDIPO

(*Após alguns instantes de meditação*)

E como teria o bandido se atrevido a tanto se não houvesse aqui subôrno e trama?

CREON

Tivemos essa idéia, mas quando Laio morreu não pudemos vingá-lo; outros males nos afligiam.

ÉDIPO

Que males impediam a imediata apuração dos fatos se o poder desmoronava?

CREON

A Esfinge cantora de enigmas nos fêz enfrentar males mais óbvios, afastando-nos dos indistintos.

ÉDIPO

Então eu mesmo vou torná-los evidentes, remontando à sua origem. Demos graças a Febo e graças também a ti pelos cuidados para com o morto. Ver-me-ás seguir-te na tentativa de vingar, de uma só vez, Tebas e o deus. Não é por amigos remotos, é por mim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P32

mesmo que apagarei essa mácula. O matador do rei (seja quem fôr) talvez queira vingar-se também de mim com a mesma ousada mão. Agindo retamente em relação a Laio presto-me um serviço. (*Dirigindo-se aos suplicantes*) Vamos, filhos! Levantai-vos logo dos degraus e levai convosco os ramos de suplicantes. Reúna outro aqui o povo de Cadmos; eu irei fazer o que estiver em mim para atingir o meu propósito: ou teremos sorte, com o favor divino, ou seremos destruídos.

SACERDOTE

Ergamo-nos, meus filhos. Estávamos aqui na expectativa do que ouvimos dêle. Possa Febo, inspirador das predições, também chegar-se a nós para salvar-nos e livrar-nos dessa maldição.

(*Retiram-se* CREON, ÉDIPO, *o* SACERDOTE *e o povo. Permanece em cena o* CÔRO, *composto de anciãos notáveis de Tebas*)

CÔRO

Doce palavra do potente Zeus,[12]
que vens trazendo da opulenta Delfos
à ilustre Tebas? Tenho meu espírito
tenso de mêdo; tremo de terror,
deus salutar de Delos, e pergunto[13]
inquieto por que sendas nos conduzes,
novas talvez, acaso repetidas
após o lento perpassar dos anos.
Dize-me, filha da Esperança áurea,[14]
voz imortal! Invoco-te primeiro,
filha do grande Zeus, eterna Atena,
e tua irmã, guardiã de Tebas, Ártemis[15]
que tens assento em trono glorioso
na ágora de forma circular,
e Febo que de longe lanças flechas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, V. 37

aparecei vós três em meu socorro!
Se de outra vez, para afastar de nós
flagelo igual que nos exterminava
pudestes extinguir as longas chamas
da desventura, vinde a nós de nôvo!
Ah! Quantos males nos afligem hoje!
O povo todo foi contagiado
e já não pode a mente imaginar
recurso algum capaz de nos valer.
Não crescem mais os frutos bons da terra;
mulheres grávidas não dão à luz,
aliviando-se de suas dores;
sem pausa, como pássaros velozes,
mais rápidas que o fogo impetuoso
as vítimas se precipitam céleres
rumo à mansão do deus crepuscular.[16]
Tebas perece com seus habitantes
e sem piedade, sem que alguém os chore,
ficam no chão, aos montes, os cadáveres,
expostos, provocando novas mortes.
Espôsas, mães com seus cabelos brancos
soluçam nos altares e gemendo
imploram, transtornadas pela dor,
o fim de tão amargas provações.
E o hino triste repercute forte
ao misturar-se às vozes lamentosas.
Por isso, deusa, filha rutilante[17]
de Zeus supremo, outorga-nos depressa
a tua sorridente proteção!
Faze também que o poderoso Ares[18]
que agora nos ataca esbravejando
e sem o bronze dos escudos queima-nos[19]
vá para longe, volte-nos as costas,
procure o leito imenso de Anfitrite[20]
ou as ondas agitadas do mar Trácio,[21]
pois o que a noite poupa o dia mata!
Zeus pai, senhor dos nítidos relâmpagos,
esmaga êsse Ares, Zeus, com teus trovões!
O meu desejo, Apolo, é que dispares
com teu dourado arco flechas rápidas,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 34

inevitáveis, para socorrer-nos,
para nos proteger; o mesmo espero
das tochas fulgurantes com que Ártemis
percorre os montes lícios; meu apêlo[22]
também dirijo ao deus da tiara de ouro,
epônimo de Tebas, Baco alegre[23]
de rosto côr de vinho, companheiro
das Mênades, para que avance e traga
a todos nós a tão pedida ajuda
com seu archote de brilhante chama
contra êsse deus odiado pelos deuses![24]

(ÉDIPO *reaparece, vindo de palácio; dirige-se ao* CORIFEU)

ÉDIPO

Suplicas e obterás sem dúvida o que pedes, um remédio, alívio de teus males, se me ouvires e te conduzires como deves diante da calamidade atual. Quero falar-te abertamente, como estranho aos acontecimentos e relatos. Mesmo só, não deixarei de achar o rumo certo, se houver algum indício. Sòmente após os fatos que hoje nos preocupam fui considerado cidadão tebano mas agora digo em alta voz, cadmeus[25]: ordeno a quem conheça o matador de Laio, filho de Lábdaco, que me revele tudo; mesmo que tenha mêdo, fale! Ninguém receie denunciar-se, pois não corre outro perigo além do exílio; a vida lhe será poupada. Se alguém souber que o assassino é de outras terras, não é tebano, diga logo, pois além da recompensa êle terá a minha gratidão. Mas se vos calardes e se algum de vós quiser acobertar amigos ou fugir às minhas ordens, ouça: proíbo aos habitantes desta terra, cujo trono ocupo e onde exerço o mando, que recebam êsse homem, seja quem fôr, ou lhe dirijam a palavra, ou lhe permitam partilhar as orações e os sacrifícios aos bons deuses e a água sacrossanta; que, ao contrário, todos o afastem de seus lares, pois êle é maldição para todos, como acaba de afirmar

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P.35
22

o oráculo de Apolo! Quero servir assim ao deus e à vítima. Desejo ao matador desconhecido, seja êle um só ou sejam vários, que viva miseràvelmente na desgraça, o miserável! Invoco ainda para mim os mesmos males que as minhas maldições atraem para o criminoso se o acolho, sem saber, em minha casa! Exorto-vos a proceder assim, por mim e pelo deus, por esta terra que perece à nossa vista, reduzida pelos deuses à esterilidade! Ainda que essa purificação não vos houvera sido imposta pelo deus, não deveríeis deixar Tebas maculada, pois era o morto um homem ótimo, era rei. Cumpria-vos tentar esclarecer os fatos. Já que me coube êsse poder anteriormente atribuído a Laio; já que são meus o leito dêle e essa mulher que deveria ter-lhe dado filhos; já que, se não falhassem suas esperanças, filhos nascidos de uma só mãe estreitariam laços entre êle e mim (mas a desgraça lhe tombou sôbre a cabeça!), em decorrência dêsses fatos todos lutarei por êle como por meu pai[26] e farei tudo para descobrir o matador do filho de Lábdaco,[27] descendente de Polidoro, de Cadmos, de Agenor antigo.[28] Quanto aos desobedientes, peço aos deuses que neguem frutos a suas terras e filhos a suas mulheres! Pereçam êles sob o pêso da desgraça que hoje nos aflige ou de outra ainda mais terrível! Mas para vós, cadmeus que concordais comigo, peço que a justiça vos ajude e os deuses todos sejam sempre bons para convosco!

CORIFEU

Tuas imprecações obrigam-me a falar, senhor. Não o matei, nem sei quem o matou. Competiria a Febo, que nos manda procurar o criminoso, dizer quem foi.

ÉDIPO

Falas retamente, mas não é possível compelir os deuses a fazer o que não querem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 36

CORIFEU

Eu acrescentaria um outro pensamento ao já enunciado.

ÉDIPO

Mesmo um terceiro que te ocorra; não hesites.

CORIFEU

Sei, meu senhor, que o rei Tirésias está próximo de Apolo rei na arte de vaticinar. Êle revela com total clareza, a quem pergunta, o que se quer saber.

ÉDIPO

Tive também essa preocupação; aconselhado por Creon já expedi dois mensageiros a Tirésias. Admira-me que até agora êle não tenha vindo.

CORIFEU

Exceto isso, todos os rumôres são incertos e remotos.

ÉDIPO

Que rumôres? Desejo conhecê-los todos.

CORIFEU

Falou-se que Laio foi morto por andarilhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 P-37
23

ÉDIPO

Também ouvi falar, mas ninguém vê quem viu os fatos.

CORIFEU

Mas se o culpado sabe o que é temor, quando souber de tuas maldições por certo não resistirá.

ÉDIPO

Quem não receia agir não se amedronta com palavras.

CORIFEU

(*Percebendo* TIRÉSIAS *ao longe*)

Já vem aí quem o descobrirá. Estão trazendo para cá o adivinho amado pelos deuses, o único entre os homens que é senhor de tôdas as verdades.

(*Conduzido por um menino, entra* TIRÉSIAS, *muito idoso e cego*)

ÉDIPO

Tu, que percebes tôdas as coisas, Tirésias, as reveladas e as nunca ditas, as vindas do céu e as da terra, embora não os vejas deves conhecer os males que destroem nossa terra. Apenas tu, senhor, vieste-nos à mente para protegê-la, para salvá-la. Se ainda não soubeste pelos mensageiros, Febo respondeu a nossos emissários que sòmente nos libertaremos do atual flagelo se pudermos descobrir os assassinos do rei Laio e se os

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, P. 38

matarmos ou exilarmos desta terra. Não nos recuses, pois, os presságios dos pássaros[29] nem os demais recursos de teu poder profético! Salva a cidade e a ti mesmo, salva-me a mim também,[30] afasta de nós os miasmas que ainda emanam do morto! Estamos em tuas mãos e a obra mais nobre de um homem é pôr ao serviço dos outros seus dons e podêres!

TIRÉSIAS

Ai de mim! O saber é terrível quando não serve a quem sabe! Tive o pressentimento mas descuidei-me, pois não devia estar aqui!

ÉDIPO

Que há? Pareces consternado agora!

TIRÉSIAS

Manda-me embora! Suportarás melhor o teu destino, e eu o meu, se me atenderes.

ÉDIPO

Tuas palavras são injustas. Não tens pena da cidade onde cresceste; negas-lhe resposta!

TIRÉSIAS

Falas em má hora para ti; não incorrerei no mesmo êrro.

(TIRÉSIAS *ameaça afastar-se*)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.39

ÉDIPO

Não te afastes! Peço-te pelos deuses! Não ocultes o que sabes. Eis-nos todos a teus pés, em súplica!

TIRÉSIAS

Sois todos insensatos! Jamais atrairei desgraças para mim, revelando-te as tuas!

ÉDIPO

Conheces tudo e nada contarás? Irás trair-nos e arruinar nossa cidade?

TIRÉSIAS

Não quero sofrimentos para mim, nem para ti. Por que êsse interrogatório inútil? Nada saberás de mim.

ÉDIPO

Não falarás, então, pior dos homens maus? Provocarias cólera num coração de pedra! Prosseguirás assim, inamovível, inflexível?

TIRÉSIAS

Inda me acusas de encolerizar-te! Não vês os fatos que te envolvem e preferes censurar-me!

ÉDIPO

Quem reprimiria a cólera escutando teus insultos à cidade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P 40

TIRÉSIAS

O que tiver de vir virá, embora eu cale.

ÉDIPO

Se tem de ser assim, por que não falas?

TIRÉSIAS

Não direi mais nada. Deixa-te levar, se queres, pela cólera mais violenta.

ÉDIPO

Então, movido pela cólera que me possui, não calarei minhas suspeitas. Suponho que tramaste o crime e o realizaste; apenas não mataste usando as próprias mãos. E se pudesses ver eu te atribuiria todo o crime, a ti sòmente!

TIRÉSIAS

Sinceramente? Então ordeno-te que cumpras tuas ordens[31] e a partir de agora não dirijas a palavra nem a essa gente, nem a mim, pois és o causador maldito das desgraças desta terra!

ÉDIPO

Atreves-te a insultar-me assim e crês que poderás livrar-te do castigo?

TIRÉSIAS

Sou livre; trago em mim a fôrça da verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00048,P.41
25

ÉDIPO

De quem a recebeste? Não foi de tua arte!

TIRÉSIAS

De ti. Forçaste-me a falar.

ÉDIPO

Como? Repete! Quero ouvir melhor!

TIRÉSIAS

Não compreendeste mesmo ou queres que eu ainda fale?

ÉDIPO

Não entendi suficientemente. Fala de nôvo.

TIRÉSIAS

Repito: és o assassino que procuras!

ÉDIPO

Não me ultrajarás impunemente duas vêzes!

TIRÉSIAS

Terei de continuar falando para te encolerizar ainda mais?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.42

ÉDIPO

Tanto quanto queiras. Falarás em vão.

TIRÉSIAS

Vives, sem saber, em escabrosa união com uma mulher que deverias venerar e não vês o mal que fazes!

ÉDIPO

Esperas prosseguir falando assim? Não temes o castigo?

TIRÉSIAS

Se existe fôrça na verdade, não!

ÉDIPO

Existe, certamente, mas não para ti. Em teus lábios ela é frágil. Tens o espírito, os ouvidos e os olhos fechados!

TIRÉSIAS

És um infeliz! Em breve serás insultado com as mesmas palavras que agora me dizes!

ÉDIPO

Perdido em noite interminável, nunca me farás mal, nem aos demais que podem ver a luz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.43 26

TIRÉSIAS

Teu destino não é perecer em minhas mãos. Apolo cuida de teu fim e basta êle.

ÉDIPO

(*Após alguns instantes de reflexão*)

São tuas essas invenções ou de Creon?

TIRÉSIAS

Creon não é a causa de teus males. Êles estão em ti.

ÉDIPO

Ah! Fortuna e mando, bens maiores que todos os bens nesta vida cheia de rivalidades! Quanta inveja provocais! Pelo poder que Tebas me depôs nas mãos como uma dádiva, sem empenho meu, Creon, amigo fiel desde o princípio, trama insidiosamente contra mim e anseia por aniquilar-me, subornando um feiticeiro, êsse urdidor de fraudes e maligno charlatão que só tem olhos para o ganho e nada enxerga em sua arte! Vamos! Dize: quando fôste um adivinho fidedigno? Por que negaste uma palavra salvadora a teus concidadãos quando a Esfinge[32] lhes propunha enigmas aqui mesmo? Seria de esperar que um forasteiro recém-vindo os decifrasse e não os adivinhos? Nada fizeste, nem com os presságios das aves, nem com revelações dos deuses.[33] Mas eu, Édipo, sem nada conhecer,[34] impus-lhe silêncio, graças ao poder de minha mente, sem me valer das aves agoureiras. E tentas derrubar-me, a mim, na expectativa de subir ao trono com Creon! Há de custar-vos caro, a ti e a teu comparsa, a purificação de Tebas. Não fôsses tu um velho e irias aprender, sofrendo, que fôste ousado até demais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 44

CORIFEU

Em nossa opinião, tanto as palavras dêle como as tuas, Édipo, foram ditadas pela cólera. Não é disso que necessitamos, mas de tentar cumprir, como convém, o oráculo divino.

TIRÉSIAS

Tenho o direito, embora sejas rei, de responder-te em tom idêntico; isso eu posso! Não sou teu seguidor, mas de Loxias,[35] e não dependo de Creon. E digo-te (pois me ultrajaste por ser cego) que tens os olhos abertos mas não vês os males que te cercam, nem onde moras, nem com quem vives. Sabes de quem nasceste? Sabes que és odiado pelos teus nas profundezas da terra e serás odiado neste mundo? E o duplo açoite da maldição paterna e da materna há de expulsar-te um dia desta terra em vergonhosa fuga, tu que hoje enxergas e breve serás cego! Onde não gemerás? No Citeron[36] inteiro ecoarão dentro de pouco tempo teus gemidos, quando houveres descoberto as núpcias em que achaste um pôrto infausto aqui após viagem tão feliz! Ignoras a extensão enorme das tuas misérias, que te reduzirão a justas proporções e te farão igual a teus filhos! Cobre-nos agora de escárnios, a mim e a Creon; os infortúnios que te esmagarão serão maiores que os de todos os mortais!

ÉDIPO

Quem poderia suportar os teus insultos? Não te danarás? Retira-te imediatamente! Sai daqui! Afasta-te de minha casa!

TIRÉSIAS

Eu não teria vindo se não me chamasses.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 IP-45 27

ÉDIPO

Eu não supunha que viesses impingir-nos disparates. Não te faria vir a meu palácio se soubesse.

TIRÉSIAS

Pareço-te insensato mas teus pais me reputavam sábio.

ÉDIPO

Que pais? Espera! Que homem me deu vida?

TIRÉSIAS

O mesmo dia há de mostrar o teu princípio e fim.

ÉDIPO

Tuas palavras são obscuras, enigmáticas.

TIRÉSIAS

Não és notòriamente um bom decifrador de enigmas?

ÉDIPO

Insultas-me no que me deu grandeza!

TIRÉSIAS

Pois essa mesma sorte há de perder-te!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 46

ÉDIPO

Salvei esta cidade; não me arrependo.

TIRÉSIAS

Então irei embora. (*Dirigindo-se ao guia*) Tu, menino, leva-me!

ÉDIPO

Sim, leve-te logo, pois aqui me ofendes. Longe, não me atormentarás.

TIRÉSIAS

Parto, mas direi primeiro o que me trouxe aqui, sem ter receios de teu ar feroz, pois não podes destruir-me. O homem que procuras, entre ameaças e proclamações sôbre o crime contra Laio, está aqui, dizendo-se estrangeiro. Bem cedo saberão que êle nasceu em Tebas e êle não se alegrará com a descoberta; êle, que agora vê, ficará cego; êle, que agora é rico, mendigará e arrastará seus passos pelo exílio, tateando o chão à sua frente com um bordão. Ver-se-á que êle é ao mesmo tempo irmão e pai dos filhos com os quais vive, filho e espôso da mulher de quem nasceu; que fecundou a espôsa de seu pai e que o matou. Vai e reflete sôbre isso em teu palácio. Se me convenceres de que minto, dize, então, que o dom profético não me comunicou bom senso!

(TIRÉSIAS *afasta-se, guiado pelo menino.* ÉDIPO *reentra em palácio*)

CÔRO

Quem perpetrou, com as mãos ensangüentadas,
indescritíveis, torpes atentados,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.47
28

segundo a voz fatídica da pedra[37]
de onde provém o oráculo de Delfos?
Para o culpado já chegou a hora
de iniciar súbita fuga, igual
à dos corcéis velozes como os ventos;
Apolo, filho do supremo Zeus,
armado de relâmpagos ardentes
começa a persegui-lo juntamente
com as infalíveis, as terríveis Fúrias.[38]
No Párnaso coberto de alva neve[39]
acaba de estrondar a ordem nítida:
que todos saiam em perseguição
do criminoso até agora ignoto,
errante pelas selvas e cavernas
e rochas, ofegante como um touro.
Seguindo a trilha adversa que o isola
dos homens, o infeliz tenta escapar
aos rígidos oráculos oriundos
do âmago da terra, mas em vão:[40]
êles o cercam, cada vez mais vivos.
Terríveis, sim, terríveis são as dúvidas
que o adivinho pôs em minha mente;[41]
não creio nem descreio, estou atônito.
Adeja o meu espírito indeciso,
perplexo entre o passado e o presente.
Que controvérsia pode ter havido
entre os Labdácidas e o descendente[42]
de Pólibo? Nem nos remotos tempos[43]
nem hoje sou capaz de vislumbrar
realidades que me dêem provas
contra a nobreza e boa fama de Édipo
e me decidam a tirar vingança
de um assassínio ainda envolto em trevas,
optando pela causa dos Labdácidas.
Apolo e Zeus têm olhos para tudo.
Êles conhecem as ações dos homens
mas um mortal, um simples adivinho
não pode convencer-me; é inaceitável,
embora no saber um homem possa
ultrapassar os outros muitas vêzes.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 48

Jamais, antes de ver ratificada
a fala do adivinho, darei crédito
à acusação lançada contra Édipo;
foi na presença dos tebanos todos
que outrora a Esfinge veio contra êle
e todos viram que Édipo era sábio
e houve razões para que fôsse amado
por nosso povo. Em face dêsses fatos
jamais o acusarei de qualquer crime.

(*Entra* CREON, *agitado*)

CREON

Fiquei sabendo, cidadãos, que nosso rei, que Édipo lançava contra mim acusações terríveis. Não pude tolerá-las e eis-me aqui. Se em nossa atual desdita êle imagina que, seja em palavras, seja em atos, jamais lhe fiz uma injustiça, não quero mais viver, aniquilado pelo pêso dessa acusação. O mal que êsse rumor me causa não é pouco, é mesmo enorme, se a cidade, se tu e meus amigos chamam-me de traidor.

CORIFEU

Talvez um arrebatamento e não a reflexão tenha inspirado aquela injúria.

CREON

Por que terá pensado Édipo que o adivinho divulgou mentiras persuadido por conselhos meus?

CORIFEU

De fato êle falou assim, não sei com que idéias.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 49

CREON

Os olhos dêle estavam firmes e firme seu espírito quando êle me acusou dessa maneira?

CORIFEU

Não sei. Evito olhar de frente os poderosos. (*Vendo* ÉDIPO *reaparecer*) Mas êle próprio está saindo de palácio.

ÉDIPO

(*Dirigindo-se bruscamente a* CREON)

Que fazes, tu que estás aí? Atreves-te a chegar perto de mim, tu que seguramente queres arrancar-me a vida e destituir-me do poder abertamente? Vejamos. Dize-me, pelos deuses: tomaste-me por um covarde, ou insensato, quando concebeste êsse projeto? Imaginavas que eu não haveria de notar teus movimentos tortuosos e não os puniria quando os descobrisse? Não é idéia de um demente cobiçar sem meios, sem amigos, o poder que só o povo e a riqueza proporcionam?

CREON

Agora cumpre-te deixar-me responder à tua fala em tom igual ao teu; depois de ouvir-me poderás julgar-me como te aprouver.

ÉDIPO

Falas com facilidade mas custo a compreender-te. És um inimigo perigoso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 50

CREON

A propósito, antes ouve minha explicação.

ÉDIPO

A propósito, é inútil explicar que não tens culpa.

CREON

Se crês que a intransigência é um bem, enganas-te.

ÉDIPO

Se crês que podes ofender impunemente um teu parente, iludes-te.

CREON

Concordo com teu raciocínio neste ponto, mas revela a ofensa grave que, segundo dizes, eu teria cometido contra ti.

ÉDIPO

Persuadiste-me, ou não me persuadiste, a enviar alguém ao célebre adivinho?

CREON

E ainda sou da mesma opinião.

ÉDIPO

E há quanto tempo Laio...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.51
30

CREON

De que se trata? Não percebo...

ÉDIPO

... desapareceu, golpeado pela mão do criminoso?

CREON

Uma seqüência longa de anos poderia ser contada.

ÉDIPO

Êsse adivinho praticava, então, a sua arte?

CREON

Êle já era sábio e reverenciado como é hoje.

ÉDIPO

Naquele tempo êle aludiu a mim?

CREON

Em minha presença, nenhuma vez.

ÉDIPO

E não se tentou elucidar o crime?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 52

CREON

É claro que tentamos, mas sem resultado.

ÉDIPO

Por que o sábio não falou sôbre êsse fato?

CREON

Não sei. Quando não compreendo, calo.

ÉDIPO

Não desconheces, todavia, e se quisesses admitirias...

CREON

Que diria eu? Não negarei, se souber.

ÉDIPO

... que sem tramar contigo êle jamais falaria que Laio foi morto por mim.

CREON

Se êle falou, tu mesmo sabes. Mas por direito agora é minha vez de interrogar-te.

ÉDIPO

Pois interroga! Não me convencerás de ser o criminoso!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.53
31

CREON

Vejamos: desposaste minha irmã?

ÉDIPO

Só posso responder afirmativamente a tal pergunta.

CREON

Mandas com ela nesta terra, com poder igual?

ÉDIPO

Eu satisfaço todos os desejos dela.

CREON

E não posso igualar-me a ti e a ela?

ÉDIPO

Por isso justamente me pareces um amigo pérfido.

CREON

Não, se atentares ao meu raciocínio. Pensa primeiro num ponto: crês que jamais alguém preferiria o trono e seus perigos a tranqüilo sono, tendo poder equivalente? Quanto a mim, ambiciono menos a condição de rei que o mando nela implícito, e são da mesma opinião todos os homens comedidos. Obtenho tudo de ti, sem nada recear; se eu mesmo fôsse rei teria de ceder a muitas injunções. Por que, então, o trono me seduziria mais que êsse poder ilimitado, sem quaisquer percalços? Eu seria cego se quisesse mais que a reverência e o proveito conseqüente. Todos agora me saúdam, ago-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, IP 54

ra todos me acolhem solícitos, todos aquêles que necessitam de ti recorrem a mim; para êles é aqui, junto a mim, que tudo se consegue. Como haveria eu de rejeitar o que já tenho para tentar o que insinuas? Uma perfídia assim seria parvoíce. Planos iguais a êsse não me atraem; mesmo auxiliado eu nunca tentaria realizá-los. Queres uma prova? Segue para Delfos, trata de saber se relatei o oráculo fielmente! Mais outra: se conseguires demonstrar que me mancomunei com o adivinho, merecerei duas condenações à morte: uma por ti, outra por mim. Mas não me acuses apoiado em vagas desconfianças, sem primeiro ouvir-me. É injusto apelidar levianamente os bons de maus e os maus de bons. Menosprezar amigos dedicados equivale, em minha opinião, a desprezar a própria vida, o bem mais precioso. Com o tempo reconhecerás essa verdade, pois sòmente o tempo mostra o homem justo; mas um dia apenas basta para descobrir o pérfido.

CORIFEU

Êle falou sensatamente, como quem receia errar, senhor. Quem julga afoitamente está sujeito a enganos.

ÉDIPO

Se usam de afoiteza e traição para atacar-me, é lícito que eu seja afoito na defesa. Se espero calmamente, os planos dêles se realizarão, enquanto os meus fracassam.

CREON

Que pensas fazer? Banir-me desta terra?

ÉDIPO

Desejo a tua morte ou teu exílio.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.55 52

CREON

Mostra primeiro que teu ódio é razoável.

ÉDIPO

Falas como se não devesses transigir e obedecer.

CREON

Porque não julgas retamente.

ÉDIPO

Julgo de acôrdo com meus interêsses.

CREON

Pensa também nos meus!

ÉDIPO

És pérfido, Creon!

CREON

Não queres compreender.

ÉDIPO

De qualquer forma, deves-me obediência.

CREON

Se mandas mal, não devo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 56

ÉDIPO

Ah! Minha cidade! Minha cidade!

CREON

A cidade é também minha e não apenas tua!

CORIFEU

Cessai, senhores! Vejo, em boa hora para vós, Jocasta vindo para vá. Diante dela cumpre-vos pôr têrmo ao vosso desentendimento.

(*Entra* JOCASTA, *vinda de palácio*)

JOCASTA

Por que vos empenhais nessa disputa insensata, infelizes? Não vos envergonhais de suscitar querelas pessoais neste momento de tão grandes sofrimentos para nossa terra? (*Dirigindo-se a Édipo*) Volta a palácio! Tu, Creon, regressa ao lar! Não transformeis uma frivolidade em causa de aflições mais graves!

CREON

Parece justo a teu espôso, irmã, a Édipo, tratar-me cruelmente. Impõe-me a escolha entre dois males: exílio desta terra de meus pais, ou morte.

ÉDIPO

Confirmo, pois o surpreendi tramando minha perdição, maldosamente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 57

CREON

Se alguma vez eu pratiquei os atos de que falas, jamais me seja concedido pelos deuses qualquer bem!

JOCASTA

Peço-te pelos deuses, Édipo! Crê nas palavras dêle, tanto pelo juramento com o penhor divino como por acatamento a mim e a todos os presentes!

CÔRO

Atende à prece, rei! Medita, peço-te!

ÉDIPO

Que esperas de mim?

CÔRO

Respeita alguém que nunca foi insano
e fêz agora um grave juramento!

ÉDIPO

Sabes o que pedes?

CORIFEU

Sei.

ÉDIPO

Explica-te melhor!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.58

CÔRO

Não deves acolher rumôres vagos
para lançar acusações ignóbeis
contra um amigo teu que ora se expõe
a maldições por êle mesmo ditas.

ÉDIPO

Pois sabe que, fazendo êsse pedido, queres minha perdição ou meu exílio desta terra.

CÔRO

Não, pelo deus mais alto, pelo sol!
Que eu morra no suplício mais cruel,
abandonado pelos deuses todos,
pelos amigos, se pensei assim!
Devora-me as entranhas a desdita
de nossa terra e aos notórios males
agora juntam-se outros males novos!

ÉDIPO

Vá êle embora, então, ainda que por isso eu morra ou seja expulso, desonrado, desta terra. É tua prece, não a dêle, que me move e excita minha piedade. Meu ódio há de segui-lo aonde êle fôr.

CREON

Cedes a contragosto, bem se vê, mas te censurarás quando cessar a tua cólera. Temperamentos como o teu atraem sofrimentos.

ÉDIPO

Não sairás de Tebas? Não me deixarás?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P59
34

CREON

Já vou partir. Não me julgaste retamente mas sou sempre o mesmo para meus concidadãos.

(*Sai* CREON)

CORIFEU

(*Dirigindo-se a* JOCASTA)

Por que demoras tanto a regressar com Édipo a palácio?

JOCASTA

Quando souber o que ocorreu, regressarei.

CORIFEU

Simples palavras provocaram cega desconfiança; depois, a injustiça fere.

JOCASTA

Em relação aos dois?

CORIFEU

Sim.

JOCASTA

E que diziam êles?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 60

CORIFEU

Basta. Creio que basta, na aflição em que vivemos, ficar onde cessou o desentendimento.

ÉDIPO

Vês até onde fôste, embora com razoáveis intenções, por negligência à minha causa e falta de afeição por mim?

CORIFEU

Disse-te muitas vêzes, meu senhor: seria insensatez de minha parte e falta de raciocínio abandonar-te, a ti, que na desgraça em que se debatia minha pátria amada[44] fôste capaz, sòzinho, de reconduzi-la à trilha certa.

(*Pausa*)

JOCASTA

(*Dirigindo-se a* ÉDIPO)

Dize-me, pelos deuses, senhor: por que razão te abandonaste a cólera tão grande?

ÉDIPO

Dir-te-ei, mulher, pois muito mais te prezo que a essa gente tôda: a causa foi Creon, com suas tramas contra mim.

JOCASTA

Prossegue. Conta claramente, se puderes, as origens da querela.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00481-61

35

ÉDIPO

Êle afirmou que Laio morreu por culpa minha.

JOCASTA

Por ciência própria ou por ouvir de alguém?

ÉDIPO

Êle fêz de um profeta maligno seu porta-voz, mas de seus lábios nada de mal saiu.

JOCASTA

Não deves inquietar-te, neste caso. Ouve-me e crê que nenhum dos mortais entende coisa alguma da arte oracular. Vou dar-te provas disso em poucas palavras. Um vaticínio foi revelado a Laio há muito tempo, não direi que por Febo em pessoa, mas por seus servidores. O destino do rei seria a morte pelas mãos de um filho meu e dêle, mas afirmam todos que assaltantes de outras terras o mataram num caminho tripartido. E três dias após o nascimento de seu filho êle amarrou-o pelos tornozelos e mandou que o lançassem a lugar inacessível. Naquela ocasião Apolo não realizou as predições; o filho de Laio não se tornaria o assassino de seu pai e Laio (perspectiva horrível que o trazia sempre apreensivo) não morreria pelas mãos do próprio filho. Diziam, todavia, que o destino fôra prefixado pelas manifestações oraculares. O próprio deus se pronuncia, fàcilmente e só, acêrca do que julga necessário revelar.

(*Pausa*)

ÉDIPO

Quanta inquietude cai sôbre minha alma, quanta incerteza sôbre minha mente ouvindo-te falar, senhora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.62

JOCASTA

Que ansiedade te possui para dizeres isso?

ÉDIPO

Suponho ter-te ouvido declarar que Laio foi assassinado num lugar onde se cruzam três caminhos.

JOCASTA

Assim disseram e ainda dizem.

ÉDIPO

E onde é o lugar em que a desgraça aconteceu?

JOCASTA

Foi em Fócis; estradas vindas de Delfos e Dáulia cruzam-se lá.

ÉDIPO

E quanto tempo faz que se verificaram êsses fatos?

JOCASTA

Pouco antes de assumires o comando desta terra.

ÉDIPO

Ah! Zeus! Que vais fazer de mim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.63
30

JOCASTA

Qual o motivo dessa inquietação, senhor?

ÉDIPO

Não perguntes ainda. E Laio, como era êle? Que idade tinha?

JOCASTA

Êle era alto; seus cabelos começavam a alvejar. (*Olhando mais atentamente para* ÉDIPO) Êle se assemelhava um pouco a ti!

ÉDIPO

Quanta desgraça a minha! Percebo agora que lancei contra mim mesmo, sem saber, as mais terríveis maldições há pouco!

JOCASTA

Que dizes? Receio encarar-te, senhor!

ÉDIPO

Sinto um mêdo horrível de que o adivinho tenha visto tudo claramente!... Mas falta ainda uma palavra tua para a explicação cabal.

JOCASTA

Também estou inquieta, mas responderei a tôdas as perguntas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 64

ÉDIPO

Êle viajava com pequena escolta ou, ao contrário, numerosa guarda, sendo um homem poderoso?

JOCASTA

Eram cinco ao todo; havia entre êles um arauto; um carro simples conduzia Laio.

ÉDIPO

Tudo está claro agora!... Mas quem te forneceu naquele tempo êsses detalhes?

JOCASTA

Um serviçal que conseguiu salvar-se e regressou sòzinho.

ÉDIPO

Êle trabalha ainda no palácio?

JOCASTA

Não. Quando voltou e soube que exercias o poder após a morte do rei Laio, tomou-me as mãos e suplicou-me que o mandasse aos campos para apascentar rebanhos. Tebas — dizia êle — não deveria mais estar diante de seus olhos. Atendio-o, pois era escravo dedicado.

ÉDIPO

Será possível obrigá-lo a vir aqui ràpidamente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 65
37

JOCASTA

Por certo. Mas qual a razão dêsse desejo?

ÉDIPO

Receio haver falado em demasia; por isso quero vê-lo.

JOCASTA

Êle há de vir, mas penso que mereço ouvir de ti a causa dessa angústia.

ÉDIPO

Não te negarei, pois só me resta essa esperança. A quem eu falaria mais abertamente na situação em que me encontro?

(*Pausa*)

Meu pai é Pólibo, coríntio; minha mãe é Mérope, dórica.[45] Tratavam-me como se eu fôsse o mais ilustre cidadão lá de Corinto, mas ocorreu um dia um fato inesperado, motivo de surprêsa enorme para mim. Devido às circunstâncias, todavia, não lhe notei a gravidade tôda no momento. O fato deu-se numa festa. Um homem, que bebêra muito e estava embriagado, disse que eu era filho adotivo, em tom de insulto. Domineime a custo até o fim do dia, não obstante a indignação, e na manhã seguinte procurei meu pai e minha mãe. Pus-me a interrogá-los; êles se mostraram irritados com o autor do ultraje e essa atitude dêles me causou satisfação, mas inda assim o insulto atormentava-me incessantemente, pois penetrara fundo em mim. Sem que meu pai e minha mãe soubessem, fui a Delfos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P-66

Febo deixou minhas perguntas sem resposta mas predisse claramente outras desgraças, inúmeras, terríveis, deploráveis: eu me uniria fatalmente à minha mãe e mostraria aos olhos dos mortais uma linhagem execrável e seria o assassino de meu pai, do autor de minha vida. E eu, diante dessas predições, medindo minha rota desde então pelas estrêlas, afastei-me de Corinto e exilei-me em terra onde jamais veria realizadas — pensava eu — essas torpezas que os oráculos funestos pronunciavam. Em minha marcha vim parar no sítio onde, segundo dizes, pereceu o rei. E a ti, mulher, direi tôda a verdade. Eu ia andando pela estrada; quando estava perto do caminho tripartido vi um arauto vindo em minha direção. Atrás, num carro puxado por potros, vinha um homem como o que me descreveste. O condutor do carro e o próprio passageiro, idoso, me empurraram violentamente para fora do caminho. Eu, encolerizado, golpeei o condutor, que me empurrara. O ancião, presenciando o fato, aproveitou o momento em que eu passava junto ao carro e me atingiu de cima para baixo, na cabeça, com um aguilhão de duas pontas. Custou-lhe caro o gesto, é natural. No mesmo instante, usando meu bordão, feri-o com esta minha mão e êle caiu do carro ao receber a bordoada, rolando para o outro lado. Matei também os outros todos. Se o passageiro e Laio eram uma só pessoa, quem é mais infeliz que eu agora? Que homem poderia ser mais odiado pelos deuses? Nenhum tebano ou estrangeiro poderia dar-me abrigo em sua casa, nem sequer falar-me;[46] teriam todos o dever de repelir-me. E o que é pior, fui eu quem proferiu as maldições contra mim mesmo, não foi outro! Eu estaria maculando a viúva do rei morto ao abraçá-la, pois estas mãos seriam do assassino dêle! Não sou um miserável, monstro de impureza? Tenho de exilar-me e no degrêdo nunca mais verei meus pais, jamais porei os pés em terra pátria, pois se o fizer terei de unir-me — é meu destino! — à minha mãe e assassinar meu pai, rei Pólibo, que me deu vida e me criou! Um deus cruel traçou-me êsse destino? Não! Não e nunca, santos deuses majestosos! Fazei com que êsse dia

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048 p.87
38

nunca chegue! Fazei com que eu desapareça de entre os homens antes que recaia sôbre mim uma desgraça igual a essa!

CORIFEU

Também estamos aterrorizados mas mantém-te esperançoso até que a testemunha fale, meu senhor!

ÉDIPO

É a única esperança que me resta, êsse homem, êsse camponês, apenas êle!

JOCASTA

Que certeza pode dar-te a vinda dêle?

ÉDIPO

Se ouvirmos dêle as mesmas coisas que disseste, livro-me dessa desgraça.

JOCASTA

A que palavras minhas aludes, tão importantes?

ÉDIPO

Êle teria dito, segundo me contaste, que os assassinos eram assaltantes. Se a testemunha repetir a afirmação, o criminoso não fui eu. Mas se êle agora referir-se a um homem só, apenas um, então o ato pode ser-me atribuído com certeza.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 68

JOCASTA

Assim êle falou, fica sabendo, e não irá negar agora a informação. Tôda a cidade ouviu, não fui só eu. Ainda que êle se desdiga não irá provar que o crime contra Laio decorreu dos vaticínios, pois Loxias declarou que êle haveria de morrer nas mãos de um filho meu. Ora: Laio não foi morto pela mísera criança; ao contrário, ela morreu muito antes dêle. Nunca mais olharei para a esquerda ou direita em busca de presságios.[47]

ÉDIPO

Tens razão. Mas voltando ao escravo, não negligencies; manda que o tragam à minha presença.

JOCASTA

Ordenarei imediatamente. Voltemos a palácio. Eu nada faria contra teu gôsto.

(ÉDIPO *e* JOCASTA *voltam a palácio*)

CÔRO

Seja-me concedido pelos fados
compartilhar da própria santidade
não só em tôdas as palavras minhas
mas nas ações também, sem exceção,
moldadas sempre nas sublimes leis
originárias do alto céu divino.
Sòmente o céu gerou as santas leis;
não poderia a condição dos homens,
simples mortais, falíveis, produzi-las.
Jamais o oblívio as adormecerá;
há um poderoso deus latente nelas,
eterno, imune ao perpassar do tempo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 69
39

O orgulho é o alimento do tirano;
quando êle faz exagerada messe
de abusos e temeridades fátuas
inevitàvelmente precipita-se
dos píncaros no abismo mais profundo
de males de onde nunca mais sairá.
A emulação, porém, pode ser útil
se visa ao benefício da cidade;
que a divindade a estimule sempre
e não me negue nunca proteção.
Mas o homem que nos atos e palavras
se deixa dominar por vão orgulho
sem recear a obra da justiça
e não cultua pròpriamente os deuses
está fadado a doloroso fim,
vítima da arrogância criminosa
que o induziu a desmedidos ganhos,
a sacrilégios, à loucura máxima
de profanar até as coisas santas.
Quem poderia, então, vangloriar-se,
onde tais atentados têm lugar,
de pôr-se a salvo dos divinos dardos?
Se crimes dessa espécie são louvados
por que cantamos os sagrados coros?
Não mais irei ao centro sacrossanto[48]
do mundo reverenciar Apolo;
nem ao famoso santuário de Abas[49]
nem ao de Olímpia se essas predições[50]
não forem confirmadas pelos fatos,
de forma tal que possam ser citadas
como um exemplo para os homens todos.
Deus todo-poderoso, se mereces
teu santo nome, soberano Zeus,
mostra que em tua glória imorredoura
não és indiferente a tudo isso!
Desprezam-se os oráculos ditados
a Laio como falas sem valor;
Apolo agora não é adorado
com o esplendor antigo em parte alguma;
a reverência aos deuses já se extingue.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 70

(*Entra* JOCASTA, *vinda de palácio, seguida de criadas com oferendas e com turíbulos queimando incenso*)

JOCASTA

(*Dirigindo-se aos anciãos do* CÔRO)

Veio-me a idéia, chefes de Tebas, de ir aos templos e levar aos deuses êsses ramos e perfumes. Sobem à mente de Édipo, em verdade, inquietações inúmeras. Êle não interpreta, como as criaturas mais sensatas, os oráculos recentes tendo em vista os mais antigos; ao contrário, curva-se a qualquer pessoa que lhe fale, desde que lhe diga coisas tenebrosas. Ponderando que, com meus conselhos, nada consegui, agora venho a ti, Apolo Lício,[51] que és o deus mais próximo, com essas oferendas, como suplicante, para que nos tragas a libertação, eliminando de uma vez a mácula. Todos hoje temos mêdo, é certo, como nautas diante do pilôto que perdeu, à vista dêles, o domínio do timão.

(*Enquanto* JOCASTA *depõe as oferendas no altar de Apolo, entra o* MENSAGEIRO)

MENSAGEIRO

Poderíeis mostrar-me, estrangeiros, onde mora o rei Édipo? Dizei-me, sobretudo, se sabeis: onde êle está?

CORIFEU

Vês o palácio dêle ali; o rei está lá dentro, estrangeiro. (*Apontando para* JOCASTA) Eis aí sua mulher e mãe... dos filhos dêle.[52]

MENSAGEIRO

Seja ela feliz para sempre entre gente feliz, sendo a perfeita espôsa dêle!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.71

JOCASTA

Assim seja também para ti, estrangeiro, pois bem o mereces por tuas palavras corteses. Mas revela ao que vens e o que tens a dizer.

MENSAGEIRO

Novidades favoráveis para tua casa e para teu espôso, senhora.

JOCASTA

De que se trata? De onve vens?

MENSAGEIRO

De Corinto. Minhas palavras te alegrarão — certamente alegrarão — mas também poderão afligir-te.[53]

JOCASTA

Quais são elas? Será possível que tenham êsse duplo efeito?

MENSAGEIRO

Os habitantes de Corinto querem dar o trono a Édipo. É o que dizem.

JOCASTA

O quê? O idoso Pólibo já não detém o mando?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-72

MENSAGEIRO

Não. A morte acaba de levá-lo ao túmulo.

JOCASTA

Como? Pólibo está morto?

MENSAGEIRO

Que eu também morra se não fôr verdade!

JOCASTA

(*Dirigindo-se a uma criada*)

Corre, depressa! Leva essa notícia a teu senhor, mulher! Oráculos dos deuses! Que é feito de vós? Édipo exilou-se com receio de matar êsse homem e o destino agora o extermina, e não Édipo!

(*Entra* ÉDIPO)

ÉDIPO

Por que me fazes vir aqui, Jocasta?

JOCASTA

Escuta êsse homem! Vê o que resta dos oráculos divinos!

ÉDIPO

Quem é êle e o que vem dizer-me?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.73
41

JOCASTA

Êle vem de Corinto e diz que Pólibo, teu pai, já não existe; morreu.

ÉDIPO

Como, estrangeiro? Fala-me tu mesmo!

MENSAGEIRO

Se é isso que desejas ouvir primeiro, fica sabendo que o rei morreu.

ÉDIPO

Vítima de traição, ou de algum mal?

MENSAGEIRO

Os menores males matam gente idosa.

ÉDIPO

Deduzo que êle sucumbiu a uma doença, o infeliz.

MENSAGEIRO

Exatamente; e aos muitos anos que êle viu passarem.

ÉDIPO

(*Dirigindo-se a* JOCASTA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 74

Ah! Mulher! Por que tivemos fé no fogo agoureiro da sacerdotisa pítica e nos pios dos alados pássaros?[54] Segundo a profecia dela eu deveria assassinar meu pai; êle está morto agora, estendido debaixo da terra, e eu estou aqui e não toquei numa espada sequer. (*Irônicamente*) Salvo se êle morreu de tristeza por minha ausência... Só assim eu seria o causador de sua morte... O fato é que hoje Pólibo repousa no Hades e levou com êle as profecias dos oráculos. Não, êsses oráculos não têm a mínima importância!

JOCASTA

Não era essa a minha opinião há muito tempo?

ÉDIPO

Era, mas o terror desatinava-me.

JOCASTA

Pois não acredites nêles de hoje em diante.

ÉDIPO

Não deveria amedrontar-me a perspectiva de subir ao leito de minha própria mãe?

JOCASTA

Qual o valor dêsses temores? O destino é senhor inconteste dos homens e êles não podem mudar o porvir. O melhor é deixar-nos levar pela sorte. Quanto a ti, a idéia de união com tua mãe não deve atormentarte; muitos mortais já partilharam, em sonhos, o leito materno. Vive melhor quem não se entrega a tais receios.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 75
V2

ÉDIPO

Terias razão se minha mãe já estivesse morta, mas ela vive e não consigo reprimir o mêdo, apesar da verdade de tuas palavras.

JOCASTA

De qualquer modo é bom augúrio a sepultura de teu pai.

ÉDIPO

É, mas receio aquela que está viva.

MENSAGEIRO

(*Que tentara intervir várias vêzes no diálogo entre* ÉDIPO *e* JOCASTA)

Que mulher motiva teus temores, senhor?

ÉDIPO

Mérope, espôsa do rei Pólibo.

MENSAGEIRO

Que há de assustador nessa mulher?

ÉDIPO

Um tenebroso oráculo divino, estrangeiro...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 76

MENSAGEIRO

Posso conhecê-lo? Ou não é permitido a um estranho?

ÉDIPO

Conhecê-lo-ás. Loxias disse que um dia eu teria de unir-me à minha própria mãe e derramar, por minhas mãos, o sangue de meu pai. Por isso vivo longe de Corinto há muito tempo. Tive razões! E é tão agradável rever o semblante dos pais!...

MENSAGEIRO

Êsses temores motivaram teu exílio?

ÉDIPO

Eu também não queria ser o assassino de meu velho pai.

MENSAGEIRO

Por que não te livrei ainda dêsse mêdo, rei, se vim trazido por bons sentimentos para contigo?

ÉDIPO

Se fôr assim, terás a justa recompensa.

MENSAGEIRO

Vim por isso; assim, quando voltares a Corinto hei de tirar algum proveito...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.77 U3

ÉDIPO

Mas nunca voltarei à companhia de meus pais!

MENSAGEIRO

Não sabes o que fazes, filho; bem se vê...

ÉDIPO

Como, ancião? Desfaze minhas dúvidas!

MENSAGEIRO

... se os motivos que te impedem de voltar são êsses.

ÉDIPO

Temo que Febo se revele verdadeiro...

MENSAGEIRO

Tens mêdo, então, de macular-te com teus pais?

ÉDIPO

Exatamente, ancião; eis meu temor de sempre.

MENSAGEIRO

Sabes que nada justifica teus receios?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P-78

ÉDIPO

Como, se nasci dêles?

MENSAGEIRO

Pois não te prendiam a Pólibo laços de sangue!

ÉDIPO

Que dizes? Pólibo não era meu pai?

MENSAGEIRO

Tanto quanto quem te fala e nada mais.

ÉDIPO

Nada és para mim e te igualas a meu pai?

MENSAGEIRO

Mas êle não te deu a vida, nem êle, nem eu.

ÉDIPO

Por que razão êle chamava-me de filho?

MENSAGEIRO

Êle te havia recebido um dia — ouve agora — de minhas mãos, como um presente.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 79

ÉDIPO

E êle me amava tanto, a mim, entregue a êle por estranhas mãos?

MENSAGEIRO

Levou-o a isso o fato de antes não ter filhos.

ÉDIPO

Havias-me achado ou comprado quando me deste a êle?

MENSAGEIRO

Achara-te nos vales sombrios do Citeron.

ÉDIPO

Por que percorrias aquêles lugares?

MENSAGEIRO

Eu levava um rebanho montês a pastar.

ÉDIPO

Eras então pastor? Pagavam-te para isso?

MENSAGEIRO

Mas pude salvar-te naquele tempo, filho.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.80

ÉDIPO

E de que males eu sofria quando me achaste abandonado?

MENSAGEIRO

Teus tornozelos inda mostram os vestígios...

ÉDIPO

Fazes-me recordar antigos males!...

MENSAGEIRO

Desatei-te os tornozelos transpassados.

ÉDIPO

Ah! Que defeito conservei de meus primeiros dias!

MENSAGEIRO

Deves teu nome a essa desventura.[55]

ÉDIPO

Sabes se o recebi de minha mãe ou de meu pai?

MENSAGEIRO

Não sei; aquêle que te trouxe a mim conhece êsses detalhes, só êle.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 81

ÉDIPO

Recebeste-me, então, de outras mãos? Não me descobriste tu mesmo?

MENSAGEIRO

Outro pastor trouxe-te a mim.

ÉDIPO

Quem era êle? Podes indicá-lo?

MENSAGEIRO

Êle era conhecido como serviçal de Laio.

ÉDIPO

Do antigo rei dêste país?

MENSAGEIRO

Exatamente; era pastor dêsse homem.

ÉDIPO

Ainda vive êsse pastor? Poderei vê-lo?

MENSAGEIRO

(*Dirigindo-se aos coreutas*)

Vós, que sois do país, deveis saber melhor.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, f. 82

ÉDIPO

(*Dirigindo-se aos mesmos*)

Algum de vós conhece êsse pastor? Alguém o viu no campo ou na cidade? Respondei! Chegou a hora do esclarecimento!

CORIFEU

Suponho que se trata justamente do campônio que mandaste procurar há pouco, mas Jocasta poderá dizer com mais certeza.

ÉDIPO

(*Dirigindo-se a* JOCASTA, *que seguia o diálogo com visível inquietação*)

Pensas, mulher, que o homem cuja vinda desejávamos é êle, o tal pastor?

JOCASTA

(*Agitada*)

Como? De quem falas? Não te preocupes... Trata de esquecer essas palavras vãs!...

ÉDIPO

É inadmissível que, com tais indícios, eu não esclareça minha origem.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.83

JOCASTA

Não, pelos deuses! Se dás o mínimo valor à vida, pára de indagar! (*À parte*) Já é demais a minha angústia!

ÉDIPO

Dou-te a certeza de que não serás diminuída, mesmo que provem que eu descendo de uma tripla geração de escravos.

JOCASTA

Não importa! Escuta-me, suplico-te! Não faças isso!

ÉDIPO

É impossível atender-te e não esclarecer êsse mistério.

JOCASTA

Dou-te o melhor conselho, com o pensamento em teu próprio bem!

ÉDIPO

Êsses conselhos começam a exasperar-me.

JOCASTA

Infeliz! Ah! Se jamais soubesses quem és!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 84

ÉDIPO

Por que não trazem logo o tal pastor? (*Um escravo sai correndo*) Deixemo-la vangloriar-se de sua origem opulenta!

JOCASTA

Ai de mim! Ai de mim! Infeliz! É o único nome que posso dizer-te! Jamais ouvirás outro!

(JOCASTA *retira-se apressadamente*)

CORIFEU

Por que tua mulher foi embora, Édipo, arrebatada por um desespêro atroz? Receio que de seu silêncio irrompam desgraças!

ÉDIPO

Irrompa o que tiver de vir mas insisto em conhecer minha origem, por mais obscura que seja! Ela, vaidosa como tôdas as mulheres, sem dúvida se ruboriza diante da possível humildade de meu nascimento. Mas eu me considero filho da Fortuna generosa e isso não me ofende. Nasci dessa mãe[56] e os anos já vividos ora me diminuíram, ora me exalçaram. Eis minha origem, nada poderá mudá-la. Por que renunciaria a esclarecer as circunstâncias de meu nascimento?

CÔRO [57]

(*Em ritmo vivo e alegre*)

Se minha inspiração é verdadeira
e tenho a mente alerta neste instante,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 85
V7

não, Citeron, não, pelo Olimpo santo,[58]
não deixarás de ver no plenilúnio
nossa homenagem por haveres sido
o abrigo e o sustento do rei Édipo
entregue a teus cuidados maternais.
Iremos festejar-te e dançaremos
no chão que alimentou nosso senhor.
Sê-nos propício, Febo protetor!
Quem te gerou, meu filho, e te criou
entre as donzelas de anos incontáveis,[59]
após haver-se unido a Pã, teu pai,[60]
errante nas montanhas, ou depois
de um amoroso amplexo de Loxias?
Êle ama tôdas as planuras rústicas.
Hermes também, talvez, que reina no Cileno[61]
onde o divino Baco é morador
nos altos montes, te acolheu um dia,
rebento de uma ninfa do Helicon,[62]
seu entretenimento preferido.

(*Vê-se à distância, aproximando-se, o velho pastor de Laio, entre criados de* ÉDIPO)

ÉDIPO

Se posso opinar sôbre alguém que nunca encontrei, anciãos, creio estar vendo o pastor ansiosamente esperado. Sua extrema velhice o assemelha a êste mensageiro. Além disso, reconheço seus acompanhantes: são meus serviçais. (*Dirigindo-se ao* CORIFEU) Tu, que já o viste antes, poderás certificar-nos.

CORIFEU

Reconheço-o, sem a mínima dúvida; êle serviu a Laio e lhe era mais fiel, como pastor, que qualquer outro.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.86

ÉDIPO

(*Dirigindo-se ao* MENSAGEIRO)

Pergunto-te primeiro, mensageiro de Corinto: é êste o homem de quem falas?

MENSAGEIRO

É êle; agora o tens diante de teus olhos.

ÉDIPO

(*Dirigindo-se ao pastor recém-chegado*)

Encara-me e responde, ancião: serviste outrora a Laio?

PASTOR

Eu era seu escravo; êle não me comprou; fui criado em casa dêle.

ÉDIPO

Que fazias? Que vida levavas?

PASTOR

Eu seguia os rebanhos quase todo o tempo.

ÉDIPO

Em que lugares demoravas mais?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p 87
48

PASTOR

Era no Citeron, às vêzes; outras vêzes num lugar vizinho.

ÉDIPO

Numa dessas vêzes viste êste homem lá?

PASTOR

Que fazia êle? De quem falas?

ÉDIPO

(*Apontando para o* MENSAGEIRO)

Dêste aqui. Já o encontraste anteriormente?

PASTOR

Não posso responder de repente... Não lembro...

MENSAGEIRO

Não é de surpreender, senhor; êle esqueceu mas logo reavivo-lhe a memória. Estou certo de que nos conhecemos lá no Citeron, êle com um rebanho duplo, eu com um só; vivemos como vizinhos por três anos, da primavera até o outono;[63] chegado o inverno eu regressava a meus estábulos e êle voltava à estância do rei Laio. Não era assim?

PASTOR

Era, mas tudo se passou há tanto tempo!...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 88

MENSAGEIRO

Continuemos. Lembras-te de que me deste um menino para eu criar como meu próprio filho?

PASTOR

Que dizes? Qual a razão desta pergunta?

MENSAGEIRO

(*Apontando para* ÉDIPO)

Eis o recém-nascido de então, meu amigo.

PASTOR

Queres perder-te? Não te calarás?

ÉDIPO

Não te irrites com êle, ancião; tuas palavras, não as dêle, podem irritar-nos.

PASTOR

Que falta cometi, melhor dos amos?

ÉDIPO

Não lhe deste resposta a respeito da criança.

PASTOR

Êle não sabe o que diz e perde tempo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
0048,89 49

ÉDIPO

Se não quiseres responder por bem, responderás à fôrça!

PASTOR

Não me maltrates, pelos deuses! Sou um velho!

ÉDIPO

Por que não lhe amarram logo as mãos às costas?

PASTOR

Sou um infeliz! Por que razão? Que desejas saber?

ÉDIPO

Deste-lhe a criança que êle mencionou?

PASTOR

Dei. (Antes houvesse morrido naquele dia!...)

ÉDIPO

É o que acontecerá hoje se não falares!

PASTOR

Perco-me com mais certeza ainda se falar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 90

ÉDIPO

Êste homem tergiversa!

(ÉDIPO *ameaça espancar o* PASTOR)

PASTOR

Não! Já disse que dei!

ÉDIPO

De quem o receberas? Era teu, ou de quem era?

PASTOR

Êle não era meu; recebi-o de alguém...

ÉDIPO

De quem? De que família?

PASTOR

Em nome dos deuses, senhor! Não! Não me interrogues mais!

ÉDIPO

Serás um homem morto se eu tiver de perguntar de nôvo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048.91

PASTOR

Pois ouve: a criança nascera... no palácio de Laio!

ÉDIPO

De um escravo? Ou era filho dêle, de sua raça?

PASTOR

Ai de mim! É horrível de dizer!

ÉDIPO

E para mim horrível de ouvir, mas necessário.

PASTOR

Falavam que era filho dêle. Mas ela, que está lá dentro, tua mulher, poderá dizer-nos quem era, melhor que ninguém.

ÉDIPO

Êle te foi entregue por ela?

PASTOR

Foi, meu rei.

ÉDIPO

Com que propósito?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 92

PASTOR

Para que o fizesse morrer.

ÉDIPO

Sendo ela a mãe, a infeliz?

PASTOR

Com receio de oráculos funestos.

ÉDIPO

Que oráculos?

PASTOR

Diziam que êle mataria o pai.

ÉDIPO

Por que o entregaste a êste ancião?

PASTOR

Por piedade, meu amo. Eu pensava que êle o levaria a outras terras, de onde êle próprio viera. E êle salvou-lhe a vida, para a maior das desgraças! Se és quem êle diz nenhum mortal te iguala em desventura!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.98
51

ÉDIPO

(*Transtornado*)

Ai de mim! Ai de mim! Desfazem-se as dúvidas! Ah! Luz do sol! Jamais te veja eu de nôvo! Todos sabem hoje que eu não poderia ter nascido de meus pais, nem vivido com quem vivo, e que matei quem não devia!

(ÉDIPO *sai correndo e entra em palácio.* O MENSAGEIRO *sai por um lado e o* PASTOR *por outro*)

CÔRO

(*Lento e triste*)

Vossa existência, frágeis mortais,
é aos meus olhos menos que nada.
Felicidade, só conheceis
imaginada; vossa ilusão
logo é seguida pela desdita.
Com teu destino por paradigma,
desventurado, mísero Édipo,
julgo impossível que nesta vida
qualquer dos homens seja feliz!
Êle atirava flechas mais longe
que os outros homens e conquistou
(assim pensava, Zeus poderoso!)
incomparável felicidade.
Fêz mais ainda, pois conseguiu
matar a virgem misteriosa[64]
de garras curvas e cruéis enigmas.
Quando êle veio de longes terras
sua presença foi para nós
aqui em Tebas um baluarte;
graças a êle sobrevivemos.
Desde êsse tempo, Édipo heróico,
nós te chamamos de nosso rei
e nos curvamos à tua frente,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.94

senhor supremo da grande Tebas.
E existe hoje qualquer mortal
cuja desdita seja maior?
Quem foi ferido por um flagelo
e um sofrimento mais violentos?
Quem teve a vida tão desgraçada?
Édipo ilustre, muito querido!
Tu és o filho que atravessou
a mesma porta por onde antes
teu pai passara; nela te abrigas
num matrimônio jamais pensado!
Como puderam, rei meu senhor,
as sementeiras do rei teu pai
dar-te acolhida, silenciosas,
por tanto tempo? Como, infeliz?
O tempo eterno, que tudo vê,
mostrou um dia, malgrado teu,
as tuas núpcias abomináveis
que já duravam de longa data
e te fizeram pai com a mulher
de quem és filho, com tua mãe!
Filho de Laio, prouvera aos céus
que êstes meus olhos nunca, jamais
te houvessem visto! Ah! Por que viram?
Gemo e soluço. Dos lábios meus
só saem gritos, gritos de dor!
E todavia graças a ti
foi-nos possível cerrar os olhos
aliviados e respirar
tranqüilamente por muito tempo.[65]

(*Entra um criado vindo de palácio, com ar de estarrecimento*)

CRIADO

(*Dirigindo-se aos anciãos do* CÔRO)

Pares ilustres de Tebas, sempre honrados, que fatos ouvireis, que sofrimentos testemunhareis, que luto vos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 95 52

aguarda como cidadãos fiéis à raça dos Labdácidas! Nem o rio Ister nem o Fásis[66] bastariam para a purificação desta casa, tantos males ela guarda! Em breve ela trará à luz desgraças novas, estas voluntárias, não forçadas, pois os sofrimentos mais terríveis são aquêles de que a própria vítima é o autor!

CORIFEU

Nada faltava ao que já sabíamos para gemermos incessantemente; que nos revelarás ainda?

CRIADO

Uma notícia curta de dizer e ouvir: nossa rainha, Jocasta, não existe mais.

CORIFEU

Quanta infelicidade! Como se deu a morte?

CRIADO

Ela matou-se, mas o pior vos foi poudado: a visão da cena horrível com os próprios olhos. Todavia relatar-vos-ei os sofrimentos dela, se puder trazê-los à memória. Quando a infeliz transpôs a porta do palácio encaminhou-se, como louca, para o leito nupcial, arrancando os cabelos com as mãos. Depois fechou violentamente a porta. Chamava Laio, morto havia tanto tempo, entre alusões ao filho que tivera após seguidos anos de esterilidade, o filho que exterminaria Laio, que a destinaria a ser a mãe de filhos de seu filho, se merecessem êsse nome! Ela se lamentava ali no leito em que — infeliz! — trouxera ao mundo, em dupla geração, o espôso que ela concebera de seu próprio espôso e filhos tidos de seu filho. Como em seguida ela morreu, não

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 96

sei; aos gritos, Édipo precipitou-se para ela e não me foi possível presenciar a morte da rainha. Tínhamos os olhos fixos nêle, que corria transtornado, desnorteado. Pediu-nos um punhal, queria que disséssemos onde estava a mulher, não a espôsa, mas aquela cujo seio materna havia dado à luz, ao mesmo tempo, o próprio Édipo e seus filhos. Em seu furor um deus (não sei qual foi) orientou-o, pois não foi nenhum de nós. Então, gritando horrìvelmente, como se o guiassem, êle se atirou de encontro à dupla porta; fêz girarem as ferragens ôcas e precipitou-se em plena alcova. Lá pudemos ver, pendida, sua espôsa; o laço, firme, ainda a estrangulava. Diante do espetáculo o infeliz urrava lancinantemente enquanto desfazia o laço que a mantinha pendurada. Ela caiu por terra, a infeliz. Vimos, então, cenas atrozes. Édipo arrancou da roupa dela os broches de ouro que a adornavam, segurou-os e furou com êles os dois olhos, gritando que êstes não seriam testemunhas das desgraças dêle, já que não quiseram ver seus crimes: "não reconhecereis nas sombras, de hoje em diante — êle gritava — aquêles que não quero mais reconhecer!" Esbravejando, êle erguia as pálpebras e desferia golpes redobrados; o sangue que escorria das pupilas lhe descia até o queixo; não eram gôtas, mas torrentes em sombria chuva, em jatos rubros. Êle e ela são autores dêsses males; entrelaçaram-se as desgraças do marido e da mulher. Sua felicidade antiga era felicidade verdadeira até há pouco; hoje, ao contrário, são soluços, horrores, morte e vergonha; em poucas palavras, todos os males conhecidos, sem faltar um só!

CORIFEU

E agora o infeliz está mais calmo?

CRIADO

Êle grita que escancarem as portas, que mostrem a todos os cadmeus o parricida, o filho cuja mãe...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 97
53

não posso repetir-lhe as palavras chocantes. Diz que vai exilar-se, que não poderá continuar em palácio, esmagado pelas maldições por êle mesmo proferidas. Êle precisa de apoio, de um guia; seu infortúnio é muito grande para que êle o sofra só. Tu mesmo verás: as portas se abrem. Presenciarás um espetáculo que excitaria a piedade até de um inimigo.

(*Entra* ÉDIPO, *ensangüentado, com os olhos vazados*)

CÔRO

Ah! Sofrimento horrível para os olhos,
o mais horrível dos que presenciei!
Ah! Que loucura, infortunado Édipo,
tombou neste momento sôbre ti?
Que divindade consumou agora
teu trágico destino inelutável
prostrando-te com males que ultrapassam
a intensidade máxima da dor?
Ah! Como és infeliz! Faltam-me fôrças
para encarar-te e eu desejava tanto
fazer indagações, ouvir-te, olhar-te;
é muito forte a sensação de horror
que teu aspecto lastimável causa!

ÉDIPO

Ai de mim! Como sou infeliz!
Aonde vou? A que terra? Em que ares
minha voz se ouvirá? Ah! Destino!...
Em que negros abismos me lanças?

CORIFEU

Numa desgraça horrível de ver, horrível até de ouvir!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P.98

ÉDIPO

Nuvem negra de trevas, odiosa,
que tombaste do céu sôbre mim,
indizível, irremediável,
que não posso, não posso evitar!
Infeliz! Infeliz outra vez!
Com que ponta aguçada me ferem
o aguilhão dêste meu sofrimento
e a lembrança de minhas desgraças!

CORIFEU

Não admira que, diante de tais aflições, redobres teus gemidos, pois suportas redobrados males.

ÉDIPO

Ah! Amigo! És o único amigo
que me resta, pois inda te ocupas
dêste cego em que me transformei.
Ai de mim! Sei que estás muito perto;
mergulhado na noite eu ainda[67]
reconheço-te a voz, companheiro!

CORIFEU

Ah! Que coisas terríveis fizeste? Como cegaste teus próprios olhos? Que deus moveu-te o braço?

ÉDIPO

Foi Apolo. Foi sim, meu amigo!
Foi Apolo o autor de meus males,
de meus males terríveis; foi êle!
Mas fui eu quem vazou os meus olhos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 99
54

Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz!
Para que serviriam meus olhos
quando nada me resta de bom
para ver? Para que serviriam?

CÔRO

Estás falando apenas a verdade.

ÉDIPO

Que haveria de olhar ou amar?
Que palavras ainda ouviria
com prazer, meus amigos? Nenhuma.
Só me resta pedir-vos: levai-me
para longe daqui, sem demora.
Eu vos peço. Levai, meus amigos,
o maldito, motivo de horror,
odiado por deuses e homens!

CORIFEU

Tua alma te tortura tanto quanto o teu próprio infortúnio. Ah! Se eu jamais te houvesse conhecido!...

ÉDIPO

Por que vive êsse homem que outrora
num recanto deserto livrou
os meus pés das amarras atrozes
e salvou-me da morte sòmente
para eu ser infeliz como sou?
Se eu houvesse morrido mais cedo
não seria o motivo odioso
de aflição para meus companheiros
e também para mim nesta hora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 100

CORIFEU

É essa a minha opinião, também.

ÉDIPO

E jamais eu seria assassino
de meu pai e não desposaria
a mulher que me pôs neste mundo.
Mas os deuses desprezam-me agora
por ser filho de sêres impuros
e porque fecundei — miserável! —
as entranhas de onde saí!
Se há desgraça pior que a desgraça
ela veio atingir-me, a mim, Édipo!

CORIFEU

Não sei como justificar tua resolução. Melhor seria a morte que a cegueira.

ÉDIPO

(*Mais calmo*)

Não tentes demonstrar que eu poderia ter agido de outro modo; não me dês conselhos. Na verdade, não sei com que semblante eu haveria de encarar meu pai, chegando ao Hades, ou minha mãe infortunada, depois de contra êles cometer crimes tão grandes que nem o enforcamento puniria. E a visão de meus filhos, nascidos como foram, poderia agradar-me? Não, meus olhos já não poderiam vê-los, nem a êles, nem à cidade, nem aos baluartes, nem às imagens sagradas dos deuses! Após haver levado em Tebas a existência mais gloriosa, privei-me eu mesmo dela ao ordenar a todos que repudiassem o sacrílego, julgado impuro pelos deuses, da raça de Laio. Depois de descobrir em mim a imensa

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 101
55

mácula teria ainda ânimo de contemplar meu povo sem baixar os olhos? Seguramente não, e se eu tivesse meios de impedir os sons de penetrar em meus ouvidos, privaria meu sofrido corpo da audição a fim de nada mais ouvir, além de nada ver; seria grande alívio ter o espírito insensível a meus males.

(*Pausa*)

Ah! Citeron!... Por que me recebeste? Por que, se me acolheste, não me mataste logo? Assim jamais eu poderia revelar aos homens minha origem. Ah! Pólibo!... Corinto!... Ah! Palácio antigo que eu dizia ser a casa de meus pais!... Quanta baixeza viste revelar-se em mim sob a aparência plácida que a ocultava!... Hoje sou um criminoso, nascido de criminosos, como todos vêem! Ah! Caminho triplo, vale sombrio, bosque de carvalhos, passo estreito de três vias, vós que bebestes meu sangue, derramado por minhas próprias mãos — o sangue de meu pai! — a mancha rubra ainda fala de meus crimes que vos macularam e outros mais que cometi depois de vir até aqui? Ah! Himeneu! Himeneu! Deste-me a vida e depois fizeste a mesma semente germinar uma segunda vez! Mostraste ao mundo um pai irmão dos próprios filhos, filhos irmãos de seu pai, espôsa e mãe do mesmo homem e tôdas as torpezas existentes neste mundo, mesmo as maiores! Devo ir-me embora, pois não é lícito falar do que é indecoroso de fazer. Em nome dos deuses, ocultai-me depressa longe daqui, não importa onde! Matai-me, lançai-me ao mar, em um lugar onde eu jamais volte a ser visto! Aproximai-vos e não tenhais nojo, amigos, de tocar num miserável! Crede-me, não há razões para receios: meu infortúnio é tanto que eu sòmente, e mais ninguém, serei capaz de suportá-lo!

(*Entra* CREON)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,IP.102

CORIFEU

Para atender ao teu pedido e para aconselhar-te vem aproximando-se Creon; agora êle é o único guardião de Tebas, pois te sucedeu.

ÉDIPO

Que poderei dizer-lhe? Que posso esperar de Creon? Fui tão injusto há pouco em relação a êle!...

CREON

Não vim até aqui dizer-te insultos, Édipo, nem censurar-te por passadas faltas. Mas vós, tebanos, se não respeitais os homens, respeitai ao menos o rei sol, vida de tudo, e evitai a vergonha de expor a seus raios assim, sem véus, um ente impuro, que nem a terra, nem a santa chuva, nem a luz podem tocar. Levai-o logo de volta a palácio. É sobretudo aos parentes, só a êles, que essas desditas, vistas e ouvidas, inspiram piedade.

ÉDIPO

Escuta-me, Creon. Peço-te pelos deuses, a ti, que me enganaste em minha expectativa e te mostras generoso para com o pior dos criminosos; é no teu interêsse, não no meu, que falarei.

CREON

E que pretendes conseguir de mim ainda?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.103
56

ÉDIPO

Expulsa-me depressa desta terra, para algum lugar onde jamais eu possa dirigir qualquer palavra a ser humano algum!

CREON

Eu já teria satisfeito os teus desejos — não duvides — se não quisesse ouvir do deus, primeiro, como devo conduzir-me.

ÉDIPO

Mas é perfeitamente previsível a divina ordem: "mate-se o parricida, o ímpio!"

CREON

De fato isso foi dito, mas na contingência atual será melhor saber exatamente como agir.

ÉDIPO

Consultarás então o oráculo a propósito de um ser maldito?

CREON

E desta vez acatarás a sua prescrição.

ÉDIPO

Peço-te ainda e te suplico que tu mesmo dês um funeral condigno à infeliz que jaz lá em palácio; cumpre piamente êsse dever para com ela, que tem o mes-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 104

mo sangue teu! Jamais permitas, quanto a mim, que eu inda habite a terra de meus pais enquanto tiver vida. Deixa-me, ao contrário, residir nos montes, lá no Citeron — a triste pátria minha que meus pais me haviam destinado, quando vim ao mundo, para meu definitivo túmulo! Assim terminarei meus dias onde desejaram que eu morresse. Há uma coisa, aliás, que sei seguramente: nem a doença, nem males semelhantes me exterminarão, pois se me salvei daquela morte foi para desgraças inda mais terríveis. Siga seu curso certo o meu destino, seja qual fôr! Não te suplico especiais cuidados para com meus filhos; êles são varões, jamais carecerão do necessário à vida onde estiverem. Mas minhas infelizes filhas, dignas de comiseração, para as quais a minha mesa generosa nunca foi posta sem que eu estivesse com elas e lhes dirigisse as pequeninas mãos aos pratos, cuida delas, peço-te, e deixa-me também tocá-las com minhas mãos e deplorar-lhes a desgraça. É uma súplica, príncipe de raça tão nobre! Sentindo-as com minhas mãos eu pensarei que ainda as tenho, como quando as via! (*Ouve-se o chôro de crianças*) Que digo? Ah! Deuses! Estarei ouvindo minhas filhas soluçando? Deixa, Creon, por piedade, que me tragam minhas filhas queridas! Será verdade?

CREON

É sim. Queria dar-te essa alegria, pois sabia que o desejo de as ouvir te dominava.

(*Antígona e Ismene, ainda crianças, que um criado a um sinal de* CREON *fôra buscar, aproximam-se de* ÉDIPO)

ÉDIPO

Sejas feliz por tê-las feito vir até aqui! Guardem-te os deuses melhor que a mim! Onde estais, crianças?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 105
57

Vinde a mim, vinde até minhas mãos... fraternas. Foram elas, como podeis ver, que privaram da luz os olhos antes brilhantes de vosso pai. Eu nada via então, nada sabia, minhas crianças, e vos engendrei no ventre de onde eu mesmo saíra! E choro por vós, pois já não posso ver-vos, imaginando as provações que os homens vos farão sofrer na vida! A que assembléia dos tebanos, a que festas comparecereis sem ter de regressar em pranto a casa, impossibilitadas de participar da vida? E quando houverdes atingido a idade florescente do himeneu, que homem ousará levar convosco o pêso das torpezas tôdas que flagelarão a minha raça e a que nascerá de vós? Que desgraça vos falta? Vosso pai matou seu pai e desposou a própria mãe, que lhe deu vida e vos teve no ventre de onde êle saiu! Eis as injúrias que vos serão ditas! Quem vos desposará, então? Ninguém, minhas crianças! Tereis de enlanguescer inevitàvelmente estéreis e na solidão! Filho de Meneceu,[68] já que és agora o pai dessas crianças (pois a mãe delas e eu nada mais somos), não as deixes errar e mendigar, abandonadas, essas crianças de tua raça! Não as faças infelizes como eu! Tem piedade delas, vendo-as nessa idade sem qualquer apoio, salvo o teu! Faze um sinal de atendimento logo, toca-me com tua mão, homem generoso! (CREON *atende ao pedido de* ÉDIPO)[69] E a vós, minhas crianças, se já tivésseis consciência eu vos daria um só conselho: desejai sòmente, onde tiverdes de viver, uma existência mais feliz que a minha, que a de vosso pai!

CREON

Já te lamentaste demais. Volta a palácio.

ÉDIPO

Devo obedecer, embora a contragosto.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 106

CREON

O que se faz no momento oportuno é bem feito.

ÉDIPO

Sabes as condições para que me retire?

CREON

Dize-as. Sòmente saberei depois de ouvi-las.

ÉDIPO

Expulsa-me de Tebas.

CREON

Pedes o que sòmente ao deus compete decidir.

ÉDIPO

Mas os deuses me odeiam!

CREON

Então verás depressa o teu desejo satisfeito.

ÉDIPO

Falas a verdade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 107

CREON

Não digo levianamente o que não sinto.

ÉDIPO

Leva-me então daqui!

CREON

Vem logo e deixa tuas filhas.

ÉDIPO

Não as tires de mim!

CREON

Já não podes impor teus desejos. Não terás mais vitórias na vida!

(*Saem Antígona e Ismene, por um lado, levadas pelo criado que as trouxe.* ÉDIPO, *conduzido por* CREON, *encaminha-se lentamente para palácio*)

CÔRO

Vêde bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!
Êste é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;
êle foi um senhor poderoso e decerto o invejastes
em seus dias passados de prosperidade invulgar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, f-108

Em que abismos de imensa desdita êle agora caiu!
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos
não devemos dizer que um mortal foi feliz
[de verdade
antes dêle cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer
[sofrimento!

F I M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, f 109
59

Notas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 110

1 *Cadmos*: fundador de Tebas, cidade principal da Beócia, região do sudeste da Grécia.

2 *Coroado de ramos*: insígnias dos suplicantes.

3 *Palas*: um dos nomes de Atena, deusa da mitologia grega.

4 *Apolo Ismênio*: Apolo, deus da mitologia grega, patrono dos oráculos; Ismênio era um de seus epítetos, referente a um dos templos do deus situado às margens do Ismeno, rio da Beócia próximo a Tebas.

5 *O deus que acende o fogo da febre*: Ares, deus da mitologia grega (ver nota 18).

6 *Hades*: rio e região subterrânea legendária para onde iriam os mortos segundo as crenças dos antigos gregos.

7 Literalmente: Cruel cantora: a Esfinge, monstro fabuloso com cabeça e busto de mulher, corpo de cadela, cauda de serpente, asas de ave, garras de leoa e voz humana. Segundo a lenda, fixara-se nas vizinhanças de Tebas e mantinha tôda a região em sobressalto por causa dos enigmas que cantava, devorando quem não os decifrasse. Um oráculo declarara que a Esfinge se destruiria no dia em que seus enigmas fôssem decifrados. Um dêles era: "que animal anda com quatro pernas de manhã, duas ao meio-dia e três à tarde?" Diante da situação calamitosa criada pelos enigmas, Creon, que em conseqüência da morte de Laio detinha o poder em Tebas, teria prometido o trono e sua irmã Jocasta (viúva de Laio) em casamento a quem livrasse Tebas do monstro, decifrando-lhe os enigmas. Édipo teria conseguido vencer a Esfinge, respondendo que o animal aludido no enigma transcrito acima era o homem, que na infância (manhã da vida) usava as mãos e os pés ao engatinhar para locomover-se; depois (meio-dia) usava os pés e na velhice (tarde) tinha de recorrer a um bordão para caminhar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P,111

[8] *Por mim mesmo*: os espectadores atenienses deviam sentir, nesse "por mim mesmo" aparentemente inocente, um primeiro toque de ironia trágica, pois o que Édipo dizia (talvez por mero formalismo) aplicava-se na realidade mais a êle, que muito haveria de chorar por seus próprios infortúnios.

[9] *Templo pítico de Apolo*: o nome antigo de Delfos, cidade em que ficava o famoso templo com o oráculo de Apolo, era Pito. Febo, a forma que aparece no original, era um dos epítetos de Apolo e significava "luminoso".

[10] *Bagas de loureiro*: o templo de Apolo em Delfos ficava num bosque de loureiros. Os consulentes do oráculo coroavam-se com um ramo de loureiro carregado de bagas.

[11] *O deus*: Apolo, que ordenara a punição do culpado.

[12] *Doce palavra*: o oráculo. Embora o deus dos oráculos fôsse Apolo, atribuía-se a Zeus, o deus maior da mitologia grega, a inspiração, em última instância, da comunicação entre deuses e mortais.

[13] *Deus salutar de Delos*: Apolo, que teria nascido e possuía um templo famoso em Delos (uma das ilhas Cíclades). Apolo era cultuado no templo de Delos, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, sob o epíteto de Paiã, que significa "salvador" (aquêle que cura os males físicos).

[14] *Filha da Esperança áurea*: a pitonisa, que proferia os oráculos no templo de Apolo em Delfos (antiga Pito; ver nota 9).

[15] *Ártemis*: deusa da mitologia grega.

[16] *Deus crepuscular*: Hades, deus dos mortos e, por extensão, lugar para onde iriam os mortos e rio por onde êles chegavam ao além-túmulo (ver nota 6).

[17] *Filha rutilante*: Ártemis, guardiã de Tebas (ver nota 15).

[18] *Ares*: deus da destruição, seja pela guerra, seja por outras calamidades (ver nota 5).

[19] *Sem o bronze dos escudos*: sem que houvesse guerra.

[20] *Leito imenso de Anfitrite*: Anfitrite era uma das Nereidas (divindade dos mares), exercendo seu domínio sôbre o atual Oceano Atlântico, que é o "leito imenso de Anfitrite".

[21] *Mar Trácio*: mar situado na parte oriental do Mediterrâneo.

[22] *Montes Lícios*: da Lícia, região da Ásia Menor, preferida por Ártemis para suas caçadas.

[23] Divindade das mais antigas da mitologia grega, especialmente cultuado em Tebas. As Mênades eram suas sacerdotisas e o acompanhavam em suas correrias orgiásticas pelas montanhas, que eram o domínio de *Baco*.

[24] *Contra êsse deus*: Ares.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 112

25 *Cadmeus*: os habitantes de Tebas, descendentes de Cadmos, fundador legendário da cidade (ver nota 1).
26 *Como por meu pai*: Édipo usa, sem saber, uma expressão que corresponde exatamente à realidade.
27 *Filho de Lábdaco*: Laio, de onde a expressão "Labdácida", descendente de Lábdaco, aplicável não sòmente a Laio como a tôda a raça oriunda de Lábdaco.
28 *Polidoro, Cadmos, Agenor*: Antepassados ilustres de Laio, antigos reis de Tebas.
29 *Os presságios dos pássaros*: o vôo dos pássaros era um dos sinais a que os adivinhos recorriam para seus vaticínios.
30 *Salva-me a mim também*: a ironia trágica de mais esta frase contrastará com a revelação, que Tirésias irá fazer, e que será o primeiro passo para a perdição de Édipo.
31 Tirésias refere-se às imprecações que Édipo lançou contra o assassino de Laio, ignorando que o criminoso era êle próprio.
32 *Quando a Esfinge lhes propunha enigmas*: a Esfinge (no original: "Cadela") (ver nota 7). Literalmente: "lhes dizia versos", pois a Esfinge falava em versos.
33 *Presságios das aves*: ver a nota 29.
34 *Eu, Édipo, sem nada conhecer*: há no original dêste verso uma aliteração, recurso muito usado pelos poetas gregos (*medên eidós Oidípous*). As palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos para facilitar a composição tipográfica.
35 *Loxias*: um dos epítetos de Apolo, significando "oblíquo", alusão à forma pouco clara de seus oráculos.
36 *Citeron*: montanha da Beócia (região situada a sudeste da Grécia), cortada por vales sombrios, visível de Tebas. Haverá ainda muitas alusões ao Citeron no decurso da tragédia. Na quinta parte coral, por exemplo, o Côro manifesta a intenção de homenagear o Citeron por haver servido de abrigo ao recém-nascido que viria a ser o infortunado rei de Tebas. Édipo deveria ter morrido no Citeron, onde seus verdadeiros pais mandaram abandoná-lo, se o pastor encarregado de levá-lo àquelas paragens êrmas não se houvesse apiedado dêle e não o tivesse entregue a outro pastor, que por sua vez levou Édipo aos que viriam a ser seus pais adotivos (Pólibo e Mérope).
37 *Voz fatídica da pedra*: a pitonisa do templo de Delfos proferia os oráculos sentada numa pedra.
38 *Fúrias*: divindades vingadoras de crimes entre parentes.
39 *Párnaso*: montanha da região da Fócida (centro-sul da Grécia), uma das mais altas da Europa. Seu cume coberto de neve era visível de Corinto. Delfos, com seu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.1/13

templo e oráculo famosos, ficava situada nas encostas do Párnaso; daí o verso "acaba de estrondar a ordem nítida".

40 *Âmago da terra*: por causa do oráculo, Delfos era considerado o centro — o âmago — do mundo.

41 *O adivinho*: Tirésias.

42 *Labdácidas*: ver a nota 27.

43 *Descendente de Pólibo*: ainda se supunha que Édipo fôsse realmente filho de Pólibo, rei de Corinto.

44 Alusão à Esfinge, que Édipo venceu (ver nota 7).

45 *Dórica*: da Dórida, região da Grécia próxima da Fócida.

46 *Nem sequer falar-me*: em conseqüência das imprecações do próprio Édipo quando, desconhecendo que êle próprio matara Laio, resolveu descobrir o assassino.

47 *Para a esquerda ou direita*: a direção do vôo dos pássaros (esquerda ou direita) indicava respectivamente maus e bons augúrios.

48 *Centro do mundo*: literalmente "umbigo". (Ver nota 40.)

49 *Abas*: localidade próxima a Delfos, onde havia outro oráculo.

50 *Olímpia*: cidade na Élida, região da Grécia. Nela havia um oráculo de Zeus, também famoso.

51 *Apolo Lício*: Lício era outro epíteto de Apolo; significava "matador de lôbos".

52 *Sua mulher e mãe... dos filhos dêle*: procurou-se conservar o efeito do original, em que a seqüência das palavras, interrompida por uma cesura, dá lugar a uma ambigüidade momentânea, condizente com as verdadeiras relações entre Jocasta e Édipo, ainda desconhecidas a esta altura.

53 A linguagem do mensageiro, habitante de Corinto (grande cidade em contraste com Tebas), é rebuscada e maneirosa e se opõe mais adiante à do pastor, simples e espontânea. Procurou-se conservar na tradução essa peculiaridade do original.

54 *Nos pios dos alados pássaros*: o pio dos pássaros tinha significação especial para os adivinhos.

55 O original pressupõe que o nome Édipo (*Oidípous*) seja composto de *oîdao* (incho) e *pous* (pés). O nome significaria "pés inchados".

56 *Nasci dessa mãe*: frase de duplo sentido, que tanto pode referir-se à Fortuna, de quem Édipo acabara de falar, como a Jocasta, que se retirara havia poucos momentos.

57 Iludido pelas palavras do mensageiro e pelo efeito que elas haviam produzido sôbre Édipo, o Côro entrega-se a manifestações de alegria nesse hipôrquema (parte coral em ritmo vivo, apropriado à dança que a acompa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 114

nhava). Sófocles gostava de incluir êsses hipôrquemas em suas peças, para produzir um efeito comovente, pouco antes da catástrofe (em sentido técnico, catástrofe é o ponto da tragédia em que ocorre a reviravolta, para pior, na sorte do protagonista). Maurice Croiset, na *Histoire de la Littérature Grecque* (volume III, página 274), diz a propósito: "trata-se de exprimir um sentimento efêmero de júbilo, devido geralmente a uma ilusão e, para traduzir essa alegria súbita, sua poesia assume uma leveza de ímpeto que atrai naturalmente à dança." Compare-se, do mesmo Sófocles, *Antígona*, versos 1115-1134 e *Traquínias*, versos 205-224.

58 *Olimpo*: montanha elevada da Grécia central, morada dos deuses. Sôbre o Citeron, ver a nota 36.

59 *Donzelas de anos incontáveis*: as ninfas, divindades das florestas, habitantes do Citeron.

60 *Pã*: divindade das florestas, companheiro das Ninfas.

61 *Hermes*: deus que também amava a vida em contato com a natureza e procurava a companhia das Ninfas, para repousar de suas atividades específicas de mensageiro de Zeus. Cileno: montanha dedicada a Hermes.

62 *Helicon*: montanha na Beócia, na fronteira da Fócida, consagrada às Musas.

63 *Outono*: literalmente "Arcturo", estrêla principal da constelação do Boieiro, que marcava a volta do outono.

64 *A virgem misteriosa*: a Esfinge.

65 Édipo, ao vencer a Esfinge, restituíra a tranqüilidade aos tebanos, permitindo-lhes cerrarem os olhos para dormir.

66 *Íster e Fásis*: Íster era a antiga denominação do Danúbio; o Fásis (atualmente Faoz, na Armênia), desembocava, como o Íster, no mar Negro e era considerado o maior rio da Ásia.

67 Compare-se com o trecho em que Édipo alude à cegueira de Tirésias, falando também em noite.

68 *Filho de Meneceu*: Creon.

69 Os espectadores atenienses sabiam que, ao contrário do que pedira Édipo, Creon mandaria matar Antígona mais tarde, pelo fato de ela querer prestar as honras fúnebres a um de seus irmãos. O conhecimento dessa circunstância devia tornar ainda maior a desgraça de Édipo aos olhos do público ateniense. Os acontecimentos que envolveram a sorte de Antígona constituem o assunto da tragédia de Sófocles com o mesmo nome.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 115
62

Esta obra foi executada nas oficinas
da Companhia Gráfica LUX, rua Frei
Caneca, 224 — Rio de Janeiro, para
Editôra Civilização Brasileira S. A.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 116

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.117

66

Senhor [illegible] de Censura

Em [illegible] abaixo indicada, com o voto do Censor Sylos (04/12/67), que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: Edipo Rei

AUTOR: Sófocles

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 14 (catorze) anos

OBS:

Em 26 04 68

Chefe [illegible]

VISTO :

Encamin[illegible] processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, [illegible]nal.

Em

Chefe d[illegible]

DESPACHO

Expedir [illegible] de Censura de acôrdo com voto do Censor

Em 30/4/68

CHEFE [illegible]

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P 118

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 222/68

PEÇA -/ EDIPO-REI /-

ORIGINAL DE SÓFOCLES

PROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 26 de ABRIL de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 26 de ABRIL de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

APCA/

M.J.-

CERTIFICADO

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -08-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ ÉDIPO-REI /-

Original de SÓFOCLES

Tradução de MÁRIO DA GAMA CURY

Adaptação de

Produção de - (ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE)-

Tendo sido censurada em 25 de A B R I L de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 26 de A B R I L de 19 68

- CARLOS LÚCIO MENEZES -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.119

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 120

fundação cultural do distrito federal

Of.nº 718 /DE-FCDF-67 Em 30 de novembro, 1967

69

Do Diretor Executivo da Fundação Cultural

Ao Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Solicita autorização para exibição de peças.

Senhor Chefe:

Solicitamos a V.Sª seja fornecida autorização para a exibição da peça teatral ÉDIPO-REI, a ser encenada no Teatro Martins Pena a partir do dia 5 a 9 do corrente, em princípio às 21 horas diàriamente.

Para a devida orientação do SCDP, anexamos ao presente textos traduzidos da referida peça.

Agradecemos as providências de V.Sª e apresentamos as nossas cordiais

saudações

P/ CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

Ilmo. Sr.
Dr. A. Romero Lago
Nesta

2394

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 6861
Em 1º / 12 / 1967
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em ____ de _____ de 19____

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

(3)

70

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 121

Paulo P. de Abriada

Direitos de Representação Autorização Nº 139769

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Édipo - Rei

Original de SÓFOCLES

Música de

Tradução de GETR CAMPOS

No Teatro martins Pena Cidade P. Piloto

Emprêsa — Pela Cia. Paulo Autran Flmo R.

nos dias 5-6 7 8 9 e 10/12/67

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 18 Cadeiras por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 29 de novembro de 1967

Claudina
(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.122

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 123

fundação cultural do distrito federal

Of.nº 78 /DE-FCDF-67

30 de novembro, 1967

Diretor Executivo da Fundação Cultural

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Solicita autorização para exibição de peças.

Senhor Chefe:

Solicitamos a V.Sª seja fornecida autorização para a exibição da peça teatral ÉDIPO-REI, a ser encenada no Teatro Martins Pena a partir do dia 5 a 9 do corrente, em princípio às 21 horas diàriamente.

Para a devida orientação do SCDP , anexamos ao presente textos traduzidos da referida peça.

Agradecemos as providências de V.Sª e apresentamos as nossas cordiais

saudações

P/ CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

Ilmo. Sr.
Dr. A. Romero Lago
Nesta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 125

fundação cultural do distrito federal

72

Of.nº 718 /DE-FCDF-67 30 de novembro, 1967

Diretor Executivo da Fundação Cultural

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

: Solicita autorização para exibição de peças.

Senhor Chefe:

Solicitamos a V.Sª seja fornecida autorização para a exibição da peça teatral ÉDIPO-REI, a ser encenada no Teatro Martins Pena a partir do dia 5 a 9 do corrente, em princípio às 21 horas diàriamente.

Para a devida orientação do SCDP , anexamos ao presente textos traduzidos da referida peça.

Agradecemos as providências de V.Sª e apresentamos as nossas cordiais

saudações

P/ CARLOS AUGUSTO DE OLIVEIRA DE ALBUQUERQUE
Diretor Executivo

Ilmo. Sr.
Dr. A. Romero Lago
Nesta

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 125 (1)

73

SÓFOCLES

O REI ÉDIPO

Tradução

GEIMR CAMPOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.126

À TCT.C.

Para as providências cabíveis.

Em 29/11/67

Chefe Seção Cens. - SCP

Sr. Chefe da Seção de Censura:

Devolvemos a V. Sa os 3 (três) Scripts da peça " O Rei Edipo", informando que os mesmos não podem ser providenciados, em virtude de encontrar-se sem requerimento e registro de protocolo.

Em 29-11-67.
Maria Reinalda Weitzel
Chefe da TCTC.

A TCTC.

Vide despacho em folha anexa.

Em 30/11/67

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 127

(2)

Brasília, 30/11/67.

Sra. Encarregada da TCTC

74

Depreende-se de seu despacho acima que são desconhecidos os motivos pelos quais esta Chefia, cumprindo determinações do Exmo. Sr. Diretor da PFS aceitou a título precário, a documentação da peça "EDIPO / REI". Aclaremos agora o seguinte:

a) Não foi protocolada sua entrada nêste SCDP pois, nas duas tentativas que se fêz nêste sentido, o protocolo não pôde atender à parte. Da primeira feita, não havia ninguém no referido protocolo para prestar à parte os esclarecimentos que lhe são devidos. A servidora ali lotada fôra à Secretaria solicitar um substituto enquanto perdurasse sua ausência da Repartição. Da segunda vêz, eu mesma, fugindo às minhas obrigações de Chefe da Seção de Censura, fui ao protocolo solicitar para o interessado os esclarecimentos que se faziam necessários. Dada porém, a situação aflitiva em que encontrei a servidora, que já retornara a seu pôsto, / achei mais conveniente deixar o registro do protocolo para ser feito hoje, dia 30 de novembro. Não podendo, é óbvio, o interessado ficar à disposição dêste SCDP indefinidamente, aceitei o encargo de encaminhar à TCTC a documentação, a fim de facilitar e preservar êste Serviço. Cumpre ressaltar que sendo como é, do interêsse do Exmo. Sr. Diretor da PFS que disponha a Censura do maior tempo possível para o exame acurado de peças teatrais, mormente às que tiverem sido liberadas pelo Rio e S.Paulo, como é o caso desta peça. Conforme acredito seja do conhecimento dessa Encarregada, é o "EDIPO REI" de cunho altamente filosófico, e portanto polêmico. Assim sendo cumpre à TCTC emprestar à mesma a impor-/ tância que lhe é devida, sendo interêsse nosso sua permanência para exame nêste Serviço o maior tempo possível, a fim de serem evitados possíveis atritos com a Companhia que encenará a obra de Sófocles.

Dentro da configuração real do assunto, determino / à Sra. Encarregada da TCTC o seguinte:

- Aguardar ou providenciar, a seu critério, junto à parte o devido requerimento de censura da peça em questão.

- Providenciar, junto ao Protocolo dêste Serviço o devido registro de entrada da documentação da peça "EDIPO REI", ou, se preferir, orientar a parte de como deverá agir para regularizar sua situação.

JACIRA G.F.OLIVEIRA -CHEFE DA SEÇÃO CENSURA-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 128

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA, D. F.

75
9

..... Em 5 de dezembro de 1967

Do censor ANTONIO FERNANDO DE SYLOS

Ao Chefe do SCDP

Assunto PARECER (oferece)

Fomos designados pela chefia da TCTC para examinar a peça "EDIPO REI" que a equipe sob direção de Flávio Rangel, tendo à frente do elenco o ator Paulo Autran, leva agora nesta Capital, após uma temporada em outras capitais.

Creio não haver motivo para nos alongarmos neste parecer, mesmo porque os "big shots" do teatro clássico já dissecaram não só sob o aspecto artistico como mesmo psicanalítico o personagem que dá seu nome a esta peça de Sófocles.

E necessário que se acentue, contudo, que já tivemos a chance de assistir à peça em questão, quando da temporada do elenco em São Paulo, ocasião em que pudemos inclusive participar de um debate entre os artistas, críticos, médicos psicanalistas e o próprio público (em cuja condição estávamos).

A peça tem sido encenada em todo o País apenas para maiores de 14 (catorze) anos. Uma platéia preparada antecipadamente, tendo idade entre 10 (dez) e 14 (catorze) anos, poderá assistir à representação de "Edipo Rei", mediante pedido de autorização especial da Censura Federal, já que experiências anteriores comprovam a positividade de tal procedimento. Nas representações normais, a peça deverá ser evitada para menores de 14 anos de idade.

BRASÍLIA, 4 de dezembro de 1967

ANTONIO FERNANDO DE SYLOS
Censor nivel 18-B 2095778

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048. P 129

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL
D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO EM ORDEM CRONOLÓGICA

70

SUBDELEGADO REGIONAL DO DPF/RIO DE JANEIRO
RUA SENADOR NABUCO 29 - CENTRO - NITEROI

68 18 3 68

SOLICITO INFORMAR URGENTE SCDP BRASÍLIA VG INCIDENTE PEÇA " EDIPO REI " AUTORIA SÓFOCLES PT REFERIDA OBRA POSSUI CERTIFICADO CENSURA FEDERAL VÁLIDO ATEH CINCO DEZEMBRO 1968 PT SDS MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 130

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

77

N.º DE REGISTRO 2394/67

TÍTULO [redacted] DA PEÇA: - É D I P O - R E I -

TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS

[redacted] AUTOR: S Ó F O C L E S

Aprovado pelo S. C. D. P. (§ 1.º do art.º 7.º do Decreto 20.493, de 24/1/46, Decreto 1.134, de 4-6-62)

IMPRÓPRIO ATÉ 14 ANOS

Válido até 05 de DEZEMBRO de 19 68

Brasília, 05 de dezembro de 19 67

Chefe do S. C. D. P.
A. ROMERO LAGO

Certificado de Censura Cinematográfica

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 131

CERTIFICADO N.º 2394/67

Certifico que, revendo os livros de registro de PEÇAS TEATRAIS encontrei sob o n.º 2394/67, livro XXXXX, o registro d[illegible] PEÇA denominad[illegible] - É D I P O - R E I -

ORIGINAL DE: SÓFOCLES
TRADUÇÃO DE: GEIR CAMPOS

com XXXXX 01 cópias, censurad[illegible] em 05 de DEZEMBRO de 19 67.

O Serviço de Censura de Diversões Públicas resolveu que [illegible] referid[illegible] PEÇA de acôrdo com o [illegible] ÍTEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA Nº 11/67, FÔSSE LIBERADA A SUA REPRESENTAÇÃO PARA TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, COM A IMPROPRIEDADE PARA MENORES ATÉ 14 ANOS.

Brasília, 05 de DEZEMBRO de 19 67

[illegible]
Chefe da TCTC

Departamento de Imprensa Nacional — 21.935

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 132

79

Ilmo. Sr. Chefe da Polícia Federal,

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 753
Em 06/06/1968
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 27 de Julho de 1968.

SÉRGIO LUIZ BAMBACE, brasileiro, solteiro, professor, com enderêço em São Paulo, à rua Coimbra, nº 542, na qualidade de diretor do Colégio Comercial "Santos Dumont", sediado à rua Coimbra, nº 542 - Brás - Belém, nesta capital do Estado de São Paulo, pretendendo levar à cena, com o Grupo de Teatro Amador do estabelecimento de ensino que dirige, a clássica peça "ÉDIPO REI", de autoria de Sófocles, com tradução de J.B.Mello e Souza, vem requerer a V.Sa. seja a mesma censurada pelo DPF, com a consequente expedição do respectivo Certificado de Censura, liberatório da citada peça.

Para tanto, anexa ao presente ofício quatro cópias do texto a ser examinado, e esclarece que o mesmo já foi liberado pelo DDP, em 25 de setembro de 1.957, e pelo DPF do Paraná, em 16.de maio de 1.967. As apresentaçoes já feitas, por companhias teatrais, em São Paulo, foram autorizadas com visto do DPF de São Paulo, no certificado do Paraná, não constando, portanto, registro algum de liberação nesta capital.

Assim, aguardando atendimento, com expedição do Certificado de Censura liberatório da peça "EDIPO REI", de Sófocles, para o Estado de São Paulo,

P. Deferimento.

São Paulo, 27 de maio de 1.968.

CARTÓRIO 2.º OFICIO
PEDRO T. SANT'ANNA
Tabelião e Escrivão
Rua Vasconcelos Tavares N.º 48 - SANTOS
Reconheço verdadeira a firma Sérgio Luiz Bambace
e dos 16,
Santos 27 de maio de 1968
Em testemunho
de verdade

Sérgio Luiz Bambace

Sêlo Estadual

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.133



O TEATRO AMADOR
DO COLÉGIO COMERCIAL
"SANTOS DUMONT"

Apresenta

ÉDIPO REI

de

SÓFOCLES

TRADUÇÃO
DE
J. B. MELLO E SOUZA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p.134

Algumas Considerações

Depois da apresentação da peça "Nossa Cidade" de Thorton Wilder, que deu ao nosso grupo diversas alegrias, inclusive a sua classificação de melhor espetáculo no Festival de Teatro, promovido pelo Colégio Estadual Senador Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, sentimo-nos na obrigação de continuar levando um teatro sério, que possibilite a elevação do nível cultural dos nossos alunos.

Assim, o antigo dilema: levar à cena uma peça leve sem grandes objetivos (a não ser o divertimento puro e simples) ou, então, uma peça nos moldes de "Nossa Cidade" com fins didáticos também, foi resolvido de forma satisfatória a nosso ver.

Optamos pela segunda fórmula e daí partimos para a montagem de "Édipo Rei", cientes da árdua tarefa que nos esperava e também da coragem que deveríamos ter, pois, a montagem de uma tragédia grega por um grupo de amadores é realmente uma temeridade.

Entretanto, o trabalho foi feito de uma forma honesta, possibilitando aos alunos momentos de pesquisa e mobilizando tôda uma equipe de pessoas que antes da apresentação de "Nossa Cidade" muito pouco conheciam sôbre teatro.

O espetáculo de hoje representa um esfôrço daquêles que trabalham, estudam e ainda encontram tempo para dedicar-se ao teatro, pois compreendem que êste como veículo cultural é fator importantíssimo no desenvolvimento de um povo.

Sergio Luiz Bambace

Direção	- Prof. Sergio Luiz Bambace
Assistente da direção	- João Lenate Filho
Iluminação	- Roger Moraes Salateo
Sonoplastia	- Claudio Gozzo
Figurinos	- Linda Ellen
Cenário	- Carlos Alves de Mello
Música	- Prof. Sergio Luiz Bambace
	Prof. Osmar Correa
Maquiagem	- Janete da Costa

Personagens por ordem de entrada

Côro	- Antonio Poltroniere Junior
	Gilberto Lopes de Almeida
	Norberto Jesus Carvalho
	Bernardino Augusto dos Santos
Corifeu	- Ernani José L. Guimarães
Édipo	- Nelson Antonio dos Santos
Creonte	- João Lenate Filho
Tirésias	- Wanderley Silva Trentim
Menino	- Gerson de Souza
Guardas	- Paschoal Fernandes Romão Neto
	Maurio Alves França
Jocasta	- Denise Canale Almeida
Aia	- Rosa Miguel
Mensageiro	- Fernando Sanchez Rosas
Servo	- Nelson José dos Santos Solha
Antigone	- Sonia Dinelli
Ismênia	- Doris Souza

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 135

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Sr. Chefe do SCDP:

Encaminhamento:

Peça: ÉDIPO REI, de Sófocles
Tradução de J. B. Mello e Souza

No dia 04.dez.67 o Censor SYLLOS examinou e exarou parecer liberatório, com a classificação etária de 14 (CATORZE) ANOS, para a peça em foco, Trad. Mário G. Kury.

No dia 19.abr.68 o SDR/RN encaminhou solicitação de uma emprêsa teatral daquela regional, no sentido de serem fornecidos Certificados de Censura para a sua apresentação em Natal. Foi, então, baseado no parecer emistente em nosso Arquivo, deferida a petição.

No presente caso, o tradutor é outro, entretanto, da vista que foi feita no texto, as modificações vernáculas não deturpam o ~~sentido do~~ sentido original, pelo que sugiro a manutenção do critério já adotado.

S.M.J.

Brasília-DF. 07.junho.1968

Carlos Lúcio Menezes - Censor Federal
TCTC - SCDP - DF

De acordo
Aprovo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, p 136

82

D.R. São Paulo 25.junho.1968

Encareço solicitar sr. Sérgio Luiz Bambace, rua Coimbra, 542, Brás, direitos autorais peça ÉDIPO REI, traduzida por J.B.Mello e Souza.

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.892, de 4 de agôsto — de 1920. —

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, — de Paris. —

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 137

Direitos de Representação — Autorização Nº 139612

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: EDIPO REI

Original de Sófocles

Música de —

Tradução de Mello e Souza

No Teatro Para EFEITO CENSURA Cidade —

Emprêsa — Pela Cia. —

nos dias —

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % — da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 27 de Setembro de 1958

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 138.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se cobre entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo os que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00[illegible] 139

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

Certificado Nº 340/68

PEÇA Édipo Rei /-

ORIGINAL DE Sófocles - Trad. J. B. Mello e Souza /-

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

VÁLIDO ATÉ 14 de junho de 1969

Brasília, 14 de junho de 1968

Chefe do S. C. D. P. Aloysio Muhlethaler de Souza

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C[illegible] P.

Certifico, constar do livro nº [illegible], fôlha nº 12, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada Édipo Rei /-

Original de Sófocles /-

Tradução de J.B.Mello e Souza /-

Adaptação de -/-

Produção de Sérgio Luiz Bambace /-

Tendo sido censurada em 07 de junho de 1968 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS /-

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 14 de junho de 1968

Carlos Lúcio Menezes
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 140

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 85 144

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL

D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA CONTRÔLE DE SERVIÇO

GEN SILVIO CORREA DE ANDRADE
DELEGADO REGIONAL DPF/SP
RUA PIAUI 527 - SÃO PAULO

253 27-6-68

ENCAREÇO SOLICITAR SENHOR SÉRGIO LUIZ BAMBACE VG RUA COIMBRA 542 BRÁS VG DIREITOS AUTORAIS DA PEÇA "ÉDIPO REI" VG TRADUZIDA POR J B MELLO ET SOUZA PT SDS ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA - CHEFE SCDP

162

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 142

ARTISTAS UNIDOS
TEATRO DE AMADORES UNIDOS
Presidente — JESIEL MACIEL FIGUEIRÊDO
Rua Princesa Isabel, [redacted] Cidade Alta
NATAL — RN

8/6

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
958/70
S.C.D.P
15/6/70

EXMO SR
CHEFE DO SCDP
BRASILIA

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO, presidente do TEATRO DE AMADORES UNIDOS, está enviando a este Serviço de Censura Federal, as peças : EDIPO REI - de Sófocles
CALIGULA, de Albert Camus
e O GATO DE BOTAS, adaptação da estaória infantil por Geysa Boscoli;

AMBAS JÁ LIBERADAS pela Censura Federal e ENCENADAS pelo nosso conjunto teatral DENTRO DO PRAZO estipulado no Certificado.

Estamos enviando agora as mesmas peças, ACOMPANHADAS do Certificado, para revisão de Censura, já que o Certificado é válido agora por CINCO ANOS e precisamos uma vez ou outra fazer reprises de espetáculos já encenados.

Sinceramente gratos pela atenção e compreenção para com o nosso movimento artístico, pomo-nos ao inteiro dispor deste Serviço de Censura, para os esclarecientos que se julgarem necessários.

Nestes têrmos.
P. deferimento.

Jesiel Maciel Figueirêdo

JESIEL MACIEL DE FIGUEIRÊDO / PRESIDENTE
NATAL, 18 de maio de 1970

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Serv. de Censura de Diversões Públicas - D. P. F.

CENSURA FEDERAL
TEATRO

87

Certificado Nº 222/68

PEÇA -/ ÉDIPO-REI /-

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 26 de ABRIL de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Brasília, 26 de ABRIL de 19 68

MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO
Chefe do S. C. D. P.

APCA/

M.J. – D.P.[illegible]

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº -01- fôlha nº -08-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ ÉDIPO-REI /-

Original de SÓFOCLES

Tradução de MÁRIO DA GAMA CURY

Adaptação de

Produção de - (ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE)-

Tendo sido censurada em 25 de A B R I L de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 26 de A B R I L de 19 68

- CARLOS LÚCIO MENEZES -
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.144

DPF SAx 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 145

88

SR. CHEFE DO SEÇÃO DE CENSURA:

TRATA O PRESENTE PEDIDO, DE OBTENÇÃO DE CERTIFICADO COM VALIDADE PARA CINCO ANOS, DA PEÇA "ÉDIPO-REI", DE SÓFOCLES.

O INTERESSADO ENVIOU, ACOMPANHANDO O SEU PEDIDO, O / ORIGINAL DO CERTIFICADO E O SCRIPT AUTENTICADO REFERENTES À LIBERAÇÃO ANTERIOR, EM NOME DO MESMO GRUPO DE TEATRO.

UMA VIA DO MESMO SCRIPT E CÓPIA DO CERTIFICADO ENCONTRAM-SE EM NOSSOS ARQUIVOS, PELO QUE PROPOMOS DEFERIMENTO AO REQUERIDO, EXPEDINDO-SE CERTIFICADO COM A MESMA IMPROPRIEDADE ANTERIOR E COM VALIDADE PARA CINCO ANOS, QUE DEVERÁ SER ACOMPANHADO DO SCRIPT ENVIADO PELO INTERESSADO, ANTERIORMENTE LIBERADO.

DF, 22 DE JUNHO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 146

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

89

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " EDIPO REI "

b) Título original:

c) Autor: " SOFOCLES ".

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: 14 anos (condicionada à censura no ensaio geral)

II) Análise

a) Gênero: Drama - histórico.

b) Argumento: Grandes desgraças caem sôbre o povo subdito do Rei Edipo. O rei procura a causa desta desgraça, consultando os oráculos. êstes dizem que o causador de tudo é o assassino do rei Laios, anterior a Edipo. Na procura do assassino, Edipo vê que êle próprio é filho de Laios a quem assassinou e que é espôso de Jocasta sua própria mãe. Èdipo cai ho desespêro. Jacosta , cúmplice de Laiss , desespera se e enforca-se. Edipo é banido do Reino .

c) 1 - Mensagem: O mal e a injustiça são causa de males e são sempre castigados pela justiça.

2 - Impressão final: Impressão boa , pous vê a justiça vencer o mal.

d) Diálogos: òtimos , visto que trazem à tona costumes e crenças dos povos antigos , bem como seu senso de justiça.

e) Cenas:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.147

f) Personagens: Edipo , Creonte , Jocasta , Tir esias.

g) Valor educativo: Bom . Tanto no ponto de vista da informação sôbre estilos de vida e mentalidades de outros povos , como sob o ponto de vista da valor da justiça wque faz ressaltar.

III) Conclusão

Em vista dos diálogos exigirem certa cultura da mitologia e da história Grega e Romana, a peça poderá ser liberada para 14 anos, sujeita a ser analisada no ensaio geral , visto poder aparecerem cenas que são apenas narradas, como cenas de palco.

Brasília, 20 de julho de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº

VASCO PEDRO MORETTO

liberado 21/7/70

AO SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA CREDENCIADO : VASCO PEDRO MORETTO, QUE A EXAMINOU:

TITULO: EDIPO REI
AUTOR: SÓFOCLES
RESTRIÇÃO: 14 ANOS

EM 20-7-70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

de acôrdo
Israel
20.7.70

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 148

90

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2706/70

PEÇA ///EDIPO REI///

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 20 de JULHO de 1970

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 20 de JULHO de 1970

IMPRÓPRIO
ATÉ 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 85, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada /// EDIPO REI ///

Original de SÓFOCLES

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Tendo sido censurada em 20 de JULHO de 1970 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA ATÉ 14 (QUATORZE) ANOS

OBS.: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P. –

Brasília, 20 de JULHO de 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 149

DPF. SAv. 7034-PFS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 150

ILMO. SR. DIRETOR DA CENSURA FEDERAL EM BRASILIA DF

91

Irapuã Leal de Souza, funcionário público Federal de carteira nº III-106 da Fundação I.B.G.E., brasileiro, residente em Brasilia- Distrito Federal, desejando que se faça a Censura da da Peça EDIPO REI de Sófocles, a ser apresentada no mês de agosto próximo na cidade de São Luis- Maranhão.

Vem mui respeitosamente requerer a Vossa Senhoria a devida censura.

M. J. D. P. F.
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Protocolo N.º 07310
Em 10/06/1970
Protocolista

N. Têrmos
P. Deferimento

Brasilia(DF), 10 de Junho de 1970

Irapuã Leal de Souza

RECEBI O PROGRAMA ANEXO
Em 23 de julho de 1970
Irapuã Leal de Souza

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920.

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, de Paris.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 151

92

Direitos de Representação Autorização Nº 139840

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: Edipo Rei

Original de Sófocles

Música de —

Tradução de —

No Teatro — Cidade —

Emprêsa — Pela Cia. —

nos dias Para ser Censurada

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de X % da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ — por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Brasília, 09 de Junho de 1970

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de sêlo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 152

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama ,comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes do sautores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, runiões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 153

FETAC — **Federação de Teatro Amador do Centro do Estado**

FETAC-115/70
JCRA/CLB.

95

São Carlos, (SP), 11 DE JULHO DE 1970

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
1270/70
S.C.D.P
30/7/70

PREZADOS SENHORES:

A FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DO CENTRO DO ESTADO DE SÃO PAULO - FETAC, VEM À PRESENÇA DE V.SAS., ENCAMINHAR O TEXTO EM TRÊS VIAS, A SER MONTADO PELO GRUPO FILIADO À ESTA FEDERAÇÃO, A FIM DE QUE SEJA EXPEDIDO O DEVIDO CERTIFICADO DE CENSURA, CONFORME SEGUE:

PEÇA	O REI ÉDIPO
AUTOR	SÓFOCLES
TRADUÇÃO	JAIME BRUNA
AUTORIZAÇÃO SBAT	Nº 12.314
GRUPO	GRUPO ESTUDANTIL "PAUS DE ARARA"

ESPERANDO PODER CONTAR COM A VALIOSA ATENÇÃO E COLABORAÇÃO DE V.SAS., DÊSDE JÁ AGRADECEMOS, E APRESENTAMOS AS NOSSAS,

CORDIAIS SAUDAÇÕES

JULIO CESAR RAMALHO DE ALMEIDA
PRESIDENTE

Ao
SERVIÇO DE CENSURA FEDERAL
BRASÍLIA - DF

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0048, p. 154

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - SP Nº 12314

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: O Rei Edipo

Original de Sófocles

Música de .....

Tradução de Jaime Bruna

No Teatro Municipal Cidade S. Paulo

Emprêsa Paul. de Arara Pela Cia. .....

nos dias Para Censura da Peça

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ~~.....%~~ da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Paulo 2 de Julho de 1970

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL SÃO PAULO

Visto .....
(pela SBAT)

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, v. 155

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 156

97

O REI ÉDIPO - Sófocles

TRADUÇÃO : JAIME BRUNA - (EDITORA CULTRIX)

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
2 JUL 1970
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:
AUTORIZAÇÃO S. B. A. T. Nº 12314

PERSONAGENS

Édipo, Rei de Tebas
Jocasta, rainha
Creonte, irmão de Jocasta
Tirésias, adivinho cego
Sacerdote
Mensageiro
Zagal
Figurantes mudos: Adolescentes suplicantes, escravos, uma serva, um menino guia de Tirésias
Côro: velhos de alta linhagem
Cenário: Ao longe, a montanha de Citerão; mais próxima, parte da cidade, com suas muralhas e fortaleza. No palco, à D., o palácio de Édipo, abrindo para uma praça; no fundo, pequeno templo de Apolo, em cujo altar fumega incenso numa caçoula.

PRÓLOGO

(Nos degraus do altar está distribuído um bando de suplicantes, ajoelhados, empunhando ramos de oliveira ornados de flâmulas coloridas; sôbre a cabeça, coroas também enfeitadas de flâmulas pendentes. São adolescentes, salvo três anciãos sacerdotes, um dos quais está de pé com os braços estendidos na direção do altar, palmas voltadas para cima. O bando geme e soluça, num rumor abafado; ouvem-se flautas, numa melodia plangente, ritmada por tímpanos).

Édipo (entra da D. e detém-se por instantes a contemplar a cena). Meus filhos, descendência nova de Cadmo antigo, que motivo vos reúne aqui ajoelhados, com êsses ramos de suplicantes coroados de fitas, enquanto fumo de incenso, cantos rogatórios e gemidos se espalham por tôda a cidade? Não o quis saber por intermédio de terceiros, meus filhos; houve por bem vir ouví-lo pessoalmente eu, aquêle a quem todos chamam Édipo, o Ilustre. Tu, ancião, és naturalmente indicado para falar por todos. Vamos; que vos traz aqui? Um temor? Um pedido? Dize; eu de bom grado vos daria tôda ajuda; para não me comover com essa postura suplicante, teria de ser insensível.

Sacerdote. Pois bem, Édipo, detentor do poder em meu país; vês a idade dos que viemos ajoelhar-nos ao pé de teus altares; uns ainda sem fôrças para longas revoadas, outros a arrastar o pêso dos anos; sacerdotes, como eu sou de Zeus, e jovens de escol, como êsses outros. O restante do povo se espalha nas praças, de joelhos e ornado de flâmulas, diante dos templos gêmeos de Palas e junto às cinzas proféticas de Ismeno. Porque a cidade, como tu mesmo vês, sacudida numa tormenta já longa, já não tem fôrças para, das profundezas das ondas assassinas, erguer a cabeça para a tona; vai-se extinguindo na frutificação das flôres de seu solo, nos rebanhos de seus prados e nos partos malogrados das mulheres. A sanha da peste, êsse nume que investiu contra a cidade com sua febre, vem despovoando a mansão de Cadmo e enriquecendo de ais e gemidos as trevas infernais. Se eu e êstes jovens nos ajoelhamos diante de teu lar, não é por te igualarmos aos deuses, mas por te considerarmos o primeiro dos homens, tanto nas vicissitu-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.157

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

98

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O REI ÉDIPO

b) Título original:

c) Autor: SÓFOCLES

d) Tradutor: Jaime Bruna

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: Grupo Estudantil "Paus de Arara"

h) Classificação da Censura: DEZESSEIS ANOS.

II) Análise

a) Gênero; Tragédia.

b) Argumento: Trata-se da famosa tragédia do teatro helênico.
Buscando encontrar o assassino de Laio, seu antecessor no trono de Tebas, Édipo verá que o terrível destino imposto a sua pessoa pelos deuses se materializará: matará seu pai e casar-se-á com sua mãe, de acôrdo com a predição obtida através da consulta a um oráculo.

c) 1 - Mensagem: O homem perseguido pelo arbítrio dos deuses.

2 - Impressão final: Um sentimento altamente confessado da dignidade humana.

d) Diálogos: Dentro de uma linguagem própria para representação de tragédia grega.

e) Cenas: Só à vista do espetáculo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 158

f) Personagens: Torturados e coléricos; graves mas piedosos; dissimulados.

g) Valor educativo: Considerável. Extrìnsecamente, a tragédia permite exame da mentalidade do povo helênico; intrìnsecamente, possui fecundo sentido moral e psicológico.

III) Conclusão: Pelos elementos aqui expostos e por considerar esta peça, tanto pelo contexto da obra quanto pela análise de suas conotações psicológicas, por sua intensidade dramática e pelo esfôrço de sua solução, viável para um público mais amadurecido, proponho sua liberação para classificação etária de 16 anos.

Brasília, 21 de agôsto de 1970.

Técnico de Censura - Cart. nº 488.

DALMO PAIXÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.159

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

89

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: O REI ÉDIPO

b) Título original:

c) Autor: SÓFOCLES

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia: GRUPO ESTUDANTIL PAUS DE ARARA

h) Classificação da Censura: 16 ANOS

II) Análise

a) Gênero: TRAGÉDIA

b) Argumento: TRATA-SE DA CONHECIDA ESTÓRIA DE ÉDIPO QUE PARA FUGIR AO VATICINADO PELOS DEUSES REFUGIA-SE EM OUTRA CIDADE, XX ONDE, DESGRAÇADAMENTE CUMPRE-SE TODO O PREVISTO: ASSASSINA SEU PAI E CASA-SE COM A MÃE, DANDO-LHE FILHOS. SUA MÃE E ESPÔSA SUICIDA-SE E ÊLE VASA OS OLHOS PARA NÃO VER AS DESGRAÇAS QUE O RODEIAM.

c) 1 - Mensagem: DESTINAVA-SE AO POVO DA ÉPOCA, NO SENTIDO DE QUE SEMPRE ACREDITASSEM NA PREVISÃO DOS DEUSES.

2 - Impressão final: BOA

d) Diálogos: PRÓPRIOS E CONCORDANTES COM O ESPÍRITO DA ESTÓRIA

e) Cenas: A CRITÉRIO DO CENSOR DO ENSAIO GERAL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.160

f) Personagens: ATUAÇÃO CONDIZENTE COM SEUS PAPÉIS

g) Valor educativo: POSITIVO. ALÉM DO SENTIDO MORAL QUE ENCERRA, PROPORCIONA AO PÚBLICO O CONHECIMENTO DA FAMOSA OBRA DE SÓFOCLES

III) Conclusão PELO EXPOSTO, E TENDO EM VISTA O IMPACTO QUE PODERIA CAUSAR EM MENTALIDADES MENOS AMADURECIDAS, SUGIRO SUA LIBERAÇÃO PARA MAIORES DE 16 ANOS.

Brasília, 4 de SETEMBRO de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 379

LUZIA M. B. DE PAULA

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA DALMO PAIXÃO E LUZIA MARIA BARCELLOS DE PAULA, QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO- O REI ÉDIPO
AUTOR - SÓFOCLES
RESTR.-16-DEZESSEIS- ANOS***AMBOS OS CENSORES

EM 04 DE SETEMBRO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

Libere-se
fazendo
Respondendo
8
7
10

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.161

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º 603
Data 10/9/70

Do CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Para SR. CHEFE DA TCDP/DR/SP

Assunto: PROVIDÊNCIAS -SOLICITA-

SR. CHEFE,

SOLICITO SUAS PROVIDÊNCIAS NO SENTIDO DE QUE SEJA ASSISTIDO O ENSAIO GERAL DA PEÇA TEATRAL ABAIXO INDICADA, PODENDO SER ENTREGUE TÔDA A DOCUMENTAÇÃO / AO INTERESSADO, CASO A CLASSIFICAÇÃO ESTABELECIDA POR ÊSTE SERVIÇO ESTEJA DE ACÔRDO COM O OBSERVADO NO ENSAIO GERAL, DEVENDO, POSTERIORMENTE, SER REMETIDO O RESPECTIVO RELATÓRIO.

PEÇA- O REI ÉDIPO
AUTOR- SÓFOCLES
INTER- FED. DE TEATRO AMADOR DO CENTRO DO EST
ENDER- SÃO CARLOS/SP

ATENCIOSAMENTE,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.162

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2923/70

PEÇA "O REI ÉDIPO"

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de SETEMBRO de 19 75

Brasília, 08 de SETEMBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P.

PROF. WILSON A. DE AGUIAR

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 163

M. J. – D. P. F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 92, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " O REI ÉDIPO "

Original de SÓFOLCLES

Tradução de JAIME BRUNA

Adaptação de

Produção de FED. DE TEATRO AMADOR DE CENTRO DO ESTADO - SÃO CARLOS/SP.

Tendo sido censurada em 04 de SETEMBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS -CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO S ÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 08 de SETEMBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 164

I

103

art
universidade
federal da bahia
escola de musica
e artes cênicas

Salvador-Bahia, 5 de setembro de 1970

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 162

101

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 2923/70

PEÇA "O REI ÉDIPO"

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 08 de SETEMBRO de 19 75

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 08 de SETEMBRO de 19 70

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

PROIBIDO
PARA MENORES DE
16 ANOS

Coordenador da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia

Ilmo. Sr.
Chefe da S.C.D.F./DPF
Edifício BNDE
Brasília - DF.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
NINO CAVALCANTI
REPRESENTANTE GERAL
(ESTADO DA BAHIA)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 165
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
104

(ÉDIPO ENTRA NO PALÁCIO)

3ª CENA

O CÔRO

Quem será o infeliz a quem o rochedo fatídico de Delfos designa como autor dos mais monstruosos crimes? Eis o momento em que êle deveria fugir, mais veloz que os rápidos cavalos, e mais impetuoso que a tempestade! Porque, armado com os raios fulminantes, Apolo, filho de Júpter, já se atira contra êle, perseguido pelas inexoráveis Fúrias.

* * *

Do nevoento Parnasso acaba de chegar até nós um brado horrível: que todos persigam, pelo rasto que deixa, êsse criminoso desconhecido; êle vagueia pelas florestas, esconde-se nas cabernas, ou galga as montanhas como um touro acuado. Infeliz, sua corrida insana isola-o cada vez mais dos homens; em vão procura fugir aos oráculos que nos vêm, do centro do mundo, e que, eternamente vivos, esvoaçam em torno dêle... (13)

* * *

Terríveis, — sim! — terríveis são as dúvidas que me causam as palavras do hábil advinho. Não sei se êle está ou não, com a verdade; não atino o que deva pensar a respeito... Meu espírito vacila, incerto, sem compreender o passado, nem o presente. Que conflito pode haver entre os filhos de Lábdaco e os do Políbio? Nem outrora, nem hoje, nada soubemos que forneça uma prova contra a honorabilidade de Édipo, o que nos leve a vingar, em favor dos Labdácidas, um crime cujo autor se ignora!

* * *

Mas Júpter e Apolo são clarividentes; Êles conhecem as ações dos mortais; que um advinho saiba, a tal respeito, mais do que nós, isso é que nada nos garante; só pela inteligência pode um homem sobrepujar o outro. Enquanto não se justificar a afirmação do advinho, não apoiarei os que acusem Édipo. Porque foi perante todos que outrora veio contra êle a virgem alada (14); vimos bem o quanto êle é inteligente, e foi mediante essa prova magnífica que êle se tornou querido pela cidade. Assim, meu espírito nunca o acusará de um crime.

* * *

2ª CENA

ÉDIPO

(Prosseguindo, em tom de confidência). Meu pai é Políbio, de Corinto; minha mãe, Mérope, uma dória. Eu era considerado como um dos mais notáveis cidadãos de Corinto, quando ocorreu um incidente furtuito, que me devia surpreender, realmente, mais que eu talvez não devesse tomar tanto a sério, como fiz. Um homem, durante um festim, bebeu em demasia, e, em estado de embriaguez, pôs-se a insultar-me dizendo que eu era um filho enjeitado. Possuído de justa indigna-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 166

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

105

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: " EDIPO REI "

b) Título original: XXXXXXX

c) Autor: SÓFOCLES

d) Tradutor: XXXXXX

e) Diretor: XXXXXXX

f) Produtor: SHAKESPEARE

g) Companhia: XXXXXXXXX

h) Classificação da Censura: IMPRÓPRIO para menores de 14 anos

II) Análise Peça baseada na história de de Tebas .

a) Gênero: Drama.

b) Argumento: História baseada na vida de Edipo Rei de Tebas, que por t
vencido seu próprio pai, foi pelas lèis de sua existência , obrigado
casar com a sua própria mãe . Rico como era e desesperado que ficou ao
notícias de sua situação, começou à denigrir-se e a ficar pobre a pont
chegar a miséria .

c) 1 - Mensagem: Diante do exposto, a peça e contendora de uma alta mens

2 - Impressão final: A demonstração de fôrça, levou-o a esposar a própri
mãe , conduzindo-o consequentemente a própria desgraça.

d) Diálogos: Próprios da peça.

e) Cenas: De acôrdo com script, não possui nada que possa ferir ou in
var qualquer pessoa com idade igual ou superior a 14 anos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 167

f) Personagens: TORRIVEIS; JÚPTER ; ÉDIPO; JOCASTA; MENSAGEIRO e coro.

g) Valor educativo: Possui algum valor instrutivo.

III) Conclusão Peça que pode ser considerada de grande valor instrutivo.

Brasília, 28 de setembro de 1970

Técnico de Censura - Cart. nº 215

Lúcio Jaimes Acosta

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA LÚCIO JAIME, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO- ÉDIPO REI

AUTOR - SÓFOCLES

RESTR.- 14-QUATORZE- ANOS

*OBS.- ESTA PEÇA JÁ FOI LIBERADA ANTERIORMENTE COM A MESMA IMPROPRIEDADE.

de acôrdo
30/9/70

EM 30 DE SETEMBRO DE 1970

MANOEL MIRANDA FERREIRA
CHEFE DA TCTC

DPF-SAv.192

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 P. 168

106

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3110/70

PEÇA " ÉDIPO REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - S.C.D.P

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 01 de OUTUBRO de 1975

Brasília, 01 de OUTUBRO de 1970

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS

Chefe do S. C. D. P. PROF. WILSON A. DE AGUIAR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048(P-169

M.J. – D.P.F.

CERTIFICADO DO S.C.D.P.

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 98, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de

Adaptação de

Produção de MANUEL VEIGA - UNIV. FEDERAL DA BAHIA - SALVADOR/BA.

Tendo sido censurada em 28 de SETEMBRO de 19 70 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. - CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL -

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 01 de OUTUBRO de 19 70

MANOEL MIRANDA FERREIRA
Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

DPF-SAv.150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.170

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

MEMº Nº 712/70-TCTC DATA: 02/10/1 970

107

DO: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
AO: SR. CHEFE DA TCDP/DR/BA
ASSUNTO: PROVIDÊNCIAS (SOLICITA)

Sr. Chefe,

Solicito suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo indicada, podendo ser entregue tôda a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste Serviço esteja de acôrdo com o observado no ensaio geral, devendo, posteriormente, ser remetido o respectivo relatório.

PEÇA : ÉDIPO REI
AUTOR : SÓFOCLES
INTER.: MANUEL VEIGA
ENDER.: UNIVERSIDADE FED. DA BAHIA, SALVADOR//BA

Atenciosamente,

PROF. WILSON A. DE AGUIAR
CHEFE DO SCDP.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 171

OF. 035/72 Londrina, 17 de outubro de 1972

23 OUT 08 59 72 048782

RECEBIDO POR .....

109

DA CASA DE ARTES E OFÍCIOS PAULO VI DE IBIPORÃ
AO CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DO DEPARTAMENTO
DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA - DF.

Oswaldo Santos Diniz, brasileiro, casado, domiciliado em Londrina, Pr., à Rua Piauí, Edifício Centro Comercial, 7º andar, responsável pelo setor de Teatro da Casa de Artes e Ofícios Paulo VI de Ibiporã, vem por meio dêste requerer que V.Sa. se digne a proceder ao competente exame a peça teatral REI-ÉDIPO, de autoria de Sófocles, tradução de J.B. de Mello e Souza, publicada pela Editora W.M.Jaclson, que segue anexa em quatro vias.

Esperando contar com vosso atendimento, e aguardando a tramitação de praxe pela Sub-Delegacia Regional do Departamento de Polícia Federal, sediada em Londrina, antecipo agradecimentos.

Oswaldo Santos Diniz

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.172

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Londrina, 18 de Outubro de 1.972.

Nº 002/72-Pr.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE, EM LONDRINA, ESTADO DO PARANÁ, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - SBAT, PELA PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA TEATRAL "REI ÉDIPO", DE AUTORIA DE SÓFOCLES, TRADUÇÃO DE J.B.DE MELLO E SOUZA.

ATENCIOSAMENTE

Euzebio F. de Oliveira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0048, p. 173

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Londrina, 18 de Outubro de 1.972.

Nº 002/72-Pr.

COPIA

AUTORIZAÇÃO

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE, EM LONDRINA, ESTADO DO PARANÁ, DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - SBAT, PELO PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA TEATRAL "REI ÉDIPO", DE AUTORIA DE SÓFOCLES, TRADUÇÃO DE J.B.DE MELLO E SOUZA.

ATENCIOSAMENTE

Euzebio F. de Oliveira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 174

S. C. T. C.

TÍTULO: REI-ÉDIPO

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 16 anos

Praça: LONDRINA - PR

DF. 27/10/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Coutinho

Técnico de Censura:

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 06/11/72 a 08/11/72

OBS:

DF. 03/11/72

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Consideração do Senhor Chefe da SCDP Sr Censura com a informação de que a presente obra foi anteriormente liberada por esta DCDP, com impropriedade p/ menores de 16 e 14 anos respectivamente. Neste momento o Tec. Censura Coutinho opina pela manutenção da classificação p/ 14 anos.

Bsb. 08/11/72

Tec/TCK

4) CHEFE S. C.

Expeça-se o certificado para maiores de 14 anos.

9/11/72

VV.

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 13/11/72

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 175

Ao Sr. Dir. D.C.D.P.

De acordo com o
parecer de fls. 6
14 (quatorze) anos.
Em 13/1/72

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 176

222/72

" REI - ÉDIPO "

SOFOCLES

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 QUATORZE ANOS

1º OUTUBRO 75

13 NOVEMBRO 72

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 IP 177

01 08

" REI - ÉDIPO "

SÓFOCLES
J.B. DE MELLO e SOUZA - PR

OSWALDO SANTOS DINIZ - PR

08 NOVEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

13 NOVEMBRO 72

DEUSDETH BURLAMAQUI.

MG/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, fl. 178

115

Of. 149/SC-DCDP/72 08 11 2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/PR

" ÉDIPO REI "

SÓFOCLES

SUPERINTENDENTE,

LONDRINA - PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.179

Ilmo. SR. CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

BRASILIA

SRA/BSB
-6 NOV 09 42 PM 051137
RECEBIDO POR

117

EU Antonio Goto.

Residente a Rua (Av.) Indio Peri

N.o 195 Apto. — Estado Civil solteiro

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: "Rei Édipo"

Autoria de: Sófocles.

Trad. (Adap.) Jaime Bruna

Que será representada a partir do dia 03 / Dezembro / 1972

na Cidade São Paulo Estado São Paulo.

pelo Grupo ou Empresa I.E.D.O.M.

com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.o

Nos referidos termos

P. deferimento

Antonio Goto.

Visto Emilia

EMILIA MOREIRA LEITE
Diretor - Substº
R.G. 680119

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, 118
P.180

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

SÃO PAULO
~~XXXXXXXXXX~~, 19 de OUTUBRO de 19 72

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S., para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

REI EDIPO

DE: SÓFOCLES TRADUÇÃO DE: ~~XXXXXXX~~ JAIME BRUNA

próxima apresentação da INS. EDUCAÇÃO ALBINO CESAR

no Teatro DO INT. DE ADUÇAÇÃO ALBINO ~~XXX~~ CESAR

com estréia marcada para o dia 3 DE DEZEMBRO DE 1972

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a maior consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 OUT 1972
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

Djalma Bittencourt
Superintendente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 187

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

1ª Via - SP

119

REI EDIPO

EDIPO - (Entra da direita e detém-se por instantes, a contemplar a cena) - O que fazem aqui, neste estado, jogados e, porque em suas faces estampam desespero e angústia? O que sucede com esta cidade que era tão alegre?... Se não me conhecem, não me conhecem, não façam disso motivo para tanto calar, sou aquele que os livrou da Esfinge , todos me chamam de Édipo, o Ilustre. Agora que sabem quem sou, quero saber o que os assola. Voce, ancião, é naturalmente o indicado para falar por todos.

SACERDOTE - Ó grande Édipo, a nossa cidade foi invadida por um grande mal, uma desgraça que a todos atinga, a praga. Viemos ao senhor porque acreditamos em sua palavra, temos plena fé no homem que nos livrou da Esfinge sanguinária, sem por ela ser vitimado. Nós lhe pedimos que ache uma solução para evacuar nossa cidade deste mal, pois o senhor bem sabe que "Mais vale um reino povoado que deserto".

EDIPO - Você está certo ancião, não estou alheio ao sofrimento que os trouxe aqui, não me veio despertar dum sono solto, saiba que tenho chorado muitas lágrimas, com o pensamento errando vezes incontáveis em busca de caminhos. Pus em prática o único recurso de que dispomos, enviei meu cunhado Creonte ao Santuário de Febo em Delfos consultar com que ritos e esconjuros poderia salvar a cidade. Assim que ele chegar, providências serão tomadas.

SACERDOTE- Senhor, estes jovens me disseram que Creonte caminhava para cá.

EDIPO - Por Zeus, oxalá traga êle a ventura da salvação.

SACERDOTE - Parece-me que vem alegre, meu senhor.

EDIPO - Já o saberemos. Principe, que resposta nos traz da parte de Febo?

CREONTE - (Que entrou da esquerda com uma coroa de louros) Uma resposta auspiciosa. Sim, eu assevero que tudo é bom, mesmo tormentos quando se tem um desfecho feliz!

EDIPO - Mas qual a resposta? Suas palavras até aqui não assustam nem tranquilizam.

CREONTE - Se quer ouví-la na presença destas pessoas, estou pronto a falar. Ou prefere entrar?

EDIPO- Fale para todos. O sofrimento deles é mais importante que a minha vida.

CREONTE- Dir-lhe-ei então o que ouvi. Febo nos ordena que expulsemos uma nódoa que alimenta este solo e não a carreguemos até a insanidade.

EDIPO - Como haveremos de exterminá-la se nem sabemos de que natureza é a praga?

CREONTE - Pelo exílio, ou pagando com a mesma moeda, morte pagando com morte, o que flagela a cidade é aquele sangue!!

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
19 OUT 1972
SUCURSAL SÃO PAULO
Visto:

EDIPO - Sangue?... Sangue de quem está se referindo?

CREONTE - Ao antigo rei do nosso país, Laio.

EDIPO - Sei por informações, não cheguei a vê-lo.

CREONTE - Laio está morto e o deus ordena que sejam mortos os assassinos.

EDIPO - E onde se encontram tais assassinos? Onde poderemos encontrar vestígios de um crime tão velho?

CREONTE - Aqui, segundo Febo, o que se busca se acha, mas ao que se dá pouca importância escapa.

~~CREONTE~~ ÉDIPO - Onde Laio foi assassinado? No palácio, no campo, onde??

CREONTE - Laio tinha partido para consultar o oráculo, nunca mais voltou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 182

EDIPO - Alguém presenciou tão abominável crime?

CREONTE - Estão mortos, salvo um que fugira apavorado, este se lembra apenas de um detalhe.

EDIPO - Qual? Um dado conhecido pode ser a pista de muitos.

CREONTE - Dizia terem sobrevindo bandoleiros que mataram Laio.

EDIPO - Como tais bandoleiros chegaram a tamanha audácia sem algum ajuste feito aqui a bom dinheiro? com??

CREONTE - Foi o que nos pareceu. Contudo, em meio aos perigos, não surgiu ninguém para vingar a morte de Laio.

EDIPO - Que perigos impediam a investigação do caso? Tratava-se da morte de um rei!

CREONTE - A Esfinge, com suas cantilenas, sempre nos desviava do caminho.

EDIPO - Bem, proponho-me a investigar o caso desde o início. Vingar Laio é proteger a mim mesmo; Meus filhos, levantem-se e tomem providencias. Que algum de vocês reuna aqui o povo de Cádmo, quanto a mim, ou venço com a ajuda de Febo ou pereço.

(Sai pela direita com Creonte)

SACERDOTE - Filhos, levantemo-nos. As providências anunciadas por Édipo são as que lhe viéramos pedir. (Os suplicantes se põem de pé, de frente para o altar) Febo que nos mandou esse oráculo, haja por bem vir trazer-nos a cura e debelar a peste.

(Ret. pela esquerda)

P A R O D O

O CORO ENTRA PELA E.

Estrofe 1º

Ó palavra de Zeus, doce aos ouvidos,
que mensagem trouxeste
de Delfos, a dourada, a Tebas, a brilhante?
Minha alma se retesa de temor,
Palpitando de susto,
ó deus de Delos, deus dos Ais, nume da Cura,
quando procuro, reverente, adivinhar
que sacrifício nôvo, ou tributo omitido
dentre aqueles que em ciclos se renovam,
de mim reclamarás.
Dize-o tu, filha da áurea esperança!
Dize-o tu, ó Palavra imortal!

Estrofe 2º

Ó deusas, não tem conta as provações que sofro!
O mal castiga todo o meu povo
e à inteligência falta uma espada
com que nos defendamos.
Mirram os frutos desta nobre terra,
falham nos partos dolorosos as mulheres,
como se visses os tebanos,
transfeitos em aves aladas,
precipitando-se, uns após outros,
mais velozes que a chama do corisco,
para as escarpas do deus do Ocaso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 183

ANTISTROFE PRIMEIRA

É teu nume o primeiro a que recorro,
ó Atena imortal, filha de Zeus,
bem como de Ártemis, a tua irmã,
padroeira de Tebas,
que se assenta gloriosa
no trono circular de nossa praça,
e de Febo frecheiro.
Eia, surgi, trindade salvadora!
Outrora, quando se abateu sôbre a cidade
o primeiro flagelo,
vós repelistes para longe
as labaredas da provação;
vinda também agora.

ESTROFE SEGUNDA

Ó deuses, não tem conta as provações que sofro!
O mal castiga todo o meu povo
e à inteligência falta uma espada
com que nos defendamos.
Mirram os frutos desta nobre terra,
falham nos partos dolorosos as mulheres,
como se visses os tebanos,
transfeitos em aves aladas,
precipitando-se, uns após outros,
mais velozes que a chama do corisco,
para as escarpas do deus do Ocaso.

ANTISTROFE SEGUNDA

Nessas mortes sem conta vai morrendo Tebas;
seus filhos jazem pelo chão,
em exéquias, sem pranteio,
disseminado a morte;
dentro dos templos, junto dos altares,
esposas, mães encanecidas,
vindas de tôda parte, suplicantes,
gemem seus tristes sofrimentos,
num concerto de péãs e soluços.
Áurea filha de Zeus, em seu amparo,
manda-nos teu álacre socorro...

ESTROFE TERCEIRA

... e Ares, êsse nume guerreiro violento,
que hoje para atacar-me não empunha o escudo,
mas, em meio aos clamores, me requeima,
põe-no em fuga, repele-o desta pátria,
ou para a imensa alcova de Anfitrite
ou para os vagalhões que zurzem
a costa inóspita da Trácia,
pois cabe ao Dia a execução

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 184

do que a Noite tiver deixado em meio.
Zeus pai, tu, que manejas
a força dos coriscos chamejantes,
extingue-o com teu raio!

ANTISTROFE TERCEIRA

Deus da Lícia, quisera que fôssem desfrechadas
para todos os lados, cercando-me de amparo,
as setas invencíveis dêsse teu arco de ouro
e os raios flamejantes que Ártemis dardeja
quando surge por cima das montanhas lícias.
Também invoco o deus da mitra de ouro.
padroeiro de Tebas, Baco dos evoés,
das faces lambuzadas de vinhaço
o guia da farândola das Mênades,
que venha, com as chamas duma tocha ardente,
acometer o deus a quem os outros deuses
recusam tôda honra.

(Imobilizam-se os coreutas num lado da cena, salvo um ou outro quando intervierem no diálogo)

PRIMEIRO EPISÓDIO

EDIPO - (Que entrou da D. durante a declamação da última antistrofe e se deteve para escutar.) Estão rezando! Talvez alcancem o alívio de seus males, que tanto implo ram em suas preces e talvez até acudir ao flagelo. Isto eu estou procurando, eu ,uma pessoa alheia aos fatos e boatos, quisera contar com o auxilio de alguém, todavia já que o meu tempo de reinado é pouco, dirijo-lhes essa proclamação:" Quem de vocês / sabe na mão de quem morreu Laio? Ordeno-lhes que conte tudo. Se o culpado está entre vocês, se o mêdo o retém que se liberte pela confissão, prometo que nada sofrerá , deixará o país em segurança e não terá nenhum dano.

Quem conhecer o assassino, daqui ou de outra terra pode falar, receberá além do prêmio a gratidão de um rei! Se por acaso este homem for um amigo seu, eu lhes ordeno que mo entregue!! Não querem falar! Ouçam então o que farei. A todos os habitantes deste país, proíbo que acolham este homem, que falem com ele, que o citem em suas preces , Eu os proíbo que lhe dêem água e que este homem passe uma vida miserável, ENTRE DESGRAÇAS!!! Deveras, mesmo sem determinação divina, não era admissível que eu negligenciasse a vítima, sendo ela de tão nobre estirpe, um rei!!! (VAI-SE ALTERANDO AOS POUCOS) Não seria justo, eu, que cumpro o mesmo encargo, se us mesmos poderes, mesmo leito, sua mulher pertencendo a im, sua própria mulher!!! (QuASE CHORANDO) ... Por tudo isto vou me bater por ele, como se fôsse meu próprio pai, sem pensar num instante sequer em recompensa, em paga, mas únicamente por ter colaborado com Tebas!! Isto eu Juro!! ... E a quem deixar de cumprir minhas ordens, rogo aos deuses que nã o vinguem os produtos de suas lavouras, que suas vidas sejam desgraçadas, que todos os males o devorem!! mas aos que acatarem minhas ordens, terão todo meu amparo,... toda a minha ajêda,... e a dos deuses também,... de T O D O S OS DEUSES!!! ...

COREUTA- Senhor (Voz melancólica, sentida) Não fui eu quem matou, nem saberia indicar o matador,... Contudo, não deveria compelir a Febo dizer-nos quem é o assassino?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 185

EDIPO - Sua observação é justa, mas homem algum poderia compelir os deuses aos que não queiram.

COREUTA - Gostaria de dizer o que me ocorre em segundo lugar.

EDIPO - Pois diga!

COREUTA - Bom! Senhor, tal como sei, autoridade por autoridade, Tirésias enxerga tanto quanto Febo, poderia obter dele informações mais seguras.

EDIPO - Já pensei nosso também, já enviei dois emissários que já deveriam estar aqui diante de nós.

COREUTA - Há mais, mas não passam de falatórios.

EDIPO - Que falatórios? Toda informação me interessa.

COREUTA - Sei que êle morreu nas mãos de algum viajante.

EDIPO - Eu sei, também ouvi isso, mas não há testemunha que tenha presenciado tal fato.

COREUTA - Bem, mas o autor, terá ao menos uma pareela de medo, ouvindo as suas ameaças.

EDIPO - Palavras!! Palavras não intimidam quem não tem medo da ação.

COREUTA - Mas deve haver alguém que possa confundí-lo. Veja (apontando para direita) aí trazem o adivinho inspirado.

ENTRA TIRÉSIAS, UM VELHO CEGO, APOIADO AO OMBR DE UM MENINO, ESCOLTAM-NO 2 MENSAGEIROS QUE SE RETIRAM EM SEGUIDA)

EDIPO - Ó Tiresias que a tudo conhece, deve compreender, embora não enchergue , a peste que devasta a cidade. Só você pode nos salvar deste mal. Se já não lhe informaram os mensageiros, segundo Febo, só poderemos livrar da peste se enxotarmos deste país o assassino de Láio. Como vê estamos em suas mãos, ordeno que tudo faça para nos salvar.

TIRESIAS - Eu não deveria ter vindo, pois é tão terrivel o saber, quando não serve a quem sabe.

EDIPO - O que há com você?

TIRESIAS - Deixe-me voltar para casa. Atenda-me e suportará mais facilmente a sua sorte e eu a minha.

EDIPO - O que está dizendo? Recusando-se a fazer revelações ao povo que o criou?!

TIRESIAS - Não quero causar sofrimento a mim proprio e a ti. Por que insistir em vão? De mim nada virá a saber.

EDIPO - (Nervoso) Não. Não fale assim é capaz de enfurecer uma alma de pedra.

TIRESIAS - Você está a acusar a minha obstinação e nem percebe a que reside em voce A mim é que repreende!!!

EDIPO - Quem não perderia a calma ouvindo estas rudes palavras a respeito de sua cidade?

TIRESIAS - A verdade sempre chega, cedo ou tardia, por mais que meu silêncio encubra.

EDIPO - Por isso mesmo, deve m e dizer o que virá!!

TIRESIAS - Não direi mais nada (Calmo)

EDIPO - Ao que me parece, você mesmo deve ter imaginado o crime e o cometido, se não fosse cego diria que voce!! é o homem que procuro (Nervoso)

TIRESIAS - Deveras! Intimo-o a que obedeça à sua própria proclamação e, a partir de hoje não dirija palavra nem a mim nem a esta gente, por ser voce o impuro que macula este país.

EDIPO - Pensa escapar de castigo inventando tal calúnia?!!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.186

TIRESIAS- Voce não me atingirá, porque eu tenho a força da verdade.
EDIPO - E quem lhe insinuou a verdade? Sua arte não foi.
TIRESIAS - Voce mesmo, obrigando-me a falar contra a minha vontade.
EDIPO - Falar o que? Repita!!!
TIRESIAS - Declaro que você é o assassino de Laio.
EDIPO - Nãoo dirá isso outta vez sem que lhe doa.
TIRESIAS - Declaro que voce vive numa perfeita desarmonia com seus entes e não enxerga toda a sua baixeza.
EDIPO - Espera continuar falando assim?
TIRESIAS - Sim, se alguma força existe na verdade. Como é desventurado. Dentro de pouco tempo, a ~~vi~~ serão dirigidos por todos os presentes os mesmos insultos que ora profere
EDIPO - Voce só vive de trévas, jamis inflingirá dano a mim ou a quem quer que enxergue a luz.
TIRESIAS - Não. Não é sua sina cair sob o meu braço; basta para isso Apólo, a quem cabe cobrar suas dívidas.
EDIPO - Ah! Agora estou percebendo... Quanta malquerença para com a vida invejável que o povo me deu. Por ambição deste poder, dado e não pedido. Creonte, o leal ,o amigo desde o início, Ó deuses, como pode existir homens tão vís?!! ... Mas, eu digo que não me destronarão, nunca!!
COREUTA - Senhor, ponderemos as suas palavras assim como as de Tirésias. Ao nosso / ver, foram proferidas numa explosão de cólera, não é disso que precisamos.
TIRESIAS - Voce é rei, manda em tudo, em todos, mas eat tenho o direito de responder em igualdade, porque não seu seu escravo, daqui a algum tempo você estará mais cego que eu, estárá perdido nas trevas, em breve estará apenas em trevas. Acaso voce sabe de quem nacsu? Ignora, mesmo porque odeia a si mesmo, ao seu povo, até a sua esposa. Agora a sua lama em Creonte e nos meus lábios. Jamais mortal algum terá sido triturado tão cruelmente do que voce!!!
EDIPO - Eu não tenho que tolerar as suas salúnias. Se não fosse um cego imprestável arrancaria os seus fígados e os jogaria aos abutres pois é o que fazemos com infames. Vá para os infernos!! Anda!!
TIRESIAS - Assim , pois, eu sou na sua opinião, mas na dos pais que o geraram, um sábio.
EDIPO - Que pais? Espera! Quem no mundo foram meus pais?
TIRESIAS - Nascerá deste dia e ele te matará.
EDIPO - Tudo quanto diz é por demais enigmático e obscuro.
TIRESSIAS - Homessa! Não é o decifrador inexcedível?
EDIPO - Foi a salvação deste povo; isso basta para mim.
TIRESIAS - Se assim é, adeus. Menino, leva-me.
EDIPO - É bom mesmo que o leve. Removido daqui não me incomodará.
TIRESIAS - Antes de ir, direi aquilo que é a razão de minha vinda e não temerei o seu semblante com suas ameaças e pregões sobre a morte de Laio, porque não está em suas mãos arruinar-me. Eis a minha declaração - O homem que há tanto procura encontra-se aquim mesmo; passa por estrangeiro residente, descobrirão depois ser natural de Tebas. Cego depois de vidente, mendigo, depis de opulento, marchará para terras estranhas tateando à frente com um bordão... (Sai guiado pelo menino)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 187

EDIPO - Não!!! é mentira, mentira!!!!

PRIMEIRO ESTÁSIMO

ESTROFE PRIMEIRA

Quem é essq que a rocha profética de Delfos
acusa de trazer suas mãos ensanguentadas
num crime inominável entre os inovmináveis?
Que não tarde a fugir
movendo pés mais rápidos
que as parelheiras dos furações,
porque o filho de Zeus contra êle investe
armado de coriscos e de chams;
igualmente as Eríneas , que não falham,
partem, terríveis, no seu encalço.

ANTISTROFE PRIMEIRA

Lampejou há momentos nas neves do Parnasso
a palavra de ordem a todos, que rastejem
o réu misterioso;
como um touro barbatão,
vagueia na mata bruta,
pelas grotas e penedos,
buscando em suas míseras andanças
a miserável solidão,
para frustrar o oráculo
do umbigo dêste mundo,
mas êle, sempre vivo, voeja em seu redor.

ESTROFE SEGUNDA

O hábil adivinho, não há dúvida,
lançou-me numa atroz perplexidade;
não creio, nem descreio; não sei o que dizer,
voejando ao sabor de meus temores,
não vejo nada adiante, não vejo nada atrás,.
Entre a prole de Lábdaco e a de Pólibo,
Que rixas poderiam existir?
Nunca ouvi no passado, nem agora,
de testemunha fidedigna,
nada que me arremesse
de encontro ao sólido renome de Édipo,
qual paladino dos Labdácidas
vingando um assassino misterioso

ANTISTROFE SEGUNDA

Zeus, é verdade, e Apolo, em sua clarividência,
conhecem o destino dos mortais.
Mas, dentre os homens, um adivinho
que traz em si mais do que eu?
Que se prove, nada!

Pode uma inteligência exceder uma outra,
ma eu, antes de ver confirmada a denúncia,
jamais apoiaria acusadores de Édipo.
Não pairam dúvidas sobre este fato:
quando o atacou a alígera donzela,
êle provou ser sábio e amigo da cidade.
Por isso, meu coração
Jamais lhe imputará crime nenhum

SEGUNDO EPISÓDIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 188

CREONTE - Cidadãos da Tebas, segundo soube, Êdipo nosso rei, faz contra mim, acusações de estarrecer. Eu não as posso suportar, por isso aqui me veem. Se ele pensa que, em meio a tantas desgraças, em meus atos ou minhas palavras lhe causo o mínimo dano, nenhum desejo tenho de viver uma longa vida carregando essa fama. A pena desse labéu não é usave para mim, nada pior do que me apontarem na cidade como infame, um infame aos vossos olhos e aos de meus parentes.

COREUTA - ESSA injúria talvez lhe tenha escapado antes num arroubo de cólera do que em plena consciência.

CREONTE - A declaração de que o advinho forjara mentiras para servir a desígnios meus foi explicita?

COREUTA - Foi dita em voz alta, mas ignoro com que convicção.

CREONTE - Formulou contra mim essa acusção dom firmeza no olhar e nas idéias?

COREUTA - Não sei. Não uso esquadrinhar o que fazem meus amos. Mas ei-lo em pessoa saindo do palácio.

ÊDIPO - (ao sair do palácio, nota a presença de Creonte e detém-se). Você aí! que faz neste lugar? É audacioso, pois tem ainda o descaramento de vir a minha casa. Diga agora o que você viu em mim para me derrubar, covardia ou estupidez?

CREONTE - Sabe o que deve fazer? Escuta a réplica a tuas acusações, depois julgue-me com conhecimento de causas, pois saiba que você como rei que é não tem o direito de acusar os outros pelos seus fracassos. Explique-me que danos sofreu ou imputas a mim.

ÊDIPO - Ora! Por que não confessa logo que tenta me destronar? Não vê que já foi descoberta?

CREONTE - Acha que alguém preferiria governar cerdado de apreensões a dormir tranquilamente gozando dos mesmos poderes? Fosse eu o rei quantas coisas teria de fazer a contragosto. Como poderia achar mais agradável a coroa do que uma autoridade e um poder sem atribulações? Eu não caio no logro de ambicionar mais do que honras e proveito. Um plano como diz é contra a minha índole, já devia ter notado. Tão errado é julgar sembase, hora os maus quanto maus os bons. Expulsar um amigoleal eu comparo a explusar de si mesmo a vida, que é o que mais estimo.

COREUTA - Senhor, são excelentes os argumentos de Creonte para quem se acautela de errar; juízo apressado é juízo arriscado.

ÊDIPO - Se me quedar sossegado à espera, triunfam os planos do conspirador e malogram os meus.

CREONTE - E o que pretende? Banir-me?

ÊDIPO - Isso não, Quero-te morto, não desterrado.

CREONTE - Prova antes tuas [illegible] razões para odiar-me. Saiba que eu também tenho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 189

ÊDIPO - Isso não. Quero-te morto, não desterrado.

CREONTE - Prova antes tuas boas razões para odiar-me. Saiba que eu também tenho direitos em Tebas, não apenas tu.

COREUTA - Cessai, príncipes. Vejo sair do palácio em muito boa hora Jocasta; É preciso resolver esta dúvida com sua ajuda.

JOCASTA - (vido do Palácio, coloca-se entre Édipo e Creonte, que, ao vê-la...)Por que esta altercação insensata? Não tem vergonha de promover desgraças domésticas quando a peste extermina o nosso país?

CREONTE - Mana, Édipo propõe-me duas escolhas nada justas, ou banir-me da pátria, ou mandar-me executar.

ÊDIPO - É isso mesmo, descobri, mulher, que êle tramava pérfidamente um plano contra minha vida.

CREONTE - Juro pela minha felicidade! Pareça eu de má morte, se algo fiz contra você como me acusa.

JOCASTA - Pelos deuses, Édipo! Crê nessas palavras! Têm respeito, acima de tudo, à jura, à fé dos deuses, depois a mim e a estas pessoas que te assistem.

COREUTA - Atende, meu soberano, com benevolência e compreensão, eu te suplico.
(prosta-se e abraça os joelhos de Édipo)

ÊDIPO - Que queres de mim?

COREUTA - Consideração para quem, se antes não era um desvalido, tem agora o amparo de um juramento. Não lances jamais na desonra, acusando-o dum crime não provado, um seu parente que uma imprecação tornou sagrado.

ÊDIPO - Saiba que pede a minha morte.

COREUTA - Não por todos os deuses. Padeça eu extremos horrores, abandonado pelos deuses e pelos amigos, se tal é minha intenção. Meu coração consome-se na angústia de ver a extinção de meu país, se aos males que há tanto nos afligem se vêm somar desgraças criadas por vós ambos.

ÊDIPO - Pois vá ele em paz, embora tenha eu de morrer com certeza. As tuas palavras comoventes, não as dele, movem-me a piedade. Para ele onde quer que se encontre, o meu ódio.

CREONTE - Eu não pedi piedade, o que quero é justiça. Não pense que arrastarei ante os seus pés, se um dia foi sábio, nota-se que ela está se embotando!

ÊDIPO - Vai-se embora e deixa-me em paz!

CREONTE - Sim, vou-me; embora você me renegue, para esta gente continuarei o mesmo.

COREUTA - (a Jocasta) Senhora, apressa-se a lavá-lo para dentro.

JOCASTA - Não antes de saber o que houve.

COREUTA - Palavras obscra, mal compreendidas; mas afrontas injustas também magoam.

JOCASTA - Houve-as de parte a parte?

COREUTA - Sim.

JOCASTA - Mas qual a palavra obscura?

COREUTA - Não mais! Deixemos ficar as coisas onde para, basta o que este país está sofrendo.

ÊDIPO - Vê onde chegou? Afrouxou a minha energia!

COREUTA - Meu soberano, repito o que disse tantas vêzes. Daria provas de insensatez se voltasse as costas a você que pusente no rumo certo minha amada terra, colhida

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 190

CREONTA - Meu soberano, repito o que disse tantas vêzes. Daria provas de insensatez se voltasse as costas a você que puseste no rumo certo minha amada terra, colhida na adversidade. Faça-se, se poder, o seu hábil timoneiro na presente desgraça.(Suplicando)

JOCASTA - Pelos deuse, ó príncipe! Explica a mim também o que pôde suscitar em você tamanha cólera!

ÉDIPO - Direi, pois a ti considero mais que a tôda essa gente. O culpado é Creonte, com suas maquinações contra mim.

JOCASTA - Fala, para vermos se o acusa com certeza.

ÉDIPO - Ele afirma ter sido eu o matador de Laio.

JOCASTA - De ciência própria, ou por informação alheia?

ÉDIPO - De parceria com um adivinho trapaceiro.

JOCASTA - Então, inocenta-se do crime a que alude e escute-me, saberá que mortal nenhum tem o dom de adivinhar. Isso lhe vou demonstrar em poucas palavras. Um dia trouxeram a Laio um Oráculo - Não direi do próprio Febo, mas de seus servidores - segundo o qual, seu destino era ser morto pelo filho de nós dois nascido. Laio porém, ao que consta, veio a ser assassinado por salteadores estrangeiros numa bifurcação de estrada; quanto ao filho, não contava três dias de idade quando Laio lhe atou os pés pelas juntas e, por mãos alheias, o lançou num lugar ínvio da montanha. Assim Apolo não conseguiu nem que o menino fosse o matadro do pai, nem que Laio fôsse morto por um filho, horror que temia tanto. Era essa, não obstante, a ~~XXXXX~~ ameaça das vozes proféticas. Não dê a elas nenhuma atenção; quando um deus procurar alguma ajuda, fácil lhe será revelar ele mesmo seu desejo.

ÉDIPO - Não! não pode ser...

JOCASTA - O que o intranquiliza? que cuidados acodem para dizer isso?

ÉDIPO - Onde ficava a cena dêsse crime?

JOCASTA - A região chama-se Fócida, onde se juntam os caminhos para quem vem de Delfos e de Daulia.

ÉDIPO - Ó Zeus, que desígnios são os seus a meu respeito? Infeliz de mim! Receio ter lançado há pouco sôbre mim mesmo, sem o saber terríveis imprecações! Apavora-me a idéia de que o adivinho seja um vidente. Você me demonstrará melho, dizendo ainda uma única plavra.

JOCASTA - Sinto medo eu também, mas, se souber, responderei a suas perguntas.

ÉDIPO - Viajava ele sem aparado, ou levava escolta numerosa, como convém a um monarca?

JOCASTA - Eram ao todo cinco. Laio ia montado numa viatura, a única.

ÉDIPO - Ai, que tudo se esclarece! Quem vos trouxe a notícia, mulher?

JOCASTA - Um servo q único a voltar são e salvo.

ÉDIPO - Por acaso se encontra agora em casa?

JOCASTA - Não. Mal chegou aqui e viu que, morto Laio, estava você no trono, suplicou, tocando-me na mão, que o mandasse para o campo, a gruardar rebanhos.

ÉDIPO - Chame-no com urgência.

JOCASTA - Para que desejas isso?

ÉDIPO - Tenho a confessar-lhe algo mulher. Meu pai é Pólibo, rei de Corinto; minha mãe, Mérope, de origem dória. Eu desfrutava na cidade o mais alto prestígo, porém,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 191

num banquete, na hora das bebidas, um homem, após ingerir muito vinho, lançou-me injúria de filho postiço. Suportei a custo aquele dia o peso da afronta, no outro, procurei meus pais e interpelei-os, eles mostraram-se indignados com o autor daquele insulto, essa reação aliviou-me. Mas, um dia, sem o conhecimento de mesu pais, parti para Delfos. Febo, explusou-me e vaticinava que eu me juntaria com minha mãe, exibiria aos olhos do mundo uma prole abominável e seria o assassino do pai que me dera a vida, porisso fugi da terra de Corinto. Minhas caminhadas conduziram-me ao sítio onde segundo diz voce, pereceu Laio. Quando me aproximava daquela bifurcação, vinham em sentido oposto um arauto e, montado numa viatura um varão Os guias queriam arredar-me do caminho à força. Furioso, desferi golpes num velho que estava à espreita, quando me viu passando ao lado da viatura, descarregou- me na cabeça uma pancada com seu dobrado aguilhão. Devo dizer-lhe que acabei matando a todos. Se alguma relação existe entre Laio e aquele estranho, quem haverá agora mais desgraçado que eu? Haveria alguém mais odiosos aos deuses?Se ninguém, forasteiro ou cidadão tem permissão de receber-me em casa, dirigir-me a palavra? Se todos devem repelir-me de seu lar? E não foi outro senão eu próprio quem lançou contra mim tais imprecações!

CORIFEUTA - Senhor, tuas palavras nos apavoram! Conserva porém, as esperanças até que chegue a testemunha e a escutes.

ÉDIPO - Sim, toda esperança que me resta é aguardar o homem, mais nada.

JOCASTA - Não! Pode estar certo. Foi um bando que matou Laio, as suas declarações foram em público, toda a cidade a ouviu. Não será por profecias que hei de olhar para a direita nem para a esquerda. (Saem...)

SEGUNDO ESTÁSIMO - ESTROFE PRIMEIRA

Conceda-me o destino manter-me imaculado
em tudo quanto digo, em tudo quanto faço,
submisso às leis excelsas
nascidas na região do éter celeste,
filhas do Olimpo unicamente
Não as gerou a parecível natureza humana,
nem poderá adormecê-las nunca o esquecimento.
Trazem em si um nume poderoso e sempre jovem.

ANTÍSTROFE PRIMEIRA

A tirania nasce do parto da insolência.
Quando esta loucamente se farta na abundância
do que não é essencial nem conveniente,
sobe aos píncaros e súbito
salta no precipício do Destino,
donde não sai pelos seus próprios pés.
Aos deuses peço, pelo contrário,
que jamais cesse a luta pelo bem do meu povo;
à proteção divina estarei sempre apegado.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 192 12

13P

ESTROFE SEGUNDA

Quem avança soberbo nos gestos e palavras,
sem temor da Justiça nem reverência aos templos,
que um destino funesto o xtermine
em castigo do orgulho de má sorte,
se faltar a equidade nos seus ganhos,
se ousar as práticas sacrílegas
e a audácia louca de pôr as mãos no que é intocável!
Quem poderá gabar-se, após tais crimes,
de arredar de sua alma as setas da ira?
Se a tais atos se rendem homenagens,
para reger coros doravante?

ANTÍSTROFE SEGUNDA

Não mais irei em romaria a Delfos,
venerável umbigo da Terra,
nem ao santuário de Abas,
nem ao templo de Olímpia,
se não houver unânime repulsa
a tal procedimento.
Zeus poderoso, que tudo reges,
se verdadeiros teus predicados,
que o crime não escape
a teu poder eterno e imperecível.
Então dando por nulos e caducos os vaticínios Sôbre Laio
e escandalosamente, em tôda parte,
nega-se culto a Apolo;
a religião se vai!

TERCEIRO EPISÓDIO

Entra D. Jocasta, acompanhada duma serva, trazem flôres e caçoulas de perfumes, que vão dispor no altar.

MENSAGEIRO - (Entrando pela esquerda) Podeis dizer-me onde fica o palácio do Rei Édipo? Ou melhor, se sabe, dize-me onde está ele em pessoa.

COREUTA - Aí está, forasteiro, o seu palácio e ele se acha em cas. Porém a dama aqui presente é a mãe de seus filhos.

MENSAGEIRO - (a Jocasta, que se aproximou) Seja ela sempre feliz e rodeada de entes felizes, por ser a esposa realizada de quem é.

JOCASTA - Igualmente feliz seja você. Dize ao que vem e o recado que traz.

MENSAGEIRO - São novas para seu esposo, senhora.

JOCASTA - Que novas? da parte de quem veio?

MENSAGEIRO - Venho de Corinto. Minhas palavras talvez lhe entristeçam.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 193

JOCASTA - Que vem a ser?

MENSAGEIRO - Os habitantes de meu país vão àlevar Êdipo ao trono.

JOCASTA - Como? Eo velho Pólibo? não está mais no poder?

MENSAGEIRO - Não mais, a morte o guardou num túmulo.

JOCASTA - Que diz, Pólibo morto? (dirige ao altar de Apolo um olhar de triunfo)

MENSAGEIRO - Se não digo a verdade, mereço a morte.

JOCASTA - Aia, depressa, corre a levar a notícia a teu amo. Ó vaticinios divinos que é feito de vós? Esse era o homem que Êdipo temia matar e por isso vivia há tantos anos no exílio! Agora faleceu de morte natural e não por crime de Êdipo!

ÉDIPO - Quem é esse homem? O que me vem dizer?

JOCASTA - Vem de Corinto, para anunciar que Pólibo, teu pai está morto.

ÉDIPO - Meu pai morto, de morte natural. Que fé merece o santuário profético de Delfos? ou as aves que piam sôbre nossas cabeças? A crer neles, eu haveria de assassinar meu pai. Ora os oráculos que havia, Pólibo os levou consigo, inteiramente desmoralizados, para o Hades, onde descansa.

JOCASTA - Doravante, não te inquietes mais com profecias.

ÉDIPO - Mas como deixar de temer o leito de minha mãe?

JOCASTA - Que deve temer um homem, se está nas mãos do destino e nada se pode prever com segurança? Melhor é viver como se pode, ao sabor do acaso. E escusado temer sua mãe.

MENSAGEIRO - Que há com essa mulher para a temer tanto? Pode contá-lo ou é vedado a outra pessoa conhecê-lo?

ÉDIPO - De modo algum, segundo profetizou Loias, eu haveria de unir-me com minha mãe e derramar o sangue de meu pai. Por isso vivo longe de Corinto a tantos anos.

MENSAGEIRO - Então, para evitar isso, de lá se desterrou? Ora meu príncipe, por que não o livrei ainda esse mêdo? tanto mais que vim com propósitos amigos. Pólibo não tem nenhum laço de sangue consigo.

ÉDIPO - Que dizer? Então não é Pólibo o meu genitor?

MENSAGEIRO - É tanto quanto eu, nem mais um pouco, saiba que ele lhe recebeu de minhas mãos como um presente. Nunca tivera filhos antes; daí o afeto.

ÉDIPO - Você, para me dar a ele comprou-me ou achou-me?

MENSAGEIRO - Eu lhe achara num vale selvoso do Citerão.

ÉDIPO - Pelos deuses, conte-me, quem me fez isso? meu pai, minha mãe ?

MENSAGEIRO - Ignoro. Melhor o sabe quem te entregou a mim.

ÉDIPO - Então não me achou você mesmo? recebeu-me de outrem?

MENSAGEIRO - Não o achei eu; outro zagal entregou a minhas mãos.

ÉDIPO - Quem era? É capaz de descrevê-lo?

MENSAGEIRO - Ele dizia-se pastor de Laio; tenho certeza.

ÉDIPO -(Abalado) De Laio, antigo rei deste país?

MENSAGEIRO - Exatamente. Era um de seus zagais.

ÉDIPO - Vive ainda esse homem, que eu possa vê-lo?

MENSAGEIRO - (Ao côro). Vós, que sois do país, deveis sabê-lo melhor.

COREUTA - Trata-se, penso, da mesma pessoa que já mandou buscar no campo para ver. Porém aí está Jocasta; é quem melhor pode dizê-lo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 194

JOCASTA - (Transtornada) Que importa a quem se refira esse homem? não se preocupe, esqueça tudo quanto se disse; não vale a pena lembrá-lo.

ÉDIPO - Deixar de averiguar minha origem , depois de vestígios tão próximos?. Não é possível

JOCASTA - Pelos deuses, se tens algum amor à vida, não investigue isso. Basta o que tenho sofrido.

EDIPO - Não importa. Tragam-me aqui esse zagal. Ela que se rebente com sua rica linhagem!

JOCASTA - (num grito rouco, retiram-se) Desgraçado que é. É o único nome que te posso dar e nunca mais lhe darei outro!

EDIPO - Que venham todas as desgraças, não desistirei de saber a minha origem,por mais humilde que seja. Sou quem sou e nunca serei tão outro que renuncia à conhecer de quem procedo.

ESTROFE e ANTISTROFE (2 estrofes)

Se um adivinho sou eu como esperto, hábil,
pelos deuses do Olimpo, ó Citerão, te juro,
provarás amanhã, à lua cheia,
a glorificação de seres proclamado
conterrâneo de Édipo , sua alma, sua mãe,
e nossos coros te festejarão
pelo bem que fizeste a nossa casa real.
Que esta celebração seja do teu agrado,
ó Febo, a quem se elevam nossos ais!

Quem dentre as imortais é tua mãe, ó filho?
Alguma ninfa que se rendeu
a Pã errante pelas montanhas?
Talvez alguma das namoradas
de Lóxias, deus que põe as suas complacências
nas planuras agrestes?
Quem sabe o nome de Cilene
ou Baco divinal, que habita as cumeadas,
te recebeu como criança exposta,
das mãos duma das ninfas do Helicão,
parceiras suas de folganças?

EDIPO -(Que permanecera imóvel nas duas estrofes)

(Entra o zagal pela esquerda, conduzido por dois servos)

EDIPO - Voce aí, ancião, responde sem desviar os olhos. Pertencia a Laio?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 195

ZAGAL - Sim, era seu escravo, não comprado, criado em casa.
ÊDIPO - Que serviço prestava? como vivia?
ZAGAL - Conduzia rebanhos o mais do tempo
EDIPO - Em quais sítios de preferência?
ZAGAL - No Citerão e cercanias.
EDIPO - Sem dúvida, conheceu por lá este homem.
ZAGAL - De que homem fala? que fazia ele?
EDIPO - O homem aqui presente. Encontrou-o alguma vez?
ZAGAL - Para responder prontamente de memória, não.
~~EDIPO~~ MENSAGEIRO - Não é de admirar, meu amo; mas eu lhe avivarei bem as lembranças. Há de recordar, sem dúvida, o tempo em que ele com os dois rebanhos e eu com um, passamos próximos um do outro no Citerão tres temporadas de seis meses, da primavera ao outono; no inverno, eu recolhia meu rebanho para meus redis e ele o seu gado para os currais de Laio. Digo a verdade ou não?
ZAGAL - Diz a verdade, mas é passado tanto tempo!
MENSAGEIRO - Dize-me agora, vamos; lembra-se de me haver entrefue então um menino para eu o criar como meu?
ZAGAL - Que há? Para que essas indagações!?
MENSAGEIRO - Meu amigo, aqui está quem era então uma criança!
ZAGAL - (Avança para o mensageiro) Amaldiçoado! Cala essa boca!
EDIPO - Não lhe basta velho, tuas palavras merecem castigo mais do que as dêle
ZAGAL - Que falta cometi, meu excelente amo? êle não sabe o que diz, está perdendo t tempo.
EDIPO - Se não falar por bem há de falar surrado.
ZAGAL - Não, pelos deuses! Não maltrate este velho! Pobre de mim, que deseja saber?
EDIPO - Entregou-lhe a criança de quem indaga?
ZAGAL - Sim entreguei. Oxalá morresse naquele dia!
EDIPO - É o fim que te estpera, se não disser o que deve.
ZAGAL - Mais perdido estarei se o disser.
EDIPO - De onde o levou? De tua casa ou de outra?
ZAGAL - Meu não era; recebi-o de outrem. Pelos Deuse, não me pergunte mais.
EDIPO - Se repetir a pergunta, morrerá.
ZAGAL - Era uma das criamças da casa de Laio...Ai de mim! Chego a parte que mais me custa dizer...Diziam-no filho de Laio ...Mas sua esposa, lá dentro é quem melhor pode esclarecer como foi.
EDIPO - Por ter sido ela quem lho entregou?
ZAGAL - Sim, meu amo. Para que o matasse.
EDIPO - A própria mãe? Desventurada!
ZAGAL - Tive pena, meu amo. Esperava ue o levasse para outro país, de onde era, ele p porém, o preservou para as desgraças mais dolorosas. Se você é quem ele diz, sabe que nasceu para um destino cruel!!!
EDIPO - Aprópria mãe? Desventurada!
ZAGAL - Tive pena, meu amo. Esperava que o levasse para outro país de onde era, ele porém, o preservou para as desgraças mais dolorosas. Se você é quem ele diz, sabe que nasceu para um destino cruel!
EDIPO - Ah! Desgraçdo que sou!!! Todas as predições, afinal, se haviam de confirmar! Nasci de quem não devia nascer, convivo com quem não devia conviver e matei a quem n

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 196

EDIPO - Ah! Desgraçado que sou!!! Todas as predições, afinal, se haviam de confirmar! Nasci de quem não devia nascer, convivo com quem não devia conviver e matei quem não devia matar! (Precipita-se para dentro do palácio; seguem-no os servos, conduzindo o zagal, e o mensageior.)

TERCEIRO ESTÁSIMO

- ESTROFE PRIMEIRA

Ai, gerações dos mortais!
A vossa vida em minha conta igual a nada.
Quem goza da ventura
mais do que dar uma impressão de venturoso
e com essa ilusão chegar a seu ocaso?
Se considero, ó Édipo inditoso,
o teru exemplo, a tua sina,
não vejo como possa haver felicidade
na condição humana!

ANTISTROFE PRIMEIRA

Atirou uma seta para o alvo mais alto
e atingiu a opulência em tudo afortunada,
quando, ó Zeus! exterminado a Esfinge,
a ~~XXXXX~~ virgem cantadeira de gadanhos adunco,
ele se ergueu como um bastião diante de Tebas
contra os assaltos da Morte.
Por isso, ó Édipo,
fôste aclamado nosso rei
e em teu reinado esta cidade poderosa
rendeu-te as mais soberbas homenagens.

- ESTROFE SEGUNDA

Mas, hoje, quem se pode dizer mais desgraçado?
Nos reveses da vida, quem mais íntimo
da adversidade atroz e da amargura?
Ai, Édipo benquisto e celebrado,
que ao mesmo tálamo aportaste, como esposo,
donde eras filho, e te fizeste pai!
Como pôde jamais, calada e quieta,
como pôde, infeliz, por tantos anos,
sofrer-te a leiva de teu pai lavrada?

ANTISTROFE SEGUNDA

Meu grado teu, o tempo descobriu-te,
ele que tudo vês,
e hoje processa ele conúbio infame

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 197

onde quem era gênito se torna genitor.
Ai! Oxalá, filho de Laio,
jamais te houvera conhecido!
Na minha dor, escapam-me da boca
gritos desesperados.
Sinceramente, revivi por obra tua,
mas és tu quem as pálpebras me cerras.

ÊXODO

MENSAGEIRO - (Entra com gestos de horror) Ó vos, que desfruta neste país o máximo r respeito, que horrores ouvirão, que espetáculo verão. Não bastarão as águas do Istro mais as do Fásis para purificar toda a imundice que esta mansão encerra.
COREUTA - Já era de chorar com profundos gemidos o que sabíamos; que mais nos vem trazer?
MENSAGEIRO - Tudo se dirá e se ouvirá numa palavra breve; está morta a divina Jocasta
COREUTA - Desventurada! Quem o culpado?
MENSAGEIRO - Matou-se ela mesma. Foi poupado ao mais doloroso do acontecimento, por não ter nada sob os olhos. Contudo, quando me é possível lembra, saberá os sofrimentos daquela desditosa. No seu arrebatamento, precipitou-se diretamente à alcova, arrancando os cabelos com as mãos. Entrou, bateu a porta apóssi, passou a chmar por Laio. Deplorava, a deventurada, o tálamo desdobrado onde gerou dum marido outro marido, dum filho, outros filhos. Como, depois, morreu já não sei dizer, porque Édipo irrompeu aos brados e não deixou assistir ao seu fim. Como se alguém o gruiasse, atirou-se de encontro às folhas da porta, v mos, então , a mulher pendurada, enforcada nas voltas dum braço. Mal o coitado a viu, deu um rugido medonho, seguiu-se uma cena horrorosa. Édipo arrancou-lhedas vestes um alfinete e vazou os globos de seus próprios olhos, exclamando coisas horríveis . Ás pupilas ensanguentadas banhavam-lhe, era uma chuva de sengue que escorria.
COREUTA - o infortunado experimenta agora algum alívio?
MENSAGEIRO - Está gritando que escancarem as portas e exibam a todos os descendentes de Cádmo quem é de seu pai o assassimo. São palavras sacrílegas, não ouso repeti-las. Amaldiçoado está por suas próprias imprecações. É de apiedar um inimigo. (Entra Édipo com os olhos sangrando, as coreutas alternadamente o contemplam e desviam os olhos)
COREUTA - De desgraça terrível aos olhos dos mortais! É a mais horrorosa que jamais deparei! Que loucura infeliz lhe acometeu. Nem mesmo posso contemplá-lo.
ÉDIPO - A que lugar do mundo irei nesta desgraça; Ah! meu destino! aonde me arrojaste!!
COREUTA - É um horror insuportável tanto de ver como de ouvir! Que loucura terrível praticou! Como ousou apagar assim seus olhos? Qual dentre os deuse te excitou a tanto?
ÉDIPO - Apolo. Foi Apolo, meus amigos, o artífice de minhas desventuras, deste meu sofrimento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 198

COREUTA - Tua consciência não te amarga menos do que tuas desgraças. Ah! quem me dera jamais viesse a saber de nada!

ÉDIPO - Mal haja quem na reiva da pastagem, erguendo-me nas peias desumanas me preservou da morte, não me fêz nenhum bem que lhe agradeça. Se então morresse, não seria agora a dor que sou para mim e para meus amigos.

COREUTA - Eu também desejara que assim fosse.

ÉDIPO - Eu não teria vindo assassinar meu pai nem me daria a humanindade o nome de esposo da mulher de quem nasci. Hoje não tenho um deus que me proteja. Soufilho do pecado, um ser malditok que fecundou o ventre que o gerou! Se existe mal pior que o próprio mal, êsse foi o quinhão que coube a Édipo!

COREUTA - Não seu como aprovar a decisão que tomou, morto, estaira melhor que cego

ÉDPO - Não me venha dizer que não agi da melhor maneira possível. Não me dê mais conselhos. Eu não sei com que olhos poderia fitar meu pai ou minha nãe, se contra eles cometi crimes para os quais é branda a pena de fôca. Desgraças como estas minhas só a mim neste mundo podem acontecer (Surge Creonte à porta do palácio)

COREUTA - Aí vem Creonte, ele lhe pode atender é aconselhar, é o único que restou em seu lugar para velar por esta terra.

ÉDIPO - Ai de mim! Que pãlavras lhe devo dirigir, se antes não mostrei para como ele senão crueldade?

CREONTE - Não vim, Édipo, escarnecer de ti, nem lançar-lhe em rosto erros passados Vós outros, porém, se já não tem respeito à espécie humana, envergonhem-se ao menos diante da chama venerável do Sol, que tudo alimenta, de manter assim exposta semelhante mácula, que nem a terra, nem a água, nem a luz podem acolher. Vamos, recolhe-o depressa ao palácio. Só os parentes podem, sem ofensas aos deuse, ver e ouvri as desgraças da família.

ÉDIPO - Pelos deuse, já que me tira da incerteza, vindo presta-me um favor.

CREONTE - Que deseja de mim com tal premência?

ÉDIPO - Lança-me quanto antes para fora deste país, onde não tenha a quem dirigir a p palavra.

CREONTE - ~~Não o meria~~

CREONTE - já o teria feito, pode crer-me, senão quisesse em primeiro lugar, consultar a divindade sôbre o que devo fazer.

Édipo - Então, ainda vi consultar o Deus sôbre um miserável como eu?

CREONTE - Sim, para que tu também acredite agora nos oráculos.

ÉDIPO - Acredito e a voce me volto para fazer um pedido. Àquela que está aí dentro, faz-lhe exéquias como entender melhor, é tua irmã. Deixe-me habitas nas montanhas, no Citerão, para túmulo meu.

CREONTE - O pranto derramado já foi demais. Recolha-se ao palácio.

COREUTA - Moradores de Tebas, minha pátria olhai; ali vai Édipo, o sabedor dos enigmas famoss, os mais poderosos dos homens. Todos nesta cidade viam com inveja o seu diestino. No entanto, a que vaga da miséria chegou! Por isso devemos considerar o dia derradeiro do mortal e não o julgar feliz antes que tranponha o ermo da existência sem ter sofrido dor alguma. (Retira-se o côro, num cortejo lento, expressando nos genstos profundo desalento).

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 199

137

S. C. T. C.

TÍTULO: REI ÉDIPO

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO Andrade

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 16 anos

Praça: SÃO PAULO - SP

DF. 10/11/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: [illegible]

Técnico de Censura: Mª Luiza

Técnico de Censura:

Data para Exame: de 13/11/72 a 16/11/72

OBS:

DF. 13/11/72 p/ Vanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitir certificados de conformidade com o abaixo disposto:

1. Quantidade: 2 (dois)
2. Natureza: Mais Vias
3. Grupo: Ins. Educacional Albino Cesar
4. Local p/ encam.: SR/SP
5. Impropriedade: 14 anos s/ cortes
6. Prazo Valid: 01/10/75

4) ~~CHEFE S. C.~~

Sr. Dir. D.C.D.P.

De acordo com o parecer de fls. 23.

14 (quatorze) anos

Em 20/11/72

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE com impropriedade para menores de 14 anos

Brasília, 20/XI/1972

Rogério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.200 138

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P A R E C E R

TÍTULO: Édipo Rei
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : 14 ANOS

ESPÉCIE : Peça Teatral (comparação de textos)
COM CORTES : Não

CONCLUSÃO : O texto do presente pedido, de tradução de Jaime Bruna, não coincide literalmente com o que recebeu Cert. nº 222/68, mas conserva o mesmo sentido e conteúdo temático. Portanto, pode ser liberado com a mesma impropriedade, ou seja, para menores de 14 anos.

BRASÍLIA, 14 de novembro de 1972

Maria Luiza Barroso Cavalcante
MARIA LUIZA BARROSO CAVALCANTE

DPF-SAv. 241

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 201

139

Of. 173/SC-DCDP/72 16 11 2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

" REI ÉDIPO "

SÓFOCLES

SUPERINTENDENTE,

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO ALBINO CESAR - SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p.202

222/72

" REI ÉDIPO "

SÓFOCLES

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 QUATORZE ANOS

1º OUTUBRO 75

17 NOVEMBRO 72

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 203

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 01 08

" REI ÉDIPO "

SÓFOCLES

JAIME BRUNA
I.E.D.O.M. - SP

14 NOVEMBRO 72

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

17 NOVEMBRO 72

DEUSDETH BUHLAMAQUI MC/

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 204

MJ-DPF-SRA/BSB
26 DEZ 1534 Nº 059896
RECEBIDO POR .....

141

T A C

TEATRO DE AMADORES DE CAJAZEIRAS + PARAÍBA

Cajazeiras, 20 de dezembro do ano de 1972.

Ofício S/N

Exmo. Sr. Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal
Brasília - D. F.

O grupo Teatro de Amadores de Cajazeiras, sediado à Praça Monsenhor Constantino nº 2 na cidade de Cajazeiras no Estado da Paraiba, vem mui respeitosamente solicitar de V. S. que se digne fornecer o Certificado de Censura para o texto de EDIPO REI que segeu anexo em três vias datilografadas.

Sabendo que a peça anexa é das mais conhecidas e que já foi censurada para outros grupos, pedimos ainda o máximo de brevidade no envio do Certificado pois muito desejariamos nos apresentar no Festival de Campina Grande, a ser realizado na primeira semana de janeiro de 1973.

Nestes Termos,
P. Deferimento:

Iracles Brocos Pires Ferreira
diretora

Ao Diretor
Departamento de Censura de Diversões Públicas
Brasília - D. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 205

182

S. C. T. C.

TÍTULO: ÉDIPO - REI

GÊNERO: PEÇA

1) S. ARQUIVO

Documentação: EM ORDEM

Já liberada? : SIM

Cls. Estária anterior: 14 anos

Praça: CAJAZEIRAS - PB

DF. 27/12/72

Chefe do Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura: Luiz Carlos Ferreira

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 02/01/73 a 10/01/73

OBS: CONFRONTO

DF. 29/12/72 p/Wanda

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Emitir certificados de conformidade com o abaixo disposto:

1. Quantidade: 2 (dois)
2. Natureza: Mari Vias
3. Grupo: Grupo de Teatro de Amadores de Cajazeiras
4. Local p/ exame: DF/PB
5. Impropriedade: 14 anos s/ cortes
6. Prazo Validade: 01/10/73

Em: 12/01/73

p/ SCTC

4) CHEFE S. C.

Sra. Lúcia OCRP conforme parecer de fls. 4 — quatorze anos — Em 15.1.73

5) DIRETOR DA D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 15/1 19 73.

P. Regério Nunes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p 206

143

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

P A R E C E R - Nº 229/73

Peça: Édipo Rei (comparação de textos)
Classificação Etária: 14 Anos

A peça em apreço encontra-se liberada com duas impropriedades: 14 e 16 anos, consoante certificados em vigor anexados ao processo 162, talvez em face das traduções. Pelo texto ora examinado, cujo tradutor não se nomina, inclino-me pela classificação acima indicada.

Em 12.01.73

Paulo Leite de Lacerda

BR DFANBSB NS,CPR.TEA.PTE. 0048, p. 207

fl 144

013/73-SC/DCDP 12 JANEIRO 3

DIRETOR DPF/PB

" ÉDIPO REI "

SOFOCLES

: DIRETOR,

EM CAMPINA GRANDE-PB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 208

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
~~DR/GB - SUBDELEGACIA REGIONAL/RJ~~
~~POLÍCIA MARÍTIMA, AÉREA E DE FRONTEIRAS~~
DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL/RJ
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

145

0162

R_E_L_A_T_Ó_R_I_O:

Cumprindo determinações desta Divisão, em acordo com a DCDP, compareci ao Clube Petropolitano em Petropolis na data de 28/09/73, onde assisti a peça teatral intitulada " ÉDIPO-REI " de Sófocles, levada em carater excepcional no / VII FESTIVAL DO TEATRO JOVEM FLUMINENSE, do qual faço o relato a baixo:

— CENÁRIO: um tablado com lances de escadas, duas imitações de colunas e papel brilhante imitando esculturas. Mais nada.

— Figurinos: os pontas, que faziam o coro, vestiram-se com indumentárias parecidas com as de capuchinhos ou frades e cada um com um cajado. Os personagens centrais com roupas gregas bem trabalhadas e de bom gosto. Nada contra a moral.

— Diálogo: suprimiram alguns trechos, muitas falhas e em acordo com o constante do " Script " apresentado.

— Desenvolvimento: pouca movimentação e funcionando mias na / base de declamações. O coro em vez de declamar, canta. Fizeram tudo aquilo que há no "script", fora as partes que o diretor suprimiu. Peça cansativa, uma vez que, os atores amadores não eram / bons. Nada mais a relatar, S.M.J.

Niterói, 03 de outubro de 1.973.

Tamar Fragoso de Oliveira
Téc. Cens. Credenciado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 209

222/73

ÉDIPO O REI

SOFOCLES

01 OUTUBRO 75

12 JANEIRO 73

ROGERIO NUNES.

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

146

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 210

01 07

ÉDIPO O REI

SOFOCLES

GRUPO DE TEATRO DE AMADORES DE CAJAZEIRAS PB.

12 JANEIRO 73

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: IRACLES BROCOS PERES FERREIRA.

15 JANEIRO 73

DEUSDETH BURLAMAQUI

JEV.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 211

148

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Em, 6 de maio de 1974.

Ao S.C. mandar examinar 07.05.74

Dr. Rogerio.

Devido a questão de tempo, estou encaminhando a V.Sª. sòmente dois textos da peça em questão, pois o Dr. Marcilio ficou com um texto para uma emergência e houver necessidade do nosso Serviço, à titulo precario e como colaboração, verificar o mesmo.

ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

Teixeira

À SETE para:

I - Mandar anexar o processo respectivo.

II - Mandar examinar, em cumprimento ao despacho supra, do Sr. Diretor da DCDP.

Em: 08/5/74.

Wilson [illegible]

Chefe do S.C.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 212

149

SR FICHADO

MJ-DPF SR/SP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA 15281

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL EM LORENA

Ofício nº 141 Em, 01 de maio de 1974.

Ao SCDP.
para se pronunciar
a respeito.
Saulo, 2/5/74.

Do Chefe da DPF/LORENA/SR/SP

Ao Ilmo. Sr. Cel. Antonio Lepiane
DD. Superintendente Regional DPF/SP

Assunto: Encaminhamento - faz -

Senhor Superintendente

Encaminho a V.Sa., requerimento do Sr. José Machado Braga, diretor do Colégio e Escola Normal - Estadual " Américo Alves", o qual solicita autorizacão para apresentar a peça Teatral - " Edipo-Rei ", como parte das - comemorações do dia da escola.

Outrossim, esclareço a V.Sa., que este expediente tem como principal motivo, embora a apresentação da peça seja de cunho cultural, não terem os responsáveis em mãos, qualquer documento de liberação da referida peça, pela Divisão de Censura-DF; para a qual solicitaria as providências cabiveis, ou seja a liberação da peça pelo Serviço de Censura desta Superintendência ou por quem de direito.

Na oportunidade, reitero a V.Sa., os meus protestos de estima e consideração.

T 06.05.74 Antônio de Souza Fernandes

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098, P. 213

15º

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

1.ª VIA

DIREITOS DE REPRESENTAÇÃO Nº 242113

Recebemos da CENE - Americo Alves

a quantia de Cr$ 156,00 (cento e cin-
coenta e seis cruzeiros)

correspondente aos direitos autorais pelo uso da obra:
Etipo Rei

autor(es) Sofocres - Grupo Amador
do Ginasio -

no(s) dia(s) 17a/da 17 de Maio de 1974

No Teatro ou Rádio cine Aparecida

Número de representações ou de capítulos

Receita bruta da bilheteria:

Na matinée Cr$ — à noite Cr$ —

Prêço da poltrona: matinée — noite —

Cidade — Estado —

Aparecida, 26 de Abril de 1974

Pela SBAT
Azize Murath

Pagamento de sêlo - Art. 1.º do Decreto 7.957 de 17-9-1945

Esta via deve ser dada ao contribuinte no ato do pagamento.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 214

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

1,50

AUTORIZAÇÃO PARA REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL Série 3/70 № 27238

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Etipo Rei

Original de Sofocres - Grupo Amador

Música de

Tradução de

No Teatro Cine Aparecida Cidade Aparecida

Emprêsa Pela Cia.

nos dias 17 de Maio

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de ..... % ..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ 15600 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

Aparecida 26 de ~~maio~~ abril de 1974

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Auth

(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 215

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 216

152

MJ-DPF SR/SP

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura Federal. L O R E N A.

2 MAI 1238 15280

RECEBIDO POR

ADO

JOSÉ MACHADO BRAGA, RG nº 3769 741, diretor do Colégio e Escola Normal Estadual "Américo Alves", de Aparecida, vem respeitosamente requerer a V.S. se digne conceder autorização para o grupo de Teatro Amador "Américo Alves", apresentar no dia 17 de maio p. futuro, às 20 h., no Cine Aparecida, a peça teatral "EDIPO-REI", como parte das comemorações do dia da escola.

N. Termos

P. Deferimento

Aparecida, 26 de abril de 1974

- José Machado Braga -

Prof. José Machado Braga
R. G. - 3 769 741

SEC GAB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 217

TEATRO

153

TÍTULO ÉDIPO REI

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior 14 anos

Praça LORENA - SP

Obs.: FALTA UM TEXTO E DOCUMENTAÇÃO EM FOTOCOPIA

DF. 09/05/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

Vide verso

5) Diretor da D. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 218

1. Emita-se os certificados na forma do parecer 15116/74, condicionados, todavia, ao exame do ensaio geral e observado o prazo de validade já estabelecido.

2. Deverá a presente peça, após expirado o prazo de validade dos seus certificados, merecer uniformização relativamente ao seu título.

3. Submeta-se à consideração do Sr. Ch. SC.

14.5.74

F. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S /DCDP

Sr. Diretor:
Parecer em separado, digo, despacho, datilografado.
Em: 20/5/74.
Wilson Jmi
Chefe do S.C.

Libere-se na forma do parecer, contando-se o prazo de validade do certificado, no presente caso, a partir da data de sua emissão.
Em 20.5.74

ROGERIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.219

154

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ - Departamento de Polícia Federal
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Peça Teatral: ÉDIPO REI
Autor : Sófocles
Tradutor :
Espécie : Comparação do Texto

ENREDO 15116/74

Édipo, filho de Laio e Jocasta, reis de Tebas. Um oráculo preveniu Laio de que se tivesse um filho, este o mataria. Quando Édipo nasceu, Laio mandou jogá-lo no monte Citéron. Encontrado pelos pastores, Édipo foi levado ao Rei de Corinto que o educou como a um filho. Feito homem, ele consulta um oráculo, e este mandou que ele nunca mais voltasse à sua terra natal, porque seu destino era matar seu pai e desposar sua mãe. Édipo, convencido de que sua pátria era Corinto, resolveu dela exilar-se. Viajava para Tebas, quando encontrou-se com Laio, um convidado da noite anterior no jantar de sua casa em Corinto, e este o havia provocado, dizendo não ser ele, filho de Pólibo e Mérope, os reis de Corinto. Suscitou-se uma briga entre os dois e Édipo matou-o. Por esse tempo a Esfinge, o monstro, devastava os arredores de Tebas. Édipo decifrou a advinhação da Esfinge e, assim, ganhou a mão de Jocasta em casamento, sem saber que ela é quem era sua própria mãe. Mais tarde, quando estes fatos são revelados, Jocasta suicida-se enforcando-se, e Édipo arrancou seus próprios olhos, ficando exposto aos habitantes de Tebas, para que todos vissem o homem que um dia eles tanto invejaram. E assim cumpriu-se a profecia.

CONCLUSÃO

A peça é de alto valor cultural e educativo, considerada verdadeira obra-prima, tendo em vista que se trata de Édipo-Rei, tragédia de Sófocles, retratando o desespero de Édipo, quando descobre sua verdadeira origem. A presente

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 220

retornou a este SCDP para renovação do Certificado. Embora não haja identidade literal do texto ora apresentado com o do processo anterior, o conteúdo é o mesmo. Portanto, opino, pela liberação com a classificação etária anteriormente estabelecida: 14 ANOS.

Observação: A 1ª. Via do processo ora apresentado, não está com a documentação completa.

Brasília,DF. 10 de maio de 1974.

Francisca Iêda Moreira Augusto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 9048, p. 221

GRUPO DE TEATRO AMADOR "AMÉRICO ALVES" - APARECIDA

155

É D I P O - R E I de Sófocles.

ÉDIPO- Meus filhos, filhos da terra de Tebas,
por que vindes aqui suplicantes, enquanto uma nuvem de incenso veste toda a cidade em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei que não devia saber por terceiros: ássim, eu mesmo -- vim, eu, vosso rei, de todos conhecido como Édipo, o Ilustre.
Fala-me tu, com que ânimo estais aqui reunidos, temor ou esperança?
Tudo farei para vos ajudar; áspero coração seria o meu se com toda a atenção não vos ouvisse.

SACERDOTE- Édipo, grande senhor nosso e rei: tu podes ver a idade dos que -- cercam teus altares, uns ainda quase implumes sem forças, para as grandes -- revoadas, outros curvados ao peso dos anos, O restante do povo, suplicante -- também, espalha-se nas praças dos mercados ou defronte dos templos.
É que, tu vês, o barco da nossa cidade, sacudido por já longa tormenta, nem -- mais consegue levantar a proa coberta pelos vagalhões da morte: morte sobre as lavouras em flor, sobre os pastos e o gado, e sobre o ventre das mulheres grávidas... Com seu archote flamejante a peste lança-se sobre nós e dizima a cidade: fica fazia a casa dos tebanos, e o reino tenebroso dos infernos vai-se enchendo de lágrimas e gritos.

Aos chegar a esta terra tu nos livraste do ignóbil tributo que éramos --- constrangidos apagar à Esfinge, a inexorável cantadeira; não tinhas recebido encargo nosso nem foras por ninguém industriado, e entretanto, inspirado por um deus, conforme todos dizem e acreditam, tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei, é a ti que recorremos, suplicantes, para que -- nos descubras um remédio, seja por nova inspiração divina ou pela tua experiência humana, salva a cidade, ó melhor dos mortais!
Não deixes que lembremos teu reinado como o que nos chegou a levantar para adiante nos deixar cair! Reabilita, para sempre, esta cidade! Pois, se -- hás de reinar sobre esta terra, reina então sobre homens, melhor que no deserto: nada valem, sem homens que os guarneçam, nem os navios nem as fortalezas!

ÉDIPO- Meus pobres filhos, eu sei bem demais o que vos traz aqui e o que esperais. Sofreis e eu também sofro: minha dor excede a vossa, seja ela qualfor. Vossa dor vos aflige a um por um; eu entretanto sofro ao mesmo tempo pelo país e por vós e por mim... Não me viestes acordar de um sonho: choro, e muito já tenho chorado com o pensamento a tatear saídas! Uma coisa já - fiz: mandei Creonte, meu nobre cunhado, a Delfos, perguntar ao deus do Sol, - com que palavra ou gesto eu poderei salvar esta nação. Quando ele chegar - as determinações do deus, por minha honra, hão de ser cumpridas!

SACERDOTE- Em boa hora falaste: já estão fazendo sinais de que Creonte --- vem vindo!

ÉDIPO- Ó grande deus! Que ele, com seu semblante iluminado, nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE- Pelo que vejo, tem notícias boas: traz na cabeça a coroa de louros.

ÉDIPO- Já saberemos, está ao alcance da voz: Príncipe, cunhado meu, qual a -- mensagem do deus?

CREONTE- Boas notícias! Por mais difícil que seja a situação, quando bem -- encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO- Mas o oráculo? Tuas palavras fazem-me oscilar entre o medo e esperança. Que diz o oráculo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 222

CREONTE-Queres que eu fale diante de estranhos,eu falo. Se não,entra eu te acompanho!

ÉDIPO- Fala diante de todos: a dor dos meus vassalos importa mais do - que a minha vida!

CREONTE- Repito apenas o que ouvi de Apolo:-Existe um mal,aqui nascido- e aqui agasalhado,tornando impura a corrompendo esta cidade! O grande deus ordena,expressamente: Extirpá-lo!

ÉDIPO-Que tipo de mal é esse? Como extirpá-lo?

CREONTE-Desterrando o culpado ou lavando sangue com sangue,pois é esse sangue que atrai o mal sobre nós.

ÉDIPO-Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE-Antes de tu assumires o leme do Estado,nosso rei era Laios...

ÉDIPO-Eu sei,mas numca o vi.

CREONTE-Laios foi morto. E o deus agora quer justiça,mandando claramente punir os assassinos.

ÉDIPO-Em que furna da terra estarão eles? Como trazer de novo à luz do Sol os vestígios de um crime tão antigo?

CREONTE-"Procurado,achareis" - ensina o deus. Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO-Laios estava no palácio ou em campanha ou em viagem,quando teve esse destino?

CREONTE-Em viagem: dizendo que ia a Delfos,ele partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO-Nenhum informe? Nem ninguém da comitiva com uma pista para ser seguida?

CREONTE-Só um dos homens conseguiu sobreviver,e esse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO-Qual coisa? Um dado certo leva a outros,quando se tem um raio de esperança.

CREONTE-Conta que Laios foi morto por um bando de ladrões,que o assaltaram e,juntos,o chacinaram.

ÉDIPO-Mas que ladrões ousariam matar assim um rei,senão de acôrdo com alguém de Tebas?

CREONTE- Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto,e nenhum vingador apareceu em meio às nossas preocupações...

ÉDIPO-E que preocupação pode abafar uma investigação sobre o assassínio de um rei?

CREONTE-A ameaça da Esfinge nos forçava a por de lado as coisas duvidosas e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO-Pois eu vou começar tudo de novo e uma vez mais esclarecer as coisas.Fez bem o deus,e tu fizeste bem,tirando o morto dêste esquecimento:mais um serviço prestarei,assim,vingando a ofenda feita ao deus e a Tebas. Hei de lavar a nódoa deste sangue,e não só pelos outros mas também por minha causa-pois quem matou Laios talvez me esteja preparando o mesmo fim:ao justiça-lo,então,é a mim que sirvo. Levantai-vos,- meus filhos. Com a ajuda do deus,vamos vencer;ou,se não,vamos juntos perecer!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 223

SACERDOTE-O que queríamos é o que este homem nos prometeu,afinal. E praza a Apolo,que mandou essas mensagens,vir em socorro nosso e livrar-nos da peste!

CORO-Ó doce voz de Zeus,que mensagem me trazes de Delfos,a divida,a Tebas,a dourada? Estremece de medo minha alma t orturada...
Ó deus,estás ouvindo? Tens algum sofrimento desconhecido ainda,ou a roda dos anos repisa a dor de sempre?
Ó voz imorredoura,ó filha da esperança,vem me dizer agora!
A ti primeiro,Atena,filha do grande Zeus,invoco! E a ti,Ártemis,padroeira de Tebas,que tens lugar de honra e trono em nossa praça! E a ti,fogoso Apolo,com teu certeiro dardo! Dai-nos a vossa luz,vosso tríplice escudo,e livrai-nos da morte! Vinde agora ajudar-nos!
Zeus pai,em cujas mãos cabem todos os raios:acaba de uma vez com o que nos faz mal! Também as tuas setas,ó luminoso Apolo,quisera eu ver lançadas em todos os sentidos,por nossa proteção;como também os raios flamejantes de Ártemis,varejando os barrancos!
E peço mais a ti,deus inventor do vinho,Baco dos evoés,a quem Tebas cultua:vem com a tua flama,com teu brilhante archote,por em fuga o inimigo da gente que te ama!

ÉDIPO-Rezais...Em seguimento a tantas rezas,se observardes bem minhas palavras e vos unirdes no combate ao mal,podereis ter certeza de socorro e alívio para as vossas aflições. A todos vós proclamo: Se algum de vós sabe qual foi a mão que matou Laios,eu ordeno que me calare já!
Quanto ao próprio culpado,caso esteja com medo de ser denunciado,livre-se do temos denunciando a si mesmo,pois nada sofrerá:só deixará o país, sem qualquer violência! Porém se vos calardes,se algum de vós,por mêdo, ocultar o culpado,um amigo talvez ou a própria pessoa,eis a minha sentença: Proíbo que qualquer filho da terra onde me assistem o comando do trono dê guarida ou conversa ao assassino,seja ele quem fôr;que o aceite nos cultos e no lar,que divida com ela a agua lustral!
Eu ordeno,ao contrário,que o enxotem de suas casas,todos,por ser aquilo que os torna impuros,conforme acaba de nos revelar por oráculo,a fala de deus! E ainda mais:orogo aos céus,solenemente,que o assassino,sozinho em sua culpa tenha cúmplices,tenha uma vida amaldiçoada e má,e pela sua maldade,até o fim de seus dias.
Quanto a mim,se estiver criminoso,em minha casa,privando comigo,eu espero que sofra as mesmas penas que dei para os demais. Conto convosco p/ que se cumpra minha palavra, não deveríeis deixar ficar a culpa sem castigo,quando a um tão nobre homem - vosso rei-arrancaram a vida:o justo-seera encontrardes o assassino. E agora,que sou eu que maneja o poder que era de Laios,e que dele herdei o trono,o leito e a esposa ponho maior empenho nesta causa como se fosse do próprio pai,
A todos vós,leais filhos de Tebas a quem pareçam just as estas coisas,possa a justiça,aliada a nossa,e os deuses todos,cumular para sempre de benesses!

CORIFEU-Já que envocou o meu testemunho o rei,eu falo em testemunho do que sei: quem matou não fui eu,nem sou capaz de apontar com meu dedo - o malfeitor! Acho que neste casocaberia ao próprio deus,que o pôs diante de nós,mostrar,junto com crime, o criminoso.

ÉDIPO-Muito bem dito,mas não cabe a nenhum homem sôbre a terra forçar um deus a algo que ele não quer...

CORIFEU-Tenho a dizer ~~outra~~ segunda coisa!.

ÉDIPO-E se ~~ainda tiveres~~ tiveres ainda uma terceira,não percas tempo:vai logo dizendo!

CORIFEU-Autoridade por autoridade,nosso velho Tirésias vê quanto o oráculo a quem rebusca estas coisas,ó rei,ele teria muito que ensinar.

ÉDIPO-Isso tambem eu não deixei de lado:~~xxxxxxxxxxxx~~ por sugestão de Creonte,mandei chamar Tirésias,duas vezes,e estranho que ainda não tenha chegado...

CORIFEU-Há uns rumores,também,de que me lembro:mais palavras ao vento...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 224

ÉDIPO-Que rumores?Tudo isso me interessa!

CORIFEU-Diziam que uns viandantes o mataram...

ÉDIPO-Isso eu também já ouvi,mas não há quem conheça testemunhas.
CORIFEU-Se souber o que é medo,o criminoso há de estar poar ai pronto a fugir,depois da tua terrível proclamação...

ÉDIPO-Se a alguém o próprio ato não assusta,não são palavras que vão assustar.

CORIFEU-Mas ai esta quem pode descobrir o criminoso:afinal trazem o vidente iluminado! Se algum mortal tem acesso à verdade,é ele!

ÉDIPO-Tirésias! tu que tudo percebes,do mais claro ao mais densos dos mistérios alto nos céus ou rasteiro na terra,hás de sentir,mesmo sem poder ver,a desgraçaque assola esta cidade...Eis,profeta,por que te procuramos como última defesa e salvação!O deus Apolo,nos fez saber que a única maneira de nos livrarmos deste mal seria desentocar os que mataram Laios e também os matar ou desterrar.Agora,tú:fica atento aos avisos das aves,e a quaisquer outros sinais,e aguça os teus podares de adivinho! Faze-o por ti,faze-o por Tebas e por mim,faze-o por todos que estão sofrendopela morte do rei!Em tuas mãos estamos,e a mais nobre missão do ser humano é prestar sua ajuda ao semelhante.

TIRÉSIAS-Deuses!Como é terrível o dom da sabedoria quando não serve a quem não o tem! Eu,tão convencido disso,nem me lembrei...Senão,eu não viria.

ÉDIPO-Que foi?Por que te lamentas?

TIRÉSIAS-Deixa me ir para casa!Será mais facil,assim,tu carregares oteu fardo e eu o meu...
ÉDIPO-Estranha palavra,atua:parecerás inimigo do povo que tu escolheu, se negares resposta.

TIRÉSIAS-Vejo que falas no momento erradoe não quero incorrer no mesmo êrro.

ÉDIPO-Pelos deuses:nós todos te imploramos,não gardesmais segrêdo!

TIRÉSIAS-É que vós todos de nada sabeis

ÉDIPO-Então sabes e não queres falar?Pretendes atraiçoar-nos e destruir a nação?

TIRÉSIASS Se o que quero é poupar-nos,é a ti e a mim,por que me fazes perguntas vãs?

ÉDIPO-Vileza das vilezas!És capaz de enraivecer uma pedra!Não hà argumento que te dissuada?Não falas?Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS-O que esta por vir vira,mesmo que eu silencie.

ÉDIPO-Mas neste caso,sabendo o que estápor vir,é tua obrigação me prevenir!

TIRÉSIAS-Nada mais tenho a dizer.Agora,se tu quiseres,inunda teu coração com toda a raiva que nele couber! —

ÉDIPO-Precisamente!E naraiva não guardarei o que me vem a cabeça:a mim me parece que tu tramaste e executaste todo o crime,só não chegando a utilizar as próprias mãos;não foses cego,eu diria que até a matança foi obra tua e de mais ninguém!

TIRÉSIAS-É isso?Então ouve:sôbre tua cabeça pende o anátema que teus lábios lançaram!Daqui em diante não tornes mais a me falar,nem aos presentes,pois tués a maldição que pesa sôbre Tebas!

ÉDIPO-Tens a impudência de me falar assim,e pensas escapar à punição?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 5 225

TIRÉSIAS-Digo que tu és o assassino do homem cujo assassino procuras!

ÉDIPO-Segunda vez...Hás de te arrepender por isto!

TIRÉSIAS-Não queres que eu fale mais,para mais te enraiveceres?

ÉDIPO-Como quiseres:será tudo insensatez...
TIRÉSIAS-Digo que tu,sem o saberes,coabatias com gente tua,em sórdida concupiscência,e nem percebes a ignomínia a que chegaste!

ÉDIPO-Pensas que vai continuar falando assim,impunemente?
TIRÉSIAS- Se algum valor tem a verdade,sim!

ÉDIPO-Tem,mas não para ti,pobre coitado:cego dos olhos, dos ouvidos e do espirito!

TIRÉSIAS- Pobre coitado de ti! Pobre de ti,a quem todos em breve hão de execrar como zombando vens até aqui!

ÉDIPO-Invencionice tua ou de Creonte?

TIRÉSIAS- Não é a de Creonte que deves temer mas a ti mesmo...

ÉDIPO-Ó riqueza,poder,sabedoria-quanta inveja trazeis em vosso bôjo! Só por causa do todo este poder que a cidade dêpos em minhas mãos, Creonte,um velho amigo tão leal,lança-se de emboscada contra mim, pronto a me derrubar,com um intrigante,falso ledor da sorte,subornado, que só tem olhos para o seu proveito e em seu oficio é totalmente cego! -Quando é que provaste ser vidente?Por que,quando rondava por aqui a Esfinge ruminando cantilenas,nunca tiveste uma palavra que devolvesse a liberdade ao povo?Eu,Édipo,sem de nada saber,logo ao chegar fiz a Esfinge calar:deslindei a questão pela razão,nem foi preciso consultar seus pássaros!E agora tu me queres afastar,talvez ~~ansioso por~~ ansiando em ficar mais próximo do trono de Creonte?Creio que tu e quem tramou tudo isto ainda lamentareis o falso empenhom na purificação desta cidade... Não parecesses tu assim tão velho,já à tua própria custa aprenderias aonde pode levar a felonia!

CORIFEU-Édipo,tanto as palavras tuas como as dele foram ditas com raiva não é disso que estamos carecendo,mas sim de combinar o melhor meio de pôr em prática as ordens de deus!

TIRÉSIAS-Tu és o rei, mas o direito manda que de igual para igual eu te responda:o que é direito,é um privilégio meu!Não é a ti que eu sirvo eu sirvo a um deus,nunca estive a serviço, de Creonte!E a ti eu digo,já que me ofendes por minha cegueira:os dois olhos que tem pouco adiantam,pois não vês a miséria que te cerca nem a casa em que vives,nem com quem...Sabes,ao menos,de quem és nascido?ÉS inimigo dos teus sôbre a terra e dos que a terra cobre,mas não sabes.Ao duplo látego da maldição de teu pai e tua mãe,serás um dia expulso do país em triste pressa. Zomba,agora,de mim e de Creonte! Pois nenhum outro homem jamais a de ter sido triturado com tanta crueldade como tu!

ÉDIO-Serão de tolerar-se tantas coisas da parte desse homem?
Vai-se embora,some da minha porta!Fora!Fora!

TIRÉSIAS-Eu vim aqui pela tua vontade,não pela minha...

ÉDIPO- Pois,se eu soubesse que só dirias sandices,muito terias que esperar por meu chamado!

TIRESIAS-Talvez eu possa parecer-te louco,mas teus pais sabem que tenho razão.../ÉDIPO-MEUS PAIS? - ESPERA! DE QUEM EU NASCI?
ÉDIPO-Enigmas! Sempre enigmas!

TIRÉSIAS -Então não és aquele que decifra qualquer enigma? *

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 226

ÉDIPO-Escarneces dev inveja do poder que me trouxe tão alto?

TIRÉSIAS-Ou da frsqueza que te levará tão baixo...

ÉDIPO-Se com ela salvei esta cidade,o resto não importa.

TIRÉSIAS -Então me vou:menino leva-me daqui!

ÉDIPO-É bom,mesmo,que te leve:tua presença me pesa,quando tiveres sumido não me aborrecerás mais.

TIRÉSIAS-Vou,depois de cumprir minha misão,sem receio das tuas ameaças jamais me poderias destruir!E a ti eu digo:rei,o homem a quem tanto vinhas procurando,com ameaças e proclamações,mora aqui!Passa por um estrangeiro ,mas se verá que é natural de Tebas e essa descoberta lhe será cruel.Cego,ele que tudo vê,mendigo,ele que hoje é rico,rumará para alguma terra estranha tateando os caminhos com o bastão...
E se verá que é ele,ao mesmo tempo,filho e marido da que o pôs no mundo,herdeiro e matadordo próprio pai.Entra,e pensa bem nisso!Se puderes provar que estou errado,então chama-me cego!

CÔRO-Quem é esse que a voz do oráculo de Delfos acusa de trazer as mãos tintas de sangue de um tão terrível crime.É tempo de fugir mais rápido que o vento,pois o filho de Zeus investe contra ele .Lampejou ainda agora sôbre os tetos do mundo a palavra de ordem a todos:que persigam esse réu inconfesso!Deveras o advinho me veio por perplexo não creio nem descreio ,mas sei o que dizer...Entre um filho de Tebas e um filho de Corinto ,que rixas caberiam?Nunca ouvi ,nem agora nem no tempo passado ,nenhuma testemunha que merecesse fé dizer alguma coisa contra o nome de Édipoou contra o seu empenho de vingar este crime em nome dos tebanos!O deus Apolo vê,dentre os homens um mortal como esse,um simples advinho,que coisas pode ver?Pode uma intelig=ência brilhar mais do que a outra;mas eu,sem antes ver confirmada a denúncia não iria apoiar esses que acusam Édipo!num caso não há dúvida:quando a ESfinge atacava ,ele provou ser sábio e amigo da cidade!Assim meu coração ,sem ter provas ,se exime de lhe imputar um crime.

CREONTE-Povo de Tebas!Tenho chegado ao meu conhecimento que o rei Édipo fez acusações pesadas contra mim,eu venho aqui para fazer sentir a minha mais total indignação:se,em meio a presente calamidade,ele pensa que eu lhe fis algum mal por atos ou palavras (e como isso me doi),não hei de viver todos os meus dias com a suspeita dessa aleivosia!
O gume dessa infâmia não me fere num pomto unicamente:é do mais amplo alcance,me expondo a carregar perante vós,amigos meus,meu povo, a pecha do traidor!

CORIFEU-Talvez lhe tenha escapado essa ofensa em hora de tensão,de grande raiva,jamais do fundo do seu coração...

CREONTE-Ele não disse que eu induzi o adivinho a espalhar falsidades?

CORIFEU-Muitas coisas foram ditas;com que sentido,não sei...

CREONTE-E isso foi assacado contra mim com o olhar firme e firme o pensamento?

CORIFEU-Não sei:não olho o que meus amos fazem.

ÉDIPO-Ah!estás aí?Pois tens o atrevimento de vir à casa onde matas o dono ver a coroa que esperas roubar?Vamos,em nome dos deuses confessa:covardia ou inépcia viste em mim que te animasse a tra mar esse golpe?Julgaste que eu,ingênuo,não veria no escuro a cobra preparando o bote?Ou que,vendo-a,não me defenderia?Não serás tu o ingênuo pretendendo,sem servidores e amigos,um trono que com força e riqueza se conquista?

CREONTE-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 227

CREONTE-Ouve-me agora:é uma resposta franca,para que julges com discernimento...

ÉDIPO-Tens muita habilidade no falar,mas tuas falas cheias de veneno só me darão do mesquinho inimígo que tu és.

CREONTE-Primeiro escuta os ~~meus argumentos~~ argumentos meus!

ÉDIPO-Só não me digas que não és um pérfido!

CREONTE-Se pensas que a arrogância sem sentido è uma vantagem, estás enga nado.

ÉDIPO-Se pensas que fazer mal a um parente não tem castigo,enganado estás tu!

CREONTE-Perfeitamente,concordo.Agora,explica:que mal é esse que imaginas que eu te fiz?

ÉDIPO-Mandar chamar aqui esse adivinho,não foi idéia tua?

CREONTE-E eu insisto na mesma ~~xxxxxx~~ sugestão.

ÉDIPO-Há quanto tempo Laios...

CREONTE-Laios?...Não vejo onde queres chegar.

ÉDIPO-Há quanto tempo Laios sucumbiu na emboscada fatal?

CREONTE-São anos que se perdem no passado...

ÉDIPO-Naquele tempo o adivinho já exercia o ofício?

CREONTE-Já,etão respeitado como agora.

ÉDIPO-E quanto a mim,naquela ocasião,ele não fez nenhuma referência?

CREONTE-Não.Pelo menos,em minha presença...

ÉDIPO-E sobre o crime não se fez uma investigação?

CREONTE-Fêz-se,porém não se descobriu nada.

ÉDIPO-E esse adivinho,x tão sábio,não soube dizer nada nessa hora?

CREONTE-Não sei.Quando não sei,eu silencio.

ÉDIPO-Mas de uma coisa tu sabes,e vais falar,pois é o que te convém...

CREONTE-O que?Sabendo,eu não direi que não.

ÉDIPO-Sem in~~/~~/stigação tua,o adivinho iria agora dizer que eu matei Laios?

CREONTE-O que ele disse e ouviste é outro assunto...Mas,já que me interrogas,também quero fazer-te umas perguntas...

ÉDIPO- Escuta:desse sangue derramado eu jamais poderia ser acusado!

CREONTE-Escuta:tu não desposaste minha irmã?

ÉDIPO- Sim

CREONTE-Reinas com ela em termos de igualdade?

ÉDIPO De mim ela tem tudo que deseja.

CREONTE-E não sou eu,junto aos dois,igualado,a terceira pessoa deste Estado?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.228

ÉDIPO-Isso torna mas vil tua traição!

CREONTE-Não há tal coisa:basta analisares,como analiso,esta situação! Primeiro:achas que algem preferia reinar,cercado de preocupações,em vez de ter a sua vida em paz com os mesmos poderes?Eu não experimento necessidade alguma deser rei,se tenho já todas as regalias que um rei poderia ter :e que mas pode um homem desejar?Eu tenho tudo quanto tens de bom,sem ter nada com que me preocupar; .Onde eu estou,todos me comprimentam,me fazem votos de felicidade;quando tem algo a resolver contigo,falam antes comigo e em mim confiam...Por que troçaria eu minha vida pela tua?Não conspira,quem nada ambiciona.Demais,não aprecio essa politica ;
Se queres uma prova,vai a Delfos e vê se eu não tevtrouxe exatamente as palavras do oráculo divíno!Depois,se descobrires que eu tramei alguma coisa com esse adivinho,condena-me à prisão,e à morte mesmo:não por mera suspeita e prepotência,mas por dupla sentença -tua e minha.!Tão errado é sem provas adsolver como é errado sem provas condenar...Afastar um amigo é como escorraçar a própria vida,bem que tanto se preza.Mas só com o tempo hás de comprender isto:só o tempo mostra a bondade de um homem... Já a maldade sevê no mesmo instante!

CORIFEU-São palavras bastante/ponderadas, ponderadas,de quem caminha e não quer tropeçar.

CORO-Há sempre grande perigo num julgamento apresado...

ÉDIPO-Quando o conspirador avança rápido,eu tenho que ser rápido também: se eu ficar esperando ,aumenta o risco,ele tiunfa e eu sou derrotado.

CREONTE-Que tens em mente,paramim?Destêro?

ÉDIPO-Ou entêrro-para mostrar bem claro a coisa perigosa que é a inveja!

CREONTE-Não estas sendo justo!

ÉDIPO-Justo para comigo,eu sei que sou.

CREONTE-E por que não também para comigo?

ÉDIPO-Não:tu és falso!

CREONTE-E se estiveres fora do juízo?

ÉDIPO-Um rei é para reinar!

CREONTE-Mas não reina quando mal!

ÉDIPO-Escutai-o,meu povo!

CREONTE-Teu povo?Meu,também!

CORIFEU-Parai com isso,príncipes!

JOCASTA-INsensatos!Por que vos desgastais nessa mesquinha troca de palavras ?Não vos vexais de vossa miudezas quando o país está sofrendo tanto ?Entra meu rei! E tu,Creonte,vai-te não é hora de se dar curso a motivos menores.

CREONTE-Mas,minha irmã,Édipo teu senhor,quer que eu escolha:ou o destêrro como desejável,ou a morte,como conspirador!

ÉDIPO-Certo,senhora:eu o peguei tramando perfidamente contra a minha vida!

CREONTE-Que caia sobre mim a maldição de Zeus,se fiz alguma coisa do que dizes!

JOCASTA-Édipo,pelo amor de deus,acredita:primeiro pelo juramento que ele faz,depois por mim...e pela gente aqui reunida!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 229

164

CORO-Nós te imploramos,ó rei :escuta,pensa,consente!

ÉDIPO-Que favor,afinal,quereis de mim?

CORO-Respeita a quem jamais fêz má figura e traz agora a força de uma jura!

ÉDIPO-Tendes noção do que me estais pedindo?

CORO-Sim

ÉDIPO-Formalizai então vosso pedido!

CORO-Não condeneis sem provas um amigo que jurou!

ÉDIPO-Mas ficai certos de que,com esse pedido,me condenais a mim ao destêrro ou à morte...

CORO-Não!-Pelo guia das hostes celestes!Pelo sol:não.!-Sem bençãos ,sem amigo amigos,no maior desespero,se tive essa intenção!Mas,ante o mal que assola esta cidade,duplica o pêso do meu sofrimento,se o ódio entre dois príncepes ameaça coroar nossa aflição...

ÉDIPO-Eu o deixo partir.Não por ele:por vós que consinto!Aonde ele vá,meu ódio o seguirá.

CREONTE-Tu te mostras tão rude no perdão como nas horas de maior furor: mas os temperamentos como o teu ferem,mais que os outros,a quem ostem!

ÉDIPO-Tu,por que não te vais?Deixa-me em paz!

CREONTE-Irei:injustiçado por ti,mas não por eles.

CORO-Entrai,senhora,e levai vosso homem.

JOCASTA-Só depois de saber o que ocorreu.

CORO-Cegas suspeitas,palavras duras à toa,e a ofensa sem razão mas que magoa...

JOCASTA-De parte a parte?

CORO Os dois.

JOCASTA-Com que argumento?

CORO-Creio que basta:sofre o país inteiro,vamos deixar o assunto como está!

ÉDIPO-Então,percebeste bem o que fizeste,afroxando e embotamdo o meu cuidado , .

CORO-Mas de uma vez já disse isto,majestade:-Seria prova de loucura e leviandade pôr-te de lado:tu,que ao meu país amado deste bom rumo em hora de dificuldade,tu,que na certa provaras tambem agora sêres o guia verdadeiro da cidade!

JOCASTA-A mim também,meu rei:explica,pelos deuses,qual o motivo que tanto te enfureceu!

ÉDIPO-Senhora,explico-pois te considero mais do que aos outros todos:o motivo é atrama de Creonte contra mim.

JOCASTA-Que trama?Como foi que começou?

ÉDIPO-Ele me acusa da morte de Laios.

JOCASTA-Fala por ele,ou por ouvir dizer?

ÉDIPO-Tomou por pota-voz um adivinho venal...Ele é bastante sagaz,para se comprometer.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.230

165

JOCASTA-Então estás acima de qualquer suspeita:não há pessoa alguma desse mundo que prediga o futuro de alguém!-Eu digo,e provo!-Laios recebeu certa vez um oráculo(não era do próprio deus,porém dos sacerdotes) dizendo que ele estava destinado a morrer pela mão do próprio filho,dele e meu...Ora,Laios?ao que me consta,foi morto um dia por salteadores numa ~~encr~~ encruzilhada onde se encontram tres grandes estradas.Nosso filho,aos tres dia dias de nascido,Laios mandou alguém abandoná-lo na parte mais deserta da montanha,os tornoselos presos por um grampo:o deus Apolo assim ficou sem m meios de fazer com que Laios terminasse assassinado pelo próprio filho, coisa de que ele mais tinha pavor.E são assim todas as profecias... Não te inquietes !Quando um deus tiver algo de muito importante a dizer ele sozinho se fará entender!

ÉDIPO-Que deslembranças,que desassossêgo em minha alma,rainha,ao te escutar...

JOCASTA-Que angústia,mais,é essa?

ÉDIPO-Tu não dizeste que Laios foi morto onde se encontram tres grandes estradas?

JOCASTA-Era essa a versão ainda corrente.

ÉDIPO-E em que lugar foi isso?

JOCASTA-Foi onde se difurcam as estra das de Delfos e de Dáulia.

ÉDIPO-Há quanto tempo?

JOCASTA-A notícia chegou a esta cidade pouco antes de estares no poder.

ÉDIPO-Zeus que me reservastes?

JOCASTA-Édipo,também isso te atormenta?

ÉDIPO-Não perguntes!Que idade Laios tinha?Como era ele ?

JOCASTA-Ele era alto,na cabeleira uns fiapos de prata...Pouca coisa diferente de ti.

ÉDIPO-Pobre de mim!Afinal eu lançei terríveis maldições contra mim mesmo!

JOCASTA-Que estás dizendo,meu rei?Tu me assustas!

ÉDIPO-Pressentimento horrível:o adivinho talvez visse,de fato...Dize, ainda,para me esclarecer,mais uma coisa!

JOCASTA-Estou tremendo,mas responderei a tudo.

ÉDIPO-Ele viajava com pequena escolta ou,como um chefe,com grande aparato?

JOCASTA-Eram ao todo cinco,incluindoa arauto;Laios ia em um carro.

ÉDIPO-Ah!tudo claro como a luz do dia ...Rainha quem trouxe a notícia de Tebas?

JOCASTA-Um servo,o único sobrevivente.

ÉDIPO-Está ele,na casa,a esta hora?

JOCASTA-Não.Pouco tempo depois,quando ele te viu no trono de Laios, suplicou,segurando minha mão,que eu o deixasse ficar pelo campo,nas pastagens do gado,onde não visse mais esta cidade...E eu concordei:era bom,merecia até um favor maior do que pedia.

ÉDIPO-Podes mandar busca-lo,depressa?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00 48, p.231

JOCASTA-Posso...Mas para que isso?

ÉDIPO-Soltei a lingua mais do que convinha...Rainha,eu preciso ver esse homem!

JOCASTA-Ele virá!...E eu,não posso saber o que tanto aflige meu rei?

ÉDIPO-Sim,não tenho segredos para ti.Escuta!Meu pai é o rei Políbio,de/Ø/rin Corinto;e minha mãe é Mérope,de Dória.Eu desfrutava o mais alto prestígio,até se dar um caso,num banquete um conviva,embriagado,lançou-me em rosto,ao levantar um brinde,que eu não era filho de meus pais... Eu custei a aguentar aquele dia,depois interpelei o pai ea mãe:os dois se enfureceram contra o homem que deixara escapar aquela afronta, ea reação dos dois me aliviou,mas no meu íntimo ficou aquilo a se alastrar em mim cada vez mais...E eu,sem nada dizer ao ~~meu~~ pai eà ~~minha~~ mãe, fui a Delfos.Lá,sem meresponder,o deus me disse uma porção de coisas cheias de dor,de tragédia e de luto:disse até que eu estava destinado a ir para cama com minha mãe,e que ~~seria o assassino daquele que me~~ teria um prole abominável,e que seria o assassino daquele que me gerou.Eu, não escuteri isso,decidi ir para longe de Corinto, . Meu caminho levou-me a esse local onde dizes que o rei Laios foi morto. Senhora,eu te direi toda verdade:quando eu ia chegando ao cruzamento-- das três estradas,topei pela frente um arauto,e sobre uma viatura puxada por dois potros,um varão como o que descrevente. O que ia à frente- e o proprio velho queriam por fôrça que eu me arredasse;eu,tomado de- raiva,ataquei o que estava me empurando,o guia...O homem de cima do carro esperou o momento em que eu passava e me deu na cabeça uma pancada com todo o pêso do aguilhão dobrado.Foi pago em dôbro:um golpe de cajado com essa mão e ele rolou por terra,de costas... Matei-os todos! Se relação existe entre esse extranho e Laios ,quem serámais desgraçado do que este que te fala nesta hora?Quem será tão mal quisto pelos céus? A quem ninguém,da cidade ou de fora,tem permição de receber de em casa;de quem ninguém se pode aproximar,alguél a ser repelido por todos...E todas estas coisas contra mim terem sido por mim determinadas! Pensa:eu tocar a espôsa desse rei com estas mesmas mãos com que o matei?Dize:não sou o imundo dos imundos? E pensar que serei desterrado de Tebas e não posso rever a minha própria gente,nem pôr os pés outra vez em Corinto sem risco de dormir com minha mãe e assassinar meu pai-o bom Políbio que me gerou/e fez de mim um homem!Que impiedoso deus atirou sôbre mim essa maldição? Bons deuses,arrancai-me de entre os homens antes que eu sôbre mim veja abater-se o pêso de tamanha ignomínia!

CORIFEU-Também a nás assustam essas coisas,ó rei!Agora,espera vir depor o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO-É a esperança que me vale:vir de longe esse pastor...

JOCASTA-Que esperas saber dele?

ÉDIPO- se a história dele combina com a que contas,estou insento de culpa..

JOCASTA-Que houve de especial em tudo que contei?

ÉDIPO-Na tua história,o pastor disse que Laios foi morto por salteadores.Se confirmar que eram vários,nãoum,não teria sido eu quem o matou Não se confunde um homem com um bando...Mas se dizer que era um homem sozinho,então será o elo que esta faltando para firmar minha condenação!

JOCASTA-Pois fica certo que foi assim a primeira versão!Não vai muda-la agora ,por que não foi ouvida só por mim...Mesmo que o pastor conte uma outra história,não provará que a morte de Laios combina com o oráculo o deus disse expressamente que ele morreria às mãos do filho-e esse filho,coitado,morreu sem ter feito mal a ninguém!Profecias?...Por mim, não olho mais de um lado e outro,à cata de sinais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 232

167

ÉDIPO-Tens razão, Mas preciso ver êsse pastor... Mada trazê-lo aqui!

JOCASTA-Agora mesmo!Vem:vamos entrar! Faço o que posso,para te agradar.

CORO-Permita-me o destino guardar minha pureza em tudo quanto digo e em-
tudo quanto faço,cumprindo as altas leis que nos descem dos céus-não ---
leis feitas por homens:leis contra as quais não possa nem mesmo o esque-
cimento,leis que façam valer o divino poder!
Do ventre da insolência é nascido o tirano:quando ela se vê cheia de tan
tavaziez,escala o precipício para tomar o trono e dele não sai mais pela
própria vontade...
O que aos deuses implôro é que,em vez de tudo isso,batam-se os patriotas
pelo bem do meu povo!
E espero ter comigo a proteção divina!
Se a tais atos se rendem pomposas homenagens,para que,por exemplo,cantos
sacros num templo?
-Não mais ierei a Delfos,venerável umbigo da Terra;nem a Abas,ver o seu-
Santuário;nem ao templo de Olímpia,se não houver repulsa de todas as---
criaturas e tantas heresias!
-Zeus,ó deus poderoso,que comandas o mundo,se forem verdadeiros os manda-
mentos teus,não escape tal crime ao teu poder eterno sobre todas as coi
sas!
-Agora já se diz que a profecia é nula,e ao deus Apolo não rendem devo--
ção... Vai-se a religião!

JOCASTAS-Nobres de minha terra! Tive a inspiração de visitar os altares-
dos deuses, O grande Édipo deixa-se conturbar em demasia com alarmas de-
multiplas espécies e nem compara,segundo a prudência,os fatos novos com-
os de antigamente:fica assim a merce de quem lhe traga a palavra mais---
trágica. Eu, vendo que já não resultam mais minhas ponderações,recorro a
ti,Apolo,o deus mais próximo de nós,a suplicar que tu nos alivies e nos-
libertes de toda impureza! Como a tripulação de um barco ao ver o timo--
neiro embriagado ao leme,a povo inteiro geme apavorado!

EMISSÁRIO-Posso saber dos senhores aqui onde mora o rei Édipo?Ou, senão,
em que lugar estaré ele agora?

CORIFEU-O rei está no palácio,e esta senhora é mãe dos filhos dele.

EMISSÁRIO-Que ela seja feliz,numa casa feliz -rainha abençoada de um ho-
mem tão ilustre!

JOCASTA-As mesmas bençãos eu desejo a ti,por esta alegre saudação. Que -
queres?

EMISSÁRIO-Sou de Corinto. A mensagem que trago por certo vos dará muita-
alegria,e talvez um pouquinho de tristeza...

JOCASTA-Me alegra e me entristece: que será?

EMISSÁRIO-O nosso povo quer fazer de Édipo o rei de todo o Istmo,ao que--
consta por lá.

JOCASTA-Mas como? O velho Políbio não esta mais no poder?

EMISSÁRIO-Não...Em verdade,a morte o acolheu.

JOCASTA-Que estás dizendo? Morto,o pai de Édipo?

EMISSÁRIO-Se minto,então que o morto seja eu!

JOCASTA-Aia! vai já dizer ao teu senhor!
-E os divinos oráculos,onde estão agora? Políbio era o homem de quem Édi
po fugiu por tanto tempo,com o pavor de vir assassiná-lo...
E agora ele está morto sem que Édipo ao menos o tocasse!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.233 BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

168

ÉDIPO-Jocasta minha rainha ,tu me mandaste chamar?

JOCASTA-Ouve este homem e vê como terminam as terríveis profecías!

ÉDIPOQuem é ?Que notícias traz?
JOCASTA-É de Corinto:diz que o rei Políbio,teu pai está morto...Morto!

ÉDIPO-Como,estrangeiro?Conta-me tu!

EMISSÁRIO-Se é necessário repitir:o rei Plíbio está morto e já debaixo da da terra.

ÉDIPO- Doença ou traição ?

EMISSARIO-Quando a idade é avançada,a menor brisa leva a pessoa ao último repouso...

ÉDIPO-Foi de doença,~~quexentão~~,que ele morreu?

EMISSÁRIO-Foi,e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO-Então.!Então!...Mulher,por que temer oráculos de Delfos,ou os pássaros com seus gritos sôbre nossas cabeças,que me predestinavam a/~~assas~~ assassinar meu pai?Ele está morto,já debaixo da terra...e eu nem se quer pus a mão numa lança!As profecias,como Políbio,estão mortas!

JOCASTA-Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO-Mas eu estava surdo pelo mêdo...

JOCASTA-Agora,vamos:esquece tudo isso e acalma teu coração!

ÉDIPO-Não deveria eu ainda temer dormir com minha mãe?

JOCASTA-Que tem a temer um homem,fraco joguête da sorte,que do próprio futuro nada sabe?Melhor é ir vivendo a vida...Não tenhas medo da cama de tua mãe:quantas vêzes em sonho um homem dorme com amãe!É bem mais fácil a vida para quem~~xxxxxx~~ dessas coisas não cogita.

ÉDIPO-Em tudo isso...quisera acreditar,mas eu,enquanto ela viver,hei de ter mêdo.

JOCASTA-A morte de teu pai é um ponto de luz na escuridão...

ÉDIPO-Enquanto ela estiverb viva,eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO-Quem é essa mulher que te faz assim temer?

ÉDIPO-É Mérope,a espôsa de Políbio!

EMISSÁRIO-Que tem ela,para temeres tanto?

ÉDIPO-Um desígnio terrível que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO-Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO-Não é segredo:foi profetizado que eu dormia com minha mãe e mataria meu pai...

EMISSÁRIO-Tu,então,por mêdo disso,te condenaste ao degrêdo?

ÉDIPO-Decerto:eu não queria tirar a vida ~~d~~a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO-Vou~te livrar também dessa agonia.

ÉDIPO-Se o cinseguires,terás grande recompensa!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 234

EMISSÁRIO-Pensando nela,eu vimpara que,de volta à pátria,não te esqueças de mim.

ÉDIPO-Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO-O' filho,bem vejo que não sabes o que fazes...

ÉDIPO-Como ancião?Explica,pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO-Se é todo esse o teu receio de voltar...

ÉDIPO-Eu tenho mêdo de que a predição divina se transforme em ve rdade.

EMISSÁRIO-Com omal que farias a teus pais?

ÉDIPO-É só o que me constrange.

EMISSÁRIO-Pois então fica sabendo que te constranges em vão!

ÉDIPO-Como em vão,se sou o filho deles?

EMISSARIO-Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO-Que estás dizendo?Políbio não é meu pai?

ÉDIPO-Ele é tanto teu pai,quanto teu...

ÉDIPO-Mas ele sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO-De minhas mãos ele te recebeu,como um presente meu.

ÉDIPO-E como poderia amar tanto o filho do outro?

EMISSÁRIO-Decerto por não ter filhos...

ÉDIPO-Mas,se também não sou teu filho,tu me achaste ou me compraste de de alguém?

EMISSÁRIO-Eu te encontrei,numa várzea do Citerão .

ÉDIPO Que fazias por lá?

EMSSARIO-Pastoreava.Mas,naquela hora,fui eu que tetratei...

ÉDIPO-Tu me trataste,como?Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO-Queres saber?Olha teus tornozelos!

ÉDIPO-Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO-O granpo que te prendia os dois pés,fui eu que removi!

ÉDIPO-Desde menino esta cicatriz me acompanha....

EMISSÁRIO-Por isso é te chamas èdipo-o de pés inchados!

ÉDIPO-Mas,pelos deuses,foi meu pai ou minha mãe que me tratou assim?

EMISSÁRIO- Não sei...Talvez possa dizer melhor o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO-Então me recebeste de um terceiro?Não me achaste sozinho?

EMISSÁRIO-Não:tu me foste entregue por um outro pastor.

ÉDIPO-Quem era ele?Sabes quem era ele?

EMISSÁRIO-Se não me engano,era gente de Laios...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P235

ÉDIPO-Laios,o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO-Esse mesmo!O pastor servia ao rei.

ÉDIPO-E estará ele vivo,ainda,para eu vê-lo?

EMISSÁRIO-Teu povo a de saber melhor [redacted] que eu...

ÉDIPO-Conhece algun/ dos presentes o pastor/que ele fala?Alguém o teria vis visto pelo campo ou na cidade?Respondam!-chegou a hora de tudo se esclarecer!

CORIFEU-A rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO-Senhora,tu conheces o pastor a quem ele se refere?

JOCASTA-Não faço idéia de quem ele fala.Esquece isso!Para que dar ouvido a a tanto palavrório sem sentido?Esquece isso!

ÉDIPO-Hei de seguir a trilha até o fim:eu não posso deixar de esclarecer o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA-Pelos deuses!Se tens amor à vida,põe fim a essa busca! Eu não suporto mais!

ÉDIPO-Ânimo!...Mesmo que eu tenha que saber que sou filho de escravo, escravo ao cubo,já de tres gerações-a honra tua,tua linhagem,nada perderá!

JOCASTA-Mas eu te imploro,escuta:esquece isso!

ÉDIPO-Não posso.Eu tenho que saber toda a verdade!

JOCASTA-Peço por ti!Peço pelo teu bem!

ÉDIPO-Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA-Podre de ti!...- Que nunca descubras quem és!

ÉDIPO-Vá alguém buscar o tal pastor!E desfrute essa mulher toda a nobre linhagem que tiver!

JOCASTA-Desgraçado!-éa minha última palavra,para sempre...

CORIFEU-Édipo,tua espôsa foi-se embora como tocada de profunda mágoa: por que?-Nessa mortal-tranquilidade,receio que se forme a tempestade...

ÉDIPO-Que venha a tempestade!...Eu insisto em saber minha origem,por mais baixa que seja...Talvez ela,em seu orgulho,despreze meu humilde nascimento mento;mas eu,que sinto em mim um favorito da fortuna,que esparge as sementes do bem,desconheço qualquer humilhação!Eu sou filho da sorte irmão das [redacted]s;seja no esplendor ou na miséria,eu tenho a companhia das estrêlas!Nascido assim,não quero ser outro que não eu-esaberei quem sou! Senhores!eu embora [redacted] [redacted] visto o homem que buscamos,tenho a impressão de o estar vendo agora!

CORIFEU -Lembro-me dele:é da casa de Laios,simples pastor,porem muito leal!

Édipo-A ti,que és de Corinto,eu te pergunto em primeiro lugar: -É este o homem?

EMISSÁRIO É ele!

ÉDIPO-Agora,velho,olha bem para mim e me responde:acaso pertenceste,em qual qualquer tempo,à casa do rei Laios?

PASTOR-[redacted] Eu fui escravo dele, desde que nasci.

ÉDIPO-E que fazias?Qual era [redacted] função?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.236

PASTOR-Eu fui escravo dele,desde que nasci.

ÉDIPO-E que fazias?Qual era tua função?

PASTOR-às mais das vezes,fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO-E a que pastagens costumavas ir?

PASTOR-Eu ia muito ao Citerão e redondezas ...

ÉDIPO-Então por lá conheceste esse homem?

PASTOR-Como?Qual homem?Que queres dizer?

ÉDIPO-Este!Tu já não o encontraste antes?

PASTOR-Assim de pronto,não chego a lembrar...

EMISSÁRIO-Não admira,senhor! Mas a lembrança se aviva:há de lembrar-se,com toda a certeza,de quando,ele tangendo dois rebanhos e eu um, andamos pelo Citerão tres longas temporadas,do outono à primavera, aproveitando o frio;então eu ia com minhas ovelhas para casa e ele conduzia as dele para os redis de Laios...Tudo isto que estou dizendo foi verdade ou não?

PASTOR-Verdade,sim...mas foi há muito,muito tempo!

EMISSÁRIO-Recordas que naquela ocasião me confiaste um menino de colo, para eu criar como filho?

PASTOR-E agora?A que vem esta pergunta?

EMISSÁRIO-O menino que um dia me entregaste é esse homem que está na tua frente!

PASTOR-Maldito sejas!Cala-te de uma vez.

ÉDIPO-Cuidado,velho!Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR-Mas,rei,o que foi que eu fiz?

ÉDIPO-Não respondeste ao que ele perguntou sôbre o menino...

PASTOR-Ele não sabe o que está dizendo!

ÉDIPO-Se não falas por bem,hás de falar por mal!

PASTOR-Não!Pelos deuses,tem pena deum pobre velho!

ÉDIPO-Peguem-no!Amarrem-lhe as mãos!

PASTOR-E agora,que foi que eu fiz?Que mais queres saber?

ÉDIPO-Entregaste a esse homem a criança,conforme ele pergunta?

PASTOR-Entreguei...Quem medera ter morrido naquele mesmo dia!

ÉDIPO-Morrerás hoje,se não disseres a verdade.

PASTOR-Se disser estarei duas vêzes perdido...

ÉDIPO- Se esperas ganhar tempo,já verás !

PASTOR-Não:eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO-E onde arranjaste o menino:em tua casa ou em outra?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0048, P 237

172

PASTOR-Não era meu.Outra pessoa me deu...
ÉDIPO-De que família?De alg um destes cidadãos?
PASTOR-Senhor,pelo amor dos deuses,não me perguntes mais nada!
ÉDIPO-Se eu precisar repetir a pergunta,podes considerar-te um homem morto!
PASTOR:Era criança da casa de Laios...
ÉDIPO-Filho de escravo ou parente do rei?
PASTOR| Pobre de mim! dependo do que eu disser...
ÉDIPO-E eu,do que ouvir...Mas quero saber:fala!
PASTOR: Então fica sabendo que o menino diziam ser filho do próprio rei:- tua esposa,lá dentro do palácio,talvez possa explicar melhor que eu...
ÉDIPO-Ela? Quem te entregou o menino foi ela?
PASTOR-Foi majestade.
ÉDIPO-E para que?
PASTOR-Para eu matá-lo.
EDIPO-A amaldiçoada fez isso com o próprio filho?
PASTOR-Medo de uma terrível profecia...
ÉDIPO-Que profecia...
PASTOR-O menino matar o próprio pai.
ÉDIPO-Então,por que o entregaste a êle?
Pastor-Senhor,eu tive pena! Pedi àquele homem que o levasse para a cidade dele...Agora vejo que o reservou para a pior das sinas:pois se tu és em-- verdade aquela criança,nasceste para ser muito infeliz!
ÉDIPO-Horror!Horror!Horror! Tudo verdade! Luz do dia,eu não quero mais ter! Filho maldito...marido maldito...maldito assassino do próprio pai!
CORO-Ah,como pôde o chão que teu pai semeou,tanto tempo em silêncio acolher o teu grão?
ARAUTO-Vós,que tanto respeito mereceis nesta país,ainda mais chorareis pelas coisas que haveis de ver e ouvir,se,como patriotas bem nascidos,ainda prezais a nossa dinastia! As águas dos rios todos da terra talvez não bastem para lavar a imundice desta casa-tamanhos são os males já mostrados,e os mais que há de mostrar,premiditados,não ocasionais...Quem sofre a si mesmo,sofre mais!
CORIFU-O que sabemos já nos dá muito a chorar. Que novas catástrofes anuncia?
ARAUTO-Nossa rainha Jocasta está morta!
CORIFEU-Pobre mulher!
ARAUTO-O horror do quadro,a vós,que o não vistes,será poupado;mas eu,que o vi,dele não posso me esquecer! Desesperada ela entrou no vestíbulo e correu para a alcova nupcial,as duas mãos arrancando os cabelos;bateu a porta atrás de si,com força. Gritava-"Laios" chamando o marido há tanto tempo-- morto,mas pensando no filho que matou o próprio pai e que da mãe teve -- monstruosamente uma prole de infelizes...Gemia contra o leito nupcial onde, coitada,havia concebido filhos do filho e era mãe do marido. Como afinal-- morreu,não sei dizer; entrou Édipo aos gritos. Ele pedia uma espada e bradava: "Onde esta minha esposa,que não é esposa alguma,é um útero dando que me pariu e pariu filhos meus?" Nessa alucinação,algum poder guiou-lhe os passos:num gemido horrível,como se algo o empurrasse,atirou-se contra as-- portas,rompendo as dobradiças,e num relance entrou,e deparou com a mulher- enforcada,u m laço corrediço no pescoço...
Ao vê-la,num gemido sufocado desamarrou a corda,e,quando o corpo desmoronou no chão,o que se viu foi mais um espetáculo de horror:êle arrancou os alfinêtes de outro da roupa da rainha,levantou-os e os enterrou nos olhos,imprecando!"Olhos meus,não vereis mais esta culpa e esta vergonha,nunca mais-- vereis quem não deveríeis ter visto nunca e para todo o sempre só vereis a treva.'"Era êsse o padrão dos seus lamentos enquanto,uma vez só não muitas vezes,erguia-as mãos e ia ferindo os olhos, e a cada golpe uma chuva de sangue lhe saltava das órbitas tingindo os dois,o marido e a mulher... Tem sido venturosa até agora a sina desta casa;mas,de agora em diante,tudo quanto fôr desgraça e desastre,luto e pranto,morte e lamentação,tudo o--- que há de mal,sôbre esta casa se verá!
CRIFEU-E agora? Como está êle agora?
ARAUTO-"Escancarai os portões,'" êle grita -"Vinde,tebanos todos,ver o que foi do pai o matador e da mãe o...Não ouso repetir,a palavra não cabe em-- minha boca!Exige que o expulsem desta terra,para que não recaia sobre a -- sua casa a maldição que ele mesmo lançou. Já não tem quase forças nem ninguém para guiar-lhe os passos:sofre mais do que pode um homem suportar!
Já estão tirando a tranca dos portões e assim tereis ante os olhos um qua--

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p-238

173

quadro que ao mais cruel inimigo há de dar pena.
ÉDIPO-Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim!Onde estou eu?Para que fui nascer? A minha voz espalha-se,por-onde? Ó treva indescritível que me envolves,nuvem que não consigo dissipar: ai de mim!
Ó Políbio! Corinto,pátria minha,que podridão enorme se escondia no bom menino que de mim fazias!Ó encruzilhada,capoeira que junta as três estradas: o sangue que bebeste foi o meu,derramado da carne de meu pai por estas mãos! Ó leito nupcial: tu te embebeste na minha semente,mesclando em um só sangue pais,irmãos,filhos,esposas e mães...vergonhosos incestos,tudo quanto cabe de horrível sob a luz do sol, Eu vos suplico:enfurnai-me nalgum lugar longe daqui,ou terminai de vez comigo,ou atirai-me às profundezas do mar onde ninguem me veja! Não receeis tocar com vossa mãos um infeliz! Podeis aproximar-vos sem medo.
CORIFEU-Aí vem Creonte,teu sucessor,única pessoa capaz de ter atender e aconselhar...
ÉDIPO-Que ânimo terá para comigo.
CREONTE=Não venho aqui para zombar de ti,Édipo,ou reprovar tuas ações. Vós outros,se não tendes numhum respeito à criatura humana,ao menos respeitai a luz do Sol que tudo vê tudo determina! Não deixeis tão a nu tamanho horror que nem a terra aceita,nem a chuva,nem a luz:escondei-o!
ÉDIPO-Expulsa-me,manda-me para longe onde ninguém possa falar comigo!
CREONTE-Por mim eu já teria feito isso;mas antes mandei consultar os deus para ver se já acreditas nele.
EDIPO-Eu acredito! E com toda humildade te peço|a que ficou lá dentro morta,manda enterrar conforme o ritual que assiste agora a ti como irmão! Quanto a mim,deixa que eu má morar pelas montanhas de Diterão,que dizem pertencer-me porque meus paisha tempos o escolheram para eu morrer por lá! Meus filhos homens,Creonte,já não requerem maiores cuidados. Mas minhas pobres filhas inocentes,que se sentavam no meu colo,à mesa,bebendo do meu copo e beliscando do meu prato-elas duas,eu te peço:cuida bem delas! E consente agora que eu as possa afagar,em minha dor! Consente!-Eu te suplico mas,que digo será delas o chora que ouço agora? Creonte terá tido compaixão de mim,mandando vir para me ver as filhas que eu adoro?
CREONTE-Quis que ainda provasses,na desgraça,um pouco da alegria que elas te davam antes...
ÉDIPO-2Que os deuses te protejam!Que,por tê-las trazido,seja melhor que a minha a tua sorte!Onde estais,minhas filhas?Chegai perto,onde vos possam tocar estas mãos de pai,de irmão-mãos que encheram de trevas estes olhos tão claros que vos viam! Mãos de quem,sem saber nem indagar,se fez pai vosso com a própria mãe. Tem pena delas,Creonte:meninas e desvalidas-dependem de ti! Minhas filhas,rezai para encontrar um pouco de prazer na vida,um lar,e que o vosso destino ssja melhor do que o de vosso pais!
CREONTE-Sim,basta de lamentos! Vamos entrar!
ÉDIPO-Estou pronto:levem-me daqui!
CREONTE-Vai,mas deixa as meninas!
ÉDIPO-Não! Não me tirem as minhas duas filhas!
CREONTE- Não queiras dar mais ordens: Obedece! Teu poder terminou.
CORO-Considadãos de Tebas,pátria nossa,olhai bem: Édipo descifrador de intringado enigmas entre os homens o de maior poder,-aí está! Quem no país não lhe invejava a sorte? E agora,vede em que mar de tomento ele se afunda! por esta razão,enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor,não se pode dizer que foi feliz.

João/Fausto
1974

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 239

174

313/74 - SCTC/SC/DCDP 15.maio 4

Superintendente Regional do DPF - SÃO PAULO

" ÉDIPO REI "

" SÓFOCLES "

Superintendente:

Lorena/SP.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 240

175

Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

De acordo. O certificado deve ter a validade de 5 (cinco) anos para cada empresário ou elenco que entre com pedido de censura da peça teatral, e só se deve considerar o prazo anteriormente estabelecido quando se tratar de expedição de 2ª via, destinada a quem era portador do documento com prazo não vencido.
SM 20.5.74

PROC. Nº 15281/SP

PEÇA: ÉDIPO REI

SR. DIRETOR:

O Art. 10 da lei nº 5.536, de 21 de novembro de 1.968, estabelece:

"Art. 10 - O certificado de censura para teatro, cinema e novelas ou teatro para radiofusão terá validade em todo território nacional, pelo prazo de cinco (5) anos, tanto para o mesmo ou outro empresário, quanto para o mesmo ou outro elenco, e, dentro dêste prazo, só poderá ser revisto o limite de idade se fôr introduzido elemento novo no espetáculo, que justifique outra classificação."

Da simples leitura desse dispositivo legal conclui-se que o prazo de validade dos certificados de censura é de cinco (5) anos, tanto para o mesmo ou outro empresário, quanto para o mesmo ou outro elenco. Entende-se que se o empresário "X" tem direito, com a aprovação da sua obra, a explorar por cinco anos o espetáculo liberado, o mesmo direito o tem o empresário "Y", se se dispuzer a encenar a mesma obra, e a partir do instante em que sobre o seu pedido emitir a DCDP o certificado repectivo.

Tanto é assim que o já citado Art. 10 assevera que a validade de cinco (5) anos é tanto para um, quanto para outro. Ora, se um outro empresário requer a liberação da peça depois dela já ter sido liberada anteriormente, não quer isso dizer que o seu certificado vai ter, para este último, um prazo de validade restrito, para coincidir o seu término com o certificado anteriormente liberado. O seu prazo terá que / ser, também, de cinco (5) anos, pois o contrário será usurpá-lo num direito liquido e certo.

Infelizmente, este não tem sido o entendimento da SCTC que, sequidamente, tem determinado que se observe, nos casos de confronto de peças com certificado em vigor, o prazo da validade anterior. Nessa sequência vai haver, talvez, o dia em que a DCDP liberará peças teatrais por prazo até inferior a um mês, ou uma semana, se o certificado anteri

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 241

-or estiver em vias de expirar nesse prazo.

O presente processo enquadra-se no caso ora exposto e o certificado emitido, embora com data de 15 de maio de 1.974, tem seu prazo limitado até 1º de outubro de 1.975, ou seja, com validade de apenas um (1) ano, quatro meses e 15 dias.

Entende este SC que só se configuraria a observância do mesmo prazo de validade do certificado, se fosse para o mesmo grupo teatral que o requereu originalmente e uma vez comprovado o extravio do original emitido pela DCDP. Portanto, uma 2ª Via.

Assim, discordo do despacho de fls. 7 do Sr. / Chefe da SCTC, sugerindo ao Sr. Diretor da DCDP que determine a emissão de novos certificados corrigido o prazo de validade e passando a ser observado, a partir de agora, o que estabelece o Art. 1o da Lei nº 5.536/68.

Brasília, 20 de maio de 1.974

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serv. de Censura

Retorne à S.E. para substituir os certificados, observando a validade de 5 (cinco) anos.
Em: 21.5.74.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 242

222/74

EDIPO REI

SÓFOCLES

1º OUTUBRO 75

15 MAIO 74

ROGERIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 243

: ÉDIPO-REI

: SÓFOCLES

: GRUPO DE TEATRO AMADOR "AMÉRICO ALVES" - SP -
JOSÉ MACHADO BRAGA

10 MAIO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP. ::::::::

15 MAIO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 244

MJ-DPF-SRA/BSB
27 MAI 1026 0031409
RECEBIDO POR .....

EXMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASILIA - DF

178/74

Jair Salvador, brasileiro, casado, responsável pelo setor de teatro da Coordenadoria de Assuntos Culturais da Fundação Universidade Estadual de Londrina vem, respeitosamente, solicitar de V. Sa. a liberação do texto anexo, "Edipo Rei", de Sófocles, para efeito de montagem pelo grupo TEP (Teatro Estudantil de Paranavai), com a qual pretende se apresentar no "VII Festival de Teatro Universitário e Amador" a ser promovido por este setor em julho próximo.

N. Termos

P. Deferimento

Londrina, 15 de maio de 1974

Jair Salvador

Setor Teatro

CAC/FUEL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p 245/179

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3° andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Londrina, 14 de maio de 1.974.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O ABAIXO ASSINADO, NA QUALIDADE DE REPRESENTANTE, EM LONDRINA, ESTADO DO PARANÁ, da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - S.B.A.T., PELA PRESENTE AUTORIZA A CENSURA DA PEÇA TEATRAL / "ÉDIPO REI" DE SÓFOCLES.-.-.-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 246

TEATRO

180

TÍTULO ÉDIPO REI

1) S. ARQUIVO

Documentação Em Ordem

Clas. Anterior 14

Praça LONDRINA - PR

Obs.: _____

DF. 28/5/74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

3) S. C. T. C.

Emita-se o certificado na forma do parecer 1605/74, que acolho, condicionados, todavia, ao exame do censor geral.

16/5/74

P. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-S:/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 14/6/1974

Wilson de Queiroz Garcia
Chefe do S.C.

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p 247

181

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Título- "ÉDIPO REI" tradução de Jaime Bruma

Espécie- Teatro

Classificação Etária- 14(quatorze)anos

P A R E C E R 1605/74

Do exame da peça teatral "ÉDIPO REI" confiada a este Téc. de Censura para confronto, pudemos verificar que os textos são semelhantes, havendo contudo, no atual, acréscimos e supressões em quase a totalidade dos diálogos.

Entretanto, considerando que o sentido da obra permanece inalterado e que as modificações se devem à questão de tradução, somos pela liberação do texto em exame com a mesma classificação etária anterior, 14(quatorze)anos, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 06 de junho de 1974

Maria das Graças Sampaio Pinhati

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048.P 248

182

394/74 - SCTC/SC/DCDP 10. junho 4

Superintendente Regional do DPF - PARANÁ

" ÉDIPO O REI "

" SOFOCLES "

Superintendente:

Londrina/PR.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 249

222/74

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

14 JUNHO 79

14 JUNHO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

14

183

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.250

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - PR -
JAIR SALVADOR

06 JUNHO 74

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::

14 JUNHO 74

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

MHF

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.25/1

FICHÁRIO S.A. SCDP

M. - DPF - SRA/BSB
17 JUN 1132 74 036539
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Of. nº 2.761/74-SCDP/SR/SP Em, /junho de 1974.

Do: Superintendente Regional do D.P.F. em São Paulo

Ao: Exmº. Sr. Diretor Geral do Departamento de Policia Federal

Assunto: Relatórios (encaminha)

Senhor Diretor Geral:

Com o presente encaminho a V.Exa., para os devidos fins, os relatórios de ensaios gerais das peças teatrais "UM DEUS DORMIU LA EM CASA" de autoria de Guilhermo Figueiredo, "EDIPO REI" original de Sofocles, "NOSSA CIDADE" autoria de Thorton Wilder, "SENHORITA JULIA" autoria de J. August Strindberg, "SERAFIM FIM FIM" de autoria de Carlos Meceni, "OS VISITANTES"DA NOITE" autoria de Dirce P. Avezic, "SINHAZINHA ANGELICA" original de Dirce P. Avezic, "CORDEL" de autoria de Orlando Senna.

Na oportunidade, renovo a V. Exa., protestos de estima e consideração.

CEL. - ANTONIO LEPIANE
Superintendente Regional

AL/acb. -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0098.8.252

185

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM SÃO PAULO

RELATÓRIO Nº ... Série ...

São Paulo ..... em 06 de 06 de 1974

Ao :- **Chefe do SCDP/SR/SP**

De :- **Técnico de Censura**

Assunto :- **Ensaio geral da peça "Édipo Rei"**

Exame censório do ensaio geral de **."Édipo Rei"**.....

.....

Autor :- **..Sófocles**.....

Tradutor :- .....

Encenado por :- **.Grupo .de .Teatro .Amador ."Américo .Alves"**.....

Local :- **..Colégio .Estadual ."América .Alves"**.....

Data do ensaio :- **4 / 6 / 74** Horário:- das **17** às **19**. horas

1, T E X T O

1,1 Tema :- **clássico**.....

1,2 Sofreu alterações ? ( ) Sim (x) Não

1.3 Sofreu alterações significativas ? ( ) Sim (x) Não

1.4 Sofreu cortes ? ( ) Sim (x) Não

1.5 Cortes observados ? ( ) Sim ( ) Não

1.6 Classificação :- **.14 anos**.....

2. E N C E N A Ç Ã O

		De acordo com as normas censórias	Contrariando as normas censórias
2,1			
2.1	Cenário :-	(x)	( )
2,2	Iluminação :-	(x)	( )
2,3	Música :-	(x)	( )
2,4	Guarda-roupa :-	(x)	( )
2,5	Projeção de "slides"	( )	( )
2,6	Expressão corporal :-	(x)	( )

2.7 Restrições **.nenhuma**.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 253

186

Nº ... Série ... 4

3. OBSERVAÇÕES

Nada a relatar.

Segue anexo Relatório minucioso ( ) Sim x Não

4. PARECER DO TÉCNICO DE CENSURA

4.1 Opino pela liberação (x)

4.2 Opino pela proibição ( ) de acordo com .....

4.3 Opino pela liberação com restrições parciais ( ) de acordo .....

José Américo César Cabral ..... Técnico de Cens.

Nº 323

S.Paulo, 6/6/74

1. De acordo com o parecer censório, remeta-se à Brasilia, através da Superintendencia.

Pe. Marcilio Nogueira

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 IP 254

MJ-DPF-SRA/BSB
14 NOV 1120 070100
RECEBIDO POR:

188

fesc — udesc
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Of.nº 619/74 Florianópolis, 11 de novembro de 1974

De ordem
ao arquivo

FICHADO
S. A. DCDP em 14/11/74

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor:

Tenho a honra de dirigir-me a V.Sa. a fim de encaminhar-lhe, para os devidos fins, tres (3) vias da peça "Édipo-Rei de Sófocles, (adaptaçao em um ato de Jean Cocteau), autorização da - SBAT e requerimento que trata do assunto.

Devo esclarecer a V.Sa. que se trata de um Grupo desta Faculdade que pretende apresentar peças curtas e de alto - valor teatral.

Na oportunidade solicitando suas providencias no sentido de encaminhar-me o Certificado de Liberação de "Édipo-Rei , subscrevo-me atenciosamente

Prof. Aníbal Nunes Pires
Diretor

Ilmo. Sr.
Dr. Rogério Nunes
DD. Diretor do Depto de Censura e Diversões Públicas
Edificio do BNDE - 4º andar
Brasília - df

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.255

fesc — udesc

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

189

O abaixo-assinado, Aníbal Nunes Pires, brasileiro, casado, professor, Diretor desta Faculdade, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. se digne fornecer-lhe o Certificado de Liberação da peça "Édipo-Rei", de Sófocles (adaptação em um ato de Jean Cocteau).

Nestes Termos
Pede Deferimento

Florianópolis, 11 de novembro de 1974

Prof. Aníbal Nunes Pires
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 256

1970

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Direitos de Representação — Autorização Nº 200943

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n.º 5492, de 16-7-1920, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-932, a representação da peça teatral:

"ÉDIPO REI"

Original de SOFOCLES

Música de -.-.-.-.-.-.-.-

Tradução de MARIA CLARA MACHADO

No Teatro ALVARO DE CARVALHO Cidade FLORIANÓPOLIS

nos dias JANEIRO/1.975.

sob a condições do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10 % DEZ POR CENTO da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr$ 175,00 por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilisando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competente — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibo oficiais da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de sêlo — Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945

(TEATRO DA UDESC) - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 9048, p. 257

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com séde no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr, 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação á **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de Janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros ou espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorisação, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legítimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n, 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções ai realisadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realisarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21.111, de 1 Março de 1932:

Art. 55, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precidida da indicação dos nomes dos autores.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.258

TEATRO

191

TÍTULO Édipo - Rei

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem

Clas. Anterior 14

Praça Florianópolis - Sta. Catarina

Obs.: _____

DF. 18 / 11 / 74

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Conforme parecer nº 12113/74 remeta-se:
1 - À SFxp, para expedir Certificado, s/cortes, todavia condicionado ao exame do ensaio geral.
2 - À Consideração do Sr. Ch. do Serv. de Censura.
Em 27/11/74 —

Ch. Subst.

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 29/11/1974

Manoel Francisco Clavery Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 259

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

192

PARECER Nº 22113 / 74

TÍTULO: "ÉDIPO REI" - Sófocles - Trad. Mª Clara Machado

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 Anos

ESPÉCIE: Peça Teatral - Confronto

Realizando o confronto do presente texto com os anteriores, constatei que a tradução de Maria Clara Machado não coincide literalmente com as outras, sem contudo haver alteração da temática. Por isso indico seja mantida a mesma classificação ou seja, IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS.

Brasília, 25 de novembro de 1974

Maria Celia da Costa Reichert

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 260

193

986/74-SCTC/SC/DCDP

Diretor da Divisão de Polícia Federal em Santa Catarina

"ÉDIPO REI"

Sófocles

Diretor:

Florianópolis-SC

MFCG/rs

BR DFANBSB NO.CPR.TEA.PTE.

194 261

222/74

: ÉDIPO-REI

: SÓFOCLES

28 NOVEMBRO 79

28 NOVEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB

: ÉDIPO REI

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

: SÓFOCLES
MARIA CLARA MACHADO

TEATRO DA UDESCO - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - SC -
25 NOVEMBRO 74
PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::::::::::::::

REQUERENTE: ANÍBAL NUNES PIRES

28 NOVEMBRO 74

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p263

162

MJ - SEA/BSB

30 07 1108 74 079244

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FICHADO
S. A. DCDP

RECEBIDO POR: Antonio

195

Of. 784/SCDP/DPF/SC Florianópolis, 26 / 12 / 74.

Do: Chefe da SCDP/DPF/SC

Ao: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas do DPF

Assunto: Encaminhamento

De ordem.
Ao Arquivo.
Em, 31.12.74
[illegible]
Ass. Ev. Addm.

Senhor Diretor:

Pelo presente encaminho a V. Sa. Relatórios de Ensaio Geral das peças teatrais: " O homem do princípio ao fim" e "Édipo Rei" para os devidos fins.

Apresento a V. Sa. protestos de consideração e apreço

Akegava

YUNKO AKEGAVA
Chefe da SCDP/DPF/SC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.264

196

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DIVISÃO DE POLICIA FEDERAL EM SANTA CATARINA
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO (ENSAIO GERAL DE PEÇA TEATRAL)

Dando cumprimento aos termos do Ofício nº 986/74-SCTC/SC/DCDP, de 29/11/74, assisti, na Faculdade de Educação, localizada à Rua Saldanha Marinho s/n, nesta Capital, ao ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada:

Peça Teatral	- ÉDIPO REI
Autor	- SÓFOCLES
Tradução	- Maria Clara Machado
Produção	- Teatro da UDESCO-Faculdade de Educação/SC
Direção	- Profº- Anibal Nunes Pires
Cenario	- Grupo
Certificado	- Nº 222/74
Validade	- 28/11/74

PERSONAGENS	ELENCO
Édipo	- Renato Rosa
Coro	- Ana Maria Leite
	- Elenice Parisi
	- Maria da Graça Graciosa
	- Rosangela da Silva
Creonte	- Jair Cruz
Tiresias	- Clodoaldo Mendes
Jocasta	- Rute Ozol
Mensageiro	- Antonio Medeiros
Pastor	- Candido Damasio

A peça tem duração aproximada de 45 minutos, desenvolvendo-se em apenas um (1) ato,
O cenário é constituido de um tablado, uma pira e uma coluna.
As vestes são as proprias da Grecia antiga.
O " script " foi obedecido na íntegra.

Florianópolis, 08 de Dezembro de 1974

Ivo Orlando Muller

IVO ORLANDO MULLER
Fiscal de Censura Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.265

1975

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

O Grupo Universitário de Teatro do Amazonas (GRUTA). Com sede em Manaus, sito à Av. Joaquim Nabuco 1039, através de seu representante abaixo assinado, vem ϕ com devido respeito e acatamento, solicitar à V. Sa. que se digne conceder a liberação da peça "ÉDIPO REI" adaptação de Jean Cocteau do texto de Sófocles.

N. Termos

P. Deferimento

Manaus, 11 de julho de 1975.

Rui Brito da Silva Lima

Rui Brito da Silva Lima

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 266

MJ-DPF-SRA/BSB
24 JUL 1424 75 041866
RECEBIDO POR

DPF-SRA
fl. n.º 01
Rub.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
Superintendencia Regional no Amazonas

198

OF. Nº 1116/75-SCDP/SR/AM Manaus, 22 de julho de 1975

FICHADO
S. A DCDP

De ordem
Ao Arquivo.
Em 25.7.75
Ass. Encarregado.

Senhor Diretor:

Com êste, encaminhamos a V.Sª., três (3)' cópias da peça teatral "ÉDIPO REI", adaptação de Jean Cocteau do Grupo teatral "GRUTA", a fim de ser liberada por essa Divisão.

Na oportunidade apresentamos a V.Sª., protestos de consideração e apreço.

ANTONIO CLEMENTE REBELLO DE SOUZA
Chefe do SCDP/SR/AM

Ilmº. Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
MD. Diretor da DCDP/DPF
BRASÍLIA - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 267

TEATRO

199

TÍTULO ÉDIPO - REI

1) S. ARQUIVO Andrade

Documentação Cin ordem

Clas. Anterior 14 anos

Praça Manaus - Am

Obs.:

4) SERVIÇO DE CENSURA

DF 29/07/74

Chefe Seção Arquivo

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame ___/___/___ a ___/___/___

DF ___/___/___ - SC - 222/74

ÉDIPO-REI

Resp. pela Programação

SÓFOCLES

Diretor da D.C.D.P.

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

28 NOVEMBRO 79

28 NOVEMBRO 74

ROGÉRIO NUNES

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

DPF–538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p 268

199-A

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 6778 / 1975

TÍTULO: "ÉDIPO-REI" - de Sófocles

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos

Feito o confronto, constatamos que o presente texto não coincide literalmente com o original mantendo, entretanto, a mesma temática. Não há, portanto, necessidade de alterar a impropriedade já estabelecida por esta DCDP.

Brasília, 07 de agosto de 1 975.

Telma Cavalcante Lino

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 269

200

ÉDIPO REI

Jean Cocteau
(adaptação livre do texto de Sófocles)

CENÁRIO= LIVRE
PERSONAGENS:
Édipo
O Coro
Creonte
Tirésias
Jocasta
O Mensageiro
O Pastor
Antígona
Ismênia

O PRÓLOGO

Espectadores!

Sempre se.representa a Grécia por uma coluna branca. Imaginem agora um lugar queimado, árido, sob um céu feroz. Muros de pedra, paredes de tijolo, grades, esgotos, camaras, portas secretas, metamorfoses e a peste.

Aí se entredevoram grandes famílias, cujos hábitos muito se assemelham aos dos insetos subterrâneos. Cenário ideal para os deuses que gostam de armar suas ciladas. Os deuses têm a crueldade da infância e seus jogos custam caro aos mortais. Sem o saber, Édipo enfrenta as forças que nos observam além da morte.

Vejo uma estrada. Um jovem a percorre com um bastão. Ele se aproxima de Tebas. Subtamente se detém. Há qualquer coisa que se mexe, algo pequeno, suspeito; alguma coisa que faz bater o coração de Édipo: É a Esfinge. Uma espécie de pássaro-mulher, de mulher-cadela, de cadela-pássaro, de cachorra que canta, de ave agourenta que propõe advinhações. Se não acertas, ela te mata. E a pequena Esfinge bloqueia a entrada de Tebas. Provoca a fome e o luto.

Édipo advinha o enígma. A Esfinge morre. Essa Esfinge não inspira qualquer confiança. Parece-me a caça aí colocada pelos deuses como o fazem os caçadores de leão junto a suas armadilhas.

Decifrar o enígma! Exterminar a Esfinge! É algo que confude um jovem leão e dispara a armadilha.

Édipo é belo. Ele entra em Tebas. É aclamado. É carregado em triunfo. Chega a-[illegible] a desposar a rainha Jocasta, viuva de Laio. Torna-se rei.

Os anos passam. Ele tem dois filhos: Eteocle e Polinice; duas filhas: Antígona e Ismênia. A peste irrompe.

Mas que anjo negro é este que me acompanha Édipo, que lhe venda os olhos e os desvenda?

Não é uma peça de teatro que ides ver, mas um suplício, uma causa célebre, um processo.

Um homem,no auge da ventura, descobre que é o joguete dos deuses cruéis.

ÉDIPO= Meus filhos, nova raça do velho Cadmo, porque estes ramos de palmeiras? porque esses lamentos? Quero conhecer tua desgraça. Vim, eu próprio, Édipo, o célebre. Fala. Seria um bronco se não me apiedasse.

O CORO= A peste nos mata. A peste está em Tebas. Tebas sossobra. Tebas naufraga. A terra e as mulheres estão estéreis. O grande sacerdote, os padres, a elite da juventude, a plede te suplicam. Sabemos. Sabemos que não és um deus, mas és o único mortal que pode nos socorrer. Ajudanos. Salva a cidade. Tua gloria exige.

ÉDIPO= Ninguem sofre mais que eu. Cada um sofre sua parte, mas eu sofro por todos. Não durmo mais. Choro. Enviei Creonte, meu cunhado, ao templo de Delfos para pedir conselho. A esse tempo, ele já devia estar de volta.

O CORO= Ele se aproxima. Traz uma coroa de folhas. Suas notícias devem ser boas.

ÉDIPO=(gritando) Príncipe meu meu cunhado, que diz o deus?

CREONTE= Ele ordena que limpemos a cidade.

ÉDIPO= Porque?

REPRESENTAÇÃO DA SBAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 270

ÉDIPO= Salvei a cidade.
TIRÉSIAS= Deixo-te já. Já falei. O homem que procuras está aqui. Esse criminoso é um tebano de Tebas e não se regosijará em sabe-lo. Pai e irmão, filho e marido, parricida, ele correrá os caminhos apoiado num bordão.(sai)
O CORO= Uma voz brilhante sai das neves do Parnaso. Um homem foge dos oráculos que acorrem do centro da terra, mas os oráculos o perseguem e o envolvem. O advinho grita a verdade apavorante. Em quem devemos crer? Devo voltar-me contra Édipo? Esperemos uma confirmação, pois ele venceu a jovem alada. Ele quebrou o encanto que pesava sobre a cidade. Até nova ordem, ele tem meu coração.
Volta Creonte.
CREONTE= Cidadãos, sei que Édipo me acusa e não suportarei isso.
O CORO= Ele te acusa num acesso de cólera. Impensadamente.
ÉDIPO= Sim, esteai, tu. Tu. Como tens a audácia de aparecer?
CREONTE= Escuta.
ÉDIPO= Tu me persuadiste a chamar o famoso advinho.
CREONTE= E não mudo de ppinião
ÉDIPO= Na época da morte de Laio, quando a busca foi inútil, esse advinho citou o meu nome?
CREONTE= Não, que eu saiba.
ÉDIPO= Porque então falaria hoje, se não por tua inspiração?
CREONTE=Louco seria se quisesse a tua queda. Os encargos de um rei são pesados. Mil vezes prefiro meu papel de amigo do povo por quem intercedo junto ao rei.
O CORO= Calma, calma, Édipo!
ÉDIPO= Se não atacar rapidamente, o traidor vence e eu perco. Eu te expulso. Eu te expulso.
CREONTE=Quais os motivos de teu ódio?
ÉDIPO= A desobediencia.
CREONTE= Porque tu te enganas.
ÉDIPO=Oh! Tebas! Tebas!
CREONTE= Tebas é de todos aqueles que a habitam.
O CORO= Calai-vos, príncipes. Vejo Jocasta. Ela sai de casa.
JOCASTA aparece.
JOCASTA= Príncipes, não vos envergonhais dessa briga de família numa cidade que sofre? Não vos envergonhais de vociferar numa cidade enferma?
CREONTE= Teu marido me expulsa.
JOCASTA= Gritais por gritar. Brigais por ninharias.
ÉDIPO= Ninharias? Ele é um conspirador. Eu o apanhei.
CREONTE= Juro que é uma inverda de.
JOCASTA= Ele se jura, Édipo, acredita.
O CORO= Acredita, Édipo, Acredita. Este homem não é mais uma criança. Não o acuses no escuro. Não acrescenta uma desgraça à minha desgraça.
ÉDIPO= Exijo que ele parta.
JOCASTA= Qual será a causa de uma cena como esta?
ÉDIPO= Ele me acusa de ser o assassino de Laio.
JOCASTA= Por intermédio de quem soube disso?
ÉDIPO= Pelo oráculo. Ele paga os advinhos.
JOCASTA= Escuta, Édipo, calma. Dir-te-hei que ninguem no mundo pode ler o futuro e provo isso. Um sacerdote predisse a Laio que ele morreria pelas mãos de um filho meu. Ora, bandidos o massacraram na encruzilhada de três caminhos. O filho, nós o tivemos, é exato; mas, após seu nascimento, Laio furou-lhe os pés e mandou abandona-lo na montanha. O oráculo se enganou. Não te inquietes mais.
ÉDIPO= Minha mulher, tenho medo, muito medo.
JOCASTA= De que?
ÉDIPO= Dizes que Laio foi massacrado na encruzilhada de três caminhos?
JOCASTA= Sim, na Fócida, onde os caminhos de Delfos e de Dáulia se juntam, isso é sabido.
ÉDIPO= Que idade tinha Laio? Como era ele?
JOCASTA= Ele era alto. Seus cabelos enbranqueciam(Ela olha longamente para Édipo)Parecia um pouco contigo.
ÉDIPO= E ao partir, tinha uma pequena ou grande escolta?
JOCASTA= Eles eram cinco. Um único carro conduzia Laio.
ÉDIPO=(à parte) Claro. Por quem soubestes desses pormenores?
JOCASTA= Pelo único sobrevivente do atentado.
ÉDIPO= Onde está esse homem?

REPRESENTAÇÃO DA SEAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 271

JOCASTA= Ele pastoreia as cabras. À tua chegada ele me pediu que o enviasse para longe dessa cidade. Merecia melhor sorte.
ÉDIPO= Pode-se manda-lo chamar depressa?
JOCASTA= Isso é fácil, mas porque?
ÉDIPO= Mulher, ouve. Meu pai era Políbio, de Corinto, e minha mãe, Merope, dori ana. Ora, no apogeu da sorte, aconteceu-me o seguinte. Num jantar, um bebado me disse que eu era filho adotivo. Indago de minha mãe e de meu pai e eles ficaram indignados. Mas essa frase me persegue. Fui a Delfos e Febo me disse que eu desposaria minha mãe, que eu mataria meu pai e que daria horigem a uma raça maldita. Então fugi de Corinto e cheguei na encruzilhada dos três caminhos. Avistei o velho, o carro e a escolta. Eles me empurraram e eu ataquei... e feri. Se a minha vitima era Laio, eu emporcalho o leito do morto. Tenho que partir e meu exílio, é o pior exílio, porque não ouso voltar a Corinto onde o Parricídio e o Incesto pesam sobre mim.
O CORO= Tem esperança. Espera o depoimento da testemunha.
ÉDIPO= Sim, Minha única esperança é esse pastor. Se ele viu os assaltantes, a hipótese de um único assassino cai por terra.
JOCASTA= Admitindo que ele se desminta, que valor terá seu testemunho? Laio deveria morrer pela mão de seu filho. Não acredito em oráculos. Entremos.
O CORO= O culto dos deuses cai por terra.

Entra um mensageiro.

O MENSAGIRO= Senhores, onde é o palacio de Édipo?
O CORO= Aqui mesmo. Ele está la dentro. Sua mulher ainda está à porta.
O MENSAGEIRO= Que ela então se alegre. Tenho tristes novas que são boas noticias.
JOCASTA= Donde vens?
O MENSAGEIRO= De Corinto. Édipo será nosso rei. Políbio é morto.
JOCASTA= O velho Políbio não é mais o senhor do istmo! O ráculo, que aconteceu? Édipo!
ÉDIPO= Que há, minha querida mulher, Jocasta?
JOCASTA= Políbio, teu pai, está morto.
ÉDIPO= Morto? Morto de que?
O MENSAGEIRO= De velhice.
ÉDIPO= Ai de mim! Mas quem, de agora em diante, consultaria os deuses? Eu devia matar meu pai, e ele morre de velhice. A menos que ele tenha morrido de saudade de mim, os oraculos estão mentindo.
JOCASTA= Eu bem te disse!
ÉDIPO= Eu somente escutava os meus temores.
JOCASTA= Não pensa mais neles.
ÉDIPO= Ainda temo o conúbio com minha própria mãe
JOCASTA= Tentar conheder o futuro estraga a vida. É preciso viver ao acaso. Em sonho, muitos dormem com sua própria mãe e não pensam mais nisso ao despertarem
ÉDIPO= Minha mãe está viva, tenho medo.
JOCASTA= Todavia, devias estar convencido diante do túmulo de teu pai.
ÉDIPO= Isso me acalma. Mas, minha mãe, esta está viva.
O MENSAGEIRO= De quem falas?
ÉDIPO= De Merope, a viúva.
O MENSAGEIRO= Então, é ela que te faz tremer?
ÉDIPO= O oráculo.
O MENSAGEIRO= Que oráculo? Esse oráculo é um segredo real?
ÉDIPO= De modo algum. Ele é do domínio público.
O MENSAGEIRO= Permite que interrogue sobre teus receios?
ÉDIPO= Um oráculo me ameaçou de parricidio e incesto. Por isso fugi de Políbio e de Merope a quem eu amava.
O MENSAGEIRO= Porque não te libertei logo de teus temores?
ÉDIPO= Dizendo o que?
O MENSAGEIRO= Saiba que Políbio não era teu pai.
ÉDIPO= Políbio! Ele me chamava de filho.
O MENSAGEIRO= Ele te recebeu de mim. Recebeu-te de minhas mãos [illegible] por essa dádiva por causa do seu leito estéril.
ÉDIPO= Mas e eu, tu me compraste ou me fizeste?
O MENSAGEIRO= Eu te encontrei na montanha.
ÉDIPO= Como?

REPRODUÇÃO PROIBIDA
SAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 272 204

O MENSAGEIRO= Ergue tua roupa. Mostra-nos tuas cicatrizes. Teus pés feridos poderão dize-lo. Um cordão os amarrava.
ÉDIPO= Usava eu linhos ignóbeis?
O MENSAGEIRO= Teu nome sao a prova e esses linhos te conduziram ao poder.
ÉDIPO= Quem será o criminoso? Meu pai ou minha mãe?
O MENSAGEIRO= Ignoro-o. Recebi-te de um pastor de Laio.
Jocasta volta.
ÉDIPO= Jocasta, conheces o pstor que espero e de que fala esse homem?
JOCASTA= Não da ouvidos a tudo que dizem. Senhores, por favor! Édipo acredita em tudo que lhe contam. Basta que uma coisa seja atroz para que ele acredite nela. Deixem-no tranquilo. Não o perturbem mais. Vem.
ÉDIPO= De indício em indício, descobrirei meu nascimento.
JOCASTA= Deixa todas indagaçoes. Esse questionário é interminável. É uma carga. Não aguento mais.
ÉDIPO= Tenho que saber. Seja eu filho ou bisneto de escravos, não terás de que te envergonhar.
JOCASTA= Entra.
ÉDIPO= Não.
JOCASTA= Eu falo em teu nome.
ÉDIPO= Não, não, não.
JOCASTA= Possas jamais saber quem és!
ÉDIPO= Deixa-a com sua vaidade. Que me tragam o pastor.
JOCASTA= Desgraçado. Eis a ultima palavra carinhosa que te dirijo.(Sai)
O CORO= Édipo, tua mulher foge. Tenho medo. Seu silêncio nada anuncia de bom.
ÉDIPO= Que ela fuja e que se cale. Saberei a minha origem, seja qual for. Essa senhora dave envergonhar-se de minha obcuridade por ela ser nobre. Terei orgulho de ser um filho do acaso.
O CORO= Se não me engano, amanhã contarei maravilhas. Qual dos deuses te pôs no mundo? És filho de uma conquista de Pã ou de Lóxias? Como um objeto encontrado, Baco te recebeu de uma das ninfas do Hélicon com que ele brinca?.
ÉDIPO= Eis o velho pastor. Tu o conheces?
O CORO= Eu o conheço. Ele era o fiel pastor de Laio.
ÉDIPO= Corintiano, em primeiro lugar te interrogo: era ele?
O MENSAGEIRO= Ele próprio.
ÉDIPO= E tu conheces esse homem?
PASTOR= Não, não que eu saiba.
O MENSAGEIRO= Vou refrescar-te a memória. Não me confiaste um recém-nascido para que eu o educasse como se fosse meu filho?
PASTOR= Qual é o teu objetivo ao interrogar-me?
O MENSAGEIRO= Esse recém-nascido(aponta para èdipo) é ele!
PASTOR= Que o céu te castigue. Cala-te.
ÉDIPO= Ordeno que me digam tudo. Se te recusares, mandarei torturá-lo.
PASTOR= Não ofendas a um velho.
ÉDIPO= Que o prendam.
PASTOR= Que querem saber?
ÉDIPO= Deste a criança, sim ou não?
PASTOR= Sim, e antes tivesse morrido nesse mesmo dia.
ÉDIPO= Morrerás se mentires.
PASTOR= Morrerei se falar.
ÉDIPO= Este homem tenta enganar-me. A criança era teu filho ou de outro?
PASTOR= De outro.
ÉDIPO= De quem?
PASTOR= De Laio.
ÉDIPO= Filho de rei ou filho de escravo? Letivo ou bastardo?
PASTOR= Ai de mim:
ÉDIPO= Legitimo ou bastardo?
PASTOR= Estou a ponte de revelar a coisa terrível.
ÉDIPO= E eu a ponto de ouvir a terrível revelação. Contudo é preciso ouvi-la.
PASTOR= Era seu filho verdadeiro. Tua mulher pode certifica-lo.
ÉDIPO=Foi ela que t'o entregou?
PASTOR= Sim, príncipe, para mata-lo.
ÉDIPO= Uma mãe!
PASTOR= Ela temia o oráculo.

REPRESENTAÇÃO SEAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p 273

ÉDIPO= (Batendo com o pé) Que oráculo?
PASTOR= Que ele mataria seus pais.
ÉDIPO= Porque tu o deixaste viver?
PASTOR= Tive pena.

Longo silêncio.

ÉDIPO= Nasci de quem não devia ter nascido. Fecundei aquela que não devia fecundar. Matei aquele que não devia matar. Faz-se a luz. (Ele desaparece).
O CORO= O homem e o nada se equivalem. Teu destino, Édipo, nos impede de invejar qualquer mortal. Tu atiraste a flecha mais longe que todos. Após ter sufocado os misteriosos cânticos da moça de garras, tu reinaste sobre Tebas. O olho do tempo prescruta a noite profunda. Ele te descobriu contra a tua vontade. Édipo, ilustre, caro Édipo, um ventre de mãe não poderá tornar-se boca terrível e gritar: Basta! A voz do sangue não será então, bastante forte para aclarear a noite do corpo humano? Ai de nós! Praza aos céus que eu jamais te conhecesse. Não posso te lamentar porque graças a ti, retomei alento. Respirava por ti. Dormia por ti. Eu te amava.
O MENSAGEIRO= Tebanos, ides conhecer uma nova desgraça.
O CORO= Poderei suportar mais ainda?
O MENSAGEIRO= Logo será dito(gritando) A cabeça divina de Jocasta está morta.
O CORO= Jocasta! a rainha! Oh desgraçada! Como morreu?
O MENSAGEIRO= Por si mesma. Assim que entrou no vestíbulo, ela se precipita para o quarto nupcial, desgrenhando-se com as mãos, bate as portas e se fecha. Ouvi-am-se seus gemidos e, em seus gritos, ela chamava Laio e se lamentava pela [redacted] terrível união de filho e de esposo. Ignoro como morreu.Porque Édipo, batia,urrava, tentando entrar a força e, quando conseguiu abrir, vimo-la enforcada. Édi[redacted]da um grito de animal. Corta as cordas. Ela cai. Ele a deita e arranca seu broche de ouro. Com ele fere seus próprios olhos, erguendo as pálpebras, e gritando que não veria o que não devia ser visto. Édipo se feria, feria, feria, e um sangue negro escorria pelo seu rosto, molhava-lhe o queixo e não corria em gotas mas como uma torrente, uma inundação de sangue escuro.
O CORO- E agora, qual é seu estado?
O MESAGEIRO- Édipo pede que lhe abram as portas. Ele quer mostrar a todos o parricida, o violador de sua mãe. Não se pode repetir as palavras sacrílegas que ele vocifera. Olha para a porta. Anuncio um espetáculo que comoveria um inimigo mortal.
O CORO = Jamais vi nada de tão terrível. Pobre Édipo! Que deus é esse que te espesinha? Que é que pisa sobre ti dessa maneira? Queria pedir-te muitas coisas, examinar contigo muitas coisas, mas, infeliz de mim, tu me fazes estremecer
ÉDIPO= Sinto dor! Ai! Ai de mim! Onde estou, para onde foi minha vida, onde está [redacted]eu destino?
[redacted]ORO= Num abismo sem fundo, impossível de medir, impossível de ver.
ÉDIPO= Eu spu a noite, a noite profunda! Sou o rei que se tornou a noite. Sou a [redacted]ite em pleno dia. Ó nuvem de escuridão sem limites! Espinhos e lembranças me laceram.
O CORO= Édipo! Édipo!-
ÉDIPO= Ah, meu amigo, lamentas o cego. Ainda me és fiel. Reconheço tua voz.
O CORO= Porque fizeste isso? Que mão teve esse impulso?
ÉDIPO= Apolo,-meus amigos, foi Apolo. Ele me tortura. Mas fui eu, somente eu que me vasei os olhos. Porque os olhos? Que queriam que fizesse? Nada mais me resta para ver. Nem meus filhos, nem minhas filhas, nem a cidade, as casas, suas estátuas, suas fortalezas. Estou,sujo dessa semente imunda. Meu sangue não é sangue. Enchotai-me. Enxotai o flagelo! Enxotai o animal imundo!
O CORO= Eu reprovo teu ato. Seria melhor morrer que estar cego.
ÉDIPO= Morrer? Perdeis a cabeça. Como ousaria apresentar-me diante de meus mortos? Como ousaria olhar meus mortos de frente? Ah! Se eu pudesse furar os ouvidos, eu os furaria. Eu me fecharia. Eu... Deve ser boa a noite absoluta. Depressa, depressa! Que me enxotem ou, então, que acabem comigo. Não posso mais. Ide, ide; batei, lapidai, não tenhais medo de por a mão em mim.
O CORO= Eis Creonte. Ele governa em teu lugar. Ele decidirá.
CREONTE= Édipo, não venho para te insultar, mas vós todos, perante os olhos do sol. Ocultem o homem negro. Tamanhos horrores não devem sair da família. Que ele volte à casa.
ÉDIPO= Enxota-me, enxota-me logo.
CREONTE= Antes consultarei o deus.

REPRESENTAÇÃO DA SAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.274

CREONTE= É preciso vingar Laio, nosso antigo rei, desinfetar a cidade, punir o crime.
ÉDIPO= Mas como encontrar o vestígio desse antigo crime? Onde estarão os assassinos?
CREONTE= Entre nós, aqui eles se ocultam. oO assassino está escondido em Tebas. O deus disse.
ÉDIPO= Laio tinha uma escolha. Não se pode encontrar uma testemunha?
CREONTE= Todos morreram, exceto um que fugiu. Este conta que os bandidos massacraram o rei e sua escolta.
ÉDIPO= Que nova desgraça vos impediu de fazer esse inquérito?
CREONTE= A Esfinge.
ÉDIPO= Resolverei mais este enígma. De resto, é a mim que salvo, salvando-vos,porque o assassino deve tramar minha própria morte.
CREONTE entra no palácio.
O CORO= Príncipe, tuas imprecações me obrigam a falar e eu me penitencio, pois não matei e não sei quem matou Laio. O deus me acusa, e devia dar seu nome.
ÉDIPO= Não se força um deus a falar.
O CORO= Aceita um conselho.
ÉDIPO= Fala sem receio.
O CORO= Tirésias conhece o futuro. Interroga-o.
ÉDIPO= Não esqueci esse recurso. A conselho de Creonte, mandei procurá-lo. Eu o esperava(Tirésias se aproxima) Tirésias, Apolo exige que se descubram os assassinos de Laio e que eles sejam punidos com o exílio ou a morte. Põe tua arte a nosso serviço. Fala. Advinha. Salva tua cidade e teu rei.
TIRÉSIAS= Ai de mim! Louco fui em ter vindo. Não quero dizer nada, nada, nada. Não posso desvendar tua desgraça.
ÉDIPO= Tu sabes e calas! queres trair tua cidade?
O CORO= Nós te suplicamos, fala. Nós te suplicamos, fala.
TIRÉSIAS=Nada saberás de mim, imprudente. As coisas se revelarão apesar do meu silêncio.
ÉDIPO= (Exaltado) Esse silêncio te acusa. És tu o assassino. Se não fosses cego, diria até que mataste sem cúmplices.
TIRÉSIAS= De fato! Pois bem, eu, eu te ordeno obedecer a tuas prórpias ordens e te calares, porque és tu o animal impuro.
ÉDIPO= Tua palavra será a tua perda.
TIRÉSIAS= Ela me salva. A verdade está comigo. É este o teu mal. Abriste a força a minha boca. O oráculo é claro: O assassino do rei é um rei.
ÉDIPO= Repete! Repete!
TIRÉSIAS= Digo que tu, tu próprio, rei, és o assassino do homem, o assassino que procuras. Nem sabes mesmo o terrível comércio que tens com os teus. Não vês o horror em que estás mergulhado.
ÉDIPO= Tu és cego e nós não. Ninguém aqui tem medo de ti. Vamos rir senhores! será que meu encantados cunhado, filho de Meneceu, te sopra essas estérias da carrochinha?
TIRÉSIAS= Acusa-te somente a ti.
ÉDIPO= Como a inveja detesta a ventura!-Jamais desejei este trono e eis Creonte, o amigo de sempre, forjando a minha queda e ainda paga um charlatão para dar o golpe. Tu vês longe, Tirésias, mas como advinho o negócio é outro. Quando a cadela latiu, quem respondeu? Quem soube responder quando a cadela latiu? E que eu saiba, era este teu papel, advinhar. No entanto, eu, Édipo um simples viajante, a fiz calar depois de decifrá-la, sem a ajuda dos passaros.
O CORO= A cólera vos transforma, a um e a outro.
TIRÉSIAS= Tu és rei, eu sirvo ao deus. Escuta! O cego és tu. Não vês onde habitas nem de quem nascestes. Tu te ocultas de ti mesmo. És tua própria cilada. A maldição de pés terríveis,-de teu pai e tua mãe, um dia te expulsarão sem abrigo e sem olhos.
ÉDIPO= Eu, eu te enxoto! Eu te expulso!
TIRÉSIAS= Tu me chamaste.
ÉDIPO= Silêncio= Fica, Para ti, de quem sou filho?
TIRÉSIAS= O dia em que estamos te parirá e te matará.
ÉDIPO= Palavras bem obscuras.
TIRÉSIAS= Não és tão esperto para decifrar enígmas?
ÉDIPO= Acusas-me daquilo que fez minha glória.
TIRÉSIAS= Ela te perdeu.

REPRESENTAÇÃO DA SEAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 275

ÉDIPO= Que? Quem incomoda um deus por um indivíduo como eu?
CREONTE= Tua história prova que é preciso consultar os deuses.
ÉDIPO= Deixa, Creonte. Não te inquietes comigo. Não te peço ajuda nenhuma, nem para meus filhos... eles podem ganhar sua vida. Mas eu te recomende minhas filhas. Elas sempre comeram à minha mesa. E, sobretudo, permita que eu as toque, que as acaricie. Creonte, quem está chorando? São elas. Devo-te esta adorável graça?

Antígona e Ismênia descem os degraus e abraçam Édipo.

CREONTE= Sim, eu adivinhara teu desejo.
ÉDIPO= Sejas abençoado!
Ó minhas filhas, minhas filhinhas, vinde, vinde. Vinde sob minhas mãos fraternais. Quantos insultos não ouvireis. Que sofrimentos vos esperam. Quem vos esposará? Não se desposam filhas de Édipo! Creonte, homem generoso, protege-as pois és seu único pai... sua mãe e eu somos mortos. Promete torná-las felizes. Promete, filho de Meneceia. Promete, aperta minha mão.
CREONTE= Entra. Tu gemes demais. Não te dês em espetáculo.
ÉDIPO= Eu entro com uma condição.
CREONTE= Qual?
ÉDIPO= Enxota-me de Tebas.
CREONTE= Os deuses decidirão.
ÉDIPO= Eles me odeiam.
CREONTE= Então, se eles te odeiam, tu serás exaltado. Vem. Deixa tuas filhas.
ÉDIPO= Não m'as tires.

Eles entram. Antígona e Ismênia ficam sós, enlaçadas nos degraus.

O CORO= Tebanos, olhai esse Édipo. Ele adivinhava os enigmas. Ele era rei. Era amado. Ele não invejava ninguém. Ele está derrotado. Não digais nunca que um homem é feliz antes de ele ter virado sua última página.

PANO

REPRESENTAÇÃO DA SAT AMAZONAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048.P 276

200

618/75-SCTC/DCDP

080875

Superintendente Regional em Manaus/AM

(É DIPO REI)

(Sófocles)

Superintendente:

Manaus/AM

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 048, p. 217

209

222/75

ÉDIPO REI

SÓFUCLES

07 AGOSTO 80

07 AGOSTO 75

ROCÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA
MENORES DE
QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 278

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

JEAN COCTEAU
GRUPO UNIVERSITÁRIO DE TEATRO DO AMAZONAS (GRUTA) - AM -

RUI BRITO DA SILVA LIMA
07 AGOSTO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.:::::::::

07 AGOSTO 75 MANOEL FRANCISCO C. GUIDO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.279

DPF-SRA
fl. n.º
Proc.
MJ - DPF - SRA/BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL - 1 SET 1045 75 049884

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO MARANHÃO

RECEBIDO

FICHADO
S. A. DCDP

OFICIO Nº 29/75/SCDP/SR/MA

São Luis, 28 de agosto de 1.975

De ordem
ao arquivo
em 02 09 75

Ruth Nogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, em anexo, encaminho a V.Sª (8) vias das peças teatrais "MARANHÃO EM DOIS TEMPOS", original de GONÇALVES DIAS e TÁCITO BORRALHO e "ÉDIPO-REI", original de SÓFOCLES, para a competente verificação desse órgão.

Na oportunidade apresento a V.Sª protestos de elevada estima e distinta consideração.

Dr. JOÃO BATISTA XAVIER
SUPERINTENDENTE REGIONAL
DA SR/MA.

Ilmº. Sr.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF.

BRASILIA - DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 280

212

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL

Série 3/70 - GB № 7753

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos têrmos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: Odipo Rei

Original de Sofocles

Música de

Tradução de

No Teatro Artes Azevedo Cidade São Luis

Emprêsa Grupo de Jovens Pela Cia.

nos dias

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de — % —

..... da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr$ ..... por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Emprêsa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cóta porcentual, a título de direitos autorais, sôbre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Emprêsa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Emprêsa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

São Luis, 26 de Agosto de 1973

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[signature]
(pela SBAT)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 281

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agôsto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fôr a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legìtimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.282

213

Ilmº Sr. Diretor do D.C.D.P; P.F Brasília

.....FRANCISCO LINDOLFO GOMES..... diretor do GRUPO DE TEATRO JUVENIL-G U T E J U...., vem solicitar de V.S., li' beração do texto em anexo, da peça teatral .....ÉDIPO - REI..de.... SÓFOCLES.... afim de que possa ser apresentada no I Festival Estadual de Teatro Amador do Maranhão em setembro próximo.

N. Termos

P. Deferimento.

São João dos Patos...14... de agosto.. de 1975

Francisco Lindolfo Gomes...
FRANCISCO LINDOLFO GOMES
Diretor

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 283

TEATRO

214

TÍTULO ÉDIPO-REI

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior 14 anos

Praça S. João dos Matos - MA

Obs.:

DF. 09/05/75

W. Weiss

Chefe Seção Arquivo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de __/__/__ a __/__/__

DF. __/__/__

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. À Seção de Expedientes, para, de conformidade com o parecer 7913-75, emitir certificado com impropriedade para menores de 14 anos, sem cortes. Todavia, condicionado ao exame do ensaio geral.

2 — Encaminhe-se ao Sr. Chefe do S.C.

Em 24-09-75.

Glorivaldo de Carvalho Queiróz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

4) SERVIÇO DE CENSURA

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do ~~parecer~~ Processo anterior.

Em, 25 / set. / 1975

P/ Rogério Nunes

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.284

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

215

PARECER Nº 7913 / 75

TÍTULO: ÉDIPO REI
de Sófocles

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Quatorze Anos

Espécie: peça teatral (confronto)

Verificamos - no confronto entre o texto enviado pelo Grupo de Teatro / Juvenil e original já liberado por esta DCDP - a inexistência de alterações que atingissem a temática.

Estando o certificado liberatório ainda em vigor, sugerimos, de acordo com o art. 10º da Lei 5536/68, a manutenção da impropriedade até Quatorze Anos.

Brasília, 18 de setembro de 1975

Jacira da Costa França
tec. cens.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 285

744/75-SCTC/DCDP

Superintendente Regional no Maranhão

"É D I P O - R E I "

"S O F O C L E S"

SUPERINTENDENTE:

São João dos Patos/MA

/fmfn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 286

: ÉDIPO-REI

SÓFOCLES

GRUPO DE TEATRO JUVENIL -GUTEJU - MA -

FRANCISCO L. GOMES

24 SETEMBRO 75

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP:::::::::

24 SETEMBRO 75

CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.287

222/75

ÉDIPO-REI

SÓFOCLES

24 OUTUBRO 80

24 SETEMBRO 75

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 288

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA 26/9/75
AS 9,00 HRS.
Assinatura Legível

MJ - DPF - SRA/BSB

CONTROLE
Nº 055655

25 SET 1975

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

031389 RECEBIDO POR

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG
RECEBIDO EM 25 SET 1975 AS 2330
ENCAMINHADO A: DCDP.
EM ___/___/___ AS ___
RUBRICA:

INDICAÇÕES DE SERVIÇO
PREÂMBULO: S LUIZ MA NR 1542- 107 25-09 1750.
RECEPÇÃO: PPC 585- OM/ RG 1940 HRS-

END. DCDP- DPF- BSA.

FICHADO
S. A. DCDP

TEXTO E ASSINATURA

25-75-SCDP-SR-MA- 250975 PT SOL INFO SITUAÇÃO PEÇAS TEATRAIS VG EDIPO REI ORIGINAL DE SOFOKLES VG SALARIO DO PECADO ORIGINAL DE IVONE VG ANTONIO MEU SANTO ORIGINAL DE JOSE AUGUSTO VG MARANHAO E DOIS TEMPO ORIGINAL DE GONÇALVES DIAS ET TACITO BORRALHO VG A BEATA MARIA DO EGITO / ORIGINAL DE RACHEL DE QUEIROZ VG JOAO PANEIRO ORIGINAL DE JAMIL JORGE ET TACITO BORRALHO ET JOSEIAS SOBRINHO VG O ERRO DA INTEGRIDADE ORIGINA (ORIGINAL) DE JAMIL JORGE VG QUATRO DE EMPREGADA ORIGINAL DE GILBERTO FREIRE VG TEMPO DE ESPERA ORIGINAL DEALDO LEITE VG BEM COMO POSSIBILIDADES SEREM LIBERADAS VG APRESENTAÇÃO FESTIVAL AMADOR DIA 29-0975 PT

SCDP SR MA
CT. DE IVONE VG ANTONIO MEU SANTO .

Arquivo
Verificado em 26.9.75

DPF-18

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 289

Sr. Diretor,

Atendendo ao despacho de V.Sa. no RD 1542/75, oriundo Maranhão, informamos o seguinte: (Peças teatrais)

1 - Édipo Rei , foi encaminhada ao Maranhão pelo ofício nº 744/75.

2 - Salário do Pecado, encaminhada à SCTC no dia 17/09/75.

3 - Antônio Meu Santo, não consta pedido de censura para o Estado do Maranhão.

4 - Maranhão em dois tempos, encaminhada à SCTC em 11/09/75.

5 - A Beata Maria do Egito, encaminhada ao Maranhão em 25/06/75, pelo ofício 495/75. Em data recente, não foi solicitada censura.

6 - João Paneiro - encaminhada ao Maranhão em 25/, digo, pelo ofício 652/75.

7 - Quarto de Empregada - encaminhada à SCTC em 10/09/75.

8 - O Erro da Integridade - em 27/09/72, oriunda do Maranhão, foi feita solicitação de censura. Foi encaminhada aquele Estado em 12 de dezembro de 1972, pelo ofício 654/72. Recentemente não consta qualquer pedido.

9 - Tempo de Espera - não foi encontrado registro da peça, nem qualquer solicitação de censura.

Em, 30/09/75.

José Rafael da Silva
Ch do Arquivo.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, f. 240

RADIOGRAM

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

ENDEREÇO

SR/MA

TEXTO A TRANSMITIR

497-DCDP 30 - 09 - 75 — RERA NR 25/75 INFO PEÇAS "EDIPO REI" VG "A BEATA MARIA DO EGITO" VG "JOÃO PANEIRO" ET " O ERRO DA INTEGRIDADE" JAH LIBERADAS ET REM ESSA SR PT "SALARIO DO PECADO" VG MARANHÃO EM DOIS TEMPOS" ET "QUARTO DE EMPREGADA" ESTÃO SENDO EXAMIN PT " ANTONIO MEU SANTO" ET "TEMPO DE ESPERA" NÃO CONSTA PEDIDO CENSURA PT PARA EFEITO FESTIVAL ESSA SR PODERAH ACCORDO RESULTADO ENSAIO GERAL AUTORIZAR APRESENT PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

DPF-84

MINISTÉRIO [illegible] JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P-162

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.291

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO POR ASSUNTO

GEN. WALDEMAR OSWALDO BIANCO
DELEGADO REGIONAL DO DPF/ER-SC
RUA XV DE NOVEMBRO 1318 - CURITIBA

80 25 03 68

INFORMO V.Sª. PEÇA "EDIPO REI" ESTAH LIBERADA SCDP IMPROPRIEDADE QUATORZE ANOS PT EMPRESA INTERESSADA CERTAMENTE DESEJA PUBLICIDADE USANDO MEIOS ESCUSOS COMPROMETENDO CENSURA PT DEVERAH SER REPREENDIDA ENÉRGICAMENTE PT SDS - MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO - CHEFE SCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.292

DPF-SRA
fl. n.º 07
Rub.

MJ-DPF-SRA/BSB
18 JUN 09 57 76 024230

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM M. G. - B. H.

SRA/FICHADO

OFÍCIO Nº 1490/76=SCDP/MG BELO HTE., L6/JUNHO/L976

DO: CHEFE DO SCDP/MG
AO: ILMO. SR. DIRETOR DA DCDP/BSB
ASSUNTO: ENCAMINHA PEÇA TEATRAL P/CENSURA
REFÊRÊNCIA: ÉDIPO REI (SÓFOCLES)

FICHADO
S. A. DCDP

ILUSTRÍSSIMO SENHOR DIRETOR.

TENHO A HONRA DE ENCAMINHAR A V. SA., EM 3 VIAS, A PEÇA TEATRAL INTITULADA "ÉDIPO REI", ORIGINAL DE SÓFOCLES, TRADUÇÃO DE J.B. MELLO E SOUSA, PARA FINS DE CENSURA.

ATENCIOSAMENTE,

Lacy de Medeiros Murici

LACY DE MEDEIROS MURICI
CHEFE DO SCDP/MG - SUBSTITUTA.

À SCTC,
para providenciar
Em 21/6/76
Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Ao SC, para as providências
Em 18/6/76
[signature]
Coriolano de Loyola Cabral Fagundes
Dir. da Divisão de Censura
SUBSTITUTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 293

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada á Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 16 de junho de 19 76

Ilmo. Sr.
Diretor do Departamento de Censura Federal
(Departamento de Polícia Federal)
Brasilia D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, tres copias da peça: "ÉDIPO REI".

Original de Sófocles.

Tradução de J.B.Mello e Souza.

Próxima apresentação do Grupo Teatro de Sabará.

Teatro de Sabará Cidade Sabará

Estado Minas Gerais.

A estréia está prevista para 16 de julho de 1 976.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Pela SBAT
SUCURSAL DE MINAS GERAIS

GROVER FERREIRA — DIRETOR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 299

AO ILMO. SENHOR
CHEFE DA CENSURA FEDERAL EM MG
SR/DPF - BHE-MG

Objeto: APROVAÇÃO E LIBERAÇÃO DE ESPETÁCULO (REQUER)

NOME JOSÉ ARCANJO DO COUTO BOUZAS,
RESIDENTE E DOMICILIADO À RUA D.PEDRO II Nº 166,
BAIRRO CENTRO CIDADE SABARÁ ESTADO MINAS GERAIS
FONE 424, FILHO DE WALTER BOUZAS (FALECIDO)
E DE MARIA JOSÉ DO COUTO BOUZAS, DATA DO NASCIMENTO 01/ABRIL/1944
NACIÓNALIDADE BRASILEIRA, NATURALIDADE SABARÁ,
ESTADO CIVIL CASADO, IDENTIFICAÇÃO-TIPO CARTEIRA IDENTIDADE
Nº M-512349, SÉRIE , REGISTRO Nº , ÓRGÃO
EXPEDIDOR Sec.SEGURANÇA PÚBLICA, RESPONSÁVEL PELO ESPETÁCULO
ÉDIPO REI, DE AUTORIA DE SÓFOCLES
, TRADUZIDO POR J.B.MELLO E SOUZA,
PRODUÇÃO DE GRUPO TEATRO DE SABARÁ, CERTIFICADO DE CENSURA Nº
, VÁLIDO ATÉ , IMPROPRIEDADE DE
VEM MUI RESPEITOSAMENTE REQUERER A V.S.ª, SE DIGNE APROVAR E LIBERAR
O ESPETÁCULO EM EPÍGRAFE, QUE DEVERÁ SER REALIZADO - NOME DO LOCAL
NO TEATRO DE SABARÁ, DURANTE O PERÍODO DE 16 a
31/07/76, ÀS 20.30 HS. FICANDO A DATA DE 16/07/76,
ÀS 16 HS, ESTIPULADA PARA REALIZAÇÃO DO ENSAIO-GERAL, DE ACORDO
COM A LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA.

N. TERMOS
P. DEFERIMENTO

BHE-MG, 16 DE JUNHO DE 1 9 76

ASS. DO RESPONSÁVEL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 295

TEATRO

TÍTULO Édipo Rei

Sófocles

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 anos

Praça MG

Obs.:

DF. 02/ 07/ 76/

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 06 de agosto de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE - 14 anos
na forma do parecer, processos anteriores

Em, 09/ 08/ 1976

Capitão da Polícia Civil Fagundes
Chefe do Serviço de Censura - D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 296

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 4358 / 76

TÍTULO: "Édipo Rei" - Teatro Confronto.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Trata-se de texto por diversas vezes liberado pela Censura, com impropriedade de 14 anos. Feito o confronto, opino pela expedição do Certificado nas mesmas condições anteriores.

Brasília, 5 de agosto de 1976

V/Alencar Monteiro-TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 297

729/76-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

REI ÉDIPO

Sófocles

Superintendente:

BELO HORIZONTE-MG

BR.DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.298

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES
J.B. MELLO E SOUZA

: GRUPO TEATRO DE SABARÁ - MG -
JOSÉ A. DO COUTO BOUZAS

06 AGOSTO 76

PROIBIDO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 ANOS

Coriolano de Loyola C. Fagundes

09 AGOSTO 76 CORIOLANO DE LOYOLA C. FAGUNDES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 299

222/76

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 QUATORZE ANOS

09 AGOSTO 81

07 AGOSTO 76

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 300
SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
DPF-SRA
fl. n.º 1
Rub.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 13 DEZ 16 52 76 046153

MJ-DPF/SR/BA
SCDP/SR/BA

RECEBIDO POR:

Ofício N.º 03760 /76-SCDP/SR/BA Em 09/12/76

DO: Sr. Chefe do SCDP/SR/BA

AO: Sr. Diretor da DCDP/BSA/DF

Assunto: Encaminhamento (faz).

Na ordem a SC em 15.12.76

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, encaminho a V. Sa. o texto da peça teatral " ÉDIPO REI ", de Sófocles com adaptação de Lia Robatto e Luciano Diniz , a fim de ser censurada por esse DCDP, a requerimento de Jorge Antônio Gaspari / Madureira.

Na oportunidade, reitero os protestos de estima e consideração.

José Augusto Costa
Técnico de Censura
CHEFE DO SCDP/SR/BA.

Ao SCTC
15/12/76

nlmo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 301

SRA/FICHADO

MJ-DPF SR/BA

-6 DEZ 1507 76 20163

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

RECEBIDO POR

SALVADOR - BA.

ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

ILMº.SR.CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL/BA.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - BAHIA - SBAT

Jorge Antonio Gaspari Madureira, Carteira de Identidade nº 741.425 expedida pelo Instituto Pedro Mello-SSP/Ba, na qualidade de Assistente Administrativo da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. que se digne encaminhar o texto da peça "ÉDIPO REI" de Sófocles com adaptação de Lia Robatto e Luciano Diniz ao Ilmº.Sr.Diretor da Divisão de Censura do DPF/DF para a devida liberação.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Salvador, 3 de dezembro de 1976.

Jorge Antonio Gaspari Madureira
Assistente Administrativo-EMAC

ENCAMINHE-SE À DCDP - DPF/BSB/DF.
Em ___/12/76
DPF / SR / BA.
José Augusto Costa
Chefe do S. C. D. P.

U.F.Ba. - Mod. 015
200.000 - 11/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.302

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

SALVADOR - BA.

ILMº.SR.DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL-BRASÍLIA/DF.

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS - BAHIA - S T

Jorge Antonio Gaspari Madureira, Carteira de Identidade nº.741.425 expedida pelo Instituto Pedro Mello-SSP/Ba., na qualidade de Assistente Administrativo da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. que se digne liberar o texto da peça "ÉDIPO REI" de Séfocles com adaptação de Lia Rebatto e Luciano Diniz, para todo território nacional.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Salvador, 3 de dezembro de 1976.

Jorge Antonio Gaspari Madureira
Assistente Administrativo-EMAC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 303

TEATRO

TÍTULO EDIPO REI

SÓFOCLES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça SALVADOR-BA

Obs.:

DF. / 23 / 12 / 76

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, a cortes e com os dados constantes do requerimento de cens, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 31 de Janeiro de 1976

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 1º / Fev. / 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação:

Brasília-DF, /

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 304

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 301 / 77

TÍTULO: "ÉDIPO REI"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (CATORZE) ANOS

O texto sobre o qual foi feita esta adaptação foi apresentado para exame censório em 1968, e esta adaptação consiste apenas na supressão de alguns trechos da obra anterior, não tendo havido nenhum acréscimo.

Tendo em vista que o texto examinado antes foi liberado para maiores de 14 (catorze) anos, sugiro que seja mantida essa classificação.

Brasília, DF., 31 de janeiro de 1 977.

Izabel Maria Martins de Carvalho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 305

175/77-SCTC/SC/DCDP 31/01 7

Superintendente Regional do DPF na Bahia

ÉDIPO REI

Sófocles

Superintendente:

SALVADOR-BA

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 306

222/77

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS 14

14 JUNHO 79

14 FEVEREIRO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.307

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

LIA ROBATTO E LUCIANO DINIZ

UNIV. FEDERAL DA BAHIA - ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS - BA.

JORGE A. G. MADUREIRA

31 JANEIRO 77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

1º FEVEREIRO 77 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 308
SRA/FICHADO
MJ-DPF-SRA/BSB
DPF-SRA
R. n.º 1
Rub. 1
-9 MAI 1131 015207
RECEBIDO POR:

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO PARÁ

OFÍCIO Nº 011/77-SCDP/SR/DPF/PA

Belém, 06 de maio de 1977

De ordem ao arquivo em 11.05.77

Senhor Diretor:

Pelo presente encaminho a V. Sa. três vias da peça teatral intitulada " ÉDIPO REI " de autoria de SÓFOCLES, tradução de GEIR CAMPOS, as quais seguem devidamente acompanhadas do requerimento do interessado e de autorização da SBAT/Pa.

Na oportunidade renovo a V. Sa. meus protestos de consideração e aprêço.

DARCY PEREIRA BRAGA
Superintendente Regional

Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.309

SR/DPF/PA - FICHADO
MJ-DPF SR/PA
-2 MAI 14 10 12234
RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

Do: Diretor do Grupo de Teatro Experiencia

Ao: Ilmº. Sr. Superintendente do Departamento de Polícia Federal - Seção-PA

SOLICITAÇÃO - FAZ

Prezado Senhor:

O Grupo de Teatro Experiencia, tendo em vista a montagem do texto trágico-grego "Édipo Rei", de autoria de Sófocles, tradução de Geir Campos, com estreia marcada para o dia 27/05/77, vem mui respeitosamente solicitar a V.Sª., que se digne a despachar o referido texto afim de se processar o exame de Censura legal em Brasília.

Em anexo segue três cópias do original, com licença da SFAT.

NESTES TERMOS

P. DEFERIMENTO

Belém, 28 de Abril de 1977

CARTÓRIO Queiróz Santos

GERALDO SALLES
Diretor do Grupo de Teatro Experiencia

CARTÓRIO QUEIROZ — SANTOS — 3.º Ofício de Notas TABELIÃO VITALÍCIO Dr. Armando de Q. Santos TAB. SUBSTITUTOS Adriano de Q. Santos Adriano de Q. Santos F. Dr. Gastão de Q. Santos Belém — Pará

Reconheço, por ter conferido com outra(s) existente em meu arquivo a(s) assinatura(s) assinalada(s) CARTÓRIO Com esta > Queiroz Santos

Em sinal de verdade
Belém 05 maio 19 77

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.360

SR/DPF/PA - FICHADO

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belém, 20.Abril.1977

SCDP

Ao
Departamento de Censura da Policia Federal
Belém

Estamos encaminhando, anexas, três co - pias da peça "Edipo Rei", numa tradução de nosso associado / Geir Campos, para efeito de censura. Referida peça deverá ser encenada, nesta capital, em datas a serem previamente marca - das, pelo Grupo Experiencia.

Atenciosamente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
S. B. A. T.

Pedro Paiva Procaci
Representante em Belém

50,000 - 3/63

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 311

TEATRO

TÍTULO Édipo Rei

Sofocles

1) S. ARQUIVO

Documentação

Clas. Anterior 14 anos

Praça Belém - PA

Obs.:

DF. 11 / 05 / 77

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

À S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 17 de maio de 1977

Maria Arlete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: quatorze (14) anos, sem cortes.
Brasília-DF, 18 maio 1977

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe da Seção Censura - DCDP

DPF—538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 312

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1962 / 77

TÍTULO: "ÉDIPO REI" - Sófocles

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 (CATORZAE) ANOS

Trata-se de nova tradução desta peça de Sófocles. Embora a linguagem utilizada seja mais atual, a obra não perdeu em nada o seu valor e o seu sentido não foi alterado. Por isso, sugerimos seja mantida a impropriedade anterior para 14 (catorze) anos.

Brasília, 16 de maio de 1 977.

Isabel Maria Martins de Carvalho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 313

750/77-SCTC/SC/DCDP 17/05 7

Superintendente Regional do DPF no Pará

"EDIPO REI"

Sófocles

Superintendente:

BELÉM-PA

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 314

222/77

: ÉDIPO REI :

: SÓFOCLES :

14 JUNHO 79

17 MAIO 77

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 315.

: ÉDIPO REI :

SÓFOCLES
CEIR CAMPOS

GRUPO DE TEATRO EXPERIENCIA - PA

17 MAIO 77

: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

17 MAIO 77

FMFN/ CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.316

MJ-DPF-SRA/BSB
12 AGO 11 20 F 025489
FICHADO S. A. DCDP
SRA/FICHADO

De ordem ao arquivo em 15.08.77

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Of. nº 26/77 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 10 /08 /1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 5353 /1977 -SR/DPF-RJ -SCDP/SR/RJ

Peça: " ÉDIPO REI "

Autor: Sófocles

Tradução: J.B. de Mello e Souza.

Adaptação:

Requerente: Lourenço Wendel - Diretor do Curso Avenço.

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

LSL/.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.317

TEATRO

TÍTULO ÉDIPO REI

Sófocles

1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.:

DF. 19/08/1971

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censs., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 25 de agosto de 1971

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: quatorze (14) anos.

Brasília-DF, 1º / set. / 1971

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.318

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 3539 / 77

TÍTULO: ÉDIPO REI - peça de Sófocles e trad. J.B.Mello e Souza.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 anos.

Examinamos a referida peça em confronto com a arquivada no primeiro processo. O conteúdo e mensagem são semelhantes. Existe divergência de estilo por se tratar de tradutores diferentes. Possui certificado em vigor.

Sugerimos a sua liberação com restrição a menores de quatorze anos, condicionado ao exame do ensaio geral.

Brasília, 24 de agosto de 1977.

Yunko Akegava

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.319

1265/77 DF, 25/08/77

no Rio de Janeiro

[redacted] 796/77-SCDP/SR/RJ

"ÉDIPO - REI" de Sófocles.

[redacted]

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 320

0222

ÉDIPO REI

SÓFOCLES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

09 AGOSTO 81

31 AGOSTO 77

ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.321

ÉDIPO REI

SÓFOCLES
J.B. DE MELLO E SOUZA

LOURENÇO WENDEL-RJ

25 AGOSTO 77

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14(QUATROZE) ANOS.CONDICIONADO A O EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

31 AGOSTO 77

VLS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.322.

FICHADO
S. A. DCDP

MJ-DPF-SRA/BSB
16 AGO 10 21 77 025717
DPF-SRA
RECEBIDO POR:
SRA/FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 800/77-SCDP/SR/RJ Em 11.8.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Aditamento (faz)

162

De ordem ao arquivo em 17.8.77

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício 796/77-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria 42/75 - DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. cópias dos pareceres da peça teatral intitulada "ÉDIPO REI" de autoria de Sófocles, liberada com impropriedade para menores de 14 anos na dependência do ensaio geral.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 323

Ilmo. Snr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.-SR/RJ.

PARECER Nº 1789

ASSUNTO - Exame de texto para teatro.
TITULO - "EDIPO REI"
CLASSIFICAÇÃO - 14 anos.

Tragédia grega de pleno domínio público que conta a história de Edipo, cidadão de Corinto que sem consciência de sua verdadeira origem, abandona a cidade procurando fugir ao terrível destino que lhe fora profetizado e que, afinal, seria cumprido em Tebas, de onde se tornaria rei :- matar seu pai e se casar com a própria mãe.

O provável desinteresse e conseqüente falta de fixação de atenção que tal gênero de teatro produz em menores sem o necessário amadurecimento, recomenda uma restrição de 14 anos.

Rio de Janeiro, 9 de ~~agosto de 1977.~~

Joel C. T. de Almeida

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA
Tec. Cens. - Matr. 2.415.796

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 324

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

Parecer nº 1799

Assunto.....: Leitura de texto (peça teatral)
Título.....: "EDIPO REI"
Autor.....: Sófocles
Tradução.....: J.B. de Mello e Souza
Classificação.: 14 ANOS

Já por demais exibida em nosso país, a tragédia grega de Edipo conta a sua vida que fôra antecipada por um vidente.

Realmente, tudo que havia sido vaticinado se concretiza, pois apesar de Edipo tentar fugir ao seu destino acontece o inevitável, torna-se rei depois de matar o pai e casa-se com a própria mãe.

Pelo seu teor o espetáculo deverá ser assistido por jovens já com compreensão para entendê-lo, razão pela qual opino pela liberação para maiores de 14 anos.

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1977

AUGUSTO DA COSTA
Téc de Censura - Mat. 1.113.220

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.325

SRA/FICHADO

DPF-SRA

MJ-DPF-SRA/BSB

FICHADO S.A. DCDP

De ordem ao arquivo em 1º/9/77

-1 SET 1031 027068

RECEBIDO POR:

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 868 /77-SCDP/SR/RJ Em 30.8.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Complementação (faz)

Senhor Diretor:

Complementando os Ofícios 796 e 800/77-SCDP/SR/RJ, encaminho a V.Sª. cópia do relatório do ensaio geral da peça teatral intitulada "EDIPO REI", liberada com impropriedade para menores de 14 anos.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P 326

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ilmo. Snr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas.-SR/RJ-.

PARECER Nº 1901

ASSUNTO - Ensaio Geral
TITULO - "EDIPO REI"
CLASSIFICAÇÃO - 14 anos.

O Ensaio Geral de "Edipo Rei" nos mostrou, alem da fiel observância do texto previamente aprovado, marcação, vestuário, cenário e iluminação se apresentaram irreparáveis, o que nos leva a opinar pela confirmação de sua liberação para maiores de 14 anos.

Rio de Janeiro, 19 de agôsto de 1977.

JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA
Tec. Cons. - Cart. 379

AUGUSTO DA COSTA
Técnico de Censura
Mat. 1.113.220

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 327

SRA/FICHADO

DPF - SRA
Fl. nº
P.

MJ - DPF - SR - BSB
24 ABR 1028 010694

De ordem ao Arquivo em 24/4/78

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

FICHADO
S. A. DCDP

OF.
Nº 087/78-SCDP/SR/SP Em, 19 de abril de 1978.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais "O CANDIDATO" original de Otto Prado; "JOGO DA INDEPENDÊNCIA" original de Inês de Almeida; "JUDAS NO TRIBUNAL" original de Godofredo Tinoco; "A HISTÓRIA DO JUIZ" original de Renata Palottini; "MULA SEM CABEÇA" original de Ely Farah; "CANCAN" original de Rhodes Bonfim; "O CONSERTADOR DE BRINQUEDOS" original de Stella Leonardos; "A PROCURA DA FELICIDADE" original de José Gregui Filho; "PELA NOITE DE BARULHOS ESPAÇADOS" original de Darcio Della Mônica; "CANTAR NÃO É TUDO, QUERO ESCREVER E AMAR" original de Francis Leme; "O PALHAÇO DO PLANETA VERDE" original de Hilton Have; "PT SAUDAÇÕES" original de Carlos Carvalho; "O PORTÃO DOURADO" original de Renato C.Silva Haydu; "UMA RUA CHAMADA ILUSÃO" original de Aroldo Felix; "TRIVIAL SIMPLES" original de Nelson Xavier; "EDIPO REI" original de Sfocles; "O ANALISTA" original de Older Cazarré.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.
DR. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP - BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 328

ILMO. SR. CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL EM SÃO PAULO.

DPF 18 ABR 1978 07821

087/78

RECEBIDO POR C.

ANTONIO RODRIGUES FERNANDES, casado nascido em 21/9/1948 em Orense, Espanha, portador da Cart. de Identidade RG.465326-SP, e do CIC 510555208-30 , residente à rua Frei Caneca, 922-ap.133 nesta Capital, proprietário do Grupo "Ators Ballet", localizado à rua Vergueiro, 3502, fone 71-4593, SP-Capital, vem mui respeitosamente requerer a LEITURA DO TEXTO DE TEATRO - "EDIPO REI" de Sófocles (REX EDIPUS) em tradução de Geir Campos com estréia prevista para a primeira quinzena de junho de 1978, no teatro do Instituto Musical de S.Paulo (rua Glicério, 245) seguindo depois temporada pelas cidades do interior de S.Paulo, para finalmente estrear em um teatro desta Capital.

Nestes Termos

P.Deferimento.

São Paulo, 17 de abril de 1978

Antonio Fernandes

De acordo c/a Port 42/75:

a) remeter um texto à DCDP e aguardar info;

b) designar TC para o exame da peça no SCDP/SR/SP

Em 18/4/78

[signature]

C/a SCDP/SR/SP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.329

TEATRO

TÍTULO Édipo Rei

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça São Paulo - SP

Obs.:

DF. 26/ 04 / 78 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de quatorze anos, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censura, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 17 de maio de 1978

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: quatorze (14) anos, sem cortes.

Brasília-DF, 17 maio 1978.

Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.330

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 1680 / 78

TÍTULO: "ÉDIPO-REI" - SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14(catorze)anos
Confronto

Tradução de Geir Campos não apresentando semelhança com os anexos ao processo,no que diz respeito à sua estruturada narrativa.O enredo no entanto,é plenamente fiel ao original merecendo o texto,ser liberado com a mesma classificação anterior. Condicionado ao ensaio geral.

Brasília,15 de maio de 1978.

Valadares
ODILA GERALDA VALADARES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 331

721/78 BSB, 15/05/78

em São Paulo

087/78-SCDP/SR/SP

"ÉDIPO-REI" de Sófocles.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.332

222/78

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

14 JUNHO 79

17 MAIO 78

ROGÉRIO NUNES

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.333

: ÉDIPO REI

: SÓFOCLES

GRUPO ATORS BALLET - SP
ANTÔNIO R. FERNANDES

17 MAIO 78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

17 MAIO 78

ARÉSIO T. PEIXOTO

mhf

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00048,1334 (BA)

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"ÉDIPO REI"

Autor: "SÓFOCLES"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 335

MJ - DPF - DCDP - BSB
1130 001437
RECEBIDO POR
ARQUIVADO DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OFÍCIO Nº 00421 /81-SCDP/SR/DPF/BA EM 11.02.81
ASSUNTO: Encaminhamento - faz

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V. Sa os textos das peças teatrais abaixo relacionados, a fim de serem examinados de acordo com as normas censórias em vigor:

1. FELIZ ANIVERSÁRIO, coordenação de José Niraldo de Farias;
2. SÓ, autoria de Agnaldo Eça Gomes;
3. ÉDIPO REI, autoria de Sófocles;
4. A HISTÓRIA DO ZOOLÓGICO, autoria de Edward Albee.

Outrossim, segue a peça teatral "ÓPERA DO BICÃO", autoria de Paulo Roberto Nacif Campos, remetida a este SCDP por engano.

Na oportunidade, reitero a V. Sa. os protestos de estima e elavada consideração.

MARIA HELENA GUERREIRO-BEL*
Técnica de Censura
Chefe do SCDP SR/DPF/BA

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA-DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 336

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - DPF - DCDP - DSB
16 FEV 1130 001440
RECEBIDO POR

FICHADO DCDP

ARLINDO HENRIQUE DA FRANCA
Requerente

BRASILEIRO, ARTISTA
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 1.043 867 SSP / BA
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Conj.Rodrigo Horácio da Costa Bl.52 Apto.201 - Brotas

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) peça teatral abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: Sófocles

ÉDIPO REI
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Salvador, 09 de fevereiro de 1981
Local e Data

Arlindo Henrique da Franca
Requerente

Anexos:

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SBAT
COS - BAHIA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.337

TEATRO

TÍTULO "ÉDIPO REI"

Autor da peça: "SÓFOCLES"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça SALVADOR / BA

Obs.:

DF. ___ / 17 / 02 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impróprio para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: Confronto

Brasília 23 de 02 de 1981

Hellé Prudente Carvalhedo
M. Fl. 2.415.791

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: 14 (quatorze) anos
Brasília DF, 24 / 02 / 81
Arésio Teixeira Peixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P 338

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 4204 / 81

TÍTULO: " ÉDIPO REI - PEÇA DE SOFOCLES-TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE GEIR CAMPOS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: (14) QUATORZE ANOS

Examinando a peça acima referida, em confronto com a tradução já existente no processo, constatamos : -divergências por se tratar de mais uma tradução e / adaptação e ainda, algumas inserções, objetivando, recursos à encenação.

O tema central não sofreu alteração.

Sugerimos a liberação com a chancela anterior ou seja, impropriedade para menores de quatorze anos.

Brasília, 23 de fevereiro de 1981

Walter de Oliveira
- Técnico de Censura -
MAT. 2405294

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 339

222

ÉDIPO - REI

SÓFOCLES

23 FEVEREIRO 86

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

23 FEVEREIRO 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.340

ÉDIPO - REI

SÓFOCLES

GEIR CAMPOS

GEIR CAMPOS

ARLINDO HENRIQUE DA FRANÇA SALVADOR/BA

23 FEVEREIRO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

23 FEVEREIRO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

14

ARÉSIO TEIXEIRA TEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 341

514/81-SE/DCDP 24/02 81

Chefe do SCDP/SR/BA

"ÉDIPO REI"

SÓFOCLES

Chefe,

em Salvador

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 342

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"ÉDIPO REI"

AUTOR: "SÓFOCLES"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.343

MJ - DPF - DCDP - BSB
6 ABR 15 14 003592
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

PICHADO DCDP

OF.Nº.00901/81-SCDP/SR/BA, Salvador, 02 de abril de 1981.

Assunto: Encaminhamento - faz

Senhor Diretor,

Com o presente, encaminho a V.Sª. o parecer do TC-Severino E.Souza sobre o ensaio geral da peça teatral ÉDIPO REI, de Sófocles, acompanhada do Certificado de Censura nº 222 e do "script" da referida peça para a devida alteração sugerida.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. os protestos de estima e consideração.

MARIA HELENA GUERREIRO-BEL
Técnica de Censura
Chefe do SCDP/SR/DPF/BA

ILMO.SR.
DIRETOR DA DCDP/BSA
BRASILIA-DF.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MJ/DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA BAHIA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIV.PÚBLICAS

Parecer 001/81-SCDP/SR/BA, Salvador, 31 de março de 1981

Assunto: Peça teatral - ensaio geral

Senhora Chefe,

Assisti, dia 29.03.81, às 20,00 hs., na Sala do Côro do Teatro Castro Alves, ao ensaio geral da peça - teatral ÉDIPO REI, de Sófocles, apresentado por Arlindo Henrique da Franca -Produções Artísticas, tendo a relatar o seguinte:

A obra, mundialmente conhecida, aborda o tema do incesto através de relações sexuais entre filho e mãe, o que, em cena, é apresentado com bastante realismo, por meio de gestos e posições evidenciando a representação da conjunção carnal. Por este motivo opino pela alteração da faixa para maiores de 18 anos, recolhendo o "script" e o Certificado e anexando-os ao presente para a devida alteração.

É o parecer, s.m.j.

DPF/SR/BA
Severino Ernesto de Souza Bel.
Sub. Chefe do S C D P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.345

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 222

PEÇA ÉDIPO - REI

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 23 de FEVEREIRO de 19 86

Brasília, 23 de FEVEREIRO de 19 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.346

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada ÉDIPO - REI

Original de SÓFOCLES

Tradução de GEIR CAMPOS

Adaptação de GEIR CAMPOS

Produção de

Requerida por ARLINDO HENRIQUE DA FRANÇA SALVADOR/BA

Tendo sido censurada em 23 de FEVEREIRO de 19 81 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 23 de FEVEREIRO de 19 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.347

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 222

PEÇA ÉDIPO - REI

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 23 de FEVEREIRO de 19 86

Brasília, 23 de FEVEREIRO de 19 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 348

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada ÉDIPO - REI

Original de SÓFOCLES

Tradução de GEIR CAMPOS

Adaptação de GEIR CAMPOS

Produção de

Requerida por ARLINDO HENRIQUE DA FRANÇA SALVADOR/BA

Tendo sido censurada em 23 de FEVEREIRO de 19 81 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 23 de FEVEREIRO de 19 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 349

TEATRO

TÍTULO "ÉDIPO REI"

AUTOR: "SÓFOCLES"

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 anos

Praça SALVADOR / BA

Obs.: Alterações de faixa etária

DF. ___ / 07 / 04 / 81

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. Chefe do SC

A presente peça já foi liberada várias vezes p/ maiores de 14 anos. O último confronto efetuado nesta DCDP, embora constatado algumas alterações, mantém a classificação anterior. Entretanto, o parecer nº 001/81-SCDP/SR/BA correspondente ao exame do Ensaio geral, propõe 18 anos, face cenas que insinuam incesto. Convém lembrar que se trata de obra mundialmente famosa e que o incesto é o ponto central de todo o roteiro.

Brasília – DF de de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE na forma do parecer

Em, ___ / ___ / 19___

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

Face aos Pareceres, libere-se, ao contexto e ao re-exame, libere-se para maiores de 16 anos.

Em 29.04.81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
MAT 2.095.858

E 07/04/81

Helle Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.350

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 4342 / 81

TÍTULO: "ÉDIPO REI" - (confronto)- AUTOR: SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14(catorze) anos

Versão e adaptação: GEIR CAMPOS

Peça teatral conhecida internacionalmente e, por inúmeras vezes foi examinada, liberada por esse Órgão, recebendo a classificação etária ' para maiores de quatorze anos.

Ora reexaminada, atendendo solicitação constante no Parecer nº 001/81-SCDP/SR/BA, anexo ao processo, motivo- alteração de faixa etária; ' lendo o presente texto e confrontando com outro apenso ao processo às fls. 155 a 173, verificamos haver perfeita identidade, inclusive o adendo no final do "script", entre ambos. Durante a leitura não encontramos, em momento algum, descrição de passagens que ensejassem representação de relacionamento sexual, o que foi observado no exame do Ensaio Geral.

Portanto, somos pela manutenção ' da impropriedade estabelecida no certificado, ou seja, quatorze anos.

Brasília, 10 de abril de 1981.

Solange Vaz dos Santos
Técnica de Censura
Mat. 2.405.349

DPF—742

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.351

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3ª VIA

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....

Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

POSIÇÃO:

ENDERÊÇO

SCDP/SR/BA - SDR -

QUITAÇÃO

HRS: OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 273/DCDP de 13 _ 04 _ 81 ___ INFO CONF INSTRUÇÕES SR MINISTRO NÃO EH PERMITIDO RELACIONAMENTO SEXUAL PALCO VG SE EXISTE ESTA CENA PEÇA " ÉDIPO -REI " VG CONF ENSAIO GERAL VG CORTAR PT LIB PARA 16 ANOS VG CONSIDERANDO CLASS ANT 14 ANOS VG AGUARDAR CTF DEFINIT PT DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor.....JOSE VIEIRA MADEIRA MAT. 2.005.259.....

DPF-84

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.352

222

"ÉDIPO - REI

SÓFOCLES

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

15 ABRIL 81

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 353

ÉDIPO - REI

SOFOCLES
GEIR CAMPOS

ARLINDO HENRIQUE DA FRANÇA SALVADOR/BA
23 FEVEREIRO 81

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 16 (DEZESSEIS) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANAHDO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

15 ABRIL 81

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 354

933/81-SE/DCDP 15.04.81

Chefe do SCDP/SR/BA

ÉDIPO - REI

SÓFOCLES

Chefe:

Salvador

JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 355

DPF - DCDP - BSB
21 MAR 1148 83 002313
RECEBIDO POR

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

B. Hte. 17/03/83

Ofício Nº 039/83 SCDP/SR/MG

Assunto: Peças Teatrais (Encaminha)

Senhora Diretora,

Em anexo encaminhamos a V. Sª. as peças teatrais: ÉDIPO REI, de autoria de Sófocles, adaptação de Carlos Eduardo Rodrigues Alves, bem como AS PULGAS, de autoria de Cunha de Leiradella, juntamente com os respectivos pareceres dos Técnicos de Censura, Relatórios de ensaio geral, requerimentos dos interessados e Certificados Provisórios emitidos por este SCDP, para as providências cabíveis.

Na oportunidade renovamos nossa manifestação de estima e consideração.

Iara de Medeiros Munici

CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMA. SRA.
DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
BRASÍLIA DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P356

D.C.D.P.

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CARLOS EDUARDO RODRIGUES ALVES
CARLOS
Requerente
BRAS., ATOR/DIRETOR DE TEATRO
Nacionalidade Profissão
Carteira de Identidade 3694379 - INSTITUTO FELIX PACHECO
Nº e Órgão Expedidor
residente e domiciliado à R. MAR DE ESPANHA 316/01

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) - PEÇA - abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie
de: SÓFOCLES - ADAPTAÇÃO DO REQUERENTE
"ÉDIPO REI"
Título(s)
XXXXXXXX XXXXX XXXXXXXXXXXX

N. Termos
Pede deferimento
BELO HORIZONTE, 14 DE FEVEREIRO DE 1983
Local e Data
Carlos Eduardo Rodrigues Alves
Requerente

Anexos:
3 CÓPIAS DO TEXTO CARIMBADO PELA SBAT

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P357

"ÉDIPO REI"

ÉDIPO - Meu povo, filhos queridos de Tebas, saibam todos que estou disposto a tudo para ver melhoradas as condições de vida de nossa cidade, mas às vezes, mesmo uma sincera e profunda disposição para lutar contra o infortúnio não é suficiente para garantir-nos a vitória. Por isso, estou aqui, eu, o vosso Rei Édipo, para saber de vocês qual a razão para tantas dores e lamentos que chegam até meus ouvidos.

CIDADÃO - Se já decifrou o enigma da Esfinge que tanto nos afligia, tem agora de não nos decencionar e curar essa ferida que se alastra pelos campos e cidades matando tudo que encontra pela frente, homens, mulheres, velhos, jovens, crianças e animais, envenenando a terra e os rios.

OUTRO - Parece que Deus esqueceu da gente. Hoje estou vivo mas amanhã posso estar morto. Minha mulher morreu levando com ela o filho que ia nascer.

ÉDIPO - Posso dizer a vocês que estamos conscientes da infelicidade que se abateu sobre nós e que a dor que setem é ainda maior em mim que em vocês pois a dor, eu a sinto por vocês e por mim.

CIDADÃO - Se não quer reinar sobre um país coberto de cadáveres e esqueletos, traga-nos soluções. Os campos estão tão secos que não se planta nem se colhe nada. A alegria fugiu para outro lugar e diante de nossos olhos já não cabem tantas desgraças.

OUTRO - Queremos viver! Precisamos Comer!

UMA MULHER - Vamos rezar! Vamos rezar! Só o Deus pode nos salver! Não podemos perder a esperança. A fé em Deus nos restiruirá a paz

(DEPOIS DE UM TEMPO EM QUE TODOS CANTAM)

ÉDIPO - Meus filhos, ouvi suas súplicas e dirigi a Deus, as minhas esperanças. Por isso enviei a Delfos, meu cunhado Creonte, para que ele ouça da boca do oráculo a palavra do Deus que irá nos redimir de todos os males.. Prometo fazer cumprir tudo aquilo que o Deus houver aconselhado e quando Creonte chegar, todos serão informados e juntos combateremos as causas desse pesar.

Censura de Diversões D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 358

(FORMA-SE PEQUENO TUMULTO FORA DE CENA. OUVEM-SE APENAS OS SONS; ÈDIPO FICA SOZINHO EM CENA COM A MULHER E AS FILHAS. DEPOIS, TEMEROSO, SAI COM ELAS PARA O PALÁCIO. BLACK-OUT.. SILÊNCIO.
ENTRA MÚSICA LÍRICA. PERFUMES DE INCENSO; SURGE A CENA DA ADORAÇÃO A APOLO - OU UM PESADELO DE ÉDIPO EM QUE SURGE APOLO MANDANDO CONTRA ELE SUAS FLECHAS MORTAIS)

VOZ - Creonte está de volta!

VOZES - Creonte chegou de Delfos com a resposta de Apolo!

MENINOS - É CREONTE! É Creonte! Venham! venham!

OUTRO - Ali vem ele! Traz a cabeça coroada de Louros! (SACERDOTE)

(ENTRA ÉDIPO ACOMPANHADO DE GUARDAS)(ENTRA CREONTE ACOMPANHADO DE POPULARES)

ÈDIPO - Permita Apolo nos traga ele as palavras que vão nos salvar!

SACERD. - Pela sua fisionomia alegre deve nos mostrar o caminho que irá resguardar a sua glória.

ÉDIPO - Já o saberemos. Ó Creonte, príncipe, meu cunhado, que resposta, afinal, nos trazes do Deus Apolo?

CREONTE -.Eu digo que a resposta é favorável pois acredito que mesmo as coisas desagradáveis quando delas nos resulta algum bem ' tornam-se uma felicidade.

ÈDIPO - Seja claro. Em que consiste essa resposta? O que acaba de dizer não nos causa confiança nem apreensão.

CREONTE - Queres ouvir-me na presença destes homens? Eu falarei. (TEMPO) Mas estou pronto a entrar no palácio para uma conversa particular se assim preferir.

ÉDIPO - Ora. Fala perante todos. O sofrimento deles atinge-me muito ' mais do que se fôra meu, somente.

CREONTE - Vou dizer-lhes pois. O rei Apolo ordena expressamente que purifiquemos este terra da mancha que ela mantém. Urge expulsar ou punir com a morte o assassino de Laio, o príncipe que reinou outrora neste país, antes que você se tornasse nosso rei.

Censura de Diversões Públicas D.F. DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.359

ÉDIPO - Certamente ouvi muito falar nele mas nunca o vi. Só o conheço de nome.

CREONTE - A verdade é que Laio foi morto e o Deus agora exige que seja punido seu assassino, seja ele quem for.

ÉDIPO- Mas onde se encontra ele? Como descobrir o culpado de um crime tão antigo?

CREONTE - Aqui mesmo na cidade, afirmou o Deus. Tudo o que se procura será descoberto.
(ÉDIPO FICA PENSATIVO POR UM MOMENTO)

ÉDIPO - Foi na cidade, no campo, ou em terra estranha que se cometeu o aassassinato de Laio?

CREONTE - Ele partiu de Tebas para consultar o oráculo, e nunca mais voltou.

ÉDIPO - E nenhuma testemunha, nenhum companheiro de viagem viu qualquer coisa que nos possa esclarecer a respeito?

CREONTE - Morreram todos, com exceção de um único que, apavorado, conseguiu fugir. Êle nos disse que foram assaltantes que encontraram Laio e sua escolta e o mataram. Não um só, mas um numeroso bando.

ÉDIPO - Quem praticou tão audacioso atentado, deve ter obedecido a plano tramado aqui mediante suborno.

CREONTE - Também a nós ocorreu essa suspeite. Mas depois da morte do rei, ninguém pensou em investigar o crime, por causa da desgraça que nos ameaçava.

ÉDIPO - E posso saber que desgraça era essa que impediu a investigação do que se passara? Trata-va-se da morte de um rei!

CREONTE - A Esfinge, o monstro com corpo de leão, asas de águia e rosto de mulher, andava devastando a região, devorando todos aqueles que não conseguiam decifrar os enigmas que ela propunha.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.F. SR/MJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 360

ÉDIPO - Está bem; havemos de voltar à origem desse crime e pô-lo em evidência. Não será por um estranho, mas no meu interesse que resolvo punir esse crime; quem quer que tenha sido o assassino do rei Laio, bem pode querer ferir-me com a mesma audácia.
- Sendo assim, descobrir o assassino é proteger a mim mesmo. Vamos, meus filhos! Ergam-se! Convoquem todos os cidadãos! Eu não recuarei diante de obstáculo algum! Com o auxílio do do deus, ou seremos todos felizes ou se verá nossa total ruína.

SACERD. - Levantemos, meus filhos! O que ele acaba de anunciar é, precisamente, o que vínhamos pedir aqui.

(SAEM ÉDIPO, CREONTE E O SACERDOTE.)

CIDADÃO - Ó Deus, que sorte nos reserva agoraou pelos anos futuros? Temos o espírito perturbado pelo terror e o desespero nos enfraquece!

OUTRO - Pobres de nòs! Sofremos dores sem conta! Todo o povo atingido pela peste. Morrem os frutos da terra, as mães não resistem às dores do parto.

OUTRO - Nessas mortes sem fim voi morrendo a nossa cidade. Os corpos apodrecem pelo chão espalhando o terrível contágio. As esposas e as mães correm para os degraus dos altares e soltam gemidos dolorosos implorando o fim de tanta desgraça.

CIDADÃO- Ó Deus todo poderoso, criador do céu e da terra, tende piedade de nós.

(REAPARECE ÉDIPO, QUE SAI DO PALÁCIO DURANTE A ÚLTIMA FALA)

ÉDIPO - Vocês erguem suas súplicas e o que vêm pedir a Deus alcançarão sem demora, se ouvirem minhas palavras e agirem como é necessario para exterminar com o flagelo. Pouco avançaremos em nossa investigação se não me fornecerem alguma pista. Só depois deste crime é que vim parar aqui e por isso, a todos vocês tebanos, declaro o seguinte:

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SR/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.361

- Se alguém deixar de denunciar um amigo ou a si próprio, ordeno que nenhum habitante deste reino onde exerço o poder soberano receba este indivíduo, seja quem for; que não lhe dirija a palavra nem permisão que participe das cerimônias litúrgicas; que todos se afastem dele e de sua casa porque ele é uma mancha destruidora.
Eu quero que o criminoso desconhecido seja sempre maldito! E algum dia eu o recebi voluntariamente em minha casa, que sobre mim recai essa maldição e os males que ele trará!
Aqueles que recusarem me obedecer, desejo que morram na miséria que sofram todos os males que estamos sofrendo agora e outros ainda mais cruéis!

- E a vocês, tebanos, que, certamente aprovam meu decreto, que a justiça proteja a todos e que Deus os ajude.

(ENTRAM GUARDAS QUE COMEÇAM A INTERROGAR POPULARES, ÈDIPO A TUDO ASSISTE)

GUARDA - Fala! Quem matou Laio?

CIDADÃO - Não sei, senhor!

GUARDA - Fala! Quem foi?

CIDADÃO - Não fui eu! Não fui eu!

GUARDA - Então, quem foi?

CIDADÃO - Se soubesse, juro por Deus que diria, senhor.

GUARDA - Você mente.

OUTRO - Se o Deus Apolo ordenou essa investigação, por que não nos revela também quem teria cometido esse horrendo crime?

ÉDIPO - Não está em nosso poder forçar Deus a agir de maneira contrária a sua vontade.

OUTRO - Conheço alguém que, quase tanto como Apolo, conhece os mistérios da vida! É Tirésias. Se o interrogarmos ele nos dirá Claramente o que se passou.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SP/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 fl-362

ÉDIPO - Creonte me aconselhou e mandei dois empregados procurarem Tirésias. Já devem estar vindo.

GUARDA - O que sabe a respeito do assassinato?

OUTRO - Na época circularam muitos boatos.

GUARDA - Que boatos? Queremos saber de tudo!

OUTRO - Diziam que Laio foi morto por ums viajantes.

GUARDA - Disso já sabemos. Mas nenhuma testemunha apareceu.

OUTRO - Por mais corajoso que seja o assassino, quando souber do decreto de Édipo não vai resistir e confessará tudo.

ÈDIPO - Quem não teve medo de cometar tal crime, não vai se impressionar com simples palavras.

(ENTRA HOMEM PARA ANUNCIAR A CHEGADA DE TIRÉSIAS)

HOMEM - Acaba de chegar quem tudo vai descobrir! O divino profeta, o Único entre os homens que sabe desvendar a verdade!

(ENTRA TIRÉSIAS, VELHO E CEGO, GUIADO POR UM MENINO, ESCOLTADO POR DOIS GUARDAS.)

ÉDIPO - Grande Tirésias! Homem que conhece todas as coisas, os mistérios do céu e da terra, seja bem-vindo! Embora não possa enxergar, sabe do mal que a cidade sofre. E para defendê-la, para salvá-la, só a ti podemos recorrer. Apolo declarou a Creonte ' que só nos libertaremos da desgraça se os assassinos de Laio ' forem descobertos nesta cidade e mortos ou desterrados. Empregue todos os recursos de sua arte de adivinhar e salva a cidade, salva a você próprio, a mim e a todos, eliminando essa mancha que nasceu do homicídio. Dependemos de você agora! Usar a sabedoria para ajudar os outros é a mais feliz das tarefas.

TIRÉSIAS - De que me adianta saber se em nada posso modificar os acontecimentos? Ordena que eu seja reconduzido a minha casa, ' rei. Assim será melhor para você e para mim.

Censura de Diversões Públicas D. P. F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 363

ÉDIPO - Esta resposta não é sensata nem amigável para com a cidade que te mantém, visto que recusa a revelação que solicitamos. Todos nós, todos nós, de joelhos, te imploramos!

TIRÉSIAS - Eu causaria a minha desgraça e a sua!

ÉDIPO - Você conhece a verdade e não quer falar?! Pretende com isso nos trair causando a ruína da cidade?

TIRÉSIAS - De mim nada ouvirá! O que tem de acontecer, acontecerá.

ÉDIPO - Já que o futuro fatalmente virá, você bem pode nos prevenir.

TIRÉSIAS - Nada mais direi! Pode pensar o que quiser.

ÉDIPO - Pois bem! Mesmo irritado como estou, nada esconderei de que penso. Fica sabendo que, na minha opinião, você foi cúmplice no crime. Talvez tenha sido o mandante. Se não fosse cego, a você somente eu acusaria como autor do crime.

TIRÉSIAS - É? Pois EU! EU é que te ordeno obedecer ao decreto que você mesmo baixou e que a partir deste momento, não dirija a palavra a nenhum desses homens, nem a mim, porque o desgraçado que está destruindo a cidade é VOCÊ!

ÉDIPO - Como!? Como se atreve a formular tamanha acusação? Por acaso pensa que não será castigado?

TIRÉSIA - O que está dito, está! Eu conheço a verdade poderosa!

ÉDIPO - Mas, o que está dizendo afinal? Não te compreendo bem! Vamos! Repete a sua acusação!

TIRÉSIAS - Afirmo que é você o assassino que procura.

ÉDIPO - Afirmo que será castigado por repetir essa acusação mentirosa.

TIRÉSIAS - Pois eu te asseguro que não sabes ainda a que desgraça te lançaste.

ÉDIPO - Você não tem medo das conseguências de suas palavras?

TIRÉSIAS - Não tenho porque conheço a força da verdade.

Censura de Diversões Públicas - Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 364

ÉDIPO - Sim, mas em tua boca ele já se mostra fraca. Seus ouvidos e sua consciência estão fechados, como seus olhos.

TIRÉSIAS - Ò rei infeliz! Dentro em pouco, todos , sem exceção, piores insultos lançarão contra você.

ÉDIPO - Você vive nas trevas. Não poderia nunca ferir a mim, ou a quem quer que viva em plena luz.

TIRÉSIAS - O seu destino não é cair vítima de meus golpes. Compete a Apolo cobrar suas dívidas.

ÉDIPO - Isso tudo foi invenção sua, ou de Creonte.

TIRÉSIAS - Creonte em nada concorreu para seu mal; seu próprio inimigo é você mesmo.

ÉDIPO - A riqueza, o poder, a glória de uma vida consagrada à ciência, quanta inveja despertam contra o homem a quem todos admiram! Por ambição deste poder posto em minhas mãos pelo povo, Creonte, meu amigo fiel, desde os primeiros dias, se insinua sorrateiramente sob mim e tenta derrubar-me, subornando este feiticeiro, este charlatão que nada mais quer senão dinheiro e que em seu ofício é cego. Sim, porque quando a esfinge propunha aqui seus enigmas, nada sugeriu aos tebanos para a salvação da cidade. Provou então ser incapaz de interpretar os pássaros e os deuses. Mas, eu, que nada sabia, eu, Édipo, fiz a esfinge calar; e não foram os pássaros, mas a inteligência, o reciocínio, o que me deu a solução. E agora tenta afastar-me do poder na ilusão de se sentar junto ao trono de Creonte!
A você e a seu cúmplice essa purificação de Teabas vai custar caro.
Se não fosse um velho decrépito, já teria compreendido as consequências de uma traição.

CIDADÃO - A nosso ver, tanto as palavras de Édipo como as de Tirésias foram ditadas pela cólera. Não nos compete julgar essa discussão. O que é preciso é cumprir as ordens de Apolo e descobrir o assassino de Laio.

TIRÉSIAS - Édipo, posso falar com você de igual para igual. Tenho este direito! Não sou seu subordinado, mas sim de Apolo. E jamais me venderia a Creonte. Digo-lhe então que você tem os olhos abertos à luz, mas não enxerga a profundeza de suas desgraças, ignorando quem é, o lugar onde está e quem é aquela com quem

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 365 (9)

vi Vive. Sabe por acaso, de quem é filho? sabe que é o maior inimigo dos seus, os vivos e os mortos? Virá um dia em que será expulso desta cidade. Por enquento ainda vê, mas em breve a noite eterna cairá sobre você. Em breve perceberá que se uniu criminosamente àqueles que lhe são mais caros, mas ainda não pode prever as misérias sem conta que se abaterão sobre seus filhos.
Jamais nenhum mortal terá sido triturado mais cruelmente!

ÉDIPO - É insuportável o que este homem diz! Sai daqui, miserável! Sai e não volte mais!

TIRÉSIAS - Eu não teria vindo se não tivesse me chamado.

ÉDIPO - Não sabia que só diria loucuras. Se soubesse não o chamaria.

TIRÉSIAS - Você me considera louco, mas para seus pais, os que te deram vida, eu sempre fui ajuizado.

ÉDIPO - Que pais? Espera um momento? Diga: quem me deu a vida?

TIRÉSIAS - Hoje mesmo saberá do seu mascimento e da sua morte!

ÉDIPO - Tudo o que diz é obscuro e enigmático!

TIRÉSIAS - Eu me retiro. Vem guiar-me, menino!

ÉDIPO - Sim... é melhor que se retire! Sua presença me aborrece. Longe daqui não me incomodarás.

TIRÉSIAS - Vou-me embora sim; mas antes quero dizer o que me trouxe aqui sem medo, porque você não pode me fazer mal.
Afirmo que o homem que procura por meio de decretos ameaçadores, está aqui! Pensa que é estrangeiro aqui residindo, mas logo verá que é tebano de nascimento e ele não se alegrará com essa descoberta. Êle vê, mas ficará cego; é rico e acabará mendigando. Seus passos o levarão à terra do exílio. Verá também que êle é, ao mesmo tempo, irmão e pai de seus filhos, e filho e esposo da mulherque lhe deu a vida e que profanou o leito de seu pai a quem matara.
Vai, Édipo! Pensa sobre tudo isso em seu palácio. Se me convencer que minto, pode então declarar que não mereço nenhuma confiança.

(SAI TIRÉSIAS. ÉDIPO ENTRA NO PALÁCIO)

Serviço de Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.366

CIDADÃO - Quem será o infeliz autor dos mais monstruosos crimes? Tá na hora dele sair correndo, fugindo o mais depressa possível, porque o castigo vem a cavalo. Com o Deus Apolo não se brinca.

OUTRO - Nem adianta fugir. Numa hora dessa já deve estar cercado por todos os lados.

OUTRO - Vocês viram as palavras de Tirésias? Não sei se ele está ou não com a verdade. Não sei o que deva pensar a respeito. Nunca soubemos de nada que pudesse comprometer a honra de Édipo.

CIDADÃO - Nada nos garante que ele possa saber a respeito do Édipo mais do que nós. Só pela inteligência um homem pode superar outro homem.

OUTRO - Eu também acho. Enquento não ficar provado o que diz o adivinho, não podemos acusar Édipo. Afinal, foi ele que destruiu a Esfinge e com essa prova magnífica de inteligência se tornou o nosso rei. Por isso, nunca poderei acusá-lo de um crime.

(ENTRA CREONTE, POSSUÍDO DE FORTE IRRITAÇÃO)

CREONTE - Cidadãos! Acabo de saber que Édipo me acusou de traição e isso eu não posso admitir! Aqui estou para me defender!

CIDADÃO - Talvez essa acusação tenha sido ditada por uma raiva de momento e não pela razaão.

CREONTE - Como pôde Édipo imaginar que eu teria aconselhado o feiticeiro a dizer aquelas mentiras?

CIDADÃO - Realmente êle disse, mas não sei de onde ele tirou isso.

CREONTE - Mas ele fez essa denúncia com a cabeça fria?

CIDADÃO - Não sei... Não posso entrar dentro da cabeça dele!

(ENTRA ÉDIPO, BRUSCAMENTE)

ÉDIPO - Que vieste fazer aqui? Você tem a coragem de vir a minha casa, você que conspira contra a minha vida e pretende roubar-me a corôa? Pensa que eu seria tão ingênuo a ponto de não descobrir

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 367

sua conspitação?

CREONTE - Deixe-me responder a tuas acusações e depois que me ouvir, pode então tirar suas conclusões.

ÉDIPO - Sim, eu te ouvirei, mas não insista em afirmar que não é culpado.

CREONTE - Você se engana se pensa que vai tirar vantagem de sua teimosia.

ÉDIPO - Não foi você quem me aconselhou a mandar vir esse famoso profeta?

CREONTE - Sim e mantenho minha opinião sobre ele.

ÉDIPO - Quando Laio desapareceu vítima de um assassino, Tirésias já era o adivinho?

CREONTE - Sim, ele já era nesse tempo, sábio e respeitado.

ÉDIPO - E disse ele, então, alguma coisa a meu respeito?

CREONTE- Nunca! pelo menos em minha presença.

ÉDIPO - E vocês não fizeram pesquisas a fim de apurar o crime?

CREONTE - Fizemos, certamente, mas nada se descobriu.

ÉDIPO - Como se explica então, que esse homem tão sábio não tivesse dito naquela época o que veio dizer hoje aqui?

CREONTE - Não sei, e quando desconheço uma coisa, prefiro calar-me.

ÉDIPO - Devo então concluir que se ele não estivesse de comum acordo contigo, nunca viria dizer que a morte de Laio foi crime cometido por mim.

CREONTE - Também eu tenho o direito de te dirigir algumas perguntas.

ÉDIPO - Pode interrogar-me mas não pode me convencer que tenha sido eu o assassino.

CREONTE - Vejamos: você não se casou com minha irmã?

Censura de Diversões Públicas D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 368

ÉDIPO - Isso é impossível negar.

CREONTE - E não reina com ele em termos de igualdade?

ÉDIPO - Sim, tudo o que ela deseja eu imediatamente executo.

CREONTE - E não sou eu junto com vocês, a terceira pessoa do Estado?

ÉDIPO - Sim, e é por isso que sua traição é a mais covarde!

CREONTE - Não, se analisar a situação como eu a analiso. Examina este primeiro ponto: acha que alguém prefiriria reinar cercado de preocupações e perigos em vez de ter uma vida tranquila e desfrutar dos mesmos poderes? Eu não tenho necessidade alguma de ser rei pois gozo de todas as regalias de um rei, sem nada com que me preocupar. Se fosse eu o rei, muita coisa, certamente, faria contra a minha vontade. Do poder eu não quero as honrarias, só quero aquilo que me dá prazer. Todos me cumprimentam, me desejam felicidade, quando têm algo a resolver com você, falam antes comigo e confiam em mim. Por que eu trocaria a minha vida pela sua? Quem não ambiciona, não conspira. Se quiser uma prova, vai a Delfos e vê se eu não disse exatamente as palavras do oráculo divino! Depois, se descobrir que tramei alguma coisa com Tirésias, condena-me à prisão ou mesmo à morte, não pelo seu único voto, mas pelo meu também. Tão errado é absolver sem provas, como é errado condenar sem provas.
Rejeitar um amigo fiel, penso eu, é igual a desprezar a própria vida, esse bem tão precioso. Mas só com o tempo compreenderá isso: só ele nos pode revelar quanto os homens são bons, ao passo que um só dia basta para evidenciar a maldade dos maus.

SACERDOTE - Para quem quer sinceramente evitar a injustiça, suas palavras são bastante ponderadas.

CIDADÃO - É sempre arriscado um julgamento apressado.

ÉDIPO - Quando o conspirador avança rápido, eu tenho de ser rápido também. Se eu esperar tranquilamente, os planos deste homem serão realizados e eu serei derrotado.

CREONTE - Que pretende fazer de mim? Exilar-me do país?

ÉDIPO - O que eu quero é a sua morte e não apenas o exílio!

Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.369

CREONTE - Mas só se provar que eu conspiro contra você.

ÉDIPO - Você fala como se não estivesse disposto a obedecer?

CREONTE - Sim, porque isso não é justo.

ÉDIPO - Só eu sei o que me convém fazer no meu interesse.

CREONTE - Mas nesse caso, o meu interesse também deve ser atendido!

ÉDIPO - Não: você é um traidor!

CREONTE - E se isso não for verdade?

ÉDIPO - Seja como for, eu devo ser obedecido! Um rei é para reinar!

CREONTE - Mas não quando reina mal!

ÉDIPO - Escutai-o, meu povo!

CREONTE - Seu povo? Meu também!

SACERDOTE - Acalmem-se, príncipes! Vejo em boa hora sair do palàcio, a rainha Jocasta. Ela é capaz de convencê-los a fazer as pazes.

JOCASTA - Por que essa discussão insensata, infelizes? Não têm vergonha de discutir questões íntimas, quando basta o que o país está sofrendo com a peste? Volta para o palácio, Édipo! E você, Creonte, vá para o seu quarto.

CREONTE - Mas, minha irmã, Édipo, seu marido, quer que eu escolha: ou o desterro como indesejável, ou a morte, como conspirador!

ÉDIPO - É verdade, senhora. Eu o peguei tramando covardemente contra a minha vida.

CREONTE - Que eu seja desgraçado! Que a maldição de Deus caia sobre mim se cometi a traição de que me acusa!

JOCASTA - Édipo, pelo amor de Deus, acredita: primeiro pelo juramento que ele fez, depois por mim... e pela gente aqui reunida!

SACERDOTE - Eu te suplico, rei! Escuta, pensa, atende!

Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 370

ÉDIPO - Que favor vocês querem, afinal, de mim?

SACERDOTE - Este homem não é criança, Édipo! Devemos respeitar o seu juramento.

ÉDIPO - Tem noção do que está me pedindo?

SACERDOTE - Sim, não condene sem provas um amigo que jurou inocênte!

ÉDIPO - Pois fiquem sabendo que com este pedido vocês condenam a mim ao desterro ou à morte.

SACERDOTE - Não! Pelo Deus supremo! Que eu seja castigado se tive tal pensamento. Mas é que diante do mal que assola esta cidade, o ódio entre dois príncipes vai aumentar ainda mais o nosso sofrimento.

ÉDIPO - Eu o deixo partir, então, ainda que disto resulte a minha morte ou a meu desterro. Faço isso para atender ao pedido dos tebanos e não ao de Creonte.

CREONTE - Quando a raiva passar você vai sentir remorsos. Esse temperamento explosivo só dá aborrecimentos.

ÉDIPO - Por que não se vai logo? Deixa-me em paz!

CREONTE - Irei! Não me verá nunca mais! Fui injustiçado por você, mas não por eles!

(SAI CREONTE)

VELHO - Rainha, leva teu marido para o palácio!

JOCASTA - Só depois de saber o que aconteceu.

VELHO - Cegas suspeitas, palavras duras à tôa, ofensas ...

JOCASTA - De parte a parte?

VELHA - Dos dois.

JOCASTA - E o que diziam?

Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p.371

VELHA - Senhora, é melhor encerrar este assunto ...

JOCASTA - Preciso saber. Explica, meu rei, qual o motivo que tanto te enfureceu?

ÉDIPO - Vou dizer-lhe minha mulher, porque a considero mais do que a todos os tebanos. Foi por causa de Creonte e da armadilha que preparou contra mim.

JOCASTA - Que armadilha? Como foi que começou?

ÉDIPO - Ele me acusa da morte de Laio.

JOCASTA - Mas.. ele descobriu isso ou ouviu de alguém?

ÉDIPO - Para não se comprometer usou um adivinho, um impostor, que falou em seu lugar.

JOCASTA - Ora, então fica tranquilo! Nenhum mortal pode devassar o futuro! Eu digo e provo! Laio recebeu, certa vez, um oráculo dos sacerdotes dizendo que ele estava destinado a morrer pela mão do próprio filho. Ora, ao que consta, Laio foi morto um dia por salteadores em uma encruzilhada onde se encontram três grandes estradas. Nosso filho, com tres dias de nascido, Laio mandou alguém abandoná-lo na parte mais deserta da montanha, com os tornozelos presos. Apolo assim ficou sem condições de fazer com que Laio terminasse assassinado polo próprio filho, que era o que ele tinha mais pavor. E assim são todas as profecias. Quando um Deus tiver algo de muito importante para dizer, ele sozinho se fará entender.

(MOMENTO DE SILÊNCIO)

ÉDIPO - Como esta história me encheu de dúvidas e pertubou a minha alma!

JOCASTA - Que angústia mais é essa?

ÉDIPO - Você não disse que Laio foi morto onde se encontram três grandes estradas?

JOCASTA - Sim, foi o que se disse na época e o que ainda se continua dizer.

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.372

ÉDIPO - E em que lugar foi isso?

JOCASTA - Foi onde se bifurcam as estradas de Delfos e de Dáulia.

ÉDIPO - Há quanto tempo?

JOCASTA - A notícia chegou a esta cidade pouco antes de sua coroação como nosso rei.

ÉDIPO - Ó Deus! Que idade Laio tinha? Como era ele?

JOCASTA - Ele era alto, os cabelos começando a embranquecer ... pouca coisa diferente de você.

ÉDIPO - Estou desgraçado! Lancei terríveis maldições contra mim mesmo!

JOCASTA - Mas o que está dizendo? Você me assusta!

ÉDIPO - Horrível pressentimento! Diz mais uma coisa para me esclarecer!

JOCASTA - Estou tremendo, mas responderei.

ÉDIPO - Ele viajava com quantas pessoas?

JOCASTA - Eram ao todo cinco. Laio ia a cavalo.

ÉDIPO - Tudo claro ... - Rainha, quem trouxe a notícia a Tebas?

JOCASTA - Um servo, o único sobrevivente.

ÉDIPO - E ele ainda trabalha conosco?

JOCASTA - Não. Pouco tempo depois, quando ele te viu no trono de Laio, me pediu segurando a minha mão, que o deixasse trabalhar no campo, nas pastagens de gado, longe da cidade... E eu concordei: era bom merecia até um favor maior do que pedia.

ÉDIPO - Pode mandar buscá-lo imediatamente?

JOCASTA - Posso ... Mas para quê chamá-lo? Posso saber o que tanto aflige meu rei?

Câmara dos Deputados Centro de Documentação e Informação

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 373

ÉDIPO - Sim, nós não temos segredos. Na situação em que me encontro, em quem mais poderia eu confiar?
Meu pai é o rei Políbio, de Corinto e minha mãe é Mérope. eu era considerado uma das pessoas de maior prestígio de Corinto até que... Um dia aconteceu um caso tão estranho que eu nem devia me preocupar tanto: numa festa a que compareci, um dos convidados, bêbado, jogou na minha cara, ao levantar um brinde, que eu não era filho de meus pais. Aquela noite eu nem consegui dormir direito e no dia seguinte contei tudo a meu pai e a minha mãe. Os dois enfureceram contra o homem e desmentiram tudo. A reação dos dois me aliviou, mas fiquei com aquilo remoendo dentro de mim. Sem nada dizer a meu pai e a minha mãe, fui a Delfos consultar o oráculo de Apolo. Mas às perguntas que fiz, Apolo nada respondeu, mas anunciou para mim uma série de desgraças horríveis e dolorosas que eu estava destinado a ir para cama com minha mãe, que teria filhos maldiçoados por essa união e que seria o assassino do meu pai. Eu, quando escutei isso, decidi ir para longe de Corinto, onde jamais pudesse ver cumpridas as terríveis predições. Caminhando, guiando-me apenas pelas estrelas, cheguei ao lugar onde você diz que Laio foi morto. A você, mulher, direi toda a verdade: quando eu ia chegando ao cruzamento das três estradas, topei pela frente um arauto e, sobre um cavalo um homem como o que descreveu. O que ia à frente e o próprio velho queriam me arredar à força e eu, com raiva, ataquei o que estava me empurrando, o guia... O homem de cima do cavalo esperou o momento em que eu passava e me deu uns pancada na cabeça, com seu duplo chicote. Foi pago em dobro; um golpe de cajado com esta mão e ele rolou por terra, de costas... Fiquei enlouquecido e matei todo mundo.
Se aquele velho tinha qualquer relação com Laio, quem poderá ser mais desgraçado do que eu? Que homem será mais odiado pelos deuses? A quem ninguém pode receber em casa, de quem ninguém pode se aproximar, todos terão que me repelir... E todas estas coisas contra mim, terem sido determinadas por mim... Pensa: eu tocar a esposa deste rei com estas mesmas mãos com que o matei? Não sou um desgraçado? Se eu for desterrado de Tebas, não poderei por os pés outra vez em Corinto sem correr o risco de dormir com minha mãe e assassinar meu pai, que me gerou e fez de mim um homem!
Por que fui escolhido para ser assim tão maldito? Bons deuses, que eu morra antes que sobre mim recaia o peso de tanta desgraça! Minha última esperança é encontrar esse homem que ia com Laio e escapou.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 374

JOCASTA - Que espera saber dele?

ÉDIPO - Se a história dele combina com a que contou, estou isento de culpa,

JOCASTA - Que houve de tão importante em tudo que te contei?

ÉDIPO - Na sua história, esse homem disse que Laio foi morto por um bando de assaltantes. Se confirmar que eram muitos e não um, não terei sido eu quem o matou: não se confunde um bando com um homem. Mas se disser que era um homem sozinho, é evidente que fui eu o autor do crime.

JOCASTA - Foi o que ele disse e não poderá negar agora o seu testemunho. Todo o povo ouviu, eu não fui a única. Mesmo que o pastor conte uma outra história, não provará que a morte de Laio combina com o oráculo: o deus disse expressamente que ele morreria nas mãos do filho - e esse filho, coitado, morreu sem ter feito mal a ninguém- Profecias?... Por mim, eu não dou mais nenhum valor a elas!

ÉDIPO - Tem razão, Mas preciso ver esse pastor... Manda trazê-lo aqui!

JOCASTA - Agora mesmo! Vem vamos entrar! faço tudo o que posso para te agradar.

(SAEM ÉDIPO E JOCASTA)

Censura de Diversões Públicas D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P375

(A PROCISÃO DOS CIDADÃOS, COM OFERENDAS, VELAS E EX-VOTOS)

I - Possa eu guardar minha pureza em tudo quanto digo e em tudo quanto faça, cumprindo as leis de Deus e não as leis feitas pelos homens.

II - O tirano nasce do ventre da insolência e quando chega no trono, dele não sai mais pela própria vontade, O que imploro aos deuses é que em vez de tudo isso, os patriotas lutem pelo bem do meu povo. Apolo será sempre nosso protetor.

III - Tomara que o destino acabe logo com aquele que peca em atos ou palavras, sem temer da justiça nem reverência nos deuses. O seu orgulho e seu atrevimento de pôr as mãos imundas no que não lhe pertence, não de atrair contra sua alma, as setas da vingança.

IV - Ó Deus, todo poderoso, não deixe o criminoso escapar ao teu poder eterno ! Agora já se diz que a profecia nada vale e ao Deus Apolo não rendem devoção... Vai-se a religião!

(ENTRA JOCASTA)

JOCASTA- Senhores desta cidade, tive a idéia de trazer para o templo de Apolo estas flores e estes perfumes. Édipo continua perturbado por inquietação terrível e recusa-se a interpretar os oráculos de maneira sensata e confia em todos que lhe venham dizer coisas apavorantes. Eu, vendo que já não resultam mais minhas ponderações, venho suplicar a Apolo que nos alivie e liberte de toda impureza! Todos nós nos sentimos amendrontados que vêem seu piloto em desatino.

EMISSÁRIO - Posso saber dos senhores onde mora o rei Édipo? Ou, senão, em que lugar estará ele agora?

CIDADÃO - O rei está no palácio e esta senhora é mãe dos filhos dele.

EMISSÁRIO - Que viva sempre feliz a esposa de um homem tão ilustre!

JOCASTA - Igualmente, obrigada. O que deseja?

EMISSÁRIO - Sou de Corinto. A notícia que trago certamente lhes dará muita alegria e talvez um pouquinho de tristeza.

JOCASTA - Me alegra e me entristece: que será?

Censura de Diversões Públicas D.F.N.R. Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-376

EMISSÁRIO - O nosso povo quer fazer de Édipo, o rei de Corinto.

JOCASTA - Mas como? o velho políbio não está mais no poder?

EMISSÁRIO - Não.... Políbio morreu.

JOCASTA - O que está dizendo? Morto, o pai de Édipo?
Aia, vai já dizer ao rei!
Ê os divinos oráculos, onde estão agora? Políbio era o homem de quem Édipo fugiu por tanto tempo com pavor de vir a assassiná-lo...
E agora ele está morto sem que Édipo ao menos o tocasse!

ÉDIPO - Jocasta, você me mandou chamar?

JOCASTA - Ouve este homem e vê como terminam as terríveis profecias!

ÉDIPO - Quem é? Que notícia traz?

JOCASTA - É de Corinto; diz que o rei Políbio, seu pai, está morto....
Morto!

ÉDIPO - Como?! Fale você, estrangeiro!

EMISSÁRIO - Pois é. O rei Políbio está morto e ja debaixo da terra.

ÉDIPO - Doença ou traição?

EMISSÁRIO - De doença e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO - Então! Então! Mulher, por que temer os oráculos de Delfos ou os pássaros com seus gritos sobre nossas cabeças, prevendo para mim assassinar meu pai? Ele está morto e já debaixo da terra... e eu nem sequer pus as mãos numa lança! Só se ele morreu de saudades de mim... As profecias, como Políbio, astão mortas!

JOCASTA - Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO - Mas eu estava surdo pelo medo....

JOCASTA - Agora, esquece tudo isso e acalma seu coração!

ÉDIPO - Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe?

Censura de Diversões Públicas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 377

JOCASTA - Que tem a temer o homem se ele vive à lei do acaso e nada sabe do próprio futuro? Melhor é ir vivendo a vida... Não tenha medo da cama de sua mãe: quantas vezes em sonho um homem dorme com a mãe! O único meio de conseguir a tranquilidade de espírito é não dar importância a tais temores.

ÉDIPO - Eu, enquanto ele viver, terei medo.

JOCASTA - De qualquer maneira, o túmulo de seu pai já é um sossego para nós.

ÉDIPO - Enquanto ela estiver viva, eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO - Quem é essa mulher que te causa esses temores?

ÉDIPO - È Mérope, a esposa de Políbio.

EMISSÁRIO - E por que ela te amedronta tanto?

ÉDIPO - Por causa de um destino terrível que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO - Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO - Não é segredo: foi profetizado que eu dormiria com minha mãe e mataria meu pai... Então, resolvi há muitos, viver longe de Corinto. Sou feliz, mas me falta essa doçura que é ver os meus e estar em meu país.

EMISSÁRIO - E foi por esse medo que nunca mais voltou a Corinto?

ÉDIPO - Evidente. Eu não queria tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO - Já que eu vim trazer boas notícias, vou livrá-lo também dessa agonia.

ÉDIPO -. Se conseguir terá grande recompensa!

EMISSÁRIO - Quando voltar a Corinto, não se esqueça de mim!

ÉDIPO Jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO - Tem medo de fazer mal a seus pais?
Tem medo de praticar um crime de incesto em teu lar?

ÉDIPO - É só isso que me assusta.

Censura de Diversões D.P.F.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.378

EMISSÁRIO - Pois fica sabendo que esse medo não tem razão de ser.

ÉDIPO - Como não? Se sou filho deles!?

EMISSÁRIO - Políbio não tinha nenhum laço de sangue com você.

ÉDIPO - Que está dizendo? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO - Ele o recebeu de minhas mãos, como um presente meu.

ÉDIPO - E como podia amar tanto o filho de outro?

EMISSÁRIO - Como certeza porque não tinha filhos.

ÉDIPO - E você, me achou ou comprou de alguém?

EMISSÁRIO - Eu o encontrei numa grota do Citerão.

ÉDIPO - O que fazia por lá?

EMISSÁRIO - Pastoreava um rebanho montês.

ÉDIPO - Você era pastor trabalhando para alguém?

EMISSÁRIO - Era. Mas naquela hora fui eu que te salvei!

ÉDIPO - Me salvou como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO - Quer saber? Olha seus tornozelos!

ÉDIPO - Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO - O Grampo que prendia seus dois pés, fui eu que o removi.

ÉDIPO - Desde menino essa cicatriz me acompanha ...

EMISSÁRIO - Por isso se chama Édipo, o de pés inchados!

ÉDIPO - Diga-me, pelos Deuses! Foi meu pai ou minha mãe que me maltratou assim?

EMISSÁRIO - Não sei. Talvez possa dizer melhor o homem que o entregou-me.

Censura de Diversões Públicas D.P.F. MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 379

ÉDIPO - Então você me recebeu de um terceiro? Não me encontrou sozinho?

EMISSÁRIO - Não. Foi um outro pastor que o entregou a mim.

ÉDIPO - Quem era ele? Sabe quem era ele?

EMISSÁRIO - Ele dizia que era empregado de Laio.

ÉDIPO - Laio, o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO - Esse mesmo! O pastor servia ao rei.

ÉDIPO - Esse homem ainda está vivo? Será possível vê-lo?

EMISSÁRIO - Seu povo há de saber melhor que eu ....

ÉDIPO - Algum de vocês conhece o pastor de que ele fala? Alguém o teria visto pelo campo ou pela cidade? Respondam: Chegou a hora de tudo se esclarecer!

CIDADÃO - Ele parece falar da pessoa que estava tão aflito para ver, mas a rainha é quem melhor deve saber....

ÉDIPO - Senhora, conhece o pastor a quem ele se refere?

JOCASTA - Não faço idéia de quem ele fala. Esquece isso! Para quê dar ouvidos a tanto palavrório sem sentido?
Esquece isso!

ÉDIPO - Vou seguir essa pista até o fim: eu não posso deixar de esclarecer o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA - Pelos deuses! Se tem amor à vida, pôe fim a essa busca! Eu não suporto mais!

ÉDIPO - Coragem! Mesmo que eu venha a ser filho de escravos, a sua honra, a sua nobreza, nada perderá!

JOCASTA - Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO - Não posso. Eu tenho que saber toda a verdade!

JOCASTA - Eu peço por você, pelo seu bem!

Censura de Diversões Públicas - Serviço de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 360

ÉDIPO - Pelo meu bem não me faça perder a paciência...

JOCASTA - Pobre Édipo! Que nunca descubra quem é!

ÉDIPO - Vá alguém buscar o tal pastor! E que essa mulher fique com toda nobreza que quiser!

JOCASTA - Desgraçado! É a minha última palavra, para sempre ...

CIDADÃO - Édipo, sua esposa foi-se embora como tocada por profunda mágoa: Por que? Receio que essa estranha ausência possa provocar novos sofrimentos!

ÉDIPO - Que venha o que vier, mas minha origem, por mais baixa que seja, eu quero conhecer! Talvez, em seu orgulho, despreze meu humilde nascimento; mas, eu, que sinto em mim um favorito da fortuna, que planta as sementes do bem, desconheço qualquer humilhação! Sim, sou filho da sorte, ele é que é minha mãe. E os anos que foram passando ora me diminuiam, ora me exaltavam. Isso nada poderá modificar.
Nascido assim, não quero ser outro que não eu - e saberei quem sou!

Censura de Diversões Públicas - Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 381

CIDADÃO - Se estou certo em meu pressentimento, amanhã ficará provado que a glória de ser o berço de Édipo pertence ao monte Citerão! E nós festejaremos com cantos e danças pela felicidade que trouxe a esta casa real!

OUTRO - Quem será sua mãe? Alguma noiva de Pã, o deus das montanhas?

OUTRO I - Ou de Apolo, deus que gosta tanto de passear nas mais altas pastagens?

OUTRO II - Ou talvez Baco, deus do vinho, o tenha recebido de uma das ninfas no recanto onde ele vai brincar!

ÉDIPO - Senhores, apesar de nunca ter visto o homem a quem buscamos, tenho a impressão de vê-lo aproximar-se, pela idade que apresenta e por estar acompanhado de servidores meus! Vocês, entretanto, que no passado devem ter visto ou conhecido esse pastor, podem confirmar ou não minha suposição.

CIDADÃO - Lembro-me dele: é da casa de Laio e era muito leal.

ÉDIPO -)AO HOMEM DE CORINTO) É este o homem?

EMISSÁRIO - É êle!

ÉDIPO - Velho, olha bem para mim e me responde: algum dia já trabalhou para Laio?

PASTOR - Eu fui escravo dele desde que nasci.

ÉDIPO - E que trabalho fazia para ele?

PASTOR - Na maioria das vezes, era pastor de ovelhas.

ÉDIPO - E em quais pastagens procurava ir?

PASTOR - Eu ia muito ao Citerão e redondezas.

ÉDIPO - Então, foi lá que conheceu este homem?

PASTOR - Como? Que homem? Que quer dizer?

ÉDIPO - Êste! Não o conhece de antes?

Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.F. SP/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048.f.382

PASTOR - Não posso responder ... Não me lembro bem ...

EMISSÁRIO - Ele não se lembra mas eu posso ajudá-lo. Fomos vizinhos durante três semestres inteiros, ele com dois rebanhos e eu com um só. Depois voltei para minha casa com as ovelhas e ele para as terras de Laio com as dele. Tudo isto que estou dizendo foi verdade ou não?

PASTOR Verdade, sim, ... mas foi há muito, muito tempo!

EMISSÁRIO - Lembra que naquela ocasião me entregou um menino de colo para eu criar como filho?

PASTOR - O quê?! Por que me pergunta isso?

EMISSÁRIO - Aquele menino é esse homem que está na sua frente!

PASTOR - Desgraçado! Cala essa boca de uma vez por todas!

ÉDIPO - Cuidado, velho! Não se zangue com ele! Suas palavras é que merecem castigo.

PASTOR - O que foi que eu fiz, rei?

ÉDIPO - Não respondeu ao que ele perguntou sobre o menino...

PASTOR - Ele não sabe o que está dizendo!

ÉDIPO - Se não responder por bem, responderá à fôrça!

PASTOR - Não! Pelo amor de Deus, tem pena de um pobre velho!

ÉDIPO - Peguem-no! Amarrem suas mãos!

PASTOR - Que quer saber?

ÉDIPO - Entregou a criança a esse homem, conforme ele pergunta?

PASTOR - Entreguei... Quem me dera ter morrido naquele mesmo dia!

ÉDIPO - Morrerá hoje se não disser a verdade.

PASTOR - Não! Eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO - E onde o arranjou? Em sua casa ou em outra?

Censura de diversões

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.383

PASTOR - Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO - De que família? De algum destes cidadãos?

PASTOR - Senhor, por misericórdia, não me pergunte mais!

ÉDIPO - Se eu precisar repetir a pergunta, pode considerar-se um homem morto!

PASTOR - Está bem. Era criança da casa de Laio.

ÉDIPO - Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR - Pobre de mim! Será horrível dizer...

ÉDIPO - Para mim será horrível ouvir, mas quero saber: fala!

PASTOR - Diziam que era filho do próprio rei, mas sua esposa é quem melhor poderá dizer a verdade.

ÉDIPO - Ela? Quem te entregou o menino foi ela?

PASTOR - Foi, majestade.

ÉDIPO - E para quê?

PASTOR - Para eu matá-lo.

ÉDIPO - A mãe fez isso com o próprio filho? Que desgraçada!

PASTOR - Medo de uma terrível profecia ....

ÉDIPO - Que profecia?

PASTOR - O menino matar o próprio pai.

ÉDIPO - E por que não o matou?

PASTOR - Eu tive pena, senhor! Pensei que este homem o levaria para sua terra, para um país distante... Mas ele o salvou da morte para um destino pior, pois se é aquela criança, é também o mais infeliz dos homens!

Censura de Diversões Públicas - Serviço

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.384

ÉDIPO - Horror! Horror! Horror! Tudo verdade! Luz do dia, eu não quero mais te ver! Filho Maldito... marido maldito... maldito assassino do próprio pai!

(DESATINADO, ÉDIPO CORRE PARA DENTRO DO PALÁCIO; RETIRAM-SE OS DOIS PASTORES, A CENA FICA VAZIA POR ALGUM TEMPO)

CIDADÃO - Édipo, o seu destino de amargura não me deixa dizer que haja felicidade para a criatura humana. Suas ambições alcançaram o alvo mais alto e conquistaram o prêmio da mais alta riqueza! Depois de vencer a esfinge, o seu vulto cresceu feito uma fortaleza em defesa de Tebas e por isso, Édipo, nós te fizemos nosso rei! Hoje entretanto, quem será mais desgraçado? Quem mais?
Ah, famoso Édipo! Saiu do leito nupcial como filho e voltou como esposo... Como pôde por tanto tempo a casa paterna te suportar em silêncio ?
O tempo, que vê tudo, viu também sua culpa e ele condena, agora, ao fim de tantos anos, a infamante união que igualou filho e pai tão prolongadamente...
Triste filho de Laio, quem dera não o houvesse conhecido jamais!

(ENTRA UMA AIA, QUE VEM DO INTERIOR DO PALÁCIO)

AIA - Senhores, ainda hão de ver e ouvir as mais tristes notícias... As águas de todos os rios da terra talvez não bastem para lavar a imundície desta casa tamanhos são os males já acontecidos e os que irão saber agora. E os males que nós próprios nos acusamos são justamente os mais dolorosos.

CIDADÃO - O que sabemos já basta para nos fazer chorar. Que nova desgraça vem nos anunciar?

AIA - É rápido o que vou dizer: nossa rainha Jocasta está morta!

CIDADÃO - Pobre mulher! Como se deu a morte?

AIA - Por suas próprias mãos... Jamais poderei me esquecer do horror da cena.
Desesperada ela entrou no quarto com as duas mãos arrancando os cabelos. Bateu com força a porta atrás de si. Gemia contra a cama onde havia concebido filhos com o filho e era mãe do marido. Então, Édipo entrou no palácio aos gritos: "Onde está minha esposa,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p385

AIA - que não é esposa alguma, é um útero danado que pariu e pariu filhos meus?"
Num gemido horrível, como se algo o empurrasse, atirou-se contra as portas, rompendo as dobradiças, e num relance entrou e deparou com a mulher enforcada, um laço corrediço no pescoço... Ao vê-la, num gemido sufocado desamarrou a corda, e, quando o corpo desmoronou no chão, o que se viu foi mais um espetáculo de horror; ele arrancou os alfinetes de ouro da roupa da rainha, levantou-os e os enterrou nos olhos. Praguejava: "Olhos meus, não vereis mais esta culpa e esta vergonha, nunca mais verão não deveriam ter visto nunca, e para todo o sempre só verão as trevas! E continuava erguendo as mãos e ferindo os olhos, e a cada golpe, uma chuva de sangue lhe saltava das órbitas tingindo os dois, o marido e a mulher...
Outrora gozaram uma herança de felicidade, mas agora nada mais resta senão a maldição, a morte, a vergonha.

CIDADÃO - E agora? Como está ele agora?

AIA - "Abram os portões!" - ele grita. "Venham todos ver o assassino do pai, o filho que... Não tenho coragem de repetir suas palavras. Exige que o expulsem desta terra, não quer continuar no palácio depois da maldição que ele mesmo lançou. Já não tem quase forças nem ninguém para guiar-lhe os passos.
Já estão tirando as trancas dos portões e então verão um quadro de comover o mais cruel inimigo.

(ENTRA ÉDIPO ENSANGUENTADO E COM OS OLHOS VAZADOS)

CIDADÃOS - Que horrível visão!
- Meus olhos nunca viram coisa igual!
- Onde foi buscar tanta loucura!
- Isto é fazer da vida o próprio inferno!
- Infeliz, o que fazer para te olhar e não sofrer?

ÉDIPO - Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim! Onde estou eu? Para que fui nascer? Áh, meu destino, aonde vai me levar?
Ó escuridão indescritível que me envolve! Ai de mim! Como fere minha alma pensar em tanta desventura!

CIDADÃO - No meio de tanta desgraça é natural que se lamente!

CIDADÃO - Que coisa horrível, Édipo! Como teve coragem de ferir assim os próprios olhos? Que deus te levou a isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P-386

ÉDIPO - Apolo, amigos: foi o deus Apolo que quis submeter a esta amargura! Porém a mão que golpeou meus olhos foi a minha: que mais eu poderia desejar vêr?

CIDADÃO - Ninguém saberá melhor que você.

ÉDIPO - Maldito aquele que na montanha desprendeu meus pés e me salvou! só quis fazer o bem, mas se lá me tivesse abandonado, teria me poupado todo este sofrimento e à minha gente!
Eu não viria a assassinar meu pai nem seria culpado como amante da mulher que me pôs no mundo... Nenhum deus me perdoará. Se existe um mal maior que o próprio mal, coube esse mal ao infeliz Édipo!

CIDADÃO - Não sei dizer se agiu de maneira sensata... Morto, estaria melhor do que cego!

ÉDIPO - Se eu ainda enxergasse, com que olhos fitaria meu pai ou minha mãe, entre os mortos, depois de tudo que fiz a eles? Ver os meus filhos, também não me alegraria; nem a cidade com seus muros, seus templos e as imagens dos seus deuses! Desonrado ante os deuses, me declarei impuro e assim, como iria olhar de frente o povo?
Não! E se ainda soubesse de algum meio de fazer silêncio nos ouvidos, ou vedaria por completo esta triste carcaça e me faria além de cego, inteiramente surdo. Deve ser um alívio ter o espírito insensível às próprias dores!
Ó encruzilhada, ó perdido recanto que junta as três estradas: o sangue bebido foi o meu, derramado da carne de meu pai por estas mãos! Ó leito nupcial a que devo a vida o que me fez germinar pela segunda vez a mesma semente, mesclando em um só sangue pais, irmãos, filhos, esposas e mães... Quanta vergonha pode ocorrer entre criaturas humanas! Não fica bem relembrar o que é horrível fazer: vamos, escondam-me em algum lugar longe daqui, seja onde fôr, matem-me, atirem-me no mar, ou num abismo onde ninguém mais me veja! Aproximem-se, podem tocar-me sem medo: minha desgraça é tamanha que ninguém mais, a não ser eu, pode sequer imaginá-la!

CIDADÃO - Aí vem Creonte, seu sucessor, única pessoa capaz de atendê-lo ou de aconselhá-lo...

ÉDIPO - E agora? Que lhe direi? Eu que o tratei tão mesquinhamente!

CREONTE - Não vim aqui para zombar ou reprovar suas ações! Levem-no pa-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 387

CREONTE - ra o interior do palácio. Um homem neste estado só deve ser ouvido e visto pelos parentes.

ÉDIPO - Nobre Creonte, faz-me um favor: expulsa-me, manda-me para bem longe onde ninguém possa falar comigo!

CREONTE - Eu já teria feito isso, mas antes mandei consultar o deus.

ÉDIPO - Importunar de novo o deus por causa de um perdido como eu?

CREONTE - Sim, e dessa vez acreditará nele.

ÉDIPO - Eu acredito. E humildemente te peço: manda enterrar aquela que ficou morta lá dentro, faça isso pela sua irmã! Quanto a mim, só desejo que a minha Tebas, cidade dos meus pais, não seja mais forçada a ver-me entre seus habitantes: deixe que eu vá morar pelas montanhas do Citerão, onde meus pais há tempos escolheram para eu morrer. De uma coisa eu tenho certeza: doença alguma ou acidente irá encurtar meus dias - eu não seria poupado à morte, senão para cumprir sorte mais negra! Que assim seja! O meu destino não importa.
Meus filhos homens, Creonte, já estão feitos e não precisam de mais ninguém, saberão defender-se... Mas minhas pobres filhas inocentes, que se sentavam no meu colo bebendo do meu copo e beliscando do meu prato, elas duas, eu te peço: cuida bem delas! E consente agora que eu possa abraçá-las em minha dor! Consente! Eu te suplico! Mesmo cego, podendo tocá-las terei a sensação de que são minhas como quando eu podia vê-las... Mas que digo? Será delas o choro que ouço agora? Creonte terá tido compaixão de mim, mandando vir para me ver as filhas que eu adoro?

CREONTE - Quis que elas te trouxessem nesse momento, um pouco de alegria que te davam antes!...

ÉDIPO - Que os deuses te protejam por isso, Creonte!
Onde estão, minhas filhas? Cheguem perto, onde eu possa tocá-las com estas mãos de pai, de irmão. Mãos de quem, sem saber nem indagar, foi pai de vocês com a própria mãe. E os seus olhos, embora sem visão, têm lágrimas de sobra para derramar quando penso nos erros e malícias que os homens cometerão contra vocês. de qualquer festa ou reunião talvez que se retirar, com prazer, chorando... E na idade do casamento, qual será o noivo corajoso a desposar moças tão mal faladas, como estas du

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.388

ÉDIPO - as que eu trouxe a este mundo? Que infâmia haverá maior que esta: "O pai delas matou o próprio pai, plantou a sua semente no ventre que o concebeu e de onde ela nasceu, também nasceram suas filhas!" Assim os homens falarão de vocês e, sendo assim, qual se casará? Ninguém, calculo.
Só tu, Creonte, será como um pai delas duas ... Não permita que fiquem por aí sem lar, nem que o futuro delas duas venha a ser infeliz feito o meu! Tem pena delas, Creonte! Meninas e orfãs, dependem de vocês! Eu as deixo em suas mãos!
Agora, minhas filhas, é só isto: rezem para encontrar um pouco de prazer na vida, um lar, e que o seu destino seja melhor do que o de seus pais!

CREONTE - Bem, basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO - Eu vou sim, mas com uma condição...

CREONTE - Fala, para eu saber!

ÉDIPO - Manda que me levem para longe, bem longe deste lugar!

CREONTE - Será feita a sua vontade.

ÉDIPO - Você consente?

CREONTE -
Eu não prometo o que eu não tenho a intenção de fazer.

ÉDIPO Estou pronto: levem-me daqui!

CREONTE - Vai, mas dixa as meninas!

ÉDIPO - Não! Não me tirem minhas duas filhas!

CREONTE - Não me venha dar ordens: obedece! Seu poder terminou.

CIDADÃO - Concidadãos! Olhom bem! Édipo, decifrador de intrincados enigmas, entre os homens o de maior poder - aí está! Quem, no país, não invejava sua sorte? E agora vejam em que mar de tormentos ele se afunda! Por isso, enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz!

FIM/SÓFOCLES

Censura de Diversões Públicas - DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 389

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL SUP. REG. M. GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER nº 015/83-SCDP/SR/MG /

TÍTULO : "ÉDIPO REI"

AUTOR : SÓFOCLES / GRUPO TEATRAL-SESIMINAS

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:- 14 anos.

Cumprindo ordens dessa chefia procedemos ao exame comparativo da peça em epígrafe e constatamos que o novo texto apresentado à esse SCDP foi sintetizado bastante, tendo sido suprimidos os grandes monólogos, alguns diálogos e as partes do" coral.

Entretanto a essência continua a mesma, o argumento substancialmente não sofreu qualquer modificação.

Obra da literatura clássica, Édipo é a história de um rei que mata o próprio pai, casa-se com a mãe e com ela tem vários filhos. Condenado pelo oráculo e por si próprio perfura os olhos com alfinetes, após presenciar o suicídio da progenitora, retirando-se depois para as regioẽs desertas.

Drama que deu origem à nomenclatura Freudiana, não contém palavrões ou mesmo cenas chocantes, pelo que opinamos pela liberação para maiores de 14 anos.

Belo-Horizonte, 10 de fevereiro de 1983

Pistes Spitale de Queiroz

Bel. Mirtes Spitale de Queiroz
Téc. de Censura - SCDP/SR/MG
Mat. 2.416.893

Mat. 2.416.820.

Adeline Isabel [illegible]
matric. 022.948

T 81

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 390

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RELATÓRIO Nº: 017/83-SCDP/SR/MG

Do:Téc.de Censura MIRTES SPITALE DE QUEIROZ

Ao:Chefe do SCDP/SR/MG

As:Exame de Ensaio geral

TÍTULO:ÉDIPO REI

AUTOR:SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO:14 anos

JUSTIFICATIVA: cenas de tensão

Drama clássico do teatro grego,é representado por um grupo de amadores que,procurando uma melhor comunicação com o público atual,substitui várias palavras clássicas por um vocabulário bem moderno,além de resumir bastante a obra.

Os atores usam dos recursos de maquiagem,máscaras representando a morte e caracterizando os tebanos como seres pestilentos.

O cenário é composto pela rotunda e uma escadaria no fundo do palco,por onde Édipo sai e entra de seus aposentos particulares;o guarda-roupa lembra as túnicas gregas,mas sem luxo.São simples,com alguns aderêços de peles e capas de seda.

As cenas de maior violência,o suicício de Jocasta e a perfuração dos olhos de Édipo,não são apresentadas ao público,mas apenas mencionadas.Assim,apenas por ter todo o desenrolar num clima de tensão causado pelo drama da estória,sugiro a liberação para maiores de 14 anos.

Belo-Horizonte,11 de março de 1983

Bel. Mirtes Spitale de Queiroz
Téc. de Censura - SCDP/SR/MG
Mat. 2.416.893

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 391

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SR/MG
RELATÓRIO Nº 018/83 - SCDP/SR/MG
DO: Téc Censura Helena Isabel ASS Emediato
AO: Chefe do SCDP/SR/MG
ASSUNTO: Exame de Ensaio Geral
TÍTULO: "ÉDIPO REI"
AUTOR: SÓFOCLES
CLASSIFICAÇÃO: 16 ANOS
J.I.: "TEMA ADULTO" - "CENAS DE TENSÃO"

Procedemos ao exame de ensaio geral da peça em epígrafe, no dia 10/03/83, às 20 horas, à rua Timbiras,1200.

Adaptado, dirigido e interpretado por Carlos Eduardo Rodrigues Alves, o clássico texto de Sófocles foi encenado pelo grupo de teatro amador do SESIMINAS, de forma bastante dramática, sendo fiel ao seu estilo trágico, bem como aos costumes da época, observados no vestuário.

Rei de Tebas, Édipo teve sua vida marcada pela desgraça, tendo matado o próprio pai e se casado com a própria mãe,com quem teve duas filhas. Tema complexo, envolve assassínio, incesto, suicídio e auto flagelação,na sua trama.

Apesar do seu grande valor cultural e da sua contemporaneidade, a eloquência do ator principal, assim como as cenas que representam a morte e a peste, através de máscaras e túnicas negras, desencadeiam momentos de tensão e angústia no público.

Desta forma, sugiro que sua programação seja liberada para os maiores de 16 anos.

Belo Horizonte, 11 de março de 1983
Helena Isabel A.S.S.Emediato
matríc. 022.948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 392

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " ÉDIPO REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
TEMÁTICA ADULTA; CENAS DE TENSÃO

VÁLIDO ATÉ 11 de MAIO de 19 83

B. Hte.
Brasília, 11 de MARÇO de 19 83

Nany de Medeiros Muniz

p/ Diretor da DCDP

PROIBIDO
ATÉ
— 16 ANOS —

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 393

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada ÉDIPO REI

Original de SÓFOCLES

Tradução de

Adaptação de CARLOS EDUARDO RODRIGUES ALVES

Produção de SESIMINAS

Requerida por CARLOS EDUARDO RODRIGUES ALVES

Tendo sido censurada em 11 de MARÇO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: 16 ANOS

B. Hte., Brasília, 11 de MARÇO de 19 83

Bra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
Chefe do Serviço de Censura
Mat. 2.416.906
Chefe da Seção de Coord. e Controle

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.394

TEATRO

TÍTULO EDIPO REI

AUTOR: SÓFOCLES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 anos

Praça SR/MG

Obs.:

DF. BSB / 22 / 03 / 83

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: cert. Provisório - SR/MG

Brasília-DF, 24 de 03 de 1983

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 5 415 791

Brasília-DF de de 1.97

II - Cenas de tensão

4) SERVIÇO DE CENSURA

Á consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 anos.

Brasília-DF, 29 de 03 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 29/03/1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.395

30 de março de 1983

523/83-SE/DCDP

MINAS GERAIS

"AS PULGAS" de autoria '
Cunha de Leiradella e "ÉDIPO REI" de Sófocles.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 396

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 222

PEÇA " ÉDIPO - REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" CENAS DE TENSÃO "

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

VÁLIDO ATÉ 29 de MARÇO de 19 88

Brasília, 29 de MARÇO de 19 83

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 (P. 397

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO-REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de

Adaptação de CARLOS EDUARDO RODRIGUES ALVES

Produção de SESIMINAS

Requerida por CARLOS EDUARDO RODRIGUES ALVES - BELO HORIZONTE/MG.

Tendo sido censurada em 11 de MARÇO de 1983 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE DEZESSEIS (16) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 29 de MARÇO de 1983

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.398

MJ - DPF - DCDP - BSB
22 MAR 1042 002358

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

FICHADO
DCDP

Brasília-DF, 21 de março de 1983

OF. Nº 00647 /83-SCDP/SR/DPF/DF.

Sra. Diretora.

Encaminho a V.Sa., face informação contida no rádio nº 291/83/SA/DCDP de 18/03/83, para confronto e expedição do certificado de censura, a peça teatral " ÉDIPO-REI " de autoria de Sófocles, a pedido de Lowry Landi de Matos Reis.

Respeitosamente,

N. Fernandes Rosa
Chefe do SCDP/SR/DPF/DF.

ILMA. SRA.
DRA. SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
D.D. DIRETORA DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS -
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 399

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL
MJ — DPF — SCDP
BRASÍLIA
15 MAR 1983
Protocolo N.º
Para dia - 05/04/83

Rádio Nº 291/SR/DCDP. DE 18/03/83. REG. Nº 222. Clas. 16 ANOS

LOWRY LANDI DE MATOS REIS
Requerente

BRASILEIRA, BANCÁRIO
Nacionalidade — Profissão

Carteira de Identidade 2.752.922 I.F.P. — RJ
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à SQN 415, BL. F, APTº: 309, BSB, DF

, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: SÓFOCLES, TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS
"ÉDIPO-REI"
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

BRASÍLIA, 14 DE MARÇO DE 1983
Local e Data

Requerente

Lowry Landi de Matos Reis
SECON

Anexos:

Encaminhar a SCDP para confronto e especificação do certificado de censura. Que. 21/03/83

N. Fernandes Rosa
Ch. do SCDP/SR/DF
Mat. 2.096.558

DE ACORDO
Em 14/03/83
Representação da SBAT de Brasília
Paulo Ernani de Moraes Verona

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 400

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: T.L.B. – TEATRO LIVRE DE BRASÍLIA CGC: _____

Sede: SQN 415, BL. F, APTº: 309 – FONE: 274.1606 (RES.)

BRASÍLIA – D.F. CEP: 70.000

Diretor ou Responsável: LOWRY LANDI DE MATOS REIS

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: BRASÍLIA, 14 DE MARÇO DE 1983

Ass.: _____

Lowry Landi de Matos Reis
SECON

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 401

T. L. B. - TEATRO LIVRE DE BRASÍLIA

APRESENTA

ÉDIPO-REI

de SÓFOCLES.

Versão e adaptação moderna de

GEIR CAMPOS

Direção Geral: Francisco Lindolfo

Direção de Atores: Lowry Landi

TRAGÉDIA EM UM SÓ ATO.

. . . . . .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 402

P E R S O N A G E N S:

ÉDIPO, rei de Tebas
SACERDOTE
CREONTE, irmão de Jocasta
TIRÉSIAS, o adivinho cego
JOCASTA, rainha de Tebas
EMISSÁRIO de Corinto
PASTOR da casa de Laio
ARAUTO do palácio real
CORO dos anciãos de Tebas

FIGURANTES :

AIA, acompanhante de Jocasta
Um menino, guia de Tirésias
Um grupo de suplicantes
As duas filhas de Édipo
Guardas e servidores do palácio

CENÁRIO :

Diante do palácio do rei Édipo,
em Tebas, com altares junto às portas.

. . . . . .

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 403

ÉDIPO -
Meus filhos, filhos da terra de Tebas,
por que vindes aqui perante mim
com esses ramalhetes enlaçados,
suplicantes, enquanto
uma nuvem de incenso veste tôda a cidade
em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei
que não devia saber por terceiros:
assim, eu mesmo vim,
eu, vosso rei,
de todos conhecido como Édipo,
o ilustre. Fala-me tu, cidadão venerável,
naturalmente o porta voz do grupo:
com que ânimo estais aqui reunidos, temor ou esperanças?
Tudo farei para vos ajudar:
áspero coração seria o meu
se com a atenção não vos ouvisse.
SACERDOTE-
Édipo, grande senhor nosso rei:
tu podes ver a idade dos que cercam teus altares,
uns ainda quase implumes, sem forças para as grandes revoadas,
outros curvados ao pêso dos anos,
sacerdotes, como eu sou de Zeus,
e a nossa mais seleta juventude...
O restante do povo, suplicante também, espalha-se
nas praças dos mercados ou defronte dos templos
ou onde Ismeno faz previsões pelo fogo.
É que, tu vês, o barco da nossa cidade,
sacudido por já longa tormenta,
nem mais consegue levantar a proa
coberta pelos vagalhões da morte:
morte sôbre as lavouras em flor, sobre o pasto e o gado,
e sôbre o ventre das mulheres grávidas...
Com seu archote flamejante a peste
lança-se sôbre nós e diziam a cidade:
fica vazia a casa dos tebanos,
e o reino tenebroso dos infernos
vai-se enchendo de lágrimas e gritos.
Assim, ó rei, defronte à tua porta
vimos ajoelhar-nos, tantos jovens e eu,
por te julgarmos, não igual aos deuses,
mas primeiro entre os homens:
primeiro nas coisas comuns da vida
e primeiro nas atenções divinas.
Ao chegar a esta terra
tu nos livraste do ignóbil tributo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.604

CONTINUA SACERDOTE...
conforme todos dizem e acreditam,
tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei,
é a ti que recorremos, suplicantes,
para que nos descubras um remédio,
seja por nova inspiração divina ou pela tua
experiencia humana, pois o homem que antes agiu bem,
depois, só poderá dar bons conselhos.
Salva a cidade, ó melhor dos mortais! Pensa na tua glória:
por teu feito de ontem és nosso consagrado salvador...
Não deixes que lembremos teu reinado
como o que nos chegou a levantar
para adiante nos deixar cair!
Reabilita, para sempre, esta cidade!
Vieste para nós trazendo a sorte.
não a deixes mudar!
Pois, se hás de reinar sôbre esta terra,
reina então sôbre homens, melhor que no deserto:
nada valem, sem homens que guarneçam,
nem os navios nem as fortalezas!

ÉDIPO
Meus pobres filhos, eu sei bem demais
o que vos traz aqui e o que esperais.
Sofreis e eu também sofro: Minha dor
excede a vossa, seja ela qual fôr.
Vossa dor vos aflige a um por um;
eu entretanto sofro ao mesmo tempo
pelo país e por vós e por mim...
Não me viestes acordar de um sonho:
choro, e muito já tenho chrado
com o pensamento a tatear saídas!
Uma coisa já fiz:
Mandei Crente, meu nobre cunhado,
a Delfos, perguntar ao deus do Sol,
em seu maravilhoso santuário,
com que palavra ou gesto eu poderei salvar esta nação.
Agora aflito vou contando os dias
desde que ele partiu, achando estranha tanta demora.
Quando ele chegar, as determinações do deus.
por minha honra, hão de ser cumpridas!

SACERDOTE-
Em boa hora falaste:
já estão fazendo sinais de que Creonte vem vindo!

ÉDIPO-
O' grande deus!
Que ele, com seu semblante iluminado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.405

Continua Édipo...
nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE-
Pelo que vejo, tem notícias boas:
traz na cabeça a coroa de louros!

ÉDIPO-
Já saberemos, está ao alcance da voz:
qual a mensagem do deus?

CREONTE-
Boas notícias!
Por mais difícil que seja a situação,
quando bem encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO-
Mas o oráculo?
Tuas palavras fazem-me oscilar
entre mêdo e esperança.
Que diz o oráculo?

CREONTE-
Queres que eu fale diante de estranhos,
eu falo. Se não, entra e eu te acompanho!

ÉDIPO-
Fala diante de todos:
a dor dos meus vassalos
importa mais do que a minha vida!

CREONTE-
Com tua permissão, repito apenas o que ouvi de Apolo:
Existe um mal, aqui nascido e agasalhado aqui tornando
impura e corrompendo esta cidade!
O grande deus ordena, expressamente: Extirpá-lo!

ÉDIPO-
Que tipo de mal é esse? Como Extirpá-lo?

CREONTE-
Desterrando o culpado ou lavando sangue com sangue,
pois é esse sangue que atrai o mal sôbre nós.

ÉDIPO-
Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE-
Antes de tu assumires o leme do Estado,
nosso rei era Laios...

ÉDIPO-
Eu sei, mas nunca o vi.

CREONTE-
Laios foi morto.
E o deus agora quer justiça,
mandando claramente punir os assasinos,
sejam eles quem for.

ÉDIPO-
Em que furna da terra estarão eles?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.406

CREONTE-

"Procurando, achareis", ensina o deus, Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO-

Laios estava no palácio ou em campanha ou em viagem, quando teve esse destino?

CREONTE-

Em viagem: dizendo que ia a Delfos, ele partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO-

Nenhum informe? Nem nimguém da comitiva com uma pista para ser seguida?

CREONTE-

Só um dos homens conseguiu sobreviver, e esse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO-

Qual coisa? Um dado certo leva a outros, quando se tem umraio de esperança.

CREONTE-

Conta que Laios foi morto por um bando de ladrões, que o assaltaram e, juntos, o chacinaram.

ÉDIPO-

Mas que ladrões ousariam matar assim um rei, senão de acordo com alguém aqui em Tebas?

CREONTE-

Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto, e nenhum vingador apareceu em meio às nossas preocupações...

ÉDIPO-

E que preocupação pode abafar uma investigação sôbre o assasinio de um rei?

CREONTE-

A ameaça da esfinge nos forçava a por de lado as coisas duvidosas e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO-

Pois eu vou começar tudo de novo e uma vez mais esclarecer as coisas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 407

Continua Édipo...

Fez bem o deus, e tu fizeste bem,
tirando o morto deste esquecimento:
mais um serviço prestarei, assim, vingando a ofensa feita ao
deus e a Tebas. Hei de lavar a nódoa deste sangue,
e não só pelos outros, mas também por minha causa, pois quem
matou Laios talvez me esteja preparando o mesmo fim:
ao justiça-lo, então, é a mim que sirvo.
Levantai-vos meus filhos, e depressa ide-vos dos degraus destes
altares, levai os ramalhetes, e chamai a vir aqui tôda a gente
de Tebas, que eu não quero passar nimguém por alto.
Com a ajuda do deus, vamos vencer; ou se não, vamos juntos perecer!

SACERDOTE-

O que queriamos é o que este homem nos prometeu afinal,
E praza a Apolo, que mandou essas mensagens, vir em nosso socorro
e livrar-nos da peste!

CÔRO-

O' doce voz de Zeus,
que mensagem me trazes
de Delfos, a divina, a Tebas, a dorada?
Estremece de mêdo minha alma torturada...
__O' deus, estás ouvindo?
Tens algum sofrimento desconhecido ainda,
ou a roda dos anos repisa a dor de sempre?
__O' voz imorredoura, ó filha da esperança, vem me dizer agora!
--A ti primeiro, Atena, filha do grande Zeus,
invoco!--E a ti, Ártemis, padroeira de Tebas,
que tens lugar de honra e trono em nossa praça!
--E a ti, fogoso Apolo, com teu certeiro dardo!
__Dai-nos a vossa luz, vosso tríplice escudo,
e livrai-nos da morte!
__Em tempos outros, quando caiu sôbre a cidade o primeiro flagelo, vós
fizestes ir para longe levando suas línguas de fogo...
__Vinde agora ajudar-nos!
__Pobre de mim: sem conta as minhas provações!
As fôrças em declínio e o espirito inerte,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.408

CORO CONTINUA...

a terra a negar frutos, as mães gemendo estéreis;
vidas a irem-se embora, como pássaros leves mais céleres que o
raio vibrado pelos céus, para os confins da noite...
__Assim, morte por morte, a cidade perece.
__Corpos jazem no chão e não há quem os vele.
--Nos degraus dos altares, espôsas viúvas fazem o ar tremer
de gritos e soluços.
__Diante disso tudo, loura filha de Zeus, dá-nos a tua ajuda!
__Não possa o deus da morte, agora desarmado mas cercado de gritos
como em plena batalha, abater sôbre mim:
Faze com que ele fuja para as praias da Trácia ou a cama de Vênus!
__Ai, o que a noite poupa, vem o dia e executa!
__Zeus pai, em cujas mãos cabem todos os raios:
acaba de uma vez com o que nos faz mal!
__Também as tuas cetas, ó luminoso Apolo,
quisera eu ver lançadas em todos os sentidos,
por nossa proteção; como também os raios flamejantes de Ártemis,
varejando os barracos!
: E pesso mais a ti deus inventor do vinho, Baco dos evoés,
a quem Tebas cultua: Vem com a tua flama, com teu brilhante achoté,
Por em fuga o inimigo da gente que te ama!

ÉDIPO-

Rezais...Em seguimento a tantas rezas,
se observardes bem minhas palavras e vos unirdes no combate
ao mal, podereis ter certeza de socorro e alívio para as vossas
aflições. Eu aqui falo como uma pessoa alheia ao que se diz e ao que
ocorreu; mesmo porque tão longe não iria saindo a campo, só, sem uma
pista...Como só vim a ser um cidadão tebano, entre os tebanos, muito
tempo depois do acontecido, a todos vós proclamo:
__Se algum de vós sabe qual foi a mão quem matou Laios,
eu ordeno que me declare já!
Quanto ao próprio culpado, caso esteja com mêdo de ser denunciado,
livre-se do temor denunciando a si mesmo, pois nada sofrerá:
só deixará o país,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048 fl. 409

Continua Édipo...

Sem qualquer violência! Ou se alguém conhecer talvez
um estrangeiro que seja o assasino, não deixe que se cale:
receberá de mim, além da recompensa, a minha gratidão! Porém se vos
calardes,se algum de vós por mêdo, ocultar o culpado,
um amigo talvez ou a própria pessoa, eis a minha setença que hei
de fazer cumprir.:

__Proîbo que qualquer filho da terra onde me assistem o comando e
o trono dê guarida ou conversa ao assasino, seja ele quem for;
que o aceite nos cultos e no lar, que divida com ele a água lustral!
Eu ordeno, ao contrário, que o enxotem de suas casas, todos,
por ser aquilo que nos torna impuros, conforme acaba de nos revelar
por seu oráculo, a fala do deus! Nesta questão me tendes aliado ao
grande deus e ao rei assasinado. e ainda mais:
rogo aos céus, solenemente, que o assasino, seja ele quem for,
sòzinho em sua culpa ou tenha cúmplices, tenha uma vida amaldiçoada
e má, pela sua maldade, até o fim de seus dias,Quanto a mim, se esti
ver o criminoso em minha casa, privando comigo, eu espero que sofra as
mesmas penas que dei para os demais.
Conto convosco para que se cumpra minha palavra, com respeito devido
ao deus e a mim, em nome desta terra atormentada pela fúria divina!
Pois, mesmo que este caso não fosse trazido por um deus, não deveríes
deixar ficar a culpa sem castigo, quando a um tão nobre homem__
vosso rei__ arrancaram a vida: o justo era encontrardes o assasino.
E agora, que sou eu quem maneja o poder que era de Laios,
que dele herdei o trono, o leito e a espôsa eu, diante de todas estas
coisas, ponho o maior empenho nesta causa como se fosse a do meu pró
prio pai,em honra dos varões deste país, sem deixar nada por averiguar
até encontrar a mão que derramou o seu sangue.
Quanto àquele que não me obedecer,
eu rogo aos deuses que não lhe deem fruto algum da terra
ou fruto de mulher e que pereça da atual calamidade
senão de outra pior! A' todos vós, leais filhos de Tebas, a quem
pareçam justas estas coisas, possa a justiça, aliada nossa, e os
deuses todos, cumular para sempre de benesses!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 410

CORIFEU-

Já que invocou meu testamento o rei,
eu falo em testemunho do que sei:
quem matou não fui eu, nem sou capaz
de apontar com meu dedo a malfeitor! Acho
que neste caso caberia ao próprio deus,
que pôs diante de nós, mostrar, junto com
o crime, o criminoso.

ÉDIPO

Muito bem dito, mas não cabe a nenhum homem sôbre a terra
forçar um deus a algo que ele não quer...

CORIFEU-

Tenho a dizer uma segunda coisa!

ÉDIPO-

E se tiveres ainda uma terceira, não percas tempo:
vai logo dizendo!

CORIFEU

Autoridade por autoridade, nosso velho Tirésias vê tanto
quanto o oráculo: a quem rebusca estas coisas, ó rei,
ele teria muito que ensinar!

ÉDIPO-

Isso também eu não deixei de lado:
por sugestão de Creonte,
mandei chamar Tirésias, duas vezes, e estranho
que ainda não tenha chegado...

CORIFEU-

Há uns rumôres, também, de que me lembro:
mais palavras ao vento...

ÉDIPO-

Que rumôres? Tudo isso me interessa!

CORIFEU-

Diziam que uns viandantes o mataram...

ÉDIPO-

Isso eu também já ouvi,
mas não há quem conheça testemunhas.

CORIFEU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 411

CORIFEU-

Se souber o que é medo, o criminoso há de estar por ai pronto a fugir, depois da tua terrivel proclamação...

ÉDIPO-

Se há alguém o próprio ato não assusta, não são palavras que vão assustar.

CORIFEU-

Mas aí esta quem pode descobrir o criminoso: Afinal trazem o vidente iluminado! Se algum mortal tem à acesso à verdade, é ele!

ÉDIPO-

Tirésias! Tu que tudo percebes, do mais claro ao mais denso dos mistérios alto nos céus ou rasteiro na terra, has de sentir, mesmo sem poder ver, a desgraça que assola esta cidade... Eis, profeta, porque te procuramos como ultima defesa e salvação! O deus Apolo, a uma consulta nossa,(Se quem te foi chamar já não te disse), nos fez saber - que a unica maneira de nos livrarmos deste mal seria desentocar os - que mataram Laios e também os matar ou desterrar. Agora, tu:
fica atento aos avisos das aves, e a quaisquer outros sinais, e aguça os teus poderes de adivinho! Faze-o por tt, faze-o por Tebas e - por mim, faze-o por todos que estão sofrendo pela morte do rei! Em tuas mãos estamos, e mais nobre missão do ser humano é prestar sua ajuda ao semelhante por todos os meios ao seu alcance.

TIRÉSIAS-

Deuses! Como é terrivel o dom da sabedoria quando não serve a quem o tem! Eu, tão convencido disso, nem me lembrei... Se não, eu não viria.

ÉDIPO-

Que foi? Porque te lamentas?

TIRÉSIAS-

Deixa-me ir para casa! Será mais fácil, assim, tu carregares o teu - fardo e eu o meu...

ÉDIPO-

Estranha palavra, a tua:
Parecerás inimigo do povo que te acolheu, se negares resposta.

TIRÉSIAS-

Vejo que falas no momento errado e não quero encorrer no mesmo erro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 412

ÉDIPO-

Pelos deuses: Nos todos te imploramos, não guardes mais segrêdo!

TIRÉSIAS_

É Vos todos de nada sabeis:

Não quero resolver assim minhas magoas, para não ter de as tuas...

ÉDIPO-

Então sabes e não queres falar? Pretendes atraiçoar-nos e des truir a nação?

TIRÉSIAS-

Se o que quero é poupar-nos, a ti e mim, porque me fazes per guntas vãs?

ÉDIPO-

Vileza das vilezas ! És capaz de enraivecer uma pedra! Não há argumento que te dissuada?

Não falas? Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS-

Só ves o erro em mim: Tu censuras a minha teimosia, mas não per cebes que a tua é maior!

ÉDIPO-

Quem poderia conservar a calma ante as palavras com que afrontas a cidade?

TIRÉSIAS-

O que está por vir virá, mesmo que eu silencie.

ÉDIPO-

Mas neste caso, sabendo o que está por vir, é tua obrigação me previnir!

TIRÉSIAS-

Nada mais tenho a dizer. Agora, se tu quiseres, inunda teu cora ção com toda a raiva que nele couber!

ÉDIPO-

Precisamente! E na raiva não guardarei o que me vem à cabeça: A mim me parece que tu tramaste e executaste todo o crime, só não chegando a utilizar as próprias mãos; Não fosses cego, eu diria que até a matança foi obra tua e de mais nimguém!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.413

TIRÉSIAS-

É isso? Então ouve:

sobre tua cabeça pende o anátema que teus lábios lançaram!

daqui em diante não tornes mais a me falar, nem aos presen

tes, pois tu és a maldição que pesa sobre Tebas!

ÉDIPO-

Tens a imprudencia de me falar assim, e pensas escapar à puni

ção?

TIRÉSIAS-

Sempre escapei:

Eu tenho comigo a verdade.

ÉDIPO-

Quem disse isso? Não séria o teu oficio...

TIRÉSIAS-

Tu contranges a falar contra a vontade.

ÉDIPO-

Falar? Repete, para eu entender!

TIRÉSIAS-

Insiste em provocar-me? Será que não escutaste?

ÉDIPO-

Não o bastante para ficar convencido. Fala de novo!

TIRÉSIAS-

Digo que tu és o assasino do homem cujo o assasino

procuras!

ÉDIPO-

Segunda vez... Hás de te arrepender por isso!

TIRÉSIAS-

Não queres que eu fale mais, para mais te enraiveceres?

ÉDIPO-

Como quiseres:

Será tudo insensatez...

TIRÉSIAS-

Digo que tu, sem o saberes coabitas comgente tua, em sórdida

concupiscência, e nem percebes a ignomínia a que chegaste!

ÉDIPO-

[illegible] falando assim, impunemente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.414

TIRÉSIAS-

Se algum valor tem a verdade, sim!

ÉDIPO-

Tem, mas não para ti, pobre coitado:

cego dos olhos, dos ouvidos e do espirito!

TIRÉSIAS-

Pobre coitado de ti! Pobre de ti, a quem todos em

breve hão de execrar como zombando vens até aqui!

ÉDIPO-

Olho de sombra sem fim: Não tens nenhum poder de maléfício

contra que pode ver a luz do dia!

TIRÉSIAS-

Derrotado serás__É teu destino__Mas não por mim:

Apolo bastará, para fazer o que a um deus compete!

ÉDIPO-

Invencionice tua ou de Creonte?

TIRÉSIAS_

Não é a Creonte que deves temer, mas a ti mesmo...

ÉDIPO-

O' riqueza, poder, sabedoira__Quanta inveja trazeis em vosso

Bôjo! Só por causa de este poder que a cidade depos em minhas

mãos, dádiva quando eu menos esperava, Creonte, um velho amigo

tão leal, lança-se de emboscada contra mim,pronto a me derrubar,

com intrigante, falso ledor da sorte, subornado, que só olhos pa

ra o seu proveito e em seu ofício é totalmente cego!__Quando foi

que provaste ser vidente? Porque, quando rondava por aqui a Es-

finge ruminando cantilenas, nunca tivesti nenhuma palavra que de

volvesse a liberdade ao povo? O enigma pelo menos não seria para

qualquer passante desvendar:

Era preciso dom de um adivinho...E não deste sinal de nada disso,

nem pelos pássaros nem pelo resto.

Eu, Édipo, sem de nada saber, logo ao chegar fiz a Esfinge calar:

Deslindei a questão pela razão, nem foi preciso consultar teus -

pássaros! E agora tu me queres afastar, talvez pensando apenas em

ficar mais próximo do trono de Creonte? Creio que tu e quem tramou

[illegible] falso empenho na purificação des-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 415

Continua Édipo...

Não parecesses tu assim tão velho, já tua própria custa aprenderias a onde pode levar felonia!

CORIFEU-

Édipo, tantos as palavras tuas com as dele foram ditas com raiva:

Não é disto que estamos carecendo, mas sim de combinar o melhor meio de por em prática as ordens do deus!

TIRÉSIAS-

Tu és o rei, mas o direito manda que de igual para igual eu te responda:

O que é direito, é um privilégio meu! Não é a ti que eu-sirvo:

Eu sirvo a um deus, nunca estive a serviço de Creonte! E a ti eu digo, já que me ofendes por minha cegueira:

os dois olhos que tens pouco adiantam, pois não vês a miséria que ti serca nem a casa em que vives, nem com quem...

Sabes, ao menos de quem és nascido? és inimigo dos teus - sôbre a terra e dos que a terra cobre, mas não sabes.

Ao duplo látego da maldição de teu pai e tua mãe, serás um dia expulso do país em triste pressa; em teus olhos, que hoje pensam ver claro terás então a treva irrevesível!

Quando em breve atinares com o sentido das núpcias que tivestes nesta casa, fatal repouso após longas jornadas, onde - irão reboar os teus gemidos? Em mais uma torrente de outros males, dos quais nem desconfias, rolarão teus filhos e o pai deles, confudidos... zomba, agora, de mim e de Creonte! Pois nenhum outro homem jamais há de ter sido triturado com tanta crueldade como tu!

ÉDIPO-

Serão de tolerar-se tantas coisas da parte desse homem?__Vai te embora, some da minha porta! Fora! Fora!

TIRÉSIAS-

Eu vim aqui pela tua vontade, não pela minha...

ÉDIPO-

Pois se eu soubesse que só dirias sandices, muito terias que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.416

TIRÉSIAS-

TALVEZ EU POSSA PARACER-TE LOUCO, MAS TEUS PAIS SABEM QUE TENHO RAZÃO...

ÉDIPO-

MEUS PAIS? __ESPERA! DE QUEM EU NASCI?

TIRÉSIAS-

O MESMO DIA QUE DISSER TEU NASCIMENTO HÁ DE MARCAR TEU FIM...

ÉDIPO-

ENIGMAS! SEMPRE ENIGMAS!

TIRÉSIAS-

ENTÃO NÃO ÉS AQUELE QUE DECIFRA QUALQUER ENIGMA?

ÉDIPO-

ESCARNECES DE INVEJA DO PODER QUE ME TROUXE TÃO ALTO?

TIRÉSIAS-

OU DA FRAQUEZA QUE TE LEVARÁ TÃO BAIXO...

ÉDIPO-

SE COM ELA SALVEI ESTA CIDADE, O RESTO NÃO IMPORTA.

TIRÉSIAS-

ENTÃO ME VOU| MENINO, LEVA-ME DAQUI!

ÉDIPO-

E' BOM, MESMO, QUE TE LEVE:
TUA PRESENÇA ME PESA, QUANDO TIVERES SUMIDO NÃO ME ABORRECERÁS MAIS.

TIRÉSIAS-

VOU, DEPOIS DE CUMPRIR MINHA MISSÃO, SEM RECEIO DAS TUAS AMEAÇAS: JAMAIS ME PODERIAS DESTRUIR! E A TI EU DIGO: REI, O HOMEM A QUEM TANTO VINHAS PROCURANDO, COM AMEAÇAS E PROCLAMAÇÕES, MORA AQUI! PASSA POR UM ESTRANGEIRO, MAS SE VERÁ QUE É NATURAL DE TEBAS E ESSA DESCOBERTA LHE SERÁ CRUEL. CEGO, ELE QUE HOJE TUDO VÊ, MENDIGO, ELE QUE É RICO, RUMARÁ PARA ALGUMA TERRA ESTRANHA TATEANDO OS CAMINHOS COM O BASTÃO... E SE VERÁ QUE É ELE, AO MESMO TEMPO, FILHO E MARIDO DA QUE PÔS NO MUNDO, HERDEIRO E MATADOR DO PRÓPRIO PAI.
ENTRA, E PENSA BEM NISTO! SE PUDERES PROVAR QUE ESTOU ERRADO, ENTÃO CHAMA-ME DE CEGO!

CORO-

__QUEM É ESSE QUE A VOZ DO ORÁCULO DE DELFOS ACUSA DE TRAZER AS MÃOS TINTAS DE SANGUE DE UM TÃO TERRIVEL CRIME QUE NEM AS LINGUAS DIZEM?
__E' TEMPO DE FUGIR MAIS RÁPIDO QUE O VENTO, POIS O FILHO DE ZEUS INVESTE CONTRA ELE ARMADO DE CORISCOS E INCENDIÁRIAS FLAMAS; E AS DEUSAS JUSTICEIRAS TAMBÉM NO SEU ENCALÇO JÁ SE LAMÇAM TERRIVÉIS!
__LAMPEJOU AINDA AGORA SÔBRE OS TETOS DO MUNDO A PALAVRA DE ORDEM A TODOS: QUE PERSIGAM ESSE RÉU INCONFESSO!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p.417

CONTINUA CORO...

NO AFÃ DE FICAR SÓ EM SEU MÍSERO ANDAR, PARA A VOZ DO DESTINO(A MAIS CERTA DO MUNDO), QUE SÔBRE ELE ESVOAÇA, NÃO SE CONCRETIZAR!

__DEVERAS O ADIVINHO ME VEIO POR PERPLEXO| NÃO CREIO NEM DESCREIO, NEM SEI O QUE DIZER...

__ENTRE UM FILHO DE TEBAS E UM FILHO DE CORINTO, QUE RIXAS CABERIAM?

__NUNCA OUVI, NEM AGORA NEM NO TEMPO PASSADO, NENHUMA TESTEMUNHA QUE ME RECESSE FÉ DIZER ALGUMA COISA CONTRA O NOME DE ÉDIPO OU CONTRA SEU EMPENHO DE VINGAR ESTE CRIME EM NOME DOS TEBANOS!

__O DEUS APOLO VÊ, BEM COMO OS DEUS DOS DEUSES, O DESTINO DOS HOMENS; MAS UM MORTAL COMO ÊSSE, UM SIMPLES ADIVINHO, QUE COISAS PODE VER?

__PODE UMA INTELIGENCIA BRILHAR MAIS DO QUE OUTRA; MAS EU, SEM ANTES VER CONFIRMADA A DENÚNCIA, NÃO IRIA APOIAR ESSES QUE ACUSAM ÉDIPO!

__NUM CASO NÃO HÁ DÚVIDA: QUANDO A ESFINGE ATACAVA, ELE PROVOU SER SÁBIO E AMIGO DA CIDADE!

__ASSIM MEU CORAÇÃO, SEM TER PROVAS, SE EXIME DE LHE IMPUTAR UM CRIME.

CREONTE-

POVO DE TEBAS!

TENDO CHEGADO AO MEU CONHECIMENTO QUE O REI ÉDIPO FEZ ACUSAÇÕES PESADAS CONTRA MIM, EU VENHO AQUI PARA FAZER SENTIR A MINHA MAIS TOTAL INDIGNAÇÃO| SE, EM MEIO À PRESENTE CALAMIDADE, ELE PRNSA QUE EU LHE FIZ ALGUM' MAL POR ATOS OU PALAVRAS (E COMO ISSO ME DOI), NÃO HEI DE VIVER TODOS' OS MEUS DIAS COM SUSPEITA DESSA ALEIVOSIA! O GUME DESSA INFÂMIA NÃO ME FERE NUM PONTO ÚNICAMENTE: É DO MAIS AMPLO ALCANCE, ME EXPONDO A CARREGAR PERANTE A VÓS, AMIGOS MEUS, MEU POVO, A PECHA DE TRAIDOR!

CORIFEU-

TALVEZ LHE TENHA ESCAPADO ESSA OFENSA EM HORA DE TENSÃO, DE GRANDE RAIVA, JAMAIS DO FUNDO DO SEU CORAÇÃO...

CREONTE-

ELE NÃO DISSE QUE INDUZI O ADIVINHO A ESPALHAR FALSIDADES?

CORIFEU-

MUITAS COISAS FORAM DITAS; COM QUE SENTIDO, NÃO SEI...

CREONTE-

E ISSO FOI ASSACADO CONTRA MIM COM O OLHAR FIRME E FIRME PENSAMENTO?

CORIFEU-

NÃO SEI: NÃO OLHO O QUE MEUS AMOS FAZEM.

ÉDIPO-

AH! ESTÁS AÍ? POIS TENS O ATREVIMENTO DE VIR À CASA ONDE MATAS O DONO VER A COROA QUE ESPERAS ROUBAR? VAMOS, EM NOME DOS DEUSES CONFESSA: COVARDIA OU INÉPCIA VISTE EM MIM QUE TE ANIMASSE A TRAMAR ÊSSE GOLPE? JULGASTE QUE EU, INGÊNUO, NÃO VERIA NO ESCURO A COBRA PREPARANDO O BO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 418

CONTINUA ÉDIPO....

TENDENDO SEM SERVIDORES E AMIGOS, UM TRONO QUE COM FÔRÇA E RIQUEZA SE CONQUISTA?

CREONTE-

OUVE-ME AGORA: É UMA RESPOSTA FRANCA, PARA QUE JULGUES COM DISCERNIMENTO...

ÉDIPO-

TENS MUITA HABILIDADE NO FALAR, MAS TUAS FALAS CHEIAS DE VENENO SÓ ME DIRÃO DO MESQUINHO INIMIGO QUE TU ÉS.

CREONTE-

PRIMEIRO ESCUTA OS ARGUMENTOS MEUS!

ÉDIPO-

SÓ NÃO ME DIGAS QUE NÃO ÉS UM PERFIDO!

CREONTE-

SE PENSAS QUE A ARROGÂNCIA SEM SENTIDO É UMA VANTAGEM, ESTÁS ENGANADO.

ÉDIPO-

SE PENSAS QUE FAZER MAL A UM PARENTE NÃO TEM CASTIGO, ENGANADO ESTÁS TU!

CREONTE-

PERFEITAMENTE, CONCORDO, AGORA, EXPLICA: QUE MAL É ESSE QUE IMAGINAS QUE EU TE FIZ?

ÉDIPO-

MANDAR CHAMAR AQUI ÊSSE ADIVINHO, NÃO FOI IDÉIA TUA?

CREONTE-

E EU INSISTO NA MESMA SUGESTÃO.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO LAIOS...

CREONTE-

LAIOS?...NÃO VEJO AONDE QUERES CHEGAR.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO LAIOS SUCUMBIU NA EMBOSCADA FATAL?

CREONTE-

SÃO ANOS QUE SE PERDEM NO PASSADO...

ÉDIPO-

NAQUELE TEMPO O ADIVINHO JÁ EXERCIA O OFICIO?

CREONTE-

JÁ, E TÃO RESPEITADO COMO AGORA.

ÉDIPO-

E QUANTO A MIM, NAQUELA OCASIÃO, ELE NÃO FEZ NENHUMA REFERÊCIA?

CREONTE-

NÃO. PELO MENOS, EM MINHA PRESENÇA...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 419

ÉDIPO-

E SOBRE O CRIME NÃO SE FEZ UMA INVESTIGAÇÃO?

CREONTE-

FEZ-SE, PORÉM NÃO SE DESCOBRIU NADA.

ÉDIPO-

E ÊSSE ADIVINHO, TÃO SÁBIO, NÃO SOUBE DIZER NADA NESSA HORA?

CREONTE-

NÃO SEI. QUANDO NÃO SEI, SILENCIO.

ÉDIPO-

MAS DE UMA COISA TU SABES, E VAIS FALAR, POIS É O QUE TE COMVÉM...

CREONTE-

O QUÊ? SABENDO, EU NÃO DIREI QUE NÃO.

ÉDIPO-

SEM INSTIGAÇÃO TUA, O ADIVINHO IRIA AGORA DIZER QUE EU MATEI LAIOS?

CREONTE-

O QUE ELE DISSE E OUVISTE É OUTRO ASSUNTO...MAS, JÁ QUE ME INTERROGAS, TAMBÉM QUERO FAZER-TE UMAS PERGUNTAS...

ÉDIPO-

ESCUTA: DESSE SANGUE DERRAMADO EU JAMAIS PODEREI SER ACUSADO!

CREONTE-

ESCUTA: TU NÃO DESPOSASTE A MINHA IRMÃ?

ÉDIPO-

SIM. NÃO HÁ O QUE NEGAR.

CREONTE-

REINAS COM ELA EM TÊRMOS DE IGUALDADE?

ÉDIPO-

DE MIM ELA TEM TUDO O QUE DESEJA.

CREONTE-

E NÃO SOU EU, JUNTO AOS DOIS, IGUALADO, A TERCEIRA PESSOA DESTE ESTADO?

ÉDIPO-

ISSO TORNA MAIS VIL TUA TRAIÇÃO!

CREONTE-

NÃO HÁ TAL COISA: BASTA ANALIZARES, COMO ANALISO, ESTA SITUAÇÃO! PRIMEIRO: ACHAS QUE ALGUÉM PREFERIRIA REINAR, CERCADO DE PREOCUPAÇÕES, EM / VEZ DE TER A SUA VIDA EM PAZ COM OS MESMOS PODÊRES? EU NÃO EXPERIMENTO NECESSIDADE ALGUMA DE SER REI, SE TENHO JÁ TÔDAS AS REGALIAS QUE UM ' REI PODERÁ TER: E QUE MAIS PODE UM HOMEM DESEJAR? EU TENHO TUDO QUANTO TENS DE BOM, SEM TER NADA COM QUE ME PREOCUPAR; QUANTA COISA EU TERIA ' DE FAZER A CONTRA GOSTO, SE ESTIVESSE EM TEU LUGAR! COMO, ENTÃO, PODERIA A REALEZA SER PARA MIM MELHOR DO QUE O PODER SEM ATRIBULAÇÕES? DOS OU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 420

CONTINUA CREONTE..

TOU, TODOS ME CUMPRIMENTAM, ME FAZEM VOTOS DE FELICIDADE; QUANDO TEM ALGO A RESOLVER CONTIGO, FALAM ANTES COMIGO E EM MIM COFUAM...PORQUE TROCARIA EU MINHA VIDA PELA TUA? NÃO CONSPIRA, QUEM NADA AMBICIONA. DEMAIS NÃO A ' PRECIO ESSA POLÍTICA; E SE ALGUÉM COMEÇAR COM ESSAS COISAS, PERDERÁ TEMPO SE ESPERAR POR MIM... SE QUERES UMA PROVA, VAI A DELFOS E VÊ SE EU NÃO TE TROUXE EXATAMENTE AS PALAVRAS DO ORÁCULO DIVINO! DEPOIS, SE DESCOBRIRES QUE EU TRAMEI ALGUMA COISA COM ESSE ADIVINHO, CONDENA-ME À PRISÃO, E À MORTE MESMO: NÃO POR MERA SUSPEITA E PREPOTÊNCIA, MAS POR DUPLA SENTENÇA__TU E MINHA! TÃO ERRADO É SEM PROVAS ABSOLVER COMO É ERRADO SEM PROVAS CONDENAR... AFASTAR UM AMIGO É COMO ESCORRAÇAR A PRÓPRIA VIDA. BEM QUE / TANTO SE PRESA. MAS SÓ COM O TEMPO HÁS DE COMPREENDER ISTO: SÓ O TEMPO M/ MOSTRA A BONDADE DE UM HOMEM... JÁ A MALDADE SE VÊ NO MESMO INSTANTE!

CORIFEU-

SÃO PALAVRAS BASTANTE PONDERADAS, DE QUEM CAMINHA E NÃO QUER TROPEÇAR.

CORO-

HÁ SEMPRE GRANDE PERIGO NUM JULGAMENTO APRESSADO...

ÉDIPO-

QUANDO O CONSPIRADOR AVANÇA RÁPIDO, EU TENHO DE SER RÁPIDO TAMBÉM: SE EU FICAR ESPERANDO, AUMENTA O RISCO, ELE TRIUNFA E EU SOU DERROTADO.

CREONTE-

QUE TENS EM MENTE, PARA MIM? DESTÊRRO?

ÉDIPO-

OU ENTÊRRO__ PARA MOSTRAR BEM CLARO A COISA PERIGOSA QUE É A INVEJA!

CREONTE-

FALAS COMO QUEM JÁ ESTA RESOLVIDO A NÃO CEDER E A NÃO ACREDITAR?

ÉDIPO-

AINDA NÃO ME CONVENCES DE QUE MERECES CRÉDITO...

CREONTE-

NÃO ESTÁS SENDO JUSTO!

ÉDIPO-

JUSTO PARA COMIGO, EU SEI QUE SOU.

CREONTE-

E POR QUE NÃO TAMBÉM PARA COMIGO?

ÉDIPO-

NÃO: TU ÉS FALSO!

CREONTE=

E SE ESTIVERES FORA DE JUÍZO?

ÉDIPO-

UM REI É PARA REINAR!

CREONTE-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 421

ÉDIPO-

Escutai-o, meu povo!

CREONTE-

Teu povo? Meu, também!

CORIFEU-

Parai com isso, príncipes! Já vejo em boa hora sair do palácio a rainha Jocasta: ela é capaz de convecer-vos a fazer as pazes...

JOCASTA-

Insensatos! Por que vos desgastais nessa mesquinha troca de palavras? Não vos vexais de vossas muidezas quando o país está sofrendo tanto? __Entra, meu rei! __E tu, Creonte, vai-te para os teus aposentos: não é hora de se dar curso a motivos menores.

CREONTE-

Mas, minha irmã, Édipo teu senhor, quer que eu escolha: ou o destêrro, como indesejável ou a morte, como conspirador!

ÉDIPO-

Certo, senhora: eu o peguei tramando perfidamente contra a minha vida!

CREONTE-

Que caia sôbre mim a maldição de Zeus, se fiz alguma coisa do que dizes!

JOCASTA-

Édipo, pelo amor dos deuses, acredita: Primeiro pelo juramento que ele fez, depois por mim... e pela gente reunida!

CORO-

Nós te imploramos, ó rei: escuta, pensa consent !

ÉDIPO-

Que favor, afinal, quereis de mim?

CORO-

Respeita a quem jamais fez má figura e traz agora a fôrça de uma jura!

ÉDIPO-

Tendes noção do que estais pedindo?

CORO-

Sim.

ÉDIPO-

Formalizei então vosso pedido!

CORO-

Não condenes sem provas um amigo que jurou!

ÉDIPO-

Mas ficai certos de que, com êsse pedido, me condenais a mim ao destêrro ou à morte...

CORO-

Não! __Pelo guia das hostes celeste! Pelo sol: Não! __Sem bênçãos, sem -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 422

TA CIDADE, DUPLICA O PÊSO DO MEU SOFRIMENTO.,SE O ÓDIO ENTRE DOIS PRÍNCIPES AMEAÇA COROAR NOSSA AFLIÇÃO...

ÉDIPO-

EU O DEIXO PARTIR, CERTO DE ESTAR ME CONDENANDO À MORTE OU AO DESTÊRRO... NÃO POR ELE: POR VÓS É QUE CONSINTO! AONDE ELE VÁ. MEU ÓDIO O SEGUIRÁ.

CREONTE-

TU TE MOSTRAS TÃO RUDE NO PERDÃO COMO NAS HORAS DE MAIOR FUROR: MAS OS TEMPERAMENTOS COMO O TEU FEREM, MAIS DO QUE AOS OUTROS, A QUEM OS TEM!

ÉDIPO-

TU, POR QUE NÃO TE VAIS? DEIXA-ME EM PAZ!

CREONTE-

IREI: INJUSTIÇADO POR TI, MAS NÃO POR ELES.

CORO-

ENTRAI, SENHORA, E LEVAI VOSSO HOMEM SEM MAIS TARDANÇA!

JOCASTA-

SÓ DEPOIS DE SABER O QUE OCORREU.

CORO-

CEGAS SUSPEITAS, PALAVRAS DURAS À TOA, E A OFENSA SEM RAZÃO MAS QUE MAGOA...

JOCASTA-

DE PARTE A PARTE?

CORO-

DOS DOIS.

JOCASTA-

COM QUE ARGUMENTO?

CORO-

CREIO QUE BASTA: SOFRE O PAÍS INTEIRO VAMOS DEIXAR O ASSUNTO COMO ESTÁ!

ÉDIPO-

ENTÃO, PERCEBEIS BEM O QUE FIZESTES. AFROUXANDO E EMBOTANDO O MEU CUIDADO MESMO COM A MELHOR DAS INTENÇÕES?

CORO-

MAIS DE UMA VEZ JÁ DISSE ISTO, MAJESTADE:__SERIA PROVA DE LOUCURA E LEVIANDADE POR-TE DE LADO: TU, QUE AO MEU PAÍS AMADO DESTE BOM RUMO EM HORA DE DIFICULDADE, TU, QUE NA CERTA PROVARÁS TAMBÉM AGORA SÊRES O GUIA VERDADEIRO DA CIDADE!

JOCASTA-

A MIM TAMBÉM, MEU REI: EXPLICA, PELOS DEUSES, QUAL O MOTIVO QUE TANTO* TE ENFURECEU!

ÉDIPO-

SENHORA, EXPLICO__POIS TE CONSIDERO MAIS DO QUE AOS OUTROS TODOS: O MOTIVO É A TRAMA DE CREONTE CONTRA MIM.

JOCASTA-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 423

ÉDIPO-

ELE ME ACUSA DA MORTE DE LAIOS.

JOCASTA-

FALA POR ELE, OU POR OUVIR DIZER?

ÉDIPO-

TOMOU COMO PORTA VOZ UM ADIVINHO VENAL...ÊLE É BASTANTE SAGAZ, PARA SE COM PROMETER.

JOCASTA-

ENTÃO ESTÁS ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA: NÃO HÁ PESSOA ALGUMA DÊSTE MUNDO ' QUE PREDIGA O FUTURO DE NIMGUÉM! __EU DIGO, E PROVO! __LAIOS RECEBEU CERTA " VEZ UM ORÁCULO (NÃO ERA DO PRÓPRIO DEUS, PORÉM DOS SACERDOTES) DIZENDO QUE ELE ESTAVA DESTINADO A MORRER PELA MÃO DO PRÓPRIO FILHO, DÊLE E MEU...ORA LAIOS, AO QUE CONSTA, FOI MORTO UM DIA POR SALTEADORES EM UMA ENCRUZILHADA ONDE SE ENCONTRAM TRÊS GRANDES ESTRADAS, NOSSO FILHO, AOS TRÊS DIAS DE NASCIDO, LAIOS MANDOU ALGUÉM ABANDONÁ-LO NA PARTE DESERTA DA MONTANHA, OS TORNOZELOS PRESOS POR UM GRAMPO: O DEUS APOLO ASSIM FICOU SEM MEIOS DE FAZER ' COM QUE LAIOS TERMINASSE ASSASINADO PELO PRÓPRIO FILHO, COISA DE QUE ELE ' TINHA PAVOR. E ASSIM TÔDAS AS PROFECIAS... NÃO TE INQUIETES! QUANDO UM DEUS TIVER ALGO DE MUITO IMPORTANTE A DIZER, ÊLE SÒZINHO SE FARÁ ENTENDER!

ÉDIPO-

QUE DESLEMBRANÇAS, QUE DESASSOSSÊGO EM MINHA ALMA, RAINHA, AO TE ESCUTAR...

JOCASTA-

QUE ANGÚSTIA, MAIS, É ESSA?

ÉDIPO-

TU NÃO DISSESTE QUE LAIOS FOI MORTO ONDE SE ENCONTRAM TRÊS GRANDES ESTRADAS?

JOCASTA-

ERA ESSA A VERSÃO, AINDA CORRENTE.

ÉDIPO-

E EM QUE LUGAR FOI ISSO?

JOCASTA=

FOI ONDE SE BIFURCAM AS ESTRADAS DE DELFOS E DE DÁULIA.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO?

JOCASTA-

A NOTÍCIA CHEGOU A ESTA CIDADE POUCO ANTES DE ESTARES NO PODER.

ÉDIPO-

ZEUS, O QUE FOI QUE ME RESERVASTE?

JOCASTA-

ÉDIPO, TAMBÉM ISSO TE ATORMENTA?

ÉDIPO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.424

JOCASTA-

ÊLE ERA ALTO, NA CABELEIRA UNS FIAPOS DE PRATA...POUCA COISA DIFERENTE DE TI.

ÉDIPO-

POBRE DE MIM! AFINAL EU LANCEI TERRÍVEIS MALDIÇÕES CONTRA MIM MESMO!

JOCASTA-

QUE ESTÁS DIZENDO, MEU REI? TU ME ASSUSTAS!

ÉDIPO-

PRESSENTIMENTO HORRÍVEL: O ADIVINHO TALVEZ VIESSE, DE FATO...DIZE, AINDA, PARA ME ESCLARECER, ~~MAIS~~ mais UMA COISA!

JOCASTA-

ESTOU TREMENDO, MAS RESPONDEREI A TUDO.

ÉDIPO-

ÊLE VIAJAVA COM PEQUENA ESCOLTA OU, COMO UM CHEFE, COM GRANDE APARATO?

JOCASTA-

ERAM AO TODO CINCO, INCLUINDO O ARAUTO; LAIOS IA EM UM CARRO.

ÉDIPO-

AH! TUDO claro COMO A LUZ DO DIA__RAINHA, QUEM TROUXE A NOTÍCIA A TEBAS?

JOCASTA-

UM SERVO, O ÚNICO SOBREVIVENTE.

ÉDIPO-

ESTÁ ÊLE NA CASA, A ESTA HORA?

JOCASTA-

NÃO. POUCO TEMPO DEPOIS, QUANDO ÊLE TE VIU NO TRONO DE LAIOS, SUPLICOU, SEGURANDO MINHA MÃO, QUE EU O DEIXASSE FICAR PELO O CAMPO, NAS PASTAGENS DO GADO, ONDE NÃO VISSE MAIS ESTA CIDADE...E EU CONCORDEI: ERA BOM, MERECIA ATÉ UM FAVOR MAIOR DO QUE PEDIA.

ÉDIPO-

PODES MANDAR BUSCÁ-LO, DEPRESSA?

JOCASTA-

POSSO... MAS PARA QUE ISSO?

ÉDIPO-

SOLTEI A LÍNGUA MAIS DO QUE CONVINHA...RAINHA, EU PRECISO VER ESSE HOMEM!

JOCASTA-

ÊLE VIRÁ!... E EU, NÃO POSSO SABER O QUE TANTO AFLIGE MEU REI?

ÉDIPO-

SIM, NÃO TENHO SEGRÊDOS PARA TI. QUANDO TÃO LONGE VÃO OS MEUS TEMORES, QUEM ME IMPORTA DE FATO MAIS QUE TU? COM QUEM MAIS PODEREI EU, NESTE TRANSE, ABRIR AS ARCAS DO MEU CORAÇÃO? ESCUTA!

MEU PAI É O REI POLÍBIO, DE CORINTO: E MINHA MÃE É MÉROPE, DE DÓRIA. EU DESFRUTAVA O MAIS ALTO PRESTÍGIO, ATÉ SE DAR UM CASO TÃO ESTRANHO QUE NEM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.425

Continua édipo....

Num banquete um conviva, embriagado, lançou-me no rosto, ao levantar um beinde, que eu não era filho de meus pais...Eu custei a aguentar aquele dia, depois interpelei o pai e a mãe: os dois se enfureceram' contra o homem que deixara escapar aquela afronta, e a reação dos / dois me aliviou, mas no meu intimo ficou aquilo a se alastrar em mim cada vez mais... E eu, sem nada dizer ao pai e à mãe, fui a Delfos.' Lá, sem me responder,o deus me disse uma porção de coisas cheias de dor, e de tragédia e de luto: disse até que eu estava destinado a ir para cama com minha mãe, que teria uma prole abominável, e que seria o assasino daquele que me gerou. Eu, quando escutei isso, decidi ir' para longe de Corinto, seguindo sempre o rumo das estrêlas em minha' fuga para algum lugar onde jamais pudesse ver cumpridas as infâmias' que me eram sugeridas...Meu caminho levou-me a êsse local onde dizes que o rei Laios foi morto. Senhora, eu te direi tôda verdade: quando eu ia chegando ao cruzamento das três estradas, topei pela frente um arauto e, sôbre uma viatura puxada por dois potros, um varão como o que descreveste. O que ia à frente e o próprio velho queriam por fôr ça que eu me arredasse; eu, tomado de raiva, ataquei o que estava me empurrando, o guia... O homem de cima do carro esperou o momento em que eu passava e me deu na cabeça uma pancada com todo o pêso do aguilhão dobrado. Foi pago em dobro: um golpe de cajado, com esta / mão, e êle rolou por terra, de costas...Matei-os todos! Se relação ' existe entre êsse estranho e Laios, quem será mais desgraçado do que este que te fala nesta hora? Quem será tão malquisto pelos céus? A quem nimguém, da cidade ou de fora, tem permissão de receber em casa; de quem nimguém se pode aproximar, alguém a ser repelido por todos... E tôdas estas coisas contra mim terem sido por mim determinadas!____ Pensa: eu tocar a espôsa dêsse rei com estas mesmas mãos com que o matei? Dize: não sou umperdido?

Dize: Não sou o imundo dos imundos? E pensar que serei desterrado de Tebas e não posso rever a minha própria gente, nem pôr os pés outra' vez em Corinto sem risco de domir com minha mãe e assasinar meu pai __o bom Políbio que me gerou e fez de mim um homem! Que impiedoso / deus atirou contra mim esta maldição?

__Bons deuses, arrancai-me de entre os homens antes que eu Sôbre mim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.426

CORIFEU-

Também a nós assustam essas coisas, ó rei! Agora espera vir depor o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO-

E' a esperança que me vale: vir de longe êsse Pastor...

JOCASTA-

Que esperas saber dele?

ÉDIPO-

Se a história dele combina com a que contas estou isento de culpa...

JOCASTA-

Que houve de especial em tudo que te contei?

ÉDIPO-

Na tua hitória, o pastor disse que Laios foi morto por salteadores. Se confirmar que eram vários, não um, não terei sido eu quem o matou: não se confunde um homem com um bando... Mas se disser que era um homem sòzinho, então será o elo que está faltando para firmar minha / condenação!

JOCASTA-

Pois fica certo de que foi assim a primeira versão! Não vai mudá-la' agora, porque não foi ouvida só por mim... Mesmo que o pastor conte' uma outra história, não provará que a morte de Laios combina com o ó ráculo : o deus disse expressamente que êle morreria às mãos do fi - lho, coitado, morreu sem ter feito mal a nimguém! Profecias?...Por / mim., não olho mais de um lado e outro, à cata de sinais!

ÉDIPO-

Tens razão. mas preciso ver se esse pastor...Manda traze-lo aqui!

JOCASTA-

Agora mesmo! vem: vamos entrar! faço o que posso, para ti agradar.

CORO-

Permita meu destino guarda minha pureza em tudo quanto digo e em tudo quanto faço, cumprindo as altas leis que descem dos céus__Não leis feitas por homens: Leis contra as quais não possa nem mesmo o esquecimento, leis que façam valer o divino poder!__Do ventre da insolencia é nascido o tirano: quando ela se ver cheia de tanta vaziez, escala o precipicio para tomar o trono e dele não sai mais pela própria vontade. O que aos deuses imploram é que, envez de tudo isso

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.427

Continua côro ...

batam-se os patriotas pelo bem do meu povo!__Espero ter comigo a proteção divina!__Mas a aquele que peca em atos ou palavras, sem temor da justiça nem reverêcia aos deuses, tomara que destino logo acabe com êle, com todo seu orgulho e o seu atrevimento de por as mãos' imundas no que não lhe pertence e agir em sacrilégio!__Depois de crimes tais, quem poderá gabar-se de afastar de sua alma as setas da / vingança?__Se a tais atos se rendem pomposas homenagens, para que,/ por exemplo, cantos sacros num templo?__Não masi irei a Delfos, venerável umbigo da terra; nem a abas, ver o seu santuário; nem ao tem'' plo de olimpia,se não houver repulsa de todas as criaturas a tantas' heresias!__Zéus , ó deus poderoso, que comandas o mundo, se forem // verdadeiros, os mandamentos teus, não escape tal crime ao teu poder- eterno sôbre todas as coisas!__Agora já diz que a profecia é nula, e ao deus Apollo não rendem devoção...

__Vai-se a religião!

JOCASTA-

Nobres de minha terra! tive a inspiração de visitar os altares dos ' deuses, levando nas mãos um ramo de flores e oferendas de incenso. O grande Édipo deixa-se conturbar em demasia com alarmas de multiplas especie e nem compara, segunda prudencia, os fatos novos com os de antigamente: fica assim à mercêr de quem lhe traga a palavra mais / tragica.__Eu, vendo que já resultam mais minhas conderações, recorro a ti, Apollo, o deus mais próximo de nós, a suplicar que tu nos alivies e nos liberte de toda impureza! Como a tripulação de um barco ' ao ver o timoneiro embriagado ao leme, o povo inteiro geme apavorado!

ÉMISSÁRIO-

Posso saber dos senhores aqui onde mora o rei èdipo? ou, senão, em / lugar estará ele agora?

CORIFEU-

O rei está no palacio, e esta senhora é mãe dos filhos dele .

EMISSÁRIO-

Que ela seja feliz, numa casa feliz__Rainha abênçoada de um homem tão ilustre!

JOCASTA-

As mesmas bênçao eu desejo a ti, por esta alregre saudação.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 428

EMISSÁRIO-

Sou de Corinto. A mensagem que trago por certo vos dará muita alegria, e talvez um pouquinho de tristeza...

JOCASTA-

Me alegra e me entristece: Que será?

EMISSÁRIO-

O nosso povo quer fazer de Édipo o rei de todo o Istmo, ao que consta por lá.

JOCASTA-

Mas como? o velho Políbio não está mais no poder?

EMISSÁRIO-

Não...em verdade, a morte o acolheu.

JOCASTA-

Que estáis dizendo! Morto, o pai de Édipo?

EMISSÁRIO-

Se minto, então que o morto seja eu!

JOCASTA-

Aia! vai já dizer ao teu senhor!__e os divinos oráculos onde estão - agora? Políbio era o homem de quem Édipo fugiu por tanto tempo, com' o pavor de vir a assasina-lo e agora êle está morto sem que Édipo ao menos o tocasse!

ÉDIPO-

Jocasta, minha rainha, tu me mandaste chamar?

JOCASTA-

Ouve este homem e ver como termina as terríveis profecias!

ÉDIPO-

Quem é? Que noticias tráz?

JOCASTA-

É de Corinto: diz que o rei Políbio, teu pai, está morto...Morto!

ÉDIPO-

Como, estrangeiro? Conta-me tu!

EMISSÁRIO-

Se é necessário repetir: o Rei Políbio está morto e já debaixo da terra.

ÉDIPO-

Pesa-me ou traição?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 429

EMISSÁRIO-

Quando a idade é avançada, a menor brisa leva a pessoa ao ultimo re_ pouso...

ÉDIPO-

Foi de doença, então, que ele morreu?

EMISSÁRIO-

Foi, e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO-

Então! então!... Mulher, porque temer oráculos de Delfos, ou os passa ros com seus gritos sôbre nossas cabeças, que me predestinavam a assa sinar meu pai? êle esta morto, já debaixo da terra... e eu nem sequer pus a mão numa lança!(Salvo, enfim, se ele morreu de saudades de mim, único caso em que seria eu que o levou à morte...)__As profecias, / como Políbio, estão mortas!

JOCASTA-

Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO-

Mas eu estava surdo pelo medo...

JOCASTA-

Agora, vamos: esquece tudo isso e acalma teu coração!

ÉDIPO-

Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe?

JOCASTA-

Que tem a temer um homem, fraco joguête da sorte, que do próprio futu ro nada sabe? melhor é ir vivendo a vida... não tenhas medo da cama de tua mãe: quanta vezes em sonho um homem dorme com a mãe! é bem ma is fácil a vida para quem dessas coisas não cogita.

ÉDIPO-

Em tudo isso... Quisera acreditar, mas eu, enquanto ela viver, hei de ter medo.

JOCASTA-

A morte de teu pai já é um ponto de luz na escuridão.

ÉDIPO-

Enquanto ela estiver viva, eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO-

Quem é essa mulher que te faz assim temer?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 430

ÉDIPO~

É Merope, a esposa de Políbio!

EMISSÁRIO-

Que tem ela, para a temeres tanto?

ÉDIPO-

Um desgnío terrivél que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO-

Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO-

Não é segredo: Foi profetizado que eu dormiria com a minha mãe e mataria meu pai...Dai, Corinto passou a ser para mim, um lugar de onde preciso estar longe. Sou feliz, mas me falta essa douçura que é ver - os meus e estar no meu país.

EMISSÁRIO-

Tu, então, por medo disso, te condenaste ao degrêdo?

ÉDIPO-

De certo: Eu não queria tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO-

Já que eu te vim trazer boas noticias, vou ti livrar também dessa agonia.

ÉDIPO-

Se o conseguires, terás grande recompensa!

EMISSÁRIO-

Pensando nela, eu vim: Para que, de volta à patria, não te esquecesse-de mim.

ÉDIPO-

Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO-

Ó filho, bem vejo que não sabes o que fazes ...

ÉDIPO-

Como, ancião? Explica, pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO-

Se é todo esse o teu receio a voltar...

ÉDIPO-

Eu tenho medo de que a predição divina se transforme em verdade.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.431

EMISSÁRIO-

Com o mal que farias a teus pais?

ÉDIPO-

É só o que me contrange.

EMISSÁRIO-

Pois então fica sabendo que te contranges em vão!

ÉDIPO-

Como"em vão", se sou eu o filho deles?

EMISSÁRIO-

Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO-

Que estás dizendo?? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO-

Ele é tanto teu pai quanto eu...

ÉDIPO-

Políbio é tanto meu pai quanto um estranho qualquer?

EMISSÁRIO-

Quem ti gerou não fui eu mas não foi ele tão pouco...

ÉDIPO-

Mas ele sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO-

De minhas mãos ele te recebeu, como um presente meu.

ÉDIPO-

E Como poderia amar tanto um filho de outro?

EMISSÁRIO-

De certo por não ter filho...

ÉDIPO-

Mas, se também não sou teu filho, tu me achaste ou me compraste de alguém?

EMISSÁRIO-

Eu te encontei, num vázea do Citerão.

ÉDIPO-

Que fazias por lá?

EMISSÁRIO-

Pastoreava um rebanho momtês

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 432

ÈDIPO-

E eras um pastor qualquer, andarilho de aluguel?

EMISSÁRIO-

Era. Mas, na quela hora, fui eu que te tratei,..

ÉDIPO-

Tu me trataste, como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO-

Queres saber? Olha teus tornozelos!

ÉDIPO-

Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO-

O grampo que te prendia os dois pés, fui eu que o removí!

ÉDIPO-

Desde de menino esta cicatriz me acompanha...

EMISSÁRIO-

Por isso te chamas Édipo==o de pés inchado!

ÉDIPO-

Mas, pelos deuse; foi meu pai ou minha mãe que me maltratou assim?

EMISSÁRIO-

Não sei...Talvez possa dizer melhor o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO-

Então, me recebeste de um terceiro? Não me achaste sòzinho?

EMISSÁRIO-

Não: Tu me foste entregue por um outro pastor.

ÉDIPO-

Quem era ele? Sabes quem era ele?

ÉMISSÁRIO-

Se não me engano, era gente de Laios...

ÉDIPO-

Laios, o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO-

Esse mesmo! O pastor servia ao rei.

ÉDIPO-

E estará ele vivo, ainda, para eu velo?

EMISSÁRIO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.433

ÉDIPO-

Conhece algum dos presentes o pastor de que ele fala?

Alguém o teria visto pelo campo ou na cidade? Respondam!__Chegou a hora de tudo se esclarecer!

CORIFEU-

Ele parece falar da pessoa que estavas tão aflito para ver, mas a rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO-

Senhora, tu conheces o pastor a quem ele se refer?

JOCASTA-

Não faço idéia de quem ele fala.__Esquece isso! Para que dar ouvido a tanto palavrório sem sentido?__Esquece isso!

ÉDIPO-

Hei,de seguir a trilha até o fim: Eu não posso deixar de esclarecer o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA-

Pelos deuses! Se tens amor à vida, põe fim a esta busca!__Eu não supor to mais!

ÉDIPO-

Ânimo!... Mesmo que eu venha saber que sou filho de escravo, ao cubo, já de três gerações__ a honra tua, tua linhagem, nada perderá!

JOCASTA-

Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO-

Não posso. Eu tenho que saber tôda a verdade!

JOCASTA

Peço por ti! peço pelo teu bem!

ÉDIPO-

Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA-

Pobre de ti!...__Que nunca descubras quem és!

ÈDIPO-

Vá alguém buscar o tal pastor! e desfrute esta mulher tôda a nobre linhagem que tiver!s!

JOCASTA-

Desgraçado! é a minha ultima palavra para sempre...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.434

CORIFEU-

Édipo, tua espôsa foi-se embora como tocada de profunda mágoa:Porquê?

__Nessa mortal tranquilidade, receio que se forma a tempestade...

ÉDIPO-

Que venha a tempestade!... Eu insisto em saber minha origem, por mais baixa que seja... Talvez ela, em seu orgulho, despreze meu humilde nascimento; mas eu, que sinto em mim um favorito da fortuna, que esparge as sementes do bem, desconheço qualquer humilhação! Eu sou filho da sorte, irmão das luas: seja no esplendor ou na miséria , eu tenho a companhia das estrêlas! Nascido assim, não quero ser outro que não eu __e saberei quem sou!

CORO-

__Se o dom de pressentir é certo, entre meus erros, se algum saber eu - tenho, ó Citerão__ eu juro que amanhã provarás à luz da lua cheia a glória que te assiste como berço de Édipo!

__Nossos cantos e danças hão de te festejar pelo bem que fizeste a esta casa real!

__E que a celeração possa, ó deuses, crescer em vossa aceitação!

__Qual dentre as imortais te trouxe a êste mundo, criança em longas nupciascom Pã, deus das montanhas?__Ou acaso és nascido de uma noiva de Apollo, deus a quem tanto agradam as mais altas pastagens?

__ou o deus dos mistérios, ou Baco, deus do vinho, foi quem te recebeu' das mãos de uma das ninfas, uma alegria a mais no recanto das musas onde êle vai brincar?

ÉDIPO-

Senhores! eu, embora não não tivesse visto jamais o homem que buscamos, tenho a impressão de o estar vendo agora!

__Seu aspecto acabado corresponde à idade que o pastor devia ter. Por' outro lado, estou reconhecendo os que o trazem: são servidores meus! ' Vós, entretanto, que em dias passados talvez tivésseis visto ou conhecido êsse pastor, confirmareis ou não minha suposição.

COREFEU-

Lembro-me dêle: é da casa de Laios, simples pastor, porém muito Leal!

ÉDIPO-

A ti, que és de Corinto, eu te pergunto em primeiro lugar:__E' êste, o homem?

EMISSÁRIO-

E' êle!

ÉDIPO-

Agora, velho, olha bem para mim e me responde: acaso pertenceste, em ' em qualquer tempo, à casa do rei Laios?

PASTOR-

Eu fui escravo dêle, desde que nasci.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 435

ÉDIPO-

E que fazias? Qual era a tua função?

PASTOR-

Às mais das vêzes, fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO-

E a que pastagems costumavas ir?

PASTOR-

Eu ia muito ao Citerão e redondezas...

ÉDIPO-

Então por lá conheceste êsse homem?

PASTOR-

Como? Qual homem? Que queres dizer?

ÉDIPO-

Êste! Tu já não o encontraste antes?

PASTOR-

Assim,-de pronto, não chego a lembrar...

EMISSÁRIO-

Não admira, senhor! Mas a lembrança se aviva: há de lembrar-se, com tôda a certeza, de quando, êle trangendo dois rebanhos e eu um, andamos pelo Citerão três longas temporadas,do outono à primavera, aproveitando o frio; então eu ia com minhas ovelhas para casa e êle conduzia as dêle para os redis de Laios...Tudo isto que estou dizendo, foi verdade ou não?

PASTOR-

Verdade, sim...Mas foi a muito tempo, muito tempo!

EMISSÁRIO-

Recordas que naquela ocasião me confiaste um menino de colo, para eu criar como filho?

PASTOR-

E agora? aqui vem esta pergunta?

EMISSÁRIO-

O menino que um dia me entregaste é esse homem que está na tua frente!

PASTOR-

Maldito sejas! Cala-te, de uma vez por toda!

ÉDIPO-

Cuidado, velho! Não zagues com êle! Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR-

Mas, rei, o que foi que eu fiz?

ÉDIPO-

Não respondeste ao que ele perguntou sôbre o menino...

PASTOR-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.436

ÉDIPO-

Se não falas por bem, hás de falar por mal!

PASTOR-

Não! Pelos deuses, tem pena de um pobre velho!

ÈDIPO-

Peguem-no! amarrem-lhe as mãos!

PASTOR-

E agora, que foi que eu fiz? Que mais queres saber?

ÉDIPO-

Entregaste a este homem a criança, conforme lhe pergunta?

PASTOR-

Entreguei...__Quem me dera ter morrido naquele mesmo dia!

ÉDIPO-

Morrerás hoje, se não diceres a verdade.

PASTOR-

Se disser, estarei duas vezes perdido...

ÉDIPO-

Se esperas ganhar tempo, já verás!

PASTOR-

Não: eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO-

E onde arranjaste o menino: em tua casa ou em outra?

PASTOR-

Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO-

De que familia? De algum dêstes cidadãos?

PASTOR-

Senhor, pelo amor dos deuses, não me perguntes mais nada!

ÉDIPO-

Se eu precisar repetir a pergunta, pode se consider-se um homem morto!

PASTOR-

Era criança da casa de Laios...

ÉDIPO-

Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR=

Pobre de mim! depende do que eu disser...

ÉDIPO-

E eu, do que ouvir...Mas quero saber: Fala!

PASTOR-

Então ficas sabendo que o menino diziam ser filho do próprio rei: tua /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.437

ÉDIPO-

Ela? quem te entregou o menino foi ela?

PASTOR-

Foi, majestade.

ÉDIPO-

E para que?

PASTOR-

Para eu mata-lo.

ÉDIPO-

A amadiçoada fez isso com o próprio filho?

PASTOR-

Mêdo de uma terrível profecia...

ÉDIPO-

Que profecia?

PASTOR-

O menino matar o próprio pai.

ÉDIPO-

Então, por que o entregaste a ele?

PASTOR-

Senhor, eu tive pena! Pedi àquele homem que o levasse para a cidade dêle... Agora vejo que o reservou para pior da sinas: Pois se tu és em / verdade aquela criança, nasceste para ser muito infeliz!

ÉDIPO-

Horror! Horror! Horror!

Tudo verdade! Luz do dia eu não quero mais te ver! Filho maldito...Marido maldito...Maldito assasino do próprio pai!

CORO-

__O' Gerações humana, para mim vossas vidas são passagens de sombras!__ Quem será tão feliz aponto de lograr dar senão a impressão de uma felicidade, antes do fim de tudo?__Édipo, o teu destino, destino de amargura não me deixa dizer que haja felicidade para a humana criatura!__Apontou sua seta para o alvo mais alto e arrebatou o premio da mais alta riqueza!__Enseguida o triunfo sôbre lúgubre Esfinge, o seu vulto cresceu-feito uma fortaleza em defesa de Tebas contra as furias da morte...__'' Tudo isso, Édipo, Nos te aclamamos rei e esta grande cidade tão claras' homenagens submissa te rendeu dufante o teu império!__ Hoje, entretanto quem será mais desgraçado, pela vozes que còrrem!__Nos revezes da vida, que é, Mais do que tu, comparsa da amargura e da infelicidade?__Ah, Édipo famoso, ao leito núpcial de onde saites, voltaste como espôso...__Ah, como pôde o chão que teu pai semeou tanto tempo em silencio acolher o teu grão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 438

dena agora o infamante conúbio a igular filho e pai tão prolongadamente ...__Triste filho de Laios, Quem dera não te haver conhecido jamais!__ É como se, por mim, gemesse a voz do morto: " A dizer a verdade, deste-me nova vida; Mas, por teu intermédio, só trevas tem lugar de novo ao meu olhar! "

ARAUTO-

Vós, que tanto respeito mereceis neste país, ainda mais chorareis pelas coisas que haveis de ver e ouvir, se, como patriota bem nascidos, ainda prezais a nossa dinastia! as águas dos rios todos da terra talvez não bastem para lavar a imundice desta casa__Tamanho são os males já mostrados, e os mais que há de mostrar, premeditados, não ocasionais...Quem - se fere a si mesmo, sofre mais!

COREIFEU-

O que sabemos já nos dar muito a chorar. Que novas catastrofes anuncias?

ARAUTO-

É breve, o que ides ouvir e breve o que vou dizer: nossa rainha Jocasta está morta!

CORIFEU-

Pobre mulher!__ Como se deu a morte?

ARAUTO-

Por suas próprias mãos...o horror do quadro, a vós, que o não vistes será poupado; mas eu, que ouvi, dele não posso me esquecer! Dezesperada ' ela entrou no vestibulo e correu para a alcova núpcial, as duas mãos arrancando os cabelos; Bateu a porta atrás de si, com força. Gritava__"Laios!__chamando o marido a tanto tempo morto, mas pensando no filho que matou o próprio pai e que da mãe mostruosamente uma prole de infelizes. ..Gemia contra o leito núpcial onde, coitada, havia concebido filho por filho e era mãe do marido. Como afinal morreu não sei dizer: entrou Édipo aos gritos, e nós, vendo-o ir de um lado para outro, não chegamos a observar a rainha até o fim. Ele pedia uma espada e bradava:__"Onde está minha espôsa, que não é espôsa alguma, é um útero danado que me pariu e pariu filhos meus?"__Nessa alucinação, algum poder (Humano não, ' não foi nenhum de nós) guou-lhe os passos: num gemido horrivél como se algo o empurrase, atirou-se contra as portas, rompendo as dobradiças, e num relance entrou, e deparou com a mulher enforcada, um corrediço no - pescoço... ao vê-la, num gemido sufocado desamarrou a corda, e, quando-o corpo desmoronou no chão, o que se viu foi mais um espatáculo de horror: ele arrancou os alfinetes de ouro da roupa da rainha, levantou-os- e os enterrou nos olhos, imprecando:"Olhos meus, não verei mais esta culpa, e esta vergonha, numca mais vereis quem deveríeis ter visto nun

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 439

lamentos, enquanto, uma vez só não, muitas vezes, erguia as mãos e ia - ferindo os olhos, e a cada golpe uma chuva de sangue lhe saltava das orbitas tingindo os dois, o marido e mulher... Tem sido venturosa até agora a sina desta casa; mas, de agora em diante, tudo quando for desgraça e desastre, luto e pranto, morte e lamentão, tudo o que há de mal, sôbre esta casa se verá!

CORIFEU-

E agora? Como está ele agora?

ARAUTO-

"Escancarai os portões"__êle grita__"Vinde, tebanos todos,ver o que foi do pai o matador e da mãe o..._Não ouso repetir, a palavra não cabe em minha bôca!__Exige que o expulsem desta terra, para que não recaia sô / bre sua casa a maldição que êle mesmo lançou já não tem quase fôrça,nem nimguém para guiar-lhe os passos: sofre mais do que pode um homem suportar! __já estão tirando as tranças dos portões e assim tereis ante os olhos um quadro que ao mais cruel inimigo há de dar pena.

CORO-

__Que terrível visão para um mortal!__Meus olhos nunca viram coisa igual!__Onde fôste buscar tanta loucura? Que emplacável demônio desfechou o eterno desespêro sôbre ti?__Isto é fazer da vida o próprio inferno! __Infeliz criatura, que fazer para te contemplar e não sofrer?__Por ' mais que esteja decidido a olhar, pelo menos para ficar sabendo, tenho que desviar a minha vista dêsse horrendo espetáculo!

ÉDIPO-

Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim!Onde estou eu? Para que fui nascer? A minha voz espalha-se, por onde?Ah, meu destino, aonde queres chegar?

CORO-

A um ponto tão terrivel de se ver quanto de se escutar!

ÉDIPO-

O' treva indiscritivél que me envolves, numvem que não consigo dissipar: ai de mim! Como ferem em minha alma estas agulhas e mais o pensar em tanta desventura!

CORO-

Deves pagar em dôbro êste momento lastimando e aguentando o sofirmento!

ÉDIPO-

Ah, meu amigo gentil e constante: tens paciência de cuidar de um cêgo? Mesmo sem olhos, eu sei que estás perto e reconheço bem a tua voz.

CORO-

Homem de ações terríveis,como foi que chegaste a apagr teus próprios Olhos? Que impiedoso gênio te empolgou?

ÉDIPO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.440

consumiste? Assim eu não teria dado aos homens o exemplo da aflição que me aniquila... O' Políbio! Corinto, pátria minha, terra dos meus, assim considerada__Que podridão enorme se escondia no bom menino que de mim fazias! Vê-se agora que o mal é de raiz.O' encruzilhada, ó perdido re~~e~~a canto, capoeira que junta as três estradas: o sangue que bebeste foi o meu, derramado da carne de meu pai por estas mãos! Decerto lambrarás os meus malfeitos, que testemunhaste, e o que depois eu fiz, chegando a Tebas! O' leito nupcial: tu me geraste e te embebeste na minha semente, / mesclando em um só sangue pais, irmãos, filhos, espôsas e mães...Vergonhoso incesto, tudo quanto cabe de horrivel sob a luz do sol, horrores' que nem devem ser contados! Não há muito decôro em mecionar coisas indecorosas de fazer...Eu vos suplico: enfurnai-me nalgum lugar longe daqui ou terminai de vez comigo, ou atirai-me às profundezas do mar onde nimguém me veja! Não receeis tocar com vossas mãos um infeliz! Podeis aproximar-vos sem mêdo: únicamente sôbre mim, e sôbre nimguém mais, recairá meu infortúnio!

CORIFEU-

Aí vem Creonte, teu sucessor, única pessoa capaz de te atender e aconselhar...

ÉDIPO-

E agora, que palavras lhe direi? Que ânimo terá para comigo, que tão ' mesquinhamente o destratei?

CREONTE-

Não venho aqui para zombar de ti, Édipo, ou reprovar tuas ações.__Vós ' outros, se não tendes nenhum respeito à criatura humana, ao menos respeitai a luz do Sol que tudo vê e tudo determina! Não deixeis tão a nu / tamanho horror que nem a terra aceita, nem a chuva, nem a luz: escondei-o! Um homem, quando está de causar pena, só deve ser ouvido pelo seus' e visto pelos seus parentes, só.

ÉDIPO-

Escuta! Já que a tua vinda aqui é uma grata surprêsa, tu tão nobre e eu tão vil, faze-me então um favor, que eu peço mais por ti do que por mim!

CREONTE-

Que favor meu esperas assim tanto?

ÉDIPO-

Expulsa-me, manda-me para longe onde nimguém possa falar comigo!

CREONTE-

Por mim, eu já teria feito isso; mas antes mandei consultar o deus.

ÉDIPO-

Todos já sabem o que o deus mandou: eliminar o parricida, o ímpio__que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 441

Porém a mão que golpeou meus olhos não foi a de nimguém, senão a minha: que mais pudera eu desejar ver, se a vista só me dava desprazer?

CORO-

Nimguém há de saber melhor que tu.

ÉDIPO-

Dizei, amigos: que voz ou visão me alegraria o coração? Vamos, depressa, levai-me daqui! Removei para longe êste perdido o mais abominável dos mortais, três vezes maldito__ por êle mesmo, por sua gente e por todos os deuse!

CORO-

Padeces por teu destino traçado e mais pelo que dele pressentiste: ah, quem dera não pressentisses nada!

ÉDIPO-

Maldito aquele que na montanha desprendeu meus pés e me salvou: só quis fazer o bem, mas se lá me tivesse abandonado pouparia todo este sofrimento a mim e à minha gente!

CORO-

Eu também gostaria que assim fosse...

ÉDIPO-

Eu não viria a assasinar meu pai nem seria culpado como amante da criatura que me pôs no mundo...Agora não há deus que me redima: Sou filho de uma mulher corrompida, rival do homem que me deu a vida. Se existe um mal maior que o próprio mal, êsse éo o quinhão de Édipo!

CORO-

Não sei dizer se agiste sàbidamente: morto, estarias melhor do que cego!

ÉDIPO- N

Não me venhais dizer que não fiz bem assim: já não careço de conselhos. Se eu ainda enxergasse, com que olhos fitaria meu pai ou minha mãe, entre os mortos, depois de cometer tais crimes, contra os dois, crimes / que nem na forca estariam bem pagos?__"Oh, mas (direis) a visão das crianças alegra os pai!"__E as mal nascidas?__Não! Ver os meus filhos não-me alegraria; nem mais ver a cidade com seus muros, seus templos e as imagens dos seus deuses__Visões que eu mesmo, um desgraçado agora, antes número um entre os tebanos, me condenei a não tornar a ver, por tudo / que invoquei contra o culpado! Aviltado entre os céus, me declarei impuro e impura a linhagem de Laios: assim qualificado por mim mesmo, como iria eu olhar de frente o povo? Não! E se ainda soubesse de algum meio de se fazer silencio nos ouvidos, eu vedaria ainda mais por completo esta triste carcaça__ e me faria, além de cego, inteiramente surdo. Que / bom, se eu me perdesse em desvaneios sem temer a inssistência da amargu

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 442

CREONTE-

Foi o que o deus falou, mas neste caso achei justo consultá-lo novamente.

ÉDIPO-

Mandaste importunar de novo o deus, por causa de um perdido como eu?

CREONTE-

Sim, para ver se já acreditas nêle.

ÉDIPO-

Eu acredito! E com tôda a humildade te peço: a que ficou lá dentro, morta, manda enterrar conforme o ritual que assiste agora a ti como irmão! Quanto a mim, quero só que a minha Tebas, cidade de meus pais, não seja mais constrangida a me ver entre os que a habitam: deixa que eu vá morar pelas montanhas do Citerão, que dizem pertencer-me porque meus pais há' tempos o escolheram para eu morrer por lá! De uma coisa sei bem: doença alguma ou acidente há de encurtar meus dias__eu não seria assim poupado à morte senão para cumprir sorte mais negra! Pois seja ! O meu destino não importa meus filhos homens. Creonte, Já não requerem maiores & cuidados: Mas minhas pobres filhas inocentes, que se sentavam ao meu colo à mesa, bebendo meu cópo e beliscando do meu prato__ Elas duas, eu - te peço: cuida bem delas! e consente agora que as possa afagar, em minha dor! Consente!__ eu te suplico! Sim, meu principe nobre e generoso embora cego, podendo tocá-las terei a sensação de que são minhas como ' quando eu as via...__ Mas, que digo? Será delas o chôro que ouço agora? Creonte terá tido compaixão de mim, mandando vir para me ver as filhas- que eu adoro?

CREONTE-

Quis que ainda provasses, na desgraça, um pouco da alegria que elas te davam antes...

ÉDIPO-

Que os deuses te protejam! Que, por tê-las trazido, seja melhor que a minha sorte! Onde estais, minhas filhas? Chegai perto, onde vos possam- tocar estas mãos de pai, de irmão__ mãos que encheram de trevas êstes ' olhos tão claros que vos viam! Mãos de quem, sem saber nem indagar, se fez pai vosso com a própria mãe. E os olhos meus, embora sem visão, tem lágrimas de sobra a derramar quando penso nos erros e malícias que os homens contra vós cometerão: de qualquer festa ou reunião talvez tenhais que retirar-vos sem prazer, chorando... E na idade do casamento, ' qual há de ser o noivo corajoso a desposar môças tão mal faladas como ' estas duas que eu trouxe a êste mundo? E a infâmia haverá maior que esta:__"O pai delas matou o próprio pai, plantou a sua semente no ventre'

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.443

__Assim os homens falarão de vós e, sendo assim, qual vos desposará?Ninguém, calculo. E vos consumireis, pobres filhas, solteiras e sòzinhas...

__Só tu, Creonte, serás como um pai delas duas, perdidos eu e a mãe.Não permitais que fiquem por aí sem lar, nem que o futuro delas duas venha' a ser de infortúnio feito o meu! Tem pena delas, Creonte: meninas e desvalidas__dependem de ti! Príncipe, eu as deixo em tuas mãos!__Minhas filhas, se fôsseis maduras, eu muito teria a dizer... Agora, é só isto:rezai para encontrar um pouco de prazer na vida, um lar, e que o vosso destino seja melhor do que o de vossos pais!

CREONTE-

Sim, basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO-

Preciso ir, por menos que me agrade.

CREONTE-

Não chores: tudo tem sua hora!

ÉDIPO-

Eu vou, sim, mas com uma condição...

CREONTE-

Fala, primeiro, e eu saberei depois!

ÉDIPO-

Manda que me carreguem para longe, bem longe dêste lugar!

CREONTE-

O que me pedes, depende do deus.

ÉDIPO-

Já tenho os deuses todos contra mim.

CREONTE-

Então, será feita a tua vontade.

ÉDIPO-

Tu consentes?

CREONTE-

Eu não costumo prometer, à toa. o que não tenho a intenção de fazer.

ÉDIPO-

Estou pronto: levem-me daqui*

CREONTE-

Vai, mas deixa as meninas!

ÉDIPO-

Não! Não me tirem minhas duas filhas!

CREONTE-

Não queiras dar mais ordens: obedece! Teu poder terminou.

CORO-

Édipo, decifrador de in

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.444

trincados enigmas, entre os homens o de maior poder__aí está! Quem, no país, não lhe invejava a sorte? E agora, vêde em que mar de tormento / êle se afunda! Por esta razão, enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz.

FIM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 445

TEATRO

TÍTULO ÉDIPO -REI

AUTOR: SÓFOCLES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 anos 14 ANOS

Praça SR/DF e MG.

Obs.:

DF. BSB / 22 / 03 / 83

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Remita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionado ao exame do ensaio.

Obs.: confronto

Brasília-DF, 29 de 03 de 1983

Hellé Drummond Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília – DF de de 1.97

11 Cenas de tensão

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 anos

Brasília-DF, 29 de 03 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 29/03/1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.446

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 894 / 83

TÍTULO: ÉDIPO REI

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: QUATORZE ANOS

Peça teatral de SÓFOCLES

Versão e adaptação moderna de GEIR CAMPOS
Direção de Francisco Lindolfo
Ref. ao processo nº 02358/83-DCDP

Confrontando o texto apresentado por LOWRY LANDI DE MATOS REIS, encaminhado pelo Of.nº 647/83-SCDP/SR/DF.,que será representado pelo grupo T.L.B - Teatro Livre de Brasília-DF., observamos o seguinte:

1 O présente texto difere do original traduzido por MÁRIO DA GAMA KURY, na parte liberária, identificando-se em conteúdo (Doc.págs.06 a 64). Entretanto, contém maior semelhança com o texto anexo às fls. 155 a 173. Há pequenos acréscimos, sem contudo fugir da temática central.

2. A peça foi liberada com impropriedade de 14 anos conforme certificados de nºs: 222/68, 2394/67, 340/68, 2716/70, 3110/70 e 222/72 a 81. Consta ainda o certificado de nº 2923/70, com classificação para maiores de 16 anos (Doc.pág... 101).

Enredo:

Ante aos infortúnios vividos pelos tebanos,"Édipo o rei" cumprindo os desígnos divinos, procura o assassino de Laios seu antecessor. Após investigações descobre seus laços familiares e as predições de matar seu pai, desposar sua própria mãe e com ela gerar filhos.

Avaliação:

Mensagem principal - é positiva por mostrar a crença, os costumes dos povos antigos e a grandeza do ser humano ao reconhecer sua culpabilidade.

Mensagens secundárias - destaca-se a vergonha , o crédito pessoal dos indivíduos, a justiça, etc.

Linguagem - a oral é sobria, clássica e dramatica. Como tragédia grega explora a violência através da tortura física e psíquica, o suicídio, a flagelação e a prática da justiça pelas próprias mãos.

Continua.....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 447

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Continuação.....fl.02.....

Público alvo - a temática abordada exige um público capaz de discernir a parte histórica do real.

Grau de persuasão - os fatos distanciados pelo tempo, não são capazes de persuadir o expectador.

Conclusão:

Em se tratando de obra já liberada por esta DCDP e isenta de implicações censórias, opinamos pela sua liberação com a mesma impropriedade atribuida à peça anteriormente - 14 anos -, condicionando-a ao exame do ensaio geral.

Brasília-DF., 28 de março de 1983

TC-Mat. 2.095.877

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 448

30 de março de 1983

533/83-SE/DCDP

BRASÍLIA

"QUEM MATOU O LEÃO" de autoria de Maria Clara Machado e "ÉDIPO REI" de Sófocles.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.449

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0222

PEÇA " ÉDIPO - REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" CENAS DE TENSÃO "

14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

VÁLIDO ATÉ 29 de MARÇO de 19 88

Brasília, 29 de MARÇO de 19 83

Solange M. F. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 450

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO - REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de GEIR CAMPOS

Adaptação de

Produção de

Requerida por LOWRY LANDI DE MATOS REIS - BRASÍLIA/DF.

Tendo sido censurada em 28 de MARÇO de 1983 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE QUATORZE (14) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 29 de MARÇO de 1983

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 451

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S.PAULO
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.2807/83
Nº / - SCDP/SR/SP Em 9 de JUNHO de 1983

Senhor Diretor

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, estamos encaminhando a V.S. uma via do texto e relatórios de leitura e de ensaio geral da (s) peça (s) teatral (is):

1-"SAMBÃO DE CABRAL A ISABEL" DE OSCAR FELIPE
2-"A LENDA DO PLANETA DE CRISTAL" DE DARCIO DELIA MÔNICA
3-"PÓ DE GUARANÁ" DE BIIL DUSSEL /MELROSE
4-"QUEBRA-QUEBRA CABEÇAS" DE CARMINO PECORA
5-"FILOSOFIA DE VIDA" DE MARCOS TADEU
6-"O MÁGICO DE OZ" DE TATIANA BELINKY
7-"O HOMEM QUE BRINCAVA DE CHUVA" DE ALEXANDRE B.KAVANJI E ROBERTO SATURNINO DA SILVA
8-"EXPLODE CORAÇÃO" DE ENEMEI FRANCO
9-"LARANJA CARENTE" DE TCM MAZZA
10-"O EDIPO REI" DE SÓFOCLES
11-"OS TRES PORQUINHOS OU UM LOBO E OS TRES PORQUINHOS" DE C. MORAES
12-"O RAPTO DO GAROTO DE OURO" DE MARCOS REY
13-"COMUNHÃO DE BENS" DE ALCIONE ARAUJO
14-"UM DIBUK PARA DUAS PESSOAS OU ENTRE DOIS MUNDOS" DE BRUCE MYERS E JOSIANE STOLERU

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Vera Utiyama
CHEFE DO SCDP/SR/SP (EM EXERCÍCIO)
VERA LUCIA UTIYAMA

Ao Ilmo. Sr.
DR.A SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 452

SETRA

Prot. 02220

03/02/83

São Paulo, 31 de janeiro de 1983.

Ilma. Sra.
Maria Ines Rolin
Chefe da Censura Federal em São Paulo/SP

Promoções Artísticas Setra S/C Ltda, vem através do presente encaminhar a V.S. o texto teatral de domínio público" O EDIPO REI" de Sófocles com tradução de Geir Campos e solicitar de V.S. que se digne autorizar o exame de revisão de censura do referido texto. Solicitamos também de V.S. a maior brevidade afim de que possamos ultimar os compromissos habituais de uma produção teatral.
O elenco será formado pelos seguintes artistas:

Renato Borghi
Itala Nandi
Elias Andreato
Edith Siqueira
Chico Martins
Beatriz Berg
Rosali Papadopool
Bene Mendes
Guilherme de Almeida
Direção geral de
Marcio Aurelio

Atenciosamente,

Elias Vicente Andreato

P/ Promoções Artísticas Setra

PROMOÇÕES ARTISTICAS SETRA S/C LTDA.
RUA DOS INGLESES, 421 — CEP 01329 — TELEFONE: 289-3960 — SÃO PAULO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,453

Mesa

É D I P O - R E I

Sófocles

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 454

É D I P O - R E I

Sófocles

tradução

Geir Campos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 455

P E R S O N A G E N S

ÉDIPO, rei de Tebas
SACERDOTE
CREONTE, irmão de Jocasta
CORIFEU
TIRÉSIAS, o adivinho cego
JOCASTA, rainha de Tebas
EMISSÁRIO de Corinto
PASTOR da casa de Laios
ARAUTO do palácio real
CORO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.456

ÉDIPO

Meus filhos, filhos da terra de Tebas,
por que vindes aqui perante mim
com esses ramalhetes enlaçados,
suplicantes, enquanto
uma nuvem de incenso veste toda a cidade
em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei
que não devia saber por terceiros:
assim, eu mesmo vim,
eu, vosso rei,
de todos conhecidos como Édipo,
o Ilustre.
Fala-me tu, cidadão venerável,
naturalmente o porta-voz do grupo:
com que ânimo estais aqui reunidos,
temor ou esperança?
Tudo farei para vos ajudar;
áspero coração seria o meu
se com toda a atenção não vos ouvisse.

SACERDOTE

Édipo, grande senhor nosso e rei:
tu podes ver
a idade dos que cercam teus altares,
uns ainda quase implumes
sem forças para as grandes revoadas,
outros curvados ao peso dos anos,
sacerdotes, como eu o sou de Zeus
e a nossa mais seleta juventude...
O restante do povo, suplicante também,
espalha-se nas praças dos mercados
ou defronte dos templos
ou onde Ismeno faz previsões pelo fogo.
É que, tu vês, o barco da nossa cidade,
sacudido por já longa tormenta,
nem mais consegue levantar a proa
coberta pelos vagalhões da morte:
morte sobre as lavouras em flor,
sobre os pastos e o gado
e sobre o ventre das mulheres grávidas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.457

Com seu archote flamejante a peste
lança-se sobre nós e dizima a cidade:
fica vazia a casa dos tebanos
e o reino tenebroso dos infernos
vai-se enchendo de lágrimas e gritos.
Assim, ó rei, defronte à tua porta
vimos ajoelhar-nos, tantos jovens e eu,
por te julgares, não igual aos deuses,
mas primeiro entre os homens:
primeiro nas coisas comuns da vida
e primeiro nas atenções divinas.
Ao chegar a esta terra
tu nos livraste do ignóbil tributo
que éramos constrangidos a pagar
à Esfinge, a inexorável cantadeira;
não tinhas recebido encargo nosso
nem foras por ninguém industriado,
e entretanto, inspirado por um deus,
conforme todos dizem e acreditam,
tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei,
é a ti que recorremos, suplicantes,
para que nos descubra um remédio,
seja por nova inspiração divina
ou pela tua experiência humana,
pois o homem que antes agiu bem,
depois só poderá dar bons conselhos.
Salva a cidade, ó melhor dos mortais!
Pensa na tua glória:
por teu feito de ontem
és nosso consagrado salvador...
Não deixes que lembremos teu reinado
como o que nos chegou a levantar
para adiante nos deixar cair!
Reabilita, para sempre, esta cidade!
Vieste para nós trazendo a sorte,
não a deixes mudar!
Pois, se hás de reinar sobre esta terra,
reina então sobre os homens,
melhor que no deserto:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.458

nada valem, sem homens que o guarneçam,
nem os navios nem as fortalezas!

ÉDIPO

Meus pobres filhos, eu sei bem demais
o que vos traz aqui e o que esperais.
Sofreis e eu também sofro: minha dor
excede a vossa, seja ela qual for.
Vossa dor vos aflige a um por um;
eu entretanto sofro ao mesmo tempo
pelo país e por vós e por mim...
Não me viestes acordar de um sonho:
choro, e muito já tenho chorado
com o pensamento a tatear saídas!
Uma coisa já fiz:
mandei Creonte, meu nobre cunhado,
A Delfos, perguntar ao deus do Sol,
em seu maravilhoso santuário,
com que palavra ou gesto eu poderei
salvar esta nação.
Agora aflito vou contando os dias
desde que ele partiu, achando estranha
tanta demora. Quando ele chegar,
as determinações do deus,
por minha honra, hão de ser cumpridas!

SACERDOTE

Em boa hora falaste:
já estão fazendo sinais
de que Creonte vem vindo!

ÉDIPO

Ó grande deus!
Que ele, com seu semblante iluminado,
nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE

Pelo que vejo, tem notícias boas:
traz na cabeça a coroa de louros!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 459

ÉDIPO

Já saberemos, está ao alcance da voz:
- Príncipe, cunhado meu,
qual a mensagem do deus?

CREONTE

Boas notícias!
Por mais difícil que seja a situação,
quando bem encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO

Mas o oráculo?
Tuas palavras fazem-me oscilar
entre o medo e a esperança.
Que diz o oráculo?

CREONTE

Queres que eu fale diante de estranhos,
eu falo. Se não, entra e eu te acompanho!.

ÉDIPO

Fala diante de todos:
a dor dos meus vassalos
importa mais do que a minha vida!

CREONTE

Com tua permissão,
repito apenas o que ouvi de Apolo:
- Existe um mal, aqui nascido e aqui agasalhado,
tornando impura e corrompendo esta cidade!
O grande deus ordena expressamente: - Extirpá-lo!

ÉDIPO

Que tipo de mal é esse? Como extirpá-lo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P-460

CREONTE

Desterrando o culpado ou
lavando sangue com sangue,
pois é esse sangue que atrai o mal sobre nós.

ÉDIPO

Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE

Antes de tu assumires o leme do Estado,
nosso rei era Laios...

ÉDIPO

Eu sei, mas nunca o vi.

CREONTE

Laios foi morto.
E o deus agora quer justiça,
mandando claramente punir os assassinos,
sejam eles quem forem.

ÉDIPO

Em que furna da terra estarão eles?
Como trazer de novo à luz do Sol
os vestígios de um crime tão antigo?

CREONTE

"Procurando, achareis" - ensina o deus.
Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO

Laios estava no palácio ou em campanha
ou em viagem, quando teve esse destino?

CREONTE

Em viagem: dizendo que ia a Delfos,
ele partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO

Nenhum informe? Nem ninguém da comitiva
com uma pista para ser seguida?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P 461

CREONTE

Só um dos homens conseguiu sobreviver,
e esse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO

Que coisa? - Um dado certo leva a outros,
quando se tem um raio de esperança.

CREONTE

Conta que Laios foi morto
por um bando de ladrões,
que o assaltaram e,
juntos, o chacinaram.

ÉDIPO

Mas que ladrões ousariam
matar assim um rei
senão de acordo com alguém aqui em Tebas?

CREONTE

Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto
e nenhum vingador apareceu
em meio às nossas preocupações...

ÉDIPO

E que preocupações pode abafar
uma investigação sobre o assassínio
de um rei?

CREONTE

A ameaça da Esfinge nos forçava
a por de lado as coisas duvidosas
e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO

Pois eu vou começar tudo de novo
e uma vez mais esclarecer as coisas.
Fez bem o deus, e tu fizeste bem,
tirando o morto deste esquecimento:
mais um serviço prestarei, assim,
vingando a ofensa feita ao deus e a Tebas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 462
.7.

Hei de lavar a nódoa deste sangue,
e não só pelos outros, mas também
por minha causa - pois quem matou Laios
talvez me esteja preparando o mesmo fim:
ao justiçá-lo, então, é a mim que sirvo.
Levantai-vos, meus filhos, e depressa
ide-vos dos degraus destes altares,
levai os ramalhetes e chamai
a vir aqui toda a gente de Tebas,
que eu não quero passar ninguém por alto.
Com a ajuda do deus, vamos vencer;
ou, se não, vamos juntos perecer!

SACERDOTE

O que queríamos é o que este homem
nos prometeu, afinal.
E praza a Apolo, que mandou essas mensagens
vir em socorro nosso e livrar-nos da peste!

CORO

Ó doce voz de Zeus,
que mensagem me trazes
de Delfos, a divina,
à Tebas, a dourada?
Estremece de medo
minha alma torturada...
- Ó deus, estás ouvindo?
Tens algum sofrimento
desconhecido ainda,
ou a roda dos anos
repisa a dor de sempre?
-Ó voz imorredoura,
ó filha da esperança,
vem me dizer agora!

- A ti primeiro, Atena
filha do grande Zeus,
invoco! - E a ti, Ártemis,
padroeira de Tebas,
que tens lugar de honra
e trono em nossa praça!
- E a ti, fogoso Apolo,
com teu certeiro dardo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P.463

- Dai-nos a vossa luz,
vosso tríplice escudo,
e livrai-nos da morte!
- Em tempos outros, quando
caiu sobre a cidade
o primeiro flagelo,
vós o fizestes ir
para longe, levando
suas línguas de fogo...
- Vinde agora ajudar-nos!

- Pobre de mim: sem conta
as minhas provações!
As forças em declínio
e o espírito inerme,
a terra a negar frutos,
as mães gemendo estéreis;
vidas a irem-se embora,
como pássaros leves
mais céleres que o raio
vibrado pelos céus,
para os confins da noite...

- Assim, morte por morte,
a cidade perece.
- Corpos jazem no chão
e não há quem os vele.
- Nos degraus dos altares,
esposas e viúvas
fazem o ar tremer
de gritos e soluços.
- Diante disso tudo,
loura filha de Zeus,
dá-nos tua ajuda!

- Não possa o deus da morte,
agora desarmado
mas cercado de gritos
como em plena batalha,
abater sobre mim:
faze com que ele fuja
para as praias da Trácia
ou a cama de Anfitrite.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 464

-Ai, o que a noite poupa,
vem o dia e executa!
- Zeus pai, em cujas mãos
cabem todos os raios:
acaba de uma vez
com o que nos faz mal!

- Também as tuas setas,
ó luminoso Apolo,
quisera eu ver lançada,
em todos os sentidos,
por nossa proteção;
como também os raios
flamejantes de Ártemis,
varejando os barrancos!
- E peço mais a ti,
deus inventor do vinho,
Baco dos evoés,
a quem Tebas cultua:
vem com a tua flama,
com teu brilhante archote,
por em fuga o inimigo
da gente que te ama!

ÉDIPO

Rezais... Em seguimento a tantas rezas,
se observardes bem minhas palavras
e vos unirdes no combate ao mal,
podereis ter certeza de socorro
e alívio para vossas aflições.
Eu aqui falo como uma pessoa
alheia ao que se diz e ao que ocorreu;
mesmo porque tão longe não iria
saindo a campo, só, sem uma pista...
Como só vim a ser um cidadão
tebano, entre os tebanos, muito tempo
depois do acontecido,
a todos vós proclamo:
- Se algum de vós sabe qual foi a mão
que matou Laios,
eu ordeno que me declare já!
Quanto ao próprio culpado,
caso esteja com medo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.465

de ser denunciado,
livre-se do temor
denunciando a si mesmo,
pois nada sofrerá:
só deixará o país,
sem qualquer violência!
Ou se alguém conhecer
talvez um estrangeiro
que seja o assassino,
não deixe que se cale:
receberá de mim,
além da recompensa,
a minha gratidão!
Porém, se vos calardes,
se algum de vós, por medo,
ocultar o culpado,
um amigo talvez,
ou a própria pessoa,
eis a minha sentença
que hei de fazer cumprir:
- Proibo que qualquer filho da terra
onde me assistem o comando e o trono
dê guarida ou conversa ao assassino,
seja ele quem for;
que o aceite nos cultos e no lar,
que divida com ele a água lustral!
Eu ordeno, ao contrário,
que o enxotem de suas casas, todos,
por ser aquilo que nos torna impuros,
conforme acaba de nos revelar,
por seu oráculo, a fala do deus!
Nesta questão me tendes aliado
ao grande deus e ao rei assassinado.
E ainda mais:
rogo aos céus, solenemente,
que o assassino, seja ele quem for,
sozinho em sua culpa, ou tenha cúmplices,
tenha uma vida amaldiçoada e má,
pela sua maldade, até o fim de seus dias.
Quanto a mim, se estiver o criminoso
em minha casa, privando comigo,
eu espero que sofra as mesmas penas
que dei para os demais.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 466

Conto convosco para que se cumpra
minha palavra,
com o respeito devido ao deus e a mim,
em nome desta terra atormentada
pela fúria divina!
Pois, mesmo que este caso não nos fosse
trazido por um deus, não deveríeis
deixar ficar a culpa sem castigo,
quando a um tão nobre homem - o vosso rei -
arrancaram a vida:
o justo era encontrardes o assassino.
E agora, que sou eu
quem maneja o poder que era de Laios,
que dele herdei o trono, o leito e a esposa
(não fora assim o seu destino truncado,
os nossos filhos com a mesma mãe
seriam outros tantos laços a ligar-nos),
eu, diante de todas estas coisas,
ponho o maior empenho nesta causa
como se fosse a do meu próprio pai,
em honra dos varões deste país,
sem deixar nada por averiguar
até encontrar a mão que derramou o seu sangue.
Quanto àquele que não me obedecer,
eu rogo aos deuses
que não lhe dêem fruto algum da terra
ou fruto de mulher
e que pereça da atual calamidade
senão de outra pior!
A todos vós, leais filhos de Tebas,
a quem pareçam justas estas coisas,
possa a Justiça, aliada nossa, e os deuses todos,
cumular para sempre se benesses!

CORIFEU

Já que invocou meu testemunho o rei,
eu falo em testemunho do que sei:
quem matou não fui eu, nem sou capaz
de apontar com o meu dedo o malfeitor!
Acho que neste caso caberia
ao próprio deus, que o pôs diante de nós,
mostrar, junto com o crime, o criminoso.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.467

ÉDIPO

Muito bem dito, mas
não cabe a nenhum homem sobre a terra
forçar um deus a algo que ele não quer...

CORIFEU

Tenho a dizer uma segunda coisa!

ÉDIPO

E se tiveres ainda uma terceira,
não percas tempo: vai logo dizendo!

CORIFEU

Autoridade por autoridade,
nosso velho Tirésias
vê tanto quanto o oráculo:
a quem rebusca estas coisas, ó rei,
ele teria muito que ensinar!

ÉDIPO

Isso também eu não deixei de lado:
por sugestão de Creonte,
mandei chamar Tirésias, duas vezes,
e estranho que ainda não tenha chegado...

CORIFEU

Há uns rumores também de que me lembro:
mais palavras ao vento...

ÉDIPO

Que rumores? Tudo isso me interessa!

CORIFEU

Diziam que uns viandantes o mataram...

ÉDIPO

Isso eu também já ouvi,
mas não há quem conheça testemunhas.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.468

CORIFEU

Se souber o que é medo, o criminoso
há de estar por aí pronto a fugir,
depois da tua terrível proclamação...

ÉDIPO

Se a alguém, o próprio ato não assusta,
não são palavras que vão assustar.

CORIFEU

Mas aí está quem pode descobrir
o criminoso:
afinal trazem o vidente iluminado!
Se algum mortal tem acesso à verdade,
é ele!

ÉDIPO

Tirésias! Tu que tudo percebes,
do mais claro ao mais denso dos mistérios
alto nos céus ou rasteiro na terra,
hás de sentir, mesmo sem poder ver,
a desgraça que assola esta cidade...
Eis, profeta, por que te procuramos
como última defesa e salvação!
O deus Apolo, a uma consulta nossa,
(se quem te foi chamar já não te disse)
nos fez saber que a única maneira
de nos livrarmos deste mal seria
desentocar os que mataram Laios
e também os matar ou desterrar.
Agora, tu: fica atento aos avisos
das aves e a quaisquer outros sinais,
e aguça os teus poderes de adivinho!
Faze-o por ti, faze-o por Tebas e por mim,
faze-o por todos que estão sofrendo
pela morte do rei!
Em tuas mão estamos,
e a mais nobre missão do ser humano
é prestar sua ajuda ao semelhante
por todos os meios ao seu alcance.

TIRÉSIAS

Deuses! Como é terrível

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P.469

o dom da sabedoria
quando não serve a quem o tem!
Eu, tão convencido disso,
nem me lembrei... Senão, eu não viria.

ÉDIPO
Por que te lamentas?

TIRÉSIAS
Deixa-me ir para casa!
Será mais fácil assim
tu carregares o teu fardo e eu o meu...

ÉDIPO
Estranha palavra,a tua:
parecerás inimigo do povo que te acolheu,
se negares resposta.

TIRÉSIAS
Vejo que falas no momento errado,
e não quero incorrer no mesmo erro.

ÉDIPO
Pelos deuses: nós todos te imploramos,
não guardes mais segredos!

TIRÉSIAS
É que vós todos de nada sabeis:
não quero revolver as minhas mágoas,
para não ter de revelar as tuas...

ÉDIPO
Então sabes e não queres falar?
Pretendes atraiçoar-nos
e destruir a nação?

TIRÉSIAS
Se o que quero é poupar-nos,
a ti e a mim,
por que me fazes perguntas vãs?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.470

ÉDIPO
Vileza das vilezas!
És capaz de enraivecer uma pedra!
Não há argumento que te dissuada?
Não falas? Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS
Só vês o erro em mim:
tu censuras a minha teimosia,
mas não percebes que a tua é maior!

ÉDIPO
Quem poderia conservar a calma
ante as palavras com que afrontas a cidade?

TIRÉSIAS
O que está por vir virá,
mesmo que eu silencie.

ÉDIPO
Mas neste caso, sabendo o que está por vir,
é tua obrigação me prevenir!

TIRÉSIAS
Nada mais tenho a dizer.
Agora, se tu quiseres, inunda teu coração
com toda a raiva que nele couber!

ÉDIPO
Precisamente! E na raiva
não guardarei o que me vem à cabeça:
a mim me parece
que tu tramaste e executaste todo o crime,
só não chegando a utilizar as próprias mãos;
não fosses cego, eu diria que a matança
foi obra tua e de mais ninguém!

TIRÉSIAS
É isso? Então ouve:
sobre a tua cabeça pende o anátema
que teus lábios lançaram!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.471

Daqui em diante
não tornes mais a me falar, nem aos presentes,
pois tu és a maldição que pesa sobre Tebas!

ÉDIPO
Tens a imprudência de me falar assim
e pensas escapar à punição?

TIRÉSIAS
Sempre escapei: eu tenho comigo a verdade.

ÉDIPO
Quem disse isso? Não seria o teu ofício...

TIRÉSIAS
Tu me constranges a falar contra a vontade.

ÉDIPO
Falar? Repete para eu entender!

TIRÉSIAS
Insiste em provocar-me? Será que não escutaste?

ÉDIPO
Não o bastante para ficar convencido.

TIRÉSIAS
Digo que tu
és o assassino do homem
cujo assassino procuras!

ÉDIPO
Segunda vez... Hás de te arrepender por isto!

TIRÉSIAS
Não queres que eu fale mais,
para mais te enraiveceres?

ÉDIPO
Como quiseres: será tudo insensatez...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 472

TIRÉSIAS

Digo que tu, sem o saberes, coabitas
com gente tua, em sórdida conscupiscência,
e nem percebes a ignomínia a que chegaste!

ÉDIPO

Pensas que vais continuar falando assim, impunemente?

TIRÉSIAS

Se algum valor tem a verdade, sim!

ÉDIPO

Tem, mas não para ti, pobre coitado:
cego dos olhos, dos ouvidos e do espírito!

TIRÉSIAS

Pobre coitado de ti! Pobre de ti,
a quem todos em breve hão de execrar
como zombando vens até aqui!

ÉDIPO

Olho de sombra sem fim:
não tens nenhum poder de malefício
contra quem pode ver a luz do dia!

TIRÉSIAS

Derrotado serás - é teu destino -
mas não por mim: Apolo bastará,
para fazer o que a um deus compete!

ÉDIPO

Invencionice tua ou de Creonte?

TIRÉSIAS

Não é a Creonte que deves temer,
mas a ti mesmo...

ÉDIPO

Ó riqueza, poder, sabedoria
- quanta inveja trazeis em vosso bojo!
Só por causa de todo este poder
que a cidade depôs em minhas mãos,
dádiva quando eu menos esperava,
Creonte, um velho amigo tão leal,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.473

lança-se de emboscada contra mim,
pronto a me derrubar, com um intrigante,
falso ledor da sorte, subornado,
que só tem olhos para o seu proveito
e em seu ofício é totalmente cego!
- Quando foi que provaste ser vidente?
Por que, quando rondava por aqui
a Esfinge, ruminando cantilenas,
nunca tiveste nem uma palavra
que devolvesse a liberdade ao povo?
O enigma pelo menos não seria
para qualquer passante desvendar:
era preciso o dom de um adivinho...
E não deste sinal de possuí-lo,
nem pelas aves, nem pelos deuses.
Eu, Édipo, sem de nada saber
logo ao chegar, fiz a Esfinge calar:
deslindei a questão pela razão,
nem foi preciso consultar teus pássaros!
E agora tu me queres afastar,
talvez apenas pensando em ficar
mais próximo do trono de Creonte?
Creio que tu e quem tramou tudo isto
ainda lamentareis o falso empenho
na purificação desta cidade...
Não parecesses tu assim tão velho,
já à tua própria custa aprenderias
aonde pode levar a felonia!

CORIFEU
Édipo,
tanto as palavras tuas como as dele
foram ditas com raiva:
não é disso que estamos carecendo,
mas sim de combinar o melhor meio
de por em prática as ordens do deus!

TIRÉSIAS
Tu és o rei, mas o direito manda
que de igual para igual eu te responda:
o que é direito, é um privilégio meu!
Não é a ti que sirvo: eu sirvo a um deus,
nunca estive a serviço de Creonte!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.474

E a ti eu digo,
já que me ofendes por minha cegueira:
os dois olhos que tens pouco adiantam,
pois não vês a miséria que te cerca
nem a casa em que vives, nem com quem...
Sabes, ao menos, de quem és nascido?
És inimigo dos teus sobre a terra
e dos que a terra cobre,
mas não sabes.
Ao duplo látego da maldição
de teu pai e de tua mãe, serás um dia
expulso do país em triste pressa;
em teus olhos, que hoje pensam ver claro,
terás então a treva irreversível!
Quando em breve atinares com o sentido
das núpcias que tivestes nesta casa,
fatal repouso após longas jornadas,
onde irão reboar os teus gemidos?
Em mais uma torrente de outros males,
dos quais nem desconfia, rolarão
teu filho e o pai deles, confundidos...
Zomba, agora, de mim e de Creonte!
Pois nenhum outro homem
jamais há de ter sido triturado
com tanta crueldade como tu!

ÉDIPO
Serão de tolerar-se tantas coisas
da parte desse homem? - Vai-te embora,
some da minha porta! Fora! Fora!

TIRÉSIAS
Eu vim aqui pela tua vontade, não pela minha...

ÉDIPO
Pois, se eu soubesse que só dirias sandices,
muito terias que esperar por meu chamado!

TIRÉSIAS
Talvez eu possa parecer-te louco,
mas teus pais sabem que tenho razão...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 475

ÉDIPO

Meus pais? -Espera! De quem eu nasci?

TIRÉSIAS

O mesmo dia que disser teu nascimento
há de marcar teu fim...

ÉDIPO

Enigmas! Sempre enigmas!

TIRÉSIAS

Então não és aquele que decifra qualquer enigma?

ÉDIPO

Escarneces de inveja do poder que me trouxe tão alto?

TIRÉSIAS

Ou da fraqueza que te levará tão baixo...

ÉDIPO

Se com ela salvei esta cidade, o resto não importa.

TIRÉSIAS

Então me vou: menino, leva-me daqui!

ÉDIPO

É bom, mesmo, que te leve:
tua presença me pesa,
quando tiveres sumido não me aborrecerás mais.

TIRÉSIAS

Vou depois de cumprir minha missão,
sem receio das tuas ameaças:
jamais me poderias destruir!
E a ti eu digo: rei,
o homem a quem tanto vinhas procurando,
com ameaças e proclamações,
mora aqui!
Passa por um estrangeiro,
mas se verá que é natural de Tebas
e essa descoberta lhe será cruel.
Cego, ele que hoje tudo vê,
mendigo, ele que hoje é rico,
rumará para alguma terra estranha

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.476

tateando os caminhos com o bastão...
E se verá que é ele, ao mesmo tempo,
filho e marido da que o pôs no mundo,
herdeiro e matador do próprio pai.
Entra e pensa bem nisso!
Se puderes provar que estou errado,
então chama-me cego!

CORO

- Quem é esse que a voz
do oráculo de Delfos
acusa de trazer
as mãos tintas de sangue
de um tão horrível crime
que nem as línguas dizem?
- É tempo de fugir
mais rápido que o vento,
pois o filho de Zeus
investe contra ele
armado de coriscos
e incendiárias flamas;
e as deusas justiceiras
também no seu encalço
já se lançam terríveis!

- Lampejou ainda agora
sobre os tetos do mundo
a palavra de ordem
a todos: que persigam
esse réu inconfesso!
- Como um touro assustado,
vai ele pela mata,
por grutas e rochedos,
no afã de ficar só
em seu mísero andar,
para a voz do destino
(a mais certa do mundo),
que sobre ele esvoaça,
não se concretizar!

- Deveras o adivinho
me veio pôr perplexo:
não creio nem descreio,
nem sei o que dizer...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0046, p. 477

- Entre um filho de Tebas
e um filho de Corinto,
que rixas caberiam?
- Nunca ouvi, nem agora
nem no tempo passado,
nenhuma testemunha
que merecesse fé
dizer alguma coisa
contra o nome de Édipo
ou contra o seu empenho
de vingar este crime
em nome dos tebanos!

- O deus Apolo vê,
bem como o deus dos deuses,
o destino dos homens;
mas um mortal como esse,
um simples adivinho,
que coisas pode ver?
- Pode uma inteligência
brilhar mais do que outra;
mas eu, sem antes ver
confirmada a denúncia,
não iria apoiar
esses que acusam Édipo!
- Num caso não há dúvida:
quando a Esfinge atacava,
ele provou ser sábio
e amigo da cidade!
- Assim meu coração,
sem ter provas, se exime
de lhe imputar um crime.

CREONTE

Povo de Tebas!
Tendo chegado ao meu conhecimento
que o rei Édipo fez
acusações pesadas contra mim,
eu venho aqui para fazer sentir
a minha mais total indignação:
se, em meio à presente calamidade,
ele pensa que eu lhe fiz algum mal
por atos ou palavras
(e como isso me dói!),

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 478

não hei de viver todos os meus dias
com a suspeita dessa aleivosia!
O gume dessa infâmia
não me fere num ponto unicamente:
é do mais amplo alcance,
me expondo a carregar perante vós,
amigos meus, meu povo,
a pecha de traidor!

CORIFEU

Talvez lhe tenha escapado essa ofensa
em hora de tensão, de grande raiva,
jamais do fundo do seu coração...

CREONTE

Ele não disse que eu induzi o adivinho a espalhar falsidades?

CORIFEU

Muitas coisas foram ditas; com que sentido, não sei...

CREONTE

E isso foi assacado contra mim
com o olhar firme e firme o pensamento?

CORIFEU

Não sei: não olho o que meus amos fazem.

ÉDIPO

Ah! estás aí? Pois tens o atrevimento
de vir à casa onde matas o dono
ver a coroa que esperas roubar?
Vamos, em nome dos deuses confessa:
covardia ou inépcia viste em mim
que te animasse a tramar esse golpe?
Julgaste que eu, ingênuo, não veria
no escuro a cobra preparando o bote?
Ou que, vendo-a não me defenderia?
Não serás tu o ingênuo, pretendendo,
sem servidores e amigos, um trono
que com força e riqueza se conquista?

CREONTE

Ouve-me agora: é uma resposta franca,
para que julgues com discernimento...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 479

ÉDIPO
Tens muita habilidade no falar,
mas tuas falas cheias de veneno
só me dirão do mesquinho inimigo que tu és.

CREONTE
Primeiro escuta os argumentos meus!

ÉDIPO
Só não me digas que não és um pérfido.

CREONTE
Se pensas que a arrogância sem sentido
é uma vantagem, estás enganado.

ÉDIPO
Se pensas que fazer mal a um parente
não tem castigo, enganado estás tu!

CREONTE
Perfeitamente, concordo. Agora, explica:
que mal é esse que imaginas que eu te fiz?

ÉDIPO
Mandar chamar aqui esse adivinho, não foi idéia tua?

CREONTE
E eu insisto na mesma sugestão.

ÉDIPO
Há quanto tempo Laios...

CREONTE
Laios?... Não vejo aonde queres chegar.

ÉDIPO
Há quanto tempo Laios sucumbiu na emboscada fatal?

CREONTE
São anos que se perdem no passado...

ÉDIPO
Naquele tempo o adivinho já exercia o ofício?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.480

CREONTE
Já. E tão respeitado como agora.

ÉDIPO
E quanto a mim, naquela ocasião,
ele não fez nenhuma referência?

CREONTE
Não. Pelo menos, em minha presença...

ÉDIPO
E sobre o crime não se fez uma investigação?

CREONTE
Fez-se. Porém não se descobriu nada.

ÉDIPO
E esse adivinho, tão sábio,
não soube dizer nada nessa hora?

CREONTE
Não sei. Quando não sei, eu silencio.

ÉDIPO
Mas de uma coisa tu sabes,
e vais falar, pois é o que te convém...

CREONTE
O quê? Sabendo, eu não direi que não.

ÉDIPO
Sem instigação tua, o adivinho
iria agora dizer que eu matei Laios?

CREONTE
O que ele disse e ouviste é outro assunto...
Mas, já que me interrogas,
também quero fazer-te umas perguntas...

ÉDIPO
Escuta: desse sangue derramado
eu jamais poderei ser acusado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 481

CREONTE

Escuta: tu não desposaste minha irmã?

ÉDIPO

Sim. Não há o que negar.

CREONTE

Reinas com ela em termos de igualdade?

ÉDIPO

De mim ela tem tudo que deseja.

CREONTE

E não sou junto aos dois, igualado,
a terceira pessoa deste Estado?

ÉDIPO

Isso torna mais vil tua traição!

CREONTE

Não há tal coisa: basta analisares,
como analiso, esta situação!
Primeiro: achas que alguém preferiria
reinar, cercado de preocupações,
em vez de ter a sua vida em paz
com os mesmos poderes?
Eu não experimento
necessidade alguma de ser rei,
se tenho já todas as regalias
que um rei poderá ter:
e que mais pode um homem desejar?
Eu tenho tudo quanto tens de bom,
sem ter nada com que me preocupar;
quanta coisa eu teria de fazer
a contragosto, se estivesse em teu lugar!
Como, então, poderia a realeza
ser para mim melhor do que o poder
sem atribulações?
Dos outros eu não quero as honrarias,
só quero aquilo que me dá prazer...
Onde estou, todos me cumprimentam,
me fazem votos de felicidade;
quando têm algo a resolver contigo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 482

falam antes comigo e em mim confiam...
Por que trocaria eu minha vida pela tua?
Não conspira, quem nada ambiciona.
Demais, não aprecio esta política;
e se alguém começar com essas coisas,
perderá tempo se esperar por mim...
Se queres uma prova, vai a Delfos
e vê se eu não te trouxe exatamente
as palavras do oráculo divino!
Depois, se descobrires que eu tramei
alguma coisa com esse adivinho,
condena-me à prisão e à morte mesmo:
não por mera suspeita e prepotência,
mas por dupla sentença - tua e minha!
Tão errado é sem provas absolver
como é errado sem provas condenar...
Afastar um amigo
é como escorraçar a própria vida,
bem que tanto se preza.
Mas só com o tempo hás de compreender isto:
só o tempo mostra a bondade de um homem...
Já a maldade se vê no mesmo instante!

CORIFEU
São palavras bastante ponderadas,
de quem caminha e não quer tropeçar.

CORO
Há sempre grande perigo num julgamento apressado...

ÉDIPO
Quando o conspirador avança rápido,
eu tenho de ser rápido também:
se eu ficar esperando, aumenta o risco
ele triunfa e eu sou derrotado.

CREONTE
Que tens em mente, para mim? Desterro?

ÉDIPO
Ou enterro - para mostrar bem claro
a coisa perigosa que é a inveja!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.483

CREONTE
Falas como quem já está resolvido
a não ceder e a não acreditar?

ÉDIPO
Ainda não me convences de que mereces crédito...

CREONTE
Não estás sendo justo!

ÉDIPO
Justo para comigo, eu sei que sou.

CREONTE
E por que também não para comigo?

ÉDIPO
Não: tu és falso!

CREONTE
E se estiveres fora do juízo?

ÉDIPO
Um rei é para reinar!

CREONTE
Mas não quando reina mal!

ÉDIPO
Escutai-o, meu povo!

CREONTE
Teu povo? Meu, também!

CORIFEU
Parai com isso, príncipes! Já vejo
em boa hora sair do palácio
a rainha Jocasta: ela é capaz
de convencer-nos a fazer as pazes...

JOCASTA
Insensatos! Por que vos desgastais
nessa mesquinha troca de palavras?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048(P.484

Não vos vexais de vossas miudezas
quando o país está sofrendo tanto?
- Entra, meu rei! -E tu, Creonte, vai-te
para os teus aposentos: não é hora
de se dar curso a motivos menores.

CREONTE
Mas, minha irmã, Édipo, teu senhor,
quer que eu escolha:
ou o desterro, como indesejável,
ou a morte, como conspirador!

ÉDIPO
Certo, senhora: eu o peguei tramando
perfidamente contra a minha vida!

CREONTE
Que caia sobre mim a maldição de Zeus,
se fiz alguma coisa do que dizes!

JOCASTA
Édipo, pelo amor dos deuses, acredita:
primeiro pelo juramento que ele fez,
depois por mim... e pela gente aqui reunida!

CORO
Nós te imploramos, ó rei:
escuta, pensa, consente!

ÉDIPO
Que favor, afinal, quereis de mim?

CORO
Respeita a quem jamais fez má figura
e traz agora a força de uma jura!

ÉDIPO
Tendes noção do que me estais pedindo?

CORO
Sim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.485

ÉDIPO

Formalizai então vosso pedido!

CORO

Não condenes sem provas um amigo que jurou!

ÉDIPO

Mas ficai certos de que, com esse pedido,
me condenais a mim ao desterro ou à morte...

CORO

Não! - Pelo guia das hostes celestes!
Pelo Sol: não! - Sem bençãos, sem amigos, morra eu
no maior desespero,
se tive essa intenção!
Mas. ante o mal que assola esta cidade,
duplica o peso do meu sofrimento,
se o ódio entre dois príncipes
ameaça coroar nossa aflição...

ÉDIPO

Eu o deixo partir, certo de estar
me condenando à morte ou ao desterro...
Não por ele: por vós é que consinto!
Aonde ele vá, meu ódio o seguirá.

CREONTE

Tu te mostras tão rude no perdão
como nas horas de maior furor:
mas os temperamentos como o teu
ferem, mais do que aos outros, a quem os tem!

ÉDIPO

Tu, por que não te vais? Deixa-me em paz!

CREONTE

Irei injustiçado por ti,
mas não por eles

CORO

Entrai, senhora, e levai vosso homem
sem mais tardança!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.486

JOCASTA
Só depois de saber o que ocorreu.

CORO
Cegas suspeitas, palavras duras à toa
e a ofensa sem razão mas que magoa...

JOCASTA
De parte a parte?

CORO
Dos dois.

JOCASTA
Com que argumento?

CORO
Creio que basta: sofre o país inteiro,
vamos deixar o assunto como está!

ÉDIPO
Então, percebeis bem o que fizestes,
afrouxando e embotando o meu cuidado,
mesmo com a melhor das intenções?

CORO
Mais de uma vez já disse isto, majestade:
- Seria prova de loucura e leviandade
por-te de lado: tu, que ao meu país amado
deste bom rumo em hora de dificuldade,
tu, que na certa provarás também agora
seres o guia verdadeiro da cidade!

JOCASTA
A mim também, meu rei: explica, pelos deuses,
qual o motivo que tanto te enfureceu!

ÉDIPO
Senhora, explico - pois te considero
mais do que aos outros todos: o motivo
é a trama de Creonte contra mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.487

JOCASTA

Que trama? Como foi que começou?

ÉDIPO

Ele me acusa da morte de Laios.

JOCASTA

Fala por ele ou por ouvir dizer?

ÉDIPO

Tomou como porta-voz um adivinho venal...
Ele é bastante sagaz para se comprometer.

JOCASTA

Então estás acima de qualquer suspeita:
não há pessoa alguma deste mundo
que prediga o futuro de ninguém!
- Eu digo e provo! - Laios recebeu
certa vez um oráculo (não era
do próprio deus, porém dos sacerdotes)
dizendo que ele estava destinado
a morrer pela mão do próprio filho,
dele e meu... Ora, Laios, ao que consta,
foi morto um dia por salteadores
em uma encruzilhada
onde se encontram três grandes estradas.
Nosso filho, aos três dias de nascido,
Laios mandou alguém abandoná-lo
na parte mais deserta da montanha,
os tornozelos presos por um grampo:
o deus Apolo assim ficou sem meios
de fazer com que Laios terminasse
assassinado pelo próprio filho,
coisa de que ele mais tinha pavor.
E são assim todas as profecias...
Não te inquietes! Quando um deus tiver
algo de muito importante a dizer,
ele sozinho se fará entender!

ÉDIPO

Que deslembranças, que desassossego
em minha alma, rainha, ao te escutar...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.488

JOCASTA
Que angústia, mais, é essa?

ÉDIPO
Tu não disseste que Laios foi morto
onde se encontram três grandes estradas?

JOCASTA
Era essa a versão, ainda corrente.

ÉDIPO
E em que lugar foi isso?

JOCASTA
Foi onde se bifurcam as estradas de Delfos e de Dáulia.

ÉDIPO
Há quanto tempo?

JOCASTA
A notícia chegou a esta cidade
pouco antes de estares no poder.

ÉDIPO
Zeus, o que foi que me reservastes?

JOCASTA
Édipo, também isso te atormenta?

ÉDIPO
Não perguntes! Que idade Laios tinha? Como era ele?

JOCASTA
Ele era alto.
na cabeleira uns fiapos de prata...
Pouca coisa diferente de ti.

ÉDIPO
Pobre de mim! Afinal eu lancei
terríveis maldições contra mim mesmo!

JOCASTA
Que estás dizendo, meu rei? Tu me assustas!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 489

ÉDIPO

Pressentimento horrível: o adivinho
talvez visse, de fato... Dize, ainda,
para me esclarecer, mais uma coisa!

JOCASTA

Estou tremendo, mas responderei a tudo.

ÉDIPO

Ele viajava com pequena escolta
ou, como um chefe, com grande aparato?

JOCASTA

Eram ao todo cinco, incluindo o arauto;
Laios ia em um carro.

ÉDIPO

Ah! tudo claro como a luz do dia...
- Rainha, quem trouxe a notícia a Tebas?

JOCASTA

Um servo, o único sobrevivente.

ÉDIPO

Está ele na casa, a esta hora?

JOCASTA

Não. Pouco tempo depois,
quando ele te viu no trono de Laios,
suplicou, segurando a minha mão,
que eu o deixasse ficar pelo campo,
nas pastagens do gado,
onde não visse mais esta cidade...
E eu concordei: era bom, merecia
até um favor maior do que pedia.

ÉDIPO

Podes mandar buscá-lo, depressa?

JOCASTA

Posso... Mas, para que isso?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.490

ÉDIPO
Soltei a língua mais do que convinha...
Rainha, eu preciso ver esse homem!

JOCASTA
Ele virá!... E eu, não posso saber o quanto aflige meu rei?

ÉDIPO
Sim, não tenho segredos para ti.
Quando tão longe vão os meus temores,
quem me importa de fato mais que tu?
Com quem mais poderei eu, neste transe,
abrir as arcas do meu coração?
Escuta!
Meu pai é o rei Políbio, de Corinto;
e minha mãe é Mérope, de Dória.
Eu desfrutava o mais alto prestígio,
até se dar um caso, tão estranho
que nem devia preocupar-me tanto:
num banquete, um conviva, embriagado,
lançou-me em rosto, ao levantar um brinde,
que eu não era filho de meus pais...
Eu custei a aguentar aquele dia,
depois interpelei o pai e a mãe:
os dois se enfureceram contra o homem
que deixara escapar aquela afronta
e a reação dos dois me aliviou,
mas no meu íntimo ficou aquilo
a se alastrar em mim cada vez mais...
E eu, sem nada dizer ao pai e à mãe,
fui a Delfos. Lá, sem me responder,
o deus me disse uma porção de coisas
cheias de dor, de tragédia e de luto:
disse até que eu estava destinado
a ir para cama com minha mãe,
que teria uma prole abominável,
e que seria o assassino daquele
que me gerou. Eu, quando escutei isso,
decidi ir para longe de Corinto,
seguindo sempre o rumo das estrelas
em minha fuga para algum lugar
onde jamais pudesse ver cumpridas
as infâmias que me eram sugeridas...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 491

Meu caminho levou-me a esse local
onde dizes que o rei Laios foi morto.
Senhora, eu te direi toda a verdade:
quando eu ia chegando ao cruzamento
das três estradas, topei pela frente
um arauto e, sobre uma viatura
puxada por dois potros, um varão
como o que descreveste. O que ia à frente
e o próprio velho queriam por força
que eu me arredasse: eu, tomado de raiva,
ataquei o que estava me empurrando,
o guia... O homem de cima do carro
esperou o momento em que eu passava
e me deu na cabeça uma pancada
com todo o peso do aguilhão dobrado.
Foi pago em dobro: um golpe de cajado,
com esta mão, e ele rolou por terra,
de costas... Matei-os todos!
Se relação existe entre esse estranho
e Laios, quem será mais desgraçado
do que este que te fala nesta hora?
Quem será tão malquisto pelos céus?
A quem ninguém, da cidade ou de fora,
tem permissão de receber em casa;
de quem ninguém se pode aproximar,
alguém a ser repelido por todos...
E todas estas coisas contra mim
terem sido por mim determinadas!
- Pensa: eu tocar a esposa desse rei
com estas mesmas mãos com que o matei?
Dize: não sou um perdido?
Dize: não sou o imundo dos imundos?
E pensar que serei desterrado de Tebas
e não posso rever a minha própria gente,
nem por os pés outra vez em Corinto
sem o risco de dormir com minha mãe
e assassinar meu pai - o bom Políbio
que me gerou e fez de mim um homem!
Que impiedoso deus atirou contra mim
esta maldição?
- Bons deuses, arrancai-me de entre os homens
antes que eu veja sobre mim veja abater-se
o peso de tamanha ignomínia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.492

CORIFEU

Também a nós assustam essas coisas,
ó rei! Agora, espera vir depor
o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO

É a esperança que me vale: vir de longe esse pastor...

JOCASTA

Que esperas saber dele?

ÉDIPO

Se a história dele combina com a que contas,
estou isento de culpa...

JOCASTA

Que houve de especial em tudo que te contei?

ÉDIPO

Na tua história, o pastor disse que
Laios foi morto por salteadores.
Se confirmar que eram vários, não um,
não terei sido eu quem o matou:
não se confunde um homem com um bando...
Mas se disser que era um homem sozinho,
então será o elo que está faltando
para firmar minha condenação!

JOCASTA

Pois fica certo de que foi assim
a primeira versão!
Não vai mudá-la agora,
porque não foi ouvida só por mim...
Mesmo que o pastor conte outra história,
não provará que a morte de Laios
combina com o oráculo: o deus disse
expressamente que ele morreria
às mãos do filho - e esse filho, coitado,
morreu sem ter feito mal a ninguém!
Profecias?... Por mim, não olho mais
de um lado e outro,
à cata de sinais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. ∞48, p.493

ÉDIPO

Tens razão. Mas preciso ver este pastor...
Manda trazê-lo aqui!

JOCASTA

Agora mesmo! Vem: vamos entrar!
Faço o que posso, para te agradar.

CORO

Permita-me o destino
guardar minha pureza
em tudo o que digo
e em tudo quanto faço,
cumprindo as altas leis
que nos descem dos céus
- não leis feitas por homens:
leis contra as quais não possa
nem mesmo o esquecimento,
leis que façam valer
o divino poder!

- Do ventre da insolência
é nascido o tirano:
quando ela se vê cheia
de tanta vaziez,
escala o precipício
para tomar o trono
e dele não sai mais
pela própria vontade...
- O que aos deuses imploro
é que, em vez de tudo isso,
batam-se os patriotas
pelo bem do meu povo!
- E espero ter comigo
a proteção divina!

- Mas aquele que peca
em atos ou palavras,
sem temor da justiça
nem reverência aos deuses,
tomara que o destino
logo acabe com ele,
com todo o seu orgulho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 494

e o seu atrevimento
de pôr as mãos imundas
no que não lhe pertence
e agir em sacrilégio!
- Depois de crimes tais,
quem poderá gabar-se
de afastar de sua alma
as setas da vingança?
- Se a tais atos se rendem
pomposas homenagens,
para que, por exemplo,
cantos sacros num templo?

- Não mais irei a Delfos,
venerável umbigo
da Terra; nem a Abas,
ver o seu santuário;
nem ao templo de Olímpia,
se não houver repulsa
de todas as criaturas
a tantas heresias!
- Zeus, ó deus poderoso,
que comandas o mundo,
se forem verdadeiros
os mandamentos teus,
não escape tal crime
ao teu poder eterno
sobre todas as coisas!
- Agora já se diz
que a profecia é nula,
e ao deus Apolo
não redem devoção...
- Vai-se a religião!

JOCASTA

Nobres de minha terra! Tive a inspiração
de visitar os altares dos deuses,
levando nas mãos um ramo de flores
e oferendas de incenso. O grande Édipo
deixa-se conturbar em demasia
com alarmas de múltiplas espécies
e nem compara segundo a prudência,
os fatos novos com os de antigamente:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.495

fica assim à mercê de quem lhe traga
a palavra mais trágica.
- Eu, vendo que já não resultam mais
minhas ponderações, recorro a ti,
Apolo, o deus mais próximo de nós,
a suplicar que tu nos alivies
e nos libertes de toda impureza!
Como a tripulação de um barco ao ver
o timoneiro embriagado ao leme,
o povo inteiro geme apavorado!

EMISSÁRIO
Posso saber dos senhores aqui
onde mora o rei Édipo? Ou, senão,
em que lugar estará ele agora?

CORIFEU
O rei está no palácio
e esta senhora é mãe dos filhos dele.

EMISSÁRIO
Que ela seja feliz, numa casa feliz
- rainha abençoada de um homem tão ilustre!

JOCASTA
As mesmas bênçãos eu desejo a ti,
por esta alegre saudação. - Que queres?

EMISSÁRIO
Sou de Corinto. A mensagem que trago
por certo vos dará muita alegria
e, talvez, um pouquinho de tristeza...

JOCASTA
Me alegra e me entristece: que será?

EMISSÁRIO
O nosso povo quer fazer de Édipo
o rei de todo o Istmo,
ao que consta por lá.

JOCASTA
Mas como? O velho Políbio
não está mais no poder?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 596

EMISSÁRIO

Não... Em verdade, a morte o acolheu.

JOCASTA

Que estás dizendo? Morto, o pai de Édipo?

EMISSÁRIO

Se minto, então que o morto seja eu!

JOCASTA

Aia! vai já dizer ao teu senhor!
- E os divinos oráculos, onde estão agora?
Políbio era o homem de quem Édipo
fugiu por tanto tempo,
com o pavor de vir a assassiná-lo...
E agora ele está morto
sem que Édipo ao menos o tocasse!

ÉDIPO

Jocasta, minha rainha,
tu me mandaste chamar?

JOCASTA

Ouve este homem
e vê como terminam as terríveis profecias!

ÉDIPO

Quem é? Que notícias traz?

JOCASTA

É de Corinto: diz que o rei Políbio,
teu pai, está morto... Morto!

ÉDIPO

Como, estrangeiro? Conta-me tu!

EMISSÁRIO

Se é necessário repetir: o rei Políbio
está morto e já debaixo da terra.

ÉDIPO

Doença ou traição?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.497

EMISSÁRIO

Quando a idade é avançada, a menor brisa
leva a pessoa ao último repouso...

ÉDIPO

Foi de doença, então, que ele morreu?

EMISSÁRIO

Foi, e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO

Então! Então!... Mulher, por que temer
oráculos de Delfos, ou os pássaros
com seus gritos sobre nossas cabeças,
que me predestinavam a assassinar meu pai?
Ele está morto,
já debaixo da terra... e eu nem sequer
pus a mão numa lança! (Salvo, enfim,
se ele morreu de saudades de mim,
único caso em que seria eu
quem o levou a morte...) -As profecias,
como Políbio, estão mortas!

JOCASTA

Não é o que eu há tanto tempo te dizia?

ÉDIPO

Mas eu estava surdo pelo medo...

JOCASTA

Agora,vamos: esquece tudo isso
e acalma teu coração!

ÉDIPO

Não deveria eu temer ainda
dormir com minha mãe?

JOCASTA

Que tem a temer um homem, fraco joguete da sorte,
que do próprio futuro nada sabe?
Melhor é ir vivendo a vida....
Não tenhas medo da cama de tua mãe:
quantas vezes em sonho um homem dorme

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P498

com a mãe! É bem mais fácil a vida
para quem dessas coisas não cogita.

ÉDIPO
Em tudo isso... quisera acreditar,
mas eu, enquanto ela viver, hei de ter medo.

JOCASTA
A morte de teu pai
já é um ponto de luz na escuridão...

ÉDIPO
Enquanto ela estiver viva,
eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO
Quem é essa mulher
que te faz assim temer?

ÉDIPO
É Mérope, a esposa de Políbio!

EMISSÁRIO
Que tem ela, para a temeres tanto?

ÉDIPO
Um desígnio terrível
que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO
Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO
Não é segredo: foi profetizado
que eu dormiria com minha mãe
e mataria meu pai...
Daí, Corinto passou a ser para mim
um lugar de onde preciso estar longe.
Sou feliz, mas me falta essa doçura
que é ver os meus e estar em meu país.

EMISSÁRIO
Tu, então, por medo disso, te condenaste ao degredo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P499

ÉDIPO
Decerto: eu não queria
tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO
Já que eu te vim trazer boas notícias,
vou-te livrar também dessa agonia.

ÉDIPO
Se o conseguires, terás grande recompensa!

EMISSÁRIO
Pensando nela, eu vim:
para que, de volta à pátria,
não te esquecesses de mim.

ÉDIPO
Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO
Ó filho, bem vejo que não sabes o que fazes...

ÉDIPO
Como, ancião? Explica, pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO
Se é todo esse o teu receio de voltar...

ÉDIPO
Eu tenho medo de que a predição divina
se transforme em verdade.

EMISSÁRIO
Com o mal que farias a teus pais?

ÉDIPO
É só o que me constrage.

EMISSÁRIO
Pois então fica sabendo
que te constranges em vão!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.500

ÉDIPO
Como "em vão", se sou eu o filho deles?

EMISSÁRIO
Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO
Que estás dizendo? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO
Ele é tanto teu pai, quanto eu....

ÉDIPO
Políbio é tanto meu pai como um estranho qualquer?

EMISSÁRIO
Quem te gerou não fui eu,
mas não foi ele tampouco...

ÉDIPO
Mas ele sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO
De minhas mãos ele te recebeu,
como um presente meu.

ÉDIPO
E como poderia amar tanto o filho de outro?

EMISSÁRIO
Decerto por não ter filhos...

ÉDIPO
Mas, se também não sou teu filho,
tu me achaste
ou me compraste de alguém?

EMISSÁRIO
Eu te encontrei, numa várzea do Citerão.

ÉDIPO
Que fazias por lá?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 301

EMISSÁRIO
Pastoreava um rebanho montês.

ÉDIPO
E eras um pastor qualquer,
andarilho de aluguel!

EMISSÁRIO
Era. Mas, naquela hora,
fui eu que te tratei...

ÉDIPO
Tu me trataste, como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO
Queres saber? Olha teus tornozelos!

ÉDIPO
Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO
O grampo que te prendia os dois pés,
fui eu que o removi!

ÉDIPO
Desde menino esta cicatriz me acompanha...

EMISSÁRIO
Por isso te chamas Édipo - o de pés inchados!

ÉDIPO
Mas, pelos deuses: foi meu pai ou minha mãe
que me maltratou assim?

EMISSÁRIO
Não sei... Talvez possa dizer melhor
o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO
Então me recebeste de um terceiro?
Não me achaste sozinho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 502

EMISSÁRIO
Não: tu me foste entregue
por um outro pastor.

ÉDIPO
Quem era ele? Sabes quem era ele?

EMISSÁRIO
Se não me engano, era gente de Laios...

ÉDIPO
Laios, o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO
Esse mesmo! O pastor servia ao rei.

ÉDIPO
E estará ele vivo ainda, para eu vê-lo?

EMISSÁRIO
Teu povo há de saber melhor que eu...

ÉDIPO
Conhece algum dos presentes
o pastor de que ele fala?
Alguém o teria visto
pelo campo ou na cidade?
Respondam! - Chegou a hora
de tudo se esclarecer!

CORIFEU
Ele parece falar da pessoa
que estavas tão aflito para ver,
mas a rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO
Senhora, tu conheces o pastor
a quem ele se refere?

JOCASTA
Não faço idéia de quem ele fala.
Esquece isso!
Para que dar ouvido

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 503

a tanto palavrório sem sentido?
Esquece isso!

ÉDIPO
Hei de seguir a trilha até o fim:
eu não posso deixar de esclarecer
o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA
Pelos deuses! Se tens amor à vida,
põe fim a essa busca! Eu não suporto mais!

ÉDIPO
Ânimo!... Mesmo que eu venha a saber
que sou filho de escravo, escravo ao cubo,
já de três gerações - a honra tua,
tua linhagem, nada perderá!

JOCASTA
Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO
Não posso. Eu tenho que saber toda a verdade!

JOCASTA
Peço por ti! Peço pelo teu bem!

ÉDIPO
Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA
Pobre de ti!... - Que nunca descubras quem és!

ÉDIPO
Vá alguém buscar o tal pastor!
E desfrute esta mulher
toda a nobre linhagem que tiver!

JOCASTA
Desgraçado! - é a minha última palavra,
para sempre...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.504

CORIFEU

Édipo, tua esposa foi-se embora
como tocada de profunda mágoa:
por quê? - Nessa mortal tranquilidade,
receio que se forme a tempestade...

ÉDIPO

Que venha a tempestade!... Eu insisto
em saber minha origem, por mais baixa
que seja... Talvez ela, em seu orgulho,
despreze meu humilde nascimento;
mas eu, que sinto em mim um favorito
da fortuna, que esparge as sementes do bem,
desconheço qualquer humilhação!
Eu sou filho da sorte, irmão das luas;
seja no esplendor ou na miséria,
eu tenho a companhia das estrelas!
Nascido assim, não quero
ser outro que não eu
- e saberei quem sou!

CORO

- Se o dom de pressentir
é certo, entre meus erros,
se algum saber eu tenho,
ó Citerão - eu juro
que amanhã provarás
à luz da lua cheia
a glória que te assiste
como berço de Édipo!
- Nossos cantos e danças
hão de te festejar
pelo bem que fizeste
a esta casa real!
- E que a celebração
possa, ó deuses, crescer
em vossa aceitação!
- Qual dentre as imortais
te trouxe a este mundo,
criança, em longas núpcias
com Pã, deus das montanhas?
- Ou acaso és nascido
de uma noiva de Apolo,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.505

deus a quem tanto agradam
as mais altas pastagens?
- Ou o deus dos mistérios,
ou Baco, deus do vinho,
foi quem te recebeu
das mãos de uma das ninfas,
uma alegria a mais
no recanto das musas
onde ele vai brincar!

ÉDIPO

Senhores! eu, embora não tivesse
visto jamais o homem que buscamos,
tenho a impressão de o estar vendo agora!
- Seu aspecto acabado corresponde
à idade que o pastor devia ter.
Por outro lado, estou reconhecendo
os que o trazem: são servidores meus!
Vós, entretanto, que em dias passados
talvez tivésseis visto ou conhecido
esse pastor, confirmareis ou não
minha suposição.

CORIFEU

Lembro-me dele: é da casa de Laios,
simples pastor, porém muito leal!

ÉDIPO

A ti, que és de Corinto, eu te pergunto
em primeiro lugar: -É este, o homem?

EMISSÁRIO

É ele!

ÉDIPO

Agora, velho, olha bem para mim
e me responde: acaso pertenceste,
em qualquer tempo, à casa do rei Laios?

PASTOR

Eu fui escravo dele, desde que nasci.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 506

ÉDIPO
E que fazias? Qual era a tua função?

PASTOR
As mais das vezes, fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO
E a que pastagens costumavas ir?

PASTOR
Eu ia muito ao Citerão e redondezas...

ÉDIPO
Então por lá conheceste esse homem?

PASTOR
Como? Qual homem? Que queres dizer?

ÉDIPO
Este! Tu já não o encontraste antes?

PASTOR
Assim, de pronto, não chego a lembrar...

EMISSÁRIO
Não admira, senhor! - Mas a lembrança se aviva:
há de lembrar-se, com toda a certeza,
de quando, ele tangendo dois rebanhos
e eu um, andamos pelo Citerão
três longas temporadas,
do outono à primavera, aproveitando o frio;
então eu ia com minhas ovelhas
para casa e ele conduzia as dele
para os redis de Laios... Tudo isto
que estou dizendo, foi verdade ou não?

PASTOR
Verdade, sim... mas foi há muito tempo, muito tempo!

EMISSÁRIO
Recordas que naquela ocasião
me confiaste um menino de colo,
para eu criar como filho?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.507

PASTOR
E agora? A que vem esta pergunta?

EMISSÁRIO
O menino que um dia me entregaste
é esse homem que está na tua frente!

PASTOR
Maldito sejas!
Cala-te, de uma vez por todas.

ÉDIPO
Cuidado, velho! Não te zangues com ele!
Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR
Mas, ó rei, o que foi que eu fiz?

ÉDIPO
Não respondeste ao que ele perguntou
sobre o menino...

PASTOR
Ele não sabe o que está dizendo!

ÉDIPO
Se não falas por bem, hás de falar por mal!

PASTOR
Não! Pelos deuses, tem pena de um pobre velho!

ÉDIPO
Peguem-no! Amarrem-lhe as mãos!

PASTOR
E agora, o que foi que eu fiz?
Que mais queres saber?

ÉDIPO
Entregaste a esse homem a criança,
conforme ele pergunta?

PASTOR
Entreguei... -Quem me dera ter morrido naquele mesmo dia!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.508

ÉDIPO
Morrerás hoje, se não disseres a verdade.

PASTOR
Se disser, estarei duas vezes perdido...

ÉDIPO
Se esperas ganhar tempo, já verás!

PASTOR
Não: eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO
E onde arranjaste o menino:
em tua casa ou em outra?

PASTOR
Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO
De que família? De algum destes cidadãos?

PASTOR
Senhor, pelo amor dos deuses,
não me perguntes mais nada!

ÉDIPO
Se eu precisar repetir a pergunta,
podes considerar-te um homem morto!

PASTOR
Era criança da casa de Laios...

ÉDIPO
Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR
Pobre menino! Dependo do que eu disser...

ÉDIPO
E eu, do que ouvir... Mas quero saber: fala!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.509

PASTOR
Então fica sabendo que o menino
diziam ser filho do próprio rei:
tua esposa, lá dentro do palácio,
talvez possa explicar melhor que eu...

ÉDIPO
Ela?
Quem te entregou o menino, foi ela?

PASTOR
Foi, majestade.

ÉDIPO
E para quê?

PASTOR
Para eu matá-lo.

ÉDIPO
A amaldiçoada fez isso com o próprio filho?

PASTOR
Medo de uma terrível profecia...

ÉDIPO
Que profecia?

PASTOR
O menino matar o próprio pai.

ÉDIPO
Então, por que o entregaste a ele?

PASTOR
Senhor, tive pena!
Pedi àquele homem que o levasse
para a cidade dele... Agora vejo
que o reservou para a pior das sinas:
pois se tu és em verdade aquela criança,
nasceste para ser muito infeliz!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 510

ÉDIPO

Horror! Horror! Horror!
Tudo verdade!
Luz do dia, eu não quero mais te ver!
Filho maldito... marido maldito...
maldito assassino do próprio pai!

CORO

- Ó gerações humanas,
para mim vossas vidas
são passagens de sombras!
- Quem será tão feliz
a ponto de lograr
dar senão a impressão
de uma felicidade,
antes do fim de tudo?
- Édipo, o teu destino,
destino de amargura,
não me deixa dizer
que haja felicidade
para a humana criatura!

- Apontou sua seta
para o alvo mais alto
e arrebatou o prêmio
da mais alta riqueza!
- Em seguida ao triunfo
sobre a lúgubre Esfinge,
o seu vulto cresceu
feito uma fortaleza
em defesa de Tebas,
contra as fúrias da morte...
- Por tudo isso, Édipo,
nós te aclamamos rei
e esta grande cidade
tão claras homenagens
submissa te rendeu
durante o teu império!

- Hoje, entretanto, quem
será mais desgraçado,
pelas vozes que correm?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.511

- Nos reveses da vida,
quem é, mais do que tu,
comparsa da amargura
e da infelicidade?
- Ah, Édipo famoso,
ao leito nupcial
de onde saíste filho,
voltaste como esposo...
- Ah, como pôde o chão
que teu pai semeou,
tanto tempo em silêncio
acolher o teu grão?

- O tempo, que tudo vê,
viu também tua culpa
a despeito de ti,
e ele condena agora
o infamante conúbio
a igualar filho e pai
tão prolongadamente...
- Triste filho de Laios,
quem dera não te haver
conhecido jamais!
- É como se, por mim,
gemesse a voz do morto:
"A dizer a verdade,
deste-me nova vida;
mas, por teu intermédio,
só trevas têm lugar
de novo em meu olhar!"

ARAUTO

Vós, que tanto respeito mereceis
neste país, ainda mais chorareis
pelas coisas que haveis de ver e ouvir,
se, como patriotas bem nascidos,
ainda prezais a nossa dinastia!
As águas dos rios todos da terra
talvez não bastem para lavar a imundície
desta casa - tamanhos são os males
já mostrados e os mais que há de mostrar,
premeditados, não ocasionais...
Quem se fere a si mesmo, sofre mais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.512

CORIFEU

O que sabemos já nos dá muito a chorar.
Que novas catástrofes anuncias?

ARAUTO

É breve o que ides ouvir
e breve o que eu vou dizer:
nossa rainha Jocasta está morta!

CORIFEU

Pobre mulher! - Como se deu a morte?

ARAUTO

Por suas próprias mãos... O horror do quadro,
a vós, que o não vistes, será poupado;
mas eu, que o vi, dele não posso me esquecer!
Desesperada ela entrou no vestíbulo
e correu para a alcova nupcial,
as duas mãos arrancando os cabelos;
bateu a porta atrás de si, com força.
Gritava - "Laios!" - chamando o marido
há tanto tempo morto, mas pensando
no filho que matou o próprio pai
e que da mãe teve monstruosamente
uma prole de infelizes...
Gemia contra o leito nupcial
onde, coitada, havia concebido
filhos do filho e era mãe do marido.
Como afinal morreu, não sei dizer:
entrou Édipo aos gritos, e vós, vendo-o
ir de um lado para outro, não chegamos
a observar a rainha até o fim.
Ele pedia uma espada e bradava:
- "Onde está minha esposa, que não é
esposa alguma, é um útero danado
que me pariu e pariu filhos meus?"
- Nessa alucinação, algum poder
(humano não, não foi nenhum de nós)
guiou-lhe os passos: num gemido horrível,
como se algo o empurrasse, atirou-se
contra as portas, rompendo as dobradiças,
e num relance entrou, e deparou
com a mulher enforcada,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.513

um laço corrediço no pescoço...
Ao vê-la, num gemido sufocado
desamarrou a corda, e, quando o corpo
desmoronou no chão, o que se viu
foi mais um espetáculo de horror:
ele arrancou os alfinetes de ouro
da roupa da rainha, levantou-os
e os enterrou nos olhos, imprecando:
"Olhos meus, não vereis mais esta culpa
e esta vergonha, nunca mais vereis
quem não deveríeis ter visto nunca,
e para todo o sempre só vereis
as trevas!"
Era esse o teor dos seus lamentos,
enquanto, uma vez só não, muitas vezes,
erguia as mãos e ia ferindo os olhos,
e a cada golpe uma chuva de sangue
lhe saltava das órbitas
tingindo os dois, o marido e a mulher...
Tem sido venturosa até agora
a sina desta casa;
mas, de agora em diante, tudo quanto
for desgraça e desastre, luto e pranto,
morte e lamentação, tudo o que há
de mal, sobre esta casa se verá!

CORIFEU

E agora? Como está ele agora?

ARAUTO

"Escancarai os portões!" - ele grita -
"Vinde, tebanos todos,
ver o que foi do pai o matador
e da mãe o... - Não ouso repetir,
a palavra não cabe em minha boca!
- Exige que o expulsem desta terra,
para que não recaia sobre a sua casa
a maldição que ele mesmo lançou.
Já não tem quase forças, nem ninguém
para guiar-lhe os passos:
sofre mais do que pode um homem suportar!
- Já estão tirando as trancas dos portões
e assim tereis ante os olhos um quadro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 514

que ao mais cruel inimigo
há de dar pena."

CORO
- Que terrível visão para um mortal!
- Meus olhos nunca viram coisa igual!
- Onde foste buscar tanta loucura?
Que implacável demônio desfechou
o eterno desespero sobre ti?
- Isto é fazer da vida o próprio inferno!
- Infeliz criatura, que fazer
para te contemplar e não sofrer?
- Por mais que esteja decidido a olhar,
pelo menos para ficar sabendo,
tenho que desviar a minha vista
desse horrendo espetáculo!

ÉDIPO
Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim!
Onde estou eu? Para que fui nascer?
A minha voz espalha-se, por onde?
Ah, meu destino, aonde queres chegar?

CORO
A um ponto tão terrível de ver
quanto de escutar'.

ÉDIPO
Ó treva indescritível que me envolves,
nuvem que não consigo dissipar;
ai de mim! Como ferem em minha alma
estas agulhas e mais o pensar
em tanta desventura!

CORO
Deves pagar em dobro este momento,
lastimando e aguentando o sofrimento!

ÉDIPO
Ah, meu amigo gentil e constante:
tens paciência de cuidar de um cego?
Mesmo sem olhos, eu sei que estás por perto
e reconheço bem a tua voz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.515

CORO

Homem de ações terríveis, como foi
que chegaste a apagar teus próprios olhos?
Que impiedoso gênio te empolgou?

ÉDIPO

Apolo, amigos: foi o deus Apolo
que me quis submeter a esta amargura!
Porém a mão que golpeou meus olhos
não foi a de ninguém senão a minha:
que mais pudera eu desejar ver,
se a vista só me dava desprazer?

CORO

Ninguém há de saber melhor que tu.

ÉDIPO

Dizei, amigos: que voz ou visão
me alegraria ainda o coração?
Vamos, depressa, levai-me daqui!
Removei para longe este perdido,
o mais abominável dos mortais,
três vezes maldito - por ele mesmo,
por sua gente e por todos os deuses!

CORO

Padeces por teu destino traçado
e mais belo que dele pressentiste:
ah, quem dera não presentisses nada!

ÉDIPO

Maldito aquele
que na montanha desprendeu meus pés
e me salvou: só quis fazer o bem,
mas se lá me tivesse abandonado
pouparia todo este sofrimento
a mim e à minha gente!

CORO

Eu também gostaria que assim fosse...

ÉDIPO

Eu não viria a assassinar meu pai

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.516

nem seria culpado como amante
da criatura que me pôs no mundo...
Agora não há deus que me redima:
sou filho de uma mulher corrompida,
rival do homem que me deu a vida.
Se existe um mal maior do que o próprio mal,
esse é o quinhão de Édipo!

CORO

Não sei dizer se agiste sabiamente...
morto, estarias melhor do que cego!

ÉDIPO

Não me venhais dizer que não fiz bem
assim: já não careço de conselhos.
Se eu ainda enxergasse, com que olhos
fitaria meu pai ou minha mãe,
entre os mortos, depois de cometer
tais crimes, contra os dois,
crimes que nem na forca estariam bem pagos?
- "Oh, mas (direis) a visão das crianças
alegra os pais!" - E as mal nascidas? - Não!
Ver os meus filhos não me alegraria;
nem mais ver a cidade com seus muros,
seus templos e as imagens dos seus deuses
- visões que eu mesmo, um desgraçado agora,
antes número um entre os tebanos,
me condenei a não tornar a ver,
por tudo que invoquei contra o culpado!
Aviltado ante os céus, me declarei
impuro e impura a linhagem de Laios:
assim qualificado por mim mesmo,
como iria eu olhar de frente o povo?
Não! E se ainda soubesse de algum meio
de fazer silêncio nos ouvidos.
eu vedaria ainda mais por completo
esta triste carcaça - e me faria,
além de cego, inteiramente surdo.
Que bom, se eu me perdesse em devaneios
sem temer a insistência da amargura...
Ah, Citerão, por que tu me poupaste?
Por que não me escondeste e consumiste?
Assim eu não teria dado aos homens

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.517

o exemplo da aflição que me aniquila...
Ó Políbio! Corinto, pátria minha,
terra dos meus, assim considerada
- que podridão enorme se escondia
no bom menino que de mim fazias!
Vê-se agora que o mal é de raiz.
Ó encruzilhada, ó perdido recanto,
capoeira que junta as três estradas:
o sangue que bebeste foi o meu,
derramado da carne de meu pai
por estas mãos! Decerto lembrarás
os meus malfeitos, que testemunhaste
e o que depois eu fiz, chegando a Tebas!
Ó leito nupcial: tu me geraste
e te embebeste na minha semente,
mesclando em um só sangue
pais, irmãos, filhos, esposas, mães...
vergonhosos incestos, tudo quanto
cabe de horrível sob a luz do sol,
horrores que nem devem ser contados!
Não há muito decoro em mencionar
coisas indecorosas de fazer...
Eu vos suplico: enfurnai-me nalgum lugar
longe daqui, ou terminai de vez comigo,
ou atrai-me às profundezas do mar
onde ninguém me veja!
Não receeis tocar com vossas mãos
um infeliz! Podeis aproximar-vos
sem medo: unicamente sobre mim,
e sobre ninguém mais, recairá
meu infortúnio!

CORIFEU

Aí vem Creonte, teu sucessor,
única pessoa capaz de te atender
e aconselhar...

ÉDIPO

E agora, que palavras lhe direi?
Que ânimo terá para comigo,
que tão mesquinhamente o destratei?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.518

CREONTE

Não venho aqui para zombar de ti,
Édipo, ou reprovar tuas ações.
- Vós outros, se não tendes
nenhum respeito à criatura humana,
ao menos respeitai a luz do Sol
que tudo vê e tudo determina!
Não deixeis tão a nu tamanho horror
que nem a terra aceita nem a chuva,
nem a luz: escondei-o!
Um homem, quando está de causar pena,
só deve ser ouvido pelos seus
e visto pelos seus parentes, só.

ÉDIPO

Escuta! Já que a tua vinda aqui
é uma grata surpresa, tu tão nobre
e eu tão vil, faze-me então um favor,
que eu peço mais por ti do que por mim!

CREONTE

Que favor meu esperas assim tanto?

ÉDIPO

Expulsa-me, manda-me para longe
onde ninguém possa falar comigo!

CREONTE

Por mim, eu já teria feito isso;
mas antes mandei consultar o deus.

ÉDIPO

Todos já sabem o que o deus mandou:
eliminar o parricida, o ímpio -
que sou eu!

CREONTE

Foi o que o deus falou, mas neste caso
achei mais justo consultá-lo novamente.

ÉDIPO

Mandaste importunar de novo o deus,
por causa de um perdido como eu?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048.p.519
.64.

CREONTE

Sim, para ver se já acreditas nele.

ÉDIPO

Eu acredito! E com toda a humildade
te peço: a que ficou lá dentro, morta,
manda enterrar conforme o ritual
que assiste agora a ti como irmão!
Quanto a mim, quero só que a minha Tebas,
cidade de meus pais, não seja mais
constrangida a me ver entre os que a habitam:
deixa que eu vá morar pelas montanhas
do Citerão, que dizem pertencer-me
porque meus pais há tempos o escolheram
para eu morrer por lá!
De uma coisa sei bem: doença alguma
ou acidente há de encurtar meus dias
- eu não seria assim poupado à morte
senão para cumprir sorte mais negra!
Pois seja! O meu destino não importa.
Meus filhos homens, Creonte,
já não requerem maiores cuidados:
saberão defender-se...
Mas minhas pobres filhas inocentes,
que se sentavam no meu colo, à mesa,
bebendo do meu copo e beliscando
do meu prato - elas duas, eu te peço:
cuida bem delas! E consente agora
que eu as possa afagar, em minha dor!
Consente! - eu te suplico!
Sim, meu príncipe nobre e generoso,
embora cego, podendo tocá-las
terei a sensação de que são minhas
como quando eu as via... - Mas, que digo?
Será delas o choro que ouço agora?
Creonte terá tido compaixão
de mim, mandando vir para me ver
as filhas que eu adoro?

CREONTE

Quis que ainda provasses, na desgraça,
um pouco da alegria que elas te davam antes...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 520

ÉDIPO

Que os deuses te protejam! Que, por tê-las trazido,
seja melhor que a minha a tua sorte!
Onde estais, minhas filhas? Chegai perto,
onde vos possam tocar estas mãos
de pai, de irmão - mãos que encheram de trevas
estes olhos tão claros que vos viam!
Mãos de quem, sem saber nem indagar,
se fez pai vosso com a própria mãe.
E os olhos meus, embora sem visão,
têm lágrimas de sobra a derramar
quando penso nos erros e malícias
que os homens contra vós cometerão:
de qualquer festa ou reunião talvez
tenhais que retirar-vos sem prazer,
chorando... E na idade do casamento,
qual há de ser o noivo corajoso
a desposar moças tão mal faladas
como estas duas que eu trouxe a este mundo?
E que infâmia haverá maior que esta:
-"O pai delas matou o próprio pai,
plantou a sua semente no ventre
que o concebeu e de onde ele nasceu
também nasceram suas duas filhas!"
- Assim os homens falarão de vós
e, sendo assim, qual vos desposará?
Ninguém, calculo. E vos consumireis,
pobres filhas, solteiras e sozinhas...
- Só tu, Creonte, serás como um pai
delas duas, perdidos eu e a mãe.
Não permitas que fiquem por aí
sem lar, nem que o futuro delas duas
venha a ser de infortúnio feito o meu!
Tem pena delas, Creonte: meninas
e desvalidas - dependem de ti!
Príncipe, eu as deixo em tuas mãos!
- Minhas filhas, se fôsseis maduras,
eu muito teria a dizer... Agora,
é só isto: rezai para encontrar
um pouco de prazer na vida, um lar,
e que vosso destino
seja melhor do que o de vossos pais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.521

CREONTE
Sim, basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO
Preciso ir, por menos que me agrade.

CREONTE
Não chores: tudo tem a sua hora!

ÉDIPO
Eu vou, sim, mas com uma condição...

CREONTE
Fala, primeiro, e eu saberei depois!

ÉDIPO
Manda que me carreguem para longe,
bem longe deste lugar!

CREONTE
O que me pedes depende do deus.

ÉDIPO
Já tenho os deuses todos contra mim.

CREONTE
Então, será feita a tua vontade.

ÉDIPO
Tu consentes?

CREONTE
Eu não costumo prometer,à toa,
o que não tenho a intenção de fazer.

ÉDIPO
Estou pronto: levem-me daqui!

CREONTE
Vai, mas deixa as meninas!

ÉDIPO
Não! Não me tirem minhas duas filhas!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 522

CREONTE

Não queiras dar mais ordens: obedece!
Teu poder terminou.

CORO

Concidadãos de Tebas, pátria nossa,
olhai bem: Édipo, decifrador
de intrincados enigmas, entre os homens
o de maior poder - aí está!
Quem, no país, não lhe inveja a sorte?
E agora, vede em que mar de tormento
ele se afunda! Por esta razão,
enquanto uma pessoa não deixar
esta vida sem conhecer a dor,
não se pode dizer que foi
feliz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.523

2642/83

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"ÉDIPO REI"

16 ANOS

J.I - CENAS DE NUDEZ PARCIAL

AUTOR: Sófocles
TRADUÇÃO: Geir Campos
DIRETOR GERAL: Márcio Aurélio
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS SETRA S/A
MÚSICA: Lívio Tratemberg
GRUPO PROFISSIONAL
LOCAL: Teatro Galpão
DATA: 13-05-83

CONTEÚDO: Uma peste misteriosa se abate sobre Tebas, dizimando animais e gente. Para saber a causa da ira divina, Édipo, soberano da cidade-estado, envia seu cunhado Creonte, ao oráculo de Apolo em Delfos. Regressando, Creonte revela a Édipo e à multidão que se aglomera em frente ao palácio real, a resposta do oráculo: a peste é um castigo divino, porque a cidade abriga em seu seio, o assassino de Laio. Indignado por saber que em Tebas vive um homicida impune, Édipo incita o povo a descobrí-lo e lança uma sentença que recairá sobre sua própria cabeça. A primeira pessoa a quem Édipo recorre para ajudar na elucidação do enigma da morte de Laio é o velho adivinho Tirésias que sabedor de tudo, revela ser o monarca, o assassino procurado. Essa acusação, mais a narrativa de Jocasta sobre a predição do oráculo, a pretensa morte do predestinado filho, o assalto a Laio na encruzilhada, formam as peças do quebra cabeça que o rei está decidido a juntar. Inesperadamente chega um emissário de Corinto, que vem participar a morte de pólibo, a quem entregara o recém nascido enjeitado por Laio. Jocasta é a primeira a compreender e sem poder suportar, suicida-se. Édipo, horrorizado, vaza os olhos e se exila de Tebas, punindo-se como indivíduo porque matara o pai e esposara a mãe; como rei porque ele mesmo decretara a pena que seria imposta ao assassino de Laio e como membro da comunidade porque sendo ele o motivo da cólera dos deuses, não pode continuar vitimando a cidade.

MENSAGEM: A precariedade da existência humana, face aos desígnios divinos. Os deuses se sobrepõem aos homens: suas leis devem ser respeitadas ou o infrator cairá em desgraça.

LINGUAGEM: Formal, castiça com emprego verbal da segunda pessoa.

PÚBLICO ALVO: Adulto e juvenil acima da faixa etária fixada.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.524

2642183

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

"ÉDIPO REI"

16 ANOS

continuação:

GRAU DE PERSUASÃO: Convincente, tendo em vista o excelente desempenho dos atores, numa montagem arrojada, onde foram utilizados recursos cênicos inovadores. A estrutura do teatro favoreceu / em vários pontos, o livre trânsito dos atores na platéia, envolvendo o público.

ENSAIO GERAL: Realizado no Teatro Galpão, teve duração de cem / minutos. O cenário foi composto por uma plataforma de madeira elevada com uma escada no eixo central e uma rampa de acesso ao fundo, formando a entrada do palácio; colunas grandes e pequenas espalhadas pelo palco; ao centro, uma enorme caçoula onde queima incenso; ao fundo uma vasilha de barro utilizada para banho. A iluminação foi variada em focos nos atores, particularmente / nos que vão ao auditório e geral caindo em resistência ao final de cada cena. O figurino explorando vestes típicas gregas, apresentou novidades como sungas, peles de animais e véus, além de mantos e túnicas, sempre exaltando o físico dos atores. O coro utiliza batas sobrepostas com máscaras enormes e sisudas de "papier mâchér". Como recursos sonoplásticos destacaram-se os estásimos acompanhados por composições gravadas de sons de órgão, oboés, flautas e etc, além de ruídos e vozes humanas, conferindo à tragédia um clima bastante tenso. Em várias cenas, transita pelo palco, um escravo munido de flautas e oboé, executando / melodias doces.

PARECER: A peça ilustra a ironia do destino, ou uma comprovação de sua inelutabilidade: o ser humano não conseguiria escapar daquilo que já lhe está escrito e traçado. Édipo é o investigador de seu próprio crime, também o promotor, o juiz, o carrasco, o réu e a vítima de si mesmo. Ao terminar a convulsiva busca / do fascínora, o rei de Tebas aprenderá que esteve o tempo todo à procura de sua identidade. É ele o filho maldito, o marido maldito e assassino do próprio pai. Na presente encenação, a tragédia de Édipo adquire maior impacto, numa concepção moderna dos trajes utilizados: sungas bastante aderentes, túnicas lateralmente abertas sobre corpo nu, além de uma saia estilizada, deixando à mostra o busto desnudo da personagem Jocasta, que tem seus seios acariciados pelo companheiro. Assim, tendo como evidência outros elementos: incesto e parricídio, abordados na intensa / dramaticidade da obra, bem como os trajes lascivos acima descritos, opino pela liberação da peça para maiores de 16 (dezesseis) anos.

São Paulo, 18 de maio de 1983.

VERA LÚCIA DAMÁSIO MARQUES e SILVA
Matr. 2.417.078

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.525

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

2643/83

" ÉDIPO-REI"

16 (DEZESSEIS) ANOS

J.I.= NUDEZ PARCIAL - ENSAIO GERAL

EXPEDIDO CONFORME ACORDO COM PARECER DOS CENSORES
Em 26 05 83
DPF SR SP
Chefe de SCDP

IDENTIFICAÇÃO:
AUTOR: SÓFOCLES
TRADUÇÃO: GEIR CAMPOS
PROD.: PROMOÇÕES ARTÍSTICAS
SETRA S/C LTDA.
GRUPO: PROFISSIONAL
LOCAL: T. R. ESCOBAR(s.Galpão)
DURAÇÃO: 100 min.
DATA: 13.05.83

CONTEÚDO: Tragédia grega mundialmente conhecida, enfocando os dramas sofridos por Édipo, que fora abandonado pelos pais, reis de Tebas, em vista da predições de um oráculo que profetizava o assassinato do pai pelo filho e, a seguir, a ligação conjugal deste com sua mãe. Édipo fora, então, criado pelos reis de Corinto e, já crescido, ouvira de um oráculo predições horríveis quanto a seu futuro e parte com o intuito de fugir dos vaticínios. Numa estrada encontra uma comitiva que o toma por salteador, há luta corporal, quando ele mata o ancião, sem saber que tratava de seu verdadeiro genitor. Em Tebas, desvenda o enigma da Esfinge e é proclamado rei, casando-se com Jocasta sua mãe. Vendo cumprida a professia fura os olhos e parte pelo mundo solitário.

MENSAGEM: Sófocles, na época, pretendeu enfocar a incapacidade do mortal comum em modificar o destino traçado pelos deuses, apesar das tentativas e desafios para tal.

LINGUAGEM: Formal, castiça, toda expressada na 2ª pessoa.

PÚBLICO ALVO: Adulto e juvenil acima da faixa etária sugerida.

GRAU DE PERSUASÃO: Convincente, em vista de tratar-se de texto denso, com forte grau de dramaticidade, bem como o nível de interpretação.

ENSAIO GERAL: Cenário apresentado com poucos complementos: escada de madeira alta, formando plataforma e ao fundo uma rampa, tudo representando a fachada do palácio; em baixo colunas esfalhadas, de vários tamanhos; Caçoula ao centro com incenso; vaso de barro para banho. Iluminação variada: clara, penumbra, ausência de iluminação, focos, etc. Trajes típicos da época: túnicas, mantos, peles de animais, véus, coroas, cintos dourados, etc. O coro usa roupas brancas, longas, tampando a cabeça e máscaras. Sonoplastia: estásimos que dão base a composições de sons de

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P526

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

0643/83

"ÉDIPO-REI" (CONTINUAÇÃO)

16 ANOS

Lívio Tratenberg, apresentando instrumentos variados, como oboés, flautas, órgão, gemidos humanos, etc., além de um personagem que passeia pelo palco executando melodias suaves numa flauta. Todo o fundo musical confere à peça maior poder de dramatização (trechos gravados).

PARECER: Um clássico de Sófocles, representando uma tragédia de época, constitui um elemento de base à origem do teatro. Retrata a fragilidade humana ante o destino traçado pelos deuses. A presente montagem afasta-se da ortodoxia original do texto, em vária partes, utilizando-se de expressões mais acessíveis, entonações e marcações mais ao gosto da representação moderna no teatro. Nesta renovação há utilização de trajes mais sumários como sungas de tecidos finos e apertadas, túnicas abertas dos lados deixando visualizar o corpo nu da personagem (atriz), sem outra vestimenta íntima. Jocasta usa veste de véus transparentes deixando os seios expostos. No geral a indumentária evidencia uma caracterização mais ousada. Em uma cena Édipo, ao acariciar Jocasta, movimenta os lábios no seu seio direito, única caracterização de algum clima mais erótico entre os personagens.

Isto posto, considerando-se que se trata de uma obra com caracterizações de parricídio e incesto, a despeito de ser peça muito conhecida e divulgada, o traje mais reduzido, já citado, confere ao contexto um nível maior de implicações e, por isso, sugerimos a sua liberação para maiores de 16 (dezesseis) anos.

SÃO PAULO, 17 de maio de 1983

Oberon F. Nascimento

OBERON F. NASCIMENTO/2405406TC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 527

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA "O EDIPO REI"

ORIGINAL DE SÓFOCLES

VÁLIDO ATÉ 19 de JULHO de 19 83

CLASSIFICAÇÃO
NUDEZ PARCIAL
PROIBIDO PARA MENORES DE 16 ANOS

SPAULO, 19 de MAIO de 19 83

Vera Utiyama

VERA LUCIA UTIYAMA
CHEFE DO SCDP/SR/SP (EM EXERCÍCIO)

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.528

M. J — D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada "O EDIPO REI"

Original de SÓFOCLES

Tradução de GUI CAMPOS

Adaptação de

Produção de

Requerida por PROMOÇÕES ARTISTICAS SETRA S/C LTDA

Tendo sido censurada em _____ de _____ de 19_____ e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS (16) ANOS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO.

SP, 19 de MAIO de 1983

ARLETE APARECIDA CORRÊA
Chefe do Serviço de Censura
CHEFE DO SCC/SR/SP

DPF—150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.529

TEATRO

TÍTULO ÉDIPO REI

AUTOR: SÓFOCLES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 ANOS

Praça SCDP/SR/SP

Obs.:

DF. 16 / Junho / de / 1983

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a___/___/___

DF.___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 16 (dezesseis) anos, Se cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: Cert. Provisório - SR/SP

Brasília-DF, 17 de 06 de 1983

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 416 791

Brasília – DF de de 1.97

N. Nudez parcial

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 16 Anos

Brasília-DF, 21 de 06 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 21 / 06 / 1983

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 530

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 22 junho de 1983

OF. Nº 1063/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/SP.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is): " EXPLO_ DE CORAÇÃO", de Enemir Franco, " LARANJA CARENTE ", de Tom Mazza, " O MÁGICO DE OZ ", de Tatiana Belinki, " O RAPTO DO GAROTO DE OURO ", de Marcos Rey, " UM DIBUK PARA DUAS PESSOAS OU ENTRE DOIS MUNDOS ", de Bruce Myers e Josiane Stoleru, " OS TRÊS PORQUINHOS OU UM LOBO E OS TRÊS PORQUINHOS ", deC.Morais, " FILOSOFIA DA VIDA ", de Marcos Tadeu, " COMUNHÃO DE BENS ", de Alcione Araujo, " QUEBRA-QUEBRA CABEÇAS ", de Carmino Pecora, " A LENDA DO PLANE_ TA DE CRISTAL ", de Darcio Della Monica, "O HOMEM QUE BRINCAVA DE CHUVA ", de Alexandre B.Kavanji e Roberto Saturnino da Silva, " ÉDIPO REI ", de Sófocles.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

DPF - ES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p531

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0222

PEÇA " ÉDIPO REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
" NUDEZ PARCIAL "

VÁLIDO ATÉ 21 de JUNHO de 19 88

Brasília, 21 de JUNHO de 19 83

Dolange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

16 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZESSEIS ANOS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.532

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de GUI CAMPOS

Adaptação de

Produção de

Requerida por PROMOÇÕES ARTISTICAS SETRA S/C LTDA. SÃO PAULO/SP.

Tendo sido censurada em 19 de MAIO de 1983 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE (16) DEZESSEIS ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 21 de JUNHO de 1983

NEI DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.633

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
-5 OUT 1127 008190

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DCDP / BSB

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

Ofício nº 553/83/SCDP/SR/RJ Em, 03.10.83
Da: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Endereço: Rua Edgar Gordilho s/nº - Praça Mauá
à Srª Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref.Prot.: 009489/83 - 21.09.83

Senhora Diretora:

Para fins de expedição do certificado definitivo, encaminho a V.Sª texto, pareceres e cópia do Certificado provisório nº .211/83/RJ..... da peça teatral "..EDIPO.REI." ..... de .SÓFOCLES.....
o exame foi requerido por....LUCIA.MARIA.DE.ARAUJO.DA.SILVA..

Atenciosamente

MARIA SELMA MIRANDA CHAVES
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

LRMA.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.534

SCDP/SR/DPF-RJ

Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

21 SET 1949 009489

RECEBIDO POR .....

LUCIA MARIA DE ARAUJO DA SILVA

BRASILEIRA requerente, ATRIZ

nacionalidade profissão

Carteira de Identidade nº 2427597 Expedida FELIX PACHECO

Residente à AV. COPACABANA, 1171, AP-804

Bairro COPA CEP Telefone 247147/20

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sa., mandar examinar, de acôrdo com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA

espécie

Autoria de SÓFOCLES

Título (s) ÉDIPO REI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.535

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio . 21 de Setembro de 19 83

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

EDIPO REI

Original de SOFOCLES
Tradução de GEIR CAMPOS
Próxima apresentação de TEATRO CARIOCA DE CAMARA
Teatro CANDIDO MENDES Cidade RIO DE JANEIRO
Estado RJ.-
A estréia está prevista para 28.9.83

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS — SBAT — RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p536

882
SOF
EDI
ex 1

Peça 1 - É D I P O

R E I

S Ó F O C L E S

TRADUÇÃO:

G E I R C A M P O S

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.537

Meus filhos, filhos da terra de Tebas,
por que vindes aqui perante mim
com esses ramalhetes enlaçados,
suplicantes, enquanto
uma nuvem de incenso veste tôda a cidade
em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei
que não devia saber por terceiros:
assim, eu mesmo vim,
eu, vosso rei,
de todos conhecido como Édipo,
o ilustre. Fala-me tu, cidadão venerável,
naturalmente o porta voz do grupo:
com que ânimo estais aqui reunidos, temor ou esperanças?
Tudo farei para vos ajudar:
áspero coração seria o meu
se com a atenção não vos ouvisse.

SACERDOTE-

Édipo, grande senhor nosso rei:
tu podes ver a idade dos que cercam teus altares,
uns ainda quase implumes, sem forças para as grandes revoadas,
outros curvados ao pêso dos anos,
sacerdotes, como eu sou de Zeus,
e a nossa mais seleta juventude...
O restante do povo, suplicante também, espalha-se
nas praças dos mercados ou defronte dos templos
ou onde Ismeno faz previsões pelo fogo.
É que, tu vês, o barco da nossa cidade,
sacudido por já longa tormenta,
nem mais consegue levantar a proa
coberta pelos vagalhões da morte:
morte sôbre as lavouras em flor, sobre o pasto e o gado,
e sôbre o ventre das mulheres grávidas...
Com seu archote flamejante a peste
lança-se sôbre nós e diziam a cidade:
fica vazia a casa dos tebanos,
e o reino tenebroso dos infernos
vai-se enchendo de lágrimas e gritos.
Assim, ó rei, defronte à tua porta
vimos ajoelhar-nos, tantos jovens e eu,
por te julgarmos, não igual aos deuses,
mas primeiro entre os homens:
primeiro nas coisas comuns da vida
e primeiro nas atenções divinas.
Ao chegar a esta terra
tu nos livraste do ignóbil tributo
que éramos constrangidos a pagar à Esfinge, a inexorável cantadeira;

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P. 538

CONTINUA .SACERDOTE...
conforme todos dizem e acreditam,
tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei,
é a ti que recorremos, suplicantes,
para que nos descubras um remédio,
seja por nova inspiração divina ou pela tua
experiencia humana, pois o homem que antes agiu bem,
depois, só poderá dar bons conselhos.
Salva a cidade, ó melhor dos mortais! Pensa na tua glória:
por teu feito de ontem és nosso consagrado salvador...
Não deixes que lembremos teu reinado
como o que nos chegou a levantar
para adiante nos deixar cair!
Reabilita, para sempre, esta cidade!
Vieste para nós trazendo a sorte.
não a deixes mudar!
Pois, se hás de reinar sôbre esta terra,
reina então sôbre homens, melhor que no deserto:
nada valem, sem homens que guarneçam,
nem os navios nem as fortalezas!

EDIPO
Meus pobres filhos, eu sei bem demais
o que vos traz aqui e o que esperais.
Sofreis e eu também sofro: Minha dor
excede a vossa, seja ela qual fôr.
Vossa dor vos aflige a um por um;
eu entretanto sofro ao mesmo tempo
pelo país e por vós e por mim...
Não me viestes acordar de um sonho:
choro, e muito já tenho chorado
com o pensamento a tatear saídas!
Uma coisa já fiz:
Mandei Crente, meu nobre cunhado,
a Delfos, perguntar ao deus do Sol,
em seu maravilhoso santuário,
com que palavra ou gesto eu poderei salvar esta nação.
Agora aflito vou contando os dias
desde que ele partiu, achando estranha tanta demora.
Quando ele chegar, as determinações do deus.
por minha honra, hão de ser cumpridas!

SACERDOTE-
Em boa hora falaste:
já estão fazendo sinais de que Creonte vem vindo!

EDIPO-
O' grande deus!

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 539

Continua Édipo...
nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE-
Pelo que vejo, tem notícias boas:
traz na cabeça a coroa de louros!

ÉDIPO-
Já saberemos, está ao alcance da voz:
qual a mensagem do deus?

CREONTE-
Boas notícias!
Por mais difícil que seja a situação,
quando bem encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO-
Mas o oráculo?
Tuas palavras fazem-me oscilar
entre mêdo e esperança.
Que diz o oráculo?

CREONTE-
Queres que eu fale diante de estranhos,
eu falo. Se não, entra e eu te acompanho!

ÉDIPO-
Fala diante de todos:
a dor dos meus vassalos
importa mais do que a minha vida!

CREONTE-
Com tua permissão, repito apenas o que ouvi de Apolo:
Existe um mal, aqui nascido e agasalhado aqui tornando
impura e corrompendo esta cidade!
O grande deus ordena, expressamente: Extirpá-lo!

ÉDIPO-
Que tipo de mal é esse? Como Extirpá-lo?

CREONTE-
Desterrando o culpado ou lavando sangue com sangue,
pois é esse sangue que atrai o mal sôbre nós.

ÉDIPO-
Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE-
Antes de tu assumires o leme do Estado,
nosso rei era Laios...

ÉDIPO-
Eu sei, mas nunca o vi.

CREONTE-
Laios foi morto.
E o deus agora quer justiça,
mandando claramente punir os assasinos,
sejam eles quem for.

ÉDIPO-
estarão eles?

CENSURA FEDERAL TEATRO-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.540

CREONTE-

"Procurando, achareis", ensina o deus, Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO-

Laios estava no palácio ou em campanha ou em viagem, quando teve esse destino?

CREONTE-

Em viagem: dizendo que ia a Delfos, ele partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO-

Nenhum informe? Nem nimguém da comitiva com uma pista para ser seguida?

CREONTE-

Só um dos homens conseguiu sobreviver, e esse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO-

Qual coisa? Um dado certo leva a outros, quando se tem umraio de esperança.

CREONTE-

Conta que Laios foi morto por um bando de ladrões, que o assaltaram e, juntos, o chacinaram.

ÉDIPO-

Mas que ladrões ousariam matar assim um rei, senão de acordo com alguém aqui em Tebas?

CREONTE-

Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto, e nenhum vingador apareceu em meio às nossas preocupações...

ÉDIPO-

E que preocupação pode abafar uma investigação sôbre o assasinio de um rei?

CREONTE-

A ameaça da esfinge nos forçava a por de lado as coisas duvidosas e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO-

Pois eu vou começar tudo de novo e uma vez mais esclarecer as coisas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P 541

Continua Edipo...

.Fez bem o deus, e tu fizeste bem,
tirando o morto deste esquecimento:
mais um serviço prestarei, assim, vingando a ofensa feita ao
deus e a Tebas. Hei de lavar a nôdoa deste sangue,
e não só pelos outros, mas também por minha causa, pois quem
matou Laios talvez me esteja preparando o mesmo fim:
ao justiça-lo, então, é a mim que sirvo.
Levantai-vos meus filhos, e depressa ide-vos dos degraus destes
altares, levai os ramalhetes, e chamai a vir aqui tôda a gente
de Tebas, que eu não quero passar nimguém por alto.
Com a ajuda do deus, vamos vencer; ou se não, vamos juntos perecer!

SACERDOTE-

O que queriamos é o que este homem nos prometeu afinal,
E praza a Apolo, que mandou essas mensagens, vir em nosso socorro
e livrar-nos da peste!

CÔRO-

O' doce voz de Zeus,
que mensagem me trazes
de Delfos, a divina, a Tebas, a dorada?
Estremece de mêdo minha alma torturada...
__O' deus, estás ouvindo?
Tens algum sofrimento desconhecido ainda,
ou a roda dos anos repisa a dor de sempre?
__O' voz imorredoura, ô filha da esperança, vem me dizer agora!
--A ti primeiro, Atena, filha do grande Zeus,
invoco!--E a ti, Artemis, padroeira de Tebas,
que tens lugar de honra e trono em nossa praça!
--E a ti, fogoso Apolo, com teu certeiro dardo!
__Dai-nos a vossa luz, vosso triplice escudo,
e livrai-nos da morte!
__Em tempos outros, quando caiu sôbre a cidade o primeiro flagelo, vós
fizestes ir para longe levando suas lîguas de fogo...
__Vinde agora ajudar-nos!
__Pobre de mim: sem conta as minhas provações!
As fôrças em declînio e o espirito inerte,

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL-RJ SENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 542

CORO CONTINUA...

a terra a negar frutos, as mães gemendo estéreis;
vidas a irem-se embora, como pássaros leves mais céleres que o
raio vibrado pelos céus, para os confins da noite...
__Assim, morte por morte, a cidade perece.
__Corpos jazem no chão e não há quem os vele.
--Nos degraus dos altares, espôsas viúvas fazem o ar tremer
de gritos e soluços.
__Diante disso tudo, loura filha de Zeus, dá-nos a tua ajuda!
__Não possa o deus da morte, agora desarmado mas cercado de gritos
como em plena batalha, abater sôbre mim:
Faze com que ele fuja para as praias da Trácia ou a cama de Vênus!
__Ai, o que a noite poupa, vem o dia e executa!
__Zeus pai, em cujas mãos cabem todos os raios:
acaba de uma vez com o que nos faz mal!
__Também as tuas cetas, ó luminoso Apolo,
quisera eu ver lançadas em todos os sentidos,
por nossa proteção; como também os raios flamejantes de Ártemis,
varejando os barracos!

: E pesso mais a ti deus inventor do vinho, Baco dos evoés,
a quem Tebas cultua: Vem com a tua flama, com teu brilhante achote,
Por em fuga o inimigo da gente que te ama!

ÉDIPO-

Rezais...Em seguimento a tantas rezas,
se observardes bem minhas palavras e vos unirdes no combate
ao mal, podereis ter certeza de socorro e alívio para as vossas
aflições. Eu aqui falo como uma pessoa alheia ao que se diz e ao que
ocorreu; mesmo porque tão longe não iria saindo a campo, só, sem uma
pista...Como só vim a ser um cidadão tebano, entre os tebanos, muito
tempo depois do acontecido, a todos vós proclamo:
__Se algum de vós sabe qual foi a mão quem matou Laios,
eu ordeno que me declare já!
Quanto ao próprio culpado, caso esteja com mêdo de ser denunciado,
livre-se do temor denunciando a si mesmo, pois nada sofrerá:
só deixará o país,

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.543

Sem qualquer violência! Ou se alguém conhecer talvez
um estrangeiro que seja o assasino, não deixe que se cale:
receberá de mim, além da recompensa, a minha gratidão! Porém se vos
calardes, se algum de vós por mêdo, ocultar o culpado,
um amigo talvez ou a própria pessoa, eis a minha setença que hei
de fazer cumprir.:

__Proíbo que qualquer filho da terra onde me assistem o comando e
o trono dê guarida ou conversa ao assasino, seja ele quem for;
que o aceite nos cultos e no lar, que divida com ele a água lustral!
Eu ordeno, ao contrário, que o enxotem de suas casas, todos,
por ser aquilo que nos torna impuros, conforme acaba de nos revelar
por seu oráculo, a fala do deus! Nesta questão me tendes aliado ao
grande deus e ao rei assasinado. e ainda mais:
rogo aos céus, solenemente, que o assasino, seja ele quem for,
sòzinho em sua culpa ou tenha cúmplices, tenha uma vida amaldiçoada
e má, pela sua maldade, até o fim de seus dias, Quanto a mim, se esti
ver o criminoso em minha casa, privando comigo, eu espero que sofra as
mesmas penas que dei para os demais.
Conto convosco para que se cumpra minha palavra, com respeito devido
ao deus e a mim, em nome desta terra atormentada pela fúria divina!
Pois, mesmo que este caso não fosse trazido por um deus, não deveries
deixar ficar à culpa sem castigo, quando a um tão nobre homem__
vosso rei__ arrancaram a vida: o justo era encontrardes o assasino.
E agora, que sou eu quem maneja o poder que era de Laios,
que dele herdei o trono, o leito e a espôsa eu, diante de todas estas
coisas, ponho o maior empenho nesta causa como se fosse a do meu pró
prio pai, em honra dos varões deste país, sem deixar nada por averiguar
até encontrar a mão que derramou o seu sangue.
Quanto àquele que não me obedecer,
eu rogo aos deuses que não lhe deem fruto algum da terra
ou fruto de mulher e que pereça da atual calamidade
senão de outra pior! A' todos vós, leais filhos de Tebas, a quem
pareçam justas estas coisas, possa a justiça, aliada nossa, e os
deuses todos, cumular para sempre de benesses!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.544

CORIFEU-

Já que invocou meu testamento o rei,
eu falo em testemunho do que sei:
quem matou não fui eu, nem sou capaz
de apontar com meu dedo a malfeitor! Acho
que neste caso caberia ao próprio deus,
que pôs diante de nós, mostrar, junto com
o crime, o criminoso.

EDIPO

Muito bem dito, mas não cabe a nenhum homem sôbre a terra
forçar um deus a algo que ele não quer...

CORIFEU-

Tenho a dizer uma segunda coisa!

EDIPO-

E se tiveres ainda uma terceira, não percas tempo:
vai logo dizendo!

CORIFEU

Autoridade por autoridade, nosso velho Tirésias vê tanto
quanto o oráculo: a quem rebusca estas coisas, ó rei,
ele teria muito que ensinar!

EDIPO-

Isso também eu não deixei de lado:
por sugestão de Creonte,
mandei chamar Tirésias, duas vezes, e estranho
que ainda não tenha chegado...

CORIFEU-

Há uns rumôres, também, de que me lembro:
mais palavras ao vento...

EDIPO-

Que rumôres? Tudo isso me interessa!

CORIFEU-

Diziam que uns viandantes o mataram...

EDIPO-

Isso eu também já ouvi,
mas não há quem conheça testemunhas.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ - DELEGACIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P345

CORIFEU-

Se souber o que é medo, o criminoso há de estar por aí pronto a fugir, depois da tua terrível proclamação...

ÉDIPO-

Se há alguém o próprio ato não assusta, não são palavras que vão assustar.

CORIFEU-

Mas aí está quem pode descobrir o criminoso: Afinal trazem o vidente iluminado! Se algum mortal tem acesso à verdade, é ele!

ÉDIPO-

Tirésias! Tu que tudo percebes, do mais claro ao mais denso dos mistérios alto nos céus ou rasteiro na terra, hás de sentir, mesmo sem poder ver, a desgraça que assola esta cidade... Eis, profeta, porque te procuramos como ultima defesa e salvação! O deus Apolo, a uma consulta nossa, (Se quem te foi chamar já não te disse), nos fez saber - que a unica maneira de nos livrarmos deste mal seria desentocar os - que mataram Laios e também os matar ou desterrar. Agora, tu: fica atento aos avisos das aves, e a quaisquer outros sinais, e aguça os teus poderes de adivinho! Faze-o por tt, faze-o por Tebas e - por mim, faze-o por todos que estão sofrendo pela morte do rei! Em tuas mãos estamos, e mais nobre missão do ser humano é prestar sua ajuda ao semelhante por todos os meios ao seu alcance.

TIRÉSIAS-

Deuses! Como é terrível o dom da sabedoria quando não serve a quem o tem! Eu, tão convencido disso, nem me lembrei... Se não, eu não vi / ria.

ÉDIPO-

Que foi? Porque te lamentas?

TIRÉSIAS-

Deixa-me ir para casa! Será mais fácil, assim, tu carregares o teu - fardo e eu o meu...

ÉDIPO-

Estranha palavra, a tua:

Parecerás inimigo do povo que te acolheu, se negares resposta.

TIRÉSIAS-

Vejo que falas no momento errado e não quero encorrer no mesmo erro.

CORRESPONDÊNCIA REGIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.546

ÉDIPO-

Pelos deuses: Nos todos te imploramos, não guardes mais segrêdo!

TIRÉSIAS_

É Vos todos de nada sabeis:

Não quero resolver assim minhas magoas, para não ter de as tuas...

ÉDIPO-

Então sabes e não queres falar? Pretendes atraiçoar-nos e destruir a nação?

TIRÉSIAS-

Se o que quero é poupar-nos, a ti e mim, porque me fazes perguntas vãs?

ÉDIPO-

Vileza - das vilezas ! És capaz de enraivecer uma pedra! Não há argumento que te dissuada?

Não falas? Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS-

Só ves o erro em mim: Tu censuras a minha teimosia, mas não percebes que a tua é maior!

ÉDIPO-

Quem poderia conservar a calma ante as palavras com que afrontas a cidade?

TIRÉSIAS-

O que está por vir virá, mesmo que eu silencie.

ÉDIPO-

Mas neste caso, sabendo o que está por vir, é tua obrigação me previnir!

TIRÉSIAS-

Nada mais tenho a dizer. Agora, se tu quiseres, inunda teu coração com toda a raiva que nele couber!

ÉDIPO-

Precisamente! E na raiva não guardarei o que me vem à cabeça:

A mim me parece que tu tramaste e executaste todo o crime, não chegando a utilizar as próprias mãos; Não fosses cego, eu diria que até a matança foi obra tua e de mais nimguém!

DELEGACIA REGIONAL-RJ D.P.F. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.547

TIRÉSIAS-

É isso? Então ouve:

sobre tua cabeça pende o anátema que teus lábios lançaram!

daqui em diante não tornes mais a me falar, nem aos presen

tes, pois tu és a maldição que pesa sobre Tebas!

ÉDIPO-

Tens a imprudencia de me falar assim, e pensas escapar à puni

ção?

TIRÉSIAS-

Sempre escapei:

Eu tenho comigo a verdade.

ÉDIPO-

Quem disse isso? Não séria o teu oficio...

TIRÉSIAS-

Tu contranges a falar contra a vontade.

ÉDIPO-

Falar? Repete, para eu entender!

TIRÉSIAS-

Insiste em provocar-me? Será que não escutaste?

ÉDIPO-

Não o bastante para ficar convencido. Fala de novo!

TIRÉSIAS-

Digo que tu és o assasino do homem cujo o assasino

procuras!

ÉDIPO-

Segunda vez... Hás de te arrepender por isso!

TIRÉSIAS-

Não queres que eu fale mais, para mais te enraiveceres?

ÉDIPO-

Como quiseres:

Será tudo insensatez...

TIRÉSIAS-

Digo que tu, sem o saberes coabitas comgente tua, em sórdida

concupiscência, e nem percebes a ignomínia a que chegaste!

ÉDIPO-

falarás assim impunemente?

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.548

TIRÉSIAS-

Se algum valor tem a verdade, sim!

ÉDIPO-

Tem, mas não para ti, pobre coitado:

cego dos olhos, dos ouvidos e do espirito!

TIRÉSIAS-

Pobre coitado de ti! Pobre de ti, a quem todos em

breve hão de execrar como zombando vens até aqui!

ÉDIPO-

Olho de sombra sem fim: Não tens nenhum poder de maléfício

contra que pode ver a luz do dia!

TIRÉSIAS-

Derrotado serás__É teu destino__Mas não por mim:

Apolo bastará, para fazer o que a um deus compete!

ÉDIPO-

Invencionice tua ou de Creonte?

TIRÉSIAS_

Não é a Creonte que deves temer, mas a ti mesmo...

ÉDIPO-

O' riqueza, poder, sabedoira__Quanta inveja trazeis em vosso

Bôjo! Só por causa de este poder que a cidade depos em minhas

mãos, dádiva quando eu menos esperava, Creonte, um velho amigo

tão leal, lança-se de emboscada contra mim,pronto a me derrubar,

com intrigante, falso ledor da sorte, subornado, que só olhos pa

ra o seu proveito e em seu ofício é totalmente cego!__Quando foi

que provaste ser vidente? Porque, quando rondava por aqui a Es-

finge ruminando cantilenas, nunca tivesti nenhuma palavra que de

volvesse a liberdade ao povo? O enigma pelo menos não seria para

qualquer passante desvendar:

Era preciso dom de um adivinho...E não deste sinal de nada disso,

nem pelos pássaros nem pelo resto.

Eu, Édipo, sem de nada saber, logo ao chegar fiz a Esfinge calar:

Deslindei a questão pela razão, nem foi preciso consultar teus

pássaros! E agora tu me queres afastar, talvez pensando apenas em

ficar mais próximo do trono de Creonte? Creio que tu e quem trama

tudo isto ainda lamentareis o falso empenho na purificação

ARQUIVO NACIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 549

Continua Édipo...

Não parecesses tu assim tão velho, já tua própria custa aprenderias a onde pode levar felonia!

CORIFEU-

Édipo, tanto as palavras tuas com as dele foram ditas com raiva:

Não é disto que estamos carecendo, mas sim de combinar o melhor meio de por em prática as ordens do deus!

TIRÉSIAS-

Tu és o rei, mas o direito manda que de igual para igual eu te responda:

O que é direito, é um privilégio meu! Não é a ti que eu-sirvo:

Eu sirvo a um deus, nunca estive a serviço de Creonte! E a ti eu digo, já que me ofendes por minha cegueira:

os dois olhos que tens pouco adiantam, pois não vês a mi séria que ti serca nem a casa em que vives, nem com quem...

Sabes, ao menos de quem és nascido? és inimigo dos teus - sôbre a terra e dos que a terra cobre, mas não sabes.

Ao duplo látego da maldição de teu pai e tua mãe, serás um dia expulso do país em triste pressa; em teus olhos, que hoje pensam ver claro terás então a treva irrevesível!

Quando em breve atinares com o sentido das núpcias que tives te nesta casa, fatal repouso após longas jornadas, onde - irão reboar os teus gemidos? Em mais uma torrente de outros males, dos quais nem desconfias, rolarão teus filhos e o pai deles, confudidos... zomba, agora, de mim e de Creonte! Pois nenhum outro homem jamais há de ter sido triturado com tanta crueldade como tu!

ÉDIPO-

Serão de tolerar-se tantas coisas da parte desse homem?__Vai te embora, some da minha porta! Fora! Fora!

TIRÉSIAS-

Eu vim aqui pela tua vontade, não pela minha...

ÉDIPO-

Pôra-se eu soubesse que só dirias sandices, muito terias que

DELEGACIA REGIONAL-RJ D.P.F. CENSURA FEDERAL LIBERADO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.550

TIRÉSIAS-

TALVEZ EU POSSA PARACER-TE LOUCO, MAS TEUS PAIS SABEM QUE TENHO RAZÃO...

ÉDIPO-

MEUS PAIS?__ESPERA! DE QUEM EU NASCI?

TIRÉSIAS-

O MESMO DIA QUE DISSER TEU NASCIMENTO HÁ DE MARCAR TEU FIM...

ÉDIPO-

ENIGMAS! SEMPRE ENIGMAS!

TIRÉSIAS-

ENTÃO NÃO ÉS AQUELE QUE DECIFRA QUALQUER ENIGMA?

ÉDIPO-

ESCARNECES DE INVEJA DO PODER QUE ME TROUXE TÃO ALTO?

TIRÉSIAS-

OU DA FRAQUEZA QUE TE LEVARÁ TÃO BAIXO...

ÉDIPO-

SE COM ELA SALVEI ESTA CIDADE, O RESTO NÃO IMPORTA.

TIRÉSIAS-

ENTÃO ME VOU! MENINO, LEVA-ME DAQUI!

ÉDIPO-

E' BOM, MESMO, QUE TE LEVE:
TUA PRESENÇA ME PESA, QUANDO TIVERES SUMIDO NÃO ME ABORRECERÁS MAIS.

TIRÉSIAS-

VOU, DEPOIS DE CUMPRIR MINHA MISSÃO, SEM RECEIO DAS TUAS AMEAÇAS: JAMAIS ME PODERIAS DESTRUIR! E A TI EU DIGO: REI, O HOMEM A QUEM TANTO VINHAS PROCURANDO, COM AMEAÇAS E PROCLAMAÇÕES, MORA AQUI! PASSA POR UM ESTRANGEIRO, MAS SE VERÁ QUE É NATURAL DE TEBAS E ESSA DESCOBERTA LHE SERÁ CRUEL. CEGO, ELE QUE HOJE TUDO VÊ, MENDIGO, ELE QUE É RICO, RUMARÁ PARA ALGUMA TERRA ESTRANHA TATEANDO OS CAMINHOS COM O BASTÃO... E SE VERÁ QUE É ELE, AO MESMO TEMPO, FILHO E MARIDO DA QUE PÔS NO MUNDO, HERDEIRO E MATADOR DO PRÓPRIO PAI.
ENTRA, E PENSA BEM NISTO! SE PUDERES PROVAR QUE ESTOU ERRADO, ENTÃO CHAMA-ME DE CEGO!

CORO-

__QUEM É ESSE QUE A VOZ DO ORÁCULO DE DELFOS ACUSA DE TRAZER AS MÃOS TINTAS DE SANGUE DE UM TÃO TERRIVEL CRIME QUE NEM AS LINGUAS DIZEM?
__E' TEMPO DE FUGIR MAIS RÁPIDO QUE O VENTO, POIS O FILHO DE ZEUS INVESTE CONTRA ELE ARMADO DE CORISCOS E INCENDIÁRIAS FLAMAS; E AS [illegible] SAS JUSTICEIRAS TAMBÉM NO SEU ENCALÇO JÁ SE LAMÇAM TERRIVÉIS!
__LAMPEJOU AINDA AGORA SÔBRE OS TETOS DO MUNDO A PALAVRA DE ORDEM A TODOS: QUE PERSIGAM ESSE RÉU INCONFESSO!

DELEGACIA REGIONAL-RJ DPF CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 4048, P551

NO AFÃ DE FICAR SÓ EM SEU MÍSERO ANDAR, PARA A VOZ DO DESTINO(A MAIS CERTA DO MUNDO), QUE SÔBRE ELE ESVOAÇA, NÃO SE CONCRETIZAR!

__DEVERAS O ADIVINHO ME VEIO POR PERPLEXO!

NÃO CREIO NEM DESCREIO, NEM SEI O QUE DIZER...

__ENTRE UM FILHO DE TEBAS E UM FILHO DE CORINTO, QUE RIXAS CABERIAM?

__NUNCA OUVI, NEM AGORA NEM NO TEMPO PASSADO, NENHUMA TESTEMUNHA QUE ME RECESSE FÉ DIZER ALGUMA COISA CONTRA O NOME DE ÉDIPO OU CONTRA SEU EMPENHO DE VINGAR ESTE CRIME EM NOME DOS TEBANOS!

__O DEUS APOLO VÊ, BEM COMO OS DEUS DOS DEUSES, O DESTINO DOS HOMENS; MAS UM MORTAL COMO ÊSSE, UM SIMPLES ADIVINHO, QUE COISAS PODE VER?

__PODE UMA INTELIGENCIA BRILHAR MAIS DO QUE OUTRA; MAS EU, SEM ANTES VER CONFIRMADA A DENÚNCIA, NÃO IRIA APOIAR ESSES QUE ACUSAM ÉDIPO!

__NUM CASO NÃO HÁ DÚVIDA: QUANDO A ESFINGE ATACAVA, ELE PROVOU SER SÁBIO E AMIGO DA CIDADE!

__ASSIM MEU CORAÇÃO, SEM TER PROVAS, SE EXIME DE LHE IMPUTAR UM CRIME.

CREONTE-

POVO DE TEBAS!

TENDO CHEGADO AO MEU CONHECIMENTO QUE O REI ÉDIPO FEZ ACUSAÇÕES PESADAS CONTRA MIM, EU VENHO AQUI PARA FAZER SENTIR A MINHA MAIS TOTAL INDIGNAÇÃO! SE, EM MEIO À PRESENTE CALAMIDADE, ELE PENSA QUE EU LHE FIZ ALGUM' MAL POR ATOS OU PALAVRAS (E COMO ISSO ME DOI), NÃO HEI DE VIVER TODOS' OS MEUS DIAS COM SUSPEITA DESSA ALEIVOSIA! O GUME DESSA INFÂMIA NÃO ME FERE NUM PONTO ÚNICAMENTE: É DO MAIS AMPLO ALCANCE, ME EXPONDO A CARREGAR PERANTE A VÓS, AMIGOS MEUS, MEU POVO, A PECHA DE TRAIDOR!

CORIFEU-

TALVEZ LHE TENHA ESCAPADO ESSA OFENSA EM HORA DE TENSÃO, DE GRANDE RAIVA, JAMAIS DO FUNDO DO SEU CORAÇÃO...

CREONTE-

ELE NÃO DISSE QUE INDUZI O ADIVINHO A ESPALHAR FALSIDADES?

CORIFEU-

MUITAS COISAS FORAM DITAS; COM QUE SENTIDO, NÃO SEI...

CREONTE-

E ISSO FOI ASSACADO CONTRA MIM COM O OLHAR FIRME E FIRME PENSAMENTO?

CORIFEU-

NÃO SEI: NÃO OLHO O QUE MEUS AMOS FAZEM.

ÉDIPO-

AH! ESTÁS AÍ? POIS TENS O ATREVIMENTO DE VIR À CASA ONDE MATAS O DONO VER A COROA QUE ESPERAS ROUBAR? VAMOS, EM NOME DOS DEUSES CONFESSA: COVARDIA OU INÉPCIA VISTE EM MIM QUE TE ANIMASSE A TRAMAR ÊSSE GOLPE? JULGASTE QUE EU, INGÊNUO, NÃO VERIA NO ESCURO A COBRA PREPARANDO O BO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 552

TENDENDO SEM SERVIDORES E AMIGOS, UM TRONO QUE COM FÔRÇA E RIQUEZA SE CONQUISTA?.

CREONTE-

OUVE-ME AGORA: É UMA RESPOSTA FRANCA, PARA QUE JULGUES COM DISCERNIMENTO...

ÉDIPO-

TENS MUITA HABILIDADE NO FALAR, MAS TUAS FALAS CHEIAS DE VENENO SÓ ME DIRÃO DO MESQUINHO INIMIGO QUE TU ÉS.

CREONTE-

PRIMEIRO ESCUTA OS ARGUMENTOS MEUS!

ÉDIPO-

SÓ NÃO ME DIGAS QUE NÃO ÉS UM PERFIDO!

CREONTE-

SE PENSAS QUE A ARROGÂNCIA SEM SENTIDO É UMA VANTAGEM, ESTÁS ENGANADO.

ÉDIPO-

SE PENSAS QUE FAZER MAL A UM PARENTE NÃO TEM CASTIGO, ENGANADO ESTÁS TU!

CREONTE-

PERFEITAMENTE, CONCORDO, AGORA, EXPLICA: QUE MAL É ESSE QUE IMAGINAS QUE EU TE FIZ?

ÉDIPO-

MANDAR CHAMAR AQUI ÊSSE ADIVINHO, NÃO FOI IDÉIA TUA?

CREONTE-

E EU INSISTO NA MESMA SUGESTÃO.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO LAIOS...

CREONTE-

LAIOS?...NÃO VEJO AONDE QUERES CHEGAR.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO LAIOS SUCUMBIU NA EMBOSCADA FATAL?

CREONTE-

SÃO ANOS QUE SE PERDEM NO PASSADO...

ÉDIPO-

NAQUELE TEMPO O ADIVINHO JÁ EXERCIA O OFICIO?

CREONTE-

JÁ, E TÃO RESPEITADO COMO AGORA.

ÉDIPO-

E QUANTO A MIM, NAQUELA OCASIÃO, ELE NÃO FEZ NENHUMA REFERÊNCIA...

CREONTE-

NÃO... PELO MENOS EM MINHA PRESENÇA.

REGIONAL-RJ CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P553

ÉDIPO-

E SOBRE O CRIME NÃO SE FEZ UMA INVESTIGAÇÃO?

CREONTE-

FEZ-SE, PORÉM NÃO SE DESCOBRIU NADA.

ÉDIPO-

E ÊSSE ADIVINHO, TÃO SÁBIO, NÃO SOUBE DIZER NADA NESSA HORA?

CREONTE-

NÃO SEI. QUANDO NÃO SEI, SILENCIO.

ÉDIPO-

MAS DE UMA COISA TU SABES, E VAIS FALAR, POIS É O QUE TE COMVÉM...

CREONTE-

O QUÊ? SABENDO, EU NÃO DIREI QUE NÃO.

ÉDIPO-

SEM INSTIGAÇÃO TUA, O ADIVINHO IRIA AGORA DIZER QUE EU MATEI LAIOS?

CREONTE-

O QUE ELE DISSE E OUVISTE É OUTRO ASSUNTO...MAS, JÁ QUE ME INTERROGAS, TAMBÉM QUERO FAZER-TE UMAS PERGUNTAS...

ÉDIPO-

ESCUTA: DESSE SANGUE DERRAMADO EU JAMAIS PODEREI SER ACUSADO!

CREONTE-

ESCUTA: TU NÃO DESPOSASTE A MINHA IRMÃ?

ÉDIPO-

SIM. NÃO HÁ O QUE NEGAR.

CREONTE-

REINAS COM ELA EM TÊRMOS DE IGUALDADE?

ÉDIPO-

DE MIM ELA TEM TUDO O QUE DESEJA.

CREONTE-

E NÃO SOU EU, JUNTO AOS DOIS, IGUALADO, A TERCEIRA PESSOA DESTE ESTADO?

ÉDIPO-

ISSO TORNA MAIS VIL TUA TRAIÇÃO!

CREONTE-

NÃO HÁ TAL COISA: BASTA ANALIZARES, COMO ANALISO, ESTA SITUAÇÃO! PRIMEIRO: ACHAS QUE ALGUÉM PREFERIRIA REINAR, CERCADO DE PREOCUPAÇÕES, EM / VEZ DE TER A SUA VIDA EM PAZ COM OS MESMOS PODÊRES? EU NÃO EXPERIMENTO NECESSIDADE ALGUMA DE SER REI, SE TENHO JÁ TÔDAS AS REGALIAS QUE UM REI PODERÁ TER: E QUE MAIS PODE UM HOMEM DESEJAR? EU TENHO TUDO QUANTO TENS DE BOM, SEM TER NADA COM QUE ME PREOCUPAR; QUANTA COISA EU FARIA DE FAZER A CONTRA GOSTO, SE ESTIVESSE EM TEU LUGAR! COMO, ENTÃO, PODERIA [illegible] O PODER SEM ATRIBULAÇÕES? DOS OU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 554

CONTINUA CREONTE..

TOU, TODOS ME CUMPRIMENTAM, ME FAZEM VOTOS DE FELICIDADE; QUANDO TEM ALGO A RESOLVER CONTIGO, FALAM ANTES COMIGO E EM MIM COFUAM... PORQUE TROCARIA EU MINHA VIDA PELA TUA? NÃO CONSPIRA, QUEM NADA AMBICIONA. DEMAIS NÃO A PRECIO ESSA POLÍTICA; E SE ALGUÉM COMEÇAR COM ESSAS COISAS, PERDERÁ TEMPO SE ESPERAR POR MIM... SE QUERES UMA PROVA, VAI A DELFOS E VÊ SE EU NÃO TE TROUXE EXATAMENTE AS PALAVRAS DO ORÁCULO DIVINO! DEPOIS, SE DESCOBRIRES QUE EU TRAMEI ALGUMA COISA COM ESSE ADIVINHO, CONDENA-ME À PRISÃO, E À MORTE MESMO: NÃO POR MERA SUSPEITA E PREPOTÊNCIA, MAS POR DUPLA SENTENÇA__TUA E MINHA! TÃO ERRADO É SEM PROVAS ABSOLVER COMO É ERRADO SEM PROVAS CONDENAR... AFASTAR UM AMIGO É COMO ESCORRAÇAR A PRÓPRIA VIDA. BEM QUE / TANTO SE PRESA. MAS SÓ COM O TEMPO HÁS DE COMPREENDER ISTO: SÓ O TEMPO M/ MOSTRA A BONDADE DE UM HOMEM... JÁ A MALDADE SE VÊ NO MESMO INSTANTE!

CORIFEU-

SÃO PALAVRAS BASTANTE PONDERADAS, DE QUEM CAMINHA E NÃO QUER TROPEÇAR.

CORO-

HÁ SEMPRE GRANDE PERIGO NUM JULGAMENTO APRESSADO...

ÉDIPO-

QUANDO O CONSPIRADOR AVANÇA RÁPIDO, EU TENHO DE SER RÁPIDO TAMBÉM: SE EU FICAR ESPERANDO, AUMENTA O RISCO, ELE TRIUNFA E EU SOU DERROTADO.

CREONTE-

QUE TENS EM MENTE, PARA MIM? DESTÊRRO?

ÉDIPO-

OU ENTÊRRO__ PARA MOSTRAR BEM CLARO A COISA PERIGOSA QUE É A INVEJA!

CREONTE-

FALAS COMO QUEM JÁ ESTA RESOLVIDO A NÃO CEDER E A NÃO ACREDITAR?

ÉDIPO-

AINDA NÃO ME CONVENCES DE QUE MERECES CRÉDITO...

CREONTE-

NÃO ESTÁS SENDO JUSTO!

ÉDIPO-

JUSTO PARA COMIGO, EU SEI QUE SOU.

CREONTE-

E POR QUE NÃO TAMBÉM PARA COMIGO?

ÉDIPO-

NÃO: TU ÉS FALSO!

CREONTE=

E SE ESTIVERES FORA DE JUÍZO?

ÉDIPO-

UM REI É PARA REINAR!

REFERÊNCIA REGIONAL-RJ D.P.F. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p355

ÉDIPO-

ESCUTAI-O, MEU POVO!

CREONTE-

TEU POVO? MEU, TAMBÉM!

CORIFEU-

PARAI COM ISSO, PRÍNCIPES! JÁ VEJO EM BOA HORA SAIR DO PALÁCIO A RAINHA JOCASTA: ELA É CAPAZ DE CONVECER-VOS A FAZER AS PAZES...

JOCASTA-

INSENSATOS! POR QUE VOS DESGASTAIS NESSA MESQUINHA TROCA DE PALAVRAS? NÃO VOS VEXAIS DE VOSSAS MUIDEZAS QUANDO O PAÍS ESTÁ SOFRENDO TANTO? __ENTRA, MEU REI! __E TU, CREONTE, VAI-TE PARA OS TEUS APOSENTOS: NÃO É HORA DE SE DAR CURSO A MOTIVOS MENOSRES.

CREONTE-

MAS, MINHA IRMÃ, ÉDIPO TEU SENHOR, QUER QUE EU ESCOLHA: OU O DESTÊRRO, COMO INDESEJÁVEL OU A MORTE, COMO CONSPIRADOR!

ÉDIPO-

CERTO, SENHORA: EU O PEGUEI TRAMANDO PERFIDAMENTE CONTRA A MINHA VIDA!

CREONTE-

QUE CAIA SÔBRE MIM A MALDIÇÃO DE ZEUS, SE FIZ ALGUMA COISA DO QUE DIZES!

JOCASTA-

ÉDIPO, PELO AMOR DOS DEUSES, ACREDITA: PRIMEIRO PELO JURAMENTO QUE ELE FEZ, DEPOIS POR MIM... E PELA GENTE REUNIDA!

CORO-

NÓS TE IMPLORAMOS, Ó REI: ESCUTA, PENSA CONSENT !

ÉDIPO-

QUE FAVOR, AFINAL, QUEREIS DE MIM?

CORO-

RESPEITA A QUEM JAMAIS FEZ MÁ FIGURA E TRAZ AGORA A FÔRÇA DE UMA JURA!

ÉDIPO-

TENDES NOÇÃO DO QUE ESTAIS PEDINDO?

CORO-

SIM.

ÉDIPO-

FORMALIZEI ENTÃO VOSSO PEDIDO!

CORO-

NÃO CONDENES SEM PROVAS UM AMIGO QUE JUROU!

ÉDIPO-

MAS FICAI CERTOS DE QUE, COM ÊSSE PEDIDO, ME CONDENAIS A MIM MESMO AO DESTERRO OU À MORTE...

CORO-

PRESIDÊNCIA REGIONAL-RJ

TA CIDADE, DUPLICA O PÊSO DO MEU SOFRIMENTO.,SE O ÓDIO ENTRE DOIS PRÍNCIPES AMEAÇA COROAR NOSSA AFLIÇÃO...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0046,P.556

ÉDIPO-

EU O DEIXO PARTIR, CERTO DE ESTAR ME CONDENANDO À MORTE OU AO DESTÊRRO... NÃO POR ELE: POR VÓS É QUE CONSINTO! AONDE ELE VÁ. MEU ÓDIO O SEGUIRÁ.

CREONTE-

TU TE MOSTRAS TÃO RUDE NO PERDÃO COMO NAS HORAS DE MAIOR FUROR: MAS OS TEMPERAMENTOS COMO O TEU FEREM, MAIS DO QUE AOS OUTROS, A QUEM OS TEM!

ÉDIPO-

TU, POR QUE NÃO TE VAIS? DEIXA-ME EM PAZ!

CREONTE-

IREI: INJUSTIÇADO POR TI, MAS NÃO POR ELES.

CORO-

ENTRAI, SENHORA, E LEVAI VOSSO HOMEM SEM MAIS TARDANÇA!

JOCASTA-

SÓ DEPOIS DE SABER O QUE OCORREU.

CORO-

CEGAS SUSPEITAS, PALAVRAS DURAS À TOA, E A OFENSA SEM RAZÃO MAS QUE MAGOA...

JOCASTA-

DE PARTE A PARTE?

CORO-

DOS DOIS.

JOCASTA-

COM QUE ARGUMENTO?

CORO-

CREIO QUE BASTA: SOFRE O PAÍS INTEIRO VAMOS DEIXAR O ASSUNTO COMO ESTÁ!

ÉDIPO-

ENTÃO, PERCEBEIS BEM O QUE FIZESTES, AFROUXANDO E EMBOTANDO O MEU CUIDADO MESMO COM A MELHOR DAS INTENÇÕES?

CORO-

MAIS DE UMA VEZ JÁ DISSE ISTO, MAJESTADE:__SERIA PROVA DE LOUCURA E LEVIANDADE POR-TE DE LADO: TU, QUE AO MEU PAÍS AMADO DESTE BOM RUMO EM HORA DE DIFICULDADE, TU, QUE NA CERTA PROVARÁS TAMBÉM AGORA SÊRES O GUIA VERDADEIRO DA CIDADE!

JOCASTA-

A MIM TAMBÉM, MEU REI: EXPLICA, PELOS DEUSES, QUAL O MOTIVO QUE TANTO* TE ENFURECEU!

ÉDIPO-

SENHORA, EXPLICO__POIS TE CONSIDERO MAIS DO QUE AOS OUTROS TODOS: O MOTIVO É A TRAMA DE CREONTE CONTRA MIM.

JUSTIÇA FEDERAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p557

ÉDIPO-

ELE ME ACUSA DA MORTE DE LAIOS.

JOCASTA-

FALA POR ELE, OU POR OUVIR DIZER?

ÉDIPO-

TOMOU COMO PORTA VOZ UM ADIVINHO VENAL...ÊLE É BASTANTE SAGAZ, PARA SE COMPROMETER.

JOCASTA-

ENTÃO ESTÁS ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA: NÃO HÁ PESSOA ALGUMA DÊSTE MUNDO ' QUE PREDIGA O FUTURO DE NIMGUÉM! __EU DIGO, E PROVO! __LAIOS RECEBEU CERTA " VEZ UM ORÁCULO (NÃO ERA DO PRÓPRIO DEUS, PORÉM DOS SACERDOTES) DIZENDO QUE ELE ESTAVA DESTINADO A MORRER PELA MÃO DO PRÓPRIO FILHO, DÊLE E MEU...ORA LAIOS, AO QUE CONSTA, FOI MORTO UM DIA POR SALTEADORES EM UMA ENCRUZILHADA ONDE SE ENCONTRAM TRÊS GRANDES ESTRADAS, NOSSO FILHO, AOS TRÊS DIAS DE NASCIDO, LAIOS MANDOU ALGUÉM ABANDONÁ-LO NA PARTE DESERTA DA MONTANHA, OS TORNOZELOS PRESOS POR UM GRAMPO: O DEUS APOLO ASSIM FICOU SEM MEIOS DE FAZER ' COM QUE LAIOS TERMINASSE ASSASINADO PELO PRÓPRIO FILHO, COISA DE QUE ELE ' TINHA PAVOR. E ASSIM TÔDAS AS PROFECIAS... NÃO TÊ INQUIETES! QUANDO UM DEUS TIVER ALGO DE MUITO IMPORTANTE A DIZER, ÊLE SÒZINHO SE FARÁ ENTENDER!

ÉDIPO-

QUE DESLEMBRANÇAS, QUE DESASSOSSÊGO EM MINHA ALMA, RAINHA, AO TE ESCUTAR...

JOCASTA-

QUE ANGÚSTIA, MAIS, É ESSA?

ÉDIPO-

TU NÃO DISSESTE QUE LAIOS FOI MORTO ONDE SE ENCONTRAM TRÊS GRANDES ESTRADAS?

JOCASTA-

ERA ESSA A VERSÃO, AINDA CORRENTE.

ÉDIPO-

E EM QUE LUGAR FOI ISSO?

JOCASTA=

FOI ONDE SE BIFURCAM AS ESTRADAS DE DELFOS E DE DÁULIA.

ÉDIPO-

HÁ QUANTO TEMPO?

JOCASTA-

A NOTÍCIA CHEGOU A ESTA CIDADE POUCO ANTES DE ESTARES NO PODER.

ÉDIPO-

ZEUS, O QUE FOI QUE ME RESERVASTE?

JOCASTA-

ÉDIPO, TAMBÉM ISSO TE ATORMENTA?

DELEGACIA REGIONAL-RJ DPF POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.558

JOCASTA-

ÊLE ERA ALTO, NA CABELEIRA UNS FIAPOS DE PRATA...POUCA COISA DIFERENTE DE TI.

ÉDIPO-

POBRE DE MIM! AFINAL EU LANCEI TERRÍVEIS MALDIÇÕES CONTRA MIM MESMO!

JOCASTA-

QUE ESTÁS DIZENDO, MEU REI? TU ME ASSUSTAS!

ÉDIPO-

PRESSENTIMENTO HORRÍVEL: O ADIVINHO TALVEZ VISESSE. DE FATO...DIZE, AINDA, PARA ME ESCLARECER, ~~MAIS~~ MAIS UMA COISA!

JOCASTA-

ESTOU TREMENDO, MAS RESPONDEREI A TUDO.

ÉDIPO-

ÊLE VIAJAVA COM PEQUENA ESCOLTA OU, COMO UM CHEFE, COM GRANDE APARATO?

JOCASTA-

ERAM AO TODO CINCO, INCLUINDO O ARAUTO; LAIOS IA EM UM CARRO.

ÉDIPO-

AH! TUDO CLARO COMO A LUZ DO DIA__RAINHA, QUEM TROUXE A NOTÍCIA A TEBAS?

JOCASTA-

UM SERVO, O ÚNICO SOBREVIVENTE.

ÉDIPO-

ESTÁ ÊLE NA CASA, A ESTA HORA?

JOCASTA-

NÃO. POUCO TEMPO DEPOIS, QUANDO ÊLE TE VIU NO TRONO DE LAIOS, SUPLICOU, SEGURANDO MINHA MÃO, QUE EU O DEIXASSE FICAR PELO O CAMPO, NAS PASTAGENS DO GADO, ONDE NÃO VISSE MAIS ESTA CIDADE...E EU CONCORDEI: ERA BOM, MERECIA ATÉ UM FAVOR MAIOR DO QUE PEDIA.

ÉDIPO-

PODES MANDAR BUSCÁ-LO, DEPRESSA?

JOCASTA-

POSSO... MAS PARA QUE ISSO?

ÉDIPO-

SOLTEI A LÍNGUA MAIS DO QUE CONVINHA...RAINHA, EU PRECISO VER ESSE HOMEM!

JOCASTA-

ÊLE VIRÁ!... E EU, NÃO POSSO SABER O QUE TANTO AFLIGE MEU REI?

ÉDIPO-

SIM, NÃO TENHO SEGRÊDOS PARA TI. QUANDO TÃO LONGE VÃO OS MEUS TEMORES, QUEM ME IMPORTA DE FATO MAIS QUE TU? COM QUEM MAIS PODEREI E NESTE TRANSE, ABRIR AS ARCAS DO MEU CORAÇÃO? ESCUTA!

MEU PAI É O REI POLÍBIO, DE CORINTO: E MINHA MÃE É MÉROPE, DE DÓRIA. EU

Continua édipo....

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 559

Num banquete um conviva, embriagado, lançou-me no rosto, ao levantar um brinde, que eu não era filho de meus pais...Eu custei a aguentar aquele dia, depois interpelei o pai e a mãe: os dois se enfureceram' contra o homem que deixara escapar aquela afronta, e a reação dos / dois me aliviou, mas no meu intimo ficou aquilo a se alastrar em mim cada vez mais... E eu, sem nada dizer ao pai e à mãe, fui a Delfos.' Lá, sem me responder,o deus me disse uma porção de coisas cheias de dor, e de tragédia e de luto: disse até que eu estava destinado a ir para cama com minha mãe, que teria uma prole abominável, e que seria o assasino daquele que me gerou. Eu, quando escutei isso, decidi ir' para longe de Corinto, seguindo sempre o rumo das estrêlas em minha' fuga para algum lugar onde jamais pudesse ver cumpridas as infâmias' que me eram sugeridas...Meu caminho levou-me a êsse local onde dizes que o rei Laios foi morto. Senhora, eu te direi tôda verdade: quando eu ia chegando ao cruzamento das três estradas, topei pela frente um arauto e, sôbre uma viatura puxada por dois potros, um varão como o que descreveste. O que ia à frente e o próprio velho queriam por fôrça que eu me arredasse; eu, tomado de raiva, ataquei o que estava me empurrando, o guia... O homem de cima do carro esperou o momento em que eu passava e me deu na cabeça uma pancada com todo o pêso do aguilhão dobrado. Foi pago em dobro: um golpe de cajado, com esta / mão, e êle rolou por terra, de costas...Matei-os todos! Se relação ' existe entre êsse estranho e Laios, quem será mais desgraçado do que este que te fala nesta hora? Quem será tão malquisto pelos céus? A quem nimguém, da cidade ou de fora, tem permissão de receber em casa; de quem nimguém se pode aproximar, alguém a ser repelido por todos... E tôdas estas coisas contra mim terem sido por mim determinadas!____ Pensa: eu tocar a espôsa dêsse rei com estas mesmas mãos com que o matei? Dize: não sou um perdido?

Dize: Não sou o imundo dos imundos? E pensar que serei desterrado de Tebas e não posso rever a minha própria gente, nem pôr os pés outra' vez em Corinto sem risco de domir com minha mãe e assasinar meu pai __o bom Políbio que me gerou e fez de mim um homem! Que impiedoso / deus atirou contra mim esta maldição?

Bons deuses, arrancai-me de entre os homens antes que eu Sôbre mim

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.560

CORIFEU-

Também a nós assustam essas coisas, ó rei! Agora espera vir depor o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO-

E' a esperança que me vale: vir de longe êsse Pastor...

JOCASTA-

Que esperas saber dele?

ÉDIPO-

Se a história dele combina com a que contas estou isento de culpa...

JOCASTA-

Que houve de especial em tudo que te contei?

ÉDIPO-

. tua hitória, o pastor disse que Laios foi morto por salteadores. Se confirmar que eram vários, não um, não terei sido eu quem o matou: não se confunde um homem com um bando... Mas se disser que era um homem sòzinho, então será o elo que está faltando para firmar minha / condenação!

JOCASTA-

Pois fica certo de que foi assim a primeira versão! Não vai mudá-la' agora, porque não foi ouvida só por mim... Mesmo que o pastor conte' uma outra história, não provará que a morte de Laios combina com o óráculo : o deus disse expressamente que êle morreria às mãos do filho, coitado, morreu sem ter feito mal a nimguém! Profecias?...Por / mim., não olho mais de um lado e outro, à cata de sinais!

ÉDIPO-

Tens razão. mas preciso ver se esse pastor...Manda traze-lo aqui!

JOCASTA-

Agora mesmo! vem: vamos entrar! faço o que posso, para ti agradar.

CORO-

Permita meu destino guarda minha pureza em tudo quanto digo e em tudo quanto faço, cumprindo as altas leis que descem dos céus__Não leis feitas por homens: Leis contra as quais não possa nem mesmo o esquecimento, leis que façam valer o divino poder!__Do ventre da insolencia é nascido o tirano: quando ela se ver cheia de tanta vaidez, escala o precipicio para tomar o trono e dele não sai mais pela pró-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p461

Continua côro ...

batam-se os patriotas pelo bem do meu povo!__Espero ter comigo a proteção divina!__Mas a aquele que peca em atos ou palavras, sem temor da justiça nem reverência aos deuses, tomara que destino logo acabe com êle, com todo seu orgulho e o seu atrevimento de por as mãos' imundas no que não lhe pertence e agir em sacrilégio!__Depois de crimes tais, quem poderá gabar-se de afastar de sua alma as setas da / vingança?__Se a tais atos se rendem pomposas homenagens, para que,/ por exemplo, cantos sacros num templo?__Não masi irei a Delfos, venerável umbigo da terra; nem a abas, ver o seu santuário; nem ao tem'' plo de olimpia,se não houver repulsa de todas as criaturas a tantas' heresias!__Zéus , ó deus poderoso, que comandas o mundo, se forem // verdadeiros, os mandamentos teus, não escape tal crime ao teu poder- eterno sôbre todas as coisas!__Agora já diz que a profecia é nula, e ao deus Apollo não rendem devoção...

__Vai-se a religião!

JOCASTA-

Nobres de minha terra! tive a inspiração de visitar os altares dos ' deuses, levando nas mãos um ramo de flores e oferendas de incenso. O grande Édipo deixa-se conturbar em demasia com alarmas de multiplas especie e nem compara, segunda prudencia, os fatos novos com os de antigamente: fica assim à mercêr de quem lhe traga a palavra mais / tragica.__Eu, vendo que já resultam mais minhas conderações, recorro a ti, Apollo, o deus mais próximo de nós, a suplicar que tu nos alivies e nos liberte de toda impureza! Como a tripulação de um barco ' ao ver o timoneiro embriagado ao leme, o povo inteiro geme apavorado!

ÉMISSÁRIO-

Posso saber dos senhores aqui onde mora o rei èdipo? ou, senão, em / lugar estará ele agora?

CORIFEU-

O rei está no palacio, e esta senhora é mãe dos filhos dele .

EMISSÁRIO-

Que ela seja feliz, numa casa feliz__Rainha abênçoada de um homem tão ilustre!

JOCASTA-

As mesmas bênçao eu desejo a ti, por esta alregre saudação.

CÓPIA REGIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.462

EMISSÁRIO-

Sou de Corinto. A mensagem que trago por certo vos dará muita alegria, e talvez um pouquinho de tristeza...

JOCASTA-

Me alegra e me entristece: Que será?

EMISSÁRIO-

O nosso povo quer fazer de Édipo o rei de todo o Istmo, ao que consta por lá.

JOCASTA-

Mas como? o velho Políbio não está mais no poder?

EMISSÁRIO-

Não...em verdade, a morte o acolheu.

JOCASTA-

Que estáis dizendo! Morto, o pai de Édipo?

EMISSÁRIO-

Se minto, então que o morto seja eu!

JOCASTA-

Aia! vai já dizer ao teu senhor! e os divinos oráculos onde estão - agora? Políbio era o homem de quem Édipo fugiu por tanto tempo, com' o pavor de vir a assasina-lo e agora êle está morto sem que Édipo ao menos o tocasse!

ÉDIPO-

Jocasta, minha rainha, tu me mandaste chamar?

JOCASTA-

Ouve este homem e ver como termina as terríveis profecias!

ÉDIPO-

Quem é? Que noticias tráz?

JOCASTA-

É de Corinto: diz que o rei Políbio, teu pai, está morto...Morto!

ÉDIPO-

Como, estrangeiro? Conta-me tu!

EMISSÁRIO-

Se é necessário repetir: o Rei Políbio está morto e já debaixo da terra.

ÉDIPO-

CENSURA REGIONAL-RJ CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 463

EMISSÁRIO-

Quando a idade é avançada, a menor brisa leva a pessoa ao ultimo re_ pouso...

ÉDIPO-

Foi de doença, então, que ele morreu?

EMISSÁRIO-

Foi, e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO-

Então! então!... Mulher, porque temer oráculos de Delfos, ou os passa_ros com seus gritos sôbre nossas cabeças, que me predestinavam a assa_sinar meu pai? êle esta morto, já debaixo da terra... e eu nem sequer pus a mão numa lança! (Salvo, enfim, se ele morreu de saudades de mim, único caso em que seria eu que o levou à morte...) As profecias, / como Políbio, estão mortas!

JOCASTA-

Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO-

Mas eu estava surdo pelo medo...

JOCASTA-

Agora, vamos: esquece tudo isso e acalma teu coração!

ÉDIPO-

Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe?

JOCASTA-

Que tem a temer um homem, fraco joguête da sorte, que do próprio futu_ro nada sabe? melhor é ir vivendo a vida... não tenhas medo da cama. de tua mãe: quanta vezes em sonho um homem dorme com a mãe! é bem ma_is fácil a vida para quem dessas coisas não cogita.

ÉDIPO-

Em tudo isso... Quisera acreditar, mas eu, enquanto ela viver, hei de ter medo.

JOCASTA-

A morte de teu pai já é um ponto de luz na êscuridão.

ÉDIPO-

Enquanto ela estiver viva, eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO-

...NCIA REGIONAL-RJ ...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.00464

ÉDIPO-

É Mérope, a esposa de Políbio!

EMISSÁRIO-

Que tem ela, para a temeres tanto?

ÉDIPO-

Um desgnio terrivél que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO-

Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO-

Não é segredo: Foi profetizado que eu dormiria com a minha mãe e mataria meu pai...Dai, Corinto passou a ser para mim, um lugar de onde preciso estar longe. Sou feliz, mas me falta essa douçura que é ver - os meus e estar no meu país.

EMISSÁRIO-

Tu, então, por medo disso, te condenaste ao degrêdo?

ÉDIPO-

De certo: Eu não queria tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO-

Já que eu te vim trazer boas noticias, vou ti livrar também dessa agonia.

ÉDIPO-

Se o conseguires, terás grande recompensa!

EMISSÁRIO-

Pensando nela, eu vim: Para que, de volta à patria, não te esquecesse-de mim.

ÉDIPO-

Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO-

Ó filho, bem vejo que não sabes o que fazes ...

ÉDIPO-

Como, ancião? Explica, pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO-

Se é todo esse o teu receio a voltar...

ÉDIPO-

Eu tenho medo de que a predição divina se transforme em verdade.

...NCIA REGIONAL RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 465

EMISSÁRIO-

Com o mal que farias a teus pais?

ÉDIPO-

É só o que me contrange.

EMISSÁRIO-

Pois então fica sabendo que te contranges em vão!

ÉDIPO-

Como"em vão", se sou eu o filho deles?

EMISSÁRIO-

Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO-

Que estás dizendo?? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO-

Ele é tanto teu pai quanto eu...

ÉDIPO-

Políbio é tanto meu pai quanto um estranho qualquer?

EMISSÁRIO-

Quem ti gerou não fui eu mas não foi ele tão pouco...

ÉDIPO-

Mas ele sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO-

De minhas mãos ele te recebeu, como um presente meu.

ÉDIPO-

E Como poderia amar tanto um filho de outro?

EMISSÁRIO-

De certo por não ter filho...

ÉDIPO-

Mas, se também não sou teu filho,tu me achaste ou me compraste de alguém?

EMISSÁRIO-

Eu te encontei, num vázea do Citerão.

ÉDIPO-

Que fazias por lá?

EMISSÁRIO-

Pastoreava um rebanho momtês

BIBLIOTECA REGIONAL - RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.466

ÉDIPO-

E eras um pastor qualquer, andarilho de aluguel?

EMISSÁRIO-

Era. Mas, na quela hora, fui eu que te tratei,..

ÉDIPO-

Tu me trataste, como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO-

Queres saber? Olha teus tornozelos!

ÉDIPO-

Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO-

O grampo que te prendia os dois pés, fui eu que o removí!

ÉDIPO-

Desde menino esta cicatriz me acompanha...

EMISSÁRIO-

Por isso te chamas Édipo==o de pés inchado!

ÉDIPO-

Mas, pelos deuse; foi meu pai ou minha mãe que me maltratou assim?

EMISSÁRIO-

Não sei...Talvez possa dizer melhor o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO-

Então, me recebeste de um terceiro? Não me achaste sòzinho?

EMISSÁRIO-

Não: Tu me foste entregue por um outro pastor.

ÉDIPO-

Quem era ele? Sabes quem era ele?

EMISSÁRIO-

Se não me engano, era gente de Laios...

ÉDIPO-

Laios, o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO-

Esse mesmo! O pastor servia ao rei.

ÉDIPO-

E estará ele vivo, ainda, para eu velo?

EMISSÁRIO-

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 467

ÉDIPO-

Conhece algum dos presentes o pastor de que ele fala?

Alguém o teria visto pelo campo ou na cidade? Respondam!__Chegou a hora de tudo se esclarecer!

CORIFEU-

Ele parece falar da pessoa que estavas tão aflito para ver, mas a rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO-

Senhora, tu conheces o pastor a quem ele se refer?

JOCASTA-

Não faço idéia de quem ele fala.__Esquece isso! Para que dar ouvido a tanto palavrório sem sentido?__Esquece isso!

ÉDIPO-

Hei de seguir a trilha até o fim: Eu não posso deixar de esclarecer o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA-

Pelos deuses! Se tens amor à vida, põe fim a esta busca!__Eu não suporto mais!

ÉDIPO-

Ânimo!... Mesmo que eu venha saber que sou filho de escravo, ao cubo, já de três gerações__ a honra tua, tua linhagem, nada perderá!

JOCASTA-

Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO-

Não posso. Eu tenho que saber tôda a verdade!

JOCASTA

Peço por ti! peço pelo teu bem!

ÉDIPO-

Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA-

Pobre de ti!...__Que nunca descubras quem és!

ÉDIPO-

Vá alguém buscar o tal pastor! e desfrute esta mulher tôda a nobre linhagem que tiver!s:

JOCASTA-

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 468

CORIFEU-

Édipo, tua espôsa foi-se embora como tocada de profunda mágoa: Porquê?

__Nessa mortal tranquilidade, receio que se forma a tempestade...

ÉDIPO-

Que venha a tempestade!... Eu insisto em saber minha origem, por mais baixa que seja... Talvez ela, em seu orgulho, despreze meu humilde nascimento; mas eu, que sinto em mim um favorito da fortuna, que esparge as sementes do bem, desconheço qualquer humilhação! Eu sou filho da sorte, irmão das luas: seja no esplendor ou na miséria , eu tenho a companhia das estrêlas! Nascido assim, não quero ser outro que não eu __e saberei quem sou!

CORO-

__Se o dom de pressentir é certo, entre meus erros, se algum saber eu tenho, ó Citerão__ eu juro que amanhã provarás à luz da lua cheia a glória que te assiste como berço de Édipo!

__Nossos cantos e danças hão de te festejar pelo bem que fizeste a esta casa real!

__E que a celeração possa, ó deuses, crescer em vossa aceitação!

__Qual dentre as imortais te trouxe a êste mundo, criança em longas nupciascom Pã, deus das montanhas?__Ou acaso és nascido de uma noiva de Apollo, deus a quem tanto agradam as mais altas pastagens?

__ou o deus dos mistérios, ou Baco, deus do vinho, foi quem te recebeu' das mãos de uma das ninfas, uma alegria a mais no recanto das musas onde êle vai brincar?

ÉDIPO-

Senhores! eu, embora não não tivesse visto jamais o homem que buscamos, tenho a impressão de o estar vendo agora!

__Seu aspecto acabado corresponde à idade que o pastor devia ter. Por' outro lado, estou reconhecendo os que o trazem: são servidores meus! ' Vós, entretanto, que em dias passados talvez tivésseis visto ou conhecido êsse pastor, confirmareis ou não minha suposição.

COREFEU-

Lembro-me dêle: é da casa de Laios, simples pastor, porém muito Leal!

ÉDIPO-

A ti, que és de Corinto, eu te pergunto em primeiro lugar:__E' êste, o homem?

EMISSÁRIO-

E' êle!

ÉDIPO-

Agora, velho, olha bem para mim e me responde: acaso pertenceste, em ' em qualquer tempo, à casa do rei Laios?

PASTOR-

DIRETORIA REGIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.469

ÉDIPO-

E que fazias? Qual era a tua função?

PASTOR-

Às mais das vêzes, fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO-

E a que pastagems costumavas ir?

PASTOR-

Eu ia muito ao Citerão e redondezas...

ÉDIPO-

Então por lá conheceste êsse homem?

PASTOR-

Como? Qual homem? Que queres dizer?

ÉDIPO-

Êste! Tu já não o encontraste antes?

PASTOR-

Assim,-de pronto, não chego a lembrar...

EMISSÁRIO-

Não admira, senhor! Mas a lembrança se aviva: há de lembrar-se, com tôda a certeza, de quando, êle trangendo dois rebanhos e eu um, andamos pelo Citerão três longas temporadas,do outono à primavera, aproveitando o frio; então eu ia com minhas ovelhas para casa e êle conduzia as dêle para os redis de Laios...Tudo isto que estou dizendo, foi verdade ou não?

PASTOR-

Verdade, sim...Mas foi a muito tempo, muito tempo!

EMISSÁRIO-

Recordas que naquela ocasião me confiaste um menino de colo, para eu criar como filho?

PASTOR-

E agora? aqui vem esta pergunta?

EMISSÁRIO-

O menino que um dia me entrégaste é esse homem que está na tua frente!

PASTOR-

Maldito sejas! Cala-te, de uma vez por toda!

ÉDIPO-

Cuidado, velho! Não zagues com êle! Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR-

Mas, rei, o que foi que eu fiz?

ÉDIPO-

Não respondeste ao que ele perguntou sôbre o menino...

CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.470

ÉDIPO-

Se não falas por bem, hás de falar por mal!

PASTOR-

Não! Pelos deuses, tem pena de um pobre velho!

ÈDIPO-

Peguem-no! amarrem-lhe as mãos!

PASTOR-

E agora, que foi que eu fiz? Que mais queres saber?

ÉDIPO-

Entregaste a este homem a criança, conforme lhe pergunta?

PASTOR-

Entreguei...__Quem me dera ter morrido naquele mesmo dia!

ÉDIPO-

Morrerás hoje, se não diceres a verdade.

PASTOR-

Se disser, estarei duas vezes perdido...

ÉDIPO-

Se esperas ganhar tempo, já verás!

PASTOR-

Não: eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO-

E onde arranjaste o menino: em tua casa ou em outra?

PASTOR-

Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO-

De que familia? De algum dêstes cidadãos?

PASTOR-

Senhor, pelo amor dos deuses, não me perguntes mais nada!

ÉDIPO-

Se eu precisar repetir a pergunta, pode se consider-se um homem morto!

PASTOR-

Era criança da casa de Laios...

ÉDIPO-

Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR=

Pobre de mim! depende do que eu disser...

ÉDIPO-

E eu, do que ouvir...Mas quero saber: Fala!

PASTOR-

Dizem sabendo que o menino diziam ser filho do próprio rei: tua /

REPRESENTÊNCIA REGIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.571

ÉDIPO-

Ela? quem te entregou o menino foi ela?

PASTOR-

Foi, majestade.

ÉDIPO-

E para que?

PASTOR-

Para eu mata-lo.

ÉDIPO-

A amadiçoada fez isso com o próprio filho?

PASTOR-

Mêdo de uma terrível profecia...

ÉDIPO-

Que profecia?

PASTOR-

O menino matar o próprio pai.

ÉDIPO-

Então, por que o entregaste a ele?

PASTOR-

Senhor, eu tive pena! Pedi àquele homem que o levasse para a cidade dêle... Agora vejo que o reservou para pior da sinas: Pois se tu és em / verdade aquela criança, nasceste para ser muito infeliz!

ÉDIPO-

Horror! Horror! Horror!

Tudo verdade! Luz do dia eu não quero mais te ver! Filho maldito...Marido maldito...Maldito assasino do próprio pai!

CORO-

__O' Gerações humana, para mim vossas vidas são passagens de sombras!__ Quem será tão feliz aponto de lograr dar senão a impressão de uma felicidade, antes do fim de tudo?__Édipo, o teu destino, destino de amargura não me deixa dizer que haja felicidade para a humana criatura!__Apontou sua seta para o alvo mais alto e arrebatou o premio da mais alta riqueza!__Enseguida o triunfo sôbre lúgubre Esfinge, o seu vulto cresceu-feito uma fortalexa em defesa de Tebas contra as furias da morte...__'' Tudo isso, Édipo, Nos te aclamamos rei e esta grande cidade tão claras' homenagens submissa te rendeu dufante o teu império!__ Hoje, entretanto quem será mais desgraçado, pela vozes que còrrem!__Nos revezes da vida, que é, Mais do que tu, comparsa da amargura e da infelicidade?__Ah, Édipo famoso, ao leito núpcial de onde saites, voltaste como esposo...__Ah, como pôde o chão que teu pai semeou tanto tempo em silencio acolher o

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 00487 p.572

dena agora o infamante conúbio a igular filho e pai tão prolongadamente ...__Triste filho de Laios, Quem dera não te haver conhecido jamais!__ É como se, por mim, gemesse a voz do morto: " A dizer a verdade, deste-me nova vida; Mas, por teu intermédio, só trevas tem lugar de novo ao meu olhar! "

ARAUTO-

Vós, que tanto respeito mereceis neste país, ainda mais chorareis pelas coisas que haveis de ver e ouvir, se, como patriota bem nascidos, ainda prezais a nossa dinastia! as águas dos rios todos da terra talvez não bastem para lavar a imundice desta casa__Tamanho são os males já mostrados, e os mais que há de mostrar, premeditados, não ocasionais...Quem - se fere a si mesmo, sofre mais!

COREIFEU-

O que sabemos já nos dar muito a chorar. Que novas catastrofes anuncias?

ARAUTO-

É breve, o que ides ouvir e breve o que vou dizer: nossa rainha Jocasta está morta!

CORIFEU-

Pobre mulher!_ Como se deu a morte?

ARAUTO-

Por suas próprias mãos...o horror do quadro, a vós, que o não vistes será poupado; mas eu, que ouvi, dele não posso me esquecer! Dezesperada ' ela entrou no vestibulo e correu para a alcova núpcial, as duas mãos arrancando os cabelos; Bateu a porta atrás de si, com força. Gritava__"Laios!__chamando o marido a tanto tempo morto, mas pensando no filho que matou o próprio pai e que da mãe mostruosamente uma prole de infelizes. ..Gemia contra o leito núpcial onde, coitada, havia concebido filho por filho e era mãe do marido. Como afinal morreu não sei dizer: entrou Édipo aos gritos, e nós, vendo-o ir de um lado para outro, não chegamos a observar a rainha até o fim. Ele pedia uma espada e bradava:__"Onde está minha espôsa, que não é espôsa alguma, é um útero danado que me pariu e pariu filhos meus?"__Nessa alucinação, algum poder (Humano não, ' não foi nenhum de nós) guou-lhe os passos: num gemido horrivél como se algo o empurrase, atirou-se contra as portas, rompendo as dobradiças, e num relance entrou, e deparou com a mulher enforcada, um corrediço no - pescoço... ao vê-la, num gemido sufocado desamarrou a corda, e, quando-o corpo desmorxonou no chão, o que se viu foi mais um espatâculo de horror: ele arrancou os alfinetes de ouro da roupa da rainha, levantou-os e os enterrou nos olhos, imprecando:"Olhos meus, não verei mais esta e [illegible] e esta vergonha, numca mais vereis quem deveríeis ter visto sun

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.573

lamentos, enquanto, uma vez só não, muitas vezes, erguia as mãos e lá - ferindo os olhos, e a cada golpe uma chuva de sangue lhe saltava das orbitas tingindo os dois, o marido e mulher... Tem sido venturosa até agora a sina desta casa; mas, de agora em diante, tudo quando for desgraça e desastre, luto e pranto, morte e lamentão, tudo o que há de mal, sôbre esta casa se verá!

CORIFEU-

E agora? Como está ele agora?

ARAUTO-

"Escancarai os portões"__êle grita__"Vinde, tebanos todos,ver o que foi do pai o matador e da mãe o..._Não ouso repetir, a palavra não cabe em minha bôca!__Exige que o expulsem desta terra, para que não recaia sôbre sua casa a maldição que êle mesmo lançou já não tem quase fôrça,nem nimguém para guiar-lhe os passos: sofre mais do que pode um homem suportar! __já estão tirando as tranças dos portões e assim tereis ante os olhos um quadro que ao mais cruel inimigo há de dar pena.

CORO-

__Que terrível visão para um mortal!__Meus olhos nunca viram coisa igual!__Onde fôste buscar tanta loucura? Que emplacável demônio desfechou o eterno desespêro sôbre ti?__Isto é fazer da vida o próprio inferno! __Infeliz criatura, que fazer para te contemplar e não sofrer?__Por ' mais que esteja decidido a olhar, pelo menos para ficar sabendo, tenho que desviar a minha vista dêsse horrendo espetáculo!

ÉDIPO-

Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim!Onde estou eu? Para que fui nascer? A minha voz espalha-se, por onde?Ah, meu destino, aonde queres chegar?

CORO-

A um ponto tão terrivel de se ver quanto de se escutar!

ÉDIPO-

O' treva indiscritivél que me envolves, numvem que não consigo dissipar: ai de mim! Como ferem em minha alma estas agulhas e mais o pensar em tanta desventura!

CORO-

Deves pagar em dôbro êste momento lastimando e aguentando o sofirmento!

ÉDIPO-

Ah, meu amigo gentil e constante: tens paciência de cuidar de um cêgo? Memmo sem olhos, eu sei que estás perto e reconheço bem a tua voz.

CORO-

Homem de ações terríveis,como foi que chegaste a apagr teus próprios olhos? Que impiedoso gênio te empolgou?

CIÊNCIA REGIONAL-RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Porém a mão que golpeou meus olhos não foi a de nimguém, senão a minha: que mais pudera eu desejar ver, se a vista só me dava desprazer?

CORO-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 574

Nimguém há de saber melhor que tu.

ÉDIPO-

Dizei, amigos: que voz ou visão me alegraria o coração? Vamos, depressa, levai-me daqui! Removei para longe êste perdido o mais abominável dos mortais, três vezes maldito__ por êle mesmo, por sua gente e por todos os deuse!

CORO-

Padeces por teu destino traçado e mais pelo que dele pressentiste: ah, quem dera não pressentisses nada!

ÉDIPO-

Maldito aquele que na montanha desprendeu meus pés e me salvou: só quis fazer o bem, mas se lá me tivesse abandonado pouparia todo este sofrimento a mim e à minha gente!

CORO-

Eu também gostaria que assim fosse...

ÉDIPO-

Eu não viria a assasinar meu pai nem seria culpado como amante da criatura que me pôs no mundo...Agora não há deus que me redima: Sou filho de uma mulher corrompida, rival do homem que me deu a vida. Se existe um mal maior que o próprio mal, êsse éo o quinhão de Édipo!

CORO-

Não sei dizer se agiste sàbidamente: morto, estarías melhor do que cego!

ÉDIPO- N

Não me venhais dizer que não fiz bem assim: já não careço de conselhos. Se eu ainda enxergasse, com que olhos fitaria meu pai ou minha mãe, entre os mortos, depois de cometer tais crimes, contra os dois, crimes / que nem na forca estariam bem pagos?__"Oh, mas (direis) a visão das crianças alegra o pai!"__E as mal nascidas?__Não! Ver os meus filhos não-me alegraria; nem mais ver a cidade com seus muros, seus templos e as imagens dos seus deuses__Visões que eu mesmo, um desgraçado agora, antes número um entre os tebanos, me condenei a não tornar a ver, por tudo / que invoquei contra o culpado! Aviltado entre os céus, me declarei impuro e impura a linhagem de Laios: assim qualificado por mim mesmo, como iria eu olhar de frente o povo? Não! E se ainda soubesse de algum meio de se fazer silencio nos ouvidos, eu vedaria ainda mais por completo esta triste carcaça__ e me faria, além de cego, inteiramente surdo. Que /

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,.0575

consumiste? Assim eu não teria dado aos homens o exemplo da aflição que me aniquila... O' Políbio! Corinto, pátria minha, terra dos meus, assim considerada__Que podridão enorme se escondia no bom menino que de mim fazias! Vê-se agora que o mal é de raiz.O' encruzilhada, ó perdido recanto, capoeira que junta as três estradas: o sangue que bebeste foi o meu, derramado da carne de meu pai por estas mãos! Decerto lambrarás os meus malfeitos, que testemunhaste, e o que depois eu fiz, chegando a Tebas! O' leito nupcial: tu me geraste e te embebeste na minha semente, / mesclando em um só sangue pais, irmãos, filhos, espôsas e mães...Vergonhoso incesto, tudo quanto cabe de horrivel sob a luz do sol, horrores' que nem devem ser contados! Não há muito decôro em mecionar coisas indecorosas de fazer...Eu vos suplico: enfurnai-me nalgum lugar longe daqui ou terminai de vez comigo, ou atirai-me às profundezas do mar onde nimguém me veja! Não receeis tocar com vossas mãos um infeliz! Podeis aproximar-vos sem mêdo: únicamente sôbre mim, e sôbre nimguém mais, recairá meu infortúnio!

CORIFEU-

Aí vem Creonte, teu sucessor, única pessoa capaz de te atender e aconselhar...

ÉDIPO-

E agora, que palavras lhe direi? Que ânimo terá para comigo, que tão ' mesquinhamente o destratei?

CREONTE-

Não venho aqui para zombar de ti, Édipo, ou reprovar tuas ações.__Vós ' outros, se não tendes nenhum respeito à criatura humana, ao menos respeitai a luz do Sol que tudo vê e tudo determina! Não deixeis tão a nu / tamanho horror que nem a terra aceita, nem a chuva, nem a luz: escondei-o! Um homem, quando está de causar pena, só deve ser ouvido pelo seus' e visto pelos seus parentes, só.

ÉDIPO-

Escuta! Já que a tua vinda aqui é uma grata surprêsa, tu tão nobre e eu tão vil, faze-me então um favor, que eu peço mais por ti do que por mim!

CREONTE-

Que favor meu esperas assim tanto?

ÉDIPO-

Expulsa-me, manda-me para longe onde nimguém possa falar comigo!

CREONTE-

Por mim, eu já teria feito isso; mas antes mandei consultar o deus.

ÉDIPO-

Todos já sabem o que o deus mandou: eliminar o parricida, o ímpio... que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.516

CREONTE-

Foi o que o deus falou, mas neste caso achei justo consultá-lo novamente.

ÉDIPO-

Mandaste importunar de novo o deus, por causa de um perdido como eu?

CREONTE-

Sim, para ver se já acreditas nêle.

ÉDIPO-

Eu acredito! E com tôda a humildade te peço: a que ficou lá dentro, morta, manda enterrar conforme o ritual que assiste agora a ti como irmão! Quanto a mim, quero só que a minha Tebas, cidade de meus pais, não seja mais constrangida a me ver entre os que a habitam: deixa que eu vá morar pelas montanhas do Citerão, que dizem pertencer-me porque meus pais há' tempos o escolheram para eu morrer por lá! De uma coisa sei bem: doença alguma ou acidente há de encurtar meus dias__eu não seria assim poupado à morte senão para cumprir sorte mais negra! Pois seja ! O meu destino não importa meus filhos homens. Creonte, Já não requerem maiores cuidados: Mas minhas pobres filhas inocentes, que se sentavam ao meu colo à mesa, bebendo meu cópo e beliscando do meu prato__ Elas duas, eu te peço: cuida bem delas! e consente agora que as possa afagar, em minha dor! Consente!__ eu te suplico! Sim, meu principe nobre e generoso embora cego, podendo tocá-las terei a sensação de que são minhas como quando eu as via...__ Mas, que digo? Será delas o chôro que ouço agora? Creonte terá tido compaixão de mim, mandando vir para me ver as filhas que eu adoro?

CREONTE-

Quis que ainda provasses, na desgraça, um pouco da alegria que elas te davam antes...

ÉDIPO-

Que os deuses te protejam! Que, por tê-las trazido, seja melhor que a minha sorte! Onde estais, minhas filhas? Chegai perto, onde vos possam tocar estas mãos de pai, de irmão__ mãos que encheram de trevas êstes olhos tão claros que vos viam! Mãos de quem, sem saber nem indagar, se fez pai vosso com a própria mãe. E os olhos meus, embora sem visão, tem lágrimas de sobra a derramar quando penso nos erros e malícias que os homens contra vós cometerão: de qualquer festa ou reunião talvez tenhais que retirar-vos sem prazer, chorando... E na idade do casamento, qual há de ser o noivo corajoso a desposar môças tão mal faladas como estas duas que eu trouxe a êste mundo? E a infâmia haverá maior que esta? "O pai delas matou o próprio pai, plantou a sua semente no ventre

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.577

__Assim os homens falarão de vós e, sendo assim, qual vos desposará? Ninguém, calculo. E vos consumireis, pobres filhas, solteiras e sòzinhas...

__Só tu, Creonte, serás como um pai delas duas, perdidos eu e a mãe. Não permitais que fiquem por aí sem lar, nem que o futuro delas duas venha' a ser de infortúnio feito o meu! Tem pena delas, Creonte: meninas e desvalidas__dependem de ti! Príncipe, eu as deixo em tuas mãos!__Minhas filhas, se fôsseis maduras, eu muito teria a dizer... Agora, é só isto: rezai para encontrar um pouco de prazer na vida, um lar, e que o vosso ' destino seja melhor do que o de vossos pais!

CREONTE-

Sim, basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO-

Preciso ir, por menos que me agrade.

CREONTE-

Não chores: tudo tem sua hora!

ÉDIPO-

Eu vou, sim, mas com uma condição...

CREONTE-

Fala, primeiro, e eu saberei depois!

ÉDIPO-

Manda que me carreguem para longe, bem longe dêste lugar!

CREONTE-

O que me pedes, depende do deus.

ÉDIPO-

Já tenho os deuses todos contra mim.

CREONTE-

Então, será feita a tua vontade.

ÉDIPO-

Tu consentes?

CREONTE-

Eu não costumo prometer, à toa. o que não tenho a intenção de fazer.

ÉDIPO-

Estou pronto: levem-me daqui*

CREONTE-

Vai, mas deixa as meninas!

ÉDIPO-

Não! Não me tirem minhas duas filhas!

CREONTE-

Não queiras dar mais ordens: obedece! Teu poder terminou.

CORO-

DELEGACIA REGIONAL-RJ D.F. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.578

trincados enigmas, entre os homens o de maior poder__aí está! Quem, no país, não lhe invejava a sorte? E agora, vêde em que mar de tormento / êle se afunda! Por esta razão, enquanto uma pessoa não deixar esta vida sem conhecer a dor, não se pode dizer que foi feliz.

FIM

CENSURA REGIONAL-RJ CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 579

SERVIÇO DE CENSRUA DE DIVERSÕES PÚBLICAS / SR/DPF/ RJ-

PARECER Nº 1634/83

DATA: 26-09-83

TÍTULO: ÉDIPO REI

AUTO: SÓFOCLES - TRADUÇÃO: GEIR CAMPOS

GÊNERO: LEITURA DE TEXTO DE PEÇA DE TEATRO (COMPARAÇÃO)

CLASSIF. ETÁRIA: 14 ANOS

JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Peça já censurada e liberada conforme certificado da DCDP Nº 222 de 31 de agosto de 1977, com a classificação; impróprio para menores de 14 anos.

Comparando os textos, constatamos que, embora a forma de tradução seja divergente do script anterior, o conteúdo é o mesmo, nada mudando em sua essência.

Considerando o exposto, opinamos pela manutenção da classificação determinada.

Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1983

Bel. Rosa Maria Camanho Lameirão
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.266

Bel. Teresa Guimarães Paternostro
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

Bel. Maria José de Moura
T. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.070.372

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.580

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS SR/DPF/RJ

Parecer nº 1.633/83

Data : 28-09-83

Título : ÉDIPO REI

Autor : SÓFOCLES TRADUÇÃO:GEIR CAMPOS

Gênero : ENSAIO GERAL DE PEÇA DE TEATRO

Classificação Etária : 14 ANOS

Justificativa da Impropriedade CENAS DE TENSÃO E VIOLÊNCIA

Conforme determinações comparecemos ao Teatro Cândido Mendes para assistirmos ao ensaio geral da peça em questão, constatando na ocasião, que o texto foi obedecido integralmente.

O cenário é o próprio palco de arena, com apenas quatro cubos negros e vários metros de fazenda simbolizando diversos ambientes.

As vestimentas são caracterizadas da época, com túnicas negras,máscaras brancas, vestido de couro vermelho e de arrastão ou algodão amassado, túnica branca e a roupa de Édipo, calça, camisa e corôa preta.

Iluminação adequada ao tema.

Marcação: os atores utilizam-se de espaços na / platéia.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1983

Bel. Rosa Maria Camanho Lameirão
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.266

Bel. Maria José de Moura
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ

Bel. Teresa Guimarães Paterno
Téc. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.415.822

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 581

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

PROVISÓRIO

Certificado Nº 211/83/RJ

PEÇA " ÉDIPO REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

JUSTIFICATIVA DE IMPROPRIEDADE: CENAS DE TENSÃO E VIOLÊNCIA.

VÁLIDO ATÉ 03 de DEZEMBRO de 19 83

CLASSIFICAÇÃO
PROIBIDO
PARA
MENORES
DE 14 ANOS

RJ, 03 de OUTUBRO de 19 83

Maria Selma Miranda Chaves
Chefe do SCDP|SR|RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 582

M. J – D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de GEIR CAMPOS

Adaptação de

Produção de

Requerida por LUCIA MARIA DE ARAUJO DA SILVA

Tendo sido censurada em 28 de SETEMBRO de 19 83 e recebido a seguinte classificação: 14 ANOS/. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/RJ./// LEMA.

RJ, 03 de OUTUBRO de 19 83

Bel. Eliane Maria Couto de Faria
Chefe do Serviço de Censura
Chefe da SCC do SCDP|SR|RJ

DPF–150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 583

TEATRO

TÍTULO ÉDIPO REI

autor: SÓFOCLES

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 16 anos

Praça SR/RJ

Obs.:

DF. 10 / 10 / 83 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio

Obs.: Cert. Provisório - SR/RJ

Brasília-DF, 13 de 10 de 1983

Abelé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 416 791

Brasília – DF de de 1.97

11 Cenas de Tensão e Violência

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (Catorze) anos.

Brasília-DF, 13 de 10 de 1983

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 13 / 10 / 1983

Sidange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.584

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
222	13 OUTUBRO 1983	13 OUTUBRO 1988

TÍTULO: ÉDIPO REI

AUTOR (ES): SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: CENAS DE TENSÃO E VIOLÊNCIA

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: ÉDIPO REI

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL CERTIFICADO Nº 222

TRADUTOR OU ADAPTADOR:

REQUERENTE: LÚCIA MARIA DE ARAÚJO DA SILVA - RIO DE JANEIRO/RJ -

DECISÃO: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14(CATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓTERÁ VALIDADE QUANDO ' ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC/DCDP
ASSINATURA

BSB , 13 DE OUTUBRO DE 1983 .

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.585

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 14 outubro 1983

OF. Nº 1.848/83-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/RJ.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

" ÉDIPO REI ", de Sófocles, " O RAPTO DAS CEBOLINHAS ", de Maria Clara Machado, " O FANTÁSTICO CIRCO PARARATIBUM", de José Carlos Cosme Ribeiro, " DUCA VAI A LUTA ", de Antonio Carlos Porto Bernardes, " AS ABELHAS NO SÍTIO ", de Milce Gonçalves, " O BOI E O BURRO A CAMINHO DE BELÉM ", de Maria Clara Machado.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 586

MJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
COMUNICAÇÃO - 03202

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

7 JUN 16 = 003974

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

DCDP / BSB

Ofício nº 057/84-SCDP/SR/MG — Belo Horizonte, 31 de maio de 1984

Assunto: Peças Teatrais (encaminha)

Senhora Diretora:

Conforme o que determina a alínea "D", ítem 01 da Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, estamos remetendo a essa Direção, para apreciação de V.Sª., as peças teatrais a seguir relacionadas:

1) " TUDO BEM ESTA NOITE ", de autoria de Marco Antonio Gualter Rosas.

2) " OS MENINOS PERALTAS ", de autoria de Antonio Carlos de Assis.

3) " CAMINHO DO SONHO ", de autoria de Paloma.

4) " O GENRO QUE ERA NORA ", de autoria de Aurimar Rocha.

5) " ESTA NOITE SE IMPROVISA ", de autoria de Luigi Pirandello.

6) " O DESPERTAR DA PRIMAVERA ", de autoria de Frank Wedekind.

7) " ÉDIPO REI ", de autoria de Sófocles.

8) " QUEM TEM MEDO DO CAÇADOR ", de autoria de Rodrigo Leste.

Ainda, de conformidade com o que disciplina o mesmo Diploma Legal, acima citado, estas obras estão acompanhadas de seus respectivos pareceres e relatórios de ensaio-geral.

Atenciosamente,

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura DPF/MG

Ilma. Sra.
Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes
Dd. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Brasília - DF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 587

ILMº. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MJ - Departamento de Policia Federal
Superintendencia Regional de Minas Gerais
Serviço de Censura de Diversões Publicas
PROTOCOLO Nº 865/84-SCDP/SR/MG
DATA 23/04/1984
Funcionário

GERALDO SIMÃO TAVARES
Requerente

BRASILEIRA, BANCARIO
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade M-7338/4 SSPMG
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à RUA GUAJAJARAS 51 apto 504

vem, mui respeitosamente, requerer de V. Sª., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) PEÇA TEATRAL abaixo relacionada(s), de autoria
Espécie

de: SOFOCLES

Título(s)
EDIPO REI

N. Termos
Pede deferimento
Belo Horizonte 23 Abril de 1983
Local e Data

Geraldo Simão Tavares.
Requerente

Anexos:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 588

1 - ~~EMPRESA OU GRUPO. Se houver)~~

Nome: GRUPO MINEIRO DE COMEDIA C.G.C.:

Sede: RUA PARACATU 558

CEP:

Diretor ou Responsável: ITALO MUDADO

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: SOFOCLES

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: GREGA Naturalidade: ATENAS

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

3 - PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Profissão: Est.Civil:

Endereço:

CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aquí prestadas.

DATA: BELO HORIZONTE "23 ABRIL 1984

Ass.: Geraldo Gomes Tavares

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.589

MJ - DPF - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

P A R E C E R Nº 078 /84

TÍTULO : "ÉDIPO REI"
AUTOR : SÓFOCLES - TRADUÇÃO DE MÁRIO DA GAMA KURY
CLASSIFICAÇÃO : 14 ANOS
JUSTIFICAÇÃO/IMPROPRIEDADE: COMPLEXIDADE TEMÁTICA

Procedendo ao exame comparativo do texto em epígrafe, verifiquei que a nova cópia está mais completa que a anterior, já examinada por este SCDP.

O conteúdo é o mesmo, portanto, fiel ao original de Sófocles.

Não vejo objeção, do ponto de vista censório, em manter a mesma faixa etária, ou seja, para os maiores de 14 ANOS, condicionado, entretanto, ao exame de ensaio geral.

Belo Horizonte, 26/abril/84

Helena Isabel Augusto dos Santos
Técnica de Censura
Mat. 022.948

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.590

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DPF/SCDP/SR/MG
RELATÓRIO Nº 044/84
Do: TC Helena Isabel Augusto dos Santos
Ao: Chefe do SCDP/SR/MG
Assunto: Exame de Ensaio Geral
TÍTULO: "ÉDIPO REI"
AUTOR: SÓFOCLES
CLASSIFICAÇÃO: 14 ANOS
J.I.: "COMPLEXIDADE TEMÁTICA"

Em cumprimento à O.M. nº 132/84, procedi ao exame de ensaio geral da peça em epígrafe, às 20,30 horas do dia 22/05/84, no Palácio das Artes/Sala Cesquiatti.

Sobre um tablado revestido de preto (plástico), à frente de um painel, também revestido, desenvolvem-se as cenas.

Fiéis ao texto original, em linguagem rebuscada e eloquente, o grupo, composto por jovens, rapazes, moças e crianças, se empenha num trabalho sério, embora simples, quanto à sua montagem.

O figurino, despojado, lembra o estilo clássico da época, longas túnicas em algodão.

Efeitos sonoros e iluminação incidem no palco.

Considerando-se o amadorismo do elenco, fica atenuada a dramaticidade do texto, principalmente, na sua parte mais trágica, quando Édipo, ciente de seus infortúnios se auto flagela, perfurando os próprios olhos, momento este que é apenas narrado por um figurante, assim como o suicídio de Jocasta.

Quanto à participação das crianças, lembrei ao diretor da peça, da necessidade de uma autorização por parte do juizado de menores.

Ratificando a sua liberação, para os maiores de 14 ANOS, é o que me cabe relatar.

Belo Horizonte, 23 de maio de 1984

Helena Isabel Augusto dos Santos
Técnica de Censura
Mat 022 943

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.591

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

À Sra. Técnica de Censura
Dra. Helena, para comparecer e parecer.
B. Hte 23/04/84

Dra. Ana Maria Coelho Montes - Téc. Censura
Matr. 2.416.906 - SCDP/DPF/SR/MG
Chefe da Seção de Coord. e Controle

De acordo com os pareceres e relatório do ensaio geral: 14(quatorze) anos.
Emitir certificado provisório, de acordo com o que dispõe a Port. nº 07/78-DCDP, de 13/07/78.
À consideração da Sra. Diretora da DCDP.
Em, 24/05/84

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura
SR/DPF/MG

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,P592

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

B. P. F. SR/MG

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº PROVISÓRIO

PEÇA " ÉDIPO REI "

ORIGINAL DE SÓFOCLES

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO
O.I.: COMPLEXIDADE TEMÁTICA

PROIBIDO
ATÉ
— 14 ANOS —

VÁLIDO ATÉ 23 de JULHO de 19 84

B. HTE.
Brasília, 23 de MAIO de 19 84

ELIEL JOSÉ DE SOUSA
Chefe do Serviço de Censura
SR/DPF/MG

P/ Diretor da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.593

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " ÉDIPO REI "

Original de SÓFOCLES

Tradução de MÁRIO DA GAMA KURY

Adaptação de

Produção de GRUPO MINEIRO DE COMÉDIA

Requerida por GERALDO SIMÃO TAVARES

Tendo sido censurada em 23 de MAIO de 19 84 e recebido a seguinte classificação: 14 (QUATORZE) ANOS

OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADA DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO.

Brasília, 23 de MAIO de 19 84

B. HTE.

p/ Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.594

TEATRO

TÍTULO ÉDIPO REI.

AUTOR: SÓFOCLES.

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 Anos.

Praça SR/MG.

Obs.:

DF. 06 / 06 c/ 84 /

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame de enta-

Obs.: cert. Provisório - SR/MG

Brasília-DF, 07 de 06 de 1984

Hellé Prudente Carvalhedo
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de de 1.97

JJ - Complexidade do tema

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de (14) quatorze anos.

Brasília-DF, 07 de junho de 1984

Em de de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma de parecer
Em, 07 / junho 1984

Solange M. T. Hernandes
Diretora da DCDP

DPF-538

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 ip 595

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
222	07 DE JUNHO DE 1984	07 DE JUNHO DE 1989

TÍTULO: "ÉDIPO REI"

AUTOR (ES): SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: COMPLEXIDADE DO TEMA

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "ÉDIPO REI"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 222

TRADUTOR OU ADAPTADOR: MÁRIO DA GAMA KURI — *BELO HORIZONTE/MG*

REQUERENTE: GERALDO SIMÃO TAVARES

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 07 DE JUNHO DE 1984.

GRC

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.596

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 12 junho de 1984

OF. Nº 949/84-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/ MG.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

" TUDO BEM ESTA NOITE ", de Marco Antonio Gualter Rosa,

" DESAFIO.... E QUEDA ", de Darci Mônico Rodrigues.

" O GENRO QUE ERA NORA ", de Aurimar Rocha.

" CAMINHO DO SONHO ", de Paloma.

" OS MENINOS PERALTAS ", de Antonio Carlos de Assis.

" ESTA NOITE SE IMPROVISA ", de Luigi Parandello.

" ÉDIPO REI ", de Sófocles.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 597

MJ-DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
CÓDIGO - 08202
23 OUT 1155 007800

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PUBLICAS
DCDP / BSB

OFÍCIO nº 6743/84-SCDP EM, Curitiba, 22 de Outubro de 1.984

DO Chefe do SCDP/SR/PR

ENDEREÇO SR/DPF/PR

AO Ilma Sra Diretora da DCDP/DPF

ASSUNTO CERTIFICADO DEFINITIVO (solicita)

Senhora Diretora,

Para expedição do cOmpetente Certificado definitivo, estamos encaminhando o Processo de liberação da peça teatral de Sófocles, tradução de Geyr Campos, intitulada " ÉDIPO REI ", liberada por este Serviço com impropriedade para menores de 14 (catorze) anos, para o Grupo ZEN RUMO desta Capital, a requerimento de Jair Ramos Braga Fº.

A oportunidade nos é propícia para / renovarmos nossos protestos de consideração e estima.

Atenciosamente,

TC Benedito Zumas Fº
Chefe do SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.598

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

3482

JAIR RAMOS BRAGA FILHO
Requerente

BRASILEIRA, ESTUDANTE
Nacionalidade, Profissão

Carteira de Identidade 1.297957 - INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO DO PR.
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à RUA GENERAL CARNEIRO Nº: 280
AP: 6, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) PEÇA DE TEATRO abaixo relacionada (s),
Espécie

de autoria de: SÓFOCLES

ÉDIPO REI
Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

CURITIBA 26/09/84
Local e Data

Jair Ramos Braga Filho
Requerente

Anexos: (PARA LETRAS MUSICAIS):

1) FITA CASSETTE GRAVADA COM AS LETRAS MUSICAIS CANTADAS, e
2) TRÊS VIAS DAS LETRAS MUSICAIS DATILOGRAFADAS E ASSINADAS PELOS AUTORES.

(PARA TEXTOS TEATRAIS):

1) OFÍCIO DA S.B.A.T. ENCAMINHANDO A PEÇA OU DECLARAÇÃO, CARIMBADA PELA S.B.A.T., DE QUE O AUTOR NÃO É FILIADO A NENHUMA SOCIEDADE ARRECADADORA DE DIREITOS AUTORAIS; e
2) TRÊS VIAS DATILOGRAFADAS DO TEXTO TEATRAL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.599

1 – **EMPRESA OU GRUPO** (Se houver)

Nome: GRUPO ZEN RUMO DE TEATRO AMADOR CGC: _____

Sede: RUA GENERAL CARNEIRO Nº: 280 AP: 6

CURITIBA PR. CEP: 80.000

Diretor ou Responsável: JAIR RAMOS BRAGA FILHO

2 – **DADOS DO AUTOR**

Nome: SÓFOCLES

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

3 – **PARCERIA**

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Nome: _____

Pseudônimo: _____ Filiação: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Data do Nasc.: _____ Identificação: _____

Estado Civil: _____

Profissão: _____

Endereço: _____

CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 26/09/84

Ass.: Jair Ramos Braga Filho

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.690

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Curitiba , 26 de setembro de 19 84

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
N/Capital.

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

"EDIPO REI "

Original de SOFOCLES
Tradução de GEYR CAMPOS
Próxima apresentação de GRUPO DE TEATRO ZEN RUMO
Teatro AUDIT GLAUCO F DE SA BRITO Cidade CURITIBA PR
Estado PR
A estréia está prevista para 19/10/84

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

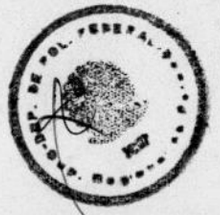
Pela SBAT,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal do Paraná

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048.p 601

ÉDIPO REI

SÓFOCLES



ÉDIPO

Meus filhos, filhos da terra de Tebas,[1]
por que vindes aqui perante mim
com esses ramalhetes enlaçados,
suplicantes, enquanto
uma nuvem de incenso veste toda a cidade
em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei
que não devia saber por terceiros:
assim, eu mesmo vim,
eu, vosso rei,
de todos conhecido como Édipo,
o Ilustre.
Fala-me tu, cidadão venerável,
naturalmente o porta-voz do grupo:
com que ânimo estais aqui reunidos,
temor ou esperança?
Tudo farei para vos ajudar;
áspero coração seria o meu
se com toda a atenção não vos ouvisse.

SACERDOTE

Édipo, grande senhor nosso e rei:
tu podes ver

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 602

a idade dos que cercam teus altares,
uns ainda quase implumes
sem forças para as grandes revoadas,
outros curvados ao peso dos anos,
sacerdotes, como eu o sou de Zeus[2]
e a nossa mais seleta juventude...
O restante do povo, suplicante também,
espalha-se nas praças dos mercados
ou defronte dos templos
ou onde Ismeno[3] faz previsões pelo fogo.
É que, tu vês, o barco da nossa cidade,
sacudido por já longa tormenta,
nem mais consegue levantar a proa
coberta pelos vagalhões da morte:
morte sobre as lavouras em flor,
sobre os pastos e o gado,
e sobre o ventre das mulheres grávidas...
Com seu archote flamejante a peste
lança-se sobre nós e dizima a cidade:
fica vazia a casa dos tebanos,
e o reino tenebroso dos infernos
vai-se enchendo de lágrimas e gritos.
Assim, ó rei, defronte à tua porta
vimos ajoelhar-nos, tantos jovens e eu,
por te julgarmos, não igual aos deuses,
mas primeiro entre os homens:
primeiro nas coisas comuns da vida
e primeiro nas atenções divinas.
Ao chegar a esta terra
tu nos livraste do ignóbil tributo
que éramos constrangidos a pagar
à Esfinge, a inexorável cantadeira;[4]
não tinhas recebido encargo nosso
nem foras por ninguém industriado,

e entretanto, inspirado por um deus,
conforme todos dizem e acreditam,
tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei,
é a ti que recorremos, suplicantes,
para que nos descubras um remédio,
seja por nova inspiração divina
ou pela tua experiência humana,
pois o homem que antes agiu bem,
depois, só poderá dar bons conselhos.
Salva a cidade, ó melhor dos mortais!
Pensa na tua glória:
por teu feito de ontem
és nosso consagrado salvador...
Não deixes que lembremos teu reinado
como o que nos chegou a levantar
para adiante nos deixar cair!
Reabilita, para sempre, esta cidade!
Vieste para nós trazendo a sorte,
não a deixes mudar!
Pois, se hás de reinar sobre esta terra,
reina então sobre homens,
melhor que no deserto:
nada valem, sem homens que os guarneçam,
nem os navios nem as fortalezas!

ÉDIPO

Meus pobres filhos, eu sei bem demais
o que vos traz aqui e o que esperais.
Sofreis e eu também sofro: minha dor
excede a vossa, seja ela qual for.
Vossa dor vos aflige a um por um;
eu entretanto sofro ao mesmo tempo
pelo país e por vós e por mim...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 603

Não me viestes acordar de um sonho:
choro, e muito já tenho chorado
com o pensamento a tatear saídas!
Uma coisa já fiz:
mandei Creonte, meu nobre cunhado,
A Delfos,[5] perguntar ao deus do Sol,[6]
em seu maravilhoso santuário,
com que palavra ou gesto eu poderei
salvar esta nação.
Agora aflito vou contando os dias
desde que ele partiu, achando estranha
tanta demora. Quando ele chegar,
as determinações do deus,
por minha honra, hão de ser cumpridas!

SACERDOTE
Em boa hora falaste:
já estão fazendo sinais
de que Creonte vem vindo!

ÉDIPO
Ó grande deus!
Que ele, com seu semblante iluminado,
nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE
Pelo que vejo, tem notícias boas:
traz na cabeça a coroa de louros!

ÉDIPO
Já saberemos, está ao alcance da voz:
– Príncipe, cunhado meu,
qual a mensagem do deus?

CREONTE
Boas notícias!
Por mais difícil que seja a situação,
quando bem encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO
Mas o oráculo?
Tuas palavras fazem-me oscilar
entre medo e esperança.
Que diz o oráculo?

CREONTE
Queres que eu fale diante de estranhos,
eu falo. Se não, entra e eu te acompanho!

ÉDIPO
Fala diante de todos:
a dor dos meus vassalos
importa mais do que a minha vida!

CREONTE
Com tua permissão,
repito apenas o que ouvi de Apolo:
— Existe um mal, aqui nascido e aqui agasalhado,
tornando impura e corrompendo esta cidade!
O grande deus ordena expressamente: — Extirpá-lo!

ÉDIPO
Que tipo de mal é esse? Como extirpá-lo?

CREONTE
Desterrando o culpado ou
lavando sangue com sangue,
pois é esse sangue que atrai o mal sobre nós.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p604

ÉDIPO
Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE
Antes de tu assumires o leme do Estado,
nosso rei era Laios...

ÉDIPO
Eu sei, mas nunca o vi.

CREONTE
Laios foi morto.
E o deus agora quer justiça,
mandando claramente punir os assassinos,
sejam eles quem forem.

ÉDIPO
Em que furna da terra estarão eles?
Como trazer de novo à luz do Sol
os vestígios de um crime tão antigo?

CREONTE
"Procurando, achareis" — ensina o deus.
Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO
Laios estava no palácio ou em campanha
ou em viagem, quando teve esse destino?

CREONTE
Em viagem: dizendo que ia a Delfos,
ele partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO
Nenhum informe? Nem ninguém da comitiva
com uma pista para ser seguida?

CREONTE
Só um dos homens conseguiu sobreviver,
e esse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO
Que coisa? — Um dado certo leva a outros,
quando se tem um raio de esperança.

CREONTE
Conta que Laios foi morto
por um bando de ladrões,
que o assaltaram e,
juntos, o chacinaram.

ÉDIPO
Mas que ladrões ousariam
matar assim um rei
senão de acordo com alguém aqui em Tebas?

CREONTE
Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto,
e nenhum vingador apareceu
em meio às nossas preocupações...

ÉDIPO
E que preocupação pode abafar
uma investigação sobre o assassínio
de um rei?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 605

CREONTE

A ameaça da Esfinge nos forçava
a pôr de lado as coisas duvidosas
e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO

Pois eu vou começar tudo de novo
e uma vez mais esclarecer as coisas.
Fez bem o deus, e tu fizeste bem,
tirando o morto deste esquecimento:
mais um serviço prestarei, assim,
vingando a ofensa feita ao deus e a Tebas.
Hei de lavar a nódoa deste sangue,
e não só pelos outros, mas também
por minha causa — pois quem matou Laios
talvez me esteja preparando o mesmo fim:
ao justiçá-lo, então, é a mim que sirvo.
Levantai-vos, meus filhos, e depressa
ide-vos dos degraus destes altares,
levai os ramalhetes, e chamai
a vir aqui toda a gente de Tebas,
que eu não quero passar ninguém por alto.
Com a ajuda do deus vamos vencer;
ou, se não, vamos juntos perecer!

SACERDOTE

O que queríamos é o que este homem
nos prometeu, afinal
E praza a Apolo, que mandou essas mensagens,
vir em socorro nosso e livrar-nos da peste!

CORO

Ó doce voz de Zeus,
que mensagem me trazes

de Delfos, a divina,
a Tebas, a dourada?
Estremece de medo
minha alma torturada...
— Ó deus, estás ouvindo?
Tens algum sofrimento
desconhecido ainda,
ou a roda dos anos
repisa a dor de sempre?[7]
— Ó voz imorredoura,
ó filha da esperança,
vem me dizer agora!

— A ti primeiro, Atena[8]
filha do grande Zeus,
invoco! — E a ti, Ártemis,[9]
padroeira de Tebas,
que tens lugar de honra
e trono em nossa praça!
— E a ti, fogoso Apolo,
com teu certeiro dardo!
— Dai-nos a vossa luz,
vosso tríplice escudo,
e livrai-nos da morte!
— Em tempos outros, quando
caiu sobre a cidade
o primeiro flagelo,
vós o fizestes ir
para longe, levando
suas línguas de fogo...
— Vinde agora ajudar-nos!

— Pobre de mim: sem conta
as minhas provações!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.606

As forças em declínio
e o espírito inerme,
a terra a negar frutos,
as mães gemendo estéreis;
vidas a irem-se embora,
como pássaros leves
mais céleres que o raio
vibrado pelos céus,
para os confins da noite...

— Assim, morte por morte,
a cidade parece.
— Corpos jazem no chão
e não há quem os vele.
— Nos degraus dos altares,
esposas e viúvas
fazem o ar tremer
de gritos e soluços...
— Diante disso tudo,
loura filha de Zeus,
dá-nos a tua ajuda!

— Não possa o deus da morte,[10]
agora desarmado
mas cercado de gritos
como em plena batalha,
abater sobre mim:
faze com que ele fuja
para as praias da Trácia[11]
ou a cama de Anfitrite[12]
— Ai, o que a noite poupa,
vem o dia e executa!
— Zeus pai, em cujas mãos
cabem todos os raios:

acaba de uma vez
com o que nos faz mal!

— Também as tuas setas,
ó luminoso Apolo,
quisera eu ver lançadas
em todos os sentidos,
por nossa proteção;
como também os raios
flamejantes de Ártemis,
varejando os barrancos!
— E peço mais a ti,
deus inventor do vinho,
Baco[13] *dos evoés,*
a quem Tebas cultua:
vem com a tua flama,
com teu brilhante archote,
pôr em fuga o inimigo
da gente que te ama!

ÉDIPO

Rezais... Em seguimento a tantas rezas,
se observardes bem minhas palavras
e vos unirdes no combate ao mal,
podereis ter certeza de socorro
e alívio para as vossas aflições.
Eu aqui falo como uma pessoa
alheia ao que se diz e ao que ocorreu;
mesmo porque tão longe não iria
saindo a campo, só, sem uma pista...
Como só vim a ser um cidadão
tebano, entre os tebanos, muito tempo
depois do acontecido,
a todos vós proclamo:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 607

— Se algum de vós sabe qual foi a mão
que matou Laios,
eu ordeno que me declare já!
Quanto ao próprio culpado,
caso esteja com medo
de ser denunciado,
livre-se do temor
denunciando a si mesmo,
pois nada sofrerá:
só deixará o país,
sem qualquer violência!
Ou se alguém conhecer
talvez um estrangeiro
que seja o assassino,
não deixe que se cale:
receberá de mim,
além da recompensa,
a minha gratidão!
Porém se vos calardes,
se algum de vós, por medo,
ocultar o culpado,
um amigo talvez
ou a própria pessoa,
eis a minha sentença
que hei de fazer cumprir:
— Proíbo que qualquer filho da terra
onde me assistem o comando e o trono
dê guarida ou conversa ao assassino,
seja ele quem for;
que o aceite nos cultos e no lar,
que divida com ele a água lustral![14]
Eu ordeno, ao contrário,
que o enxotem de suas casas, todos,
por ser aquilo que nos torna impuros,



conforme acaba de nos revelar,
por seu oráculo, a fala do deus!
Nesta questão me tendes aliado
ao grande deus e ao rei assassinado.
E ainda mais:
rogo aos céus, solenemente,
que o assassino, seja ele quem for,
sozinho em sua culpa ou tenha cúmplices,
tenha uma vida amaldiçoada e má,
pela sua maldade, até o fim de seus dias.
Quanto a mim, se estiver o criminoso
em minha casa, privando comigo,
eu espero que sofra as mesmas penas
que dei para os demais.
Conto convosco para que se cumpra.
minha palavra,
com o respeito devido ao deus e a mim,
em nome desta terra atormentada
pela fúria divina!
Pois, mesmo que este caso não nos fosse
trazido por um deus, não deveríeis
deixar ficar a culpa sem castigo,
quando a um tão nobre homem — vosso rei —
arrancaram a vida:
o justo era encontrardes o assassino.
E agora, que sou eu
quem maneja o poder que era de Laios,
que dele herdei o trono, o leito e a esposa
(não fora o seu destino assim truncado,
os nossos filhos com a mesma mãe
seriam outros tantos laços a ligar-nos),
eu, diante de todas estas coisas,
ponho o maior empenho nesta causa
como se fosse a do meu próprio pai,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 608

em honra dos varões deste país,
sem deixar nada por averiguar
até encontrar a mão que derramou o seu sangue.
Quanto àquele que não me obedecer,
eu rogo aos deuses
que não lhe dêem fruto algum da terra
ou fruto de mulher
e que pereça da atual calamidade
senão de outra pior!
A todos vós, leais filhos de Tebas,
a quem pareçam justas estas coisas,
possa a Justiça, aliada nossa, e os deuses todos,
cumular para sempre de benesses!

CORIFEU
Já que invocou meu testemunho o rei,
eu falo em testemunho do que sei:
quem matou não fui eu, nem sou capaz
de apontar com meu dedo o malfeitor!
Acho que neste caso caberia
ao próprio deus, que o pôs diante de nós,
mostrar, junto com o crime, o criminoso.

ÉDIPO
Muito bem dito, mas
não cabe a nenhum homem sobre a terra
forçar um deus a algo que ele não quer...

CORIFEU
Tenho a dizer uma segunda coisa!

ÉDIPO
E se tiveres ainda uma terceira,
não percas tempo: vai logo dizendo!

CORIFEU
Autoridade por autoridade,
nosso velho Tirésias
vê tanto quanto o oráculo:
a quem rebusca estas coisas, ó rei,
ele teria muito que ensinar!

ÉDIPO
Isso também eu não deixei de lado:
por sugestão de Creonte,
mandei chamar Tirésias, duas vezes,
e estranho que ainda não tenha chegado...

CORIFEU
Há uns rumores, também, de que me lembro:
mais palavras ao vento...

ÉDIPO
Que rumores? Tudo isso me interessa!

CORIFEU
Diziam que uns viandantes o mataram...

ÉDIPO
Isso eu também já ouvi,
mas não há quem conheça testemunhas.

CORIFEU
Se souber o que é medo, o criminoso
há de estar por aí pronto a fugir,
depois da tua terrível proclamação...

ÉDIPO
Se a alguém o próprio ato não assusta,
não são palavras que vão assustar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 609

CORIFEU
Mas aí está quem pode descobrir
o criminoso:
afinal trazem o vidente iluminado!
Se algum mortal tem acesso à verdade,
é ele!

ÉDIPO
Tirésias! tu que tudo percebes,
do mais claro ao mais denso dos mistérios
alto nos céus ou rasteiro na terra,
hás de sentir, mesmo sem poder ver,
a desgraça que assola esta cidade...
Eis, profeta, por que te procuramos
como última defesa e salvação!
O deus Apolo, a uma consulta nossa,
(se quem te foi chamar já não te disse),
nos fez saber que a única maneira
de nos livrarmos deste mal seria
desentocar os que mataram Laios
e também os matar ou desterrar.
Agora, tu: fica atento aos avisos
das aves, e a quaisquer outros sinais,
e aguça os teus poderes de adivinho!
Faze-o por ti, faze-o por Tebas e por mim,
faze-o por todos os que estão sofrendo
pela morte do rei!
Em tuas mãos estamos,
e a mais nobre missão do ser humano
é prestar sua ajuda ao semelhante
por todos os meios ao seu alcance.

TIRÉSIAS
Deuses! Como é terrível
o dom da sabedoria
quando não serve a quem o tem!
Eu, tão convencido disso,
nem me lembrei... Senão, eu não viria.

ÉDIPO
Que foi? Por que te lamentas?

TIRÉSIAS
Deixa-me ir para casa!
Será mais fácil, assim,
tu carregares o teu fardo e eu o meu...

ÉDIPO
Estranha palavra, a tua:
parecerás inimigo do povo que te acólheu,
se negares resposta.

TIRÉSIAS
Vejo que falas no momento errado
e não quero incorrer no mesmo erro.

ÉDIPO
Pelos deuses: nós todos te imploramos,
não guardes mais segredo!

TIRÉSIAS
É que vós todos de nada sabeis:
não quero revolver as minhas mágoas,
para não ter de revelar as tuas...

ÉDIPO
Então sabes e não queres falar?
Pretendes atraiçoar-nos
e destruir a nação?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.610

TIRÉSIAS
Se o que quero é poupar-nos,
a ti e a mim
por que me fazes perguntas vãs?

ÉDIPO
Vileza das vilezas!
És capaz de enraivecer uma pedra!
Não há argumento que te dissuada?
Não falas? Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS
Só vês o erro em mim:
tu censuras a minha teimosia,
mas não percebes que a tua é maior!

ÉDIPO
Quem poderia conservar a calma
ante as palavras com que afrontas a cidade?

TIRÉSIAS
O que está por vir virá,
mesmo que eu silencie.

ÉDIPO
Mas neste caso, sabendo o que está por vir,
é tua obrigação me prevenir!

TIRÉSIAS
Nada mais tenho a dizer.
Agora, se tu quiseres, inunda teu coração
com toda a raiva que nele couber!

ÉDIPO
Precisamente! E na raiva
não guardarei o que me vem à cabeça:
a mim me parece
que tu tramaste e executaste todo o crime,
só não chegando a utilizar as próprias mãos;
não fosses cego, eu diria que até a matança
foi obra tua e de mais ninguém!

TIRÉSIAS
É isso? Então ouve:
sobre a tua cabeça pende o anátema
que teus lábios lançaram!
Daqui em diante
não tornes mais a me falar, nem aos presentes,
pois tu és a maldição que pesa sobre Tebas!

ÉDIPO
Tens a imprudência de me falar assim,
e pensas escapar à punição?

TIRÉSIAS
Sempre escapei: eu tenho comigo a verdade.

ÉDIPO
Quem disse isso? Não seria o teu ofício...

TIRÉSIAS
Tu me constranges a falar contra a vontade.

ÉDIPO
Falar? Repete, para eu entender!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 611

TIRÉSIAS
Insistes em provocar-me? Será que não escutaste?

ÉDIPO
Não o bastante para ficar convencido.
Fala de novo!

TIRÉSIAS
Digo que tu
és o assassino do homem
cujo assassino procuras!

ÉDIPO
Segunda vez... Hás de te arrepender por isto!

TIRÉSIAS
Não queres que eu fale mais,
para mais te enraiveceres?

ÉDIPO
Como quiseres: será tudo insensatez...

TIRÉSIAS
Digo que tu, sem o saberes, coabitas
com gente tua, em sórdida concupiscência,
e nem percebes a ignomínia a que chegaste!

ÉDIPO
Pensas que vais continuar falando assim,
impunemente?

TIRÉSIAS
Se algum valor tem a verdade, sim!

ÉDIPO
Tem, mas não para ti, pobre coitado:
cego dos molhos, dos ouvidos e do espírito!

TIRÉSIAS
Pobre coitado de ti! Pobre de ti,
a quem todos em breve hão de execrar
como zombando vens até aqui!

ÉDIPO
Olho de sombra sem fim:
não tens nenhum poder de malefício
contra quem pode ver a luz do dia!

TIRÉSIAS
Derrotado serás — é teu destino —
mas não por mim: Apolo bastará,
para fazer o que a um deus compete!

ÉDIPO
Invencionice tua ou de Creonte?

TIRÉSIAS
Não é a Creonte que deves temer,
mas a ti mesmo...

ÉDIPO
Ó riqueza, poder, sabedoria
— quanta inveja trazeis em vosso bojo!
Só por causa de todo este poder
que a cidade depôs em minhas mãos,
dádiva quando eu menos esperava,
Creonte, um velho amigo tão leal,
lança-se de emboscada contra mim,
pronto a me derrubar, com um intrigante,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 612

falso ledor da sorte, subornado,
que só tem olhos para o seu proveito
e em seu ofício é totalmente cego!
— Quando foi que provaste ser vidente?
Por que, quando rondava por aqui
a Esfinge ruminando cantilenas,
nunca tiveste nem uma palavra
que devolvesse a liberdade ao povo?
O enigma pelo menos não seria
para qualquer passante desvendar:
era preciso o dom de um adivinho...
E não deste sinal de possuí-lo,
nem pelas aves[15] nem pelos deuses.
Eu, Édipo, sem de nada saber,
logo ao chegar fiz a Esfinge calar:
deslindei a questão pela razão,
nem foi preciso consultar teus pássaros!
E agora tu me queres afastar,
talvez pensando apenas em ficar
mais próximo do trono de Creonte?
Creio que tu e quem tramou tudo isto
ainda lamentareis o falso empenho
na purificação desta cidade...
Não parecesses tu assim tão velho,
já à tua própria custa aprenderias
aonde pode levar a felonia!

CORIFEU
Édipo,
tanto as palavras tuas como as dele
foram ditas com raiva:
não é disso que estamos carecendo,
mas sim de combinar o melhor meio
de pôr em prática as ordens do deus!

TIRÉSIAS
Tu és o rei, mas o direito manda
que de igual para igual eu te responda:
o que é direito, é um privilégio meu!
Não é a ti que eu sirvo: eu sirvo a um deus,
nunca estive a serviço de Creonte!
E a ti eu digo,
já que me ofendes por minha cegueira:
os dois olhos que tens pouco adiantam,
pois não vês a miséria que te cerca
nem a casa em que vives, nem com quem...
Sabes, ao menos, de quem és nascido?
És inimigo dos teus sobre a terra
e dos que a terra cobre,
mas não sabes.
Ao duplo látego da maldição
de teu pai e tua mãe, serás um dia
expulso do país em triste pressa;
em teus olhos, que hoje pensam ver claro,
terás então a treva irreversível!
Quando em breve atinares com o sentido
das núpcias que tiveste nesta casa,
fatal repouso após longas jornadas,
onde irão reboar os teus gemidos?
Em mais uma torrente de outros males,
dos quais nem desconfias, rolarão
teus filhos e o pai deles, confundidos...
Zomba, agora, de mim e de Creonte!
Pois nenhum outro homem
jamais há de ter sido triturado
com tanta crueldade como tu!

ÉDIPO
Serão de tolerar-se tantas coisas

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.613

da parte desse homem? — Vai-te embora,
some da minha porta! Fora! Fora!

TIRÉSIAS
Eu vim aqui pela tua vontade,
não pela minha...

ÉDIPO
Pois, se eu soubesse que só dirias sandices,
muito terias que esperar por meu chamado!

TIRÉSIAS
Talvez eu possa parecer-te louco,
mas teus pais sabem que tenho razão...

ÉDIPO
Meus pais? — Espera! De quem eu nasci?

TIRÉSIAS
O mesmo dia que disser teu nascimento
há de marcar teu fim...

ÉDIPO
Enigmas! Sempre enigmas!

TIRÉSIAS
Então não és aquele que decifra
qualquer enigma?

ÉDIPO
Escarneces de inveja do poder
que me trouxe tão alto?

TIRÉSIAS
Ou da fraqueza que te levará tão baixo...

ÉDIPO
Se com ela salvei esta cidade,
o resto não importa.

TIRÉSIAS
Então me vou: menino, leva-me daqui!

ÉDIPO
É bom, mesmo, que te leve:
tua presença me pesa,
quando tiveres sumido não me aborrecerás mais.

TIRÉSIAS
Vou depois de cumprir minha missão,
sem receio das tuas ameaças:
jamais me poderias destruir!
E a ti eu digo: rei,
o homem a quem tanto vinhas procurando,
com ameaças e proclamações,
mora aqui!
Passa por um estrangeiro,
mas se verá que é natural de Tebas
e essa descoberta lhe será cruel.
Cego, ele que hoje tudo vê,
mendigo, ele que hoje é rico,
rumará para alguma terra estranha
tateando os caminhos com o bastão...
E se verá que é ele, ao mesmo tempo,
filho e marido da que o pôs no mundo,
herdeiro e matador do próprio pai.
Entra, e pensa bem nisso!
Se puderes provar que estou errado,
então chama-me cego!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048 p. 614

CORO

— *Quem é esse que a voz*
do oráculo de Delfos
acusa de trazer
as mãos tintas de sangue
de um tão terrível crime
que nem as línguas dizem?
— *E' tempo de fugir*
mais rápido que o vento,
pois o filho de Zeus
investe contra ele
armado de coriscos
e incendiárias flamas;
e as deusas justiceiras [16]
também no seu encalço
já se lançam terríveis!

— *Lampejou ainda agora*
sobre os tetos do mundo
a palavra de ordem
a todos: que persigam
esse réu inconfesso!
— *Como um touro assustado,*
vai ele pela mata,
por grutas e rochedos,
no afã de ficar só
em seu mísero andar,
para a voz do destino
(a mais certa do mundo),
que sobre ele esvoaça,
não se concretizar!

— *Deveras o adivinho*
me veio mui perplexo:
não creio nem descreio,
nem sei o que dizer...
— *Entre um filho de Tebas*
e um filho de Corinto, [17]
que rixas caberiam?
— *Nunca ouvi, nem agora*
nem no tempo passado,
nenhuma testemunha
que merecesse fé
dizer alguma coisa
contra o nome de Édipo
ou contra o seu empenho
de vingar este crime
em nome dos tebanos!

— *O deus Apolo vê,*
bem como o deus dos deuses,
o destino dos homens;
mas um mortal como esse,
um simples adivinho,
que coisas pode ver?
— *Pode uma inteligência*
brilhar mais do que outra;
mas eu, sem antes ver
confirmada a denúncia,
não iria apoiar
esses que acusam Édipo!
— *Num caso não há dúvida:*
quando a Esfinge atacava,
ele provou ser sábio
e amigo da cidade!
— *Assim meu coração,*
sem ter provas, se exime
de lhe imputar um crime

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.615

CREONTE
Povo de Tebas!
Tendo chegado ao meu conhecimento
que o rei Édipo fez
acusações pesadas contra mim,
eu venho aqui para fazer sentir
a minha mais total indignação:
se, em meio à presente calamidade,
ele pensa que eu lhe fiz algum mal
por atos ou palavras
(e como isso me dói!),
não hei de viver todos os meus dias
com a suspeita dessa aleivosia!
O gume dessa infâmia
não me fere num ponto unicamente:
é do mais amplo alcance,
me expondo a carregar perante vós,
amigos meus, meu povo,
a pecha de traidor!

CORIFEU
Talvez lhe tenha escapado essa ofensa
em hora de tensão, de grande raiva,
jamais do fundo do seu coração...

CREONTE
Ele não disse que eu induzi o adivinho
a espalhar falsidades?

CORIFEU
Muitas coisas foram ditas;
com que sentido, não sei...

CREONTE
E isso foi assacado contra mim
com o olhar firme e firme o pensamento?

CORIFEU
Não sei: não olho o que meus amos fazem.

ÉDIPO
Ah! estás aí? Pois tens o atrevimento
de vir à casa onde matas o dono
ver a coroa que esperas roubar?
Vamos, em nome dos deuses confessa:
covardia ou inépcia viste em mim
que te animasse a tramar esse golpe?
Julgaste que eu, ingênuo, não veria
no escuro a cobra preparando o bote?
Ou que, vendo-a não me defenderia?
Não serás tu o ingênuo, pretendendo,
sem servidores e amigos, um trono
que com força e riqueza se conquista?

CREONTE
Ouve-me agora: é uma resposta franca,
para que julgues com discernimento...

ÉDIPO
Tens muita habilidade no falar,
mas tuas falas cheias de veneno
só me dirão do mesquinho inimigo que tu és.

CREONTE
Primeiro escuta os argumentos meus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.616

ÉDIPO
Só não me digas que não és um pérfido?

CREONTE
Se pensas que a arrogância sem sentido
é uma vantagem, estás enganado.

ÉDIPO
Se pensas que fazer mal a um parente
não tem castigo, enganado estás tu!

CREONTE
Perfeitamente, concordo. Agora, explica:
que mal é esse que imaginas que eu te fiz?

ÉDIPO
Mandar chamar aqui esse adivinho,
não foi idéia tua?

CREONTE
É eu insisto na mesma sugestão.

ÉDIPO
Há quanto tempo Laios...

CREONTE
Laios?... Não vejo aonde queres chegar.

ÉDIPO
Há quanto tempo Laios sucumbiu
na emboscada fatal?

CREONTE
São anos que se perdem no passado...

ÉDIPO
Naquele tempo o adivinho
já exercia o ofício?

CREONTE
Já, e tão respeitado como agora.

ÉDIPO
E quanto a mim, naquela ocasião,
ele não fez nenhuma referência?

CREONTE
Não. Pelo menos, em minha presença...

ÉDIPO
E sobre o crime
não se fez uma investigação?

CREONTE
Fez-se, porém não se descobriu nada.

ÉDIPO
E esse adivinho, tão sábio,
não soube dizer nada nessa hora?

CREONTE
Não sei. Quando não sei, eu silencio.

ÉDIPO
Mas de uma coisa tu sabes,
e vais falar, pois é o que te convém...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.617

CREONTE
O quê? Sabendo, eu não direi que não.

ÉDIPO
Sem instigação tua, o adivinho
iria agora dizer
que eu matei Laios?

CREONTE
O que ele disse e ouviste é outro assunto...
Mas, já que me interrogas,
também quero fazer-te umas perguntas...

ÉDIPO
Escuta: desse sangue derramado
eu jamais poderei ser acusado!

CREONTE
Escuta: tu não desposaste minha irmã?

ÉDIPO
Sim. Não há o que negar.

CREONTE
Reinas com ela em termos de igualdade?

ÉDIPO
De mim ela tem tudo que deseja.

CREONTE
E não sou eu junto aos dois, igualado,
a terceira pessoa deste Estado?

ÉDIPO
Isso torna mais vil tua traição!

CREONTE
Não há tal coisa: basta analisares,
como analiso, esta situação!
Primeiro: achas que alguém preferiria
reinar, cercado de preocupações,
em vez de ter a sua vida em paz
com os mesmos poderes?
Eu não experimento
necessidade alguma de ser rei,
se tenho já todas as regalias
que um rei poderá ter:
e que mais pode um homem desejar?
Eu tenho tudo quanto tens de bom,
sem ter nada com que me preocupar;
quanta coisa eu teria de fazer
a contragosto, se estivesse em teu lugar!
Como, então, poderia a realeza
ser para mim melhor do que o poder
sem atribulações?
Dos outros eu não quero as honrarias,
só quero aquilo que me dá prazer...
Onde eu estou, todos me cumprimentam,
me fazem votos de felicidade;
quando têm algo a resolver contigo,
falam antes comigo e em mim confiam...
Por que trocaria eu minha vida pela tua?
Não conspira, quem nada ambiciona.
Demais, não aprecio essa política;
e se alguém começar com essas coisas,
perderá tempo se esperar por mim...
Se queres uma prova, vai a Delfos

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 618

e vê se eu não te trouxe exatamente
as palavras do oráculo divino!
Depois, se descobrires que eu tramei
alguma coisa com esse adivinho,
condena-me à prisão, e à morte mesmo:
não por mera suspeita e prepotência,
mas por dupla sentença — tua e minha!
Tão errado é sem provas absolver
como é errado sem provas condenar...
Afastar um amigo
é como escorraçar a própria vida,
bem que tanto se preza.
Mas só com o tempo hás de compreender isto:
só o tempo mostra a bondade de um homem...
Já a maldade se vê no mesmo instante!

CORIFEU
São palavras bastante ponderadas,
de quem caminha e não quer tropeçar:

CORO
Há sempre grande perigo
num julgamento apressado...

ÉDIPO
Quando o conspirador avança rápido,
eu tenho de ser rápido também:
se eu ficar esperando, aumenta o risco
ele triunfa e eu sou derrotado.

CREONTE
Que tens em mente, para mim? Desterro?

ÉDIPO
Ou enterro — para mostrar bem claro
a coisa perigosa que é a inveja!

CREONTE
Falas como quem já está resolvido
a não ceder e a não acreditar?

ÉDIPO
Ainda não me convences de que mereces crédito...

CREONTE
Não estás sendo justo!

ÉDIPO
Justo para comigo, eu sei que sou.

CREONTE
E por que não também para comigo?

ÉDIPO
Não: tu és falso!

CREONTE
E se estiveres fora do juízo?

ÉDIPO
Um rei é para reinar!

CREONTE
Mas não quando reina mal!

ÉDIPO
Escutai-o, meu povo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 619

CREONTE
Teu povo? Meu, também!

CORIFEU
Parai com isso, príncipes! Já vejo
em boa hora sair do palácio
a rainha Jocasta: ela é capaz
de convencer-nos a fazer as pazes...

JOCASTA
Insensatos! Por que vos desgastais
nessa mesquinha troca de palavras?
Não vos vexais de vossas miudezas
quando o país está sofrendo tanto?
— Entra, meu rei! — E tu, Creonte, vai-te
para os teus aposentos: não é hora
de se dar curso a motivos menores.

CREONTE
Mas, minha irmã, Édipo, teu senhor,
quer que eu escolha:
ou o desterro, como indesejável,
ou a morte, como conspirador!

ÉDIPO
Certo, senhora: eu o peguei tramando
perfidamente contra a minha vida!

CREONTE
Que caia sobre mim a maldição de Zeus,
se fiz alguma coisa do que dizes!

JOCASTA
Édipo, pelo amor dos deuses, acredita:

primeiro pelo juramento que ele fez,
depois por mim... e pela gente aqui reunida!

CORO
Nós te imploramos, ó rei:
escuta, pensa, consente!

ÉDIPO
Que favor, afinal, quereis de mim?

CORO
Respeita a quem jamais fez má figura
e traz agora a força de uma jura!

ÉDIPO
Tendes noção do que me estais pedindo?

CORO
Sim.

ÉDIPO
Formalizai então vosso pedido!

CORO
Não condenes sem provas um amigo
que jurou!

ÉDIPO
Mas ficai certos de que, com esse pedido,
me condenais a mim ao desterro ou à morte...

CORO
Não! — Pelo guia das hostes celestes!
Pelo Sol: não! — Sem bençãos, sem amigos, morra eu
no maior desespero,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.620

se tive essa intenção!
Mas, ante o mal que assola esta cidade,
duplica o peso do meu sofrimento,
se o ódio entre dois príncipes
ameaça coroar nossa aflição...

ÉDIPO
Eu o deixo partir, certo de estar
me condenando à morte ou ao desterro...
Não por ele: por vós é que consinto!
Aonde ele vá, meu ódio o seguirá.

CREONTE
Tu te mostras tão rude no perdão
como nas horas de maior furor:
mas os temperamentos como o teu
ferem, mais do que aos outros, a quem os tem!

ÉDIPO
Tu, por que não te vais? Deixa-me em paz!

CREONTE
Irei: injustiçado por ti,
mas não por eles.

CORO
Entrai, senhora, e levai vosso homem
sem mais tardança!

JOCASTA
Só depois de saber o que ocorreu.

CORO
Cegas suspeitas, palavras duras à toa,
e a ofensa sem razão mas que magoa...

JOCASTA
De parte a parte?

CORO
Dos dois.

JOCASTA
Com que argumento?

CORO
Creio que basta: sofre o país inteiro,
vamos deixar o assunto como está!

ÉDIPO
Então, percebeis bem o que fizestes,
afrouxando e embotando o meu cuidado,
mesmo com a melhor das intenções?

CORO
Mais de uma vez já disse isto, majestade:
— Seria prova de loucura e leviandade
pôr-te de lado: tu, que ao meu país amado
deste bom rumo em hora de dificuldade,
tu, que na certa provarás também agora
seres o guia verdadeiro da cidade!

JOCASTA
A mim também, meu rei: explica, pelos deuses,
qual o motivo que tanto te enfureceu!

ÉDIPO
Senhora, explico — pois te considero
mais do que aos outros todos: o motivo
é a trama de Creonte contra mim.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.621

JOCASTA
Que trama? Como foi que começou?

ÉDIPO
Ele me acusa da morte de Laios.

JOCASTA
Fala por ele, ou por ouvir dizer?

ÉDIPO
Tomou como porta-voz um adivinho venal...
Ele é bastante sagaz para se comprometer.

JOCASTA
Então estás acima de qualquer suspeita:
não há pessoa alguma deste mundo
que prediga o futuro de ninguém!
— Eu digo, e provo! — Laios recebeu
certa vez um oráculo (não era
do próprio deus, porém dos sacerdotes)
dizendo que ele estava destinado
a morrer pela mão do próprio filho,
dele e meu... Ora, Laios, ao que consta,
foi morto um dia por salteadores
em uma encruzilhada
onde se encontram três grandes estradas.
Nosso filho, aos três dias de nascido,
Laios mandou alguém abandoná-lo
na parte mais deserta da montanha,
os tornozelos presos por um grampo:
o deus Apolo assim ficou sem meios
de fazer com que Laios terminasse
assassinado pelo próprio filho,
coisa de que ele mais tinha pavor.

E são assim todas as profecias...
Não te inquietes! Quando um deus tiver
algo de muito importante a dizer,
ele sozinho se fará entender!

ÉDIPO
Que deslembranças, que desassossego
em minha alma, rainha, ao te escutar...

JOCASTA
Que angústia, mais, é essa?

ÉDIPO
Tu não disseste que Laios foi morto
onde se encontram três grandes estradas?

JOCASTA
Era essa a versão, ainda corrente.

ÉDIPO
E em que lugar foi isso?

JOCASTA
Foi onde se bifurcam
as estradas de Delfos e de Dáulia.

ÉDIPO
Há quanto tempo?

JOCASTA
A notícia chegou a esta cidade
pouco antes de estares no poder.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 622

ÉDIPO
Zeus, o que foi que me reservastes?

JOCASTA
Édipo, também isso te atormenta?

ÉDIPO
Não perguntes! Que idade Laios tinha?
Como era ele?

JOCASTA
Ele era alto,
na cabeleira uns fiapos de prata..
Pouca coisa diferente de ti.

ÉDIPO
Pobre de mim! Afinal eu lancei
terríveis maldições contra mim mesmo!

JOCASTA
Que estás dizendo, meu rei? Tu me assustas!

ÉDIPO
Pressentimento horrível: o adivinho
talvez visse, de fato... Dize, ainda,
para me esclarecer, mais uma coisa!

JOCASTA
Estou tremendo, mas responderei a tudo.

ÉDIPO
Ele viajava com pequena escolta
ou, como um chefe, com grande aparato?

JOCASTA
Eram ao todo cinco, incluindo o arauto;
Laios ia em um carro.

ÉDIPO
Ah! tudo claro como a luz do dia...
— Rainha, quem trouxe a notícia a Tebas?

JOCASTA
Um servo, o único sobrevivente.

ÉDIPO
Está ele na casa, a esta hora?

JOCASTA
Não. Pouco tempo depois,
quando ele te viu no trono de Laios,
suplicou, segurando minha mão,
que eu o deixasse ficar pelo campo,
nas pastagens do gado,
onde não visse mais esta cidade...
E eu concordei: era bom, merecia
até um favor maior do que pedia.

ÉDIPO
Podes mandar buscá-lo, depressa?

JOCASTA
Posso... Mas para que isso?

ÉDIPO
Soltei a língua mais do que convinha...
Rainha, eu preciso ver esse homem!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.623

JOCASTA

Ele virá!... E eu, não posso
saber o quanto aflige meu rei?

ÉDIPO

Sim, não tenho segredos para ti.
Quando tão longe vão os meus temores,
quem me importa de fato mais que tu?
Com quem mais poderei eu, neste transe,
abrir as arcas do meu coração?
Escuta!
Meu pai é o rei Políbio, de Corinto;
e minha mãe é Mérope, de Dória.
Eu desfrutava o mais alto prestígio,
até se dar um caso, tão estranho
que nem devia preocupar-me tanto:
num banquete um convivа, embriagado,
lançou-me em rosto, ao levantar um brinde,
que eu não era filho de meus pais...
Eu custei a agüentar aquele dia,
depois interpelei o pai e a mãe:
os dois se enfureceram contra o homem
que deixara escapar aquela afronta,
e a reação dos dois me aliviou,
mas no meu íntimo ficou aquilo
a se alastrar em mim cada vez mais....
E eu, sem nada dizer ao pai e à mãe,
fui a Delfos. Lá, sem me responder,
o deus me disse uma porção de coisas
cheias de dor, de tragédia e de luto:
disse até que eu estava destinado
a ir para cama com minha mãe,
que teria uma prole abominável,
e que seria o assassino daquele

que me gerou. Eu, quando escutei isso,
decidi ir para longe de Corinto,
seguindo sempre o rumo das estrelas
em minha fuga para algum lugar,
onde jamais pudesse ver cumpridas
as infâmias que me eram sugeridas...
Meu caminho levou-me a esse local
onde dizes que o rei Laios foi morto.
Senhora, eu te direi toda verdade:
quando eu ia chegando ao cruzamento
das três estradas, topei pela frente
um arauto e, sobre uma viatura
puxada por dois potros, um varão
como o que descreveste. O que ia à frente
e o próprio velho queriam por força
que eu me arredasse: eu, tomado de raiva,
ataquei o que estava me empurrando,
o guia... O homem de cima do carro
esperou o momento em que eu passava
e me deu na cabeça uma pancada
com todo o peso do aguilhão dobrado.
Foi pago em dobro: um golpe de cajado,
com esta mão, e ele rolou por terra,
de costas... Matei-os todos!
Se relação existe entre esse estranho
e Laios, quem será mais desgraçado
do que este que te fala nesta hora?
Quem será tão malquisto pelos céus?
A quem ninguém, da cidade ou de fora,
tem permissão de receber em casa;
de quem ninguém se pode aproximar,
alguém a ser repelido por todos...
E todas estas coisas contra mim
terem sido por mim determinadas!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 624

— Pensa: eu tocar a esposa desse rei
com estas mesmas mãos com que o matei?
Dize: não sou um perdido?
Dize: não sou o imundo dos imundos?
E pensar que serei desterrado de Tebas
e não posso rever a minha própria gente,
nem pôr os pés outra vez em Corinto
sem o risco de dormir com minha mãe
e assassinar meu pai — o bom Políbio
que me gerou e fez de mim um homem!
Que impiedoso deus atirou contra mim
esta maldição?
— Bons deuses, arrancai-me de entre os homens
antes que eu sobre mim veja abater-se
o peso de tamanha ignomínia!

CORIFEU
Também a nós assustam essas coisas,
ó rei! Agora, espera vir depor
o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO
É a esperança que me vale: vir
de longe esse pastor...

JOCASTA
Que esperas saber dele?

ÉDIPO
Se a história dele combina com a que contas,
estou isento de culpa...

JOCASTA
Que houve de especial em tudo que te contei?

ÉDIPO
Na tua história, o pastor disse que
Laios foi morto por salteadores.
Se confirmar que eram vários, não um,
não terei sido eu quem o matou:
não se confunde um homem com um bando...
Mas se disser que era um homem sozinho,
então será o elo que está faltando
para firmar minha condenação!

JOCASTA
Pois fica certo de que foi assim
a primeira versão!
Não vai mudá-la agora,
porque não foi ouvida só por mim...
Mesmo que o pastor conte uma outra história,
não provará que a morte de Laios
combina com o oráculo: o deus disse
expressamente que ele morreria
às mãos do filho — e esse filho, coitado,
morreu sem ter feito mal a ninguém!
Profecias?... Por mim, não olho mais
de um lado e outro,
à cata de sinais!

ÉDIPO
Tens razão. Mas preciso ver esse pastor...
Manda trazê-lo aqui!

JOCASTA
Agora mesmo! Vem: vamos entrar!
Faço o que posso, para te agradar.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 625

CORO

Permita-me o destino
guardar minha pureza
em tudo quanto digo
e em tudo quanto faço,
cumprindo as altas leis
que nos descem dos céus
— não leis feitas por homens:
leis contra as quais não possa
nem mesmo o esquecimento,
leis que façam valer
o divino poder!

— Do ventre da insolência
é nascido o tirano:
quando ela se vê cheia
de tanta vaziez,
escala o precipício
para tomar o trono
e dele não sai mais
pela própria vontade...
— O que aos deuses imploro
é que, em vez de tudo isso,
batam-se os patriotas
pelo bem do meu povo!
— E espero ter comigo
a proteção divina!

— Mas aquele que peca
em atos ou palavras,
sem temor da justiça
nem reverência aos deuses,
tomara que o destino

logo acabe com ele,
com todo o seu orgulho
e o seu atrevimento
de pôr as mãos imundas
no que não lhe pertence
e agir em sacrilégio!
— Depois de crimes tais,
quem poderá gabar-se
de afastar de sua alma
as setas da vingança?
— Se a tais atos se rendem
pomposas homenagens,
para que, por exemplo,
cantos sacros num templo?

— Não mais irei a Delfos,
venerável umbigo[18]
da Terra; nem a Abas,
ver o seu santuário;
nem ao templo de Olímpia,[19]
se não houver repulsa
de todas as criaturas
a tantas heresias!
— Zeus, ó deus poderoso,
que comandas o mundo,
se forem verdadeiros
os mandamentos teus,
não escape tal crime
ao teu poder eterno
sobre todas as coisas!
— Agora já se diz
que a profecia é nula,
e ao deus Apolo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.626

não rendem devoção...
— Vai-se a religião!

JOCASTA
Nobres de minha terra! Tive a inspiração
de visitar os altares dos deuses,
levando nas mãos um ramo de flores
e oferendas de incenso. O grande Édipo
deixa-se conturbar em demasia
com alarmas de múltiplas espécies
e nem compara segundo a prudência,
os fatos novos com os de antigamente:
fica assim à mercê de quem lhe traga
a palavra mais trágica.
— Eu, vendo que já não resultam mais
minhas ponderações recorro a ti,
Apolo, o deus mais próximo de nós,
a suplicar que tu nos alivies
e nos libertes de toda impureza!
Como a tripulação de um barco ao ver
o timoneiro embriagado ao leme,
o povo inteiro geme apavorado!

EMISSÁRIO
Posso saber dos senhores aqui
onde mora o rei Édipo? Ou, senão,
em que lugar estará ele agora?

CORIFEU
O rei está no palácio,
e esta senhora é mãe dos filhos dele.

EMISSÁRIO
Que ela seja feliz, numa casa feliz
— rainha abençoada de um homem tão ilustre!

JOCASTA
As mesmas bênçãos eu desejo a ti,
por esta alegre saudação. — Que queres?

EMISSÁRIO
Sou de Corinto. A mensagem que trago
por certo vos dará muita alegria,
e talvez um pouquinho de tristeza...

JOCASTA
Me alegra e me entristece: que será?

EMISSÁRIO
O nosso povo quer fazer de Édipo
o rei de todo o Istmo,
ao que consta por lá.

JOCASTA
Mas como? O velho Políbio
não está mais no poder?

EMISSÁRIO
Não... Em verdade, a morte o acolheu.

JOCASTA
Que estás dizendo? Morto, o pai de Édipo?

EMISSÁRIO
Se minto, então que o morto seja eu!

JOCASTA
Aia! vai já dizer ao teu senhor!
— E os divinos oráculos, onde estão agora?
Políbio era o homem de quem Édipo

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 627

fugiu por tanto tempo,
com o pavor de vir a assassiná-lo...
E agora ele está morto
sem que Édipo ao menos o tocasse!

ÉDIPO
Jocasta, minha rainha,
tu me mandaste chamar?

JOCASTA
Ouve este homem
e vê como terminam as terríveis
profecias!

ÉDIPO
Quem é? Que notícias traz?

JOCASTA
É de Corinto: diz que o rei Políbio,
teu pai, está morto... Morto!

ÉDIPO
Como, estrangeiro? Conta-me tu!

EMISSÁRIO
Se é necessário repetir: o rei Políbio
está morto e já debaixo da terra.

ÉDIPO
Doença ou traição?

EMISSÁRIO
Quando a idade é avançada, a menor brisa
leva a pessoa ao último repouso...

ÉDIPO
Foi de doença, então, que ele morreu?

EMISSÁRIO
Foi, e dos longos anos que viveu...

ÉDIPO
Então! Então!... Mulher, por que temer
oráculos de Delfos, ou os pássaros
com seus gritos sobre nossas cabeças,
que me predestinavam a assassinar meu pai?
Ele está morto,
já debaixo da terra... e eu nem sequer
pus a mão numa lança! (Salvo, enfim,
se ele morreu de saudades de mim,
único caso em que seria eu
quem o levou à morte...) — As profecias,
como Políbio, estão mortas!

JOCASTA
Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO
Mas eu estava surdo pelo medo...

JOCASTA
Agora, vamos: esquece tudo isso
e acalma teu coração!

ÉDIPO
Não deveria eu temer ainda
dormir com minha mãe?

JOCASTA
Que tem a temer um homem, fraco joguete da sorte,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.628

que do próprio futuro nada sabe?
Melhor é ir vivendo a vida...
Não tenhas medo da cama de tua mãe:
quantas vezes em sonho um homem dorme
com a mãe![20] É bem mais fácil a vida
para quem dessas coisas não cogita.

ÉDIPO
Em tudo isso... quisera acreditar,
mas eu, enquanto ela viver, hei de ter medo.

JOCASTA
A morte de teu pai
já é um ponto de luz na escuridão...

ÉDIPO
Enquanto ela estiver viva,
eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO
Quem é essa mulher
que te faz assim temer?

ÉDIPO
É Mérope, a esposa de Políbio!

EMISSÁRIO
Que tem ela, para a temeres tanto?

ÉDIPO
Um desígnio terrível
que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO
Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO
Não é segredo: foi profetizado
que eu dormiria com minha mãe
e mataria meu pai...
Daí, Corinto passou a ser para mim
um lugar de onde preciso estar longe.
Sou feliz, mas me falta essa doçura
que é ver os meus e estar em meu país.

EMISSÁRIO
Tu, então, por medo disso,
te condenaste ao degredo?

ÉDIPO
Decerto: eu não queria
tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO
Já que eu te vim trazer boas notícias,
vou-te livrar também dessa agonia.

ÉDIPO
Se o conseguires, terás grande recompensa!

EMISSÁRIO
Pensando nela, eu vim:
para que, de volta à pátria,
não te esquecesses de mim.

ÉDIPO
Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-629

EMISSÁRIO
Ó filho,
bem vejo que não sabes o que fazes...

ÉDIPO
Como, ancião? Explica, pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO
Se é todo esse o teu receio de voltar...

ÉDIPO
Eu tenho medo de que a predição divina
se transforme em verdade.

EMISSÁRIO
Com o mal que farias a teus pais?

ÉDIPO
É só o que me constrange.

EMISSÁRIO
Pois então fica sabendo
que te constranges em vão!

ÉDIPO
Como "em vão", se sou eu o filho deles?

EMISSÁRIO
Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO
Que estás dizendo? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO
Ele é tanto teu pai, quanto eu...

ÉDIPO
Políbio é tanto meu pai
como um estranho qualquer?

EMISSÁRIO
Quem te gerou não fui eu,
mas não foi ele tampouco...

ÉDIPO
Mas ele sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO
De minhas mãos ele te recebeu,
como um presente meu.

ÉDIPO
E como poderia amar tanto
o filho de outro?

EMISSÁRIO
Decerto por não ter filhos...

ÉDIPO
Mas, se também não sou teu filho,
tu me achaste
ou me compraste de alguém?

EMISSÁRIO
Eu te encontrei, numa várzea do Citerão.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.630

ÉDIPO
Que fazias por lá?

EMISSÁRIO
Pastoreava um rebanho montês.

ÉDIPO
E eras um pastor qualquer,
andarilho de aluguel!

EMISSÁRIO
Era. Mas, naquela hora,
fui eu que te tratei...

ÉDIPO
Tu me trataste, como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO
Queres saber? Olha teus tornozelos!

ÉDIPO
Por que lembrar minha velha ferida?

EMISSÁRIO
O grampo que te prendia os dois pés,
fui eu que o removi!

ÉDIPO
Desde menino esta cicatriz me acompanha...

EMISSÁRIO
Por isso te chamas Édipo[21] — o de pés inchados!

ÉDIPO
Mas, pelos deuses: foi meu pai ou minha mãe
quem me maltratou assim?

EMISSÁRIO
Não sei... Talvez possa dizer melhor
o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO
Então me recebeste de um terceiro?
Não me achaste sozinho?

EMISSÁRIO
Não: tu me foste entregue
por um outro pastor.

ÉDIPO
Quem era ele? Sabes quem era ele?

EMISSÁRIO
Se não me engano, era gente de Laios...

ÉDIPO
Laios, o antigo rei deste país?

EMISSÁRIO
Esse mesmo! O pastor servia ao rei.

ÉDIPO
E estará ele vivo ainda, para eu vê-lo?

EMISSÁRIO
Teu povo há de saber melhor que eu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 631

ÉDIPO
Conhece algum dos presentes
o pastor de que ele fala?
Alguém o teria visto
pelo campo ou na cidade?
Respondam! — Chegou a hora
de tudo se esclarecer!

CORIFEU
Ele parece falar da pessoa
que estavas tão aflito para ver,
mas a rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO
Senhora, tu conheces o pastor
a quem ele se refere?

JOCASTA
Não faço idéia de quem ele fala.
Esquece isso!
Para que dar ouvido
a tanto palavrório sem sentido?
Esquece isso!

ÉDIPO
Hei de seguir a trilha até o fim:
eu não posso deixar de esclarecer
o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA
Pelos deuses! Se tens amor à vida,
põe fim a essa busca! Eu não suporto mais!

ÉDIPO
Ânimo!... Mesmo que eu venha a saber
que sou filho de escravo, escravo ao cubo,
já de três gerações — a honra tua,
tua linhagem, nada perderá!

JOCASTA
Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO
Não posso. Eu tenho que saber toda a verdade!

JOCASTA
Peço por ti! Peço pelo teu bem!

ÉDIPO
Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA
Pobre de ti!... — Que nunca descubras quem és!

ÉDIPO
Vá alguém buscar o tal pastor!
E desfrute esta mulher
toda a nobre linhagem que tiver!

JOCASTA
Desgraçado! — é a minha última palavra,
para sempre...

CORIFEU
Édipo, tua esposa foi-se embora
como tocada de profunda mágoa:

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.632

por quê? — Nessa mortal tranqüilidade,
receio que se forme a tempestade...

ÉDIPO

Que venha a tempestade!... Eu insisto
em saber minha origem, por mais baixa
que seja... Talvez ela, em seu orgulho,
despreze meu humilde nascimento;
mas eu, que sinto em mim um favorito
da fortuna, que espargo as sementes do bem,
desconheço qualquer humilhação!
Eu sou filho da sorte, irmão das luas;
seja no esplendor ou na miséria,
eu tenho a companhia das estrelas!
Nascido assim, não quero
ser outro que não eu
— e saberei quem sou!

CORO

— Se o dom de pressentir
é certo, entre meus erros,
se algum saber eu tenho,
ó Citerão — eu juro
que amanhã provarás
à luz da lua cheia
a glória que te assiste
como berço de Édipo!
— Nossos cantos e danças
hão de te festejar
pelo bem que fizeste
a esta casa real!
— E que a celebração
possa, ó deuses, crescer
em vossa aceitação!

— Qual dentre as imortais
te trouxe a este mundo,
criança, em longas núpcias
com Pã,[22] deus das montanhas?
— Ou acaso és nascido
de uma noiva de Apolo,
deus a quem tanto agradam
as mais altas pastagens?
— Ou o deus dos mistérios,[23]
ou Baco, deus do vinho,
foi quem te recebeu
das mãos de uma das ninfas,[24]
uma alegria a mais
no recanto das musas[25]
onde ele vai brincar!

ÉDIPO

Senhores! eu, embora não tivesse
visto jamais o homem que buscamos,
tenho a impressão de o estar vendo agora!
— Seu aspecto acabado corresponde
à idade que o pastor devia ter.
Por outro lado, estou reconhecendo
os que o trazem: são servidores meus!
Vós, entretanto, que em dias passados
talvez tivésseis visto ou conhecido
esse pastor, confirmareis ou não
minha suposição.

CORIFEU

Lembro-me dele: é da casa de Laios,
simples pastor, porém muito leal!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.633

ÉDIPO
A ti, que és de Corinto, eu te pergunto
em primeiro lugar: — É este o homem?

EMISSÁRIO
É ele!

ÉDIPO
Agora, velho, olha bem para mim
e me responde: acaso pertenceste,
em qualquer tempo, à casa do rei Laios?

PASTOR
Eu fui escravo dele, desde que nasci.

ÉDIPO
E que fazias? Qual era a tua função?

PASTOR
As mais das vezes, fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO
E a que pastagens costumavas ir?

PASTOR
Eu ia muito ao Citerão e redondezas...

ÉDIPO
Então por lá conheceste esse homem?

PASTOR
Como? Qual homem? Que queres dizer?

ÉDIPO
Este! Tu já não o encontraste antes?

PASTOR
Assim, de pronto, não chego a lembrar...

EMISSÁRIO
Não admira, senhor! — Mas a lembrança se aviva:
há de lembrar-se, com toda a certeza,
de quando, ele tangendo dois rebanhos
e eu um, andamos pelo Citerão
três longas temporadas,
do outono à primavera, aproveitando o frio;
então eu ia com minhas ovelhas
para casa e ele conduzia as dele
para os redis de Laios... Tudo isto
que estou dizendo, foi verdade ou não?

PASTOR
Verdade, sim... mas foi há muito, muito tempo!

EMISSÁRIO
Recordas que naquela ocasião
me confiaste um menino de colo,
para eu criar como filho?

PASTOR
E agora? A que vem esta pergunta?

EMISSÁRIO
O menino que um dia me entregaste
é esse homem que está na tua frente!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-634

PASTOR
Maldito sejas!
Cala-te, de uma vez por todas

ÉDIPO
Cuidado, velho! Não te zangues com ele!
Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR
Mas, o rei, o que foi que eu fiz?

ÉDIPO
Não respondeste ao que ele perguntou
sobre o menino...

PASTOR
Ele não sabe o que está dizendo

ÉDIPO
Se não falas por bem, hás de falar por mal!

PASTOR
Não! Pelos deuses, tem pena de um pobre velho!

ÉDIPO
Peguem-no! Amarrem-lhe as mãos!

PASTOR
E agora, que foi que eu fiz?
Que mais queres saber?

ÉDIPO
Entregaste a esse homem a criança,
conforme ele pergunta?

PASTOR
Entreguei... — Quem me dera ter morrido
naquele mesmo dia!

ÉDIPO
Morrerás hoje, se não disseres a verdade.

PASTOR
Se disser, estarei duas vezes perdido...

ÉDIPO
Se esperas ganhar tempo, já verás!

PASTOR
Não: eu já disse que dei a ele o menino!

ÉDIPO
E onde arranjaste o menino:
em tua casa ou em outra?

PASTOR
Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO
De que família? De algum destes cidadãos?

PASTOR
Senhor, pelo amor dos deuses,
não me perguntes mais nada!

ÉDIPO
Se eu precisar repetir a pergunta,
podes considerar-te um homem morto!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 635

PASTOR
Era criança da casa de Laios...

ÉDIPO
Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR
Pobre de mim! Dependo do que eu disser...

ÉDIPO
E eu, do que ouvir... Mas quero saber: fala!

PASTOR
Então fica sabendo que o menino
diziam ser filho do próprio rei:
tua esposa, lá dentro do palácio,
talvez possa explicar melhor que eu...

ÉDIPO
Ela?
Quem te entregou o menino, foi ela?

PASTOR
Foi, majestade.

ÉDIPO
E para quê?

PASTOR
Para eu matá-lo.

ÉDIPO
A amaldiçoada fez isso com o próprio filho?

PASTOR
Medo de uma terrível profecia...

ÉDIPO
Que profecia?

PASTOR
O menino matar o próprio pai.

ÉDIPO
Então, por que o entregaste a ele?

PASTOR
Senhor, eu tive pena!
Pedi àquele homem que o levasse
para a cidade dele... Agora vejo
que o reservou para a pior das sinas:
pois se tu és em verdade aquela criança,
nasceste para ser muito infeliz!

ÉDIPO
Horror! Horror! Horror!
Tudo verdade!
Luz do dia, eu não quero mais te ver!
Filho maldito... marido maldito...
maldito assassino do próprio pai!

CORO
— Ó gerações humanas,
para mim vossas vidas
são passagens de sombras!
— Quem será tão feliz
a ponto de lograr
dar senão a impressão

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.636

de uma felicidade,
antes do fim de tudo?
— Édipo, o teu destino,
destino de amargura,
não me deixa dizer
que haja felicidade
para a humana criatura!

— Apontou sua seta
para o alvo mais alto
e arrebatou o prêmio
da mais alta riqueza!
— Em seguida ao triunfo
Sobre a lúgubre Esfinge,
o seu vulto cresceu
feito uma fortaleza
em defesa de Tebas
contra as fúrias da morte...
— Por tudo isso, Édipo,
nós te aclamamos rei
e esta grande cidade
tão claras homenagens
submissa te rendeu
durante o teu império!

— Hoje, entretanto, quem
será mais desgraçado,
pelas vozes que correm?
— Nos reveses da vida,
quem é, mais do que tu,
comparsa da amargura
e da infelicidade?
— Ah, Édipo famoso,
ao leito nupcial
de onde saíste filho
voltaste como esposo...
— Ah, como pôde o chão
que teu pai semeou,
tanto tempo em silêncio
acolher o teu grão?

— O tempo, que vê tudo,
viu também tua culpa
a despeito de ti,
e ele condena agora
o infamante conúbio
a igualar filho e pai
tão prolongadamente...
— Triste filho de Laios,
quem dera não te haver
conhecido jamais!
— É como se, por mim,
gemesse a voz do morto:
"A dizer a verdade,
deste-me nova vida;
mas, por teu intermédio,
só trevas têm lugar
de novo em meu olhar!"

ARAUTO

Vós, que tanto respeito mereceis
neste país, ainda mais chorareis
pelas coisas que haveis de ver e ouvir,
se, como patriotas bem nascidos,
ainda prezais a nossa dinastia!
As águas dos rios todos da terra
talvez não bastem para lavar a imundície
desta casa — tamanhos são os males

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE 0048, P.637

já mostrados, e os mais que há de mostrar,
premeditados, não ocasionais...
Quem se fere a si mesmo, sofre mais!

CORIFEU
O que sabemos já nos dá muito a chorar.
Que novas catástrofes anuncias?

ARAUTO
É breve o que ides ouvir
e breve o que eu vou dizer:
nossa rainha Jocasta está morta!

CORIFEU
Pobre mulher! — Como se deu a morte?

ARAUTO
Por suas próprias mãos... O horror do quadro,
a vós, que o não vistes, será poupado;
mas eu, que o vi, dele não posso me esquecer!
Desesperada ela entrou no vestíbulo
e correu para a alcova nupcial,
as duas mãos arrancando os cabelos;
bateu a porta atrás de si, com força.
Gritava — "Laios!" — chamando o marido
há tanto tempo morto, mas pensando
no filho que matou o próprio pai
e que da mãe teve monstruosamente
uma prole de infelizes...
Gemia contra o leito nupcial
onde, coitada, havia concebido
filhos do filho e era mãe do marido.
Como afinal morreu, não sei dizer:
entrou Édipo aos gritos, e vós, vendo-o
ir de um lado para outro, não chegamos
a observar a rainha até o fim.
Ele pedia uma espada e bradava:
— "Onde está minha esposa, que não é
esposa alguma, é um útero danado
que me pariu e pariu filhos meus?"
— Nessa alucinação, algum poder
(humano não, não foi nenhum de nós)
guiou-lhe os passos: num gemido horrível,
como se algo o empurrasse, atirou-se
contra as portas, rompendo as dobradiças,
e num relance entrou, e deparou
com a mulher enforcada,
um laço corrediço no pescoço...
Ao vê-la, num gemido sufocado
desamarrou a corda, e, quando o corpo
desmoronou no chão, o que se viu
foi mais um espetáculo de horror:
ele arrancou os alfinetes de ouro
da roupa da rainha, levantou-os
e os enterrou nos olhos, imprecando:
"Olhos meus, não vereis mais esta culpa
e esta vergonha, nunca mais vereis
quem não deveríeis ter visto nunca,
e para todo o sempre só vereis
as trevas!"
Era esse o teor dos seus lamentos,
enquanto, uma vez só não, muitas vezes,
erguia as mãos e ia ferindo os olhos,
e a cada golpe uma chuva de sangue
lhe saltava das órbitas
tingindo os dois, o marido e a mulher...
Tem sido venturosa até agora
a sina desta casa;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 638

mas, de agora em diante, tudo quanto
for desgraça e desastre, luto e pranto,
morte e lamentação, tudo o que há
de mal, sobre esta casa se verá!

CORIFEU
E agora? Como está ele agora?

ARAUTO
"Escancarai os portões!" — ele grita —
"Vinde, tebanos todos,
ver o que foi do pai o matador
e da mãe o... — Não ouso repetir,
a palavra não cabe em minha boca!
— Exige que o expulsem desta terra,
para que não recaia sobre a sua casa
a maldição que ele mesmo lançou.
Já não tem quase forças, nem ninguém
para guiar-lhe os passos:
sofre mais do que pode um homem suportar!
— Já estão tirando as trancas dos portões
e assim tereis ante os olhos um quadro
que ao mais cruel inimigo
há de dar pena."

CORO
— Que terrível visão para um mortal!
— Meus olhos nunca viram coisa igual!
— Onde foste buscar tanta loucura?
Que implacável demônio desfechou
o eterno desespero sobre ti?
— Isto é fazer da vida o próprio inferno!
— Infeliz criatura, que fazer
para te contemplar e não sofrer?

— Por mais que esteja decidido a olhar,
pelo menos para ficar sabendo,
tenho que desviar a minha vista
desse horrendo espetáculo!

ÉDIPO
Ai de mim! Ai de mim! Pobre de mim!
Onde estou eu? Para que fui nascer?
A minha voz espalha-se, por onde?
Ah, meu destino, aonde queres chegar?

CORO
A um ponto tão terrível de ver
quanto de escutar!

ÉDIPO
Ó treva indescritível que me envolves,
nuvem que não consigo dissipar:
ai de mim! Como ferem em minha alma
estas agulhas e mais o pensar
em tanta desventura!

CORO
Deves pagar em dobro este momento,
lastimando e agüentando o sofrimento!

ÉDIPO
Ah, meu amigo gentil e constante:
tens paciência de cuidar de um cego?
Mesmo sem olhos, eu sei que estás perto
e reconheço bem a tua voz.

CORO
Homem de ações terríveis, como foi

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.639.

que chegaste a apagar teus próprios olhos?
Que impiedoso gênio te empolgou?

ÉDIPO
Apolo, amigos: foi o deus Apolo
que me quis submeter a esta amargura!
Porém a mão que golpeou meus olhos
não foi a de ninguém, senão a minha:
que mais pudera eu desejar ver,
se a vista só me dava desprazer?

CORO
Ninguém há de saber melhor que tu.

ÉDIPO
Dizei, amigos: que voz ou visão
me alegraria ainda o coração?
Vamos, depressa, levai-me daqui!
Removei para longe este perdido,
o mais abominável dos mortais,
três vezes maldito — por ele mesmo,
por sua gente e por todos os deuses!

CORO
Padeces por teu destino traçado
e mais belo que dele pressentiste:
ah, quem dera não pressentisses nada!

ÉDIPO
Maldito aquele
que na montanha desprendeu meus pés
e me salvou: só quis fazer o bem,
mas se lá me tivesse abandonado

pouparia todo este sofrimento
a mim e à minha gente!

CORO
Eu também gostaria que assim fosse...

ÉDIPO
Eu não viria a assassinar meu pai
nem seria culpado como amante
da criatura que me pôs no mundo...
Agora não há deus que me redima:
sou filho de uma mulher corrompida,
rival do homem que me deu a vida.
Se existe um mal maior do que o próprio mal,
esse é o quinhão de Édipo!

CORO
Não sei dizer se agiste sabiamente...
morto, estarias melhor do que cego!

ÉDIPO
Não me venhais dizer que não fiz bem
assim: já não careço de conselhos.
Se eu ainda enxergasse, com que olhos
fitaria meu pai ou minha mãe,
entre os mortos, depois de cometer
tais crimes, contra os dois,
crimes que nem na forca estariam bem pagos?
— "Oh, mas (direis) a visão das crianças
alegra os pais!" — E as mal nascidas? — Não!
Ver os meus filhos não me alegraria;
nem mais ver a cidade com seus muros,
seus templos e as imagens dos seus deuses
— visões que eu mesmo, um desgraçado agora,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-640

antes número um entre os tebanos,
me condenei a não tornar a ver,
por tudo que invoquei contra o culpado!
Aviltado ante os céus, me declarei
impuro e impura a linhagem de Laios:
assim qualificado por mim mesmo,
como iria eu olhar de frente o povo?
Não! E se ainda soubesse de algum meio
de fazer silêncio nos ouvidos,
eu vedaria ainda mais por completo
esta triste carcaça — e me faria,
além de cego, inteiramente surdo.
Que bom, se eu me perdesse em devaneios
sem temer a insistência da amargura...
Ah, Citerão, por que tu me poupaste?
Por que não me escondeste e consumiste?
Assim eu não teria dado aos homens
o exemplo da aflição que me aniquila...
Ó Políbio! Corinto, pátria minha,
terra dos meus, assim considerada
— que podridão enorme se escondia
no bom menino que de mim fazias!
Vê-se agora que o mal é de raiz.
Ó encruzilhada, ó perdido recanto,
capoeira que junta as três estradas:
o sangue que bebeste foi o meu,
derramado da carne de meu pai
por estas mãos! Decerto lembrarás
os meus malfeitos, que testemunhaste,
e o que depois eu fiz, chegando a Tebas!
Ó leito nupcial: tu me geraste
e te embebeste na minha semente,
mesclando em um só sangue
pais, irmãos, filhos, esposas e mães...

vergonhosos incestos, tudo quanto
cabe de horrível sob a luz do sol,
horrores que nem devem ser contados!
Não há muito decoro em mencionar
coisas indecorosas de fazer...
Eu vos suplico: enfurnai-me nalgum lugar
longe daqui, ou terminai de vez comigo,
ou atirai-me às profundezas do mar
onde ninguém me veja!
Não receeis tocar com vossas mãos
um infeliz! Podeis aproximar-vos
sem medo: unicamente sobre mim,
e sobre ninguém mais, recairá
meu infortúnio!

CORIFEU

Aí vem Creonte, teu sucessor,
única pessoa capaz de te atender
e aconselhar...

ÉDIPO

E agora, que palavras lhe direi?
Que ânimo terá para comigo,
que tão mesquinhamente o destratei?

CREONTE

Não venho aqui para zombar de ti,
Édipo, ou reprovar tuas ações.
— Vós outros, se não tendes
nenhum respeito à criatura humana,
ao menos respeitai a luz do Sol
que tudo vê e tudo determina!
Não deixeis tão a nu tamanho horror
que nem a terra aceita nem a chuva,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 641

nem a luz: escondei-o!
Um homem, quando está de causar pena,
só deve ser ouvido pelos seus
e visto pelos seus parentes, só.

ÉDIPO
Escuta! Já que a tua vinda aqui
é uma grata surpresa, tu tão nobre
e eu tão vil, faze-me então um favor,
que eu peço mais por ti do que por mim!

CREONTE
Que favor meu esperas assim tanto?

ÉDIPO
Expulsa-me, manda-me para longe
onde ninguém possa falar comigo!

CREONTE
Por mim, eu já teria feito isso;
mas antes mandei consultar o deus.

ÉDIPO
Todos já sabem o que o deus mandou:
eliminar o parricida, o ímpio —
que sou eu!

CREONTE
Foi o que o deus falou, mas neste caso
achei mais justo consultá-lo novamente.

ÉDIPO
Mandaste importunar de novo o deus,
por causa de um perdido como eu?

CREONTE
Sim, para ver se já acreditas nele.

ÉDIPO
Eu acredito! E com toda a humildade
te peço: a que ficou lá dentro, morta,
manda enterrar conforme o ritual
que assiste agora a ti como irmão!
Quanto a mim, quero só que a minha Tebas,
cidade de meus pais, não seja mais
constrangida a me ver entre os que a habitam:
deixa que eu vá morar pelas montanhas
do Citerão, que dizem pertencer-me
porque meus pais há tempos o escolheram
para eu morrer por lá!
De uma coisa sei bem: doença alguma
ou acidente há de encurtar meus dias
— eu não seria assim poupado à morte
senão para cumprir sorte mais negra!
Pois seja! O meu destino não importa.
Meus filhos homens, Creonte,
já não requerem maiores cuidados:
saberão defender-se...
Mas minhas pobres filhas inocentes,
que se sentavam no meu colo, à mesa,
bebendo do meu copo e beliscando
do meu prato — elas duas, eu te peço:
cuida bem delas! E consente agora
que eu as possa afagar, em minha dor!
Consente! — eu te suplico!
Sim, meu príncipe nobre e generoso,
embora cego, podendo tocá-las
terei a sensação de que são minhas
como quando eu as via... — Mas, que digo?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, P.642

Será delas o choro que ouço agora?
Creonte terá tido compaixão
de mim, mandando vir para me ver
as filhas que eu adoro!

CREONTE
Quis que ainda provasses, na desgraça,
um pouco da alegria que elas te davam antes...

ÉDIPO
Que os deuses te protejam! Que, por tê-las trazido,
seja melhor que a minha a tua sorte!
Onde estais, minhas filhas? Chegai perto,
onde vos possam tocar estas mãos
de pai, de irmão — mãos que encheram de trevas
estes olhos tão claros que vos viam!
Mãos de quem, sem saber nem indagar,
se fez pai vosso com a própria mãe.
E os olhos meus, embora sem visão,
têm lágrimas de sobra a derramar
quando penso nos erros e malícias
que os homens contra vós cometerão:
de qualquer festa ou reunião talvez
tenhais que retirar-vos sem prazer,
chorando... E na idade do casamento,
qual há de ser o noivo corajoso
a desposar moças tão mal faladas
como estas duas que eu trouxe a este mundo?
E que infâmia haverá maior que esta:
— "O pai delas matou o próprio pai,
plantou a sua semente no ventre
que o concebeu e de onde ele nasceu
também nasceram suas duas filhas!"
— Assim os homens falarão de vós
e, sendo assim, qual vos desposará?
Ninguém, calculo. E vos consumireis,
pobres filhas, solteiras e sozinhas...
— Só tu, Creonte, serás como um pai
delas duas, perdidos eu e a mãe.
Não permitas que fiquem por aí
sem lar, nem que o futuro delas duas
venha a ser de infortúnio feito o meu!
Tem pena delas, Creonte: meninas
e desvalidas — dependem de ti!
Príncipe, eu as deixo em tuas mãos!
— Minhas filhas, se fôsseis maduras,
eu muito teria a dizer... Agora,
é só isto: rezai para encontrar
um pouco de prazer na vida, um lar,
e que o vosso destino
seja melhor do que o de vossos pais!

CREONTE
Sim basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO
Preciso ir, por menos que me agrade.

CREONTE
Não chores: tudo tem a sua hora!

ÉDIPO
Eu vou, sim, mas com uma condição...

CREONTE
Fala, primeiro, e eu saberei depois!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p-643

ÉDIPO
Manda que me carreguem para longe,
bem longe deste lugar!

CREONTE
O que me pedes, depende do deus.

ÉDIPO
Já tenho os deuses todos contra mim.

CREONTE
Então, será feita a tua vontade.

ÉDIPO
Tu consentes?

CREONTE
Eu não costumo prometer, à toa,
o que não tenho a intenção de fazer.

ÉDIPO
Estou pronto: levem-me daqui!

CREONTE
Vai, mas deixa as meninas!

ÉDIPO
Não! Não me tirem minhas duas filhas!

CREONTE
Não queiras dar mais ordens: obedece!
Teu poder terminou.

CORO
Concidadãos de Tebas, pátria nossa,
olhai bem: Édipo, decifrador
de intrincados enigmas, entre os homens
o de maior poder — aí está!
Quem, no país, não lhe invejava a sorte?
E agora, vede em que mar de tormento
ele se afunda! Por esta razão,
enquanto uma pessoa não deixar
esta vida sem conhecer a dor,
não se pode dizer que foi
feliz.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 644

NOTAS DO EDITOR

1. Tebas, cidade-estado fundada por Cadmo, herói lendário vindo da Fenícia. Tornou-se famosa pelas lendas e heróis que consagraram seu nome.

2. Zeus, deus supremo dos gregos (Júpiter, entre os romanos), filho de Cronos e de Réia. Presidia aos fenômenos da natureza e era venerado nos montes elevados, como o Olimpo, onde morava e dominava os raios e relâmpagos.

3. Ismeno, um famoso adivinho, filho de Apolo.

4. *Esfinge, inexorável cantadeira* — monstro mitológico que habitava os penhascos próximos a Tebas. Possuía cabeça de mulher e corpo de animal e atraía os passantes com seu canto, propondo-lhes enigmas e devorando os que não os adivinhassem. Édipo decifrou seu enigma e livrou a cidade de suas ameaças, pois a Esfinge se precipitou no abismo.

5. Delfos, antiga cidade da Grécia, sede de um famoso santuário onde havia um oráculo de Apolo. Ali eram ouvidos conselhos, revelações e profecias.

6. Apolo, também chamado Febo, deus do sol, da luz e da beleza, filho de Zeus e de Leto e irmão de Ártemis. Tinha o dom da predição e da cura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.645

7. Referência ao tempo cíclico do calendário grego.

8. Atena ou Palas (Minerva, entre os romanos) era uma das principais divindades gregas, protetora da cidade de Atenas, onde ficava seu grande templo, o Pártenon. Filha de Zeus, da cabeça do qual nasceu armada para o combate, é venerada como a deusa da razão e da sabedoria.

9. Ártemis ou Diana, divindade protetora dos animais selvagens e das florestas. Virgem, deusa da caça e da noite, foi mais tarde identificada com a lua, sob o nome de Selene.

10. Ares (Marte, entre os romanos), deus da guerra, filho de Zeus e de Juno (Hera), possuía um templo em Tebas.

11. Trácia era o nome de um rico território a nordeste da Grécia, muito disputado pelos povos vizinhos.

12. Anfitrite, deusa dos mares, mulher de Poseidon (Netuno).

13. Baco ou Dioniso, filho de Zeus e Sêmele, princesa tebana. Deus do vinho e da alegria, suas festas eram ruidosas, acompanhadas de libações e cortejos públicos onde se destacavam as sacerdotisas denominadas bacantes.

14. Água que os antigos consagravam em cerimônias religiosas e que era usada em abluções e purificações rituais.

15. O vôo e o canto das aves eram considerados como sinais sobrenaturais e augúrios.

16. As Eríneas, deusas que perseguiam os criminosos.

17. Corinto, capital da região de Corintia e cidade de grande importância na história da Grécia. Situada no golfo e próxima ao istmo de mesmo nome, foi fundada pelos dórios e se tornou um grande centro de cultura e comércio.

18. Delfos, com o templo de Apolo e o oráculo, era considerado como o centro do mundo.

19. Olímpia era um grande centro religioso situado no Peloponeso, célebre principalmente por seu santuário de Zeus e por seus jogos e competições.

20. O enredo desta tragédia e particularmente este trecho inspiraram a Freud o nome do *complexo de Édipo*, por ele estudado.

21. Édipo, etimologicamente, quer dizer *pés inchados*.

22. Pã, deus dos pastores, tinha figura humana, mas era dotado de chifres, rabo e pés de bode. Assustava os rebanhos e percorria campos e bosques perseguindo as ninfas.

23. Hermes ou Mercúrio, deus veloz, protetor dos rebanhos e também dos viajantes, mensageiros e mercadores.

24. Divindades inferiores que personificavam a natureza em geral, as plantas, as fontes. Protegiam as virgens e tinham grande influência sobre os homens, podendo levá-los à loucura.

25. Deusas, filhas de Zeus, em número de nove, que presidiam às artes liberais, ao teatro e à inspiração artística.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 646

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 11 de outubro de 1 984

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 372/84 (encaminha)

Análise de texto teatral

TÍTULO: " Édipo Rei "
AUTOR: Sófocles
TRADUÇÃO: Geyr Campos
REQUERENTE: Jair Ramos Braga Filho - Grupo "ZEN RUMO" de Teatro Amador
PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 14 ANOS, por ser tragédia clássica

Trata-se do drama de Édipo. Filho de Laios e Jocasta, uma terrível profecia fêz com que seus pais o mandassem prender na parte mais deserta de uma montanha do Citerão. Condoído, o pastor entregou a criança a outro de Corinto e êste aos reis Políbio e Mérope. Ali foi criado como pessoa da família até que um embriagado lhe lançou no rosto sua condição de filho natural. A atitude dos "pais" o aliviou, mas, no íntimo a dúvida cresceu tanto que êle abandonou o lar. Foi a Delfos, onde ouviu a mesma triste profecia e, fugindo para evitar que ela se concretizasse, chegou no local onde três estradas se encontravam, com a bifurcação da de Delfos e de Dáulia, onde encontrou um cortejo. Queriam que êle lhes desse passagem e êle, raivoso, os atacou, matando a quase todos. Tratava-se de Laios e o sobrevivente espalhou na cidade a informação de que foram atacados e dizimados por um grupo de salteadores. A investigação do crime foi abandonada, pois o povo de Tebas via-se obrigado a se preocupar, dia a dia, com o tributo à Esfinge. Após o crime, Édipo se dirigiu para essa cidade e, decifrando o enigma, acabou por se tornar rei, a casar e a ter filhos com a rainha. A partir daí, a cidade é devastada por uma onda de tempestade e peste,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.647

com muitas mortes, a ponto do povo suplicar ao rei que reabilite aquela cidade para sempre. Zeloso, êle enviara Creonte, o"cunhado", a Delfos a fim de consultar os deuses. Êstes exigem que se faça justiça a Laios e Édipo, pensando também no próprio futuro, convoca o povo a delatar os culpados, dos quais devem se distanciar, sob penas severas. Aos culpados, invoca dos deuses a maldição. Manda chamar Tirésias, um adivinho cego e êste, além de se demorar, quando chega se recusa a falar. Acusado de ser cúmplice de Creonte na busca do trono, o velho acaba dizendo que o criminoso tão procurado é o próprio rei e a tragédia decorre da miséria existente em sua própria casa, prevendo-lhe um triste fim devido a sua origem. Creonte, sabendo-se acusado, se defende perante o povo e tenta, inutilmente, convencer Édipo de que não tem ambições políticas, pois goza de regalias, sem ter preocupações. O atrito faz com que Édipo fale, a Jocasta, de seu temor pela profecia, enquanto ela tenta acalmá-lo falando da que lhes fizeram, de como Apolo ficou sem meios de concretizá-la e de como Laios morreu. No entanto, essa morte o apavora e êle quer que o sobrevivente esclareça se o rei foi morto por uma única pessoa ou por um grupo, pois teme ser desterrado sem poder voltar para Corinto. Nesse ínterim, chega um emissário de sua "cidade" com a notícia da morte de Políbio e de que o povo quer coroá-lo; Ao comentar seu medo da profecia, o emissário esclarece-lhe a origem, que é ratificada pelo pastor. Jocasta, magoada, se enforca e Édipo, ao topar com aquela cena, vaza os próprios olhos e só não danifica os ouvidos por não saber como fazê-lo. Lamenta a própria sorte, se acusa perante o povo, exigindo que a punição, por êle mesmo determinada, se efetive. Creonte vem consolá-lo e promete-lhe zelar por suas filhas, cujo futuro também se prenuncia bastante negro.

A peça é uma obra consagrada, apresentando os seguintes pontos positivos:

- enaltece a prática da Justiça, mesmo contra os poderosos;
- demonstra como determinados "pecados", mesmo cometidos involuntariamente, trazem grandes desgostos a quem os comete;
- valoriza os revezes da vida como condição para se alcançar a felicidade;
- valoriza o auxílio ao próximo como a missão mais nobre do ser humano;
- demonstra as conseqüências nefastas das acusações precipitadas;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 648

como a conspiração resulta da ambição; como o muito falar pode levar ao comprometimento;

- afirma que é necessário tempo para se comprovar a bondade, enquanto a maldade pode ser detectada de imediato.

A peça, também de valor histórico, é capaz de despertar o interesse de todas as camadas sociais, especialmente daqueles que se interessam pelos clássicos.

A linguagem, em versos, não merece restrições.

O grau de persuasão é parcial: a problemática, desenvolvida em espaço e época alheios aos nossos, é um perfil da sociedade grega: apresenta a realidade a partir de valores mitológicos: o poder da Esfinge; o caos climático e a peste como vingança dos deuses para forçar a punição de um crime; a força das profecias, diante das quais o homem se torna cruel, inclusive com os familiares, e totalmente impotente e que, via-de-regra referem-se à disputa do trono.

Considerando que a peça enfoca drama familiar, com suicídio e auto-flagelo, aludindo ao parricídio e ao incesto, ratificamos a sua impropriedade PARA MENORES DE 14 ANOS, já estabelecida pela DCDP, por ser tragédia clássica.

É o nosso parecer.

Lilian Filus

Técnico de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 649

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Curitiba, 19 de outubro de 1 984

Do TC Lilian Filus
Ao Sr. Chefe do SCDP/SR/PR
Assunto: Parecer nº 385/84 (encaminha)

Ensaio geral de peça teatral

TÍTULO: "Édipo Rei"
AUTOR: Sófocles
TRADUÇÃO: Geyr Campos
PRODUÇÃO: Grupo "Zen Rumo" de Teatro Amador
DIREÇÃO: Maucir Campanholi
ESTRÊIA: 19 10 84 - 21,00 horas - Mini-auditório do Teatro Guaíra
PARECER: pela liberação PARA MAIORES DE 14 ANOS, por ser tragédia clássica

Comparecemos ontem, às 19,00 horas, no mini-auditório do Teatro Guaíra, a fim de procedermos ao ensaio geral da peça acima citada, objeto dos Pareceres de nºs 372, 373 e 376/84, de 11 e 15 10 84, deste SCDP, liberando-a para MAIORES DE 14 ANOS, por ser tragédia clássica.

O texto foi obedecido, tendo sido acrescentadas duas falas (anexo), com o objetivo de facilitar a compreensão do enrêdo e coerentes com o seu espírito.

A montagem transmite todo o clima de tensão, tristeza e horror exigidos, seja pelos efeitos de iluminação, sonoplastia, vocal ou de expressão do elenco, devendo-nos destacar:

- após acórdes de música instrumental de impacto, o Arauto (usando,- como os outros personagens, apenas em cores diferentes, ou "envelhecidos", segundo a necessidade,- vestido estilizado, em pequenos losangos branco e preto), sob luz dirigida, recita a fala nº 1;
- Édipo, adentrando o palco pela platéia, ao som de música lúgubre, depara com a configuração da Esfinge: em pequeno espaço entre as cortinas, muitas mãos simulam devorá-lo. Decifrando o enigma pro-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 650

posto, cuja resposta era o homem, elas se afastam;

- faixas brancas estreitas, dispostas no sentido longitudinal, escondem os integrantes do Coro que, com movimentos de braços, levam o líder do povo a se debater como que diante das desgraças que assolam a cidade;
- o Coro, agora à vista, posta-se em atitude de súplica, acompanhado por música sacra; quando das ameaças de Édipo contra o assassino de Laios, passa a configurar o povo;
- o sinistro das previsões de Tirésias é acentuado com o negro das cortinas e a penumbra da iluminação, sendo retiradas as faixas brancas;
- o comentário sôbre o crime e as honras recebidas pelo criminoso é seguido da aspersão de incenso pelo Coro, que gira como um círculo;
- o "sacrifício" de Jocasta, oferenda de flores e fogo aos deuses, se reveste de um clima de poesia: a cortina negra, de fundo, dá lugar a um painel claro, onde a sombra de Jocasta é projetada, sob efeitos de luz vermelha e azul;
- no confronto de Édipo com os pastores, na expulsão dos indesejáveis que testemunham a cegueira do rei e na separação dele das filhas, são manejadas cortinas negras relativamente estreitas, por detrás das quais os atores entram (no palco, até se disporem na posição exigida) e saem;
- o suicídio de Jocasta e o auto-flagelo de Édipo são narrados pelo Arauto, enquanto uma atriz enfatiza a narração através de mímica;
- o Coro final, sôbre a sorte de Édipo, é desenvolvido apenas por uma atriz, enquanto a música sobe e as cortinas se afastam, ficando ao fundo efeitos azuis e vermelhos.

Do exposto, ratificamos a impropriedade da peça PARA MENORES DE 14 ANOS, já estabelecida pela DCDP, por ser tragédia clássica.

É o nosso parecer.

Lilian Filus

Técnica de Censura.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 651

A N E X O

FALA 1 - "Ser de metades distintas, trevas irreconciliáveis com as humanas esperanças, a Esfinge pairava como uma sombra sôbre Tebas, imaginário e poderoso presságio da desgraça de Édipo. Quando êste, errando pelas estradas, tem diante de si a cidade, a Esfinge propõe-lhe um enigma...".

FALA 2 - "Efêmera a felicidade que busca na escuridão sua luz. Negros ventos se juntam às suaves brisas, como destinos, tecendo-se junto ao céu, sob o olhar das estrelas. Deuses seguem os passos de Édipo, engendrando dentro dele um futuro; cumplicidade de todos os desígnios, nova desgraça irrompe sôbre Tebas."

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 652

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Parecer nº 376/84-SCDP/SR/PR
xxxxxx 015 de outubro de 1984.

TC Francisco Surek

SR/DPF/PR

Ilmº. Sr. Chefe do SCDP/SR/PR

Parecer de exame de texto teatral (apresenta)

Título da peça: ÉDIPO REI.
Autor: Sófocles.
Requerente: Jair Ramos Braga Filho.
Tradutor: Geyr Campos.
Produtor: Grupo Zen Rumo de Teatro Amador.

A incansável busca da verdade, por Édipo, através de diálogos com o vidente Tirésias, com a esposa Jocasta, com o cunhado Creonte, com um emissário e com um pastor, é o que aborda a citada peça.

Laios, o pai do recém-nascido Édipo, temendo ser, segundo previsão de Apolo, por ele assassinado, manda alguém abandoná-lo na parte mais deserta da montanha e prendê-lo com um grampo no tornozelo. Já desenvolvido, Édipo mata, em uma encruzilhada o rei Laios e sua comitiva. Sucedendo o rei, em Tebas, Édipo desposa sua mulher e profere uma maldição contra o / assassino. Tendo já gerado duas filhas e alguns filhos, Édipo, sob ameaça de tortura coage o pastor a exteriorizar a inexpugnável evidência de que o sucessor de Laios matara a este e desposara a própria mãe. Ainda, sob a oposição dos deuses mitológicos, pressentindo que suas filhas ficarão sempre solteiras e difamadas, vitimado pela própria maldição e vendo que sua mãe e esposa acaba de se suicidar enforcada, Édipo espeta alfinetes nos próprios olhos, para minimizar sua culpa e vergonha, lamenta ter sido salvo na infância e pede a Creonte para levá-lo a local ermo.

Essa tragédia leva o espectador às seguintes reflexões positivas: Não se deve desejar a outros os males que

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.653

não se deseja a si; não se deve condenar sem provas; Cristo deve ter morrido pelos homens, já que, atualmente, o arrependido / não se desespera tanto; E o maior erro recente é ter perdido a / noção de culpa. Ainda neste ano, nos Estados Unidos, um filho se casou com sua mãe, sem demonstração de escrúpulos.

É negativa a tranquilidade demonstrada por Édipo antes de conhecer suas vítimas, como se não existisse o crime de homicídio na trucidação de homens simples e estranhos.

A linguagem da peça é decente. O próprio Sófocles modera as palavras. Na página 130 do script, ele escreve: Vinde tebanos todos ver o que foi do pai o matador e da mãe o... Não ouso repetir a palavra. Não cabe na minha boca.

E, na página 135, é dito que não há muito decoro em mencionar coisas indecorosas.

O grau de persuasão da peça é grande e o público alvo são os amantes da dramaturgia antiga.

Opinamos pela liberação da peça "ÉDIPO REI" para maiores de catorze anos, devido ao conteudo de violência. Essa classificação coincide com a constante do radiograma nº 1710/84-SA/DCDP, de 28/9/84.

TC Francisco Surek.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 654

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PARECER Nº 373/84-SCDP/SR/PR

~~xxxxx~~ Curitiba, 15 de outubro de 1984

TC Paulo de Tarso Kloeckner

SR/PR

Ilmo. Sr. Chefe do SCDP

Análise de texto de peça teatral (apresenta)

Título: "ÉDIPO REI"
Autor: SÓFOCLES
Requerente: Jair Ramos Braga Filho
Produção: Grupo ZEN RUMO de Teatro Amador
Classificação: impróprio p/ menores de 14 anos
Justificativa: Tragédia Clássica

Uma peste assola Tebas, trazendo a morte às lavouras, ao gado, às pessoas... O povo se reúne diante do palácio e, pela palavra do grande Sacerdote, suplica ao Rei Édipo que venha em seu auxílio. Este responde que enviou seu cunhado, Creonte, a Delfos, para consultar o oráculo. O enviado traz a resposta: a peste durará até que se tenham castigado os assassinos do rei anterior, Laios. Édipo toma o caso como questão de honra, e lança maldições sobre os assassinos desconhecidos, e logo inicia as investigações. A conselho de Corifeu, consulta Tirésias que desconversa, deixa o rei nervoso, e, por fim, o acusa desse assassinato. O rei, indignado, suspeita de que ele e Creonte estão de conspiração. Creonte proclama em público sua inocência. Entra sua irmã e rainha, Jocasta, tentando apaziguar. Ao ouvir as acusações mútuas, conta o que sabe: que Laios recebeu, certa vez, um oráculo, dizendo que ele estava destinado a morrer pela mão do próprio filho, "dele e meu". Ora, Laios foi morto, segundo dizem, por salteadores numa encruzilhada. Mas o filho recém-nascido, quando o pai estava vivo, mandou que fosse abandonado em lugar deserto, os tornozelos presos por um grampo. Édipo põe-

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.655

se a pensar: lembra que, certa vez, numa encruzilhada, matou um ancião e seu acompanhante, escapando um terceiro...E se esse ancião foi Laios?... Era importante encontrar esse acompanhante: se ele disser que quem atacou Laios foi um homem e não um bando como se crê, esse homem foi Édipo, ele, agora casado com a própria viúva, a rainha, que foi esposa desse rei morto! Seria desterrado de Tebas e nem poderia ir a Corinto rever os seus, pois pesava a profecia segundo a qual ele mataria seu pai e casaria com sua mãe, no caso o rei Políbio e sua esposa. Nesse momento, aparece um emissário de Corinto com a notícia de que o rei Políbio morrera, e Édipo deveria assumir o trono de Corinto. Para Édipo, a metade da profecia não se realizava: agora era só esperar que a rainha também morresse para evitar que acabasse se casando com ela, e, aí em Tebas saber quem de fato matou Laios. Mas o emissário explica a Édipo que Políbio não era seu pai, e se o chamava de filho, era porque não tivera outros, e que ele, quando criança de dias, foi encontrado abandonado ao pé do monte Citeron, amarrado nos tornozelos, e encontrado e entregue a ele por um pastor da gente de Laios. Perguntam a Jocasta, que desconversa. Édipo quer agora saber quem são seus pais. Corifeu acaba se lembrando do pastor, e mandam buscá-lo. Este reluta, mas termina contando a verdade: era Édipo a criança abandonada, destinada a morrer, para que não se cumprisse a profecia de que Laios morreria assassinado por seu filho, o qual casaria com sua própria mãe. Édipo finalmente entende, e se horroriza: matara seu próprio pai e coabitara com sua própria mãe, da qual teve 2 filhas! Jocasta, desesperada, se enforca, e Édipo cega-se e condena-se ao exílio.

ANÁLISE:

Vale ressaltar na peça:

- A nobreza e pureza de sentimentos de um rei que, mesmo agindo involuntariamente no ato parricida e de incesto, pune-se impiedosamente;
- O respeito à autoridade, mas, antes, à verdade, por Tirésias e Creonte;
- O reconhecimento da necessidade da investigação para se chegar à verdade - procedimento científico superior para a época;
- O reconhecimento da condição humana de fragilidade, que necessita das luzes do Alto (na época, dos deuses);
- O amor à verdade por parte do rei Édipo;

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.656

- O humilde reconhecimento do erro por parte de Édipo diante de todos, não só em relação aos atos clamorosos praticados, mas também em relação ao tratamentonna sua opinião mesquinho, dado a Tirésias e Creonte, os quais, afinal, tinham razão a respeito das acusações que fizeram contra o rei.

São admiráveis as lições, pois, que deixa, para o homem de hoje também, como tem sido em todas as épocas, essa Tragédia grega da época clássica (séc. V A.C.), razão porque, embora traga, entre outros temas, o do parricídio e do incesto, bem como a auto-flagelação, ficamos com a classificação já dada pela DCDP, ou seja, impróprio para menores de 14 anos.

É o Relatório.

JC Paulo de Tarso Kloeckner

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,P.657

Édipo Rei

Sófocles

Geyr Campos

xxx...xxx

Grupo ZEN RUMO de Teatro Amador - Curitiba/PR

Jair Ramos Braga Filho

15 Outubro 84

Impróprio p/menores de 14 (catorze) anos. Condicionado ao exame de Ensaio Geral. Este Certificado somente terá validade quando acompanhado do texto devidamente carimbado e rubricado pelo SCDP/SR/PR.

Curitiba, xxxxxx 15 Outubro 84

TC Francisco Surek
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx
Chefe da SCCon/SCDP/SR/PR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, IP.658

DEP. DE POL. FEDERAL - Sup. Regional no Paraná - SCDP

0.093/84-SCDP/SR/PR

+ PROVISÓRIO +

" É D I P O R E I "

Sófocles

15 Dezembro 84

" TRAGÉDIA CLÁSSICA "

Curitiba, xxxxxxxx 15 Outubro 84

14 ANOS

TC Benedito Zumas Fº
Chefe do SCDP/SR/PR

XXXXXXXXXXXXXX

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 659

TEATRO

TÍTULO " ÉDIPO REI "

AUTOR DA PEÇA: " SÓFOCLES "

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 14 ANOS

Praça SCDP/SR/PR

Obs.:

DF. 23 / OUT. / DE / 1984

Adilson G. Lima

Resp. pela elaboração do Processo

ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 14 (quatorze) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: Certificado prov. SCDP/SR/PR

Brasília-DF, 25 de 10 de 1984

Brasília – DF de de 1.9

J. D. – Tragédia Clássica

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de para o qual os censores propõem a classificação etária de 14 (catorze) anos

Brasília-DF, 26 de 10 de 1984

Em de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parece

Em, 26 / 10 / 1984

Solange M. T. Hernandez

Diretora da DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.P 048,P.660

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
222	26 OUTUBRO 1984	26 OUTUBRO 1989

TÍTULO: ÉDIPO REI"

AUTOR (ES): SÓFOCLES

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: TRAGÉDIA CLÁSSICA

Solange M. T. Hernandes
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP
ASSINATURA

TÍTULO: "ÉDIPO REI"

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL — CERTIFICADO Nº 222

TRADUTOR OU ADAPTADOR: GEYR CAMPOS

REQUERENTE: JAIR RAMOS BRAGA FILHO *CURITIBA/PR*

DECISÃO: IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 14 (QUATORZE) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA
Chefe do SC /DCDP
ASSINATURA

Brasília, 26 DE OUTUBRO DE 1984.

GRC

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 661



29 de outubro de 1984

2.072/84-SE/DCDP

PR

"EDIPO REI", de autoria de Sõfocles.

Atenciosamente,

Solange M. T. Hernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
Diretora da DCDP

~~BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.~~
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 662

8 655

DEP. DE POLICIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
CMG

0315.1307

611461DPFEB BR
2122433DPFE BR

15 MAR 1458 005122

DE RIO/RJ NR 02128 20 151153P

ENCAMINHADO A
RUBRICA

DCDP

URGENTISSIMO
DCDP/BSA

RD NR 052/88/SCDP/SR/DPF/RJ DE 150388 PT SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL ''EDIPO REI'' VG AUTOR SOFOCLES VG TRADUÇAO GEIR CAMPOS PT

SCDP/SR/RJ

NNNN
T/POR FS
RECEB POR ?

2122433DPFE BR

Sc 151345P

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p 663

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº 17 MAR 1702 88 005694

ENCAMINHADO A
RUBRICA

POSIÇÃO:

QUITAÇÃO
HRS: OPR:

PREÂMBULO

Espécie:. OFICIAL | Número..... | Data:.....
Origem..... | Palavras..... | Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 83/DCDP de 17 03 88 RERA NRS 052 VG 054 ET 055/88 DE 150388 VG INFO PEÇAS "EDIPO REI" LIB 14 ANOS CERT VAL 261089 J.I. TRAGEDIA CLASSICA VG "PALHAÇADAS" CLASS LIVRE CERT VAL 150792 ET "FLICTS" AUT ZIRALDO ADAP ADERBAL JUNIOR VG CLASS LIVRE CERT VAL 111190 PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor Wilma Helena Sanos Domingos
Chefe do SC - DCDP
Substituto

DPF-84

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 664

DPF/MJ
DIV. DE CENSURA
DIVERSOES PUB.
NÚMERO DE IDENTIFICAÇÃO
--- SENAPRO ---
08202.003168/88-91
SERPRO

27 MAI 09 06 88 000

OFICIO Nº 308/88 DCDP/DSB Em, 20 / 5 /1988

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. prot. 12024/87 - 13.11.87

Encaminho a V.Sª. cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral "ÉDIPO REI"

de SÓFOCLES

TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS

foi requerida por NANCI DE FREITAS

Atenciosamente,

P/CHEFE DO SCDP/S/DPF/MJ

mfl/

.SP.

. BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 665

SCDP / SR / DPF - RJ
RECEBIDO POR

ILMº SENHOR CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/S.R/RJ

NANCI FREITAS
(REQUERENTE)

BRASILEIRA — NACIONALIDADE | ATRIZ — PROFISSÃO

RUA BENJAMIM CONSTANT Nº 24 APTº 702
(RESIDÊNCIA)

GLÓRIA — BAIRRO | 20241 — CEP | 252-1395 R: 254 — TELEFONE

vem, mui respeitosamente, requerer a V.Sª que se digne mandar examinar, de acordo com as normas consórias vigentes, PEÇA TEATRAL — ESPÉCIE abaixo relacionadas de autoria de SÓFOCLES COM TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS.

TÍTULO: ÉDIPO REI

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.666

1 - EMPRESA OU GRUPO (SE HOUVER)

NOME: GRUPO MERGULHO NO TRÁGICO CGC 29262359/0001-19

SEDE: RUA MUNIS BARRETO 51 TEL 551-5448 CRP

DIRETOR RESPONSÁVEL: JOSÉ DA COSTA

2 - DADOS DO AUTOR:

NOME: SÓFOCLES COM TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS

PSEUDONIMO:

NACIONALIDADE: NATURALIDADE:

PROFISSÃO:

ENDEREÇO:

3 - PARCERIA : (SE HOUVER)

NOME:

PSEUDONIMO:

NATURALIDADE: NACIONALIDADE:

ENDEREÇO: TEL.:

DECLARO QUE A MATÉRIA A SER EXAMINADA NUNCA FOI FOI SUBMETIDA À APRECIAÇÃO DESTA SCDP/SI/DJ (EXCETUANDO OS PEDIDOS DE RENOVAÇÃO DE CERTIFICADO OU DE CONFRONTO DO TEXTO), ASSUMINDO, INTEIRA RESPONSABILIDADE PELAS INFORMAÇÕES AQUI REGISTADAS;

DATA: RIO, 13 DE NOVEMBRO DE 1987.

ASSINATURA: Nanci de Freitas

NANCI DE FREITAS

LG.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 667

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920.
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro , 13 de novembro de 1987

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

ÉDIPO REI

Original de SÓFOCLES

Tradução de GEIR CAMPOS

Próxima apresentação de MERGULHO NO TRÁGICO

Teatro MERGULHO NO TRÁGICO Cidade RIO DE JANEIRO

Estado RIO DE JANEIRO

A estréia está prevista para 1ª QUINZENA DE NOVEMBRO DE 1987

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 668

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
18 NOV 1987
S.E.T.E.L. - SR/RJ

NR..... PLS..... DT..... HR.....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO / PRIORIDADE: DCDP/BSB

TEXTO E ASSINATURA

RD416/SCDP/SR/DPF/RJ-161187 VG SOL INF OQC PEÇA TEATRAL EDIPO REI VG AUT SOFOCLES ET TRADUÇAO GEIR CAMPOS

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DO SCDP

sms

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 469

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSB UUU

TEXTO E ASSINATURA

NR 17/SCDP/SR/RJ-010288 VG RERE PEDIDO INF PEÇA TEATRAL "EDIPO REI" VG AUT SOFOCLES ET TRAD GEIR CAMPOS PT

MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0068 p. 670

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
15 MAR 1988
S.E.T.E.L. - SR/RJ

NR ..... PLS ..... DT ..... HR .....

RADIOGRAMA — (EXPEDIÇÃO)

ENDEREÇO PRIORIDADE

DCDP/BSA "UU"

TEXTO E ASSINATURA

RD NR 052/88 SCDP/SR/DPF/RJ - 150388 - SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL "EDIPO REI" VG AUTOR SÓFOCLES VG TRADUÇÃO GEIR CAMPOS PT

PAULO CESAR OLIVEIRA SANTOS
CHEFE SCDP/SR/ DPF/RJ.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 671

SÓFOCLES



ÉDIPO REI

Versão teatral moderna de

GEIR CAMPOS



*
*****
*

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 672

Personagens

ÉDIPO, rei de Tebas

SACERDOTE

CREONTE, irmão de Jocasta

TIRÉSIAS, o adivinho cego

JOCASTA, rainha de Tebas

EMISSÁRIO de Corinto

PASTOR da casa de Laios

ARAUTO do palácio real

CÔRO DOS ANCIÃOS DE TEBAS

Figurantes



AIA, acompanhante de Jocasta

Um menino, guia de Tirésias

Um grupo de Suplicantes

As duas filhas de Édipo

Guardas e servidores do palácio

Cenário

Diante do palácio do rei Édipo,

em Tebas, com altares junto às portas.



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.673

ÉDIPO

Meus filhos, filhos da terra de Tebas,
por que vindes aqui
suplicantes, enquanto
uma nuvem de incenso veste toda a cidade
em meio a rogatórios e lamentos?
Meus filhos, eu achei
que não devia saber por terceiros:
assim, eu mesmo vim,
eu, vosso rei,
de todos conhecido como Édipo,
o Ilustre.
Fala-me tu, cidadão venerável,
com que ânimo estais aqui reunidos,
temor ou esperança?
Tudo farei para vos ajudar;
áspero coração seria o meu
se com toda a atenção não vos ouvisse.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. BR/RJ POLÍCIA FEDERAL

SACERDOTE

Édipo, grande senhor nosso e rei:
tu podes ver
a idade dos que cercam teus altares,
uns ainda quase implumes
sem fôrças para as grandes revoadas,
outros curvados ao pêso dos anos.
O restante do povo,
espalha-se nas praças dos mercados
ou defronte dos templos.
E' que, tu vês, o barco da nossa cidade,

SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS RIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 674

sacudido por já longa tormenta,
nem mais consegue levantar a proa
coberta pelos vagalhões da morte:
morte sôbre as lavouras em flor,
sôbre os pastos e o gado,
e sôbre o ventre das mulheres grávidas...
Com seu archote flamejante a peste
lança-se sôbre nós e dizima a cidade:
fica vazia a casa dos tebanos,
e o reino tenebroso dos infernos
vai-se enchendo de lágrimas e gritos.
Ao chegar a esta terra
tu nos livraste do ignóbil tributo
que éramos constrangidos a pagar
à Esfinge, a inexorável cantadeira;
não tinhas recebido encargo nosso
nem fôras por ninguém industriado,
e entretanto, inspirado por um deus,
conforme todos dizem e acreditam,
tu reedificaste a nossa vida!
E agora, ó nosso glorioso rei,
é a ti que recorremos, suplicantes,
para que nos descubras um remédio,
seja por nova inspiração divina
ou pela tua experiência humana.
Salva a cidade, ó melhor dos mortais!
Não deixes que lembremos teu reinado
como o que nos chegou a levantar
para adiante nos deixar cair!
Reabilita, para sempre, esta cidade!
Pois, se hás de reinar sôbre esta terra,

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 675

reina então sôbre homens,
melhor que no deserto:
nada valem, sem homens que os guarneçam,
nem os navios nem as fortalezas!

ÉDIPO

Meus pobres filhos
sofreis e eu também.
Vossa dor vos aflige a um por um;
eu entretanto sofro ao mesmo tempo
pelo país e por vós e por mim...
Uma coisa já fiz:
mandei Creonte, meu nobre cunhado,
a Delfos, perguntar ao deus do sol,
com que palavra ou gesto eu poderei
salvar esta nação.
Quando êle chegar,
as determinações do deus,
por minha honra, hão de ser cumpridas!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

SACERDOTE

Em boa hora falaste:
já estão fazendo sinais
de que Creonte vem vindo!

ÉDIPO

O' grande deus!
Que êle, com seu semblante iluminado,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.676

nos traga a luz que tanto temos esperado!

SACERDOTE

Pelo que vejo, tem notícias boas:
traz na cabeça a coroa de louros!

ÉDIPO

- Príncipe, cunhado meu,
qual a mensagem do deus?

CREONTE



Boas notícias!
Por mais difícil que seja a situação,
quando bem encaminhada, terá boa solução!

ÉDIPO

Mas o oráculo?
Tuas palavras fazem-me oscilar
entre mêdo e esperança.
Que diz o oráculo?

CREONTE

Queres que eu fale diante de estranhos,
eu falo. Se não, entra e eu te acompanho!

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 677

Fala diante de todos:
a dor dos meus vassalos
importa mais do que a minha vida!

CREONTE

Repito apenas o que ouvi de Apolo:
- Existe um mal, aqui nascido e aqui agasalhado,
tornando impura e corrompendo esta cidade!
O grande deus ordena, expressamente: - Extirpá-lo!

ÉDIPO

Que tipo de mal é êsse? Como extirpá-lo?

D.P.F. SR/RJ
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

CREONTE

Desterrando o culpado ou
lavando sangue com sangue,
pois é êsse sangue que atrai o mal sôbre nós.

ÉDIPO

Quem poderá ser o ímpio assim acusado?

CREONTE

Antes de tu assumires o leme do Estado,
nosso rei era Laios...

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 678

Eu sei, mas nunca o vi.

CREONTE

Laios foi morto.
E o deus agora quer justiça,
mandando claramente punir os assassinos.

ÉDIPO

Em que furna da terra estarão êles?
Como trazer de nôvo à luz do Sol
os vestígios de um crime tão antigo?

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - POLÍCIA FEDERAL

CREONTE

"Procurando, achareis" - ensina o deus.
Os culpados estão nesta cidade.

ÉDIPO

Laios estava no palácio ou em campanha
ou em viagem, quando teve êsse destino?

CREONTE

Em viagem: dizendo que ia a Delfos,
êle partiu... e nunca mais voltou.

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 679

Nenhum informe? Nem ninguém da comitiva
com uma pista para ser seguida?

CREONTE

Só um dos homens conseguiu sobreviver,
e êsse só diz uma coisa com inteira segurança...

ÉDIPO

Qual coisa? - Um dado certo leva a outros.

CREONTE

Conta que Laios foi morto
por um bando de ladrões,
que o assaltaram e,
juntos, o chacinaram.

D.P.F. S.R./R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Mas que ladrões ousariam
matar assim um rei,
senão de acôrdo com alguém aqui em Tebas?

CREONTE

Pensou-se nisso. Mas Laios estava morto,
e nenhum vingador apareceu
em meio às nossas preocupações...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.680

ÉDIPO

E que preocupação pode abafar
uma investigação sôbre o assassínio
de um rei?

CREONTE

A ameaça da Esfinge nos forçava
a pôr de lado as coisas duvidosas
e a só pensar em nosso dia-a-dia.

ÉDIPO

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

Pois eu vou começar tudo de nôvo
e uma vez mais esclarecer as coisas.
Hei de lavar a nódoa dêste sangue,
e não só pelos outros, mas também
por minha causa - pois quem matou Laios
talvez me esteja preparando o mesmo fim:
ao justiçá-lo, então, é a mim que sirvo.
Levantai-vos, meus filhos.
Com a ajuda do deus, vamos vencer;
ou, se não, vamos juntos perecer!

SACERDOTE

O que queríamos é o que êste homem
nos prometeu, afinal.
E praza a Apolo, que mandou essas mensagens,
vir em socorro nosso e livrar-nos da peste!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.681

CÔRO

O' doce voz de Zeus,
que mensagem me trazes
de Delfos, a divina,
a Tebas, a dourada?
Estremece de mêdo
minha alma torturada...
- O' deus, estás ouvindo?
Tens algum sofrimento
desconhecido ainda,
ou a roda dos anos
repisa a dor de sempre?
- O' voz imorredora,
ó filha da esperança,
vem me dizer agora!



- A ti primeiro, Atena,
filha do grande Zeus,
invoco! - E a ti, Ártemis,
padroeira de Tebas,
que tens lugar de honra
e trono em nossa praça!
- E a ti, fogoso Apolo,
com teu certeiro dardo!
- Dai-nos a vossa luz,
vosso tríplice escudo,
e livrai-nos da morte!
- Vinde agora ajudar-nos!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 682

- Pobre de mim: sem conta
as minhas provações!
As fôrças em declínio
e o espírito inerme,
a terra a negar frutos,
as mães gemendo estéreis.

- Assim, morte por morte,
a cidade perece.

- Zeus pai, em cujas mãos
cabem todos os raios:
acaba de uma vez
com o que nos faz mal!



- Também as tuas setas,
ó luminoso Apolo,
quisera eu ver lançadas
em todos os sentidos,
por nossa proteção;
como também os raios
flamejantes de Ártemis,
- E peço mais a ti,
deus inventor do vinho,
Baco dos evoés,
a quem Tebas cultua:
vem com a tua flama,
com teu brilhante archote,
pôr em fuga o inimigo
da gente que te ama!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.683

ÉDIPO

Rezais... Em seguimento a tantas rezas,
se observardes bem minhas palavras
e vos unirdes no combate ao mal,
podereis ter certeza de socorro
e alívio para as vossas aflições.
Eu a todos vós proclamo:
- Se algum de vós sabe qual foi a mão
que matou Laios,
eu ordeno que me declare já!
Quanto ao próprio culpado,
caso esteja com mêdo
de ser denunciado,
livre-se do temor
denunciando a si mesmo,
pois nada sofrerá:
só deixará o país.
Porém se vos calardes,
se algum de vós, por mêdo,
ocultar o culpado,
um amigo talvez
ou a própria pessoa,
eis a minha sentença:
- Proibo que qualquer filho da terra
onde me assistem o comando e o trono
dê guarida ou conversa ao assassino,
seja êle quem fôr;
que o aceite nos cultos e no lar,
que divida com êle a água lustral!
Eu ordeno, ao contrário,
que o enxotem de suas casas, todos,

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. BR/RJ CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 684

por ser aquilo que nos torna impuros,
conforme acaba de nos revelar,
por ser oráculo, a fala do deus!
Nesta questão me tendes aliado
ao grande deus e ao rei assassinado.
E ainda mais:
rogo aos céus, solenemente,
que o assassino, seja êle quem fôr,
sòzinho em sua culpa ou tenha cúmplices,
tenha uma vida amaldiçoada e má,
pela sua maldade, até o fim de seus dias.
Quanto a mim, se estiver o criminoso
em minha casa, privando comigo,
eu espero que sofra as mesmas penas
que dei para os demais.
Conto convosco para que se cumpra
minha palavra,
e agora, que sou eu
quem maneja o poder que era de Laios,
ponho o maior empenho nesta causa
como se fôsse a do meu próprio pai,
a todos vós, leais filhos de Tebas,
a quem pareçam justas estas coisas,
possa a Justiça, aliada nossa, e os deuses todos,
cumular para sempre de benesses!

D.F.P. CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA

CORIFEU

Já que invocou meu testemunho o rei,
eu falo em testemunho do que sei:
quem matou não fui eu, nem sou capaz
de apontar com meu dedo o malfeitor!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.685

Acho que neste caso caberia
ao próprio deus, que o pôs diante de nós,
mostrar, junto com o crime, o criminoso.

ÉDIPO

Mas não cabe a nenhum homem sôbre a terra
forçar um deus a algo que êle não quer...

CORIFEU

Tenho a dizer uma segunda coisa!

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. BR/RJ POLÍCIA FEDERAL

ÉDIPO

E se tiveres ainda uma terceira,
não percas tempo: vai logo dizendo!

CORIFEU

Autoridade por autoridade,
nosso velho Tirésias
vê tanto quanto o oráculo:
a quem rebusca estas coisas, ó rei,
êle teria muito que ensinar!

ÉDIPO

Isso também eu não deixei de lado:
por sugestão de Creonte,
mandei chamar Tirésias, duas vêzes,
e estranho que ainda não tenha chegado...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 686

CORIFEU

Há uns rumôres, também, de que me lembro:
mais palavras ao vento...

ÉDIPO

Que rumôres?

CORIFEU

Diziam que uns viandantes o mataram...



ÉDIPO

Isso eu também já ouvi,
mas não há quem conheça testemunhas.

CORIFEU

Se souber o que é mêdo, o criminoso
há de estar por aí pronto a fugir,
depois da tua terrível proclamação...

ÉDIPO

Se a alguém o próprio ato não assusta,
não são palavras que vão assustar.

CORIFEU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048,p.687

Mas aí está quem pode descobrir
o criminoso:
afinal trazem o vidente iluminado!
Se algum mortal tem acesso à verdade,
é êle!

ÉDIPO

Tirésias! tu que tudo percebes,
do mais claro ao mais denso dos mistérios
alto nos céus ou rasteiro na terra,
hás de sentir, mesmo sem poder ver,
a desgraça que assola esta cidade...
Eis, profeta, por que te procuramos
como última defesa e salvação!
O deus Apolo,
nos fêz saber que a única maneira
de nos livrarmos dêste mal séria
desentocar os que mataram Laios
e também os matar ou desterrar.
Agora, tu: fica atento aos avisos
das aves, e a quaisquer outros sinais,
e aguça os teus podêres de adivinho!
Faze-o por ti, faze-o por Tebas e por mim,
faze-o por todos os que estão sofrendo
pela morte do rei!
Em tuas mãos estamos.

TIRÉSIAS

Deuses! Como é terrível
o dom da sabedoria

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 688

quando não serve a quem o tem!
Eu, tão convencido disso,
nem me lembrei... Senão, eu não viria.

ÉDIPO

Que foi? Por que te lamentas?

TIRÉSIAS

Deixa-me ir para casa!
Será mais fácil, assim,
tu carregares o teu fardo e eu o meu...

D.P.F. BR/RJ SUPERINTENDENCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Estranha palavra, a tua:
parecerás inimigo do povo que te acolheu,
se negares resposta.

TIRÉSIAS

Vejo que falas no momento errado
e não quero incorrer no mesmo êrro.

ÉDIPO

Pelos deuses: nós todos te imploramos,
não guardes mais segrêdo!

TIRÉSIAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 689

E' que vós todos de nada sabeis.

ÉDIPO

Então sabes e não queres falar?
Pretendes atraiçoar-nos
e destruir a nação?

TIRÉSIAS

Se o que quero é poupar-nos,
a ti e a mim,
por que me fazes perguntas vãs?

D.P.F. S/R/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - DIVISÃO FEDERAL DE CENSURA

ÉDIPO

Vileza das vilezas!
És capaz de enraivecer uma pedra!
Não há argumento que te dissuada?
Não falas? Continuas calado até o fim?

TIRÉSIAS

Só vês o êrro em mim:
tu censuras a minha teimosia,
mas não percebes que a tua é maior!

ÉDIPO

Quem poderia conservar a calma
ante as palavras com que afrontas a cidade?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.690

TIRÉSIAS

O que está por vir virá,
mesmo que eu silencie.

ÉDIPO

Mas neste caso, sabendo o que está por vir,
é tua obrigação me prevenir!

TIRÉSIAS

Nada mais tenho a dizer.
Agora, se tu quiseres, imunda teu coração
com tôda a raiva que nêle couber!



ÉDIPO

Precisamente! E na raiva
não guardarei o que me vem à cabeça:
a mim me parece
que tu tramaste e executaste todo o crime,
só não chegando a utilizar as próprias mãos;
não fôsses cego, eu diria que até a matança
foi obra tua e de mais ninguém!

TIRÉSIAS

E' isso? Então ouve:
sôbre tua cabeça pende o anátema
que teus lábios lançaram!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 691

Daqui em diante
não tornes mais a me falar, nem aos presentes,
pois tu és a maldição que pesa sôbre Tebas!

ÉDIPO

Tens a impudência de me falar assim,
e pensas escapar à punição?

TIRÉSIAS

Sempre escapei: eu tenho comigo a verdade.



ÉDIPO

Quem disse isso? Não seria o teu ofício...

TIRÉSIAS

Tu me constranges a falar contra a vontade.

ÉDIPO

Falar? Repete, para eu entender!

TIRÉSIAS

Insistes em provocar-me? Será que não escutaste?

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 692

Não o bastante para ficar convencido.
Fale de nôvo!

TIRÉSIAS

Digo que tu
és o assassino do homem
cujo assassino procuras!

ÉDIPO

Segunda vez... Hás de te arrepender por isto!

D.P.F. SR/RJ
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

TIRÉSIAS

Não queres que eu fale mais,
para mais te enraiveceres?

ÉDIPO

Como quiseres: será tudo insensatez...

TIRÉSIAS

Digo que tu, sem o saberes, coabitas
com gente tua, em sórdida comunhão
e nem percebes a infâmia a que chegaste!

ÉDIPO

Pensas que vais continuar falando assim,
impunemente?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048,p.693

TIRÉSIAS

Se algum valor tem a verdade, sim!

ÉDIPO

Tem, mas não para ti, pobre coitado:
cego dos olhos, dos ouvidos e do espírito!

TIRÉSIAS

Pobre coitado de ti! Pobre de ti,
a quem todos em breve hão de execrar
como zombando vens até aqui!



ÉDIPO

Ôlho de sombra sem fim:
não tens nenhum poder de malefício
contra quem pode ver a luz do dia!

TIRÉSIAS

Derrotado serás - é teu destino -
mas não por mim: Apolo bastará,
para fazer o que a um deus compete!

ÉDIPO

Invencionice tua ou de Creonte?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 694

TIRÉSIAS

Não é a Creonte que deves temer,
mas a ti mesmo...

ÉDIPO

O' riqueza, poder, sabedoria
- quanta inveja trazeis em vosso bôjo!
Só por causa de tôdo êste poder
que a cidade depôs em minhas mãos,
Creonte, um velho amigo tão leal,
lança-se de emboscada contra mim,
com um intrigante,
falso ledor da sorte, subornado,
que só tem olhos para o seu proveito
e em seu ofício é totalmente cego!
- Quando foi que provaste ser vidente?
Por que, quando rondava por aqui
a Esfinge ruminando cantilenas,
nunca tiveste nem uma palavra
que devolvesse a liberdade ao povo?
Eu, Édipo, sem de nada saber,
logo ao chegar fiz a Esfinge calar:
deslindei a questão pela razão,
nem foi preciso consultar teus pássaros!
E agora tu me queres afastar,
talvez pensando apenas em ficar
mais próximo do trono de Creonte?
Não parecesses tu assim tão velho,
já à tua própria custa aprenderias
aonde pode levar a traição!

D.P.F. S.R./R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.695

CORIFEU

Édipo,
tanto as palavras tuas como as dêle
foram ditas com raiva:
não é disso que estamos carecendo,
mas sim de combinar o melhor meio
de pôr em prática as ordens do deus!

TIRÉSIAS

Tu és o rei, mas o direito manda
que de igual para igual eu te responda:
Não é a ti que eu sirvo: eu sirvo a um deus,
nunca estive a serviço de Creonte!
E a ti eu digo,
já que me ofendes por minha cegueira:
os dois olhos que tens pouco adiantam,
pois não vês a miséria que te cerca
nem a casa em que vives, nem com quem...
Sabes, ao menos, de quem és nascido?
És inimigo dos teus sôbre a terra
e dos que a terra cobre,
mas não sabes.
Zomba, agora, de mim e de Creonte!
Pois nenhum outro homem
jamais há de ter sido triturado
com tanta crueldade como tu!

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

- Vai-te embora,
some da minha porta! Fora!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 696

TIRÉSIAS

Eu vim aqui pela tua vontade,
não pela minha...

ÉDIPO

Pois, se eu soubesse que só dirias sandices,
muito terias que esperar por meu chamado!

TIRÉSIAS

Talvez eu possa parecer-te louco,
mas teus pais sabem que tenho razão...

D.P.F. SR/R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Meus pais? - Espera! De quem eu nasci?

TIRÉSIAS

O mesmo dia que disser teu nascimento
há de marcar teu fim...

ÉDIPO

Enigmas! Sempre enigmas!

TIRÉSIAS

Então não és aquêle que decifra
qualquer enigma?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0046, p.697

ÉDIPO

Escarneces de inveja do poder
que me trouxe tão alto?

TIRÉSIAS

Ou da fraqueza que te levará tão baixo...

ÉDIPO

Se com ela salvei esta cidade,
o resto não importa.



TIRÉSIAS

Então me vou: menino, leva-me daqui!

ÉDIPO

E' bom, mesmo, que te leve:
tua presença me pesa.

TIRÉSIAS

Vou, depois de cumprir minha missão,
sem receio das tuas ameaças:
jamais me poderias destruir!
E a ti eu digo: rei,
o homem a quem tanto vinhas procurando,
com ameaças e proclamações,
mora aqui!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 698

Passa por um estrangeiro,
mas se verá que é natural de Tebas
e essa descoberta lhe será cruel.
Cego, êle que hoje tudo vê,
mendigo, êle que hoje é rico,
rumará para alguma terra estranha
tateando os caminhos com o bastão...
E se verá que é êle, ao mesmo tempo,
filho e marido da que o pôs no mundo,
herdeiro e matador do próprio pai.
Entra, e pensa bem nisso!
Se puderes provar que estou errado,
então chama-me cego!

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. 8ª R/RJ. POLÍCIA FEDERAL

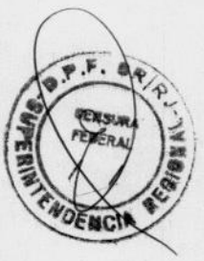
CÔRO

- Quem é êsse que a voz
do oráculo de Delfos
acusa de trazer
as mãos tintas de sangue
de um tão terrível crime
que nem as línguas dizem?
- E' tempo de fugir
mais rápido que o vento,
pois o filho de Zeus
investe contra êle
armado de coriscos
e incendiárias flamas;
e as deusas justiceiras
também no seu encalço
já se lançam terríveis!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 699

- Lampejou ainda agora
sôbre os tetos do mundo
a palavra de ordem
a todos: que persigam
êsse réu inconfesso!

- Deveras o adivinho
me veio pôr perplexo:
não creio nem descreio,
nem sei o que dizer...
- Entre um filho de Tebas
e um filho de Corinto,
que rixas caberiam?
- Nunca ouvi, nem agora
nem no tempo passado,
nenhuma testemunha
que merecesse fé
dizer alguma coisa
contra o nome de Édipo
ou contra o seu empenho
de vingar êste crime
em nome dos tebanos!



- O deus Apolo vê,
bem como o deus dos deuses,
o destino dos homens;
mas um mortal como êsse,
um simples adivinho,
que coisas pode ver?
- Pode uma inteligência
brilhar mais do que outra;
mas eu, sem antes ver
confirmada a denúncia,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.700

não iria apoiar
êsses que acusam Édipo!
- Num caso não há dúvida:
quando a Esfinge atacava,
êle provou ser sábio
e amigo da cidade!
- Assim meu coração,
sem ter provas, se exime
de lhe imputar um crime.

CREONTE

Povo de Tebas!
Tendo chegado ao meu conhecimento
que o rei Édipo fêz
acusações pesadas contra mim,
eu venho aqui para fazer sentir
a minha mais total indignação:
se, em meio à presente calamidade,
êle pensa que eu lhe fiz algum mal
por atos ou palavras,
não hei de viver todos os meus dias
com a suspeita dessa aleivosia!
O gume dessa infâmia
não me fere num ponto ùnicamente:
é do mais amplo alcance,
me expondo a carregar perante vós,
amigos meus, meu povo,
a pecha de traidor!

S.D.P.F. 8ª R/R.J. CENSURA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

CORIFEU

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.701

Talvez lhe tenha escapado essa ofensa
em hora de tensão, de grande raiva,
jamais do fundo do seu coração...

CREONTE

Êle não disse que eu induzi o adivinho
a espalhar falsidades?

CORIFEU

Muitas coisas foram ditas;
com que sentido, não sei...

D.P.F. SR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

CREONTE

E isso foi assacado contra mim
com o olhar firme e firme o pensamento?

CORIFEU

Não sei: não olho o que meus amos fazem.

ÉDIPO

Ah! estás aí? Pois tens o atrevimento
de vir à casa onde matas o dono
ver a coroa que esperas roubar?
Vamos, em nome dos deuses confessa:
covardia ou inépcia viste em mim
que te animasse a tramar êsse golpe?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 702

Julgaste que eu, ingênuo, não veria
no escuro a cobra preparando o bote?
Ou que, vendo-a não me defenderia?
Não serás tu o ingênuo, pretendendo,
sem servidores e amigos, um trono
que com fôrça e riqueza se conquista?

CREONTE

Ouve-me agora: é uma resposta franca,
para que julgues com discernimento...

ÉDIPO

Tens muita habilidade no falar,
mas tuas falas cheias de veneno
só me dirão do mesquinho inimigo que tu és.

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL POLÍCIA FEDERAL

CREONTE

Primeiro escuta os argumentos meus!

ÉDIPO

Só não me digas que não és um pérfido!

CREONTE

Se pensas que a arrogância sem sentido
é uma vantagem, estás enganado.

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 703

Se pensas que fazer mal a um parente
não tem castigo, enganado estás tu!

CREONTE

Perfeitamente, concordo. Agora, explica:
que mal é êsse que imaginas que eu te fiz?

ÉDIPO

Mandar chamar aqui êsse adivinho,
não foi idéia tua?

CREONTE

E eu insisto na mesma sugestão.

D.P.F. SR/R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Há quanto tempo Laios...

CREONTE

Laios?... Não vejo aonde queres chegar.

ÉDIPO

Há quanto tempo Laios sucumbiu
na emboscada fatal?

CREONTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.704

São anos que se perdem no passado...

ÉDIPO

Naquele tempo o adivinho
já exercia o ofício?

CREONTE

Já, e tão respeitado como agora.



ÉDIPO

E quanto a mim, naquela ocasião,
êle não fêz nenhuma referência?

CREONTE

Não. Pelo menos, em minha presença...

ÉDIPO

E sôbre o crime
não se fêz uma investigação?

CREONTE

Fêz-se, porém não se descobriu nada.

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 705

E êsse adivinho, tão sábio,
não soube dizer nada nessa hora?

CREONTE

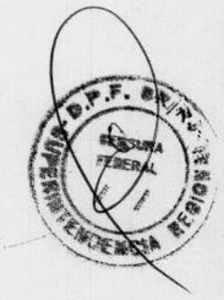
Não sei. Quando não sei, silencio.

ÉDIPO

Mas de uma coisa tu sabes,
e vais falar, pois é o que te convém...

CREONTE

O quê? Sabendo, eu não direi que não.



ÉDIPO

Sem instigação tua, o adivinho
iria agora dizer
que eu matei Laios?

CREONTE

O que êle disse e ouviste é outro assunto...
Mas, já que me interrogas,
também quero fazer-te umas perguntas...

ÉDIPO

Escuta: dêsse sangue derramado

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 706

eu jamais poderei ser acusado!

CREONTE

Escuta: tu não desposaste minha irmã?

ÉDIPO

Sim. Não há o que negar.

CREONTE

Reinas com ela em têrmos de igualdade?



ÉDIPO

De mim ela tem tudo o que deseja.

CREONTE

E não sou eu, junto aos dois, igualado,
a terceira pessoa dêste Estado?

ÉDIPO

Isso torna mais vil tua traição!

CREONTE

Não há tal coisa! basta analisares,
como analiso, esta situação!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0648, p. 707

Primeiro: achas que alguém preferiria
reinar, cercado de preocupações,
em vez de ter a sua vida em paz
com os mesmos podêres?
Eu não experimento
necessidade alguma de ser rei,
se tenho já tôdas as regalias
que um rei poderá ter:
e que mais pode um homem desejar?
Eu tenho tudo quanto tens de bom,
sem ter nada com que me preocupar;
onde eu estou, todos me cumprimentam,
me fazem votos de felicidade;
quando têm algo a resolver contigo,
falam antes comigo e em mim confiam...
Por que trocaria eu minha vida pela tua?
Não conspira, quem nada ambiciona.
Se queres uma prova, vai a Delfos
e vê se eu não te trouxe exatamente
as palavras do oráculo divino!
Depois, se descobrires que eu tramei
alguma coisa com êsse adivinho,
condena-me à prisão, e à morte mesmo:
não por mera suspeita e prepotência,
mas por dupla sentença - tua e minha!
Tão errado é sem provas absolver
como é errado sem provas condenar...
Afastar um amigo
é como escorregar a própria vida,
bem que tanto se preza.
Mas só com o tempo hás de compreender isto:
só o tempo mostra a bondade de um homem...

D.P.F. BR/RJ SUPERINTENDENCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.708

Já a maldade se vê no mesmo instante!

CORIFEU

São palavras bastante ponderadas,
de quem caminha e não quer tropeçar.

CORO

Há sempre grande perigo
num julgamento apressado...



ÉDIPO

Quando o conspirador avança rápido,
eu tenho de ser rápido também:
se eu ficar esperando, aumenta o risco,
êle triunfa e eu sou derrotado.

CREONTE

Que tens em mente, para mim? Destêrro?

ÉDIPO

Ou entêrro - para mostrar bem claro
a coisa perigosa que é a inveja!

CREONTE

Não estás sendo justo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.709

ÉDIPO

Justo para comigo, eu sei que sou.

CREONTE

E por que não também para comigo?

ÉDIPO

Não: tu és falso!



CREONTE

E se estiveres fora do juízo?

ÉDIPO

Um rei é para reinar!

CREONTE

Mas não quando reina mal!

ÉDIPO

Escutai-o, meu povo!

CREONTE

Teu povo? Meu, também!

BR RDFA NBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 710

CORIFEU

Parai com isso, príncipes! Já vejo
em boa hora sair do palácio
a rainha Jocasta: ela é capaz
de convencer-vos a fazer as pazes...

JOCASTA

Insensatos! Por que vos desgastais
nessa mesquinha troca de palavras?
Não vos vexais de vossas miudezas
quando o país está sofrendo tanto?
- Entra, meu rei! - E tu, Creonte, vai-te:
não é hora
de se dar curso a motivos menores.

D.P.F. SR/R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

CREONTE

Mas, minha irmã, Édipo, teu senhor,
quer que eu escolha:
ou o destêrro, como indesejável,
ou a morte, como conspirador!

ÉDIPO

Certo, senhora: eu o peguei tramando
pèrfidamente contra a minha vida!

CREONTE

Que caia sôbre mim a maldição de Zeus,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 711

se fiz alguma coisa do que dizes!

JOCASTA

Édipo, pelo amor dos deuses, acredita:
primeiro pelo juramento que êle fêz,
depois por mim... e pela gente aqui reunida!

CÔRO

Nós te imploramos, ó rei:
escuta, pensa, consente!



ÉDIPO

Que favor, afinal, quereis de mim?

CÔRO

Não condenes sem provas um amigo
que jurou!

ÉDIPO

Mas ficai certos de que, com êsse pedido,
me condenais a mim ao destêrro ou à morte...

CÔRO

Não! - Pelo guia das hostes celestes!
Pelo Sol: não! - Sem bênçãos, sem amigos, morra eu
no maior desespêro,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.712

se tive essa intenção!
Mas, ante o mal que assola esta cidade,
duplica o pêso do meu sofrimento,
se o ódio entre dois príncipes
ameaça coroar nossa aflição...

ÉDIPO

Eu o deixo partir,
não por êle: por vós é que consinto!
Aonde êle vá, meu ódio o seguirá.

CREONTE

Tu te mostras tão rude no perdão
como nas horas de maior furor:
mas os temperamentos como o teu
ferem, mais do que aos outros, a quem os tem!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDENCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Tu, por que não te vais? Deixa-me em paz!

CREONTE

Irei: injustiçado por ti,
mas não por êles.

CÔRO

Entrai, senhora, e levai vosso homem
sem mais tardança!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 713

JOCASTA

Só depois de saber o que ocorreu.

CORO

Cegas suspeitas, palavras duras à toa,
e a ofensa sem razão mas que magoa...

JOCASTA

De parte a parte?



CORO

Dos dois.

JOCASTA

Com que argumento?

CORO

Creio que basta: sofre o país inteiro,
vamos deixar o assunto como está!

ÉDIPO

Então, percebeis bem o que fizestes,
afrouxando e embotando o meu cuidado?

CORO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.714

Mais de uma vez já disse isto, majestade:
- Seria prova de loucura e leviandade
pôr-te de lado: tu, que ao meu país amado
deste bom rumo em hora de dificuldade,
tu, que na certa provarás também agora
sêres o guia verdadeiro da cidade!

JOCASTA

A mim também, meu rei: explica, pelos deuses,
qual o motivo que tanto te enfureceu!

S.P.F. BR/RJ - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Senhora, explico - pois te considero
mais do que aos outros todos: o motivo
é a trama de Creonte contra mim.

JOCASTA

Que trama? Como foi que começou?

ÉDIPO

Êle me acusa da morte de Laios.

JOCASTA

Fala por êle, ou por ouvir dizer?

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 715

Tomou como porta-voz um adivinho venal...
Êle é bastante sagaz, para se comprometer.

JOCASTA

Então estás acima de qualquer suspeita:
não há pessoa alguma dêste mundo
que prediga o futuro de ninguém!
- Eu digo, e provo! - Laios recebeu
certa vez um oráculo (não era
do próprio deus, porém dos sacerdotes)
dizendo que êle estava destinado
a morrer pela mão do próprio filho,
dêle e meu... Ora, Laios, ao que consta,
foi morto um dia por salteadores
em uma encruzilhada
onde se encontram três grandes estradas.
Nosso filho, aos três dias de nascido,
Laios mandou alguém abandoná-lo
na parte mais deserta da montanha
os tornozelos presos por um grampo:
o deus Apolo assim ficou sem meios
de fazer com que Laios terminasse
assassinado pelo próprio filho,
coisa de que êle mais tinha pavor.
E são assim todas as profecias...
Não te inquietes! Quando um deus tiver
algo de muito importante a dizer,
êle sòzinho se fará entender!

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. 8ª R. POLÍCIA FEDERAL

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 716

Que deslembranças, que desassossêgo
em minha alma, rainha, ao te escutar...

JOCASTA

Que angústia, mais, é essa?

ÉDIPO

Tu não disseste que Laios foi morto
onde se encontram três grandes estradas?

JOCASTA

Era essa a versão, ainda corrente.



ÉDIPO

E em que lugar foi isso?

JOCASTA

Foi onde se bifurcam
as estradas de Delfos e de Dáulia.

ÉDIPO

Há quanto tempo?

JOCASTA

A notícia chegou a esta cidade

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.717

pouco antes de estares no poder.

ÉDIPO

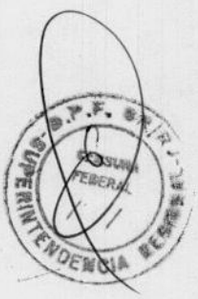
Zeus, o que foi que me reservastes?

JOCASTA

Édipo, também isso te atormenta?

ÉDIPO

Não perguntes! Que idade Laios tinha?
Como era êle?



JOCASTA

Êle era alto,
na cabeleira uns fiapos de prata...
Pouca coisa diferente de ti.

ÉDIPO

Pobre de mim! Afinal eu lancei
terríveis maldições contra mim mesmo!

JOCASTA

Que estás dizendo, meu rei? Tu me assustas!

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.718

Pressentimento horrível: o adivinho
talvez visse, de fato... Dize, ainda,
para me esclarecer, mais uma coisa!

JOCASTA

Estou tremendo, mas responderei a tudo.

ÉDIPO

Êle viajava com pequena escolta
ou, como um chefe, com grande aparato?



JOCASTA

Eram ao todo cinco, incluindo o arauto;
Laios ia em um carro.

ÉDIPO

Ah! tudo claro como a luz do dia...
- Rainha, quem trouxe a notícia a Tebas?

JOCASTA

Um servo, o único sobrevivente.

ÉDIPO

Está êle na casa, a esta hora?

JOCASTA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.719

Não. Pouco tempo depois,
quando êle te viu no trono de Laios,
suplicou, segurando minha mão,
que eu o deixasse ficar pelo campo,
nas pastagens do gado,
onde não visse mais esta cidade...
E eu concordei: era bom, merecia
até um favor maior do que pedia.

ÉDIPO

Podes mandar buscá-lo, depressa?

SUPERINTENDENCIA REGIONAL - D.P.F. - SR/RJ
CENSURA FEDERAL

JOCASTA

Posso... Mas para que isso?

ÉDIPO

Soltei a língua mais do que convinha...
Rainha, eu preciso ver êsse homem!

JOCASTA

Êle virá!... E eu, não posso
saber o que tanto aflige meu rei?

ÉDIPO

Sim, não tenho segredos para ti.
Escuta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 720

Meu pai é o rei Políbio, de Corinto;
e minha mãe é Mérope, de Dória.
Eu desfrutava o mais alto prestígio,
até se dar um caso,
num banquete um conviva, embriagado,
lançou-me em rosto,
que eu não era filho de meus pais...
Eu custei a agüentar aquêle dia,
depois interpelei o pai e a mãe:
os dois se enfureceram contra o homem
que deixara escapar aquela afronta,
e a reação dos dois me aliviou,
mas no meu íntimo ficou aquilo
a se alastrar em mim cada vez mais...
E eu, sem nada dizer ao pai e à mãe,
fui a Delfos. Lá, sem me responder,
o deus me disse uma porção de coisas
cheias de dor, de tragédia e de luto:
disse até que eu estava destinado
a ir para cama com a minha mãe,
que teria uma prole abominável,
e que seria o assassino daquele
que me gerou. Eu, quando escutei isso,
decidi ir para longe de Corinto.
Meu caminho levou-me a êsse local
onde dizes que o rei Laios foi morto.
Senhora, eu te direi tôda a verdade:
quando eu ia chegando ao cruzamento
das três estradas, topei pela frente
um arauto e, sôbre uma viatura
puxada por dois potros, um varão

D.P.F. SR/RJ
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.721

como o que descreveste. O que ia à frente
e o próprio velho queriam por fôrça
que eu me arredasse; eu, tomado de raiva,
ataquei o que estava me empurrando,
o guia... O homem de cima do carro
esperou o momento em que eu passava
e me deu na cabeça uma pancada
com todo o pêso do aguilhão dobrado.
Foi pago em dobro: um golpe de cajado,
com esta mão, e êle rolou por terra,
de costas... Matei-os todos!
Se relação existe entre êsse estranho
e Laios, quem será mais desgraçado
do que êste que te fala nesta hora?
Quem será tão malquisto pelos céus?
A quem ninguém, da cidade ou de fora,
tem permissão de receber em casa;
de quem ninguém se pode aproximar,
alguém a ser repelido por todos...
E tôdas estas coisas contra mim
terem sido por mim determinadas!
- Pensa: eu tocar a espôsa dêsse rei
com estas mesmas mãos com que o matei?
Dize: não sou um perdido?
Dize: não sou o imundo dos imundos?
E pensar que serei desterrado de Tebas
e não posso rever a minha própria gente,
nem pôr os pés outra vez em Corinto
sem risco de dormir com minha mãe
e assassinar meu pai - o bom Políbio
que me gerou e fêz de mim um homem!

SUPERINTENDENCIA REGIONAL - D.P.F. CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.722

Que impiedoso deus atirou contra mim
esta maldição?
- Bons deuses, arrancai-me de entre os homens
antes que eu sôbre mim veja abater-se
o pêso de tamanha ignomínia!

CORIFEU

Também a nós assustam essas coisas,
ó rei! Agora, espera vir depor
o homem que ia com Laios e escapou!

ÉDIPO

E' a esperança que me vale: vir
de longe êsse pastor...

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. GR/RJ - PROCURADORIA GERAL

JOCASTA

Que esperas saber dêle?

ÉDIPO

Na tua história, o pastor disse que
Laios foi morto por saltadores.
Se confirmar que eram vários, não um,
não terei sido eu quem o matou:
não se confunde um homem com um bando...
Mas se disser que era um homem sòzinho,
então será o elo que está faltando
para firmar minha condenação!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 723

JOCASTA

Pois fica certo de que foi assim
a primeira versão!
Não vai mudá-la agora,
porque não foi ouvida só por mim...
Mesmo que o pastor conte uma outra história,
não provará que a morte de Laios
combina com o oráculo: o deus disse
expressamente que êle morreria
às mãos do filho - e êsse filho, coitado,
morreu sem ter feito mal a ninguém!
Profecias?... Por mim, não olho mais
de um lado e outro,
à cata de sinais!

D.P.F. BR/RJ SUPERINTENDENCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Tens razão. Mas preciso ver êsse pastor...
Manda trazê-lo aqui!

JOCASTA

Agora mesmo! Vem: vamos entrar!
Faço o que posso, para te agradar.

CÔRO

Permita-me o destino
guardar minha pureza
em tudo quanto digo
e em tudo quanto faço,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P 124

cumprindo as altas leis
que nos descem dos céus
- não leis feitas por homens:
leis contra as quais não possa
nem mesmo o esquecimento,
leis que façam valer
o divino poder!

- Do ventre da insolência
é nascido o tirano:
quando ela se vê cheia
de tanta vaziez,
escala o precipício
para tomar o trono
e dêle não sai mais
pela própria vontade...
- O que aos deuses imploro
é que, em vez de tudo isso,
batam-se os patriotas
pelo bem do meu povo!
- E espero ter comigo
a proteção divina!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

- Não mais irei a Delfos,
venerável umbigo
da Terra; nem a Abas,
ver o seu santuário;
nem ao templo de Olímpia,
se não houver repulsa
de tôdas as criaturas
a tantas heresias!
- Zeus, ó deus poderoso,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.725

que comandas o mundo,
se forem verdadeiros
os mandamentos teus,
não escape tal crime
ao teu poder eterno
sôbre tôdas as coisas!
- Agora já se diz
que a profecia é nula,
e ao deus Apolo
não rendem devoção...
- Vai-se a religião!

D.P.F. SR/R.J. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

JOCASTA

Nobres de minha terra! Tive a inspiração
de visitar os altares dos deuses,
levando nas mãos um ramo de flôres
e oferendas de incenso. O grande Édipo
deixa-se conturbar em demasia
com alarmas de múltiplas espécies
e nem compara, segundo a prudência,
os fatos novos com os de antigamente:
fica assim à mercê de quem lhe traga
a palavra mais trágica.
- Eu, vendo que já não resultam mais
minhas ponderações, recorro a ti,
Apolo, o deus mais próximo de nós,
a suplicar que tu nos alivies
e nos libertes de tôda impureza!
Como a tripulação de um barco ao ver
o timoneiro embriagado ao leme,
o povo inteiro geme apavorado!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 726

EMISSÁRIO

Posso saber dos senhores aqui
onde mora o rei Édipo? Ou, então,
em que lugar estará êle agora?

CORIFEU

O rei está no palácio,
e esta senhora é mãe dos filhos dêle.



EMISSÁRIO

Que ela seja feliz, numa casa feliz
- rainha abençoada de um homem tão ilustre!

JOCASTA

As mesmas bênçãos eu desejo a ti,
por esta alegre saudação. - Que queres?

EMISSÁRIO

Sou do Corinto. A mensagem que trago
por certo vos dará muita alegria,
e talvez um pouquinho de tristeza...

JOCASTA

Me alegra e me entristece: que será?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 727

EMISSÁRIO

O nosso povo quer fazer de Édipo
o rei de todo o Istmo,
ao que consta por lá.

JOCASTA

Mas como? O velho Políbio
não está mais no poder?

EMISSÁRIO

Não... Em verdade, a morte o acolheu.



JOCASTA

Que estás dizendo? Morto, o pai de Édipo?

EMISSÁRIO

Se minto, então que o morto seja eu!

JOCASTA

Aia! vai já dizer ao teu senhor!
- E os divinos oráculos, onde estão agora?
Políbio era o homem de quem Édipo
fugiu por tanto tempo,
com o pavor de vir a assassiná-lo...
E agora êle está morto
sem que Édipo ao menos o tocasse!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 728

ÉDIPO

Jocasta, minha rainha,
tu me mandaste chamar?

JOCASTA

Ouve êste homem
e vê como terminam as terríveis
profecias!

ÉDIPO

Quem é? Que notícias traz?

D.P.F. SR (R.J.) SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

JOCASTA

E' de Corinto: diz que o rei Políbio,
teu pai, está morto... Morto!

ÉDIPO

Como, estrangeiro? Conta-me tu!

EMISSÁRIO

Se é necessário repetir: o rei Políbio
está morto e já debaixo da terra.

ÉDIPO

Doença ou traição?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.729

EMISSÁRIO

Quando a idade é avançada, a menor brisa
leva a pessoa ao último repouso...

ÉDIPO

Foi de doença, então, que êle morreu?

EMISSÁRIO

Foi, e dos longos anos que viveu...



ÉDIPO

Então! Então!... Mulher, por que temer
oráculos de Delfos, ou os pássaros
com seus gritos sôbre nossas cabeças,
que predestinavam a assassinar meu pai?
Êle está morto,
já debaixo da terra... e eu nem sequer
pus a mão numa lança!
- As profecias,
como Políbio, estão mortas!

JOCASTA

Não é o que há tanto tempo eu te dizia?

ÉDIPO

Mas eu estava surdo pelo mêdo...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.130

JOCASTA

Agora, vamos: esquece tudo isso
e acalma teu coração!

ÉDIPO

Não deveria eu temer ainda
dormir com minha mãe?

JOCASTA

Que tem a temer um homem, fraco joguête da sorte,
que do próprio futuro nada sabe?
Melhor é ir vivendo a vida...
Não tenhas mêdo da cama de tua mãe:
quantas vêzes em sonho um homem dorme
com a mãe! E' bem mais fácil a vida
para quem dessas coisas não cogita.



ÉDIPO

Em tudo isso... quisera acreditar,
mas eu, enquanto ela viver, hei de ter mêdo.

JOCASTA

A morte de teu pai
já é um ponto de luz na escuridão...

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.731

Enquanto ela estiver viva,
eu não estarei seguro.

EMISSÁRIO

Quem é essa mulher
que te faz assim temer?

ÉDIPO

E' Mérope, a espôsa de Políbio!



EMISSÁRIO

Que tem ela, para a temeres tanto?

ÉDIPO

Um desígnio terrível
que o oráculo traçou para mim...

EMISSÁRIO

Pode ser revelado a um estranho?

ÉDIPO

Não é segrêdo: foi profetizado
que eu dormiria com a minha mãe
e mataria meu pai...

EMISSÁRIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 732

Tu, então, por mêdo disso,
te condenaste ao degrêdo?

ÉDIPO

Eu não queria
tirar a vida a quem me deu a minha.

EMISSÁRIO

Já que eu te vim trazer boas notícias,
vou-te livrar também dessa agonia.

D.P.F. SR/RJ POLÍCIA FEDERAL SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

ÉDIPO

Se o conseguires, terás grande recompensa!

EMISSÁRIO

Pensando nela, eu vim:
para que, de volta à pátria,
não te esquecesses de mim.

ÉDIPO

Eu jamais voltarei à casa de meus pais!

EMISSÁRIO

O' filho,
bem vejo que não sabes o que fazes...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 733

ÉDIPO

Como, ancião? Explica, pelo amor dos deuses!

EMISSÁRIO

Se é todo êsse o teu receio de voltar...

ÉDIPO

Eu tenho mêdo de que a predição divina
se transforme em verdade.

D.P.F. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

EMISSÁRIO

Com o mal que farias a teus pais?

ÉDIPO

E' só o que me constrange.

EMISSÁRIO

Pois então fica sabendo
que te constranges em vão!

ÉDIPO

Como "em vão", se sou eu o filho dêles?

EMISSÁRIO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 734

Não te liga a Políbio nenhum laço de sangue.

ÉDIPO

Que estás dizendo? Políbio não é meu pai?

EMISSÁRIO

Êle é tanto teu pai, quanto eu...



ÉDIPO

Políbio é tanto meu pai
como um estranho qualquer?

EMISSÁRIO

Quem te gerou não fui eu,
mas não foi êle tampouco...

ÉDIPO

Mas êle sempre me chamou de filho!

EMISSÁRIO

De minhas mãos êle te recebeu,
como um presente meu.

ÉDIPO

E como poderia amar tanto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p. 735

o filho de outro?

EMISSÁRIO

Decerto por não ter filhos...

ÉDIPO

Mas, se também não sou teu filho,
tu me achaste
ou me compraste de alguém?



EMISSÁRIO

Eu te encontrei, numa várzea do Citerão.

ÉDIPO

Que fazias por lá?

EMISSÁRIO

Pastoreava um rebanho montês.

ÉDIPO

E eras um pastor qualquer,
andarilho de aluguel?

EMISSÁRIO

Era. Mas, naquela hora,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 736

fui eu que te tratei...

ÉDIPO

Tu me trataste, como? Que é que eu tinha?

EMISSÁRIO

Queres saber? Olha teus tornozelos!

ÉDIPO

Por que lembrar minha velha ferida?



EMISSÁRIO

O grampo que te prendia os dois pés,
fui eu que o removi!

ÉDIPO

Desde menino esta cicatriz me acompanha...

EMISSÁRIO

Por isso te chamas Édipo - o de pés inchados!

ÉDIPO

Mas, pelos deuses: foi meu pai ou minha mãe
quem me maltratou assim?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 737

EMISSÁRIO

Não sei... Talvez possa dizer melhor
o homem que te entregou a mim.

ÉDIPO

Então me recebeste de um terceiro?
Não me achaste sòzinho?

EMISSÁRIO

Não: tu me fôste entregue
por um outro pastor.

D.P.F. SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL POLÍCIA FEDERAL

ÉDIPO

Quem era êle? Sabes quem era êle?

EMISSÁRIO

Se não me engano, era gente de Laios...

ÉDIPO

Laios, o antigo rei dêste país?

EMISSÁRIO

Êsse mesmo! O pastor servia ao rei.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 738

ÉDIPO

E estará êle vivo, ainda, para eu vê-lo?

EMISSÁRIO

Teu povo há de saber melhor que eu...

ÉDIPO

Conhece algum dos presentes
o pastor de que êle fala?
Alguém o teria visto
pelo campo ou na cidade?
Respondam! - Chegou a hora
de tudo se esclarecer!



CORIFEU

Êle parece falar da pessoa
que estavas tão aflito para ver,
mas a rainha é quem melhor deve saber...

ÉDIPO

Senhora, tu conheces o pastor
a quem êle se refere?

JOCASTA

Não faço idéia de quem êle fala.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.739

- Esquece isso!
Para que dar ouvido
a tanto palavrório sem sentido?
- Esquece isso!

ÉDIPO

Hei de seguir a trilha até o fim:
eu não posso deixar de esclarecer
o enigma do meu próprio nascimento!

JOCASTA

Pelos deuses! Se tens amor à vida,
põe fim a essa busca! - Eu não suporto mais!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Ânimo!... Mesmo que eu venha a saber
que sou filho de escravo, escravo ao cubo,
já de três gerações - a honra tua,
tua linhagem, nada perderá!

JOCASTA

Mas eu te imploro, escuta: esquece isso!

ÉDIPO

Não posso. Eu tenho que saber tôda a verdade!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.740

JOCASTA

Peço por ti! Peço pelo teu bem!

ÉDIPO

Pelo meu bem tu me esgotas a paciência...

JOCASTA

Pobre de ti!... - Que nunca descubras quem és!

ÉDIPO



Vá alguém buscar o tal pastor!
E desfrute esta mulher
tôda a nobre linhagem que tiver!

JOCASTA

Desgraçado! - é a minha última palavra,
para sempre...

CORIFEU

Édipo, tua espôsa foi-se embora
como tocada de profunda mágoa:
por quê? - Nessa mortal tranqüilidade,
receio que se forme a tempestade...

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P-741

Que venha a tempestade!... Eu insisto
em saber minha origem, por mais baixa
que seja... Talvez ela, em seu orgulho,
despreze meu humilde nascimento;
mas eu, que sinto em mim um favorito
da fortuna, que esparge as sementes do bem,
desconheço qualquer humilhação!
Eu sou filho da sorte, irmão das luas;
seja no esplendor ou na miséria,
eu tenho a companhia das estrêlas!
Nascido assim, não quero
ser outro que não eu
- e saberei quem sou!

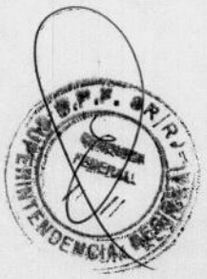


CÔRO

- Se o dom de pressentir
é certo, entre meus erros,
se algum saber eu tenho,
ó Citerão - eu juro
que amanhã provarás
à luz da lua cheia
a glória que te assiste
como berço de Édipo!
- Nossos cantos e danças
hão de te festejar pelo
bem que fizeste
a esta casa real!
- E que a celebração
possa, ó deuses, crescer
em vossa aceitação!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P.742

- Qual dentre as imostais
te trouxe a êste mundo,
criança, em longas núpcias
com Pã, deus das montanhas?
- Ou acaso és nascido
de uma noiva de Apolo,
deus a quem tanto agradam
as mais altas pastagens?
- Ou o deus dos mistérios,
ou Baco, deus do vinho,
foi quem te recebeu
das mãos de uma das ninfas,
uma alegria a mais
no recanto das musas
onde êle vai brincar?



ÉDIPO

Senhores! eu, embora não tivesse
visto jamais o homem que buscamos,
tenho a impressão de o estar vendo agora!

CORIFEU

Lembro-me dêle: é da casa de Laios,
simples pastor, porém muito leal!

ÉDIPO

A ti, que és de Corinto, eu te pergunto
em primeiro lugar: - E' êste, o homem?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.743

EMISSÁRIO

E' êle!

ÉDIPO

Agora, velho, olha bem para mim
e me responde: acaso pertenceste,
em qualquer tempo, à casa do rei Laios?

PASTOR

Eu fui escravo dêle, desde que nasci.

D.P.F. BR/RJ - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

E que fazias? Qual era a tua função?

PASTOR

Às mais das vêzes, fui pastor de ovelhas.

ÉDIPO

E a que pastagens costumavas ir?

PASTOR

Eu ia muito ao Citerão e redondezas...

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 744

Então por lá conheceste êsse homem?

PASTOR

Como? Qual homem? Que queres dizer?

ÉDIPO

Êste! Tu já não o encontraste antes?

PASTOR

Assim, de pronto, não chego a lembrar...



EMISSÁRIO

Não admira, senhor! - Mas a lembrança se aviva:
há de lembrar-se, com tôda a certeza,
de quando, êle tangendo dois rebanhos
e eu um, andamos pelo Citerão,
três longas temporadas,
do outono à primavera, aproveitando o frio;
então eu ia com minhas ovelhas
para casa e êle conduzia as dêle
para os redis de Laios... Tudo isto
que estou dizendo, foi verdade ou não?

PASTOR

Verdade, sim... mas foi há muito, muito tempo!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 745

EMISSÁRIO

Recordas que naquela ocasião
me confiaste um menino de colo,
para eu criar como filho?

PASTOR

E agora? A que vem esta pergunta?

EMISSÁRIO

O menino que um dia me entregaste
é êsse homem que está na tua frente!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDENCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

PASTOR

Maldito sejas!
Cala-te, de uma vez por tôdas!

ÉDIPO

Cuidado, velho!
Tuas palavras é que merecem castigo.

PASTOR

Mas, rei, o que foi que eu fiz?

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 746

Não respondeste ao que êle perguntou
sôbre o menino...

PASTOR

Êle não sabe o que está dizendo!

ÉDIPO

Se não falas por bem, hás de falar por mal!



PASTOR

Não! Pelos deuses, tem pena de um pobre velho!

ÉDIPO

Peguem-no! Amarrem-lhe as mãos!

PASTOR

E agora, que foi que eu fiz?
Que mais queres saber?

ÉDIPO

Entregaste a êsse homem a criança,
conforme êle pergunta?

PASTOR

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p 747

Entreguei... - Quem me dera ter morrido
naquele mesmo dia!

ÉDIPO

Morrerás hoje, se não disseres a verdade.

PASTOR

Se disser, estarei duas vezes perdido...

ÉDIPO

Se esperas ganhar tempo, já verás!



PASTOR

Não: eu já disse que dei a êle o menino!

ÉDIPO

E onde arranjaste o menino:
em tua casa ou em outra?

PASTOR

Não era meu. Outra pessoa me deu...

ÉDIPO

De que família? De algum dêstes cidadãos?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 748

PASTOR

Senhor, pelo amor dos deuses,
não me perguntes mais nada!

ÉDIPO

Se eu precisar repetir a pergunta,
podes considerar-te um homem morto!

PASTOR

Era criança da casa de Laios...

D.P.F. SR/RJ
CENSURA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL

ÉDIPO

Filho de escravo ou parente do rei?

PASTOR

Pobre de mim! dependo do que eu disser...

ÉDIPO

E eu, do que ouvir... Mas quero saber: fala!

PASTOR

Então fica sabendo que o menino
diziam ser filho do próprio rei:
tua espôsa, lá dentro do palácio,
talvez possa explicar melhor que eu...

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 749

ÉDIPO

Ela?

Quem te entregou o menino, foi ela?

PASTOR

Foi, majestade.

ÉDIPO

E para quê?

PASTOR

Para eu matá-lo.

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL D.P.F. 6ª/R/J. CULTURA FEDERAL

ÉDIPO

A amaldiçoada fêz isso com o próprio filho?

PASTOR

Mêdo de uma terrível profecia...

ÉDIPO

Que profecia?

PASTOR

O menino matar o próprio pai.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 750

ÉDIPO

Então, por que o entregaste a êle?

PASTOR

Senhor, eu tive pena!
Pedi àquele homem que o levasse
para a cidade dêle... Agora vejo
que o reservou para o pior das sinas:
pois se tu és em verdade aquela criança,
nasceste para ser muito infeliz!

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

ÉDIPO

Horror! Horror! Horror!
Tudo verdade!
Luz do dia, eu não quero mais te ver!
Filho maldito... marido maldito...
maldito assassino do próprio pai!

CÔRO

- O' gerações humanas,
para mim vossas vidas
são passagens de sombras!
- Quem será tão feliz
a ponto de lograr
dar senão a impressão
de uma felicidade,
antes do fim de tudo?
- Édipo, o teu destino,

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 751

destino de amargura,
não me deixa dizer
que haja felicidade
para a humana criatura!

- Apontou sua seta
para o alvo mais alto
e arrebatou o prêmio
da mais alta riqueza!
- Em seguida ao triunfo
sôbre a lúgubre Esfinge,
o seu vulto cresceu
feito uma fortaleza
em defesa de Tebas
contra as fúrias da morte...
- Por tudo isso, Édipo,
nós te aclamamos rei
e esta grande cidade
tão claras homenagens
submissa te rendeu
durante o teu império!

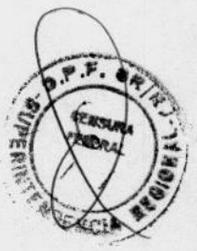


- Hoje, entretanto, quem
será mais desgraçado,
pelas vozes que correm?
- Nos reveses da vida,
quem é, mais do que tu,
comparsa da amargura
e da infelicidade?
- Ah, como pôde o chão
que teu pai semeou,
tanto tempo em silêncio
acolher o teu grão?

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 752

- Triste filho de Laios,
quem dera não te haver
conhecido jamais!
"A dizer a verdade,
deste-me nova vida;
mas, por teu intermédio,
só trevas têm lugar
de nôvo em meu olhar!"

ARAUTO



Vós, que tanto respeito mereceis
neste país, ainda mais chorareis
pelas coisas que haveis de ver e ouvir,
se, como patriotas bem nascidos,
ainda prezais a nossa dinastia!
As águas dos rios todos da terra
talvez não bastem para lavar a imundície
desta casa - tamanhos são os males
já mostrados, e os mais que há de mostrar,
premeditados, não ocasionais...
Quem se fere a si mesmo, sofre mais!

CORIFEU

O que sabemos já nos dá muito a chorar.
Que novas catástrofes anuncias?

ARAUTO

E' breve o que ides ouvir
e breve o que eu vou dizer:
nossa rainha Jocasta está morta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 753

CORIFEU

Pobre mulher! - Como se deu a morte?

ARAUTO

Por suas próprias mãos... O horror do quadro,
a vós, que o não vistes, será poupado;
mas eu, que o vi, dêle não posso esquecer!
Desesperada ela entrou no vestíbulo
e correu para a alcova nupcial,
as duas mãos arrancando os cabelos;
bateu a porta atrás de si, com força.
Gritava - "Laios!" - chamando o marido
há tanto tempo morto, mas pensando
no filho que matou o próprio pai
e que da mãe teve monstruosamente
uma prole de infelizes...
Gemia contra o leito nupcial
onde, coitada, havia concebido
filhos do filho e era mãe do marido.
Como afinal morreu, não sei dizer:
entrou Édipo aos gritos,
êle pedia uma espada e bradava:
- "Onde está minha espôsa, que não é
espôsa alguma, é um útero danado
que me pariu e pariu filhos meus?"
- Nessa alucinação,
guiou-lhe os passos: num gemido horrível,
como se algo o empurrasse, atirou-se
contra as portas, rompendo as dobradiças,
e num relance entrou, e deparou
com a mulher enforcada,

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - D.P.F. GN/RJ - CENSURA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, P. 754

um laço corrediço no pescoço...
Ao vê-la, num gemido sufocado
desamarrou a corda, e, quando o corpo
desmoronou no chão, o que se viu
foi mais um espetáculo de horror:
êle arrancou os alfinêtes de ouro
da roupa da rainha, levantou-os
e os enterrou nos olhos, imprecando:
"Olhos meus, não vereis mais esta culpa
e esta vergonha, nunca mais vereis
quem não deveríeis ter visto nunca,
e para todo o sempre só vereis
a treva!"
Era êsse o padrão dos seus lamentos,
enquanto, uma vez só não, muitas vêzes,
erguia as mãos e ia ferindo os olhos,
e a cada golpe uma chuva de sangue
lhe saltava das órbitas
tingindo os dois, o marido e a mulher...
Tem sido venturosa até agora
a sina desta casa;
mas, de agora em diante, tudo quanto
fôr desgraça e desastre, luto e pranto,
morte e lamentação, tudo o que há
de mal, sôbre esta casa se verá!

D.P.F. DR/RJ CENSURA FEDERAL

CORIFEU

E agora? Como está êle agora?

ARAUTO

"Escancarai os portões!" - êle grita -

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 755

"Vinde, tebanos todos,
ver o que foi do pai o matador
e da mãe o... - Não ouso repetir,
a palavra não cabe em minha bôca!
- Exige que o expulsem desta terra,
para que não recaia sôbre a sua casa
a maldição que êle mesmo lançou.
Já não tem quase fôrças, nem ninguém
para guiar-lhe os passos:
sofre mais do que pode um homem suportar!
- Já estão tirando as trancas dos portões
e assim tereis ante os olhos um quadro
que ao mais cruel inimigo
há de dar pena.



ÉDIPO

O' treva indescritível que me envolves,
nuvem que não consigo dissipar: ai de mim!

CÔRO

Homem de ações terríveis, como foi
que chegaste a apagar teus próprios olhos?
Que impiedoso gênio te empolgou?

ÉDIPO

Apolo, amigos: foi o deus Apolo
que me quis submeter a esta amargura!
Porém a mão que golpeou meus olhos
não foi a de ninguém, senão a minha.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 736

- E se ainda soubesse de algum meio
de se fazer silêncio nos ouvidos,
eu vedaria ainda mais por completo
esta triste carcaça - e me faria,
além de cego, inteiramente surdo.
Ah, Citerão, por que tu me poupaste?
Por que não me escondeste e consumiste?
Assim eu não teria dado aos homens
o exemplo da aflição que me aniquila...
O' Políbio! Corinto, pátria minha,
terra dos meus, assim considerada
- que podridão enorme se escondia
no bom menino que de mim fazias!
Vê-se agora que o mal é de raiz.
O' encruzilhada,
que junta as três estradas:
o sangue que bebeste foi o meu,
derramado da carne de meu pai
por estas mãos!
O' leito nupcial: tu me geraste
e te embebeste na minha semente,
mesclando em um só sangue
pais, irmãos, filhos, espôsas e mães...
vergonhosos incestos, tudo quanto
cabe de horrível sob a luz do sol.
Eu vos suplico: enfurnai-me nalgum lugar
longe daqui, cu terminai de vez comigo,
ou atirai-me às profundezas do mar
onde ninguém me veja!
Não receeis tocar com vossas mãos
um infeliz! Podeis aproximar-vos
sem mêdo: ùnicamente sôbre mim,

D.P.F. RIO DE JANEIRO
CENSURA FEDERAL
INTERVENÇÃO REGIONAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.757

e sôbre ninguém mais, recairá
meu infortúnio!

CORIFEU

Aí vem Creonte, teu sucessor,
única pessoa capaz de te atender
e aconselhar...

ÉDIPO



E agora, que palavras direi?
Que ânimo terá para comigo,
que tão mesquinhamente o destratei?

CREONTE

Não venho aqui para zombar de ti,
Édipo, ou reprovar tuas ações.
- Vós outros, se não tendes
nenhum respeito à criatura humana,
ao menos respeitai a luz do Sol
que tudo vê e tudo determina!
Não deixeis tão a nu tamanho horror
que nem a terra aceita, nem a chuva,
nem a luz: escondei-o!
Um homem, quando está de causar pena,
só deve ser ouvido pelos seus
e visto pelos seus parentes, só.

ÉDIPO

Escuta!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 758

E com tôda a humildade
te peço: a que ficou lá dentro, morta,
manda enterrar conforme o ritual
que assiste agora a ti como irmão!
Quanto a mim, quero só que a minha Tebas,
cidade de meus pais, não seja mais
constrangida a me ver entre os que a habitam:
deixa que eu vá morar pelas montanhas
do Citerão, que dizem pertencer-me
porque meus pais há tempos o escolheram
para eu morrer por lá!
Meus filhos homens, Creonte,
já não requerem maiores cuidados.
Mas minhas pobres filhas inocentes,
que se sentavam no meu colo,
- elas duas, eu te peço:
cuida bem delas! E consente agora
que eu as possa afagar, em minha dor!
Consente! - eu te suplico!...
- Mas, que digo?
Será delas o chôro que ouço agora?
Creonte terá tido compaixão
de mim, mandando vir para me ver
as filhas que eu adoro?

SUPERINTENDENCIA REGIONAL - S.P.F. - SR/RJ - CENSURA FEDERAL

CREONTE

Quis que ainda provasses, na desgraça,
um pouco da alegria que elas te davam antes...

ÉDIPO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 759

Que os deuses te protejam! Que, por tê-las trazido,
seja melhor que a minha a tua sorte!
Onde estais, minhas filhas? Chegai perto,
onde vos possam tocar estas mãos
de pai, de irmão - mãos que encheram de trevas
êstes olhos tão claros que vos viam!
Mãos de quem, sem saber nem indagar,
se fêz pai vosso com a própria mãe.
Tem pena delas, Creonte: meninas
e desvalidas - dependem de ti!
Príncipe, eu as deixo em tuas mãos!
- Minhas filhas, se fôsseis maduras,
eu muito teria a dizer... Agora,
é só isto: rezai para encontrar
um pouco de prazer na vida, um lar,
e que o vosso destino
seja melhor do que o de vossos pais!

D.P.F. - S.R.I. - SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL - CENSURA FEDERAL

CREONTE

Sim, basta de lamentos! Vamos entrar!

ÉDIPO

Estou pronto: levem-me daqui!

CREONTE

Vai, mas deixa as meninas!

BR DFANBSB.NS.CPR.TEA.PTE. 00 48, p. 760

ÉDIPO

Não! Não me tirem minhas duas filhas!

CREONTE

Não queiras dar mais ordens: obedece!
Teu poder terminou.

CORO

Concidadãos de Tebas, pátria nossa,
olhai bem: Édipo, decifrador
de intrincados enigmas, entre os homens
o de maior poder - aí está!
Quem, no país, não lhe invejava a sorte?
E agora, vêde em que mar de tormento
êle se afunda! Por esta razão,
enquanto uma pessoa não deixar
esta vida sem conhecer a dor,
não se pode dizer que foi
feliz.

D.P.F. SR/RJ SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL CENSURA FEDERAL

***

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.761

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL/SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER 205/88 DATA: 17.11.87

TITULO: " ÉDIPO REI "
AUTOR: SÓFOCLES
GENERO: EXAME COMPARATIVO DE TEXTO PARA TEATRO
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS
JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE:

Procedendo o exame comparativo do texto em questão, examinado por este serviço no ano de 1988, recebendo o cetificado liberatório nº 222, com validade até outubro de 1988, obtendo a chancela com impropriedade para menores de 14 anos, constatamos tratar de textos idênticos.

CENSORA FEDERAL
MAT. 2.416.890

SANDRA A. NEVES BARBOSA
Censor Federal - SCDP/SR/RJ
Mat. 221824

Mat. 2415822

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p.762

SCDP / SR / DPF - RJ

33 NOV. 1987 01203

RECEBIDO POR 9

ILMO: SR.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
RIO DE JANEIRO/RJ

NOME: Nanci de Freitas
vem solicitar de V.Sª que se digne marcar o ensaio geral /
da peça: Édipo Rei

da autoria de Sófocles - tradução: Geir Campos
a ser realizado no seguinte local DCE da Universidade Federal Fluminense - R. Visconde do Rio Branco
no dia 17-11-87 as 16.00 horas. Terminal Sul
FONE - 7178080
Ramal 208

Rio de Janeiro, 16 / 11 /1987

Nanci de Freitas

CENSORES FEDERAIS: Sandra
Eliane
Teresa

RSB.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0048, p. 763

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL/SR/RJ
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER 206/88 DATA: 17.11.87

TITULO: " ÉDIPO REI "
AUTOR: SÓFOCLES
GENERO: ENSAIO GERAL
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 14 ANOS
JUSTIFICATIVA DA IMPROPRIEDADE: CENAS DE TENSÃO

Prodecendo o ensaio geral da peça em questão, constatamos que a encenação é fiel ao texto anteriormente examinado.

Cenário- Palco nu e ao fundo um telão branco.

Iluminação - Som - Focos brancos constantes , que ocupam posições variadas no palco. As músicas são cantadas pelos atores em côro e em partes,onde cada um interpreta um verso sequenciado. Sòmente um deles marca o ritmo com um atabaque em cena, Uma outra pessoa, externa ao grupo, interpreta ao som de instrumentos como flauta, sinos e chocalhos, outras melodias.

Vestuário - O rei e a rainha e duas outras figuras de destaque, usam túnicas de cor. O restante utiliza a cor da túnica clara com panos soltos, por cima dos ombros, em tons pastéis degradée, com tubbantes com arranjos diferenciados e descalços.

Marcação- As falas são quase declamadas, onde os atores interpetam as cenas com muita vibração, externando seus ódios, desejos, esperanças, compreensão e outras intenções.

Há muita movimentação no palco. E dramático e às vezes tenso.

Pelo exposto, ratifico a liberação com a impropriedade para menores de 14 anos, de acôrdo com o certificado nº 222, expedido em 13 de outubro de 1983, com validade até 13 de outubro de 1988.

Ramal 2415822

CENSORA FEDERAL
MAT. 2.416.890

SANDRA A. NEVES BARBOSA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.764

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº: 024/88

ESPETÁCULO PARA: TEATRO

ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS: "ÉDIPO REI"

TÍTULO ORIGINAL: AUTOR: SÓFOCLES - TRADUÇÃO DE GEIR CAMPOS

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR: REQ.: NANCI DE FREITAS

CLASSIFICAÇÃO: 14 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE QUATORZE ANOS

Válido até: 26 DE OUTUBRO DE 1989

Emitido em: 14 DE MARÇO DE 1988

JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE: CENAS DE TENSÃO E VIOLÊNCIA

PAULO CÉSAR OLIVEIRA SANTOS
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ
- EM EXERCÍCIO -

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

ENSAIO GERAL
EM 17/11/87
p/ Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

OBSERVAÇÕES:

ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE ACOMPANHADO DO TEXTO CARIMBADO POR ESTE SCDP/SR/DPF/RJ. VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0048, p.765/765

TEATRO

TÍTULO * ÉDIPO REI *

AUTOR: SÓFOLES *

1) ARQUIVO

Clas. Anterior * 14 ANOS *

Praça * D.C.D.P *

Obs.:

DF. 20 / JUNHO / DE / 1988

Resp. pela elaboração do Processo

Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ /___/___ a ___/___/___

DF. ___ /___/___

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em O. Sem.

2. ARQUIVE-SE!

BSB, 24/06/88

Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe do SCTC/DCDP

Brasília – DF de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

SERVIÇO GRÁFICO DO DPF